



**Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Comunicação**



Jenny Télémaque

Imigração haitiana na mídia brasileira:
entre fatos e representações

Rio de Janeiro
Julho de 2012



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Comunicação



Jenny Télémaque

Imigração haitiana na mídia brasileira:
entre fatos e representações

Monografia para conclusão de Curso
apresentado à Escola de Comunicação –
ECO/UFRJ, como parte dos requisitos
necessários à obtenção de diploma de
graduação bacharel em Comunicação Social –
Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof. Dr. Mohammed ElHajji

Rio de Janeiro
Julho de 2012

Imigração haitiana na mídia brasileira: entre fatos e representações

Jenny Télémaque

Monografia para conclusão de Curso submetida à banca examinadora da Escola de Comunicação da UFRJ como parte dos requisitos necessários à obtenção de diploma de graduação bacharel em Comunicação Social, habilitação de Publicidade e Propaganda.

Prof. Dr. Mohammed ElHajji – Orientador

Prof. Dr. Luiz Solon Gonçalves Gallotti – ECO/UFRJ

Profa. Dra. Liv Sovik – ECO/UFRJ

Nota: _____

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2012.

TÉLÉMAQUE, Jenny.

Imigração haitiana na mídia brasileira: entre e representações/ Jenny Télémaque – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2012.

95 f.

Monografia (graduação em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2012.

Orientação: Mohammed ElHajji

1. Imigração de haitianos 2. Mídia brasileira I. ELHAJJI, Mohammed (orientador) II. ECO/UFRJ III. Publicidade e Propaganda IV. Título

Dedicatória à minha mãe, a pessoa que me ama acima de tudo nesse mundo. Espero poder conseguir o melhor nessa vida para poder de todas as formas fazê-la feliz, pois ela merece tudo de bom. Sacrificou-se para poder qualificar a minha educação. Mesmo estando muito longe ela sempre esteve presente nas horas que mais precisei; ela sempre está do meu lado e é a única pessoa na face da terra que sei que me ama de verdade e que esse amor é incondicional.
Amo-te mais do que tudo Marie Icélia Luc

Agradecimentos aos que contribuíram para a realização e sucesso deste trabalho:

Primeiramente eu agradeço a Deus e aos meus pais Marie Icélia Luc e Martin Télémaque por tudo que fizeram e realizaram na minha vida.

Agradeço ao Harvel Jean Baptiste, ao ex-ministro Jean-Rénald Clérismé, ao ex-ministro Alrich Nicolas, e a todos do “ministère des Affaires Etrangères” que de certa forma contribuíram a minha formação, tanto acadêmica quanto na vida.

Agradecimentos especiais aos meus colegas da EC2/2008/1, aos meus amigos e professores que foram queridos da ECO de maneira geral que me receberam muito bem e que me ajudaram diversas vezes nos trabalhos; eu não poderia não mencionar os nomes: da Nathalia Ronfini, da Larissa Curi, do Afronaz (que sempre foi um amigo, sempre disposto a ajudar e dando força quando mais precisava), do Jeldes que me ajudou quanto mais precisei, Mariana Moreira e a todos os amigos que compartilharam momentos de risos e alegria.

Agradeço a meu orientador o Prof. Moha que aceitou em me orientar e disposta a me ajudar. Agradecimentos aos professores Liv e Solon que aceitaram em fazer parte da minha banca; quero dizer que é uma honra!

Agradecimentos aos meus amigos: Lesly-Ann Werleigh, Keller Aubry, Stanley Georges, Pierre Richard D’Meza, Kady Boucher, Abellard Cedric, Carmen Garcia, Nedgyne Jean Pierre, Assouana Edouard, Marie Lourdes Dameus, Natacha, e a todos os outros que acreditaram em mim e que me deram força e apoio quando eu precisava. Agradeço especialmente aos meus amores: meu amor o mestrando Belinazir C. E. S. pelo apoio, por me aturar nos meus momentos de estresse e por não desistir de mim nesses momentos, e também pela sua ajuda na formatação e na revisão da minha monografia; ao meu pai Martin Télémaque pelos conselhos e por acreditar em mim. E um agradecimento todo especial a minha mãe que sempre esteve ao meu lado.

Devo agradecer a mim mesma, que não desisti nas primeiras dificuldades e barreiras [...], e vim até o final para o prêmio.

“Les mauvais jours passent, mais les bons jours arriveront quand même.”

Minha mãe, Célia Luc.

TÉLÉMAQUE, Jenny. **Imigração Haitiana na Mídia Brasileira: entre fatos e representações**. Orientador: Prof. Dr. Mohammed ElHajji. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2012. Monografia (Graduação bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. 95 f. il.

Resumo

A primeira onda de haitianos que se mudou para o estrangeiro visava buscar temporariamente oportunidades educacionais e abrigar-se da coação econômica e a opressão política em seu país. A deterioração socioeconômica, as políticas repressivas de François e Jean-Claude Duvalier (Papa Doc e Baby Doc, nesta ordem) e a ganância insaciável dos *tontons macoutes* eram, portanto, as principais causas dessa migração. O país testemunha uma segunda onda, desta vez econômica, em andamento desde o início dos anos 1990. Com pelo menos 2 milhões de haitianos na diáspora, a remessa de recursos desses para a terra natal é um seguro importante que garante a dinâmica econômica nacional. Devido ao terremoto no Haiti em 2010 e a epidemia de cólera em 2011, uma situação de tragédia e miséria se instalou no país. Assim, iniciou-se uma onda de imigração de moradores da ilha caribenha para o Brasil. O bom momento econômico brasileiro na década passou a ser conhecido, e visto como oportunidade, pelos haitianos. Desta vez, o Brasil também é uma alternativa. Nessa, cresceu um fluxo em massa de imigrantes haitianos “ilegais” pela fronteira Norte brasileira. Amparados pela Resolução nº 097/2012 da CNIg, esses 400 mil haitianos causaram movimentação em todos os níveis de mídia nacional e internacional. Este trabalho faz um levantamento de depoimentos destes imigrantes, e tece uma análise entre os fatos e representações.

Palavras-chave: Imigração de haitianos; mídia brasileira.

TÉLÉMAQUE, Jenny. **Immigration haïtienne dans les médias brésiliens: entre faits et représentations**. Superviseur: Prof. Dr. Mohammed El Hajji. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2012. Monographie (Licence en Communication Social, habilitation en Publicité et Propagande) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. 95 f. il.

Résumé

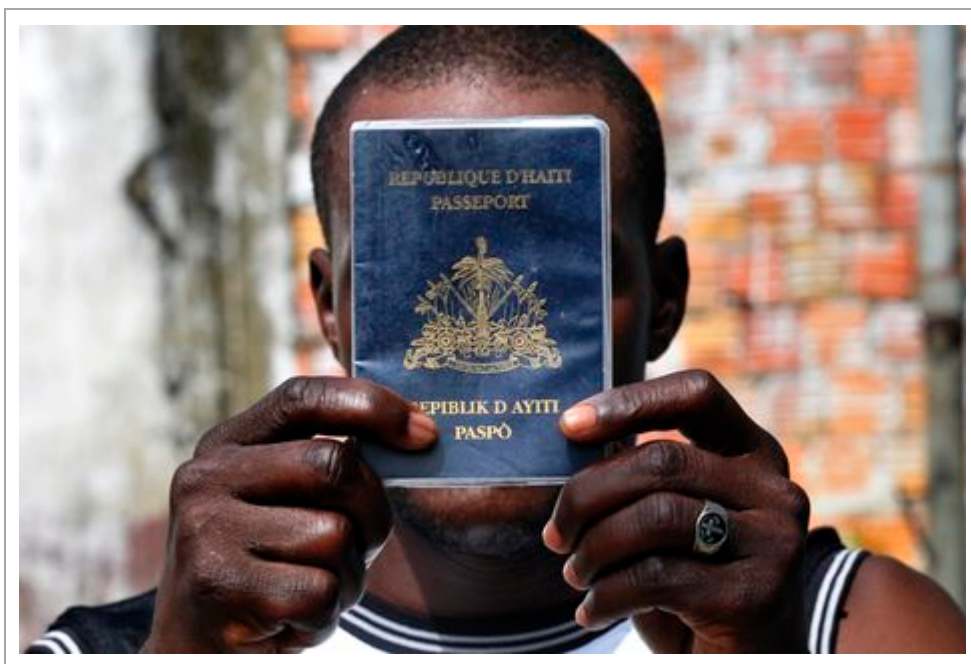
La migration vers l'étranger de la première vague d'haïtiens s'est faite dans l'objectif de rechercher temporairement des opportunités d'éducation et de se mettre à l'abri de la contrainte économique et de l'oppression politique de leur pays d'origine. La détérioration socio-économique, les politiques répressives de François et Jean-Claude Duvalier (Papa Doc et Baby Doc, cet ordre) et la cupidité insatiable des *tontons macoutes* étaient donc, les principales causes de cette migration. Le pays est témoin d'une deuxième vague, cette fois économique, depuis le début des années 1990. Avec au moins 2 millions d'haïtiens dans la diaspora, le retour de leurs ressources en terre natale est une assurance importante que garantit le dynamisme économique national. Une situation de tragédie et de misère s'est instaurée dans le pays, due au tremblement de terre de 2010 et à l'épidémie de choléra de 2011. Ainsi une vague d'immigration des habitants de l'île caraïbéenne a commencé vers le Brésil. L'aisance économique brésilien dans la décennie se fut connaître, et perçue comme opportunité par les haïtiens. Maintenant, le Brésil est également une alternative. Le flux en masse d'immigrants haïtiens "illégaux" a augmenté à la frontière Nord brésilien. Soutenus par la Résolution n° 097/2012 de la CNIg, ces 400 mille haïtiens ont causé un mouvement à tous les niveaux des médias nationaux et internationaux. Ce travail fait un recueil de témoignages de ces immigrants et dessine une analyse entre les faits et les représentations.

Mots-clés: Immigration d'haïtiens; médias brésiliens.

Sumário

| | |
|---|----|
| Introdução | 1 |
| Capítulo I | 5 |
| 1. O Haiti | 5 |
| 1.1 Breve histórico..... | 7 |
| 1.1.1 A era dos Duvalier e a governança ditatorial | 10 |
| 1.1.2 A era de Aristide e a governança multiface..... | 11 |
| 1.2 Situação atual..... | 13 |
| 1.2.1 As eleições..... | 14 |
| 1.2.2 O terremoto de 2010 | 15 |
| Capítulo II..... | 20 |
| 2 Emigração haitiana no mundo | 20 |
| 2.1 A fuga de cérebros haitianos e a remessa de recursos..... | 23 |
| 2.2 Principais destinos dos emigrantes haitianos..... | 24 |
| 2.2.1 Estados Unidos | 26 |
| 2.2.2 Canadá | 27 |
| 2.2.3 França | 28 |
| 2.2.4 Caribe..... | 32 |
| Capítulo III | 38 |
| 3 Imigração haitiana para o Brasil | 38 |
| 3.1 A crise haitiana de 2004 | 39 |
| 3.2 Desastres naturais no Haiti (2004-2010) | 40 |
| 3.3 A recente migração de haitianos para o Brasil | 42 |
| 3.4 Rotas de migração de haitianos para o Brasil..... | 43 |

| | | |
|--|---|----|
| 4 | Imigração haitiana na mídia brasileira..... | 48 |
| 4.1 | Controle da fronteira..... | 53 |
| 4.2 | Haitianos entre refúgio e imigração..... | 54 |
| 5 | Entrevistas com imigrantes haitianos no Brasil..... | 58 |
| 5.1 | Vida nova no Brasil | 62 |
| Capítulo IV | | 68 |
| 6 | Considerações finais: conclusões e questionamentos..... | 68 |
| Referências | | 75 |
| Anexos (versão CD) | | 84 |
| Anexo 1 Haitianos: Residências Permanentes concedidas (28 abr – 29 jun 2012).... | | 84 |
| Anexo 2 Resenha de imprensa: Haitianos no Brasil (19 mar 2010 – 7 mar 2012) | | 84 |



Fonte: Retirado de uma manchete sobre imigração haitiana /Blog Acrítica (Lauria, 2012).

Introdução

O governo brasileiro assumiu o compromisso de regularizar a situação dos cerca de 4 mil haitianos que entraram no país até o final do ano passado. Em vez de declará-los refugiados, o governo tem lhes concedido o visto de permanência por “razões humanitárias”. Estima-se que a maior parte destes haitianos tenha ingressado território brasileiro pelos estados setentrionais de Acre e Amazonas antes de buscar trabalho noutras regiões do país. A maioria deles gasta todo o dinheiro que juntou no Haiti para fazer a viagem em várias escalas (geralmente passa por República Dominicana, Panamá, Equador e Peru) até chegar ao Brasil, onde ainda deve definir a cidade que será o destino final.

A iniciativa dos vistos humanitários foi motivo de comemoração, já que a crise social do Haiti é das mais graves: após a tragédia do terremoto 7,3 na escala de Richter, em 12 de janeiro de 2010, teve ainda a epidemia da cólera matando milhares e contaminando outras centenas de milhares de pessoas; sem falar na violência criminal, na

falta de serviços básicos, etc. Por outro lado, há severas críticas à conduta brasileira, não apenas pela recusa em aceitar os haitianos como refugiados, mas também pela falta de uma política migratória mais generosa e coerente com a importância do país na região.

As críticas tornaram-se ainda mais duras desde janeiro deste ano, quando o governo brasileiro decidiu restringir o número de vistos aos imigrantes haitianos ao total de 1,2 mil por ano. A Resolução nº 97/2012 do Conselho Nacional de Imigração foi adotada, segundo declaração oficial, para controlar o fluxo abundante de imigrantes provenientes da ilha, e protegê-los da ação de “coiotes”. O problema é que a medida veio acompanhada de ameaças de deportação dos que entrarem irregularmente e do aumento de policiais nas fronteiras com Peru e Bolívia. E de acordo com a Resolução, o visto concedido aos haitianos tem caráter humanitário e vale pelo prazo de cinco anos, mas só pode ser renovado se houver prova da “situação laboral”.

A mídia nacional nos informa periodicamente que imigrantes “ilegais” são pegos nas fronteiras do Brasil. São, na verdade, poucas informações. Acompanhamos ultimamente o drama dos haitianos por causa do embalo da mídia e uma parte da população. Às vezes, aliás, com certo histerismo. Mas não sabemos muita coisa sobre o que acontece longe dos holofotes.

Mal podemos imaginar como é a vida de um haitiano que perdeu seus parentes nos escombros de um terremoto antes de se aventurar; a maioria deles sem conhecimento algum sobre a língua portuguesa. Nesta aventura, o migrante estará em busca de um trabalho através do qual possa enviar uma parcela módica de ajuda financeira a um irmão, tio, esposa ou filhos que deixou no Haiti.

Rutemarque Crispim – líder religioso de Brasileia- AC, que acolheu muitos imigrantes do Haiti – afirmou em entrevista ao Instituto Humanitas Unisinos que os haitianos sofrem discriminação porque os nativos acreditam que aqueles são portadores de doenças (cólera, SIDA, vírus desconhecidos, etc), e sujeitam-se a formas de violência, como abandono e assaltos na trajetória ao Brasil. O pior é que alguns governos estaduais comprem as passagens de migrantes “indesejados” a fim de que se mudem a outros estados e desonerem seu sistema público de saúde, moradia, etc.

Após a Resolução, pipocam notícias de que algumas empresas têm oferecido oportunidades. Em fevereiro o portal Opera Mundi (Osava, 2012) publicou que a

Hidrelétrica de Santo Antônio contratou cem haitianos que estavam em Porto Velho- RO para trabalhar na carpintaria, alvenaria, eletricidade e hidráulica. Em abril, o portal Tnonline (Souza, 2012) noticiou que um grupo de homens haitianos haviam sido levados por dois empresários da construção civil e comércio para atuarem em Arapongas- PR. No início de maio, a Agência Brasil (Sarres, 2012) informou que duas empresas gaúchas (Mirasul, do setor têxtil; e Finger, do setor moveleiro) tinham contratados a mão-de-obra de 27 destes haitianos. Ao fim do mês de maio, o portal D24am (Portela, 2012) noticiava que 550 já estavam encaminhados a partir de Manaus por empresários do Sul e Sudeste. A última notícia é de 1º de julho, veiculada pelo jornal O Estado de S. Paulo (Estadão, 2012), informando que alguns haitianos podem sonhar com vaga na construção da usina Hidrelétrica Teles Pires- MT/PA.

Embora a natural contribuição social e humanitária, e a falta de trabalhadores nos setores industriais, o especialista em Estudos Latino-Americanos, Peron (2012), levanta que os dirigentes destas empresas esquivam-se dos encargos elevados das leis trabalhistas na medida em que os haitianos restringem-se a uma qualidade de visto que não lhes dá os direitos plenos de um cidadão brasileiro.

Assim Peron (2012) considera que essas medidas migratórias que acolhem haitianos no Brasil são tão polêmicas quanto o envio de apoio (pessoal, material e técnico) para a reconstrução do Haiti. No entanto, estas são algumas das possibilidades para amenizar as dificuldades que hoje enfrentam os haitianos em seu próprio território.

Portanto, neste contexto, esta monografia objetiva embasar algumas análises e questionamentos sobre os fatos e interpretações críticas procurando confrontar com e como se tem representado sobre a imigração haitiana na mídia nacional brasileira.

Dividimos o trabalho em quatro capítulos temáticos.

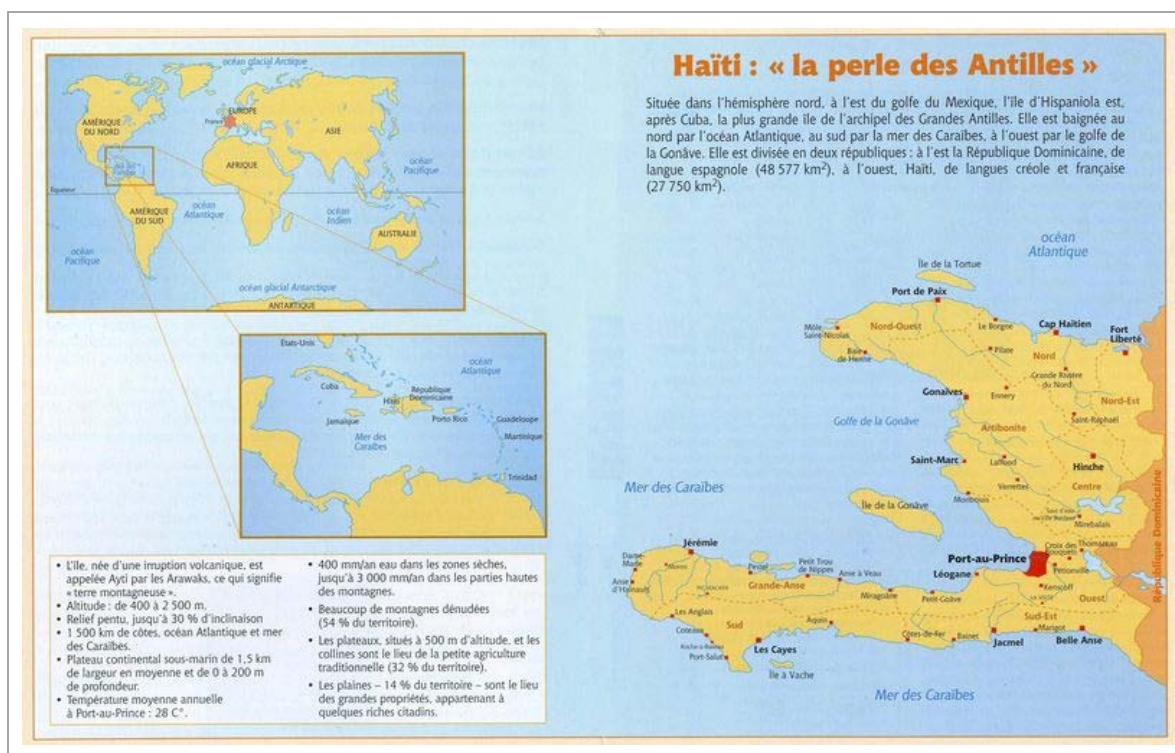
O Capítulo I comporta o Tema 1: Caracterização contextual do país Haiti. Neste capítulo, apresentamos o país, o localizamos no mapa caribenho, contamos um pouco da história da sua luta de libertação anticolonial, e também contextualizamos os marcos sócio-políticos no pós-independência até o início do século XXI. Ainda teve espaço no

capítulo para apresentarmos a situação atual do país – o esquema político vigente, as últimas eleições e governo, e o trágico terremoto de 2010.

O Capítulo II tem o Tema 2: Emigração haitiana no mundo; aborda a presença da diáspora haitiana traçando os seus principais destinos – América do Norte, Caribe e Europa.

No Capítulo III, temos o Tema 3: Imigração haitiana para o Brasil; Tema 4: Imigração haitiana na mídia brasileira; e o Tema 5: Entrevistas com imigrantes haitianos no Brasil. No Tema 3, procuramos fazer uma reconstituição da história do fluxo migratório recente para o Brasil – quando começou, como e por quê? No Tema 4, é feita uma abordagem das representações da problemática imigrante haitiana na mídia brasileira, seus impactos, condicionantes e difusões. Já no Tema 5, propõe-se um levantamento de entrevistas e depoimentos de alguns desses imigrantes haitianos que cá estão.

Por último, o Capítulo IV: no Tema 6 faz-se as considerações finais, buscando algumas conclusões e questionamentos das discussões; e no tópico da bibliografia, apresentamos as Referências mais relevantes da vasta pesquisa bibliográfica que se consultou para a realização deste trabalho.



1. O Haiti

A República do Haiti é um pequeno país insular montanhoso de 27.750 km² (mais ou menos o tamanho da Bélgica ou do Estado de Sergipe); o nome Haiti vem de uma palavra indígena, Ayiti, que significa “terra montanhosa”, mas as ilhas também já foram chamadas Tohio e Quisqueya. Situado na bacia do Caribe, ocupa aproximadamente um terço dos 75.000 km² da antiga ilha de *Hispaniola*, que comparte com a República Dominicana. Aí se desenvolveu, durante a conturbada época dos flibusteiros, a mais rica das colônias francesas do Novo Mundo, Saint-Domingue, a “pérola do Caribe”, que prosperou, durante os séculos XVII e XVIII, com base na agromanufatura de açúcar, uma economia em que cerca de 40 mil plantadores reinavam sobre 30 mil pessoas de cor, mulatos de variados matizes, e sobre meio milhão de escravos negros transplantados de Senegal e de Dahomey (era um reino africano situado onde agora é o Benin).

Quando a Espanha cedeu a parte oeste da ilha de Santo Domingo à França, o francês normando, falado pelos proprietários das plantações de açúcar foi adotado como língua franca; imbricado pelos dialetos africanos trazidos pelas diferentes etnias emigradas, daria origem a uma língua peculiar, o *créole*. Assim desde 1961 o país é oficialmente uma república bilíngue: se o francês é a língua da elite, todos, ricos e pobres, falam *créole*, unindo todos os haitianos.

A última estimativa do Banco Mundial (World Bank, 2010) atestava aproximadamente 10 milhões de habitantes, composta por 95% de negros, 5% de mulatos e brancos; predominantemente católicos (80%), porém o *voodoo* é praticado por mais de 50% dos habitantes. A agricultura é a base da economia.

O Haiti ocupa o oeste da ilha de *Hispagniola* (a República Dominicana situa-se na parte oriental da ilha), no mar do Caribe. O país apresenta duas planícies montanhosas, que fecham o Golfo de Gonaives e são separadas por vales e outras planícies. Seu clima é tropical, caracterizado pela pouca variação de temperatura nas estações do ano. A temperatura média anual varia em torno de 27 °C e as chuvas são mais frequentes nas zonas montanhosas.

Tanto as regiões planas como montanhosas, exibem paisagens exuberantes (patrimônio cultural do país) que enriquece o interesse turístico, atraindo muitos visitantes. Tem uma cultura fora do comum, o *voodoo* é rico em criatividade e imaginação, bem como feriados nacionais para o deleite de seus peregrinos fiéis.

A Carta de 1987 também reconhece em seus primeiros artigos, que a unidade monetária é a Gourde¹, que é dividida em cêntimos. Ainda que haja uma força de trabalho estimada em 3,6 milhões, há escassez de mão-de-obra qualificada, e o índice de analfabetismo é de 47,1%. O Haiti sofre com uma altíssima taxa de desemprego e subemprego; mais de dois terços da população em empregos informais. A taxa de migração é estimada 8,32 migrantes/1.000 habitantes (CIA World Factbook, 2012).

O Estado haitiano conta uma história pontuada por sucessivos conflitos políticos e sociais, uma sociedade marcada pela revolução e por uma estratificação complexa. As

¹ Nas relações cambiais, a Gourde haitiana está cotada: R\$ 1 = HTG 20,76 pelas relações cambiais, baseado no fechamento de 02/07/2012, pelo Banco Central do Brasil. Disponível em: <<http://www4.bcb.gov.br/pec/conversao/conversao.asp>>. Acesso em: 3 jul. 2012.

disputas são acirradas até mesmo pela inexistência de um poder com capacidade para exercer função moderadora.

1.1 Breve histórico

Em fins do século XVIII, a conjuntura nacional e internacional, derivada da revolução francesa, lançou Saint-Domingue naquela que foi, talvez, a mais extraordinária e dramática transformação sofrida por colônia ultramarina Europeia. A origem da metamorfose resultaria a República do Haiti foi uma revolta de escravos, única na história das Américas, pelas quantidades implicadas, violência e destrutividade, e finalmente, pelo seu êxito.

O levante geral contra os senhores da ilha foi proferido em agosto de 1791 e a resistência, através de levantes sucessivos, converteu-se em luta pela independência travada até o dia 1º de janeiro de 1804, em que o Haiti tornou-se o primeiro país negro e a segunda colônia nas Américas a conquistar a independência, após os Estados Unidos.

A luta de independência do Estado haitiano

Em primeiro 1º de janeiro de 1804, era a primeira vez que no mundo uma república negra proclamava sua independência. Haiti, ex-colônia espanhola e depois francesa, nasceu na luz da liberdade em 1804 depois de uma batalha épica entre os coloniais contra os exércitos de escravos. A descolonização foi um longo processo que levou o Haiti ao concerto das nações “livres”, que lhe permitiu mais tarde a ter lugar ao lado das nações soberanas do mundo. (MHAVE – Etat Haïtien, 2012)

Em 1492, Cristóvão Colombo chegou à ilha que os nativos chamavam de Quisqueia. Na época, ali viviam os povos arawaks e taínos, praticamente exterminados pelos conquistadores. Os franceses, à revelia dos espanhóis (que por decisão papal teriam a posse de toda a ilha), instalaram-se na porção ocidental da *Hispaniola* (“Pequena Espanha”, em homenagem aos patrocinadores de Colombo), a partir de meados do século XVII, e acalentavam o sonho de ocupar toda a ilha. Em 1697, a Espanha cedeu a parte oeste da capital Santo Domingo à França. Assim, os franceses recebem direitos sobre a área que ocupavam reconhecidos no Tratado de Ryswick.

A região era conhecida como Saint-Domingue e rapidamente assumiu a liderança na produção açucareira no Caribe, com base no trabalho escravo. Começaram a chegar imigrantes de diversas regiões, principalmente da França, atraídos pela expansão da cultura açucareira. Essas levadas de imigrantes modificou a estrutura social da região. O império francês promoveu o comércio escravo (originário, em especial, de Moçambique e do Senegal) que foi empregado nas lavouras de cana-de-açúcar. A exploração comercial da cana-de-açúcar, pela França, logrou alta produtividade e lucros sem precedentes na história francesa. A sociedade local caracterizava-se por uma forte estratificação.

A escravidão se estendeu por 130 anos, até que em 1791, uma revolta liderada pelos ex-escravos Toussaint Louverture, Jean Jacques Dessalines e Henri Cristophe, tomou parte da colônia, num conflito que durou 12 anos e resultaria na proclamação de uma Constituição e de uma República independente. O discurso e o carisma do líder Toussaint Louverture foram fundamentais para unificar os diferentes estratos sociais na luta pela emancipação. Em 4 de fevereiro de 1794, foi aprovado um Decreto abolindo a escravidão em Saint-Domingue, reflexo do momento histórico que a França atravessava à época, e Louverture foi nomeado general.

No entanto, Napoleão reacendeu os interesses da França pela colônia de Saint-Domingue e enviou contingente de 50 mil homens para reprimir os movimentos. Louverture então organizou uma ampla resistência, mas acabou preso e conduzido à França onde morreu em 1803. Mesmo assim, o levante continuou e Jean Jacques Dessalines e Henri Christophe, dois negros, juntamente com Alexandre Petión, mulato, assumiram o legado de Louverture na luta pela independência, unindo negros e mulatos.

Com a derrota da França por tropas locais, a parcela da ilha sob domínio dos insurgentes foi batizada como Haiti. Instalado no poder, Dessalines se inspirou em Napoleão para criar um regime autocrático, auto intitulando-se imperador com o nome de Jacques I. Em 1806, Dessalines foi assassinado por seus dois antigos aliados – Henri Cristophe e Alexandre Petión.

Com a morte do primeiro imperador, ao mesmo tempo em que os espanhóis reconquistam a parte leste da ilha, surgiu uma disputa que levaria à divisão do território, originando uma República e um Reino. Na região sul do Haiti, que compreende Port-au-

Prince e Les Cayes, Petión estabeleceu uma república, apoiada por Bolívar. Na região norte, Cristophe criou um reino, tornando-se seu primeiro rei.

O sucessor eleito de Petión em 1818, Boyer unificou novamente a ilha, encerrando a experiência monárquica. A revolução que inspiraria e marcaria a história do Haiti também teria, como consequência, a fragmentação da ilha em duas unidades políticas distintas. A parte leste, habitada por uma população hispânica, foi reincorporada ao Haiti em 1820. Em 1843, nova separação deu origem à República Dominicana (com Santo Domingo tornando-se sua capital) como país independente e que conviveria ao longo da história com uma série de conflitos decorrentes, principalmente das instabilidades do vizinho. (Valler Filho, 2007; MHAVE, 2012; Americas-fr, 2012; Haiti-Référence, 2012)

As instabilidades do pós-independência

Após a independência, o Haiti não logrou estabilidade política. Até 1915 o país havia se defrontado com 22 mudanças de governo. Crises recorrentes, em um país geograficamente tão próximo dos EUA, conformariam as justificativas para intervenção e ocupação de natureza militar promovida pelo Governo americano, resultado da big stick policy e destinada a perdurar até 1934. Nos dezenove anos de ocupação norte-americana, o país experimentaria algum tipo de progresso, mas de modo algum a tranquilidade e a paz social que supostamente deveriam ter sido aportadas à sociedade haitiana.

Desde o início, medidas como o desarmamento da população camponesa, a dissolução do exército, o estabelecimento da corveia nas obras públicas e a abolição do preceito constitucional que proibia a aquisição de terras pelos estrangeiros, mobilizaram os ânimos autonomistas, antibrancos e mulatos. Assim, de 1916 a 1920, a revolta dos Cacos, camponeses politizados, sob o comando de Charlemagne Peralte sobressaltou as autoridades americanas e semeou o terror entre a elite de Port-au-Prince. Em todo o processo de resistência manifestou-se a força do *voodoo*, que reaparece na década de 20 como parte de outra resistência, o movimento da negritude.

O fim da ocupação que aconteceria em 1934, a ingerência externa na vida política e econômica do país não se encerraria com a saída das tropas norte-americanas. O recurso constante à violência como justificativa para a manutenção da ordem no Haiti permearia

os governos a partir dessa data, sempre com o envolvimento decisivo das forças armadas, apoiadas pelos Estados Unidos.

1.1.1 A era dos Duvalier e a governança ditatorial

Em 1957, o médico François Duvalier, oriundo da classe média, elegeu-se presidente democraticamente, com apoio dos Estados Unidos, temerosos do perigo de avanço comunista no hemisfério. Duvalier contaria também com o suporte do exército e das elites locais. Conhecido como Papa Doc declarou-se, em 1964, sete anos após sua posse, presidente vitalício e governaria autocraticamente o país até sua morte, em 1971, quando foi substituído por seu filho, Jean-Claude Duvalier, o Baby Doc, também nomeado presidente vitalício. Papa Doc vinculou-se às oligarquias, à hierarquia eclesiástica, à tecnocracia estatal e a setores centrais da burguesia para criar e manter o regime vitalício. Para contrarrestar a preponderância de mulatos na vida política do país, Duvalier organizou seu próprio instrumento de controle, os *tontons macoutes*, uma milícia para-policial com base no voluntariado. Esse grupo garantiu o monopólio da força pela presidência da república. Apesar do apoio, mesmo relutante, dos Estados Unidos, a economia haitiana, centrada na produção de café e de açúcar, foi perdendo paulatinamente condições de competitividade a partir da década de 1960.

Em 1971, ano da morte de seu pai, Baby Doc assumiu a presidência também de forma igualmente autoritária. Nessa época, a comunidade internacional passaria a divulgar os sucessivos episódios de desrespeito aos direitos humanos, o que acabou por ocasionar o enfraquecimento do regime.

Em 1984, foram convocadas eleições, mas, com o império do terror, a taxa de abstenção chegaria a 61% dos eleitores. Em 1986, fortes pressões de diversos setores da sociedade haitiana – contrários ao autoritarismo desenfreado e à repressão que marcavam o Governo de Baby Doc – apoiados pelos Estados Unidos, atingiram seu ápice com um levante popular que levou à queda do presidente, obrigado a deixar o país.

Em sete de fevereiro de 1986, após quase trinta anos de ditadura, o Haiti passou a ser administrado por governos provisórios que não conseguiram vencer as dificuldades políticas, econômicas e sociais do Estado, aprofundadas durante o período da “dinastia”

Duvalier. Em 1988, as eleições consagraram a vitória do candidato da situação, Leslie Manigat, que permaneceu no poder por poucos meses.

Em junho, o General Henry Namphy (que assumira interinamente o governo com a saída de Baby Doc) lideraria um golpe de estado que depôs Manigat e assumiu a presidência. Em setembro, um novo golpe de estado promovido pelo General Porsper Avril, deporia Namphy. Avril, por sua vez, seria destituído do poder em março de 1990. Nesse ano, instalou-se um governo civil transitório, liderado pela juíza Ertha Pascal-Trouillot, que convocou eleições para dezembro de 1990, encerrando uma era de golpes de estado sucessivos.

1.1.2 A era de Aristide e a governança multiface

Com o fim da ditadura, o país parecia ingressar numa nova fase de sua história, marcada pela realização de eleições democráticas em 1990.

O sufrágio, realizado em dezembro com monitoramento internacional, conferiu, com expressivos 67% dos votos, vitória a Jean- Bertrand Aristide, sacerdote de esquerda (ex-padre católico, tinha sido expulso dos Salesianos em 1988), que se proclamava adepto da teologia de libertação e não desfrutava da simpatia dos Estados Unidos.

Aristide tomou posse em fevereiro de 1991 e, poucos meses depois, em setembro do mesmo ano, seria deposto por um golpe de estado promovido por militares, com o apoio de setores importantes da elite do país, liderados pelo General Raoul Cédras. O Presidente deixou o país em busca de asilo nos Estados Unidos e o governo militar responsável pelo golpe nomeou, logo em seguida, o civil Marc Bazin, como Primeiro-Ministro. A partir daquele ano, os enfrentamentos cresceram significativamente, tanto no plano político quanto no social, agravados por um quadro econômico desalentador.

A deposição de Aristide motivaria um verdadeiro êxodo em direção ao Canadá e à costa da Flórida para onde expressivos contingentes de haitianos se dirigiram em precárias balsas. Segundo dados da Guarda Costeira norte-americana, no espaço de um ano, cerca de 42 mil haitianos entraram, desse modo, em solo americano, o que levou o Governo dos Estados Unidos a enviar, em outubro de 1994, um navio de guerra com a missão de conter a situação de violência nas ruas, principalmente em Port-au-Prince. Diante da notícia, a população haitiana ameaçou confrontar os invasores e o então

presidente Bill Clinton suspendeu o desembarque e ordenou que as tropas retornassem à base militar de Guantánamo. O Conselho de Segurança das Nações Unidas, no entanto, manteria o bloqueio naval ao país, medida que afetou o comércio e os interesses das elites econômicas, provocando o agravamento da crise social haitiana. A consequência mais direta foi impulsionar a emigração, vista como alternativa para a sobrevivência. Intensificaram-se, nessa época, as negociações entre Aristide e o Governo de Washington com vistas ao retorno do dirigente ao Haiti.

Em 1993, com o objetivo de monitorar as violações aos direitos humanos denunciados pelo Presidente deposto, seria criada a *International Civilian Mission in Haiti*, missão conjunta das Nações Unidas com a Organização dos Estados Americanos, que permaneceria no país até 1994, ano em que os observadores internacionais das Nações Unidas seriam expulsos.

Nessa altura, os apoiadores de Aristide o consideraram “o primeiro líder democraticamente eleito do Haiti” e também um “amigo dos pobres”. Já seus críticos dizem que ele se tornou ditatorial e corrupto. Dentre as várias acusações de corrupção contra Aristide, a mais famosa foi feita por Christopher Caldwell em julho de 1994, quando reportou que Aristide ordenou a receita do tráfego de chamada internacional de telefone do Haiti, manipulado pela divisão latino-americana da AT&T, ser transferida para uma conta bancária offshore no Panamá.

Diante desse quadro, agravado pela escalada de violência, de repressão e de abusos de direitos humanos, com a falência das medidas políticas e diplomáticas da OEA (Organização dos Estados Americanos) e sem que os mecanismos multilaterais de pressão econômica e comercial se fizessem valer, o Conselho de Segurança das Nações Unidas seria acionado, e aplicado pela primeira vez no hemisfério o controverso capítulo VII da Carta das Nações Unidas, através da Resolução 940.

O Brasil, que ocupava assento no Conselho de Segurança das Nações Unidas entre 1993-94 absteve-se na votação da Resolução 940 e de três Resoluções posteriores sobre o tema (Resoluções 944, 948 e 964, todas de 1994) (Valler Filho, 2007). No entanto, a intervenção militar resultaria no fato inédito de o presidente deposto ser recolocado no poder com a participação da comunidade internacional. Aristide então terminou o seu mandato que começara em 1991.

Aristide voltou à presidência do Haiti sendo reeleito em 2001. Uma vez tendo chegado ao poder, atingiu uma impopularidade tal que teve que ser afastado do governo novamente em 2004, numa situação mal explicada na qual foi retirado do país por militares norte-americanos em um momento que era iminente um confronto entre integrantes de um levante armado do qual tomavam parte principalmente ex-militares haitianos e *tontons macoutes* e apoiantes de Aristide em Port-au-Prince.

Depois de sofrer esta segunda deposição, Aristide refugiou-se na África do Sul. De lá, afirmou que ainda era o legítimo presidente do Haiti, pois não renunciara, e que forças dos Estados Unidos o haviam sequestrado para tirá-lo do poder. Aristides retornou à Port-au-Prince em março de 2011, quando aconteciam as campanhas para o segundo turno das eleições presidenciais no Haiti.

1.2 Situação atual

O Estado haitiano, desde a sua fundação e depois de sucessivos regimes totalitários, se encontra hoje definido pela separação e independência dos três poderes: Judiciário, Legislativo e Executivo.

No Poder Judiciário, a instância máxima é a Suprema Corte (Cour de Cassation).

O Poder Legislativo é bicameral, investido em duas câmaras representativas: uma Câmara dos Deputados e uma do Senado.

- A Câmara dos Deputados é um órgão composto por oitenta e três (83) membros eleitos pelo voto popular para um mandato de quatro (4) anos.
- O Senado, a outra câmara do Parlamento haitiano, procede como a Câmara dos Deputados do sufrágio universal direto. Distingue-se pelas normas relativas à sua eleição, sua composição, a sua renovação. Vinte e sete (27) senadores compõem a Assembleia, com três departamentos. Eles são eleitos para mandatos de seis (6) anos, renovado por terços a cada dois anos.

O Poder Executivo é composto pelo Chefe de Estado – Presidente Joseph Michel Martelly, que sucedeu constitucionalmente René Garcia Préval. O Chefe de Governo – Primeiro-Ministro Laurent Lamothe – assumiu oficialmente o cargo em maio de 2011,

indicado para substituir o renunciado Garry Conille que havia assumido o cargo em outubro de 2011.

1.2.1 As eleições

O famoso cantor Michel Martelly venceu o segundo turno das eleições presidenciais contra Mirlande Manigat, a esposa do mesmo Manigat que tinha sido deposto em 1988, e foi eleito Presidente do Haiti. O primeiro turno, realizado em novembro de 2010, acabou em impasse entre a maioria dos candidatos, e a junta eleitoral foi acusada de manipular a votação em favor do candidato de direita, Jude Célestin. Observadores eleitorais nacionais e internacionais também criticaram o processo eleitoral.

Michel Martelly tomou posse em 14 de maio de 2011; porém, não havia conseguido formar um governo até outubro, quando a Assembleia Nacional aceitou a designação de Garry Conille como primeiro-ministro, que substituiu o até então interino Jean-Max Bellerive, primeiro-ministro do governo de René Préval (Amnesty Internacional, 2012).

O novo primeiro-ministro proferiu: “A noite mais escura não impede o sol de se levantar”, na cerimônia em presença dos novos ministros, representantes do Parlamento, dos partidos políticos, do corpo diplomático e de organismos internacionais. Em seu discurso, se comprometeu a apoiar Martelly em seu plano de refundação nacional. Embora com a advertência de que não tinha carta branca para fazer o que quisesse, e que teria de prestar contas de sua gestão, Conille obteve o respaldo do Parlamento a seu programa de política geral após apresentá-lo em duas longas sessões nas duas Câmaras legislativas.

Jovem, médico de profissão, tinha trabalhado por vários anos no sistema das Nações Unidas, onde ocupou diversos postos nos últimos anos; desde junho de 2011 era coordenador de Assuntos Humanitários no Níger. Também já tinha sido assessor do ex-presidente americano Bill Clinton, e enviado especial da ONU para o Haiti. Assim, Conille parecia o homem certo; mas, não contando com a maioria do Parlamento, controlado pelas legendas próximas a Préval, acabou apresentando em fevereiro de 2012 a sua carta de demissão ao presidente Martelly. A renúncia ocorreu em meio a uma

intensa disputa política entre os dois líderes por causa de uma investigação parlamentar sobre a nacionalidade de ministros do governo. Possuir dupla cidadania é ilegal no Haiti. Conille que tinha assumido o posto há apenas quatro meses, também critica o governo pela forma como os contratos foram distribuídos para ajudar na reconstrução do país após o terremoto de 2010.

Com Conille desistindo surpreendentemente do cargo, o presidente Martelly indicou o Laurent Salvador Lamothe, seu então ministro das Relações Exteriores como Chefe de Governo; escolha que já foi ratificada pelos deputados e senadores. Em maio 2012, a Câmara Baixa do Parlamento aprovou com 62 votos a favor, 3 contra e 2 abstenções à nomeação de Laurent Lamothe. O Senado do Haiti havia aprovado a indicação de Laurent Lamothe no início de abril. Lamothe, um empresário de 39 anos, é amigo próximo de Martelly.

1.2.2 O terremoto de 2010

No dia 12 de janeiro de 2010, terça-feira, por volta das 16 horas e 53 minutos (19 horas e 53 minutos, horário de Brasília), o Haiti sofreu um terremoto de grau 7,3 na escala Richter. O tremor teve seu epicentro em Port-au-Prince a 14 quilômetros da região de Carrefour, a 27 quilômetros de Petion-Ville, na região sudeste do país.

Durante o terremoto além das casas, o Palácio Nacional, sede dos ministérios das Finanças, Trabalho, Comunicação e Cultura, o Palácio da Justiça e a Escola Normal Superior foram derrubados pelos tremores; sem contar escolas e igrejas como a Catedral de Port-au-Prince.

Além das perdas materiais e institucionais, muitos haitianos morreram, e outros conseguiram sobreviver mesmo estando soterrados por mais de quinze dias sob os escombros.



Figura 1 Desenho esquemático mostrando o epicentro do tremor em Port-au-Prince.

Fonte: Revista Época (2010a).



Figura 2 Desenho esquemático mostrando abalos secundários do tremor.

Fonte: G1 (2010).

Além da missão de paz da ONU, liderada pelo Exército Brasileiro, várias nações enviaram ajuda humanitária, exército e profissionais de resgate para ajudar o país.

As instalações e sistemas de comunicação da sede da Missão de Estabilização das Nações Unidas em Port-au-Prince sofreram danos estruturais, vários funcionários e voluntários da Missão de Paz faleceram vítimas do terremoto, entre eles a médica brasileira Zilda Arns e militares brasileiros.

O hospital do subúrbio de Pétiön-Ville, subúrbio de Port-au-Prince, desabou. Os tremores também foram sentidos no território da República Dominicana, país que divide a ilha de *Hispagniola* com o Haiti, e no leste de Cuba.

O Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) ofereceu um subsídio de emergência de US\$ 200 mil dólares para o fornecimento de alimentos, água, remédios e abrigos emergenciais aos haitianos.

O balanço parcial de 4 dias após os tremores já era de 50 mil mortos; é o maior desastre que a ONU já tinha enfrentado em sua história, pois destruiu as estruturas locais, afirmava no sábado 16 de janeiro 2010 a porta-voz do Escritório de Coordenação de Assuntos Humanitários – “É um desastre histórico” –, explicou a porta-voz Elisabeth Byrs em Genebra. “Estamos em um país decapitado, sem estruturas políticas ou governamentais nas quais possamos nos apoiar” para levar adiante os trabalhos de ajuda e resgate, acrescentou. A porta-voz assegurou que nem mesmo o tsunami que atingiu a ilha indonésia de Sumatra e outros países do Sudeste Asiático em dezembro de 2004, deixando mais de 300.000 mortos, provocou tanto caos. “Nunca antes na história das Nações Unidas enfrentamos um desastre deste tamanho. Não é comparável a nenhum outro” –, completou, ao destacar que, ao contrário do tsunami de 2004 na Indonésia, no Haiti restaram poucas estruturas locais para canalizar a ajuda estrangeira. “Até em Banda Aceh (a região da Indonésia mais atingida pelo tsunami) havia certas estruturas governamentais ou oficiais nas quais podíamos nos apoiar” –, ressaltou a representante do ONU. A Organização, que é responsável por coordenar a ajuda humanitária no local após o terremoto que devastou a capital afirmou enfrentar “um desafio logístico maior”.

De acordo com o levantamento feito pelo serviço Geológico dos Estados Unidos (USGS, 2011), se forem levados em conta apenas os mortos enterrados, o desastre do Haiti está na lista dos dez piores e mortíferos terremotos da história. Há registros de que

dois terremotos seriam maiores que este, mas para ambos não há dados que os comprovem. O primeiro teria matado 830 mil pessoas em Shaanxi, na China, no ano 1556, e o outro teria matado 250 mil em Antióquia (hoje Turquia) no ano de 526. A segunda maior matança provocada por um terremoto segundo o USGS foi registrada em 2004, no tremor de mais de 9 graus na escala Richter registrado no Oceano Índico que provocou um tsunami. Indonésia, Sri Lanka, Índia e Tailândia foram os países mais afetados e 227 mil pessoas morreram. Pelas estimativas, tragédia do Haiti é confirmada a quarta ou terceira pior do tipo desde o início do século XX.

Pelos números no caso do Haiti, a crise humanitária tomou proporções gigantescas. Perto de 200 mil pessoas morreram, 500 mil ficaram feridas, 4 mil foram amputadas. Há 1 milhão de desabrigados. Na altura da tragédia, foram confirmadas as mortes de pelo menos 21 brasileiros – 18 deles militares das forças de paz da ONU, além do diplomata Luiz Carlos da Costa, segundo homem da missão, da médica e fundadora da Pastoral da Criança, Zilda Arns, e de uma mulher com dupla nacionalidade, cuja identidade não foi divulgada a pedido da família (Revista Época, 2010b).

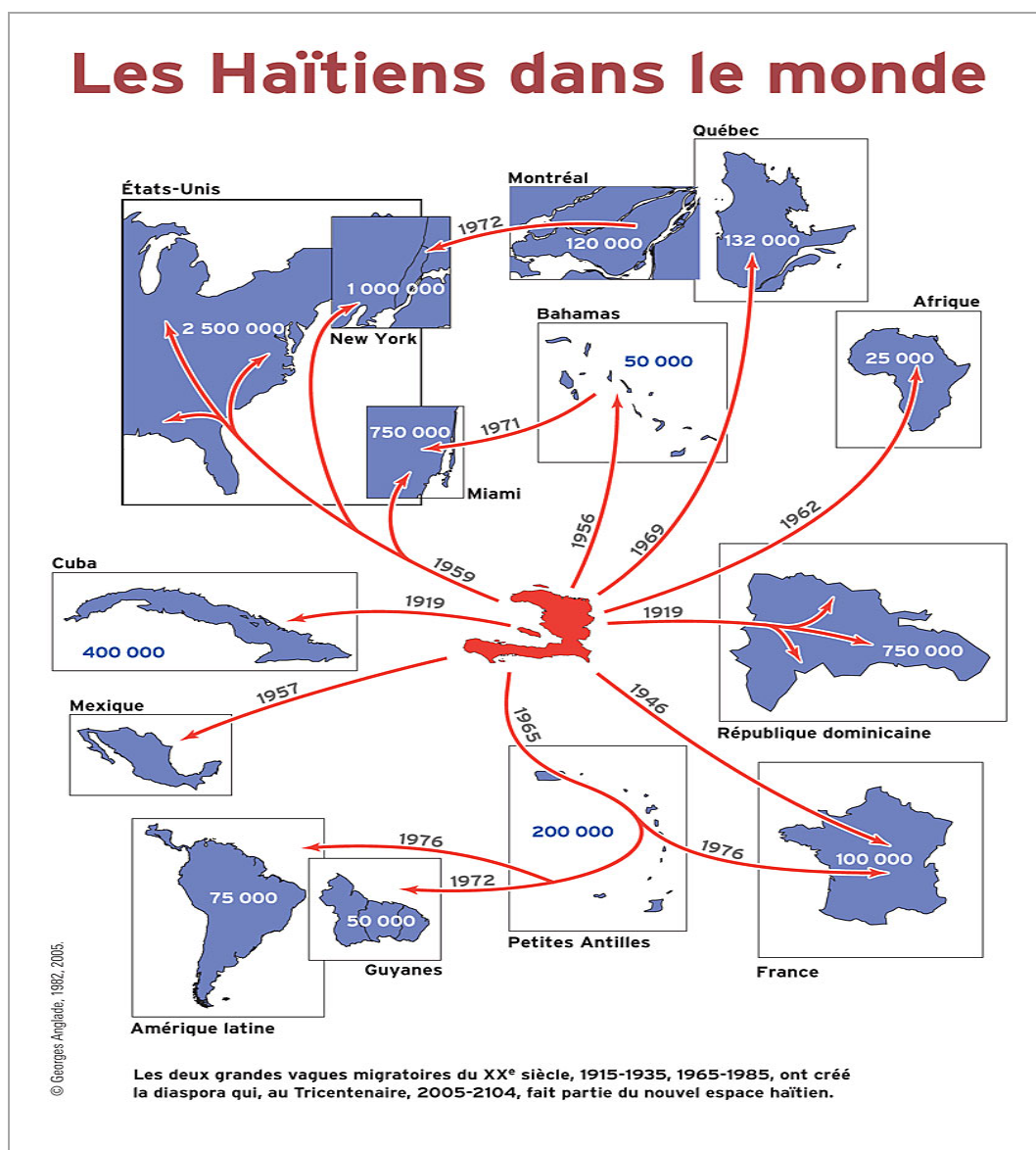
No epicentro, a capital Port-au-Prince, teve vários prédios destruídos. Cadáveres foram enterrados em valas comuns ou pelas próprias famílias. Comida, água e medicamentos escasseavam (e ainda escasseiam).

Houve o temor de que a situação de segurança fugisse de controle, com a falta de água e comida estimulando saques, uma vez que teve relato da ação de gangues armadas e de saqueadores. Haitianos desesperados brigavam por comida ou tentam deixar o país. Vários países, liderados pelos EUA, realizam as operações de ajuda ao país, com envio de pessoal, equipamentos, alimento e dinheiro.

O Haiti nunca havia sofrido um terremoto tão devastador, embora o maior terremoto já visto antes no país foi registrado em 4 de agosto de 1946, registrando 8,1 graus, segundo dados do Instituto Sismológico Universitário da República Dominicana. O território fica sobre a placa Caribenha, vizinha da placa Cocos, da placa Norte-Americana e da placa Sul-Americana. Apesar de ficar nesse ponto de convergência de “titãs” geológicos, foi uma falha relativamente pequena, chamada Enriquillo-Plantain Garden, que causou o terremoto, com foco a 10 quilômetros de profundidade.

Ela se estende do sul da República Dominicana até a Jamaica. Segundo informações da Faculdade de Geociências da Universidade do Texas, o padrão de rupturas nessa falha segue uma progressão do leste para o oeste, com tremores em 1751 na Ilha *Hispagniola* (República Dominicana) e, em 1907, em Kingston, capital da Jamaica. O ritmo médio de deslizamento de placas tem sido de 8 milímetros por ano. O deslocamento já acumula 2 metros. Toda essa tensão, se liberada de uma só vez, dá um terremoto desta magnitude. Cerca de 20 terremotos dessa magnitude ocorrem a cada ano, em todo o planeta, informou ao Jornal das Dez o sismólogo Lucas Vieira, da UnB (G1, 2010).

O terremoto de 2010 destruiu o país e a frágil estrutura que vinha sendo administrada pela MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti). Com milhares de mortes e feridos, e milhões de desabrigados vivendo em barracas nos arredores de Port-Prince, se observa um êxodo de um grande número de haitianos a deixar o país à busca de uma vida melhor no estrangeiro. Foi a partir daí que o Brasil se tornou o novo “Eldorado” para esses haitianos.



Fonte: Mapa do fluxo da diáspora haitiana (Anglade, 2005).

2 Emigração haitiana no mundo

A migração é a mais antiga ação contra a pobreza, que seleciona aqueles que mais precisam de ajuda. É boa para o país anfitrião, ela ajuda a quebrar o equilíbrio da pobreza no país de origem. Mas nas últimas décadas, a migração de haitianos no exterior –

movimento tão antigo quanto à crise política do país – tem assumido uma dimensão particular.

Mas, à que causa particular, ou à que causas, ligar a emigração em massa do Haiti? Devemos limitar aos fatores econômicos (já que sou pobre, então vou morar em outro lugar a procura de uma vida melhor)? Ou devemos também procurar raízes em uma história que desde a independência instaurou o caos político, a espoliação das grandes potências, a extorsão quase denunciada, a violência, e o abismo entre o Estado e o povo?

Certamente deve-se sempre cruzar estas perspectivas de forma metodológica para entender as razões que levaram milhões de homens e mulheres a atravessar fronteiras, assumindo riscos de diversas magnitudes a cada destino, e muitas vezes colocando as suas próprias vidas em perigo.

Historicamente, a migração haitiana é um fenômeno sazonal, envolvendo migrações de uma vida inteira e estadas temporárias em outros países. Hoje, mais de milhão são estimados a viver na República Dominicana, onde muitos trabalham na colheita da cana. De acordo com várias fontes (Paul, 2008; MHAVE, 2012; Radio-Canada, 2012), a comunidade haitiana no estrangeiro estima-se em 2 milhões de pessoas.

A primeira migração haitiana ocorreu rumo a Cuba no final do século XIX. No entanto, com a crise dos anos 30 que afetou a indústria do açúcar, os haitianos foram expulsos da ilha Charuto, onde ainda existe uma forte comunidade haitiana de 80 mil indivíduos (Collectif Haiti de France, 2012). Outro tipo de migração cresceu nos anos de 60 em direção à Bahamas. Depois seria a vez de Miami, Martinica, Guadalupe e Guiana que precisavam das contribuições para a mão-de-obra. No caso da Guiana, por exemplo, se precisava de muitos trabalhadores para a exploração da floresta amazônica e para o desenvolvimento da cidade de Kourou.

Daí, como se entrelaçou a história, as causas da migração haitiana são múltiplas. Mas, até mesmo pela conturbada história política, em geral, a imigração haitiana foi e continua sendo impulsionada principalmente pela busca de se escapar das restrições econômicas do país. Como explica o antropólogo Maud Laethier apud Collectif Haiti de France (2012), é realmente difícil de ignorar o impacto dos riscos políticos sobre a migração haitiana, uma vez que as grandes ondas de migração aconteceram muitas vezes quando justamente se desenrolavam tais crises políticas. Dessa forma, a diáspora

haitiana simboliza, sob o registro do trágico, o desejo nutrido por boa parte da população de abandonar o país prevalecendo o ceticismo quanto a qualquer possibilidade de participação efetiva em um projeto viável de reconstrução nacional.

Quase de forma permanente no país, essas crises causaram partidas maciças sob o governo de Duvalier, nos anos 70, e depois dos fracassos da transição democrática, a partir dos anos 80. Nesta altura, a partida ou a fuga dos haitianos incluiu combinar incentivos econômicos à perseguição ou ameaças de natureza política.

De fato, a histórica primeira onda da emigração do século XX começou após François Duvalier chegar ao poder, em 1957, e continuou até o seu sucessor, o seu filho Jean-Claude Duvalier, ser deposto em 1986. Este movimento de refugiados políticos consistiram das classes superiores, intelectuais e estudantis que se opunham à ditadura. Uma segunda onda, desta vez econômica, está em andamento desde o início dos anos 1990.

Nessa linha, Paul (2008) analisa que realmente, durante a segunda metade do século XX, movimento de emigração de haitianos foi reforçado pela exacerbação da ditadura Duvalier. O autor ainda faz um levantamento de que regime totalitário, para muitos, é responsável por 30 a 50 mil assassinatos e execuções, e o número grande de exilados políticos ainda permanece desconhecido. A coação durante o Duvalierismo, quaisquer diferenças de ideologia política e qualquer oposição ao regime governamental eram rapidamente reprimidas pelos *tontons macoutes*.

Após a queda deste regime, a emigração forçada foi especialmente inflacionada pelo crescimento da pobreza que assola a ilha. Seguindo o princípio de “cada um por si” os mais desfavorecidos cruzaram por terra em direção à República Dominicana, enquanto outros improvisavam pelos traficantes por mar. A agricultura que já não dava mais sustâncias aos fazendeiros, então as tentativas por terra na diáspora pareciam ser a melhor opção para as suas economias de reserva.

Reflexo da insatisfação da população, em particular das camadas mais jovens, foi o ressurgimento dos “*boat people*”. A partir dos anos 90, êxodos sucessivos deixaram o país em embarcações precárias com destino à Flórida. Esse movimento avolumou-se após o golpe perpetrado pelo General Raoul Cédras em 1991.

Como discutido, a motivação de deixar o país em embarcações desprovidas de segurança era resultado não apenas da falta de oportunidades, tanto no acesso à educação quanto ao mercado de trabalho, como também da crescente perda de vínculos com a comunidade nacional. Da mesma forma, a falta de iniciativa econômica no Haiti, faz correr o risco de se afundar ou ser feito prisioneiro no exterior. Somente a motivação de encontrar uma vida melhor em outro lugar poderia alegrar os migrantes econômicos. Muitos andam desiludidos, enfrentam discriminação na República Dominicana, enquanto outros são rotineiramente repatriados depois de alguns dias de prisão na costa dos EUA. No entanto, essa migração no exterior sempre permanece.

As categorias sociais afetadas por este tipo de migração inicialmente as elites urbanas, cada vez mais as massas camponesas foram ganhando destaque. Agricultores presos pela miséria pegaram as estradas para os países vizinhos. Uma grande parte atravessa a fronteira e entra na República Dominicana. Lá, alguns são recrutados para as *bateys* (plantações de cana-de-açúcar), e não vêm sua situação melhorar. Outros conseguem emigrar para as ilhas vizinhas: Cuba, Martinica, Guadalupe, Guiana, etc. A elite intelectual migra principalmente para o Canadá, França e os Estados Unidos. Esta, naturalmente, estabeleceu-se mais facilmente do que os camponeses, uma vez que a sua migração segue um sistema bastante convencional e legal. Além disso, esta categoria instruída atinge o desempenho de serviços profissionais no país de acolhimento e conseguem um status mais estável. Também é menos frequentemente relatada entre as vítimas de discriminação e maus-tratos.

2.1 A fuga de cérebros haitianos e a remessa de recursos

Analisando-se por outras perspectivas, por um lado, a migração pode ser vista como uma alternativa para crescimento econômico das populações urbanas e seu componente internacional, ou por outro lado, pode ser pontuado como perda de capital humano. Se deste lado a migração de haitianos provoca a “fuga de cérebros”, por outra discussão, favorece o crescimento da transferência de recursos. Este afluxo de fundos é então considerado como uma bênção financeira capaz de gerar desenvolvimento econômico para o país. Nesta visão, o fenômeno da emigração intelectual no caso do Haiti chama a atenção, ver Figura 3.

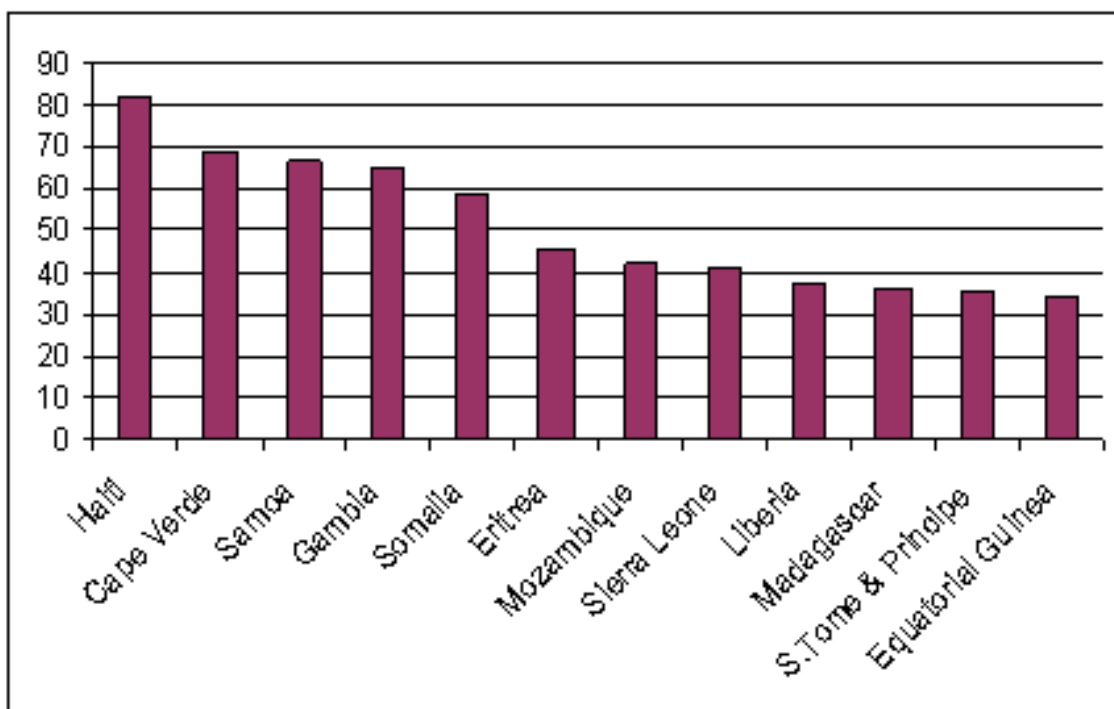


Figura 3 Haiti, o campeão da “fuga de cérebros” no ano de 2000, em número de talentos.

Fonte: CNUCED apud Paul (2008).

Segundo o MIF-BID (2007) apud Paul (2008), os Haitianos que vivem no exterior sempre transferem uma parte de sua renda para o país. Nos últimos anos, suas remessas têm crescido consideravelmente. O mercado financeiro assim criado ecoou tanto no Haiti (por exemplo, no âmbito do Ministério dos Haitianos Vivem no Estrangeiro-MHAVE) como no nível internacional (BID, Banco Mundial, etc). Anglade (2005) considerava que esta manobra pode e deve ser usada como o grande trunfo econômico para esta metade do século XXI. Pois o professor alertava que se nada fosse feito seria um grande pesar para o plano << *l’Autre Haïti possible* >>.

2.2 Principais destinos dos emigrantes haitianos

O Haiti, dividido em dez departamentos, tem na diáspora nada menos de 2 milhões de pessoas. Essas comunidades no estrangeiro ganharam tanta importância que é comumente conhecido como o departamento onze (11°).

As rotas de migração se expandiram, e, chegado ao século XXI, encontram-se haitianos espalhados pelos quatro cantos do mundo. Eles estão em toda a América, e também na Europa, Ásia, África e Oriente Médio.

Hoje, nove em cada dez haitianos que vivem no exterior são registrados nas Américas, enquanto cinco em cada dez estão na Europa. A distribuição desses migrantes no mundo (Figura 4) sugere uma tripla revolução em andamento: uma nova geografia em escala mundial, uma nova sociologia de classes médias fora do país, e uma nova economia com transferência de 2 bilhões de dólares por ano, o principal recurso do país.

Os principais países que nos recebem são os Estados Unidos (mais de 1 milhão) e Canadá (cerca de 150 mil pessoas). Entre estes estão República Dominicana e Cuba respectivamente, e depois a Europa. No relatório regional da Comissão Internacional da Migração (ICMC, 2006), consta que entre 2005 e 2006, 10,5 mil haitianos “fugiram” do país em busca de melhores condições: 4 mil deles refugiaram-se na Europa e muitos outros na América do Norte.

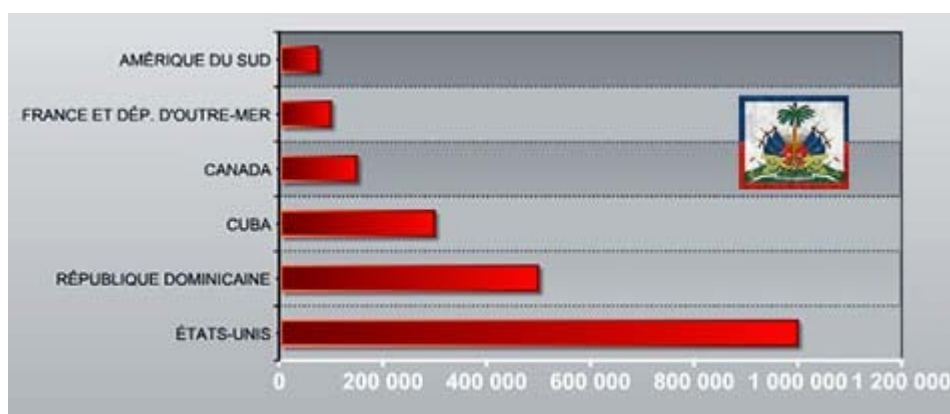


Figura 4 A diáspora haitiana no mundo, publicação de 2010.

Fonte: Radio-Canada (2010).

É importante alertar que os números que serão apresentados neste capítulo devem ser considerados como um guia, uma vez que são apenas estimativas. Existem diferenças consideráveis entre as diversas fontes.

2.2.1 *Estados Unidos*

Os Estados Unidos é disparado o principal destino dos imigrantes haitianos desde o movimento de fuga forçado pelo regime ditatorial de François Duvalier, ao final dos anos 1950. A opressão política combinada com dificuldades econômicas continuou a fornecer contingentes de imigrantes haitianos no país todo ao longo dos anos 1970, 1980, 1990 e 2000.

Na tentativa de conter a migração haitiana nos seus territórios, os EUA até procuraram desenvolver as indústrias de subcontratação no Haiti para forçar os tais emigrantes econômicos a ficar em sua terra natal. Infelizmente, o oposto aconteceu. Com certo crescimento e com maiores rendimentos, os trabalhadores tornaram-se mais capazes de viabilizar formas para escapar do Haiti.

Ao fim da década de 70, os fluxos migratórios eram tais que as autoridades norte-americanas praticamente forçou, em 1981, o então presidente Jean-Claude Duvalier a assinar um acordo que pretendia impedir o desembarque dos “*boat people*” nas praias de Miami. Mas os efeitos do contrato foram praticamente nulos. Pois na verdade, as autoridades haitianas preferiam que os seus cidadãos se aventurassem no estrangeiro, principalmente ali nos Estados Unidos, para que repatriassem os recursos, e assim o governo teria os ganhos desses dividendos movimentando as moedas internamente

Hoje, a comunidade haitiana está estimada em mais ou menos 1 milhão de pessoas, vivendo principalmente em Nova York, Florida, Massachusetts e New Jersey. Juntos, estes quatro estados respondem por 89% da comunidade nos Estados Unidos.

Em 2005, a Prefeitura de Boston publicou um relatório (Menino, 2007) que atestava Massachusetts tendo a terceira maior comunidade haitiana nos Estados Unidos, com uma população estimada em 40 mil haitianos; inicialmente concentrados nas regiões de Mattapan, Blue Hill Avenue, Roxbury, Dorchester e Hyde Park. Com o boom imobiliário dos anos oitenta e início dos anos noventa, se mudaram para os subúrbios. Hoje, não é raro encontrar bolsões de haitianos espalhados por toda a costa sul e áreas de Lawrence, Lowell, Framingham e Worcester.

Consta nesse relatório, nos últimos trinta anos, os haitianos têm desempenhado um papel diferenciado e coletivo na vida social, cultural e econômica do Estado de Massachusetts. Eles são muito ativos em suas igrejas e juntam numerosos cívicos para

trabalhos sociais ou de organizações de saúde. Constituem uma série de bem-estabelecidos, agências sem fins lucrativos e organizações profissionais que oferecem serviços que atendem uma ampla gama de questões, incluindo a advocacia, saúde, violência doméstica, educação, HIV/AIDS, diabetes, condição migratória, e habitação. Além disso, possuem mais de 20 programas de rádio e televisão, e uma mídia impressa para oferecer programas educativos e notícias políticas nas três línguas: em *créole*, francês e inglês.

Individualmente, os haitianos fazem incursões na área profissional, com muitos trabalhando em posições de alto grau em círculos acadêmicos, tanto como na faculdade ou em associações de estudantes. Os haitianos também ocupam cargos na polícia local, na saúde pública e privada, e nas profissões de negócios e transações bancárias legais.

Os haitianos começaram a se tornar mais visíveis no tecido político do Estado desde a década de 1990, organizados em comissões eventuais que promovem a educação e a participação dos eleitores. Como resultado, dois deputados estaduais de ascendência haitiana já foram eleitos na legislatura de Massachusetts desde 2000, e mais haitianos estão buscando ativamente cargos eletivos em vários outros Estados.

2.2.2 *Canadá*

O Canadá é outro destino popular da emigração haitiana. Ali, a comunidade haitiana está classificada com nota máxima em ordem de importância entre os grupos não europeus da população no país. Hoje, quase metade da comunidade é jovem; cerca 150 mil pessoas de ascendência haitiana vivem ali. A grande maioria (83%) vive em Montreal e boa parte (10-15 mil pessoas) em Toronto. Cerca de 30 mil cidadãos estão concentrados na província francófona de Quebec.

A estatística mostra que 90% daqueles que relataram origem haitiana estão centrados no Quebec. Esta comunidade tem a característica de não ser homogênea e ainda apresentam consideráveis diferenças tanto à diversidade de origens sociais de seus membros como as condições concretas e em que momentos históricos se integraram na sociedade quebequense.

Quase todos os canadenses de origem haitiana pode sustentar uma conversa em pelo menos uma língua oficial. Os haitianos também são únicos entre os novos

canadenses cuja maioria fala francês. Em 2001, 54% dos canadenses de origem haitiana poderia conversar apenas em francês, enquanto 42% eram bilíngues. Nessa comunidade, geralmente os indivíduos são relativamente bem instruídos. Mesmo não possuindo diplomas universitários, geralmente é provável que tenham frequentado ou concluído alguma forma de educação pós-secundário, não universitária, ou têm graus da faculdade comunitária.

Em termos de mercado, as estatísticas de emprego geralmente são pouco convidativas para os adultos de origem haitiana. Dados de 2001 mostraram que 57% dos haitianos maiores de 15 anos tinham emprego, em comparação com 62% de todos os adultos canadenses. Nisso, a mesma estatística mostrava que população ativa de origem haitiana tinha mais do dobro da probabilidade de estar desempregados do que a força de trabalho geral do Canadá. Assim, os rendimentos dessa comunidade são geralmente mais baixos do que o resto da população. Desta forma, esses configuram majoritariamente na população canadense classificada como vivendo em situações de baixa renda. Em 2000, 39% dos membros da comunidade haitiana estava em baixa renda, contra os 16% do total da população canadense nela (Statistics Canada, 2007).

2.2.3 França

A integração dos haitianos na França ocorreu de três formas diferentes: pelo mercado de trabalho, através de associações e de aquisição de nacionalidade.

Olhando para a estrutura do emprego, dos cidadãos haitianos na França, vemos que 70% dos homens são trabalhadores e 70% das mulheres são empregadas domésticas ou em cargos de assessoria. O último censo indicou uma força de trabalho de 13.323 pessoas para uma taxa de desemprego de 12,17%.

Em termos da nova nacionalidade e residência, de acordo com o demógrafo haitiano Bogentson Andre, o sentimento desses irmãos é um pouco sobre como proteger novos direitos. Neste movimento, 37% dos haitianos adquiriram a cidadania francesa em 1999. Em 2000, quase 2 mil cidadãos conseguiram a aquisição destes documentos; esta estatística pulou para quase 3 mil em 2005 (Collectif Haiti de France, 2012).

Historicamente, a França não foi a terra da emigração natural de haitianos. Em 1974, Roger Bastide, professor da Sorbonne, estimava que os imigrantes haitianos na

França não ultrapassavam a marca de 600 pessoas. Hoje, não menos que 100 mil haitianos vivem ali. Eles são entre 40-70 mil apenas na região de Île-de-France.

Além da França continental, outros territórios franceses acolhem haitianos:

- Mais de 8 mil vivem na Guiana;
- Cerca de 15 mil em Guadalupe;
- Cerca de 15 mil em St. Martin; e
- Mais de 5 mil em Martinica.

Haitianos vêm esperança na Guiana

A escolha “forçada” da Guiana pela situação da migração internacional, na verdade apresentava razões a posteriori, correspondendo a um estreitamento do espaço de emigração favorecido por um movimento cíclico que tinha ocorrido na década anterior.

Os primórdios explicam que a região de Aquino seria o motor da dinâmica migratória para a Guiana. As primeiras chegadas dos haitianos na Guiana foram organizadas por um francês produtor de óleo essencial a partir do vetiver na região. Ele decide desenvolver a atividade na Guiana em 1963 e leva trinta trabalhadores haitianos. Após problemas de diferentes ordens, deixaram o país mais ou menos um ano após a chegada. Em 1965, o promotor repetia a operação com 65 pessoas, mas a experiência também não vingou. Essa tentativa dobrada, transcendida através de uma tradição oral integrante, é tida hoje na região de Aquino um pouco como mito.

Tradicional país de imigração em razão da sua fraca população (1,3 hab/km²), Guiana francesa constitui um mosaico de comunidades, cuja a haitiana representa uma das principais. Após o “mito” da década de 60, chegaram de fato emigrantes haitianos em 1970, e depois desenvolvidos na década de 1980, para trabalhar no momento dos “grandes projetos” guianense. Esta população, inicialmente composta por trabalhadores do sexo masculino rapidamente fora feminizado com a política de reunificação familiar; jovens haitianos também foram encontrar parentes e frequentar as escolas na Guiana. Essa política permitiu que as famílias haitianas se instalassem definitivamente e ali se estabilizassem, aumentando assim o perfil social e demográfico de uma comunidade que já tinha deixado de ser discreta (Gorgeon *et al.*, 1986 apud Gallibour, 2007).

Depois de desenvolver procedimentos para a regularização de imigrantes ilegais na década de 1980, o governo optou na década de 1990 para reprimir sistematicamente os “novatos”. A partir daí, o Estado guianense intensificou os controles de fronteira e consolidou o seu dispositivo através do aumento do tamanho do exército, da polícia e gendarmaria. No entanto, este protecionismo não dominou o local que ainda é “poroso”, ligado a um contexto social e econômico particularmente atraente, pelo que a entrada ilegal de migrantes haitianos no território francês continua até hoje. Assim a participação dos haitianos ainda é bastante grande em relação a todos os outros grupos de imigrantes na Guiana; estão concentrados nas grandes cidades: Kourou, St. Laurent du Maroni e a ilha de Cayenne (Gallibour, 2007).

Aos poucos, quando crescia a imigração nos anos de 1980 a 1990, não demorou, os haitianos foram identificados repetidamente como responsável por problemas socioeconômicos que afluíam. Deve ser dito que a Guiana experimentou nesta década várias e sucessivas crises econômicas que afetaram todos os setores. Maior parte dos haitianos (geralmente trabalhadores comuns em interiores agrícolas ou florestais, em microempresas, lojas, restaurantes, e na construção) perderam seus empregos e suas condições de vida se deterioraram rapidamente. Os controles administrativos intensificaram-se, e até empregos não tão fiscalizados como jardineiro, domésticos ou caseiros tornou-se escasso. Sujeito à boa vontade dos seus empregadores, suas condições de trabalho tornaram-se cada vez mais precárias.

Nesta altura, as famílias haitianas que dependiam da regularização do trabalho declarado podiam receber benefícios sociais, o que começou a acontecer compulsivamente. Uma situação que contribuiu para estigmatizar essa população, tornando-a responsável por déficits (Gallibour, 2007).

Então, boa parte dos haitianos desempregados se uniram em pequenos grupos para comprar produtos no Suriname e Brasil, que revendiam no varejo dos mercados locais. Com tempo, estes produtos importados ilegalmente passaram a ser mais drasticamente verificada pela alfândega guianense, pelo que já eram acusados de concorrência desleal com os comerciantes e importadores locais.

Por outro lado, a comunidade haitiana estabelecida na ilha de Cayenne se dedicou à cultura da madeira, generalizando o corte de árvores ao redor da ilha. De fato, houve

um efetivo aumento do desmatamento dos morros colocando em risco a erosão do solo, ao que os imigrantes passaram a ser apresentados nos meios de comunicação locais, como os responsáveis pelos problemas ambientais ali (Gallibour, 2007).

Mas, é, sobretudo, o aparecimento dos casos de AIDS, que contribuiu nos anos 1980-1990, para fortalecer os processos de estigmatização sujeitos aos imigrantes haitianos na sociedade da Guiana. Na altura, difundiram-se teorias médicas que designavam os haitianos como disseminadores da doença, promovendo assim a deriva xenófoba e rotulagem do processo de propagação da epidemia.

Mas com o tempo, a AIDS em algum momento feito de verdadeiros bodes expiatórios dos problemas de integração desses imigrantes, o estigma dessas teorias têm apresentado baixo grau de aceitação social (Gallibour, 2007).

Imigrantes haitianos em Guadalupe, St. Martin e na Martinica

A maioria dos haitianos nestes três Estados vivem na pobreza, especialmente aqueles que estão em situação irregular. Estes se alojam com os outros haitianos, e com os seus trabalhos ilegais pagam a parcela de moradia ao seu compatriota. Alguns até dão-lhes hospedagem grátis em solidariedade ou por relações familiares. O mercado de trabalho ilegal dos migrantes haitianos compreende especialmente os canaviais, as plantações de banana, a horticultura e os alimentos, onde alguns vivem em cabanas ou barracas².

Alguns destes trabalhadores indocumentados nos disseram que costumavam trabalhar das 6 às 13 horas por um salário de 20 a 25 euros, ou das 6 da manhã às 18 horas por um salário de 30 a 40 euros por dia. Mas, normalmente, um dia de 7 horas de trabalho é pago 50 euros para os trabalhadores “com papel”. Pior, alguns empregadores os faz trabalhar durante meses, que deve ser entre 2-4 mil euros e se recusam a pagá-los. Quando eles insistem no que lhes é devido, estes empregadores sem escrúpulos ameaçam relatá-los para polícia das fronteiras. Assim, por medo da deportação, esses trabalhadores infelizes desistem do seu salário. Uma minoria dos haitianos, especialmente os residentes, trabalha na construção de edifícios e em pequenas empresas.

² Por causa da caça investida pela polícia de fronteira (PAF) surpreendentemente durante a noite em busca dos “sem papel”, alguns ilegais frequentemente usam essas barracas apenas durante o dia; e saem de noite para dormir na clandestinidade ou sob as árvores.

A estes são adicionados alguns profissionais haitianos que trabalham em diversos serviços sociais em Guadalupe. (Collectif Haiti de France, 2012)

Desta forma, os imigrantes haitianos contribuem com uma parte considerável da força de trabalho na economia de Guadalupe. Assim a presença desses trabalhadores na agricultura é necessária para Guadalupe. Caso se retirar toda esta força nos cortes da cana ou nas plantações de banana, haveria uma falha de mercado na agroindústria do país.

Ainda assim, os haitianos em Guadalupe estão sujeitos a diversos tipos de acusações. Por lá, as pessoas insistem em desvalorizar a presença da força de trabalho haitiana, discriminando até em privar que esses cidadãos gozem do benefício dos serviços sociais do Estado (escolas, serviços de saúde, segurança social, prestações familiares, habitação, etc).

Por outro lado, muitos de Guadalupe, em solidariedade com os “irmãos e irmãs” haitianos, têm a visão natural do sofrimento de uma gente que é forçada a deixar seu país por causa de problemas políticos e econômicos. São especialmente aquelas pessoas que os acolhem, apoiam a inserção no mercado de trabalho, e incentivam a preservação e difusão da cultura, sendo muito popular por lá especialmente a música tradicional haitiana, a arte e a prática da língua *créole*.

2.2.4 Caribe

Desencadeada a rota migratória de haitianos para o Caribe, hoje se estima que mais de 500 mil cruzaram a fronteira para cortar cana na República Dominicana, e cerca de 300 mil optaram por Cuba. Na América do Sul conta-se 75 mil, espalhados em vários países.

Imigrantes haitianos e dominicanos de ascendência haitiana na República Dominicana

Como mostrado na Figura 4, a vizinha República Dominicana é o segundo maior receptor de emigrantes haitianos. As relações entre os dois países têm sido tempestuosa por mais de século. A fronteira dominicano-haitiana foi fechada após o massacre de 1937 dos haitianos e ainda é cuidadosamente observado pelos respectivos exércitos. Isso, no

entanto, não impediu a migração clandestina ilegal. No início dos anos 1960 com os acordos de trabalho, 30 mil ou mais haitianos migraram anualmente para a safra de açúcar do vizinho. Desde então, muitos haitianos conseguem permanecer ali vivendo em condições miseráveis perto das propriedades para tentar encontrar trabalho informal ou na safra de café, então em ascensão, ou nos pequenos comércios das cidades.

Negados a nacionalidade dominicana, às vezes até para os seus filhos nascidos ali, os emigrantes haitianos ficam presos em uma pobreza, verdade seja dita, até “menos pior” da que conheciam das suas casas. Muitos desses emigrantes, das aldeias do sudoeste do Haiti, são homens adultos na faixa dos 20-30 anos preponderantemente analfabetos e não qualificados.

Em 1982, Informações da Sociedade Antiescravista para a Proteção dos Direitos Humanos alegam que existe um tráfico anual de 12 mil haitianos, que são vendidos no Haiti por US\$ 11 por pessoa e revendidos para as plantações dominicanas por US\$ 60 o indivíduo (Allman, 1982). O transporte desses haitianos estaria supostamente mancomunado com os guardas e exército dominicano da fronteira. Apesar do acordo sobre os trabalhadores migrantes assinados pelos dois governos em novembro de 1978, as condições de trabalho eram extremamente difíceis. Mas parecia que teria melhoras a partir de 1980, quando o jornal haitiano *Le Nouveliste* de 19 de dezembro de 1979 noticiava uma decisão do governo de recrutar 14 mil trabalhadores haitianos para a safra de colheita de cana-de-açúcar de 1980, e a criação de um grupo comum de inspeção haitiano-dominicano que teria representantes da Organização Internacional do Trabalho. Segundo relatórios publicados na imprensa local em 1980-1981, apenas um total de 6 mil haitianos foram oficialmente recrutados para a tal Safra 1980 (Allman, 1982).

Na ausência de dados oficiais confiáveis, estima-se que entre 500 mil e 1 milhão de haitianos vivem atualmente na República Dominicana. O Relatório Nacional sobre o Desenvolvimento Humano na República Dominicana para a PNUD (2005) considerou uma estimativa média 416 mil haitianos residentes no ano de 2003.

Como discutido, a maioria dos haitianos chegou lá numa altura em que milhares de trabalhadores eram contratados a cada ano na indústria dominicana de cana-de-açúcar. A atividade deste setor apresentou certo declínio na década de 1980, mas o fluxo de imigrantes haitianos, no entanto, não diminuiu tanto, uma vez que outros setores da

economia dominicana gradualmente se abriram para eles, como a indústria de construção, turismo, hotelaria, e restauração, instalações, produções e zonas de comércio localizadas perto da fronteira.

Por lá, também existem muitos haitianos na informalidade, trabalhando como empregadas domésticas, e outros fazendo suas vendas ambulantes e vivendo nas ruas da capital, Santo Domingo, e outras grandes cidades. A discriminação baseada na língua, etnia e nacionalidade é uma realidade histórica dos nativos para com trabalhadores haitianos e dominicanos de ascendência haitiana (Collectif Haiti de France, 2012).

Haiti em Cuba

A história da migração caribenha que remonta ao final de 1790, tem haitianos com marcante presença em Cuba. A cultura e o *créole* haitiano hoje ativo em Cuba começaram com a chegada de imigrantes haitianos no início do século XIX.

A revolução haitiana nos anos de 1791-1804 levou uma onda de colonizadores franceses a fugirem com os seus escravos haitianos para Cuba. Eles foram principalmente pelo leste, especialmente Guantánamo, onde mais tarde introduziram o cultivo de cana, construíram refinarias de açúcar e desenvolveram plantações de café. Em 1804, cerca de 30 mil franceses viviam em Baracoa e Maisi, os municípios do extremo leste da província. Assim, posteriormente, continuaram a entrar haitianos em Cuba para trabalhar como braceiros nos campos de corte de cana. Suas condições de vida e trabalho, não foram muito melhores do que escravidão. Apesar de terem planejado retornar para o Haiti, a maioria ficou em Cuba.

Durante muito tempo, muitos haitianos e seus descendentes em Cuba não se identificavam como tal ou falavam *créole*. Na parte oriental da ilha, muitos deles sofreram discriminação. Mas com o regime de Fidel Castro, desde 1959 quando tomou posse, esta discriminação enfraqueceu. Com isso, depois do espanhol, o *créole* é a segunda língua mais falada em Cuba; graças a aproximadamente 300 mil haitianos que se mudaram para ali nas últimas décadas.

É principalmente nas comunidades onde os haitianos e seus descendentes vivem que o *créole* é mais falado. Os demais entendem, mas com certa dificuldade. Além das províncias do leste, existem também comunidades das províncias Ciego de Ávila e

Camagüey, onde a população continua a manter *créole*, sua língua materna. Aulas em *créole* são oferecidas em Guantánamo, Matanzas e na cidade de Havana. Existe na capital Havana um programa e uma estação de rádio em língua *créole*.

Hoje, com estimativas que extrapolam para até 1 milhão de pessoas, os haitianos em Cuba, organizados por Associação de moradores haitianos e cubanos de ascendência haitiana, investem na difusão e valorização de sua cultura, principalmente suas músicas e ritmos tradicionais.

Cada onda de imigrantes haitianos para Cuba tinha suas próprias características distintas, e levaram consigo na viagem as fortes tradições musicais, danças, religião, rituais, costumes e hábitos culturais. Daí foi natural o surgimento de alguns projetos, bem sucedidos, que comemorasse e preservasse as suas marcas culturais. É o caso dos grupos Desandann³ e Ban Rrarra⁴, supervalorizados dentro e fora de Cuba e Haiti.

Migrantes haitianos em Bahamas

As relações estreitas entre o Haiti e as ilhas das Bahamas, que data desde que há homens no arquipélago, já foram uma fonte de tensão e conflito, mas também já ofereceu benefícios mútuos. Os nativos das Bahamas são da parte norte da ilha grande que Colombo mais tarde chamou de *Hispaniola*. Mesmo depois que ele se estabeleceu nas ilhas e ter desenvolvido a sua própria cultura, os migrantes traínos (povo que vivia na costa norte da ilha grande) mantiveram suas relações comerciais com seus primos e primas no Haiti, apesar do conflito armado no Caribe. Para escapar desses ataques, esse povo teria viajado desde o norte da ilha para a Bahamas, através das ilhas Turks e Caicos. Com o tempo, eles desenvolveram uma cultura distinta conhecida como Lucayan.

³ “Desandann” é composto de dez multifacetados músicos que tanto cantam como tocam uma variedade de instrumentos de percussão. Com reconhecimento internacional, o repertório do Desandann consiste em uma gama de arranjos corais com acompanhamento de percussão, incluindo Choucouné, um merengue haitiano, Toumobile Gran, uma Mazurka *créole*, e Moin Doudou, um merengue da Martinica.

⁴ Ban Rrarra é um grande grupo musical de raízes haitianas, originalmente do Oriente e agora com sede em Havana. Eles têm um repertório muito fortemente ligado à tradição *voodoo*, com apresentações em alguns festivais internacionais.

Esta ida e volta entre o Haiti e a Bahamas, que durou desde o período colonial até o final do século XVIII, mostra que a migração haitiana para a Bahamas não tem sido sempre um “problema” ou um movimento migratório ilegal, como se tenderia a acreditar. É somente a partir do período revolucionário haitiano que a migração haitiana começou realmente a ser abordado como um problema para a Bahamas.

Da mesma forma como aconteceu para Cuba, as repetidas revoltas de escravos em Saint-Domingue fizeram muitos colonizadores refugiarem-se nas Bahamas. Este foi o primeiro dos fluxos migratórios substanciais de Haiti e os haitianos para a Bahamas (College of the Bahamas, 2005).

Graças às suas origens sociais, estes refugiados políticos foram, provavelmente, melhor tratados do que aqueles que, posteriormente, iria emigrar em massa para a Bahamas, pela política e socioeconomia do regime de Duvalier.

Nesta altura, entre 1957 e 1969, houve uma segunda onda de imigração em massa de haitianos e haitianas para a Bahamas. O número de imigrantes e imigrantes haitianos na Bahamas aumentou rapidamente de mil para 20 mil durante a ditadura do Papa Doc. Assim estimava-se que havia cerca de 40 mil haitianos ali em Bahamas ao fim de 1970; acreditando-se que houve duas levas dos 20 mil a cada ano. A maioria deles eram camponeses, analfabetos e proletários das cidades costeiras do norte do Haiti (College of the Bahamas, 2005).

Piorando a repressão e a situação econômica do povo haitiano com a chegada ao poder do Baby Doc, em 1971, causou mais uma vez o êxodo em massa, caracterizando o terceiro fluxo de haitianos para a Bahamas.

Durante os últimos 25 anos, a comunidade haitiana nas Bahamas aumentou consideravelmente. É difícil calcular o número de migrantes e imigrantes haitianos contrabandeados para a Bahamas uma que esses entrantes ilegais, naturalmente, cuidam para não deixar rastros das suas negociações. No entanto, esse número é atualmente estimado em 40 mil para uma população de cerca de 80 mil.

Esta elevada percentagem de haitianos e haitianas que entram ilegalmente no país é de certa forma acobertada política Bahamense que os mantém ilegalmente. A lei das Bahamas, no tocante à nacionalidade, prescreve o *Jus Sanguini*. As crianças nascidas nas Bahamas de pai não Bahamiano ou mãe não-Bahamiana, não adquirem automaticamente

a cidadania. Eles devem esperar completar 18 anos, para que possam iniciar o processo de solicitação de cidadania no escritório de imigração que, no caso dos haitianos, a tramitação do processo leva uma eternidade.

Este sistema discriminatório foi criada em 1973, ao que parece, para coibir o acesso de crianças de descendência haitiana nascidos nas Bahamas, à cidadania Bahamense; aproveitando daí para infringir pelo menos as cláusulas dos Direitos Humanos de estigmatização e marginalização contra esses cidadãos. Assim, os imigrantes haitianos que foram para a Bahamas, na esperança de melhorar suas condições de vida, têm sido desafiados a enfrentar o desprezo, exclusão, humilhação e desumanos repatriamentos policiais repetidos.

De acordo com o departamento de estatística de Bahamas, em 2002, 25% dos haitianos são trabalhadores domésticos; os restantes 75% se dedica a outros trabalhos manuais pesados, como construção, agricultura e serviços de limpeza que os Bahamenses se recusam a executar. Consequência dessa estatística é a realidade de que a comunidade haitiana acaba vivendo em condições mais difíceis do que outros residentes do país.



Fonte: Caricatura sobre a política migratória do Brasil para haitianos (Ventura & Illes, 2012).

3 Imigração haitiana para o Brasil

Para reconstituir a história do fluxo migratório recente para o Brasil, devemos entender a relação Brasil-Haiti. Não muito diferente das relações culturais entre o Brasil e os demais países da América do Sul, as relações com o Haiti têm sido marcadas por um jogo de construção de identidades e de alteridades que se alternam ao longo do tempo, já que nos dois países tanto as elites quanto o povo vieram de fora – às elites, do sul da Europa, e o povo, predominantemente da África.

Em termos diplomáticos, Brasil e Haiti mantêm conjunturas desde 1928, ano em que foram abertas legações em ambos os países. Em 1954, o nível de representação foi

elevado ao de Embaixada, não havendo interrupção do relacionamento desde então. Mesmo durante o Governo de Raoul Cédras 1991/1994 – período em que a maioria dos países que mantinha Embaixada-Residente em Port-au-Prince fechou suas representações –, o Brasil, embora tenha retirado seu Embaixador, manteve sua Missão em funcionamento, ainda que em nível de Encarregatura de Negócios. Registra a história um Acordo Básico de Cooperação Técnica e Científica firmado em 15 de outubro de 1982, que somente entraria em vigor em novembro de 2004, através do Decreto no. 5.284, o que não caracteriza propriamente um quadro de relações sistêmicas, seja em que nível for (Valler Filho, 2007).

As relações intermitentes entre os dois países se devem, mais do que a trocas comerciais, à presença de alguns intelectuais e diplomatas que estabeleceram conexões relevantes entre suas elites. O discurso oficial sobre a construção da identidade entre Brasil e Haiti seria elaborado a partir de temas recorrentes como latinidade, mestiçofilia afro-americana, nacionalismo, anticolonialismo e anti-imperialismo e, principalmente, a partir de 2004, quando o relacionamento bilateral adquiriu feição mais definida, por ocasião da decisão brasileira de participar da MINUSTAH.

3.1 A crise haitiana de 2004

No final de 2003, iniciou-se uma grave crise no Haiti, que culminou, em fevereiro de 2004, com a renúncia do Presidente Aristide. Nessa altura a Força Interina Multinacional (MIF), aprovada às pressas pelo Conselho de Segurança da ONU, iniciava seu desdobramento em território haitiano. Sua atuação manteve a violência em níveis aceitáveis e trouxe alguma estabilidade ao país, evitando o total colapso das instituições. Simultaneamente, intensificaram-se as negociações, capitaneadas pela ONU e por outros atores internacionais (EUA e França, principalmente), com países como o Brasil que se interessou em participar da missão. Em 30 de abril de 2004, o Conselho de Segurança estabeleceu a MINUSTAH, amparada no Capítulo VII da Carta das Nações Unidas.

A MINUSTAH foi instalada como “missão multidimensional e integrada”⁵. O primeiro chefe da missão, Representante Especial do Secretário Geral (SRSG), foi o experiente e competente diplomata chileno Juan Gabriel Valdés. O componente de maior visibilidade é a Força Militar, cujo comando coube, até agora, a um General do Exército Brasileiro. Hoje, a Força Militar é comandada pelo General-de-Brigada Carlos Alberto dos Santos Cruz. O cenário encontrado e o cumprimento das tarefas obrigaram a Força Militar a envolver-se, desde o primeiro momento, nas mais diversas atividades, abrangendo quase todo o espectro de operações militares e de ações humanitárias⁶.

3.2 Desastres naturais no Haiti (2004-2010)

O Haiti, nos últimos anos, tem sofrido com as desgraças naturais, umas mais devastadoras que as outras. A mais recente e mais grave foi a passagem do terremoto medindo 7,3 graus na escala Richter que destruiu Port-au-Prince, a capital. Para compreender melhor o panorama que se passou no país, vamos recordar brevemente as grandes catástrofes que se abateram desde 2004, que também têm sido motivação para a fuga migrante recente dos haitianos.

Nas noites de 23 e 24 de maio de 2004, chuvas intensas desabaram sobre a região de Massif de la Selle (montanha sul do país) o que equivale a 70 milhões de metros cúbicos de água em um período de 24 horas. A cidade de Ford Verettes (ao norte) também sofreu com a tempestade. Deste episódio, somaram-se 1.191 mortos, 1.484

⁵ De forma genérica, a principal missão era assegurar um ambiente seguro e estável, que permitisse ao país voltar à normalidade institucional, retomar o estado de direito e realizar eleições livres, democráticas e transparentes. Com esse objetivo, a MINUSTAH devia apoiar o governo transitório do Haiti: na reforma e reestruturação da Police National d’Haïti (PNH); num abrangente programa de desarmamento, desmobilização e reintegração para todos os grupos armados ilegais; no monitoramento do respeito aos direitos humanos e na manutenção da ordem pública por meio de apoio operacional à PNH. Lamentavelmente, a MINUSTAH recebeu papel e estrutura limitadíssimos para coordenar as ações humanitárias e os projetos de desenvolvimento no Haiti (Pereira, 2007).

⁶ Muitas pessoas, inclusive alguns jornalistas, confundem o componente militar com a própria missão. Na realidade, à Força Militar cabe manter um ambiente seguro e estável, interagindo com os demais componentes da missão para que eles atinjam os objetivos previstos nos campos político e de direitos humanos (Pereira, 2007).

desaparecidos, 153 feridos, 16.900 afetados e mais 1.705 casas destruídas. Também sofreram sérios danos a agricultura e o meio ambiente, em um ecossistema já frágil.

Ainda em 2004, no dia 10 de setembro, o departamento de Artibonite e uma parte do departamento do noroeste foram severamente afetados pela passagem do furacão Jeanne. O resultado das enchentes subiu a mais de 2 mil mortos, cerca de 900 desaparecidos, cerca de 2,6 mil feridos, 300 mil pessoas afetadas e 5 mil casas destruídas. A cidade inteira de Gonaives foi afetada e toda população sofreu dos danos e das consequências diretas ou indiretas do fenômeno atmosférico (ONU, 2005).

Os anos que se seguiram, foram menos catastróficos. Ainda assim o país teve que enfrentar algumas enchentes antes do terremoto de 2010. Em julho de 2005, pelo menos 10 pessoas morreram e 500 famílias foram afetadas pelas enchentes registradas em St-Marc (ao norte), devido ao furacão Emily que se debateu em uma parte do Caribe. Houve, em 2006, inundações em três departamentos – Norte, Oeste e Nippes – resultando em 7 pessoas mortas, quatro desaparecidas, 10 feridas e 4.040 famílias seriamente afetadas, 317 casas destruídas, 617 casas danificadas (Comissão Europeia, 2007).

Em 2008, após a passagem de outros furacões no Haiti, as condições de vida tornaram-se caóticas, principalmente no Departamento de Artibonite. Vítima da passagem desastrosa de Hanna, a cidade de Gonaives foi a mais atingida com cerca de 500 mortes, centenas de casas destruídas, plantações totalmente devastadas, cabeças de gado levados e milhares de famílias afetadas. As pessoas careciam de tudo na cidade; elas queixavam-se da não chegada de ajuda de emergência, e estavam morrendo de fome e sede. Galão de gasolina vendido por 500 gourdes e diesel desapareceu completamente. A maioria dos postos de combustível estava danificada. De acordo com o prefeito da cidade, em algumas partes, a água chegou a 4 metros de altura. Recordando que em setembro de 2004 esta cidade já havia sido duramente atingida pelo furacão Jeanne, que quase destruiu a cidade. Desta vez, em três semanas, mais de 600 haitianos morreram após a passagem de quatro grandes depressões, Fay, Gustav, Hanna e Ike. Segundo a Organização das Nações Unidas, 800 mil pessoas precisavam de assistência humanitária urgente (Roudelin, 2008).

No dia 12 janeiro 2010, o Haiti conheceu a pior desgraça de sua história com do catastrófico terremoto, fazendo estragos inimagináveis em três departamentos (Oeste,

Sul, Nippes). Com prejuízos na ordem de bilhões de dólares, o Haiti precisa se reconstruir, particularmente Port-au-Prince. Numa cidade onde não há mais palácio que seja Presidencial, Judicial ou Legislativo. Onde muitos haitianos vivem até hoje em acampamentos sem saneamento, coleta de lixo, rede de água e esgoto.

Essas foram as condições ideais para a proliferação da cólera, doença transmitida pelo contato com água contaminada. Desde que surgiu no país em outubro de 2010, segundo dados oficiais do governo a epidemia de cólera no Haiti matou mais de 5.500 pessoas e infectou pelo menos 363 mil (Agência Lusa apud Agência Brasil, 2011).

A epidemia gerou revolta, principalmente no Norte do país. Grupos armados culpam soldados do Nepal por terem levado a doença ao país, depois que o relatório publicado pelo jornal Doenças Infecciosas Emergentes, do Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos, associou a chegada da doença ao país por meio de militares do Nepal para a MINUSTAH.

3.3 A recente migração de haitianos para o Brasil

Um país que já era considerado socioeconomicamente um dos mais pobres das Américas, ainda teve que sofrer com os desastres causados pela natureza. Com a sua capital, seu símbolo e seu centro de todas as decisões Port-au-Prince devastada pelo terremoto, a população chora seus mortos, e mais do que nunca questiona sobre o futuro: *Kisa ki dwe ap tann nou demen? Kisa ki dwe pral passe nan jou kap vini yo? Kisa peyi nou na pral tounen la?*⁷

Se antes o problema do Haiti era político ou socioeconômico, agora, também, é a natureza que está se ralhando contra o país. Em condições sub-humanas, muitos haitianos têm saído do país e se refugiado em outras nações. A grande questão: ir para onde? Desta vez, o Brasil também está entre as rotas mais procuradas, principalmente pelos estados do Acre, Amazonas e Rondônia, dos quais os migrantes têm recebido apoio.

O Brasil está crescendo e ganhou destaque internacional para ser visto como oportunidade. No Haiti ainda mais por causa das forças brasileiras atuando no país. Logo alguns haitianos receberam de brasileiros encorajamentos para vir cá buscar o que lá não

⁷ Questionamentos em língua *créole*; traduzindo: *De que será feito o dia de amanhã? O que será que vai acontecer daqui para frente? O que vai ser do nosso país?*

tem, ou não tem mais. Assim, haitianos que por sua vez cansados de sofrer no seu próprio país, o país que os viu nascer, um país que não bastasse apanhar dos seus dirigentes ainda apanha das forças naturais, passaram a sonhar com o Brasil. Desesperados, alguns decidem deixar o país e aventurar noutro que ao contrário do seu Haiti, está próspero.

Antes de discutirmos as rotas legais e ilegais de que os haitianos se aventuraram no pós-terremoto, ou mesmo no pós-crise de 2004, vale muito ressaltar que antes mesmo destes, já existia um fluxo diferenciado de jovens haitianos para cá. Estes são estudantes que vêm a partir dos Programas de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) e de Pós-Graduação (PEC-PG) que os Ministérios da Educação e das Relações Exteriores do Brasil mantêm não só com o Haiti, mas também com outros países em desenvolvimento, especialmente os da África e da América Latina.

Estes programas oferecem oportunidades de formação superior a cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordos educacionais e culturais. Desenvolvidos pelos ministérios das Relações Exteriores e da Educação, em parceria com universidades, o PEC-G seleciona jovens estrangeiros para realizar estudos de graduação e de pós-graduação nas universidades brasileiras públicas e privadas participantes. O aluno estrangeiro selecionado cursa gratuitamente e, em contrapartida, deve atender a alguns critérios, entre eles, provar que é capaz de custear suas despesas no Brasil e proficiência em língua portuguesa, no caso dos alunos de nações fora da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). Os acordos determinam o compromisso de, após a formação, o aluno deve regressar ao seu país de origem e contribuir na sua área para o desenvolvimento local (Manual do PEC-G, 2004; Manual do PEC-PG, 2008).

3.4 Rotas de migração de haitianos para o Brasil

No geral, até 2010, a migração de haitianos que vinham para o Brasil eram estudantes em rotas legais tanto pelo programa de graduação ou pós-graduação. Nos

últimos cinco anos, só o programa PEC-G selecionou 41 jovens⁸: 12 em 2008, 8 em 2009, 11 em 2010, e 3 mais 3 em 2011 e 2012.

Hoje, dois anos após o terremoto que arrasou o Haiti, fundamentalmente motivados pelas oportunidades do bom momento econômico, e influenciados pela efetiva presença dos missionários brasileiros em Port-au-Prince, muitos habitantes da ilha ainda estão chegando maciçamente no Brasil, pelas rotas não legais. A viagem destes para o Brasil não é fácil. São pelo menos três meses de peregrinação pela América antes de chegar pela fronteira do Norte. Até Tabatinga, cidade amazonense distante 1.105 quilômetros da capital Manaus, os haitianos passam pelo Panamá, Equador e Peru. Uma viagem que custa mais ou menos US\$ 3 mil a cada um. No Haiti, muitos deles são aliciados por coíotes que prometem uma vida próspera em terras brasileiras, especialmente no polo de Manaus.

Em 2011, um haitiano foi preso acusado de aliciar compatriotas para trabalhar no Brasil, e um padre da igreja católica em Tabatinga estava sob suspeita de fazer parte de uma quadrilha internacional especializada em trazer esses haitianos de forma ilegal para cá (Lima, 2011).

Em Tabatinga, os haitianos esperavam pelo menos um mês por um visto provisório expedido pela Polícia Federal da região. Nem todos conseguiam. Nisso, em 2011, ano e meio pós-terremoto, apenas em Tabatinga chegou a ter quase 500 haitianos esperando pelo visto provisório como refugiados no Brasil. A preocupação com essa população, não só ali, como também na pequena cidade de Brasiléia, no estado do Acre, que chegou a receber mais de 500 haitianos só no mês de janeiro, o governo do Estado do Amazonas chegou ao ponto de mandar uma equipe da Secretaria de Saúde para fazer um trabalho de diagnóstico preventivo contra um possível surto de cólera. No local, a equipe médica não detectou foco da doença.

⁸ Repare que estas são estatísticas do DCE (Divisão de Temas Educacionais – disponível em <<http://www.dce.mre.gov.br/>>) e da SESU (Secretaria de Educação Superior – disponível em <<http://portal.mec.gov.br/sesu>>) que contam jovens que foram apenas selecionados para o programa nos anos correspondentes, não significando que todos chegaram a vir ingressar nas universidades. Sem acesso a dados oficiais, mas o grupo “Universitários Haitianos que vivem no Brasil” na rede social Facebook tem 41 membros.

Segundo as autoridades de Tabatinga, na altura, os haitianos não provocavam tumulto, mas muitos deles se concentravam na atividade informal. Alguns deles ingressaram nessa atividade apenas para conseguir levantar dinheiro suficiente para chegar até Manaus. Em Manaus, são abrigados pela Igreja Católica.

Por vários serem evangélicos, a igreja Assembleia de Deus também tem se mobilizado na região para acolher os haitianos, sendo que alguns até trouxeram cartas de recomendação de seus pastores (Damasceno, 2012).

Geralmente, absorvidos pela alta demanda de pessoal criada pela expansão da economia brasileira, encontraram emprego com facilidade em Manaus, trabalhando como operários na indústria de base e construção civil e recebendo um salário mínimo. Entre eles, há pessoas de todos os perfis. Muito deles têm cursos superior e falam, pelo menos duas línguas. Mas há casos mais inusitados. Tem um caso, segundo a Pastoral do Migrante, chegou a Manaus um jogador da seleção haitiana de futebol que também deixou a ilha em busca de emprego no centro industrial, que concentra algumas das maiores multinacionais em operação no Brasil (Lima, 2011).

A Resolução nº 97/2012 do Conselho Nacional de Imigração (CNIg)⁹ definiu-se que a embaixada do Brasil no Haiti passaria a conceder cem vistos de trabalho ao mês para haitianos que quisessem entrar no país.

Paralelamente, a Polícia Federal passou a barrar haitianos sem visto nas fronteiras. Um grupo de 273 haitianos que partiu sem a permissão de entrada, ficou bloqueado na cidade peruana de Iñapari, fronteira com o município de Assis Brasil, no Acre. A espera durou quase três meses, quando finalmente os 245 que ainda ali estavam foram autorizados pela administração da presidenta Rousseff.

Para chegar à fronteira, o grupo enfrentou uma longa viagem desde a capital haitiana, Port-au-Prince. A rota se iniciou com um voo até a República Dominicana, seguido por outro até o Panamá e mais um até o Equador. De Quito, capital equatoriana, os haitianos seguiram de ônibus até a Colômbia e, finalmente, ao Peru, de onde viajaram

⁹ Esta Normativa entrou em vigor na data de sua publicação em 12 de janeiro de 2012, e pode ser consultado através do website do Ministério do Trabalho e Emprego, disponível em <<http://portal.mte.gov.br/data/files/8A7C816A350AC8820135687F345B412D/RESOLU%C3%87%C3%83O%20NORMATIVA%20N%C2%BA%2097.pdf>>, acessado em 18 jun. 2012.

até a fronteira com o Brasil. O deslocamento levou quatro dias e consumiu grande parte das economias dos migrantes.

Outros migrantes e imigrantes haitianos passaram por Chile e Bolívia, ou por outras vias (Argentina, por exemplo), na vasta região sul-americana, para chegar ao destino final, o Brasil. Segundo o Ministério da Justiça, desde 2010, contam-se cerca de 4 mil haitianos que entraram no Brasil, dos quais 1,6 mil já estão anistiados pela Resolução nº 97/2012 do CNIg. A maioria está nos Estados do Acre e Amazonas, mas já estão sendo distribuídos por oportunidade em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná e Distrito Federal (Portela, 2012; Sarres & Massali, 2012; Souza, 2012).

Segundo a embaixada do Brasil em Port-au-Prince, tem havido grande procura de haitianos interessados em obter o visto, mas exigências burocráticas barram uma maior concessão de permissões. Para se candidatar à permissão, o postulante deve ter passaporte em dia, ser residente no Haiti (o que deve ser comprovado por atestado de residência) e apresentar atestado de bons antecedentes. Com todos os documentos em mãos, deve ainda pagar US\$ 200 para a emissão do visto.

Ultimamente, no mês de maio, circulou-se a notícia de que os coites ainda têm conduzido mais haitianos até a fronteira Brasil-Peru. Um artigo do repórter acreano, Altino Machado, ao Blog da Amazônia, expõe otimamente as entrelinhas desta nova situação (Box 1).

Na versão eletrônica deste trabalho, disponibilizamos no Anexo 1 uma listagem nominal de cidadãos haitianos com Residências Permanentes concedidas pelo Departamento de Estrangeiros/Sistema Nacional de Justiça/Ministério da Justiça publicados nas edições do Diário Oficial a partir do dia 28 de abril de 2011 atualizado até a edição de 25 de junho de 2012.

Box1 Extrato de uma reportagem sobre novos migrantes haitianos que chegaram à fronteira com o Peru, em maio de 2012, para tentativa de entrada ilegal no território brasileiro.

TERRA MAGAZINE

Blog da Amazônia

15/05/2012

Altino Machado

Acreano, ex-repórter dos jornais O Estado de São Paulo, Jornal do Brasil e Folha de São Paulo

“Coiotes” conduzem mais haitianos até a fronteira Brasil-Peru

Conduzido por agentes de rede de tráfico de pessoas, mais conhecidos como coiotes, um novo grupo de 60 imigrantes haitianos se formou nas últimas duas semanas na peruana Iñapari, na fronteira com Assis Brasil (AC), de acordo com relatos de ativistas de direitos humanos da região.

Outro grupo, de 56 haitianos, conseguiu furar uma barreira mantida pela Polícia Federal em Assis Brasil e ingressou em território brasileiro. Os haitianos foram identificados e notificados pela PF a deixarem o País.

- Esses imigrantes são haitianos que viviam em Cuba, Panamá, República Dominicana, Colômbia, e Equador. É diferente do primeiro grupo, cuja entrada foi autorizada porque de fato partiu do Haiti com destino ao Brasil. Apesar de irregulares, estamos dando assistência humanitária integral, o que inclui alimentação e hospedagem – disse o secretário estadual Nilson Mourão, de Justiça e Direitos Humanos.

Segundo o secretário, mais de dois mil haitianos que conseguiram trabalho no Brasil no último ano começaram a fazer remessa de dinheiro para seus familiares no Haiti.

- Quem conseguiu se estabelecer com trabalho está avisando aos parentes espalhados por vários países que a situação aqui é muito boa. Agora cabe ao Ministério da Justiça decidir o que fazer com os 56 haitianos que estão no município de Brasília – acrescentou Nilson Mourão.

Segundo relato do padre René Salízar, principal ativista de direitos humanos em Iñapari, existe uma “máfia” que está operando na fronteira de Águas Verdes (Peru) com Guaquillas (Equador).

- Os haitianos me disseram que estão pagando entre US\$ 200 e US\$ 250 pelo carimbo de imigração para entrar no Peru. No Equador atua um haitiano e do lado do Peru um peruano. Os haitianos não comparecem fisicamente ao escritório de imigração. Pedem os passaportes e os entregam já carimbado – afirma Salízar.

Segundo o pároco de Iñapari, o curioso é que todos os passaportes trazem no carimbo a data de 12 de janeiro, com permissão para 180 dias. O dia 12 de janeiro foi quando o governo brasileiro decidiu pela emissão limitada de vistos de trabalho para haitianos e determinou reforço policial para impedi-los os haitianos de ingressarem a partir das fronteiras com a Bolívia, Colômbia e Peru.

- Estão dizendo que o ingresso no Brasil está liberado. Talvez, de maneira organizada, podemos fazer algo para que não continue chegando mais haitianos com esperança de ingressar no Brasil. Penso que devemos convocar uma reunião de direitos humanos. Eu não conto nem com um centavo para organizar o encontro. Talvez poderiam organizar do lado brasileiro – sugere René Salízar aos seus parceiros no Brasil.

O padre é uma das únicas pessoas que ainda se mantém preocupada com a situação dos haitianos em território peruano. Ele disse que os imigrantes haitianos já começam a passar fome. Sem dinheiro para pagar hotel, estão abrigados na igreja católica de Iñapari, que sequer dispõe de banheiros adequados e colchões suficientes.

- Na minha avaliação, a situação é muito preocupante porque está evidente que existem coiotes autuando na fronteira do Equador com o Peru, cobrando caro e mentindo para os haitianos quando dizem que a entrada no Brasil está liberada – disse por telefone ao **Blog da Amazônia** o pesquisador Foster Brown, da Universidade Federal do Acre, que está em Ibéria, no Peru.

4 Imigração haitiana na mídia brasileira

Muitos não gostam de ter seu país invadido por “refugiados”, não gostam de ver seus espaços sendo ocupados por “invasores” ou mesmo “exilados”, pior ainda quando são pobres trazendo mais problemas que soluções. Esta uma é visão que definitivamente está difundida dessas críticas migratórias, principalmente as ilegais.

Foi assim que a imigração haitiana fez seu impacto na mídia brasileira, em meio às numerosas manchetes dedicadas à entrada desses imigrantes pelo Norte. Compartilhando, de certa forma, desta visão o governo brasileiro decidiu fechar a sua fronteira, quebrando a tradição do país como terra hospitaleira.

As autoridades governamentais, pressionadas pela magnitude deste novo fluxo migratório, decidem, então, adotar novas medidas controladoras. Desde janeiro o Conselho Nacional de Imigração estuda propostas de lei para limitar a concessão de vistos. Hoje, aqueles que desejam trabalhar no Brasil devem solicitar autorização na Embaixada em Port-au-Prince; os que chegarem ilegalmente deverão assumir o risco de deportação.

Enquanto isso, o governo anunciou que regularizaria a situação dos cerca de 4 mil haitianos que já tinham entrado no Brasil fugindo da situação econômica. O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, depois de uma reunião com a presidenta Dilma Rousseff, e os ministros das Relações Exteriores, do Desenvolvimento Social e da Casa Civil, no Palácio do Planalto, anunciou que, emitiria vistos que permitirão permanência por cinco anos, assim como autorizaria carteira para atividade de trabalho regular. O governo também decidiu que os haitianos não poderão entrar no país na condição de refugiados políticos, por decisão do Conselho Nacional para os Refugiados (Conare), que havia negado os pedidos de entrada no país nessa condição. Nas palavras do Ministro Cardozo: “O Conare entendeu que não é caso de refúgio político e sim de vulnerabilidade econômica” (Agência Brasil, 2012).

Assim, nesta problemática, os haitianos acabam como personagens involuntários da mitologia de um povo supostamente simpático e gentil com os que vêm de fora.

BOX 2 Algumas manchetes de mídias nacionais sobre o recente fluxo de imigrantes haitianos para o Brasil.

CORREIO BRAZILIENSE | BRASIL

Brasília, domingo, 17 de junho de 2012

CAPA | BRASIL / ECONOMIA / POLÍTICA | CIDADES-DF | MUNDO | DIVERSÃO E ARTE | DIVIRTA-SE

CORREIO DIGITAL | SUPER ESPORTES | EU, ESTUDANTE | RIO+20 | VÍDEO | ÁUDIO | GALERIAS | BLOGS

(A-) (A+) TAMANHO DA LETRA | ENVIAR | IMPRIMIR | CORRIGIR

(0) Comentários Votação: ★ ★ ★ ★ ★

Centenas de refugiados do Haiti desembarcam no Brasil em busca de emprego

Publicação: 13/03/2011 10:04
Daniel Camargos
Maria Clara Prates

Brasil quer conter imigração haitiana

Acre sofre com invasão de imigrantes do Haiti

Recomendar 182 pessoas recomendaram isso. Seja o primeiro entre seus amigos.

Sobe para 1.400 o número de haitianos em Brasileia. Maioria é de profissionais qualificados

CLEIDE CARVALHO
Publicado: 1/01/12 - 23h00
Atualizado: 1/01/12 - 23h48
Curtr 182
Tweet 53
+1 4
17



Haitianos se reúnem em praça na cidade de Brasileia, no Acre.
ALEXANDRE LIMA

grantes ilegais, que chegam a pagar US\$ 5 mil a grupos

ÚLTIMAS NOTÍCIAS (18:00) • Flamengo sofre mas vence os reservas do Santos

MAIS EM PAÍS

- No Congresso, deputados do baixo clero operam 'balcão' para negociar emendas
- Em Pernambuco, Ministério Público e Tribunal de Contas fazem cruzada contra maus...
- Cach super em c

Brasileia pede ajuda para manter imigrantes que chegam em massa

Você está em Notícias > Internacional

São Paulo vira 'terra prometida' a haitianos

Em busca de oportunidades, refugiados cruzam países até chegar à capital paulista
12 de janeiro de 2012 | 3h 05

Notícia | Comentários 47 | A+ A- | Assine a Newsletter

PABLO PEREIRA - O Estado de S.Paulo

Você está em Notícias > Política

Controle migratório de haitianos no Brasil gera debate

Proposta do Ministério da Justiça, que prevê concessão controlada e formal de vistos haitiano avaliada nesta quinta-feira, quando se completam dois anos desde o terremoto.
12 de janeiro de 2012 | 6h 42

Notícia | A+ A- | Assine a Newsletter

Blog da Mazé » Sem categoria

O Haiti não é aqui!

Publicado Quinta-feira, 26 Janeiro, 2012 - 9:13 hs (250) comentários
Por Mazé Mourão

ÚLTIMAS NOTÍCIAS (18:03) • Vasco empata com Palmeiras e se mantém líder do Brasileirão

'O Haiti e os homens maus de lá e de cá'

Recomendar Seja o primeiro de

ARTIGO DO LECTOR SILVIO TELES
Publicado: 14/01/12 - 09:00

Muito mais que ação indomada das forças da natureza, o Haiti sangra, há uma dor de séculos de desgoverno, desrespeito à população e de ditadura e golpes de Estado que impediram o país de manter o título que alcançou no início do século XVIII, de a "Colônia mais próspera do Novo Mundo".

Enviado por Ricardo Noblat - 15.01.2012 | 15h05m

POLÍTICA

O Haiti tem de ser aqui

Carlos Brickmann

Um cidadão branco, procurado pela Polícia, condenado pela Justiça de seu país, entra no Brasil ilegalmente, com documentos falsos, e ganha o direito de ficar. Cidadãos negros, trabalhadores, vítimas da miséria e de uma terrível tragédia no Haiti, estes só entram a conta-gotas, ao ritmo de 90 pessoas por mês.



De fato, à altura do segundo aniversário do devastador terremoto haitiano, o governo brasileiro anunciava uma série de medidas ainda mais severas para coibir a já difícil entrada desses no país. Criando um perverso precedente, é a primeira vez, desde a 2ª Guerra, que se impede a uma nacionalidade específica solicitar a proteção do refúgio.

Canais oficiais e semioficiais de divulgação foram mobilizados para reempacotar medidas que vinham sendo preparadas para reforçar a seletividade migratória no Brasil como se fossem uma resposta imediata à vexatória cobertura da imprensa internacional sobre a situação calamitosa dos haitianos impedidos de deixar a região fronteiriça. Dentro ou fora do país, poucos acreditaram na narrativa oficial que apresentava restrições arbitrárias como se de concessões generosas se tratasse – critica os cientistas sociais Thomaz & Nascimento (2012).

Os especialistas criticam que o tumulto pela entrada dos 4 mil haitianos no país ao longo dos últimos dois anos é, no mínimo, caricatural, tendo em vista não somente o volume em dezenas de vezes maiores de imigrantes europeus no mesmo período, mas também a dimensão centenas de vezes mais amplas da diáspora haitiana em outros países da América Latina. Os pesquisadores argumentam ainda que o Brasil nunca foi e segue não sendo destino preferencial de uma migração cuja dinâmica o Itamaraty e outros ministérios insistem em ignorar. Há mais de 2 milhões de haitianos espalhados por dezenas de países em três continentes, todos abrigando comunidades consideravelmente maiores e infinitamente mais bem acolhidas que no Brasil.

No artigo publicado no jornal O Estado de S. Paulo, os professores Thomaz & Nascimento (2012) lembram que logo após o terremoto, apoiando-se numa opinião pública francamente solidária, o governo brasileiro havia anunciado projetos ambiciosos de intercâmbio e formação de quadros haitianos em áreas estratégicas como a saúde e a educação, para os quais dotações orçamentárias foram rapidamente aprovadas, mas também afirmam que a execução nunca aconteceu.

Além destas, neste mesmo artigo, Thomaz & Nascimento (2012) tecem algumas outras críticas sobre as atuações e comportamentos do governo brasileiro frente aos problemas do Haiti. Implicitamente, fica a sensação do conhecimento de causa e de levantamento de informações para sustentar as situações abordadas por eles:

“Em fevereiro de 2010, com grande fanfarra se anunciou que o Brasil ofereceria pelo menos 500 bolsas a estudantes da rede universitária haitiana, atingida de modo particularmente devastador pelo terremoto. Por todo o Brasil, universidades se ofereceram para recebê-los. Era crucial que viessem rapidamente, pois suas faculdades estavam em ruínas, seus estudos paralisados e a continuidade de sua formação seria decisiva para a reconstrução. Numa irônica coincidência, foram também quase 4 mil os estudantes que se candidataram no que teria sido o maior programa de intercâmbio internacional da história da educação brasileira. Somente mais de um ano e meio após a tragédia é que, as duras penas, foi possível trazer, dos 500 anunciados, não mais que 80 estudantes, alguns dos quais já tiveram sua bolsa cancelada ou limitada, sem que o Ministério da Educação tenha sido capaz de oferecer quaisquer garantias de continuidade do programa.”

“Também na área da saúde, havia sido anunciada a construção de dez Unidades de Pronto Atendimento em Porto Príncipe, dotadas de anexos para a formação de agentes comunitários. Deveriam entrar em funcionamento ainda em 2010. Nenhuma sequer foi construída e apenas uma equipe haitiana formada por um médico e duas enfermeiras esforça-se por atuar sem sede definida. [...] Nas fronteiras brasileiras não é diferente: a missão sanitária enviada há pouco chegou com dois anos de atraso, tarde demais para Carmelite Baptiste, de 30 anos, que morreu de dengue, doença inexistente no Haiti.”

Sendo verdade tais alegações, seria válida a crítica de que esses projetos iniciais não obstante serviram para dar imensa visibilidade ao governo brasileiro, blindando a opinião pública brasileira de informações fiáveis e negar aos haitianos a possibilidade de falarem por si. A verdade é que muitos desses migrantes econômicos possuem sólida formação educacional, com curso secundário, técnico ou mesmo superior, dispostos a dar o melhor de si para enviar recursos a suas famílias no Haiti. Assim como tem casos de haitianos que aqui potencializaram as suas qualificações, e atualmente há profissionais haitianos contribuindo efetivamente para a consolidação da economia brasileira, entre eles alguns atuando no ensino e pesquisa¹⁰.

Porém, acabaram por se transformar em personagens de um universo institucional que, segundo Thomaz & Nascimento (2012), revive uma tradição nacional tão antiga

¹⁰ Este é o caso, por exemplo, do professor André Yves Cribb. Depois de se formar Engenheiro Agrônomo (1982) e Economista (1983) no Haiti (UEH- Université d'Etat d'Haïti), veio para ser Mestre em Desenvolvimento Agrícola pela UFRRJ (1994) e depois se tornou Doutor em Engenharia de Produção também pela UFRJ (1999). Foi para França e voltou Pós-Doutor para, hoje, ser pesquisador da Embrapa, professor de pós-graduação da UFRRJ e consultor científico ad-hoc (FAPEMIG e FAPESP).

quanto infame: a do favorecimento da imigração, sim, mas com alta seletividade, ao longo de uma história em que aos negros estrangeiros só se abriam as portas enquanto chegassem pelos porões do cativo.

4.1 Controle da fronteira

Com a publicação da Resolução nº 97/2012 do CNIg:

O ministro José Eduardo Cardozo disse que governo buscava ordenar o fluxo de haitianos ao país. “Não podemos concordar que seja uma situação absolutamente sem nenhum controle”. Ele disse ainda que, com a medida, os haitianos ficariam menos vulneráveis à ação de atravessadores (também chamados de coiotes), que cobram para transportar migrantes sem vistos, muitas vezes submetendo-os a riscos e condições degradantes. (BBC Brasil, 29 mar. 2012)

Para o Secretário Nacional de Justiça, Paulo Abrão, essa decisão é importante, pois reafirma o compromisso do Brasil em acolher e dar uma resolução integral ao caso dos haitianos. “Migrar é um direito humano e temos responsabilidade especial com os haitianos, por isso era necessária uma medida complementar e simplificada para atender essa demanda remanescente, não prevista anteriormente”. (Portal O Estrangeiro, 10 abr. 2012)

Mesmo sob tais justificativas humanitárias, em virtude do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto de 2010, a ação foi criticada por ativistas de direitos humanos, que a classificaram como uma tentativa do governo de restringir a entrada de haitianos. Para a coordenadora de direitos humanos da ONG Conectas, Camila Asano, a medida não considerou os haitianos que estavam em trânsito quando ela foi adotada, deixando-os em situação de “extrema vulnerabilidade”. Ela cobrava que o governo detalhasse como estava divulgando a Resolução entre potenciais beneficiários haitianos, uma vez que nem mesmo o website da Embaixada brasileira em Port-au-Prince faz qualquer menção à Resolução¹¹. Tanto é que no primeiro mês em que passou a vigorar, a Embaixada concedeu apenas 30% da cota prevista

¹¹ De fato, não tem qualquer divulgação da Resolução nº 97/2012 do CNIg que admite as 1,2 mil /ano permissões de imigração para o Brasil. Foi verificado no website da Embaixada do Brasil no Haiti <<http://www.brasil-ht.org/site/>>, acessado em 18 jun. 2012.

(Correio Braziliense, 2012). A embaixada até tentou se justificar dizendo que alguns dos contemplados levarão parentes consigo; mas estes não entram no cálculo, já que cada visto vale para uma família – argumenta a ativista.

Desta forma, além das dificuldades burocráticas, o desconhecimento sobre a Resolução que permite a emissão de 1,2 mil/ano vistos permanentes a haitianos, é um entrave à maior concessão de permissões. Em visita ao Haiti em fevereiro, a presidenta Dilma Rousseff cobrou que a medida seja mais divulgada aos haitianos.

Quando a TV local exibiu, na manhã da última quinta-feira, reportagem com a Presidenta Dilma Rousseff falando que os haitianos que quisessem viajar ao Brasil poderiam tentar um visto de residência permanente na embaixada brasileira em Porto Príncipe, o carpinteiro e estudante de Teologia Joel Dorlean, de 38 anos, viu ali uma oportunidade. Imediatamente, telefonou para o amigo Joel Louissaint, de 34, técnico aduaneiro, e o convidou para, no dia seguinte, procurarem mais informações. Mesmo sem um planejamento de quando, onde e como, os amigos só têm uma certeza: querem emigrar para o Brasil. E não querem se submeter às ações predatórias dos coíotes que, além de explorarem as vítimas, ainda as expõem à falta de segurança. Por isso soou tão tentadora a declaração de Dilma como garota-propaganda de um eldorado só conhecido pelos haitianos por causa do futebol e da ação das tropas brasileiras na manutenção da paz e na reconstrução do país. (Trecho da reportagem do enviado especial, Chico de Gois, Jornal O Globo online, publicado em 04 fev. 2012)

No entanto, no meio do vislumbre de esperança, persistem áreas cinzentas sobre esta nova vida que eles começam em um país que não têm tradição de migração haitiana. Avalia-se primeiro, a atuação “humanitária” desse mesmo governo negando categoricamente o acesso a seu território à cada centenas de haitianos, incluindo mulheres grávidas e crianças. Depois, avalia-se, a espera de quase três meses que durou a liberação para o grupo que esteve na fronteira peruana-brasileira. Lembrando que o governo brasileiro só se flexibilizou após intensa pressão dos prefeitos locais, peruanos e brasileiros não governamentais, organizações de direitos humanos e até associações.

4.2 Haitianos entre refúgio e imigração

Naturalmente, além das estatísticas, pronunciamentos e cobertura do recente fluxo de cidadãos haitianos para cá, tem uma parte da mídia nacional, digamos uma mídia

“mais interessada”, que acompanha as discussões que acontecem paralelamente sobre as representações e reflexões das categorizações desta problemática.

Um artigo de Barata & Carolina (2012), publicado em abril pelo portal O Estrangeiro, cobriu uma mesa redonda sobre a questão dos refugiados e a migração econômica de haitianos no Brasil, promovida pela Fundação Casa de Rui Barbosa¹². Abordando a temática dos refugiados e direitos humanos no Brasil, a professora Batista contextualizou os migrantes haitianos no universo dos fatores que levam à migração, sendo estes os cataclismos, invasões de colonizadores e a migração forçada. Sintetizou tal questão com “Assim somos todos imigrantes”. Argumentando que o fenômeno migratório se dá através de duas principais vertentes: o migrante voluntário, que busca melhores condições de vida e que tem vínculo empregatício reconhecido pelo poder público, e o migrante forçado, aquele que foge de seu país em busca de condições de vida mais dignas.

A professora explicou que não podemos confundir o migrante forçado com o refugiado, pois este último é reconhecido pelo governo do país que o acolheu como tal. O que implica uma série de direitos e deveres prescritos em tratados internacionais, como a Convenção de Genebra de 1951, a qual regula os status legais dos refugiados. Nesta análise Batista destaca que o caso dos haitianos talvez devesse seguir pela lógica de casos especiais de refugiados naturais – aqueles que são forçados a deixar seu local por motivos de catástrofes naturais – que não estão previstos na Convenção de Genebra.

“Diferentemente do que as pessoas imaginam e do que é exibido na mídia não existe essa avalanche de haitianos no Brasil” ressaltou Paulo Sergio de Almeida (Presidente do CNIg, Ministério do Trabalho e Emprego). A raiz do movimento foram as questões ambientais no Haiti, mas a questão econômica está bastante ligada. Os haitianos recém-chegados são tratados como refugiados, mas na realidade não são. Eles utilizaram essa válvula de escape, se apresentando assim, pois dessa forma a entrada no Brasil seria mais simples e mais fácil. Mas o imigrante haitiano não é refugiado, e também não é um imigrante

¹² Eu mesma assisti a estas palestras, e no final, ainda troquei algumas impressões sobre as ideias tratadas neste trabalho com a professora da UFRJ, Vanessa Oliveira Batista; que é pesquisadora em direitos humanos da Faculdade Nacional de Direito- UFRJ. Participaram da mesa, esta professora e também o pesquisador do setor de Direito da Casa de Rui Barbosa, Charles P. Gomes.

econômico, isso se deve ao fato de que o nosso país ainda é dotado de uma regulamentação nacional que defina o imigrante. (Pantaleão, 2012)

Esta discussão é pertinente quando o governo brasileiro tratou de categorizar os vistos humanitários à massa de haitianos, depois de alegadamente se “complicar” com a Lei 9.474/97 que define os mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951 da ACNUR (“Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados”, criado pela Convenção).

Nesta complicação, destacam-se as críticas da suposta “política” de seletividade dos imigrantes para o Brasil. No seu artigo intitulado “O Haiti não é aqui, nem ali” o pesquisador de Direitos Humanos e Direito de Refúgio, Toledo (2012), reclama que no momento em que o governo brasileiro decide limitar a entrada de haitianos, o número de portugueses e espanhóis migrando para o Brasil não para de aumentar. Recordando que além dos haitianos há um número imenso de estrangeiros de diversas nacionalidades engrossando o atual fluxo migratório para o Brasil, o pesquisador acusa que a chegada da denominada “mão-de-obra qualificada” – que, ressalte-se, migra também fugindo da crise do trabalho – é incentivada pelo governo e, celebrada pelas grandes empresas e pela mídia. Admite que de fato não há como negar a importância do trabalho qualificado, mas aponta ainda que, por outro lado, será difícil para o governo defender esta política migratória das acusações de racismo.

Afinal, por que se denomina de “crise” (ou “invasão”) a chegada de 4 mil haitianos enquanto há 276 mil portugueses no país? Por que aos haitianos não se pode oferecer nada além do direito humanitário, isto é, a gestão biopolítica e compassiva da vida nua? (Toledo, 2012)

Nesta discussão, considerando que se trata de poucos milhares de haitianos em algumas cidades do Norte, fugitivos de uma catástrofe natural e humanitária retumbante – aliás, ocorrida num país diante do qual o Brasil assumiu especiais compromissos, inclusive o inédito protagonismo numa missão de paz (a polêmica MINUSTAH) – e arribados numa região cujas gigantescas obras carecem de mão de obra, só pode restar a impressão de que a grande notoriedade do caso serviu como um pretexto constrangedor, mas eficaz. Ventura & Illes (2012) colocam que, assim, a ocasião permitiu erodir a visão

do migrante como ser humano em busca de uma vida melhor, titular de direitos e deveres, como aquela propugnada pelo CNIg: parecíamos estar sob a ameaça de uma verdadeira “invasão haitiana”.

Assim, neste contexto, no mínimo controverso, há de se perguntar, portanto, se esse controle brasileiro à haitianos é baseado em critérios objetivos e impessoais ou é motivado pela aparência física do suspeito? Ou seja, a dita demonização do estrangeiro pobre?

Destas, encadeiam-se críticas e mais críticas quando se detecta diferenças nos tratamentos legais dados aos diferentes grupos imigrantes. Entre estes ou aqueles dilemas, são motivos para artigos e trabalhos técnico-científicos de especialistas convocando o governo para uma nova política e departamento de imigração, mais compatível com o exercício da democracia e direitos humanos (Agência Estado, 2012; Barata, 2012; Corrêa, 2012; Frayssine, 2012; FSIDHMB, 2012; Hajji, 2012; HM, 2012; Pantaleão, 2012; Ventura & Illes, 2012).

Na versão eletrônica deste trabalho, disponibilizamos no Anexo 2 uma resenha de imprensa sobre o fluxo imigrante de haitianos no Brasil desde 2010, após o terremoto, atualizado até 7 março de 2012.

5 Entrevistas com imigrantes haitianos no Brasil

Os haitianos que chegaram em conjunto ao Brasil são, em sua maioria, trabalhadores experientes e tecnicamente qualificados, e também muito cientes sobre as oportunidade de emprego do mercado brasileiro.

“Há indícios de que eles se instruíram, antes de viajar, sobre os setores do País em expansão e as chances de inserção”, disse o presidente do Conselho Nacional de Imigração, Paulo Sérgio de Almeida. (Trecho da reportagem do jornal O Estado de S. Paulo online, publicado em 15 jan. 2012)

“Os haitianos que chegaram no Brasil pela fronteira do Acre até o dia 12 janeiro deste ano, todos já foram encaminhados ao trabalho. Inicialmente eles vinham só, agora eles vêm com as famílias inteiras e tudo, inclusive com crianças. O objetivo deles é São Paulo. Eles querem chegar aqui, não ficam no Acre. Uma pequena comunidade se estabeleceu aqui no Acre, de 20-30 haitianos no máximo; mas o foco deles é ir para São Paulo ou Sul do país. E são de fato essas empresas que vêm recrutá-los. Eles sabem que no Brasil nós temos grandes obras, que nós estamos trabalhando com o problema da Copa do Mundo e das Olimpíadas; e eles têm informações sobre as usinas hidrelétricas do Madeira, aqui em Rondônia. Então, eles vêm com a visão das duas usinas hidrelétricas próximas ao Acre, e no Sul do Brasil onde tem muitas propostas na área de trabalho, sobretudo, no trabalho industrial.” (Secretário dos Direitos Humanos do Estado do Acre, Nilson Mourão, conversando em direto do Acre com o Jornal das Dez – Globo News, 12 abr. 2012)

Esses indícios podem ser verificados quando conversamos com alguns desses imigrantes. É um caso, o haitiano Pierre que estava na República Dominicana quando o terremoto de janeiro de 2010 destruiu metade de Porto Príncipe. Ele que perdeu a mãe e a esposa, deixou os dois filhos, de 13 e 14 anos, sobreviventes da tragédia, com amigos para emigrar para o Brasil. Em depoimento ao portal Opera Mundi, da UOL, Pierre explica que “Primero tentei viajar para os EUA e depois para a França, mas não consegui a autorização em nenhum caso”. Preferiu então o Brasil, tomando por base as impressões de um “povo acolhedor” e a abundância de empregos. No Brasil, conseguiu a autorização de ingresso logo que entrou ilegalmente, reforça. Escolheu Porto Velho, porque é um lugar “tranquilo, aonde se pode viver em paz”, uma cidade de 436 mil habitantes sem a agitação de grandes metrópoles.

No entanto, esses imigrantes que buscam refúgio em massa pela fronteira Norte do país percorrem caminhos tortuosos, conforme tratamos nos capítulos anteriores e relatados em manchetes.

Em entrevista ao repórter Altino Machado para o Blog da Amazônia, da Terra Magazine, a antropóloga paulista Thaissa Lumie Yamauié (formada na UFSCar, com especialidade em migrações) falou do seu trabalho como voluntária do Centro de Direitos Humanos e Educação Popular do Acre. Aliando-se ao haitiano Esdras Hector, no final de dezembro, realizou entrevistas com grupos de imigrantes haitianos que sofreram abusos e violências no percurso rumo ao Brasil. Durante os dias que passou no município de Brasiléia, a antropóloga conseguiu reunir relatos detalhados do trajeto e dos acontecimentos que envolveram a diáspora haitiana em solo acreano. Ela constatou que os grupos migrantes estavam sendo vítimas de extorsão, roubo, estupros e mortes quando percorreram territórios do Peru e da Bolívia.

Um vídeo de fevereiro, publicado pela UOL Notícias, mostra entrevistas com dois destes imigrantes que, já em São Paulo, partiram 24 para trabalhar no norte do Paraná em empresa de carga e descarga. A capital paulista já tem reduto dos caribenhos na região da Baixada do Glicério, e o consulado do país estava servindo como “agência de empregos”, selecionando oportunidades para os recém-chegados.

“O Brasil vai pelo caminho do desenvolvimento. Já é um país desenvolvido! Eu saí do meu país em direção à República Dominicana. De lá, para a Argentina. E de lá, para São Paulo. Quero ficar no Brasil, fazer uma vida e buscar minha família para viver aqui porque eu amo muito o Brasil.” (Makendon Eliacin, imigrante haitiano partindo da Baixada do Glicério, no Centro de São Paulo, para trabalho no Paraná; UOL Notícias, 5 fev. 2012)

“Não há grande diferença entre a cozinha do Haiti e a do Brasil. Mas do ponto de vista econômico, há uma grande diferença! Eu quero trazer a minha família para cá. Quero voltar para o Haiti só para visitar, afinal, é a minha terra natal.” (Sadrac Darcelin, imigrante haitiano partindo da Baixada do Glicério, no Centro de São Paulo, para trabalho no Paraná; UOL Notícias, 5 fev. 2012)

O caso dos haitianos que foram barrados na cidade peruana Iñapari, não sabia que as fronteiras estavam fechadas, uma vez que já estavam em viagem quando o policiamento de bloqueio foi ordenado. Quase três meses depois, um dos haitianos,

Germain Guerbem, dizia à reportagem da BBC Brasil: “Não sabia que a fronteira estava fechada, achei que a cruzaria no mesmo dia”. O jovem de 24 anos lamentava: “Gastei todo o meu dinheiro na viagem e, mesmo que quisesse, não teria condições de voltar ao Haiti”. Guerbem, que buscava chegar a São Paulo, estava dormido na praça central de Iñapari com dezenas de compatriotas, em sua grande maioria homens. O grupo também contava cerca de 20 mulheres e crianças que foram alojadas por moradores locais em suas casas ou em armazéns. Os restantes dormiam espalhados pela cidade, sob qualquer cobertura que os protegesse das frequentes chuvas. Segundo Guerbem, a comida que alimentava o grupo era doada por associações caridosas de Assis Brasil. Ele se queixava das dificuldades para tomar banho, já que moradores estavam cobrando para ceder seus chuveiros. Na altura, o jovem apelava: “Peço que os brasileiros nos ajudem a entrar, porque não podemos aguentar mais”.

Nesta reportagem da BBC, o pedreiro haitiano Facius Etienne, alçado ao posto de líder do grupo e encarregado a representar o grupo nas negociações, transmitia o desespero do grupo pela situação; mas dizia em espanhol fluente: “Mesmo assim, temos fé que vamos entrar, porque nos disseram que no Brasil havia trabalho para nós. Se houvesse trabalho no Haiti, não teríamos vindo”. O grupo, dizia Etienne, era composto por muitos profissionais, como carpinteiros, eletricitas e mecânicos. Na expectativa de entrar, muitos estavam até fazendo aulas de português com uma professora voluntária de Assis Brasil.

Após os três meses de espera em Iñapari, quando o grupo obteve permissão de entrada no Brasil e começou a cruzar a fronteira, o líder Facius Etienne contava à BBC Brasil: “Fizemos uma festa ontem à noite. Após tanta calamidade e sofrimento, e a viagem desde o Haiti, deixamos agora nosso agradecimento ao povo do Peru, que nos acolheu e nos deu abrigo e comida, e agora aos brasileiros, onde poderemos trabalhar e ter uma nova vida”. “Só queremos trabalhar. Trabalhar para ajudar nossas famílias. E agora poderemos fazer isso no Brasil. É um grande prazer ver nossas mulheres arrumando as malas para partirmos. É uma alegria no coração”, acrescentou.

O jornal O Globo publicou, em janeiro, uma reportagem em vídeo que levanta algumas questões da situação de 1,3 mil imigrantes haitianos que haviam entrado na pequena Brasília.

A chegada

O Globo – Quando você chegou ao Brasil?

Fresner Jeune (pedreiro haitiano) – Eu cheguei aqui no Brasil há três meses. Já tenho o meu CPF, e me falta dinheiro para ir até Rio Branco para tratar de Trabalho.

O sonho

Jacksin Etienne (haitiano) – Eu tenho um irmão e quero que ele venha para cá no Brasil, porque ele joga bem futebol. Ele quer ser um grande jogador, e por isso quero que ele seja a primeira pessoa que venha.

Fresner Jeune (pedreiro haitiano) – Em São Paulo, eu sei que há muita possibilidade de eu conseguir um diploma de trabalho, pois é o que toda a gente diz sobre as oportunidades por lá para quem quiser trabalhar.

A realidade

O Globo – Como vocês estão vivendo aqui?

Abel Díaz (haitiano) – Nós estamos vivendo aqui como um animal.

Luz Marina Menezes (chefe do gabinete da prefeitura de Brasileia) – Eles chegam na verdade sempre muito baqueados da viagem. Sempre um tem algum tipo de doença, apresenta algum tipo de doença. A gente tem feito trabalhos de prevenções dos haitianos; e porque não de toda a cidade. Contamos com a nossa rede de saúde, mesmo precário. Não estávamos preparados, então falta mão-de-obra, equipamentos, e remédios. Mas, estamos buscando também ajuda do governo do Estado para que a gente possa fazer esse atendimento até a gente ter uma destinação mais completa; ou então até a gente conseguir impedir, ou, por meio das instituições, ver de que forma a gente pode deixar ser essa porta de entrada aqui no município.

O Globo – Qual o risco a cidade corre com esse número de pessoas vivendo nesse hotel em condições difíceis?

Janildo Bezerra (assessor da prefeitura de Brasileia) – Olha, o hotel, a gente tem uma ideia que ele pode hospedar em torno de 100 pessoas de forma confortável. E acredita-se que lá tem mais de 800 pessoas; então o aglomerado é muito grande. Tem pessoas dormindo no chão, no corredor, dentro de banheiros; então a gente teme que possa acontecer um surto. Não sei nem te explicar surto de quê, mas Deus ajude que a gente não venha a ter problema com esse aglomerado de gente num local tão apertado.

Luz Marina Menezes (chefe do gabinete da prefeitura de Brasileia) – E a gente tem tido esse cuidado de oferecer, dentro da nossa possibilidade, esse atendimento.

5.1 Vida nova no Brasil

Apesar das dificuldades, o Brasil ainda estava longe de ser o paraíso sonhado pelos haitianos. Ainda assim, quando se documentam e conseguem emprego, o sentimento é de mais e mais esperanças de prosperidade. É o caso do carpinteiro Josias Mirvil “Aqui temos casa, nós dormimos e comemos bem”, falava quando foi escolhido para trabalhar na construtora de Santa Catarina ao lado de mais 16 haitianos.

“Estamos muito felizes com este avanço e sabendo que passos importantes foram dados para que eles possam obter os documentos permanentes e melhor integrar-se na sociedade, no trabalho e na vida que desejam reconstruir no Brasil”, se expressou irmã Rosita Milesi, missionária scalabriniana e diretora do Instituto Migrações e Direitos Humanos, à Agência de Notícias UniCEUB (Martins, 2012).

Entrevista *in loco*

O Sr. Ernst Casséus, haitiano, 30anos, hoje no Rio de Janeiro, nos concedeu uma entrevista sobre o tema tratado neste trabalho: migração haitiana para o Brasil.

Formado em Economia pela Université d’Etat d’Haïti (UEH), o Sr. Casséus também chegou a estudar Turismo na República Dominicana; onde esteve trabalhando nos últimos sete anos como Agente de Turismo e Pacotes de Vendas. Poliglota (*créole*

haitiano, francês, inglês, espanhol, português e alemão), ele também tem sido professor particular de línguas: francês, espanhol e inglês.

Quando saiu do Haiti? Por quê?

Ernst Casséus – Saí do Haiti no ano 2004 quando no país estava difundida uma revolta social muito grave. O governo nessa altura perseguia os estudantes da Universidade. Não me sentia seguro, por isso decidi me mudar temporariamente para República Dominicana até que as coisas voltassem ao normal. E lá fiquei por sete anos.

Há dois anos que o Ernst pensava em se mudar para o Brasil. Essa ideia foi ganhando força quando alguns turistas brasileiros que conheceu em Punta-Cana falaram-lhe das ótimas oportunidades do setor turístico daqui. Na altura, ele morava e trabalhava como agente nessa cidade turística da República Dominicana. Os amigos argumentavam que o Brasil é um país muito bom que, ao contrário da República Dominicana, o povo brasileiro é mais acolhedor, receptivo e muito mais alegre. Um amigo haitiano (Wilbert) que trabalhava no mesmo hotel que ele em Puna-Cana, que agora mora no Brasil e trabalha numa empresa em Curitiba (empresa que ele não mencionou o nome) chegou até a se oferecer para ajudar para conseguir visto de residência no Brasil.

Ernst Casséus – Muitos brasileiros que conheci me disseram que o Brasil é muito bom mercado para eu trabalhar e crescer na minha carreira. A pesar de ter certa estabilidade econômica na República Dominicana, sempre sonhava em deixá-lo por ser um país altamente racista. Por questões históricas do passado, os Dominicanos não gostam conviver com haitianos, na ilha que estão compartilhando. Foi uma decisão individual; cheguei aqui e depois chegou a minha esposa.

Lhe foi feita alguma proposta de trabalho no Brasil? Quem fez? Qual foi a propostas?

Ernst Casséus – Não recebi nenhuma proposta formal de trabalho, mas os brasileiros que conheci me falavam que poderia conseguir um bom emprego no setor turístico porque falo várias línguas. Insistiam que, dada a minha experiência e

qualificação na área, com certeza ia conseguir bom trabalho em pontos como Copacabana, Búzios ou outros polos turísticos.

Foi abordado por atravessadores ou procurou alguém para lhe ajudar a organizar a viagem?

Ernst Casséus – Não. Sou agente de turismo por isso não precisei de informações de viagens e nem de ajuda por parte de terceiros.

Então motivado, Ernst foi ao consulado brasileiro lá na República Dominicana solicitar o visto, que foi negado. Com o terremoto que atingiu o país, ele e a família perderam casa e tudo, então precisou de mais dinheiro para poder ajudar a família.

Ernst Casséus – Um tempo depois que o visto foi negado pelo Consulado, soube que o Brasil abriu as suas portas para acolher os haitianos na fronteira Amazônica. Aí, não perdi tempo e comprei minha passagem Peru, com visto de negócio de ano. Ainda no Peru cheguei a tentar de novo o visto brasileiro, que foi negado outra vez; talvez por já ter sido negado uma vez na República Dominicana. Logo segui para atravessar a fronteira.

Qual foi o percurso? Quanto tempo durou? Quais foram as etapas e estações (países e cidades)?

Ernst Casséus – A viagem durou dois dias. Viajei desde Santo Domingo até Lima capital do Peru, com uma escala na cidade do Panamá. De Lima peguei um voo para Iquitos, daí segui pelo rio Amazonas numa viagem de barco até Tabatinga.

Quais foram as dificuldades da travessia (tanto a marítima como a terrestre)?

Ernst Casséus – Foi uma viagem muito cansativa.

Quando chegou à fronteira brasileira? O que aconteceu? Se apresentou na Alfândega?

Ernst Casséus – Quando cheguei na fronteira no dia 20 de outubro de 2011, fiz a saída na migração do Peru já que tinha visto de lá. Já era de noite quando atravessei para

o lado brasileiro. Passei a noite numa casa que a Paroquia do Espírito Santo alugou para receber os haitianos. Como as condições de higiene da casa não eram lá muito agradáveis, no dia seguinte aluguei um quarto enquanto esperava o protocolo para seguir viagem para meu destino final, a cidade de Rio de Janeiro. Neste mesmo dia entreguei meu passaporte ao sacerdote Gonzalo Ignacio Franco, encarregado de cadastrar os migrantes haitianos, que é o link entre os haitianos e as autoridades federais.

Quais foram as dificuldades?

Ernst Casséus – Para atravessar a fronteira até o território brasileiro não houve problemas.

Tinha outros imigrantes na fronteira?

Ernst Casséus – Chegaram uns seis haitianos juntos comigo.

Ernst lamentou a situação de lá vendo os outros haitianos sofrendo, contou que ficou um pouco decepcionado com a recepção que teve; pois não era nada parecido do que lhe fora dito. Ele achava que assim chegasse no Brasil, ia conseguir emprego; mas a sua realidade foi bem diferente. Ele viu que os outros haitianos que passavam necessidades.

Ernst Casséus – Uma vez que a gente chegou em Tabatinga as ilusões foram desaparecendo pouco a pouco. Muitos imigrantes haitianos foram enganados por traficantes que lhes cobraram de US\$ 1.500 a 5.000 para realizar a viagem, prometendo todo tipo de sonhos. Mas quando a gente chegou aqui a realidade foi diferente do prometido. Muitas pessoas, vítimas do desastroso terremoto, venderam tudo que tinham (casas, terreno, animais, veículos, etc). Algumas pessoas pegaram empréstimos em bancos para vir para o Brasil em procura de melhores oportunidades. Eram mais de 800 pessoas vivendo em condições inaceitáveis.

Qual foi o episódio mais crítico nessa empreitada?

Ernst Casséus – A coisa mais indignante que podia assistir em Tabatinga foi: o sacerdote Gonzalo tinha um tablet que filmava e tirava fotos na hora do almoço fornecido

pela igreja. Ele gravava e ria dos haitianos que lutavam pela comida. A quantidade de comida era para 50 pessoas quando estavam presentes mais de 100. Não tinha nenhuma organização por parte da igreja católica.

Ernst contou também como ficou triste ao ver como que os jornais de Manaus falavam dos haitianos. Disse que colocavam os haitianos como se fossem a pior coisa do mundo; que haitianos traziam doenças: “Cólera vem da MINUSTAH”, lembrou o Ernst.

Quem lhe ajudou e ajudou outros haitianos?

Ernst Casséus – Umas 60 pessoas tomavam uma xícara de café com pão pela manhã, e o almoço era na paróquia do pastoral do migrante em Tabatinga. O resto recebia ajuda da sua família que está no Haiti ou no outro país como Estados Unidos e Europa. Eu trouxe meu dinheiro para a viagem, não recebi nenhuma ajuda de parte das autoridades brasileiras ou das instituições de caridade. A situação estava tão grave que tivemos que formar um comitê para aportar soluções aos nossos problemas; eu era porta-voz. Esse comitê escreveu ao padre Gonzalo, que falou com a Polícia Federal sobre suposta corrupção que estava acontecendo com os tramites; escrevemos ao deputado federal de Manaus, o senhor José Ricardo; organizamos uma conferência de imprensa na Universidade Estadual do Amazonas (UEA); e conversamos com a imprensa e os Direitos Humanos. Até que um dia a Globo chegou para mostrar a todo o Brasil a triste situação de sobrevivência que nós haitianos estávamos passando ali. Daí que o governo do Brasil fechou a fronteira e votou a lei que deu visto de 5 anos aos haitianos que tinham entrado no solo brasileiro, além dos 100 vistos mensais que deverão ser concedidos no Consulado brasileiro em Porto Príncipe. Os haitianos estavam ali permanecidos em Tabatinga, desempregados à espera do seu protocolo da Polícia Federal, estavam sendo vítimas de traficantes humanos. Mas com essas medidas, tudo aquilo foi apagado. É uma vitória para todos os migrantes haitianos que estão morando no Brasil.

Como está a sua situação agora?

Ernst Casséus – Tenho um emprego depois de muito tempo de espera. Mas ainda não estou nada satisfeito com a minha condição de vida no Brasil. Eu cheguei aqui

porque pensava encontrar melhores oportunidades de crescimento, até agora não aconteceu.

O que você gosta e não gosta?

Ernst Casséus – O povo brasileiro é muito gentil e acolhedor. Também é uma sociedade muito racista, violenta e o pior tem uma burocracia que limita bastante aos estrangeiros crescer no país.

Quais são os seus projetos?

Ernst Casséus – Cheguei aqui no Rio de Janeiro com a ilusão de poder ser empresário. Quero abrir um restaurante de comida caribenha. Ao mesmo tempo gostaria trabalhar no turismo e abrir uma agência de viagem onde pode-se comprar os passeios desde aqui. Até agora tudo fica num quarto de sonhos.

Você acha que vai ficar para sempre aqui no Brasil ou conta ir embora algum dia?

Ernst Casséus – Não vou ficar no Brasil para sempre. Estabeleço-me um tempo máximo de permanência de quatro anos mais ou menos. Mas, durante esse tempo pretendo ir visitar meu país sempre; tenho saudades da minha família e dos meus pais.

O Ernst diz que, na verdade, não tem preferência ainda se pretende voltar para o Haiti ou migrar para outro país depois dos tais quatro anos.

Ernst aproveitou para fazer a cobrança de que: o Brasil não está preparado para receber imigrantes estrangeiros, e que deveria se preparar mais, principalmente a nível institucional, para receber melhor seus visitantes. Ele terminou dizendo que não é refugiado, que veio para cá a procura de um futuro melhor num país que está crescendo, e economicamente é melhor do que o seu país de nascimento. O economista lamentou a forma que seus irmãos haitianos foram tratados, e reclamou da realidade de quando se chega aqui, muito distante daquilo é difundido pelos brasileiros no Haiti. Finalizou levantando que o Brasil deve repensar sua política migratória.



Fonte: Foto retirada de documento sobre imigrantes haitianos (Wooding & Moseley-Williams, 2005).

6 Considerações finais: conclusões e questionamentos

A tragédia do terremoto de 2010 devastou o Haiti, e a epidemização da cólera em 2011 o arrasou. Após os tremores em Port-au-Prince, talvez receosos pelas históricas características migratórias desse povo uma vez que o país tem frente forte presente no território, o Ministério das Relações Exteriores anunciou uma iminente “invasão” de mais de 20 mil haitianos por ano. Hoje, dois anos e meio depois, chegaram pouco mais que 4 mil. Inicialmente solicitando refúgio, as autoridades brasileiras os lançou na ilegalidade, na imobilidade e na precariedade, suspendendo tais protocolos apenas para estes. Como se não bastasse, a Polícia Federal teve ordens de barrar outras novas tentativas de haitianos nas fronteiras do Norte.

Com o barramento surgiram as primeiras críticas à postura brasileira frente aos haitianos migrantes. O professor da UFRJ e coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios (NIEM), Helion Póvoa Neto, questionou: “É uma questão politicamente difícil. Vamos deportar pessoas para um país onde fazemos uma

intervenção humanitária?”, em referência à liderança brasileira da missão militar da ONU no Haiti (Idoeta, 2012). Ou seja, a mesma instabilidade política que justificava a missão militar brasileira no Haiti foi negada como razão para pedir refúgio. Hoje a entrada de haitianos no Brasil está sob as rédeas da Resolução restritiva do CNIg.

É o caso: o Brasil do faça o que eu digo, e não faça o que eu faço?

Esta é uma questão levantada pelo blogueiro de Direitos Humanos, Paulo Pavesi, sobre o comportamento do Brasil como país à “invasão” dos haitianos, quando no passado o governo Lula condenou as restrições do parlamento Europeu contra a imigração do ilegal no Velho Continente. Nas palavras de Pavesi: “Hummm.. entendi. Bloquear a entrada de imigrantes ilegais haitianos. Mas e aquela historinha do direito de circular livremente? E aquela crítica à Europa? E a acusação de xenofobia do presidente Lula? O que mudou?”.

De fato, a política do Estado brasileiro, hoje, restringindo os refugiados naturais do Haiti, não vai em nada de encontro quando em 2008, o então presidente Lula, ele mesmo, chegou a invocar o artigo 13º da Declaração Universal dos Direitos Humanos que assina que “Todo ser humano tem o direito de circular livremente”, contra as restritivas Europeias, que afetariam também as condições sociais que imigrantes ilegais enfrentariam por aqui.

É o caso de políticas de imigração seletiva?

O país deve limitar a entrada de imigrantes haitianos? Europeus, Norte-Americanos bem-vindos; haitianos barrados?

Realmente é difícil entender o raciocínio “estranho” que tenta transformar restrições em benesses. Sem qualquer novidade, requeixa-se a política histórica de cerceamento à imigração oriunda de determinados países ou regiões. O limite foi estabelecido ao sabor do arbítrio. Ele não se apoiou em qualquer avaliação da demanda por mão-de-obra ou do tamanho da dinâmica da diáspora haitiana. O temor de que os recém-chegados tragam as suas famílias inteiras é infundado: praticamente todas as famílias haitianas têm seus mais bem formados membros espalhados entre os Estados

Unidos, o Canadá, a República Dominicana, Cuba e outras ilhas do Caribe, a França, e os diversos Sul Americanos.

Na mesma tacada que criou barreiras discricionárias à vinda de haitianos, algo que deveria envergonhar um país que nas últimas décadas tanto se beneficiou com as remessas de sua própria diáspora, o governo brasileiro aplaude a chegada de dezenas de milhares de europeus, ajudando esses imigrantes a contornar a burocracia, segundo acusações.

Embora, as suas fortes raízes africanas, o Brasil sendo um país que se espelha muito na Europa e Estados Unidos, as suas chegadas chegam a ser uma publicidade boa; agora um fluxo de haitianos pra cá é considerada pura invasão.

De fato, grande surpresa é que diante da tamanha complacência da última anistia migratória aos europeus, surja uma Resolução governamental restringindo os novos fluxos haitianos. Agora, é importante argumentar que não há diferenças significativas de qualificação entre os bem acolhidos europeus e os vilipendiados haitianos, mas sim uma seletividade míope, centrada no status de seus países de origem. Talvez seja assim que complexos de inferioridade e mecanismos de auto-complacências se reproduzam, mas certamente não é assim que uma política migratória moderna e eficaz devesse se concretizar.

Não podemos trazer o Haiti para o Brasil

Não podemos descartar as reações do povo brasileiro em relação ao recente fluxo migratório dos haitianos pra cá. Alguns brasileiros expressam publicamente seu ceticismo quanto à aceitação dos haitianos, refletindo sentimentos normalmente não associados com o Brasil.

O jornalista André Forastieri declarou que o Brasil não deve nada aos haitianos, afirmando que países europeus e os Estados Unidos foram os que contribuíram para os problemas do Haiti. “Já temos bastante pobre fabricado aqui mesmo, disposto a trabalho de peão. O Brasil tem seus próprios haitianos, made in Brazil”, disse Forastieri em sua coluna no portal R7. “O Brasil não precisa dos imigrantes haitianos, e o Haiti não precisa do Brasil” (Romero, 2012).

É o caso também de um comentário feito no Blog da Amazônia sobre o tema noticiado do BOX 1, que me chamou muita atenção. Assinado no nome de Luiz Alcarde Carneiro, e postado no Blog no dia 23/05/2012, 09h43, dizia:

“O povo brasileiro desempregado e que paga seus impostos e veem seus direitos banidos por uma população de imigrantes que estão roubando seus empregos. Já são mais de 6 mil haitianos no Brasil que receberam carteira de trabalho e visto de permanência e terão uma cota prevista de 100 haitianos por mês com direito a trazer toda sua famílias, todos terão o direito ao visto de permanência, acha pouco, está havendo uma evasão em massa para o Brasil. [...] O povo haitiano está em febre em busca de ilusões no Brasil, aqui não é nenhum paraíso, há moradores de rua, há misérias, há favelas e falta sim emprego para a classe trabalhadora brasileira. Olhar a miséria de outros povos e importá-la para o Brasil é no mínimo insana. [...] O Brasil já contribuiu com milhões de reais para reconstruir o Haiti, toda reconstrução requer mão de obra, porque não buscam reconstruir seu próprio país. O Brasil quer fazer média perante a opinião internacional para conseguir um assento na ONU e com isso o povo brasileiro tem que fazer concorrência com estrangeiros em seu próprio país. Logo irá dispensar os brasileiros de seus trabalhos para pagar 500 reais a um haitiano.”

Assim esses são apenas retratos do que seria uma hipocrisia dizer que não existe preconceito no Brasil ainda mais de classe social. Com essas reações, não fica difícil entender como se chegou a se perceber uma “imigração seletiva” claramente testada sobre os refugiados naturais haitianos.

Boas notícias

Organizações nacionais e internacionais de apoio às migrações e grupos de pesquisa e estudo sobre as migrações sediados em diferentes universidades brasileiras têm acompanhado com apreensão a realidade enfrentada pelos imigrantes haitianos na fronteira da região norte do Brasil assim como a cobertura dada a essa realidade pela mídia brasileira e internacional. Alinhados com a necessidade de um tratamento dessa nova realidade como uma questão de direitos humanos, fizeram circular, desde janeiro, um manifesto em defesa e apoio aos imigrantes haitianos. O grupo de especialistas sugeria ao governo brasileiro que veja nesse momento a oportunidade de tornar concreta

para o país e para o mundo a postura humanitária, importante para outorgar ao Brasil reconhecimento político e econômico no contexto internacional.

É também “boa notícia” que o Brasil e os brasileiros saibam que os 4 mil novos permanentes temporários vêm de uma gente com índole histórica de guerreiros, persistentes, esperançosos e também migrantes.

O que o povo haitiano tem de sofrido, de estigmatizado, de prejudicado, de ser vítima de qualquer tipo de preconceito, ele também tende a ser um povo forte que não abandona nunca, que sempre vai a busca do seu sonho, seja o que acontecer. Quando ele cair, sempre dará um jeito de se levantar, e segue a vida. Repare no símbolo de coragem e de persistência exprimido pelo sociólogo Franck Seguy, que estava aqui finalizando o seu mestrado em Serviço Social na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) quando dos tremores de janeiro de 2010:

Você acredita que o Haiti será um país sólido no futuro?

Franck – Eu acho que vai acontecer duas coisas: ou o Haiti vai desaparecer ou vai se libertar. Na consciência do povo haitiano, não há outro meio como viver. Para o povo falta o meio para lutar por sua liberdade agora. Mas isso é uma coisa que está até escrito na bandeira haitiana: “Viver livre ou morrer”. Não conheço outra opção. Há outros esforços que incentivam outra opção. Mas o haitiano conhece apenas essas duas opções. (Entrevista concedida durante a abertura do 29º Congresso do ANDES–SN, à ADUFPA Seção Sindical, 26 jan. 2010)

A fuga de cérebros haitianos

Não se pode apenas ver imigrantes haitianos como uma mão de obra barata, ele também tem poder de inclusão social e presença intelectual; Yves André Cribb é um exemplo ativo no território brasileiro. O professor doutor Cribb da UFRRJ também é pesquisador da Embrapa entre outros órgãos de fomento, hoje está à frente de um projeto tripartite Estados Unidos- Brasil- Moçambique. Com experiência no assunto da migração, ao lhe perguntar a sua opinião sobre o tema, fez seguinte comentário: “Tenho certeza de que, um dia, o Haiti vai sair desta situação lamentável. Nosso país vem de adotar a versão da constituição que reconhece a dupla nacionalidade. Isso é um grande passo em direção

a uma maior aproximação de seus filhos que vivem no exterior. Muitos deles têm competências suficientes para gerenciar processos de desenvolvimento”.

Nesta discussão, cabe Michaëlle Jean como um grande exemplo de fuga de cérebros da imigração haitiana. Ela nasceu em Port-au-Prince, Haiti, imigrou para o Canadá com a família em 1968, fugindo do regime ditatorial da época. Seus pais, Roger e Luce, eram professores. Em 1965, Jean Roger foi sequestrado por capangas de Duvalier. Empossada em 2005, a Right Honourable Michaëlle Jean, exerceu funções de chefe de Estado como a 27ª Governadora Geral do Canadá, desde Confederação em 1867. Durante seu mandato, a Governadora Geral foi agraciada com diversos títulos honoríficos nacionais e internacionais.

O caso desta haitiana é um exemplo interessante para o Brasil que ainda não reconhece o direito a voto dos imigrantes. Neste sentido, Brasil vai ficando isolado num continente em que o direito ao voto dos migrantes já foi reconhecido por Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, México e Peru. Definitivamente o Brasil deve repensar seu sistema migratório.

Opinião

A discussão abordada aqui trata de indivíduos deslocados de seu ambiente de origem e a maneira como os seus movimentos para cá têm sido forjados por uma determinada mídia. Então a escolha do caso dos haitianos, está ligado principalmente ao fato no qual o Estado receptor utiliza para a sua imagem internacional uma ação tipificada como humanitária no território dos tais migrantes.

Desta perspectiva, a discussão pode ser entendida, como aliás foi levantado por alguns críticos, que de fato o Estado brasileiro não “precisa” dos haitianos cá, mas de passar a imagem de “bom mocismo”; que por sua vez remete a imagem publicitária em que o país se valorizaria nas suas pretensões em ser reconhecido como potência regional.

O caso da imagem na mídia dos imigrantes haitianos como se viu ultrapassa a simples fronteira do Brasil e do Haiti. E supera e extravasa as questões de natureza social e das “areias movediças” comunicação, e tende a diplomacia. Não está apenas nem em Brasília nem em Port-au-Prince, pois o êxodo do assunto está também no prédio da ONU em Nova York.

Dentre os atores sociais envolvidos nas situações deste recente fluxo migratório (Figura 5), identifica-se diferentes e variadas suposições.

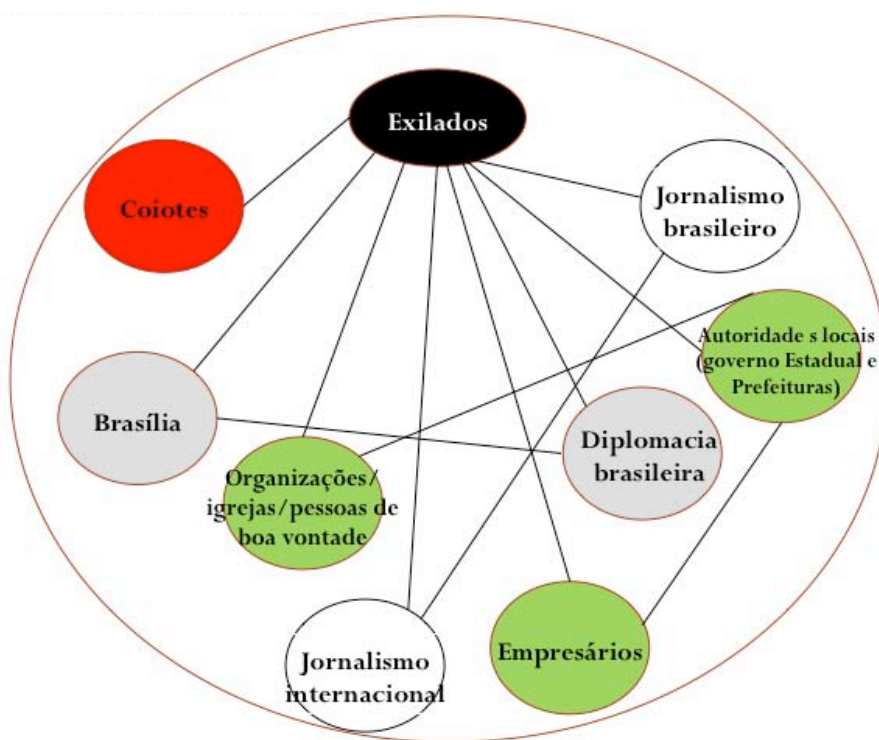


Figura 5 Relacao dos atores sociais envolvidos no caso dos novos fluxos haitianos no Brasil.

Como discutimos entende-se que o governo deve ter a sua visão politizada, e talvez parte dos nativos vêem os haitianos como concorrência de trabalho, e os parte do empresariado “beneficiário” os enxergam como possível mão-de-obra barata e desprovidos de proteções trabalhistas, que querem mesmo é mandar boa parte dos seus rendimentos para as suas famílias no Haiti.

Existe também uma interrelação envolvendo as representações das mídias internacionais sobre o caso. Muitas dessas costumam fazer simples reproduções das representações processadas por aqui. Algumas outras representam outras visões mais críticas, como o caso da manchete do canadense La Press (Marull, 2012): “Les Haitiens moins accuellis”.

Referências

ADUFPA. Leia entrevista com o haitiano Franck Seguy, durante congresso do ANDES-SN. **ADUFPA Seção Sindical**, 29 jan. 2012. Disponível em: <http://www.pstu.org.br/internacional_materia.asp?id=11203&ida=0>. Acesso em: 2 jul. 2012.

AFROCUBA. Haiti in Cuba. Disponível em: <<http://www.afrocubaweb.com/haiticuba.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

AGÊNCIA BRASIL. Concessão de vistos para haitianos no Brasil só atendeu 30% da cota. (1 mar. 2012). Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2012/03/01/interna_brasil,291523/concessao-de-vistos-para-haitianos-no-brasil-so-atendeu-30-da-cota.shtml>. Acesso em: 9 jun. 2012.

AGÊNCIA BRASIL. Epidemia de cólera no Haiti começou com soldados do Nepal, diz relatório. (30 jun. 2011). Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2011-06-30/epidemia-de-colera-no-haiti-comecou-com-soldados-do-nepal-diz-relatorio>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

AGÊNCIA ESTADO. Nova lei de imigração focada em direitos. **Portal O Estrangeiro**, 17 mai. 2012. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/04/30/nova-lei-de-imigracao-focada-em-direitos/>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

ALLMAN, James. Haitian migration: 30 years assessed. **Migration Today**, vol. X, No. 1, pp. 7-12, 1982.

AMERICAS-FR. Haiti: Histoire. Disponível em: <<http://www.americas-fr.com/histoire/haiti.html>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

AMNESTY INTERNATIONAL. Haiti. **Informe 2012 – Anistia Internacional**, pp. 144-146. Disponível em: <http://files.amnesty.org/air12/air_2012_countryreports_pt-br.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2012.

ANGLADE, Georges. Les haïtiens dans le monde. Disponível em: <<http://www.lehman.cuny.edu/>>. Acesso em: 8 jun. 2012.

ASANO, Camila. Entrevista sobre a política migratória para haitianos. **Radio Nacional**, versão áudio, abr. 2012. Disponível em: <<http://soundcloud.com/conectas/camila-asano-da-conectas-fala>>. Acesso em: 30 abr. 2012.

BARATA, Iamê. Migrar é um direito humano. **Portal O Estrangeiro**, 17 jun. 2012. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/06/17/migrar-e-um-direito-humano/>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

BARATA, Iamê; CAROLINA, Ruana. Haitianos entre refúgio e imigração. **Portal O Estrangeiro**, 19 abr. 2012. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/04/19/refugio-e-imigracao-haitiana/>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

CAPES/CNPQ/DCE. Manual do Programa de Estudantes-Convênios de Pós-Graduação. Brasília: **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico/Divisão de Temas Educacionais-MRE**, 2008.

CARVALHO, Cleide (repórter). A situação dos haitianos em Brasileia. **O Globo**, versão vídeo, 7 jan. 2012. Disponível em: <<http://globo.tv.globo.com/infoglobo/o-globo/v/a-situacao-dos-haitianos-em-brasileia/1758827/>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

CIA WORLD FACTBOOK. Central America and Caribbean: Haiti. **CIA World Factbook**, 7 jun. 2012. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ha.html>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

COLLECTIF HAITI DE FRANCE. Situation des Haïtiens migrants en République Dominicaine. Disponível em: <<http://www.collectif-haiti.fr/republique-dominicaine.php>>. Acesso em: 10 mai. 2012.

COLLEGE OF THE BAHAMAS. Haitian migrants in the Bahamas 2005. (Final Draft) A Report for the International Organization for Migration, set. 2005, 144p.

CORRÊA, Ruana. Política migratória e direitos humanos. **Portal O Estrangeiro**, 30 mai. 2012. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/05/30/politica-migratoria-e-direitos-humanos/>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

DAMASCENO, Valder. Assembleias de Deus recebem evangélicos refugiados do Haiti. **Gnotícias- Gospel Mais**, 6 abr. 2012. Disponível em: <<http://noticias.gospelmais.com.br/assembleias-deus-recebem-evangelicos-refugiados-haiti-32819.html>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

ECHO. Ajuda em favor das vítimas das inundações de novembro de 2006 no noroeste e o sudeste do Haiti. **Comissão Europeia, Direção Geral da Ajuda Humanitária**, 2007.

ESTADÃO. Haitianos sonham com vaga na usina. **Jornal O Estado de S. Paulo**, 1 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,haitianos-sonham-com-vaga-na-usina,894146,0.htm>>. Acesso em: 1 jul. 2012.

FELLET, João. Barrados há 77 dias, haitianos dormem em praça no Peru à espera de decisão do Brasil. **BBC Brasil**, Brasília, 29 mar. 2012. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/videos_e_fotos/2012/03/120328_video_haitiano_fronteira_jf.shtml>. Acesso em: 11 jun. 2012.

PUFF, Jefferson. Imigrantes haitianos entram no Brasil após três meses de espera. **BBC Brasil**, São Paulo, 10 abr. 2012. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/04/120410_haitianos_entrada_brasil_jp.shtml>. Acesso em: 2 jul. 2012.

FRAYSSINE, Fabiana. Brasil entre dos necessitados. **Portal periodismohumano**, 7 mar. 2012; **Portal O Estrangeiro**, 14 abr. 2012. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/04/14/brasil-entre-dos-necessidades/>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

FSIDHMB. Manifesto em defesa de uma nova lei de migração pautada nos direitos humanos e na solidariedade entre os povos. **FSIDHMB- Fórum Social pela Integração e Direitos Humanos dos Migrantes no Brasil**, São Paulo, 10 abr. 2012. Disponível em:

<<http://oestrangeirodotorg.files.wordpress.com/2012/04/manifesto-em-defesa-de-uma-nova-lei-de-migrac3a7c3a3o.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

GALLIBOUR, Erric. Les Haïtiens em Guyane: de l’immigration à la stigmatization des immigrés haïtiens en Guyane. **Portail d’information sur la communauté haitienne de France**, 10 nov. 2007. Disponível em: <<http://haitiensenfrance.online.fr/spip.php?article41>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

GLOBO NEWS. Haitianos passam por processo de adaptação no Brasil. **Jornal das Dez – Globo News**, versão vídeo, 12 abr. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/t/todos-os-videos/v/haitianos-passam-por-processo-de-adaptacao-no-brasil/1900198/>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

GOIS, Chico. Declaração de Dilma no Haiti faz procura por vistos aumentar. **O Globo**, 4 fev. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/declaracao-de-dilma-no-haiti-faz-procura-por-vistos-aumentar-3882620>>. Acesso em: 14 jun. 2012.

HAITI-REFÉRENCE. Histoire d’Haiti: Vers l’Indépendance. **Haiti-Référence- Un Guide de Référence sur Haiti**, doc. 62307, 28 mai. 2012. Disponível em: <http://www.haiti-reference.com/histoire/per_independance.php>. Acesso em: 10 abr. 2012.

HAJJI, Moha. Brasil país de imigração? **Portal O Estrangeiro**, 11 abr. 2012. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/04/11/brasil-pais-de-imigracao/>>. Acesso em: 26 jun. 2012.

HM. Destino dos “ilegais” presos na fronteira. **Portal O Estrangeiro**, 12 jun. 2012. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/06/12/qual-e-o-destino-dos-imigrantes-ilegais-flagrados-na-fronteira/>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

IDOETA, Paula A. Conselho de Imigração aprova restrição à entrada de haitianos. **BBC Brasil**, São Paulo, 12 jan. 2012. Disponível: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/01/120112_haitianos_atualiza_pai.shtml>. Acesso em: 2 jul. 2012.

LAURIA, Lélío. A questão dos imigrantes haitianos. **Blog Acrítica, portal UOL**, 13 fev. 2012. Disponível em: <http://acritica.uol.com.br/blogs/blog_do_lelio_lauria/imigrantes-haitianos_7_633606635.html>. Acesso em: 3 jul. 2012.

LIMA, Wilson. Manaus vira “eldorado” para refugiados haitianos no Brasil. **iG Notícias**, Maranhão, 24 jul. 2011. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/am/manaus+vira+eldorado+para+refugiados+haitianos+no+brasil/n1597096112402.html>>. Acesso em: 10 mai. 2012.

LOURENÇO, Luana. Governo vai regularizar a situação de 4 mil haitianos no país. **Agência Brasil**, 10 jan. 2012. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-01-10/governo-vai-regularizar-situacao-de-4-mil-haitianos-no-pais>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

MACHADO, Altino. “Coiotes” conduzem mais haitianos até a fronteira Brasil-Peru. **Blog da Amazônia /Terra Magazine**, 15 mai. 2012. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/blogdaamazonia/blog/2012/05/15/coiotes-conduzem-mais-haitianos-ate-a-fronteira-brasil-peru/>>. Acesso em: 30 mai. 2012.

MACHADO, Altino. Haitianos relatam que encontraram corpos em decomposição durante fuga para o Brasil, diz antropóloga. **Blog da Amazônia /Terra Magazine**, fev. 2012. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/blogdaamazonia/blog/2012/01/05/haitianos-relatam-que-encontraram-corpos-em-decomposicao-durante-fuga-para-o-brasil-diz-antropologa/>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

MANIFESTO de apoio aos haitianos. **Portal O Estrangeiro**, 13 abr. 2012. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/04/13/manifesto/>>. Acesso em? 28 jun. 2012.

MARTINS, Rosinha. Imigrantes haitianos conseguem emprego na Construção Civil e moram nas periferias do Distrito Federal. **Agência de Notícias UniCEUB, Revista Missões**, versão online 6 mai 2012. Disponível em: <<http://www.revistamissoes.org.br/noticias/ler/id/5227>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

MARULL, Yana. Les Haitiens moins bien accueillis au Bresil. **La Press, Agence France-Presse**, Brasília, 11 jan 2012. Disponível em: <<http://affaires.lapresse.ca/economie/international/201201/11/01-4484914-les-haitiens-moins-bien-accueillis-au-bresil.php>>. Acesso em: 13 jul 2012.

MEC/MRE. Manual do Programa de Estudantes-Convênios de Graduação. Brasília: **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Superior/Ministério das Relações Exteriores, Divisão de Cooperação Educacional**, 2004.

MENDES, Vannildo. Maioria que chega tem boa qualificação. **O Estado de São Paulo**, Brasília, 15 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,maioria-que-chega-tem-boa-qualificacao-,822854,0.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

MENINO, Thomas M. Haitian immigrants in Boston. **City of Boston: imagine all the people**, mar. 2007. Disponível em: <<http://www.bostonredevelopmentauthority.org/PDF/ResearchPublications/Haitian%20UPDATE%20FINAL.pdf>>. Acesso em: 19 mai. 2012.

MHAVE. Etat Haïtien / Mon Pays. **MHAVE- Ministere des Haitiens Vivant a l'Etranger**, 2012. Disponível em: <http://www.mhave.gouv.ht/index.php?option=com_content&view=article&id=112&Itemid=27>. Acesso em: 10 abr. 2012.

MUNIZ, Ricardo. Primeiro grande terremoto na região do Haiti foi registrado em 1795. **Portal G1**, 13 jan. 2010. Disponível <<http://g1.globo.com/>>. Acesso em 30 mai. 2012.

NAVIA, Raimundo G. E. **El haitiano em Cuba**, 17 abr. 2012. Disponível em: <<http://elhaitianoencuba.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 18 jun. 2012.

ONU. O furacão Jeanne no Haiti: efeitos sobre danos e departamentos no Noroeste e Artibonite. **Nações Unidas, Comissão Econômica para América Latina e no Caribe**, mar. 2005, p. 6.

OSAVA, Mario. Megaobras Rondônia em pólo de atração de imigrantes do Haiti. **Portal Opera Mundi, UOL**, 21 fev. 2012. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/reportagens/19993/megaobras+transformam+rondonia+em+polo+de+atracao+de+imigrantes+do+haiti.shtml>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

PANTALEÃO, Gabriela. Dilemas da política migratória brasileira. **Portal O Estrangeiro**, 27 jun. 2012. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/06/18/dilemas-da-politica-migratoria-brasileira/>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

PAVESI, Paulo. Ahhh.. O Brasil do faça o que eu falo mas não faça o que eu faço. **Blog Paulo Pavesi**, 5 fev. 2012. Disponível em: <<http://ppavesi.blogspot.com.br/2012/02/ahhh-o-brasil-do-faca-o-que-eu-falo-mas.html>>. Acesso em: 3 jul. 2012.

PEREIRA, Augusto H. R. Haiti- um retrospecto da participação do Brasil. O Componente Militar da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti. **Revista Sangue Novo, AMAN**, 2007. Disponível em <<http://www.sangueverdeoliva.com.br/onu/>>. Acesso em 20 abr. 2012.

PERON, Bruno. El drama de los haitianos. **Portal Vermelho; Portal O Estrangeiro**, 28 mai. 2012. Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/05/28/drama-dos-haitianos/>>. Acesso em: 30 jun. 2012.

PORTAL O ESTRANGEIRO. Imigrantes haitianos são regularizados. (10 abr. 2012). Disponível em: <<http://oestrangeiro.org/2012/04/10/600-haitianos-regularizados/>>. Acesso em: 29 jun. 2012.

PNUD. Informe Nacional de Desarrollo Humano: República Dominicana 2005. Disponível em: <<http://www.bpm.uasd.edu.do/Members/jimenezp/poblacion-y-desarrollo/indh-20republicadominicana-202005-20-20sinopsis.pdf/view>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

PORTELA, Lilian. Empresários estão levando haitianos de Manaus para o sudeste do Brasil. **Portal D24am**, 23 mai. 2012. Disponível em:

<<http://www.d24am.com/amazonia/povos/empresarios-estao-levando-haitianos-de-manaus-para-o-sudeste-do-brasil/59522>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

RADIO-CANADA. La diaspora haïtienne. (15 jan. 2010). Disponível em <<http://www.radio-canada.ca/nouvelles/International/2010/01/15/015-Diaspora.shtml>>. Acesso em 14 abr. 2012.

REDAÇÃO ÉPOCA. Terremoto no Haiti poderia ter sido 20 vezes mais forte. **Revista Época**, 15 jan. 2010a. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI116344-15227,00-TERREMOTO+NO+HAITI+PODERIA+TER+SIDO+VEZES+MAIS+FORTE.html>>. Acesso em: 30 mai. 2012.

REDAÇÃO ÉPOCA. Terremoto do Haiti entre os piores da história. **Revista Época**, 18 jan. 2010b. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI116666-15227,00-TERREMOTO+DO+HAITI+ENTRE+OS+PIORES+DA+HISTORIA.html>>. Acesso em: 30 mai. 2012.

ROMERO, Simon. Haitianos geram debate sobre políticas de imigração seletiva. **Opinião & Notícia**, 8 fev. 2012. Disponível em: <<http://opiniaoenoticia.com.br/brasil/haitianos-geram-debate-sobre-politicas-de-imigracao-seletiva-no-brasil/>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

ROUDELIN, Augustin. Haiti des catastrophes plus dévastatrices les unes que les autres (2004-2010). **RFI Atelier des médias**, 28 jan. 2010. Disponível em <<http://atelier.rfi.fr/profiles/blogs/haiti-des-catastrophes-plus>>. Acesso em 01 jun.2012.

SARRES, Carolina; MASSALI, Fábio. Empresas gaúchas contratam haitianos que entraram no país com visto humanitário. **Agência Brasil**, 11 mai 2012. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-05-11/empresas-gauchas-contratam-haitianos-que-entraram-no-pais-com-visto-humanitario>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

SOUZA, Elói. Construção civil e comércio acolhem haitianos em Arapongas. **Portal Tnonline**, 6 abr. 2012. Disponível em:

<<http://tnonline.com.br/noticias/arapongas/46,123197,06,04,construcao-civil-e-comercio-acolhem-haitianos-em-arapongas.shtml>>. Acesso em: 27 jun. 2012.

STATISTICS CANADA. La communauté haïtienne au Canada. **Statistique Canada**, n. 11, 2007. Disponível em: <<http://www.statcan.gc.ca/pub/89-621-x/2007011/4123274-fra.htm>>. Acesso em: 20 de mai. 2012.

THOMAZ, Ribeiro; NASCIMENTO, Sebastião. Fronteira social e fronteira de serviço. **O Estado de S. Paulo**, 28 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,fronteira-social-e-fronteira-de-servico,828430,0.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

TOLEDO, Fabrício. O Haiti não é aqui, nem ali. É um êxodo e uma linha de fuga. **Global Brasil**, Edição 15; **Portal O Estrangeiro**, 14 abr. 2012. Disponível em: <<http://www.revistaglobalbrasil.com.br/?p=1024>>. Acesso em: 2 mai. 2012.

UOL NOTÍCIAS. Refugiados haitianos falam sobre perspectivas no Brasil. **Portal UOL**, versão vídeo, 5 fev. 2012. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/videos/assistir.htm?video=refugiados-haitianos-falam-sobre-perspectivas-no-brasil-04024C9B3170DCA12326>>. Acesso em: 2 jul. 2012.

USGS. Earthquakes with 1,000 or more deaths since 1900. U.S. Geological Survey, **Hazards Program**. Disponível em: <http://earthquake.usgs.gov/earthquakes/world/world_deaths.php>. Acesso em: 30 mai. 2012.

VALLER FILHO, Wladimir. **O Brasil e a crise haitiana: a cooperação técnica como instrumento de solidariedade e de ação diplomática**. Brasília: Instituto Rio Branco, Fundação Alexandre Gusmão- Ministério das Relações Exteriores, Fundação Biblioteca Nacional, 2007, 396 p.

VENTURA, Deisy; ILLES, Paulo. Qual a política migratória do Brasil? **Le Monde Diplomatique Brasil**, São Paulo, 7 mar. 2012. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1121>>. Acesso em: 15 jun. 2012.

WOODING, Bridget; MOSELEY-WILLIAMS, Richard. Les immigrants haïtiens et leurs descendants en République Dominicaine. Port-au-Prince: **Catholic Institute for International Relations (CIIR); ISPOS**, 2005, 110 p.

WORLD BANK. Data World Bank: Haiti. **The World Bank**, 2010. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/country/haiti>>. Acesso em: 16 abr. 2012.

Anexos (versão CD)

Anexo 1 Haitianos: Residências Permanentes concedidas (28 abr – 29 jun 2012)

Anexo 2 Resenha de imprensa: Haitianos no Brasil (19 mar 2010 – 7 mar 2012)

| Residências Permanentes concedidas pelo Departamento de Estrangeiros/SNJ/MJ no Diário Oficial de 28.04.2011 | |
|---|-----------------------|
| <i>Nome</i> | <i>Nº Processo MJ</i> |
| ALEX DARCELIN | 08505.071789/2010-94 |
| AMOS LAGUERRE | 08241.001167/2010-47 |
| ANDRES JEAN PHILIPPE | 08241.001235/2010-78 |
| ANDY CARRIEN | 08241.001236/2010-12 |
| ANEL DOUZE | 08241.000861/2010-47 |
| ANGELET DUKENSON | 08241.001594/2010-25 |
| ANIA BENOIT | 08221.002265/2010-30 |
| ANOUX VALERIUS | 08241.000938/2010-89 |
| AUGUSTIN FLORESTAL | 08505.071787/2010-03 |
| BENEL ALCY | 08241.001099/2010-16 |
| BENILIA DEUS | 08241.001199/2010-42 |
| BENIRA JEAN LOIUS | 08241.001166/2010-01 |
| CHESNEL JOACHIM | 08241.000932/2010-10 |
| CHINA ILESSAINT | 08241.001599/2010-58 |
| CHRISNOR ALINDOR | 08241.001170/2010-61 |
| CLARCK NICOLAS | 08241.000598/2010-96 |
| DANIEL ORELIEN | 08241.000978/2010-21 |
| DAVID NICOLAS | 08241.000912/2010-31 |
| DENIS THOMAS | 08241.000961/2010-73 |
| DIEULEFILS FRANÇOIS | 08241.000575/2010-81 |
| DIEUMOND DORCE | 08241.001067/2010-11 |
| DIMY MARTHURIN | 08241.001633/2010-94 |
| DISSILIEN BELJOUR | 08241.000974/2010-42 |
| EDLINE JEUNE | 08241.001243/2010-14 |
| ELANGE HILAIR SAINT | 08241.000963/2010-62 |
| ELIMOND AMILCA | 08241.001189/2010-15 |
| ERNEST MILIEN | 08241.001134/2010-05 |
| ERNSO CINE | 08241.001597/2010-69 |
| FADLER CELESTIN | 08241.001061/2010-43 |
| FAUBERT AMBOISE | 08241.000982/2010-99 |
| FEDNER FRANCOIS | 08241.000934/2010-09 |
| FILS-AIME CONSTANT | 08241.001198/2010-06 |
| FOUFOUNE ALCINDOR | 08241.001615/2010-11 |
| FRANTZ ANTOINE | 08241.001149/2010-65 |
| FRESNEL JACQUES CELONDIEU | 08241.001076/2010-10 |
| FRITZ NESTOR | 08241.000972/2010-53 |

| | |
|--|----------------------|
| FRITZNER JEAN | 08241.001080/2010-70 |
| FRUITZ PAUL | 08241.001083/2010-11 |
| GARVENS LEONARD | 08241.001590/2010-47 |
| GERMAINE JEAN BAPTISTE | 08221.002268/2010-73 |
| GERMANIE OCCELIN | 08221.001611/2010-62 |
| GINA DESMARAIS | 08241.000985/2010-22 |
| GUYMA CINE | 08241.001190/2010-31 |
| ICLES DORVIL | 08241.000597/2010-41 |
| IFAULENE JOSEPH | 08241.001113/2010-81 |
| JACKSON JOCELYN | 08241.001593/2010-81 |
| JACQUELINE MARSEILLE | 08241.001174/2010-49 |
| JASMIN ST LOUIS | 08241.000989/2010-19 |
| JEAN ABNER FLORESTAL | 08241.001081/2010-14 |
| JEAN ANACCIS CHARLES | 08241.001169/2010-36 |
| JEAN BERGEAU FRANCIQUE | 08241.001106/2010-80 |
| JEAN CLOTAIRE MUSCADIN, SOPHIA CELUSCA e ASOMBROSA MUSCADIN | 08241.001192/2010-21 |
| JEAN DENY MORISTIN ELYSE | 08241.000905/2010-39 |
| JEAN DESTIN | 08241.000987/2010-11 |
| JEAN DIEUSEUL CIGUENE | 08241.000904/2010-94 |
| JEAN DIEUSEUL NOVEMBRE | 08241.001077/2010-56 |
| JEAN DIEUNET DEMOSTHENE | 08241.001617/2010-00 |
| JEAN DIEUVESE SAINT-VIL | 08241.001188/2010-62 |
| JEAN EDGARD JEAN | 08241.001179/2010-71 |
| JEAN EMMANUEL DEMESIERE | 08241.001180/2010-04 |
| JEAN ERNEST JOSEPH | 08241.001163/2010-69 |
| JEAN FRANCK DORVIL | 08241.000965/2010-51 |
| BAPTICHON | 08241.001135/2010-41 |
| JEAN FRITZNEL CENAT | 08241.001176/2010-38 |
| JEAN GILNER COLIN | 08241.001084/2010-58 |
| JEAN GUY CARIUS | 08241.001595/2010-70 |
| JEAN-JACQUES PAUL | 08241.000977/2010-86 |
| JEAN-JEAN DEJEAN | 08241.001137/2010-31 |
| JEAN-JEAN VALSAINT | 08241.001121/2010-28 |
| JEAN JOEL BLANC | 08241.001133/2010-52 |
| JEAN LUCKNER SIGUENEY | 08241.000475/2010-55 |
| JEAN LUNES PROSPERE | 08241.001078/2010-09 |
| JEAN MARIO ELUSTIN | 08241.001132/2010-16 |
| JEAN MICHELET SERA | 08241.001206/2010-14 |
| JEAN MILCA PAUL | 08241.001009/2010-97 |

| | |
|---|----------------------|
| JEAN MURADIEU NAPPOLEON | 08241.001191/2010-86 |
| JEAN ODINEL PAUL | 08241.001148/2010-11 |
| JEAN-PHAEL PAUL | 08221.002269/2010-18 |
| JEAN ROBENSON CHOUTE | 08220.012416/2010-78 |
| JEAN ROBERT AURELIEN | 08241.001183/2010-30 |
| JEAN SADRAC CARRIE | 08241.001200/2010-39 |
| JEAN SAMIEL JOSEPH | 08241.001216/2010-41 |
| JEAN SOUFFRANCE FILS-AIME | 08241.001168/2010-91 |
| JEAN TECHELET VALESTIL | 08241.000991/2010-80 |
| JEAN WIGENN LOUIS | 08241.001588/2010-78 |
| JEAN WILLY YSAUS | 08241.001098/2010-71 |
| JEAN WILQUENE DAVID | 08241.001110/2010-48 |
| JEAN YVES MARS | 08241.001075/2010-67 |
| JEANEL INNOCENT | 08241.001185/2010-29 |
| JOACHIM SHERLYNE | 08297.001092/2010-59 |
| JOCELYN VICTORIN | 08241.001138/2010-85 |
| JHON THITUS | 08220.012415/2010-23 |
| JHONSON SIMON | 08241.001195/2010-64 |
| JOISSAINT JN-PHILIPPE | 08241.001234/2010-23 |
| WILSOR JOLIMEAU | 08505.071790/2010-19 |
| JONAS DORCEUS | 08241.001151/2010-34 |
| JOSEPH DANIEL NOEL | 08505.071784/2010-61 |
| JOSEPH PHANORD | 08241.001088/2010-36 |
| JUDITH ANDRE | 08241.001598/2010-11 |
| JUNIOR BERNARD FEQUIERE | 08241.001244/2010-69 |
| KESNER CILENCIEUX, JULIANA SILENCIEUX, DELITANE DELIMEAU, STANIA CILENCIEUX, SHILOVE CILENCIEUX, EVENS DEROCHES | 08241.001193/2010-75 |
| KETTELLY THEVENIN | 08241.000798/2010-49 |
| LANICE MONNAZARD | 08241.001187/2010-18 |
| LOUIS PIERRE | 08241.001139/2010-20 |
| LOULOU FONCILAN | 08241.000864/2010-81 |
| LOURDIE PETIT-FRERE | 08205.001902/2010-59 |
| LOVENSKY BARTHELEMY | 08505.071788/2010-40 |
| LUCIEN SENECHARLES | 08241.001238/2010-10 |
| LUCKNER CHARLES | 08221.002266/2010-84 |
| LUDERS INNOCENT | 08241.001237/2010-67 |
| LUDES CIDOINE | 08241.001182/2010-95 |
| MACCENE PETIT-FRERE | 08241.000964/2010-15 |

| | |
|--------------------------------|----------------------|
| MAGDA FERTIL | 08241.001164/2010-11 |
| MAGUEDALA CLODIUS | 08241.001596/2010-14 |
| MAJORIE BERRY | 08241.001591/2010-91 |
| MANUS JEAN | 08220.012414/2010-89 |
| MARC-ELIE RENAUD | 08241.001239/2010-56 |
| MARC-ELIE PIERRE | 08241.000990/2010-35 |
| MARGARETH JEAN SIMON | 08241.001215/2010-05 |
| MARIE CARMEL LOUIS | 08241.001122/2010-72 |
| MARIE GINA CORRIOLAN | 08241.001634/2010-39 |
| MARIE GINIQUE BENJAMIN | 08241.001160/2010-25 |
| MARIE LYANIE CHARLES | 08241.001586/2010-89 |
| MARIE MONIQUE SEMEXANT | 08241.000941/2010-01 |
| MARIE NANCY BOSSA | 08241.000788/2010-11 |
| MARIE SUZE CAYO | 08241.001194/2010-10 |
| MARIE YOLETTE PANDACHE-BRIZARD | 08241.001208/2010-03 |
| MARIENNE JOACHAIN | 08241.001240/2010-81 |
| MARIO FREDERIC | 08221.001610/2010-18 |
| MARISE SYLVESTRE | 08221.002271/2010-97 |
| MARTHA BELLEVUE | 08241.001065/2010-21 |
| MASSICOT POMPEE | 08221.002272/2010-31 |
| MAXIS CHAUVET | 08241.001184/2010-84 |
| MAYO DIT MARRIO ALCINDOR | 08241.000983/2010-33 |
| MERIDOR LUCIEN | 08241.001210/2010-74 |
| MICARDO LEGRAND | 08241.001070/2010-34 |
| JONH-SON MICHAUD | 08364.001204/2010-21 |
| MICHELET DESVARIEUX | 08221.002270/2010-42 |
| JEAN MICHELET MISERE | 08241.001082/2010-69 |
| MOISE JUNIOR JEAN | 08241.000893/2010-42 |
| MONAZARD PIERRISTIL | 08421.001245/2010-11 |
| MORALES ALEZIE | 08241.001105/2010-35 |
| NARCERE SAINT-CLAIR | 08241.001108/2010-79 |
| NATHAN RIDORE | 08241.000857/2010-89 |
| NICOLE MAXY | 08241.001087/2010-91 |
| NOEL IZIDORE | 08241.000574/2010-37 |
| NONO TELFORT | 08241.001124/2010-61 |
| OCTAVIEN MONDESIR | 08241.001352/2009-06 |
| ODNEY GASPARD | 08241.001064/2010-87 |
| ONEL RIDORÉ | 08241.000862/2010-91 |
| OSNEL VINCENT | 08241.001618/2010-46 |

| | |
|--------------------------|----------------------|
| OUCEL GEDEUS | 08241.000986/2010-77 |
| PEGUY MICHEL | 08505.011458/2010-03 |
| PHARA LOUIS JEUNE | 08241.001248/2010-47 |
| PHILISTIN FILS AIME | 08241.001207/2010-51 |
| SAGESSE PIERRE | 08221.001928/2010-07 |
| PRENELUS EDMOND | 08221.001612/2010-15 |
| REGINALD JANVIER | 08241.001205/2010-61 |
| ROBENSON DAVID | 08241.001159/2010-09 |
| ROBENSON INNOCENT | 08241.001066/2010-76 |
| ROBENSON MERVIL | 08241.000962/2010-18 |
| RODENER CAMEUS | 08241.001069/2010-18 |
| RONALD ANIVERT | 08241.001012/2010-19 |
| RONALD PIERRE | 08241.000992/2010-24 |
| ROOBENS MICHEL | 08241.000901/2010-51 |
| ROSE BERTHA JOURNAL | 08241.001589/2010-12 |
| ROSE GARCELLE METELLUS | 08241.001072/2010-23 |
| ROSE MICA DUVERT | 08241.000984/2010-88 |
| SADAT JOACHIM | 08297.001147/2010-21 |
| SADRACK FREZIN | 08221.002267/2010-29 |
| SAJOUS SAINT-AUDE | 08241.001007/2010-06 |
| SALVANY BERNARD | 08241.001114/2010-26 |
| SANDELIN CEAN | 08241.001060/2010-07 |
| SANER DUME | 08241.001131/2010-63 |
| SIMON BENOIT | 08241.001079/2010-45 |
| SIVILENCE SOUVERAIN | 08241.001196/2010-17 |
| SMITE JOACHIN | 08241.001592/2010-36 |
| STEVEN SAEL | 08241.001013/2010-55 |
| VALERY MOREAU | 08241.001186/2010-73 |
| VATIL BENJAMIN | 08241.000899/2010-10 |
| VILIANE DEFENSEUR | 08221.001609/2010-93 |
| WATSON DESMARET | 08241.001587/2010-23 |
| WILEM JEAN LOUIS | 08241.001123/2010-17 |
| WILNER GUE | 08241.001181/2010-41 |
| WINDSOR PADOVANY | 08241.001165/2010-58 |
| YDOVIC PORCIA | 08241.001152/2010-89 |
| YOLANDE MUSCADIN THIMEUS | 08241.001074/2010-12 |
| YOLLANDE ZEPHIR | 08241.000795/2010-13 |
| YVELT ATTYS | 08241.001063/2010-32 |

| Residências Permanentes concedidas pelo Departamento de Estrangeiros/SNJ/MJ no Diário Oficial de 02.05.2011 | |
|--|------------------------------|
| <i>Nome</i> | <i>Nº Processo MJ</i> |
| CHRYSLER ROUSSEAU | 08241.000210/2010-57 |
| WILLIO GILOT | 08241.000209/2010-22 |
| NAHOMIE MARCELLUS | 08335.006740/2010-60 |
| GRACIUS ESTIVERNE | 08241.000427/2010-67 |
| JEAN MARY PAUL | 08241.000366/2010-38 |
| JOSEPH JEAN CHRIS MARC | 08205.001858/2010-87 |
| ALEXANDRE SCHILLER | 08241.000428/2010-10 |
| ANCELOT ST -LOUIS | 08241.000308/2010-12 |
| JOLIMO GENE | 08505.006855/2010-55 |

| Residências Permanentes concedidas pelo Departamento de Estrangeiros/SNJ/MJ no Diário Oficial de 18.07.2011 | |
|--|------------------------------|
| <i>Nome</i> | <i>Nº Processo MJ</i> |
| FRANCILO EXILUS | 08220.001136/2010-34 |
| WALNY CEIDE | 08220.014949/2010-94 |
| ADEMAT AZELUS | 08220.014950/2010-19 |
| LETEMPS ALEXANDRE | 08220.014951/2010-63 |
| WILSON EXAVIER | 08220.019051/2010-11 |
| WISBIN VAL | 08221.000001/2011-22 |
| ZAVEAU JEAN | 08221.000002/2011-77 |
| JEAN FLANGOT TILUS | 08221.000003/2011-11 |
| SONIQUE LAPOITE | 08221.000004/2011-66 |
| WALACO FRANCIN | 08221.000006/2011-55 |
| IZIDOR COMPERE | 08221.000007/2011-08 |
| ADISSA JOSAPHAT | 08221.000009/2011-99 |
| MONDESTIN CHARLES | 08221.000011/2011-68 |
| NOBERT THELEMAQUE | 08221.000012/2011-11 |
| ILFRIDE JEAN-MARY | 08221.000013/2011-57 |
| MARDOCHE LENEUS | 08221.000015/2011-46 |
| LUCKNER ALTILUS | 08221.000016/2011-91 |
| JANEL JOSEPH | 08221.000017/2011-35 |
| GUERDY CHERY | 08221.000018/2011-80 |
| ELIABE LEGER | 08221.000019/2011-24 |
| MISTRAL MICHEL | 08221.000021/2011-01 |
| RUBENS CHARLES | 08221.000022/2011-48 |
| VICTOR GABRIEL | 08221.000023/2011-92 |

| | |
|-----------------------|----------------------|
| JACQUES PAUL | 08221.000024/2011-37 |
| JACSON TOSINCE | 08221.000029/2011-60 |
| LUCANES VERDIEU | 08221.000030/2011-94 |
| ARIELLE MORENCY | 08221.000031/2011-39 |
| JEAN KESNEL CEROME | 08221.000067/2011-12 |
| CHARLEMAGNE DESIR | 08221.000069/2011-10 |
| GILBERT CENAT | 08221.000072/2011-25 |
| JOSE BRAVE | 08221.000074/2011-14 |
| JEAN ACASE CHARLES | 08221.000075/2011-69 |
| ESTACHE DUGAZON | 08221.000076/2011-11 |
| MATTHIEU ALEXANDRE | 08221.000077/2011-58 |
| WILFRID ALEXANDRE | 08221.000078/2011-01 |
| VIGENS JOSEPH | 08221.000079/2011-47 |
| WILEME JEANTIS | 08221.000080/2011-71 |
| ISMAELLE AURELIEN | 08221.000082/2011-61 |
| MIRLENE AUGUSTE | 08221.000085/2011-02 |
| SYLVIO EXIMA | 08221.000133/2011-54 |
| STEPHANOT GABRIEL | 08221.000134/2011-07 |
| EVENS DUPERVAL | 08221.000145/2011-89 |
| AUGUSTIN ESTIMABLE | 08221.000146/2011-23 |
| JEAN CLAUDE ESTIMABLE | 08221.000147/2011-78 |
| CHENEL DUCERNE | 08221.000148/2011-12 |
| FANEL ESTIMABLE | 08221.000149/2011-67 |
| JEAN FRITHO | 08221.000150/2011-91 |
| GETHRO JOSEPH | 08221.000151/2011-36 |
| FUCIEN METHELUS | 08221.000153/2011-25 |
| ALEX SEPTEMBRE | 08221.000154/2011-70 |
| CHELOT SAINT JEAN | 08221.000155/2011-14 |
| JULIANA OVILMAR | 08221.000156/2011/69 |
| MISIANA SAGESSE | 08221.000157/2011-11 |
| BENITHO TOUSSAINT | 08221.000158/2011-58 |
| JN PAUL ST FORT | 08221.000159/2011-01 |
| DIEGO JEAN BAPTISTE | 08221.000179/2011-73 |
| WILNOUSE FLORESTAL | 08221.000180/2011-06 |
| SERGE THERAMENE | 08221.000181/2011-42 |
| PAUL EDOUARD LEI | 08221.000182/2011-97 |
| RENAUD PIERRE | 08221.000183/2011-31 |
| PATRICE PETIT-HOMME | 08221.000184/2011-86 |
| JEAN SOBNER DAVID | 08221.000185/2011-21 |

| | |
|-------------------------|----------------------|
| PREDESTIN CORIDON | 08221.000186/2011-75 |
| DARLINE LAFLEUR | 08221.000187/2011-10 |
| PRESLET SAINT-VIL | 08221.000188/2011-64 |
| WISLY GUSTAVE | 08221.000189/2011-17 |
| ECLESIASTE JEUNE | 08221.000190/2011-33 |
| FEDLET PIERRE | 08221.000191/2011-88 |
| WILMANN DERONVIL | 08221.000192/2011-22 |
| GUYTO CHERY | 08221.000209/2011-41 |
| ANEL CASUMAT | 08221.000210/2011-76 |
| SYLVESTRE SERVIUS | 08221.000212/2011-65 |
| FRANCKER JOSEPH | 08221.000214/2011-54 |
| SAMUEL DORVILUS | 08221.000215/2011-07 |
| BAZELAIS ST PHARD | 08221.000216/2011-43 |
| YOLANDE CHERISME | 08221.000218/2011-32 |
| LUCKNER FLEURIMONT | 08221.000222/2011-09 |
| MICHELET JOSEPH | 08221.000223/2011-45 |
| JEAN MAURANCE FILS JEAN | 08221.000224/2011-90 |
| JONY IMPREVIL | 08221.000225/2011-34 |
| SCIER JEAN-PIERRE | 08221.000226/2011-89 |
| GUY FRANTZ JOSEPH | 08221.000227/2011-23 |
| JEAN BENITHO DESULMA | 08221.000228/2011-78 |
| JOCELYN ALTIDOR | 08221.000229/2011-12 |
| LEONCE DESIR | 08221.000230/2011-47 |
| SONIEL ELIAZARD | 08221.000231/2011-91 |
| JEAN RIGAUD JOSEPH | 08221.000232/2011-36 |
| VILIUS JEUDY | 08221.000233/2011-81 |
| ADRIN OTILUS | 08221.000234/2011-25 |
| JONATHAN MADISTIN | 08221.000235/2011-70 |
| DIEUDONNE CLERVIL | 08221.000236/2011-14 |
| ELMOSE PROPHETE | 08221.000237/2011-69 |
| MARTINE LORMILSAINT | 08221.000238/2011-11 |
| JEAN EDMOND GEORGES | 08221.000239/2011-58 |
| TANIE SAINT-CYR | 08221.000240/2011-82 |
| CYRILLE AUGUSTIN | 08221.000241/2011-27 |
| PIERRE LORMANN DORVIL | 08221.000243/2011-16 |
| WISLY JOSEPH | 08221.000244/2011-61 |
| MIRLENE JOSEPH | 08221.000246/2011-50 |
| VIERGEMENE JOSEPH | 08221.000247/2011-02 |
| JEAN MANO VIXAMA | 08221.000248/2011-49 |

| | |
|---------------------------|----------------------|
| MOREL LORESTON | 08221.000249/2011-93 |
| ST LUC JOSEPH | 08221.000250/2011-18 |
| EMMANUEL CHAMPAGNE | 08221.000251/2011-62 |
| GUSTAVE PIERRE | 08221.002341/2010-15 |
| JEAN-DEMATHA SAINT-JEAN | 08221.002370/2010-79 |
| ALCEUS SYLVESTE | 08221.002372/2010-68 |
| DALMACY MORIAL | 08221.002373/2010-11 |
| JORCELY DEMOSTHENE | 08221.002378/2010-35 |
| JEAN WIDNY PRINCE | 08221.002379/2010-80 |
| GABRIEL BRUNOSAIRE | 08221.002381/2010-59 |
| JEAN INONCE PRINCE | 08221.002382/2010-01 |
| MAXIME KEVEN PAUL | 08241.000013/2011-19 |
| JONES MILFORT | 08241.000015/2011-16 |
| JEAN LEFRANC CARRIES | 08241.000161/2011-33 |
| HUBERT AMILCAR | 08241.000162/2011-88 |
| JEAN BENISSOIT DESTIL | 08241.000163/2011-22 |
| ANTOINE PASCAL | 08241.000164/2011-77 |
| GARRY BELFLEUR | 08241.000165/2011-11 |
| JEAN DINOT PAUL | 08241.000169/2011-08 |
| JOSEPH GABRIEL BARTHELEMY | 08241.000173/2011-68 |
| ENEC JEUNE | 08241.000176/2011-00 |
| ESTILIEN HYPPOLITE | 08241.000179/2011-35 |
| DANIEL GUSTAVE | 08241.000181/2011-12 |
| HARRY PIERRE | 08241.000182/2011-59 |
| VILKENS EXUME | 08241.000185/2011-92 |
| ANTONIO LEGROS | 08241.000187/2011-81 |
| LEINZ NELZY | 08241.000354/2011-94 |
| MADSEN ADEUS | 08241.000570/2010-59 |
| JAMES GELIN | 08241.000591/2010-74 |
| YVANIA LOUIS | 08241.000596/2010-05 |
| JEAN FRANTZ CATUL | 08241.000847/2010-43 |
| JOSEPH LEROME FORTINE | 08241.000854/2010-45 |
| MENET ALEXANDRE | 08241.000878/2010-02 |
| EVLINE ANIVIN | 08241.000896/2010-86 |
| WILNER CELESTIN | 08241.000902/2010-03 |
| FRITZNEL INTERVOL | 08241.000907/2010-28 |
| JN-LEONA GABRIEL | 08241.000911/2010-96 |
| SANDLEY PIERRE | 08241.000922/2010-76 |
| CARLINE DORISCA | 08241.000926/2010-54 |

| | |
|-----------------------------------|----------------------|
| RAYMOND FRANCOIS | 08241.000935/2010-45 |
| SHLEVE DOSSOUS | 08241.001024/2010-35 |
| DIEULA FRANÇOIS | 08241.001057/2010-85 |
| LINDA PIERRE | 08241.001608/2010-19 |
| NAHOMIE JEANTY | 08241.001609/2010-55 |
| GINETTE BIJOUX | 08241.001610/2010-80 |
| GASTON LOUIS | 08241.001611/2010-24 |
| GERMAINE FORTILUS e WILIANA COLAS | 08221.000032/2011-83 |
| MANOUCHEKA DARLINE NICOLAS | 08241.001612/2010-79 |
| GUERLINE EXUME | 08241.001613/2010-13 |
| MILDER JOSEPH | 08241.001619/2010-91 |
| MARCELINE RAYMOND | 08241.001621/2010-60 |
| EBENS JEAN MARY | 08241.001622/2010-12 |
| JEAN CHRISMA ERIUS e SANDRA | 08241.001623/2010-59 |
| SERGE JOSEPH | 08241.001625/2010-48 |
| DANIELA CAYARD | 08241.001638/2010-17 |
| ROBERT JOSEPH | 08241.001639/2010-61 |
| WILNICK JOSEPH | 08241.001640/2010-96 |
| NANSIE JEANTY | 08241.001641/2010-31 |
| WILNER SALOMON | 08241.001645/2010-19 |
| JEAN RONALD ZIDOR | 08241.001646/2010-63 |
| JEAN BENITHO DUFRENE | 08241.001647/2010-16 |
| PELISSIER FLEURIMOND e MANOUCHEKA | 08241.001648/2010-52 |
| GERALD ELIAS | 08241.001697/2010-95 |
| ESPERIANCE FORSILUS | 08241.001698/2010-30 |
| ROSNER LORESTON | 08241.001699/2010-84 |
| JEAN JONAS JACQUES | 08241.001700/2010-71 |
| MYRLENE VINCENT | 08241.001704/2010-59 |
| MARIE MATHIDE PRIMAT | 08241.001705/2010-01 |
| ELISMENE BELSAINT | 08241.001706/2010-48 |
| ROSELENE FILOSIER | 08241.001710/2010-14 |
| MARIE SANDRA FILS AIME | 08241.001711/2010-51 |
| ENIDE MICHEL | 08241.001713/2010-40 |
| MARIE WILGUISE CARELUS | 08241.001716/2010-83 |
| JONISE CESAR | 08241.001717/2010-28 |
| NAOMIE CHARLES | 08241.001718/2010-72 |
| D'JOSE WEEKMEN JOHN MARTIN | 08241.001719/2010-17 |
| IVELTE CHAMPAGNE | 08297.000165/2011-76 |
| RENE RICHARD | 08460.001225/2011-39 |

| | |
|--------------------|----------------------|
| REYNALSON CORIOLAN | 08505.002673/2011-96 |
| JEAN-LOUIS MAXO | 08505.002682/2011-87 |
| GELLA ROMUAL | 08505.002692/2011-12 |
| CAPOIS SAINTILIEU | 08505.002693/2011-67 |
| SMARC DESTINE | 08505.002702/2011-10 |
| FRANCKEL JEANNOT | 08505.006819/2011-72 |
| SADRAC BELLEGARDE | 08505.053376/2010-28 |

| Residências Permanentes concedidas pelo Departamento de Estrangeiros/SNJ/MJ no Diário Oficial de 30.09.2011 | |
|--|------------------------------|
| <i>Nome</i> | <i>Nº Processo MJ</i> |
| ACTIONEL PIERRE | 08241.000498/2011-41 |
| ADELINE DORVILUS | 08241.000338/2011-00 |
| ADRIEN NOVALIEU | 08241.000515/2011-40 |
| ALBERT GUERRIER | 08241.000208/2011-69 |
| ALCINDOUARD CILUS | 08241.000532/2011-87 |
| ALIX PETIT-FRERE | 08241.000212/2011-27 |
| AMBROISE ANDRE MILIN DORILAS | 08241.000008/2011-14 |
| ANDERSON LUCIEN | 08241.000507/2011-01 |
| ANDRE DORSAINVIL | 08241.000429/2011-37 |
| ANETUS LEXIME | 08241.000206/2011-70 |
| ANGELET NOEL | 08221.000458/2011-37 |
| ANITE RIDORE | 08241.000265/2011-48 |
| ANTOINE LAROSE | 08241.000533/2011-21 |
| APPOLON TIUS | 08221.000454/2011-59 |
| ARCHANGE BEAUVAIS | 08241.000476/2011-81 |
| AUBERGE PETIT-FRERE | 08241.000219/2011-49 |
| FRANTZ AUGUSTE | 08241.000232/2011-06 |
| BAZELAIS JEAN FRANCOIS | 08241.000192/2011-94 |
| BEAUVAIS BARBOT | 08221.000456/2011-48 |
| BEN CIUS | 08221.000440/2011-35 |
| BENA BENOIT | 08241.000198/2011-61 |
| BENISOIT PRINSTIL | 08241.000422/2011-15 |
| BENOL RAYMOND | 08241.000420/2011-26 |
| BRANTY ESTIMABLE | 08221.000433/2011-33 |
| CADET CLEOPHAT | 08241.000528/2011-19 |
| CALIXTE BRUNIS | 08241.000458/2011-07 |
| CANESSE ALFRED | 08241.000432/2011-51 |
| CARLENS SIBERA | 08241.000440/2011-05 |

| | |
|---------------------------------|----------------------|
| CASTANA BELMOND | 08241.000009/2011-51 |
| CHARLES OSCAR | 08241.000494/2011-62 |
| CHELET CENAT | 08241.000485/2011-71 |
| CHOUBERT SENAT | 08241.000225/2011-04 |
| CHRISNOLD JEAN | 08241.000473/2011-47 |
| CLAMA MAXIME | 08241.000209/2011-11 |
| CLOVIUS JEAN | 08241.000199/2011-14 |
| FRED-MAX DANIEL | 08241.000222/2011-62 |
| DASLINE JEAN e FRANCK LOVE JEAN | 08241.000374/2011-65 |
| DERNO DALMAS | 08241.000448/2011-63 |
| ANNA DESIR | 08241.000264/2011-01 |
| DIEUFORT JEAN | 08241.000461/2011-12 |
| DIEUSEUL PASCAL | 08241.000215/2011-61 |
| DIEUSEUL ZIDOR | 08241.000433/2011-03 |
| DIRO PIERRE | 08241.000205/2011-25 |
| DUCKENSON JACQUECIN | 08241.000193/2011-39 |
| DUVAL SAINT-PHALUS | 08241.000203/2011-36 |
| EDDY LUCIEN | 08220.000962/2011-47 |
| EDELINE MICHEL | 08241.000388/2011-89 |
| EDMOND GABRIEL | 08241.000538/2011-54 |
| EDNER CARRIES | 08241.000496/2011-51 |
| EDVENS NOEL | 08241.000512/2011-14 |
| EMILLE NORVIL | 08241.000531/2011-32 |
| EMMANUEL BARON | 08241.000200/2011-01 |
| ENEL DULAURIER | 08241.000453/2011-76 |
| ENOCK JOSEPH | 08241.000489/2011-50 |
| ESNET JOSEPH | 08241.000221/2011-18 |
| EVENCY OCTAMAR | 08221.000438/2011-66 |
| EZECHIEL DOMINIQUE | 08221.000131/2011-65 |
| FANFAN SAINTIAS | 08241.000524/2011-31 |
| FEDEL ALEXANDRE | 08241.000430/2011-61 |
| FEDIA DERISCA | 08241.000223/2011-15 |
| FILEMON DIEUDONNY | 08241.000413/2011-24 |
| FRANCKY CHARLES | 08241.000190/2011-03 |
| FRANTZ LOUIS | 08221.000253/2011-51 |
| FRANTZCY DESROSIERS | 08241.000227/2011-95 |
| FRENEL VILMA | 08241.000445/2011-20 |
| FRITZMY ALEXANDRE | 08241.000482/2011-38 |
| GABRIEL SIMONVIL | 08221.000242/2011-71 |

| | |
|-----------------------------|----------------------|
| GREGORY CLERVENS BARTHELEMY | 08221.000459/2011-81 |
| GUERCY CELESTIN | 08241.000184/2011-48 |
| GUIMSON FILS-AIME | 08241.000513/2011-51 |
| HANCY FERDILUS | 08241.000197/2011-17 |
| HAROLD JEANTY | 08241.000239/2011-10 |
| HERCILE PAUL | 08220.000970/2011-93 |
| HERMOSE TRESALUS | 08241.000355/2011-39 |
| HERSE DEMOSTHENE | 08241.000518/2011-83 |
| HILAIRE ESTEL | 08241.000207/2011-14 |
| IRONCE GABRIEL | 08241.000217/2011-50 |
| JACOB DESTINE | 08221.000437/2011-11 |
| JEAN ADRICE DESIRE | 08241.000373/2011-11 |
| JEAN ALLY PIERRE | 08241.000457/2011-54 |
| JEAN ALOVY INNOCENT | 08241.000213/2011-71 |
| JEAN BATISTE BRUNEUS | 08241.000220/2011-73 |
| JEAN BERMANN JEAN | 08241.000369/2011-52 |
| JEAN CHARRIOT JOSEPH | 08241.000451/2011-87 |
| JEAN CLAUDE CINE | 08241.000505/2011-12 |
| JEAN CLAUDE FELIX | 08241.000427/2011-48 |
| JEAN CLAUDE SIMILIEN | 08241.000521/2011-05 |
| JEAN DADY ARISTHENE | 08241.000363/2011-85 |
| JEAN DIEUSEUL AUGUSTE | 08241.000478/2011-70 |
| JEAN EMMANUEL | 08221.000444/2011-13 |
| JEAN FRITO | 08241.000234/2011-97 |
| JEAN GARY DORSAINT | 08241.000342/2011-60 |
| JEAN GASNER CHARLES | 08241.000437/2011-83 |
| JEAN JACLIN FRANCOIS | 08241.000539/2011-07 |
| LOVENLEY JEAN JACQUES | 08220.000969/2011-69 |
| MANNO JEAN-JACQUES | 08220.000964/2011-36 |
| JEAN JUNIOR YNADIN | 08241.000202/2011-91 |
| JEAN LEMOND SAINTUMA | 08241.000424/2011-12 |
| JEAN LEONEL THOMAS | 08241.000210/2011-38 |
| JEAN LEOPAUL EDMOND | 08241.000258/2011-46 |
| JEAN MAGUENE METHELUS | 08241.000228/2011-30 |
| JEAN NICOLESON SENAT | 08241.000259/2011-91 |
| JEAN PAUL AMAZAN | 08241.000414/2011-79 |
| LUCKNER JEAN PIERRE | 08241.000186/2011-37 |
| JEAN REGINAL LISME | 08241.000375/2011-18 |
| JEAN ROBERT ANNY | 08241.000544/2011-10 |

| | |
|-------------------------|----------------------|
| JEAN ROMAIN DELLY | 08241.000493/2011-18 |
| JEAN RONALD POSSIBLE | 08241.000454/2011-11 |
| JEAN SAINTILIO VERTUS | 08241.000360/2011-41 |
| JEAN SAINTONY MURAT | 08241.000460/2011-78 |
| JEAN SAINTULUCE | 08241.000417/2011-11 |
| JEAN SAMSONITO DESROSES | 08241.000231/2011-53 |
| JEAN SERGO ANTOINE | 08241.000260/2011-15 |
| JEAN SERGO FRANCOIS | 08241.000357/2011-28 |
| JEAN SMITHSON DESROSES | 08241.000525/2011-85 |
| JEAN ULYSSE MATHURIN | 08241.000463/2011-10 |
| JEAN WELDO DESIR | 08241.000428/2011-92 |
| JEAN-LESLY RENELUS | 08241.000204/2011-81 |
| JEAN-ROODY MILIUS | 08241.000216/2011-13 |
| JEANTILUS JEANCILORME | 08241.000443/2011-31 |
| JEHOVAH LOUIS | 08241.000266/2011-92 |
| JEMPS MICHEL DESIR | 08241.000490/2011-84 |
| JEREMY JEUNE | 08241.000261/2011-60 |
| JONAS LEMEME | 08220.000965/2011-81 |
| JONATHAN OLIVIER | 08241.000367/2011-63 |
| JOSUE ETIENNE | 08241.000495/2011-15 |
| JOURBERT LAZARD | 08241.000236/2011-86 |
| JUDE OLIBERT | 08241.000416/2011-68 |
| KELLO HENRY | 08221.000441/2011-80 |
| LEVELT SILION | 08221.000160/2011-27 |
| LORME LOUISIUS | 08241.000487/2011-61 |
| LOUISSAINT LOUIS | 08241.000508/2011-48 |
| LUCE PIERRE | 08220.000972/2011-82 |
| LUDNER EDOUARD | 08241.000462/2011-67 |
| MAKENSON CENATUS | 08241.000361/2011-96 |
| MAKENSON GALETTE | 08241.000486/2011-16 |
| MANUS JEAN PIERRE | 08221.000443/2011-79 |
| MANUS JOSEPH | 08221.000442/2011-24 |
| MARC HENRY PIERRE JEAN | 08221.000436/2011-77 |
| MARC-DOSEL PIERRE | 08221.000453/2011-12 |
| MARIE MILTIDE DORISCA | 08241.000377/2011-07 |
| MARIE MONIQUE MARSEILLE | 08241.000441/2011-41 |
| MARIE ODILE BELLEY | 08241.000189/2011-71 |
| MARLIE JOSEPH | 08241.000423/2011-60 |
| MATHELY FLORESTAL | 08221.000439/2011-19 |

| | |
|-----------------------------|----------------------|
| MEDERICK JEUNE | 08241.000484/2011-27 |
| MERCIVIERGE LEBRUN | 08220.000973/2011-27 |
| MICHELET ESTYLE | 08241.000372/2011-76 |
| MICHELET HIPPOLYTE | 08221.000455/2011-01 |
| MICKELSON ESTIMABLE | 08221.000445/2011-68 |
| MILFRANC TUNIS | 08241.000262/2011-12 |
| MOLAND JEAN | 08220.000976/2011-61 |
| MONA CHARLES | 08241.000510/2011-17 |
| MONEXANT NOEL | 08241.000435/2011-94 |
| MYRTHA JOSEPH | 08241.000444/2011-85 |
| NATAN MEDE | 08241.000471/2011-58 |
| NAZAIRE JEANTY | 08241.000237/2011-21 |
| NICODEME CHARLES | 08241.000475/2011-36 |
| NILSA EMILE | 08241.001642/2010-85 |
| OBERLINE JEAN-LOUIS | 08220.000967/2011-70 |
| ODEL JEAN | 08241.000447/2011-19 |
| ODILIEN ODILON | 08241.000529/2011-63 |
| ODULIEN JOACHIN | 08221.000434/2011-88 |
| OLSON SALOMON | 08241.000391/2011-01 |
| ONALD CHERUBIN | 08241.000218/2011-02 |
| ORELUS OCCINICE | 08241.000481/2011-93 |
| PASCAL PLAISIR | 08241.000434/2011-40 |
| PAULA PIERRE | 08241.000527/2011-74 |
| PETERSON JAMES DUCLES | 08241.000233/2011-42 |
| PETERSON TIMOLIEN | 08241.000431/2011-14 |
| PETION JEUNE | 08241.000194/2011-83 |
| PHANE RYA | 08241.000480/2011-49 |
| PHARISIEN JEAN PIERRE | 08221.000446/2011-11 |
| PRIMENE JEAN LOUIS THEODORE | 08220.000971/2011-38 |
| RAPHAEL ALTIDORT | 08241.000511/2011-61 |
| REYNALD JEAN-BAPTISTE | 08241.000230/2011-17 |
| RICHARD DARIUS | 08241.000436/2011-39 |
| RICHARDSON IPRELUS | 08220.000968/2011-14 |
| ROBERT TONY | 08241.000502/2011-71 |
| RODCHILLE RICARDO PAUL | 08241.000400/2011-55 |
| RODRIGUE SAINT-LOUIS | 08221.000457/2011-92 |
| RONY ELICIEN AUGUSTIN | 08221.000245/2011-13 |
| ROSE MARIE JOSEPH | 08221.000152/2011-81 |
| ROSELIE DESIL | 08241.000439/2011-72 |

| | |
|-----------------------|----------------------|
| ROSELIN SULVENS | 08220.000966/2011-25 |
| SAINSURIN TOUSSAINT | 08241.000418/2011-57 |
| SAINTANE MERIUS | 08241.000426/2011-01 |
| SAINT-ANNE AUGUSTIN | 08220.000961/2011-01 |
| SAINT-CHARLES LEGRAND | 08221.000178/2011-29 |
| SAINJUSTE DIME | 08241.000386/2011-90 |
| SALOMON TELFORT | 08221.000252/2011-15 |
| SERGE JEAN-PIERRE | 08241.000530/2011-98 |
| SHERLEY MERISIER | 08241.000542/2011-12 |
| SONIA ANILUS | 08241.000483/2011-82 |
| STHEPHANIA CHARLESTIN | 08220.000974/2011-71 |
| STHEPHANIE CHARLESTIN | 08220.000975/2011-16 |
| VANEL BLAVETTE | 08241.000390/2011-58 |
| VENEL MERILAN | 08241.000492/2011-73 |
| VILAIR JUSTE | 08241.000541/2011-78 |
| VILMA SERAT | 08241.000226/2011-41 |
| VILSON CONSERVE | 08221.000435/2011-22 |
| WANSO LAZARD | 08241.000456/2011-18 |
| WATSON EDMOND | 08241.000257/2011-00 |
| WATSON PETIT COMPERE | 08221.000447/2011-57 |
| WILFRID THELISMA | 08221.000448/2011-00 |
| WILLEX CORRIOLAN | 08241.000177/2011-46 |
| WILNER LOUIS | 08241.000394/2011-36 |
| WILSON EXANTUS | 08221.000010/2011-13 |
| YOURVENLY MOLINE | 08220.000963/2011-91 |

| Residências Permanentes concedidas pelo Departamento de Estrangeiros/SNJ/MJ no Diário Oficial de 06.10.2011 | |
|--|------------------------------|
| <i>Nome</i> | <i>Nº Processo MJ</i> |
| GERALD PIERRE | 08241.000171/2011-79 |
| AMOS DAREUS | 08221.000096/2011-84 |
| ANTOINE GUYMPS | 08221.000083/2011-13 |
| AURELIEN LIMOSE | 08221.000086/2011-49 |
| COPENTZ PLACIUS | 08221.000142/2011-45 |
| DANIEL BELLEGARDE | 08505.002675/2011-85 |
| DERISME LAWENS | 08221.000095/2011-30 |
| DOMINIQUE BENJAMIN | 08221.000090/2011-15 |
| EDDY BERNADIN | 08221.000093/2011-41 |
| FANEL TILIUS | 08221.000211/2011-11 |

| | |
|----------------------------------|----------------------|
| FRED FRANÇOIS | 08221.000137/2011-32 |
| GUEDY ALEXANDRE | 08221.000221/2011-56 |
| GUITHO CHARLES | 08221.000089/2011-82 |
| ILAMISE CERVIUS | 08221.000094/2011-95 |
| JEAN CHATELAIN MONDESIR | 08241.000168/2011-55 |
| JEAN FANFAN FRANCOIS | 08241.000167/2011-19 |
| JEAN RAPHAEL EXANTUS | 08221.000073/2011-70 |
| JOANIE DALMACY | 08221.000129/2011-96 |
| JODANY LAURENCY | 08221.000139/2011-21 |
| JOSIAL JEAN | 08221.000135/2011-43 |
| JUDEX SAINT-PHARD | 08221.000144/2011-34 |
| JUSTIN MAURISME | 08221.000141/2011-09 |
| MARIE MARTHE JOSEPH | 08221.000140/2011-56 |
| MATHIEU PAUL | 08221.002342/2010-51 |
| MAXO PAUL | 08221.000070/2011-36 |
| NAUBERSON BARTHELEMY | 08221.000088/2011-38 |
| NOUFAIDIEU JOSEPH | 08221.000005/2011-19 |
| NOUTIE BELOTTE e PATRICK CHARLOT | 08241.001720/2010-41 |
| PELINOR VALCY | 08241.000170/2011-24 |
| ROBENSON ELIAS | 08241.000180/2011-60 |
| ROBERT JEAN | 08221.000217/2011-98 |
| RONALD JOSLIN | 08241.000172/2011-13 |
| RONYKEL METHELUS | 08221.000136/2011-98 |
| ROSE-MARIE DORLEANS | 08221.000130/2011-11 |
| TERVENKUS PETIT | 08221.000177/2011-84 |
| THANRICK ELVEUS | 08241.000175/2011-57 |
| WILGUER MATHURIN | 08221.002376/2010-46 |
| WISLET BERNARD | 08221.000091/2011-51 |
| WISTHA JEAN | 08221.000138/2011-87 |

| Residências Permanentes concedidas pelo Departamento de Estrangeiros/SNJ/MJ no Diário Oficial de 22.11.2011 | |
|--|------------------------------|
| <i>Nome</i> | <i>Nº Processo MJ</i> |
| RONALD DARCELIN | 08505.002691/2011-78 |
| KLANTZDYNE FRANÇOIS | 08241.001709/2010-81 |

| Residências Permanentes concedidas pelo Departamento de Estrangeiros/SNJ/MJ no Diário Oficial de 15.12.2011 | |
|--|------------------------------|
| <i>Nome</i> | <i>Nº Processo MJ</i> |
| JOSIAS DELCARME | 08241.000868/2010-69 |

| | |
|-----------------|----------------------|
| SOBNER PIERILUS | 08241.000178/2011-91 |
|-----------------|----------------------|

| Residências Permanentes concedidas pelo Departamento de Estrangeiros/SNJ/MJ no Diário Oficial de 02.01.2012 | |
|--|-----------------------|
| Nome | Nº Processo MJ |
| ALBERTO EMETIL | 08241.000211/2011-82 |
| ALFRED DERVIL | 08241.000346/2011-48 |
| ALLUS PIERRE | 08221.000521/2011-35 |
| ANTONIO ROBUSTE | 08241.000468/2011-34 |
| ASTREL GRANDEUR | 08221.000269/2011-64 |
| BENJAMIN GELIN | 08221.000462/2011-03 |
| BESNEL FLEURIMOND | 08241.000214/2011-16 |
| BRADELEY LOUIDOR | 08221.000270/2011-99 |
| CEDROLE DELPHIN | 08221.000267/2011-75 |
| CHILORVE JEAN | 08221.000220/2011-10 |
| DAVID CADEUS | 08221.000506/2011-97 |
| DIEUFAITE JOSEPH | 08221.000272/2011-88 |
| DIEUVENE DONAUS | 08241.000425/2011-59 |
| DUKEN JN BAPTISTE | 08241.000499/2011-95 |
| DUMONT DESSALINES | 08241.000446/2011-74 |
| DUQUESNE ETIENNE | 08241.000349/2011-81 |
| EBEL FELIZOR | 08221.000505/2011-42 |
| EDMOND PAUL | 08221.000068/2011-67 |
| EMMANUEL VICTOR | 08221.000507/2011-31 |
| ENDY JEAN | 08241.000238/2011-75 |
| ESLIN ESTIME | 08221.000266/2011-21 |
| ETIENNE JOHN | 08221.000268/2011-10 |
| FABIUS CLEMENT | 08221.000092/2011-04 |
| FANEL JOACHIM | 08241.000188/2011-26 |
| FRANCILLON LEISNE | 08241.000339/2011-46 |
| GIZEL METHELUS | 08221.000498/2011-89 |
| GUSMANE RENFORT | 08241.000450/2011-32 |
| GUSTAVE DORT | 08241.000470/2011-11 |
| HANSY CHARLES | 08221.000519/2011-66 |
| HODELAIR GERMIN | 08241.000356/2011-83 |
| HUDSON SEPTIMUS FORTINUS | 08241.000449/2011-16 |
| ILNEZ JEAN | 08221.000520/2011-91 |
| JEAN LINIOL DESIR | 08241.000324/2011-88 |
| JEAN LINOT SAINT GERMAIN; MEPRICIA | 08241.000943/2010-91 |

| | |
|----------------------------|----------------------|
| JEAN MERCIDIEU JULEUS | 08240.002312/2011-06 |
| JEAN RONALD CHARLES | 08241.000459/2011-43 |
| JEAN WILKENS ROSE | 08241.000333/2011-79 |
| JEAN-WILSON MALBRANCHE | 08241.000325/2011-22 |
| JONAS PIERRE-SAINT | 08221.000449/2011-46 |
| JOSEPH RECEVOIS GUILLAUME | 08241.000455/2011-65 |
| JOSEPH SAINTTL | 08221.000514/2011-33 |
| JOSEPH WILBERT PAUL | 08241.000442/2011-96 |
| JULIEN ALEXANDRE | 08221.000509/2011-21 |
| JULION BAUPLAN | 08221.000513/2011-99 |
| JULSAINT TANICLAS | 08221.000265/2011-86 |
| LESLY BARTHELUS | 08221.002375/2010-00 |
| LOUIS WANIC DÉsir | 08241.000341/2011-15 |
| LUCAINE JOSEPH | 08241.000389/2011-23 |
| LUCIEN GELIN | 08221.000502/2011-17 |
| LUCNER DORNEUS | 08221.000503/2011-53 |
| MADELINE VOLTAIRE | 08221.000463/2011-40 |
| MAGUEL CHARLES | 08221.000518/2011-11 |
| MANIGAT CADEUS | 08221.000516/2011-22 |
| MARIE CARME BAZIL | 08221.000504/2011-06 |
| MARIE MURIELLE SAINT-CYR e | 08221.000271/2011-33 |
| MARIE SHELLA LEVEQUE | 08241.000535/2011-11 |
| MORILIEN GESSE | 08221.000510/2011-55 |
| OLANDE ST HILAIRE | 08221.000501/2011-64 |
| OLINEK STYL | 08241.000464/2011-56 |
| OSNICK ALEXANDRE | 08241.000229/2011-84 |
| PATRICE PAUL | 08241.000405/2011-88 |
| PIERRE JEAN FERDINAND | 08221.000499/2011-23 |
| RICHARD FERDINAND | 08221.000500/2011-10 |
| ROBERSON LUBIN | 08241.000452/2011-21 |
| RONY BASTIEN | 08241.000263/2011-59 |
| SERGO SAINT JULIEN | 08221.000511/2011-08 |
| THENORD DESIR | 08241.000351/2011-51 |
| VANEL LOUIS | 08241.000345/2011-01 |
| VIVENDIEU JEAN PIERRE | 08221.000213/2011-18 |
| WICKING-SON'N PHILIPPE | 08241.000467/2011-90 |
| WILFRID DIEUFORT | 08221.000515/2011-88 |
| WILSON EXANTUS | 08241.000396/2011-25 |
| YGUE VAL | 08221.000512/2011-44 |

| Residências Permanentes concedidas pelo Departamento de Estrangeiros/SNJ/MJ no Diário Oficial de 10.02.2012 | |
|---|-----------------------|
| <i>Nome</i> | <i>Nº Processo MJ</i> |
| ABDIAS DOLCE | 08241.001255/2011-20 |
| ABDIAS SAINT-THOMAS | 08241.000604/2011-96 |
| ABNER CIUS | 08221.000970/2011-83 |
| ABNER JOLIS | 08241.000973/2011-89 |
| ADELIN CHARLES, SCHANDLEY CHARLES e SCHIRLEY CHARLES | 08221.001481/2011-49 |
| ADRIUS DEISSIER | 08241.000825/2011-64 |
| ADMIRE DIEUJUSTE | 08221.001402/2011-08 |
| ADNER LORMILSAINT | 08221.001465/2011-56 |
| AGOUSTO JEAN-PIERRE | 08221.001330/2011-91 |
| ALCES RICHARD | 08241.000632/2011-11 |
| ALCESTE AUGUSTIN | 08221.000834/2011-93 |
| ALGUES ARCELIN | 08241.000375/2010-29 |
| ALIANCE SOLIMAN, JESULA DEBEL e MIKE SOLIMAN | 08241.000839/2011-88 |
| ALMA BAPTISTE | 08241.000415/2011-13 |
| ALONVY OSNEY | 08241.000830/2011-77 |
| ALTIDE DURALUS | 08241.001554/2011-64 |
| AMOS CARRIER e LUGENA CARRIER INFORME | 08241.001664/2011-26 |
| ANDRE CARMEL PIERRE | 08241.000350/2011-14 |
| ANDRELIE EDMOND | 08241.000497/2011-04 |
| ANDY LUBIN | 08241.001587/2011-12 |
| ANERY VALCOURT | 08241.001678/2011-40 |
| ANGELO COFFI | 08241.000749/2011-97 |
| ANGLITH BEAUCIMA | 08221.000580/2011-11 |
| ANSELET CHARLES | 08241.001206/2011-97 |
| ARCHANGE BLAISE | 08221.001401/2011-55 |
| ARCHIL EMILE | 08241.000624/2011-67 |
| ARNOLD COSMEY | 08221.000842/2011-30 |
| AROLD ACHILLE | 08241.000595/2011-33 |
| AROLD DORCE | 08241.000156/2011-21 |
| ASONNE CYLLA | 08241.001216/2011-22 |
| ASSELIN TERLUS | 08241.001425/2011-76 |
| ASTHELIN FILS-AIME | 08221.001463/2011-67 |
| ATHANES ALERTE | 08221.001297/2011-07 |
| AUDEFEUILLE PREVILUS | 08241.000923/2011-00 |
| AUDIEL SINVIL | 08221.000631/2011-05 |
| AUGUSTAVE GERANT | 08221.001269/2011-81 |
| AURELIO FRANÇOIS | 08241.001531/2011-50 |
| AVRIL LAPAIX | 08241.000609/2011-19 |
| AYEL ALCIDE | 08241.001011/2010-66 |
| BANEL FLEURANTIN | 08241.000577/2011-51 |
| BANIEL FRANCOIS | 08221.001181/2011-60 |

| | |
|------------------------------|----------------------|
| BEDRICK GUERRIER | 08241.001213/2011-99 |
| BELLOT JOSEPH | 08241.000408/2011-11 |
| BENITO CATHULE | 08241.001603/2011-69 |
| BENITO LUCIEN | 08241.000872/2011-16 |
| BENIZE LOZIN | 08241.000965/2011-32 |
| BENOIT RABIN ENOCK | 08241.001220/2011-91 |
| WILNER BERICE | 08221.000973/2011-17 |
| BERJONY JOSLIN | 08241.001278/2011-34 |
| BERLIN PIERRE | 08241.000676/2011-33 |
| BERNADEL AMBROISE | 08241.001268/2011-07 |
| BERTHO ARISCA | 08241.001565/2011-44 |
| BERTHO HILAIR-SAINT | 08241.001266/2011-18 |
| BETANIE LOUIS JEAN DIT ZIDOR | 08221.001143/2011-15 |
| BIGNOR CHINO | 08241.000380/2011-12 |
| BONNY JACQUET | 08241.000628/2011-45 |
| BREDY ALEXANDRE | 08241.000800/2011-61 |
| BRENORD JACMEL | 08241.001264/2011-11 |
| BRUCE BERTILUS ELIFORT | 08241.001533/2011-49 |
| BRUNEL ACE | 08241.001248/2011-28 |
| BRUNEL SILIN | 08241.001239/2011-37 |
| BUTHLER CINEAC | 08241.001277/2011-90 |
| CALERBE CONSERVE | 08241.000887/2011-76 |
| CAMIL GABRIEL | 08221.000776/2011-06 |
| CAMILUS PIERRE | 08241.001586/2011-60 |
| CANES CHARLES | 08221.000657/2011-45 |
| CARLY FLAMAND | 08241.001569/2011-22 |
| CARMELO DORCELY | 08241.000406/2011-22 |
| CASIMIR BELLAMOUR | 08241.000340/2011-71 |
| CASIMIR FLEURISCA | 08221.000528/2011-57 |
| CATHERINE BRUNO | 08241.001227/2011-11 |
| CEDIEU DUME | 08241.001652/2011-00 |
| CEDIEU OLIBRICE | 08241.000751/2011-66 |
| CEDROLE PHILIPPE | 08221.000675/2011-27 |
| CELANIE FRANÇOIS | 08241.001230/2011-26 |
| CELISSA VOLMY | 08241.000002/2011-39 |
| CEVECCANT LOUIS | 08241.001208/2011-86 |
| CHALEUS JEAN-PIERRE | 08241.000961/2011-54 |
| CHANEL DESSALINES | 08221.001461/2011-78 |
| CHANGLA LECTURE | 08241.000856/2011-15 |
| CHARLEMAGNE CALIXTE | 08241.000412/2011-80 |
| CHARLES GUERRIER | 08221.000635/2011-85 |
| CHAVENNES FEVRIER | 08241.000555/2011-91 |
| CHEDET AURELIEN | 08221.000974/2011-61 |
| CHENEL DESINOR | 08221.000753/2011-93 |
| CHENETTE DUCASSE-SENELUS | 08241.000152/2011-42 |
| CHERINETTE ANIS | 08241.001590/2011-28 |
| CHERLEY DIEUJUSTE | 08241.000157/2011-75 |
| CHERLINE LAMOUR | 08221.001486/2011-71 |
| CHILLER GILOT | 08241.000554/2011-47 |

| | |
|-----------------------------------|----------------------|
| CHIMENE FLEURIMOND | 08241.000737/2011-62 |
| CHRISNEL PETIT-FRERE | 08241.001555/2011-17 |
| CHRISNOR AUGUSTIN | 08241.001068/2010-65 |
| CHRISTA DEJOUR | 08221.001142/2011-62 |
| CHRISTIN DESTINE | 08241.001570/2011-57 |
| CHRISTOPHE ELISE | 08221.001329/2011-66 |
| CIDONY SYLVAIN | 08221.000779/2011-31 |
| JUIMPS CIUS | 08241.000794/2011-41 |
| CLAIRLINE LISME | 08241.000937/2011-15 |
| CLELY JOSEPH | 08221.000777/2011-42 |
| CLENA SOIRIN e THAMARRE JEAN BART | 08241.000894/2011-78 |
| CLERBY RAYMOND | 08241.000845/2011-35 |
| CLERCUS EUGENE | 08221.000665/2011-91 |
| CLERVY JULIEN | 08241.000581/2011-10 |
| CLOVIS DUMARSAIS | 08241.000797/2011-85 |
| COLNER JOSEPH | 08241.000392/2011-47 |
| CONSLIN JEAN-MARY | 08221.000748/2011-81 |
| THONY CORMIER | 08241.001680/2011-19 |
| CALIX COSSIER | 08505.019641/2011-20 |
| CRISNEL JEAN | 08241.000590/2011-19 |
| DANIEL DAMUS | 08221.001488/2011-61 |
| DAQUIL JEAN-LOUIS | 08241.000506/2011-59 |
| DASLIN JOSEPH | 08241.001557/2011-06 |
| DAVID DEVILUS | 08241.000519/2011-28 |
| DEBERNARD DECIUS | 08241.001728/2011-99 |
| DELICIER MERVIL | 08221.000636/2011-20 |
| DELINOIS MASSILLON | 08241.001713/2011-21 |
| DELIUS CHARLES | 08241.000359/2011-17 |
| DELIUS JEAN | 08241.001241/2011-14 |
| DELOUIS MAURICE | 08221.000783/2011-08 |
| DENEL FRANCOIS | 08241.001439/2011-90 |
| DESIR EXALUS e FABIENNE EXALUS | 08241.000880/2011-54 |
| DESSALINES JEUNE | 08221.000978/2011-40 |
| DEUCIBON JOSEPH | 08241.001598/2011-94 |
| DIEUMETRE AUGUSME | 08221.000659/2011-34 |
| DIETHEL SAINTIL | 08221.001332/2011-80 |
| DIEUBENIT FILS | 08221.001485/2011-27 |
| DIEUCIBON FACILE | 08241.000762/2011-46 |
| DIEUDONNE ADELSON | 08241.001654/2011-91 |
| DIEUDONNE ANRIO BEIN-AIME | 08241.000652/2011-84 |
| DIEUFORT DERVILME | 08241.000378/2011-43 |
| DIEUFRENE MICHEL | 08221.000760/2011-95 |
| DIEULESERT AMILCA | 08241.000702/2011-23 |
| DIEULIE MARCELIN | 08241.000561/2011-49 |
| DIEULIFAITE PIERRE | 08241.000567/2011-16 |
| DIEULOME BERTRAND | 08241.000653/2011-29 |
| DIEUMAITRE ISIDOR | 08241.000566/2011-71 |
| DIEUSEUL EVALUS | 08241.000777/2011-12 |

| | |
|---|----------------------|
| DIEUSEUL EXUME | 08241.001279/2011-89 |
| DIVILA DAVANCE | 08241.001133/2011-33 |
| DIZONDY JEAN | 08221.000687/2011-51 |
| DJENIE ROMEOUS | 08221.000582/2011-01 |
| DJHONNY COFFY | 08241.000785/2011-51 |
| DODY SIMEON | 08220.005027/2011-77 |
| DOMINIQUE CHERY | 08221.001172/2011-79 |
| DOMINIQUE DESNE | 08221.000669/2011-70 |
| DONALD GEDEON | 08241.000501/2011-26 |
| DONASSIEN JEAN PIERRE | 08221.000683/2011-73 |
| DONES CLERMONT | 08241.000838/2011-33 |
| DORVILUS DORVIL | 08241.001222/2011-80 |
| DUCHINE SAINT-PIERRE | 08221.001476/2011-36 |
| DUKENS JOSEPH | 08241.000754/2011-08 |
| DUKENS LOUIS | 08241.001202/2011-17 |
| DULOR MILFORT | 08241.000411/2011-35 |
| DUNALD LABISSIERE | 08241.001653/2011-46 |
| DUNEL CLERVIL | 08241.000889/2011-65 |
| DURA ALEXANDRE | 08221.001334/2011-79 |
| EDBERT FRANCOIS | 08221.000964/2011-26 |
| EDICKSON DESTINE | 08241.000596/2011-88 |
| EDINE ZEPHIRIN | 08241.000605/2011-31 |
| EDLIN ACCEUS | 08221.000671/2011-49 |
| EDLINE SYLIN | 08241.000958/2011-31 |
| EDMOND DANTES | 08241.000404/2011-33 |
| EDOUARD RIGAUD | 08241.000534/2011-76 |
| EDOUARINE DESROCHES | 08241.000952/2011-63 |
| ESDRAS HECTOR | 08221.000827/2011-91 |
| EDWON GABRIEL | 08221.001002/2011-94 |
| ELACY OLISTIN | 08221.000680/2011-30 |
| ELANET DESILUS | 08221.000637/2011-74 |
| ELDA SAINT LOUIS | 08221.000980/2011-19 |
| ELIANISE FLOREUS | 08241.000546/2011-09 |
| ELIANNA LOUIS JEAN | 08241.000806/2011-38 |
| ELICE PIERRE | 08241.000543/2011-67 |
| ELMISE ADAMCY | 08221.000784/2011-44 |
| ELONE CADET | 08241.000882/2011-43 |
| EMILE PRINCIVIL | 08221.000838/2011-71 |
| EMILESON SEIGNON | 08241.000613/2011-87 |
| EMILIO FRANÇOIS | 08241.000626/2011-56 |
| EMMANUEL ALCINE | 08221.001159/2011-10 |
| EMMANUEL BIEN-AIME | 08241.001233/2011-60 |
| EMMANUEL CLERFOND | 08221.001271/2011-51 |
| EMMANUEL ETIENNE | 08241.001226/2011-68 |
| EMMANUEL VILSAINT MERVILUS | 08241.001267/2011-54 |
| EMERSON SOIRILUS, MARIE ANTOINETTE DECIUS e RICARDO SOIVILUS | 08241.001214/2011-33 |
| ENEL DOREUS | 08241.000963/2011-43 |

| | |
|----------------------|-----------------------|
| ENOBERT GLAUDE | 08221.000638/2011-19 |
| ENOCK SANOLY | 08241.000353/2011-40 |
| EPIPHANE ARISTHENE | 08221.000997/2011-76 |
| BRUNEL ERILIEN | 08241.001440/2011-14 |
| ERNEAU JOSEPH | 08241.000344/2011-59 |
| ENEL ROMELUS | 08241.000307/2010-60 |
| ERNICKS GILLES | 08241.000585/2011-06 |
| ERNSCO ROMAIN | 08241.000160/2011-99 |
| ERODE JEAN-NOEL | 08241.000409/2011-66 |
| EROLD LIMAGE | 08221.001346/2011-01 |
| EROLD OLYSSEE | 08241.001729/2011-33 |
| ESAIE HORACIUS | 08241.001674/2011-61 |
| ESAIE JEAN | 08241.001262/2011-21 |
| ESGUERRE AUGUSTE | 08241.000614/2011-21 |
| ESLY CASIMIR | 08221.000670/2011-02 |
| ETIENNE AGENOR | 08241.000651/2011-30 |
| ETIENNE LOUISEUL | 08241.001265/2011-65 |
| ETRANGE ANEL | 08241.001534/2011-93 |
| ETZERT PRICE | 08241.000592/2011-08 |
| EVENS BEAUVAIS | 08241.001731/2011-11 |
| EVENS GABRIEL | 08221.001464/2011-10 |
| EVENS NORE | 08241.000337/2011-57 |
| EVENSON THOMAS | 08241.000956/2011-41 |
| EVOIS ESTIMABLE | 08241.001617/2011-82 |
| EVONEL LAFONTANT | 08241.000557/2011-81 |
| EWIL CHARLES | 08221.000755/2011-82 |
| EXALEME MAGLOIRE | 08241.000343/2011-12 |
| EXIUS PIERRE-CHARLES | 08241.001523/2011-11 |
| EZECHIAS CLERVIL | 08221.000639/2011-63 |
| EZECHIEL JULIEN | 08241.000822/2011-21 |
| FABIOLA ROMAIN | 08241.000678/2011-22 |
| FADAEI DOR | 08221.000987/2011-31 |
| FADEUS DORVIL | 08221.001347/2011-48 |
| FANEL CLERVIL | 08221.001258/2011-00 |
| FANEL JEUNE | 08221.000751/2011-02 |
| FANES JOSEPH | 08241.000323/;2011-33 |
| FANOR JOSEPH | 08241.001204/2011-06 |
| FAUVETTE VINCENT | 08241.001734/2011-46 |
| FEDEME DURAND | 08221.000758/2011-16 |
| FEDILON BENOIT | 08221.001404/2011-99 |
| FEDNEL MATHURIN | 08221.000523/2011-24 |
| FEQUENER TOUSSAINT | 08241.001438/2011-45 |
| FENEL EDOUARD | 08221.001163/2011-88 |
| FERDO CASSEUS | 08241.000891/2011-34 |
| FICIEN NOEL JEUNE | 08241.000743/2011-10 |
| FIGNOLE LERRON | 08221.001400/2011-19 |
| FLANEL MERDIEU | 08241.001558/2011-42 |
| PETERSON FLEURISCA | 08241.000267/2011-37 |
| FRANÇOIS DESORMEAUX | 08241.000879/2011-20 |

| | |
|-------------------------|----------------------|
| FRANÇOIS LAFLEUR | 08241.001679/2011-94 |
| FRANÇOIS PETIT COMPERE | 08241.001203/2011-53 |
| FRANTZCEAU BLANC | 08241.000504/2011-60 |
| FRANTZSO PIERRILUS | 08241.001733/2011-00 |
| FREDERIC FILS | 08241.000523/2011-96 |
| FEREM ISACRE DUCATEL | 08505.048772/2011-14 |
| FRESNEL ATTIS | 08241.000804/2011-49 |
| FRESNEL FLEURICIN | 08221.001457/2011-18 |
| FRIDO BARTHELEMY | 08221.000843/2011-84 |
| FRINEL CIUS | 08221.001004/2011-83 |
| FRISNER PIERRE | 08241.000960/2011-18 |
| FRITO CHARITE | 08241.001215/2011-88 |
| FRITZ GERALD CASSEUS | 08241.000598/2011-77 |
| FRITZ NOËL | 08241.000688/2011-68 |
| FRITZNEL CEANCE | 08221.001453/2011-03 |
| FRITZNEL TERNE | 08221.000969/2011-59 |
| GAETJENS NICOLAS-NORMIL | 08241.000951/2011-19 |
| GARNIER CLERINA | 08241.000776/2011-60 |
| GASNEL TILUS | 08241.000693/2011-71 |
| GASTON CELESTIN | 08241.001655/2011-35 |
| GELHOMME JR VALCIN | 08241.000769/2011-68 |
| GENALD LOUIMA | 08221.001268/2011-37 |
| GENEL CHARLES | 08241.000880/2010-73 |
| GENEL SAMSON | 08221.001484/2011-82 |
| GENESE SEGUIN | 08241.000738/2011-15 |
| GENEUS DORCIUS | 08241.001597/2011-40 |
| GENIER ST FILUS TIMEUS | 08221.001008/2011-61 |
| GERALD ALDOPH | 08241.000564/2011-82 |
| GERALD PHAMPHILE | 08241.000153/2011-97 |
| GERARD ODALBERT | 08221.000998/2011-11 |
| GEROLD JOSEPH | 08241.000868/2011-40 |
| GERSON JEAN-PIERRE | 08241.000701/2011-89 |
| GERTRUDE CEANCE | 08221.001277/2011-28 |
| TATA GERVEUS | 08221.000773/2011-64 |
| GESNER CETOUTE | 08241.000911/2011-77 |
| GESNER DELORME | 08241.000330/2011-35 |
| GILBERT DEMA | 08241.000580/2011-75 |
| GILBERT LAFORTUNE | 08221.000988/2011-85 |
| GRACIA CHARLES | 08221.001168/2011-19 |
| GREGOIRE JUDE ISRAEL | 08241.00817/2011-18 |
| GREGORY PIERRE LOUIS | 08241.000568/2011-61 |
| GREGUY JOSEPH | 08221.001155/2011-31 |
| GUEMIE ROSIER | 08221.000775/2011-53 |
| GUENSON LOUIS | 08221.001345/2011-59 |
| GUERBY DESSAINT | 08221.001467/2011-45 |
| GUERDIE JEAN FRANÇOIS | 08241.001434/2011-67 |
| GUERDY RENE | 08221.001475/2011-91 |
| GUINY CHARLES | 08241.000352/2011-03 |
| GUITHO MOISE | 08241.000699/2011-48 |

| | |
|---|----------------------|
| GUY SERGES SAUL | 08241.001659/2011-13 |
| GUYTO JACQUES | 08241.001651/2011-57 |
| HANCY PIERRE | 08241.000866/2011-51 |
| HANSLY MARCELIN | 08241.000755/2011-44 |
| HERICK LUSME | 08241.000376/2011-54 |
| HERODE HENRY | 08221.001274/2011-94 |
| HERODE TOUSSAINT | 08241.001250/2011-05 |
| HILAIRE ALERTE | 08241.000805/2011-93 |
| FRITZ HILAIRE | 08241.000384/2011-09 |
| IDAMENE MOUSCARDY | 08221.001276/2011-83 |
| IGUERLANDE NOEL | 08241.000842/2011-00 |
| ILFRID DESTINA | 08241.000146/2011-95 |
| ILIOBERT FERDINAND | 08221.000743/2011-58 |
| ILLONNA JEAN | 08241.001242/2011-51 |
| INERLANDE NOËL | 08221.000967/2011-60 |
| INNOCENT OLIBRICE | 08221.000664/2011-47 |
| INNOCENT SIMEON | 08241.001584/2011-71 |
| INOLUS PIERRELYS | 08241.000522/2011-41 |
| ISABELLE CHARDONNETTE e MEDGINE CHARDONNETTE | 08241.000680/2011-00 |
| ISMIR SOSSOU | 08241.000770/2011-92 |
| JACCENE ISME | 08241.001207/2011-31 |
| JACKY JOACHIN | 08241.001431/2011-23 |
| JACKSON CORIOLAND | 08221.000682/2011-29 |
| JACKSON HENRY | 08241.001251/2011-41 |
| JACKSON JEAN BAPTISTE | 08241.000900/2011-97 |
| JACKSON JULMEUS | 08221.001184/2011-01 |
| JACQUELIN ANGOMA | 08221.00666/2011-36 |
| JACQUELINE MOISE CADET e LUC ISSONE JUNIOR MOISE | 08241.000772/2011-81 |
| JACQUES SIMONE | 08221.001348/2011-92 |
| JACQUESSAINT CAMEUS | 08221.000590/2011-49 |
| JAMES LUBIN | 08221.000629/2011-28 |
| JAMESLY EMILE | 08221.000742/2011-11 |
| JEMPS AUGUSTIN | 08241.000540/2011-23 |
| JEAN AGENER NOEL | 08241.000549/2011-34 |
| JEAN ANDRE JUSTE JOSEPH | 08241.000366/2011-19 |
| JEAN ARISTODEME PASCAL | 08241.001276/2011-45 |
| JEAN ARNTZ MARC JR THOMAS | 08241.000802/2011-50 |
| RAYMOND JEAN BAPTISTE | 08241.000491/2011-29 |
| JEAN BEGENS DUCASSE | 08241.001546/2011-18 |
| JEAN BELONY JEAN PIERRE | 08241.001606/2011-01 |
| JEAN BENITO NOEL | 08241.000746/2011-53 |
| JEAN BETY COMPERE | 08241.000921/2011-11 |
| JEAN CADET CELINUS | 08241.001572/2011-46 |
| JEAN CAMILLE EDMOND | 08221.001264/2011-59 |
| JEAN CHARLES EMMANUEL | 08241.000587/2011-97 |
| JEAN CHERILUS CHERISMA | 08241.000889/2011-09 |
| JEAN CHRISLET CIDELE | 08241.000677/2011-88 |

| | |
|----------------------------|----------------------|
| JEAN CLAUDE BRUTAL | 08241.000633/2011-58 |
| JEAN CLAUDE LOXY | 08241.000347/2011-92 |
| JEAN CLAUDE MORENCY | 08221.000679/2011-13 |
| JEAN DELSON NOEL | 08241.000767/2011-79 |
| JEAN DJIONFRID SAINT FLEUR | 08241.000884/2011-32 |
| JEAN EDMOND CALIXTE | 08241.000812/2011-95 |
| JEAN EMILANT DESTINE | 08241.000556/2011-36 |
| JEAN ENOCK JEAN | 08241.000821/2011-86 |
| JEAN ENORC PERCEVAL | 08241.001605/2011-58 |
| JEAN EVELT JULME | 08241.001599/2011-39 |
| JEAN FEDNEL EDOUARD | 08241.000551/2011-11 |
| JEAN FELEURINOR MONDESIR | 08241.000890/2011-90 |
| JEAN FENIQUE MONDESIR | 08241.000973/2010-06 |
| JEAN FLEURINOCK AUGUSTIN | 08221.000640/2011-98 |
| JEAN FLORANT SYVERIN | 08241.001628/2011-62 |
| JEAN FODENER CERALUS | 08241.000660/2011-21 |
| JEAN FRANTZ JEANTY | 08241.000397/2011-70 |
| JEAN FRESNEL MARCELIN | 08241.000687/2011-13 |
| JEAN FRESNEL VERTUS | 08241.001231/2011-71 |
| JEAN FRITZNEL EXANTUS | 08241.000682/2011-91 |
| JEAN FRITZNEL GERMAIN | 08241.000870/2011-19 |
| JEAN FRITZNER DEMOSTHENE | 08241.000358/2011-72 |
| JEAN FRITZNER GINAU | 08241.001673/2011-17 |
| JEAN GESLET MARCELIN | 08241.000950/2011-74 |
| JEAN GILLES DESROSIERS | 08241.001560/2011-11 |
| JEAN-GILLES NICOLAS PIERRE | 08241.000864/2011-61 |
| JEAN GOUAILLOU VICTOR | 08241.000383/2011-56 |
| JEAN HEROLDE MIRTYL | 08241.000336/2011-11 |
| JEAN JAMES JEANTINE | 08241.000847/2011-24 |
| JEAN JANEL JOSEPH | 08241.001205/2011-42 |
| JEAN JHONNY LINDOR | 08241.001135/2011-22 |
| JEAN-JOB ALTIDOR | 08241.000474/2011-91 |
| JEAN JONAS EDMOND | 08241.000517/2011-39 |
| JEAN JOSEPH JEAN-LOUIS | 08241.000007/2011-61 |
| JEAN JOSUME JOSE | 08241.000902/2011-86 |
| JEAN JUNIOR BREVAL | 08241.001600/2011-25 |
| JEAN JUNIOR CENILUS | 08241.001632/2011-21 |
| JEAN JUNIOR ELYSSEE | 08241.000634/2011-01 |
| JEAN KENOLD EMILE | 08241.001125/2011-97 |
| JEAN LEGITUME ANDRE | 08241.000637/2011-36 |
| JEAN LEMARQUE JEUNE | 08241.000837/2011-99 |
| JEAN LEON ARISTIL | 08241.000362/2011-31 |
| JEAN LEONEL CHRISOSTOME | 08241.000903/2011-21 |
| JEAN LESLY OCCELIN | 08241.000634/2010-11 |
| JEAN LOUBENS LABATH | 08241.001219/2011-66 |
| JEAN LUC DESILUS | 08221.000591/2011-93 |
| JEAN LUC EXANTUS | 08241.000605/2010-50 |
| JEAN LUCKSON BAPTISTE | 08241.001593/2011-61 |
| JEAN LYONEL JOISSAINT | 08241.000653/2010-48 |

| | |
|--------------------------|----------------------|
| JEAN MAKÇON FEVILIEN | 08221.001147/2011-95 |
| JEAN MARCKENSON ISME | 08241.000326/2011-77 |
| JEAN MARCKENSON TANIS | 08241.001429/2011-54 |
| JEAN MARIO AUGUSTIN | 08241.001209/2011-21 |
| JEAN-MARY BIENNEUS | 08241.000582/2011-64 |
| JEAN MASSENAT EXANTUS | 08241.001625/2011-29 |
| JEAN MCDONY ERMILUS | 08221.000845/2011-73 |
| JEAN MEWS SAINT FLEUR | 08241.000889/2010-84 |
| JEAN MICOUNE MURAT | 08241.000851/2011-92 |
| JEAN MIRVILLE RICHE | 08241.000896/2011-67 |
| JEAN MITUS SOSSOU | 08241.000771/2011-37 |
| JEAN MONARQUE RENAUD | 08241.000327/2011-11 |
| JEAN MORANGE BREVAL | 08241.001433/2011-12 |
| JEAN NOBREGE MATHIEU | 08241.001594/2011-14 |
| JEAN NOISIUS HENRY | 08241.000536/2011-65 |
| JEAN OBED SAINT JEAN | 08241.001426/2011-11 |
| JEAN OCQUIDE BAPTISTE | 08241.000649/2011-61 |
| JEAN OLDRICK DESIR | 08241.000608/2011-74 |
| JEAN OVILUS PIERRE | 08241.000661/2011-75 |
| JEAN PATRICK CONSTANT | 08241.000560/2011-02 |
| JEAN-PAUL NICOLAS | 08241.001604/2011-11 |
| JEAN PHILISTIN AUGUSTIN | 08241.000472/2011-01 |
| JEAN PIERRE ISME | 08241.000844/2011-91 |
| JEAN RAYMOND ATISME | 08241.000904/2011-75 |
| JEAN RAYMOND VERDIEU | 08241.001062/2010-98 |
| JEAN-RENE PIERRE | 08221.000750/2011-50 |
| JEAN RENE VALCINE | 08241.000908/2011-53 |
| JEAN RICARDO MATHURIN | 08241.000379/2011-98 |
| JEAN RICHARD PAPIN DESIR | 08241.000962/2011-07 |
| JEAN RICHE JOSEPH | 08241.000547/2011-45 |
| JEAN ROBENSON CAMILLE | 08241.000622/2011-78 |
| JEAN ROBERT ABELLARD | 08241.000763/2011-91 |
| JEAN ROBERT CLERJUSTE | 08241.001686/2011-96 |
| JEAN RODES JULES | 08241.000514/2011-03 |
| JEAN ROMANE DELINOIS | 08241.000503/2011-15 |
| JEAN RONIAL ARISTIL | 08241.001542/2011-30 |
| JEAN RUISSEL DECEMBRE | 08241.000629/2011-90 |
| JEAN SAINT MARC ISME | 08241.001529/2011-81 |
| JEAN SAINTONACK VALEUS | 08241.000407/2011-77 |
| JEAN SOLNER LOUIS | 08241.001551/2011-21 |
| JEAN SOULINDE THEAGENE | 08241.000578/2011-04 |
| JEAN STEVENSON CHERY | 08241.000597/2011-22 |
| JEAN VENESE CEUS | 08241.001660/2011-48 |
| JEAN WADSON DORCELY | 08221.001482/2011-93 |
| JEAN WALLENS LOUIS | 08241.000792/2010-71 |
| JEAN WALNER TRESALUS | 08241.000796/2010-50 |
| JEAN WALSON JOLIMEAU | 08241.000159/2011-64 |
| JEAN WALSON PAUL | 08241.000603/2011-41 |
| JEAN WILBERT ANNYLUSSE | 08241.000365/2011-74 |

| | |
|-------------------------|----------------------|
| JEAN WILDER EXAVIER | 08241.001568/2011-88 |
| JEAN WILGI CIRENAT | 08241.000703/2011-78 |
| JEAN WILGUERRE JEAN | 08241.000953/2011-16 |
| JEAN WILKENSON JUSTIN | 08241.000887/2010-95 |
| JEAN-WILLY FREDERIQUE | 08241.000740/2011-86 |
| JEAN WILNER ALTIDOR | 08241.001661/2011-92 |
| JEAN WILSON CALIXTE | 08241.000928/2010-43 |
| JEAN WILTEX BAPTISTE | 08241.001432/2011-78 |
| JEAN WISLER DESROSIER | 08221.000749/2011-25 |
| JEAN YVENORD DELVA | 08241.000639/2011-25 |
| JEANCELET DUVERGE | 08221.001157/2011-21 |
| JEANCELET JOSEPH | 08221.001148/2011-30 |
| JEANNOT JEAN | 08221.000995/2011-87 |
| JEANTHY PETITHOMME | 08241.000674/2011-44 |
| JEFF BENSON BEAUBRUN | 08241.000948/2011-03 |
| JHON LOUISSAINT | 08241.001564/2011-08 |
| JOHN MONDESIR | 08221.000757/2011-71 |
| JOHNDY CHOUTE | 08241.001123/2011-06 |
| JHONSON JOASSAINT | 08221.001336/2011-68 |
| JIMMY CEZAIER | 08221.001351/2011-14 |
| JIMY MONDELUS | 08241.000766/2011-24 |
| JN CALITE PRINCILUS | 08241.000606/2011-85 |
| JN EDERNE HENRY | 08241.000010/2011-85 |
| JN LENICK MARCELUS | 08241.001578/2011-13 |
| JN RYTHO CHARLES | 08241.001260/2011-32 |
| JOANA PIERRE | 08221.000589/2011-14 |
| JOANES BIEN-AIME | 08241.000328/2011-66 |
| JOB JOSEPH | 08221.001472/2011-58 |
| JOCELIN CLERCUS | 08221.000847/2011-62 |
| JOCELY ORILUS | 08221.000744/2011-01 |
| JOCELYN ASSILIE | 08221.001406/2011-88 |
| JOCELYN BEAUZIL | 08241.000593/2011-44 |
| JOCELYN TELEMAQUE | 08241.000583/2011-17 |
| JODANY CHERY | 08241.000922/2011-57 |
| JOEL JOSEPH CADET | 08221.001000/2011-03 |
| JOEL MERZIER | 08241.000906/2010-83 |
| JOEL VICTOR DIT LAURENT | 08241.000764/2011-35 |
| JOHN PETER LUCIEN | 08241.001553/2011-10 |
| JOHNNY PASCAL | 08241.001247/2011-83 |
| JOHNSON CADEAU | 08241.000005/2011-72 |
| JOINES DUMERJEANT | 08241.000625/2011-10 |
| JONAL PIERRE | 08221.001151/2011-53 |
| JONAS DUVEAUD | 08241.001559/2011-97 |
| JONATAS LORMILIE | 08241.000828/2011-06 |
| JONE RIDORE | 08221.000756/2011-27 |
| JONEL MATHURIN | 08241.001612/2011-50 |
| JONEL NOËL | 08241.001543/2011-84 |
| JOSCELYN JEUNE | 08221.000782/2011-55 |
| JOSENISE DELVA | 08241.001624/2011-84 |

| | |
|---|----------------------|
| JOSUE CHARLES, ALINE JOLIBOIS e LINDA CHARLES | 08241.000516/2011-94 |
| JOSUE ROMELUS | 08241.000586/2011-42 |
| JUDE FELIX | 08241.001530/2011-13 |
| JUDE-LEONEL JOSEPH | 08221.000761/2011-30 |
| JUDE PETIT PHILOGENE | 08241.001662/2011-37 |
| JUDE SIMPLICE | 08221.001273/2011-40 |
| JUDELSON ESTIVERNE | 08241.001254/2011-85 |
| JUDETTE LAINE | 08241.000756/2011-99 |
| JULISSA EXANTUS | 08221.000769/2011-04 |
| JULNER JN LOUIS | 08241.000855/2011-71 |
| JULO TIKÁ | 08241.001656/2011-80 |
| JUNIQUE FRANÇOIS | 08221.000979/2011-94 |
| JUSTE DIEUPHENE | 08241.000381/2011-67 |
| JUSTIN VINCENT | 08221.001179/2011-91 |
| LISSONE BEAUVAIS | 08241.000545/2011-56 |
| LOUISSAINT JEAN-PIERRE | 08241.000348/2011-37 |
| LUCKNER DOUCETTE | 08241.000635/2011-47 |
| MAKENSON EDOUARD BAPTISTE | 08241.000003/2011-83 |
| MANESSE DEZILHOMME | 08241.000575/2011-62 |
| MARC-HARRY ELISCA | 08241.000410/2011-91 |
| MARIE EMOSE SIDELUS | 08241.000631/2011-69 |
| MARTIEL MATHIEU JEAN | 08241.000395/2011-81 |
| MARTINY REGIS | 08241.000329/2011-19 |
| MARVENS RAYMOND | 08241.000401/2011-08 |
| MERGOT CHARLES | 08241.000268/2011-81 |
| MICHELET CADET | 08241.000621/2011-23 |
| MICHENA DESTIN | 08241.000675/2011-99 |
| MIRADIEU TERMAUD | 08241.000601/2011-52 |
| MONES CHERY | 08241.000602/2011-05 |
| MOTEUR LUCIEN | 08241.000368/2011-16 |
| MY LOVE THERMIDOR | 08241.000393/2011-91 |
| NADINE CHINO | 08241.000403/2011-99 |
| NAUCIER LERAUT | 08241.000607/2011-20 |
| NENIO GABRIEL | 08241.000364/2011-20 |
| NESLY PAULIN | 08241.000335/2011-68 |
| OBERSONE FAUBERT | 08241.000398/2011-14 |
| OBNES PIERRE | 08241.000526/2011-20 |
| ONIS SIRISME | 08241.000588/2011-31 |
| OXIUS EUSTACHE | 08241.000477/2011-25 |
| PHILENAUD ANELUS | 08241.000402/2011-44 |
| RAPHAEL FAYETTE | 08241.000331/2011-80 |
| REBECCA CADET | 08241.000599/2011-11 |
| REMY MERILAN | 08241.000399/2011-69 |
| RENAND FILS AIME | 08241.000553/2011-01 |
| RENEL FERDINAND | 08241.000371/2011-21 |
| ROSE-MARIE GASPARD PASCAL | 08241.000565/2011-27 |
| ROSILA BADIO | 08241.000589/2011-86 |
| ROSNY PIERRE | 08241.000387/2011-34 |

| | |
|-----------------------|----------------------|
| RUTH SENAT | 08241.000001/2011-94 |
| SAINT-JUSTE FENELUS | 08241.000548/2011-90 |
| SEM GERMAIN | 08241.000570/2011-30 |
| SONAC DERVIL | 08241.000332/2011-24 |
| ST REMY ALEXANDRE | 08241.000623/2011-12 |
| VILIUS FLEURISTIL | 08241.000558/2011-25 |
| VIOLETTE PETIT FRERES | 08241.000579/2011-41 |
| VITAL DESTIN | 08241.000569/2011-13 |
| VOLCY ST FLEUR | 08241.000562/2011-93 |
| WEEDSER MAINNECE | 08241.000370/2011-87 |
| WILBERT SAINT-VIL | 08241.000573/2011-73 |
| WILMISE PIERRE | 08241.000550/2011-69 |
| WILNIQUE CHRYSOSTOME | 08241.000334/2011-13 |
| WILSON FLEURANT | 08241.000559/2011-70 |
| WISLY SIMILIE | 08241.000322/2011-99 |
| WISNEL FELIX | 08241.000574/2011-18 |
| WISNER BAZILE | 08241.000584/2011-53 |
| YVANNE PIERRE | 08241.000469/2011-89 |
| YVONS ATIS | 08241.000704/2011-12 |

**Residências Permanentes concedidas pelo Departamento de
Estrangeiros/SNJ/MJ no Diário Oficial de 15.02.2012**

| <i>Nome</i> | <i>Nº Processo MJ</i> |
|--------------------|------------------------------|
| ADNER CASIMIR | 08221.000840/2011-41 |
| ANDRE AUGUSTIN | 08241.000645/2011-82 |
| ANEL ALEXIS | 08241.000466/2011-45 |
| ARIS THOMAS | 08221.000627/2011-39 |
| ARLEY LOUIS | 08241.001526/2011-47 |
| BENITHO LOUIS | 08241.001436/2011-56 |
| CHRISTINA JEAN | 08221.001278/2011-72 |
| CLAUDE ISRAEL | 08241.000854/2011-26 |
| CLAUDEL PIERRE | 08241.001585/2011-15 |
| CLAUDITE ALTENOR | 08241.001539/2011-16 |
| DAMIL ADELSON | 08241.001236/2011-01 |
| DANIEL JEAN PIERRE | 08241.001246/2011-39 |
| DAVID NAPOLEON | 08241.001607/2011-47 |
| EMILE GUILLAUME | 08241.001538/2011-71 |
| EMMANUEL ANTOINE | 08221.000585/2011-36 |
| EMMANUEL PIERRE | 08241.001221/2011-35 |
| EMMANUELLA PIERRE | 08221.001483/2011-38 |
| ENEL CHARLES | 08241.000874/2011-05 |
| FEDNO LOUIS | 08221.001469/2011-34 |
| FERNANDO EDOUARD | 08221.000999/2011-65 |

| | |
|-------------------------------------|----------------------|
| FITO LOUIS | 08241.001562/2011-19 |
| FRANSEL CHARLES | 08221.001341/2011-71 |
| FRANTZ ROBERT | 08241.000500/2011-81 |
| FRANTZCEAU OLIVIER | 08241.000611/2011-98 |
| FRISNEL JEAN | 08241.000954/2011-52 |
| FRITZNEL FENELUS | 08241.000826/2011-17 |
| GERALD PIERRE | 08241.000859/2011-59 |
| GILBERT PIERRE | 08221.000747/2011-36 |
| HARRY BENJAMIN | 08241.000594/2011-99 |
| HERODE JEAN | 08221.001005/2011-28 |
| ILRICK PIERRE | 08241.000901/2011-31 |
| JONAS SAINT-CYR | 08241.000591/2011-55 |
| JACQUES JEAN | 08241.000638/2011-81 |
| JEAN FRANDEL JEAN | 08241.000620/2011-89 |
| JEAN FRANTZ PIERRE | 08241.001574/2011-35 |
| JEAN GABRIEL PHILIPPE | 08241.000897/2011-10 |
| JEAN LOUIS MARC | 08241.001210/2011-55 |
| JEAN ROBERT SAINVILUS | 08241.001776/2011-87 |
| JEAN ROBERTO REMY | 08241.000783/2011-61 |
| JEROME ALBERT | 08241.000753/2011-55 |
| JEROME CHARLES | 08221.000658/2011-90 |
| JHON GORNARD JOSEPH | 08241.000384/2010-10 |
| JOHNSON BEAUBRUN | 08241.001588/2011-59 |
| JOEL NICOLAS | 08241.000600/2011-16 |
| JOHNEL PIERRE | 08241.001258/2011-63 |
| JOLITHA GRESSIER, STEEVE GRESSIER e | 08241.000509/2011-92 |
| JOSEPH EDOUARD | 08241.000630/2011-14 |
| JOSEPH SAMUEL | 08221.000841/2011-95 |
| JUDE PAUL | 08221.001468/2011-90 |
| JULIA GABRIEL | 08221.001408/2011-77 |
| JUNIE JOSEPH | 08241.000700/2011-34 |
| LOMA LOUIS | 08241.000488/2011-13 |
| MICHELET PIERRE | 08241.000627/2011-09 |
| NICOLAS JEAN | 08241.000520/2011-52 |
| RICARDO CALAS | 08241.000552/2011-58 |
| WILNER CHARLES | 08241.000537/2011-18 |
| WILSON SYLVESTRE | 08241.000572/2011-29 |
| STERY LEON | 08241.000479/2011-14 |
| STEVENSON BONY STEVEN | 08241.000224/2011-51 |

| | |
|----------------------------|----------------------|
| SYLVESTRE DORCELY | 08241.000004/2011-28 |
| SYLVINA NEISSANT | 08221.000497/2011-34 |
| WANCY MERISIER | 08241.000438/2011-28 |
| WANG LEE CLACK JEAN-PIERRE | 08241.000196/2011-72 |

| Residências Permanentes concedidas pelo Departamento de Estrangeiros/SNJ/MJ no Diário Oficial de 06.03.2012 | |
|--|----------------------|
| ALEX METELLUS | 08241.001613/2011-02 |
| ANEL JEAN | 08241.000641/2011-02 |
| DIEUDONNE PIERRE | 08241.001629/2011-15 |
| ELIE LOUIS | 08241.000615/2011-76 |
| GESNERD LOUIS | 08221.000774/2011-17 |
| HYLAIRE LOUIS | 08241.000745/2011-17 |
| JACKSON AUGUSTIN e DARTHLEEN DESIR | 08241.000421/2011-71 |
| JACKSON CHARLES | 08241.001541/2011-95 |
| JACQUES COFFY | 08241.000011/2011-20 |
| JEAN ROBERT PIERRE | 08221.000674/2011-82 |
| JHONNY JOSEPH | 08241.001537/2011-27 |
| JOB JEAN | 08221.000633/2011-96 |
| JUNIOR PIERRE | 08241.000794/2010-61 |
| ROBENSON JOSEPH | 08241.000465/2011-09 |

| Residências Permanentes concedidas pelo Departamento de Estrangeiros/SNJ/MJ no Diário Oficial de 19.03.2012 | |
|--|----------------------|
| ABED NEGOT MEISSET | 08241.002067/2011-19 |
| ABIUD OCCESITE | 08241.003069/2011-25 |
| ADELINE HERMILUS | 08241.001187/2011-07 |
| ADLET AUGUSTIN | 08221.001802/2011-13 |
| ALAIN DUBOIS | 08241.002833/2011-45 |
| ALBERTO CIUS | 08241.003465/2011-52 |
| ALEINE REGISTE | 08221.001776/2011-15 |
| ALEXIS JACQUES | 08460.001376/2011-97 |
| ALFRED WILMIN | 08485.004460/2011-84 |
| ALFREUS MESCA | 08241.001173/2011-85 |
| ALINE MEDEROSE | 08241.003498/2011-01 |
| ALINEAU GETIS | 08221.001807/2011-38 |
| ALIXE PHILOGENE | 08241.002469/2011-13 |
| ALSON FEVRIER | 08241.002403/2011-23 |
| ALTAGRACE FENELUS | 08241.003515/2011-00 |
| ALTES PETIOTE | 08241.002662/2011-54 |
| AMERIQUE GESSE | 08221.001652/2011-30 |

| | |
|----------------------|----------------------|
| AMILUS FRANCOIS | 08241.001768/2011-31 |
| AMOS FAVEUS | 08221.001493/2011-73 |
| AMY ST-LOT | 08241.001694/2011-32 |
| ANEL FELIX | 08241.001809/2011-99 |
| ANIQUE SEANCE | 08221.001917/2011-08 |
| ANNA JULIE PIERRE | 08241.001790/2011-81 |
| ANNE-ROSE JEUNE | 08505.016809/2011-45 |
| ANOSCAR CHARLES | 08221.001563/2011-93 |
| ANTECHENY JEAN-PAUL | 08241.001683/2011-52 |
| ANTONIE VERCIOUS | 08241.001882/2011-61 |
| APOTRE PAUL ST JEAN | 08241.002793/2011-31 |
| ARCHANGE DEBAT | 08241.001953/2011-25 |
| ARISTHENE ISRAEL | 08221.001767/2011-24 |
| ARNOLD ANDRENA | 08241.002699/2011-82 |
| ATHANAS JEAN | 08241.002625/2011-46 |
| ATOISIN JEAN-MARIE | 08241.001198/2011-89 |
| BANABAS IDEUS | 08221.001918/2011-44 |
| BEATRICE CHARLES | 08221.001510/2011-72 |
| BECKENBAUER ALPHONSE | 08221.001836/2011-08 |
| BELADERE BRUTUS | 08221.001770/2011-48 |
| BENEL GERMAIN | 08241.001784/2011-23 |
| BENSON PLATEL | 08241.001685/2011-41 |
| BERLINE PAUL | 08241.002413/2011-69 |
| BERLUS ORELIN | 08221.001556/2011-91 |
| BERLUS ROMAIN | 08241.002167/2011-45 |
| BERNADETTE BERNARD | 08241.002638/2011-15 |
| BERTHONY PIERRE | 08241.003514/2011-57 |
| BERTHONY PIERRE | 08241.003180/2011-11 |
| BERTRAN GELIN | 08241.002027/2011-77 |
| BETTINA CHARLOTIN | 08241.001925/2011-16 |
| BIEN -AIME EDELINE | 08505.079693/2011-55 |
| BILDAD DERVILUS | 08241.001748/2011-60 |
| BONNARD PAUL | 08241.002391/2011-37 |
| BREVIL ESTIMABLE | 08221.001727/2011-82 |
| BRISLY ELVA | 08241.001767/2011-96 |
| BRUNEL CADET | 08505.016825/2011-38 |
| BRUSLY LUGE | 08241.002059/2011-72 |
| BUNET EXATUS | 08241.001721/2011-77 |
| CAMELO SAINT CYR | 08241.003169/2011-51 |

| | |
|---------------------------------------|----------------------|
| CANES JEUNE | 08505.107557/2011-62 |
| CARLINE LAGUERRE | 08241.002700/2011-79 |
| CASIMIR LAMBERT | 08241.001867/2011-12 |
| CEDESTIN DEBORNE | 08221.001736/2011-73 |
| CELESTE EXANTUS | 08221.001555/2011-47 |
| CERANDIEU PIERRE | 08241.002400/2011-90 |
| CEROL VIKLFRARD | 08241.002158/2011-54 |
| CEVALAIRE SANON | 08241.002376/2011-99 |
| CHARLEMAGNE CHARLES | 08221.001738/2011-62 |
| CHARLINE THEOPHILE | 08221.001499/2011-41 |
| CHARLONET FRANCOIS | 08221.001832/2011-11 |
| CHERISME DORELIEN | 08505.078178/2011-58 |
| CHINITA MERVILUS | 08221.001794/2011-05 |
| CHRISTAL JOSEPH | 08221.001722/2011-50 |
| CHRISTELA ESTIMABLE | 08221.001761/2011-57 |
| CLAIRMANTINE ESTIMABLE | 08221.001602/2011-52 |
| CLAIRMINE JOACHIN | 08241.002698/2011-38 |
| CLAUDENAIRE ALMONORD | 08221.001915/2011-19 |
| CLAUDY JUNIOR PHILISTIN | 08241.002069/2011-16 |
| CLEANE ROMAIN | 08221.001796/2011-96 |
| CLELIOR JOSEPH | 08241.003096/2011-06 |
| CLEMENTE ESTERLING | 08241.002466/2011-80 |
| CHRITIAN IVERA | 08241.002656/2011-05 |
| CYNTHIA DAOUT | 08505.078189/2011-38 |
| DADY POLIFORT | 08221.001716/2011-01 |
| DANIEL PETIT-HOMME | 08241.002591/2011-90 |
| DANIEL ALEXANDRE | 08241.003469/2011-31 |
| DANIEL DECIMUS | 08221.001826/2011-64 |
| DANIEL ELISKA | 08241.003067/2011-36 |
| DANISE ELIACIN | 08241.003517/2011-91 |
| DAVID ANTOINE | 08241.002644/2011-72 |
| DAVID RENÉ | 08221.001496/2011-15 |
| DELPHINE MILIEN, SAMIE MILIEN e DANIE | 08241.002852/2011-71 |
| DEMANUEL SIMILIEN | 08221.001714/2011-11 |
| DENIS DECILUS | 08241.003504/2011-11 |
| DENYS ACCIDE | 08241.003184/2011-08 |
| DESIR SIMEON | 08221.001765/2011-35 |
| DESTIN MATHURIN | 08241.001179/2011-52 |
| DIANA LOUIDOR e JESSICA LEBRUN | 08241.001741/2011-48 |

| | |
|----------------------|----------------------|
| DIEUL HOMME ORMIL | 08241.001550/2011-86 |
| DIEULDIL SAINT-THONA | 08241.001920/2011-85 |
| DIEULENE MIRASAIN | 08241.003506/2011-19 |
| DIEUPHEL BADIN | 08241.002421/2011-13 |
| DIEUSAUVEUR JONANIS | 08221.001654/2011-29 |
| DIEUSAUVEUS CHARLES | 08505.043642/2011-95 |
| DIEUSEUL SAINT-FLEUR | 08241.001738/2011-24 |
| DIEUSINOR ADEUS | 08241.002394/2011-71 |
| DIEUVERT CHARLES | 08221.001924/2011-00 |
| DIEUVET CLERVILUS | 08241.003497/2011-58 |
| DIGUE PHILIPPE | 08241.003503/2011-77 |
| DILOS JOSEPH | 08221.001939/2011-60 |
| DIMY ROZIER | 08241.002653/2011-63 |
| DINO ORIUS | 08241.002842/2011-36 |
| DITZLER DESULME | 08241.002695/2011-02 |
| DOUGELET NOEL | 08221.001512/2011-61 |
| DUCHENER PIERRE | 08241.002702/2011-68 |
| DUMAS SAINTIMAS | 08241.001171/2011-96 |
| DUMY DORCE | 08241.002047/2011-48 |
| DUNOI DARIUS | 08221.001507/2011-59 |
| DUPERVIL CLITUS | 08241.001180/2011-87 |
| EBEN DORVIL | 08241.001192/2011-10 |
| EDDY JORCELY | 08241.001723/2011-66 |
| EDDY PIERRE | 08241.003088/2011-51 |
| EDLINE DALMACY | 08221.001927/2011-35 |
| EDMOND CLERVOIR | 08241.003183/2011-55 |
| EDMOND ELUSME | 08241.001195/2011-45 |
| EDMOND EUGENE | 08221.001562/2011-49 |
| EDMOND PREDESTIN | 08221.001909/2011-53 |
| EDVARD EXAVIER | 08241.001773/2011-43 |
| ELECK LEGRAND | 08241.003205/2011-87 |
| ELIUS NOEL | 08221.001912/2011-77 |
| ELMINA CASTELLAN | 08221.001833/2011-66 |
| ELTHA JOSEPH | 08241.001837/2011-14 |
| ELYSÉ JOSEPH | 08505.029740/2011-10 |
| EMILE MARC | 08241.001938/2011-87 |
| EMMANUEL AUGUSTIN | 08240.032211/2011-51 |
| EMMANUEL CHERELUS | 08221.001515/2011-03 |
| EMMANUEL JEAN PIERRE | 08241.001914/2011-28 |

| | |
|------------------------------------|----------------------|
| EMMANUEL SAINTILME | 08241.001181/2011-21 |
| ENEQUE FLEURISSANT | 08241.001958/2011-58 |
| ENIEL TOUSSAINT | 08505.048779/2011-36 |
| ENOSCH LAPLANTE | 08221.001506/2011-12 |
| EPHESIEN MICHEL | 08241.002025/2011-88 |
| ERIC FRANCISQUE | 08241.001964/2011-13 |
| ERNEST MASSOLA e DIEUSILA NOVEMBRE | 08241.003518/2011-35 |
| ERNSEAU DUROSIER | 08241.001957/2011-11 |
| ERNST MASSILLON | 08241.001762/2011-63 |
| ERVA RIBOUL | 08241.001954/2011-70 |
| ESDRAS TOUSSAINT | 08241.002043/2011-60 |
| ESPERANDIEU MILFLEUR | 08221.001829/2011-06 |
| ESTHER SEVERE | 08241.002523/2011-21 |
| ESTINOLD SAINTIL | 08241.002784/2011-41 |
| ETHVAT CHERILUS | 08221.001661/2011-21 |
| EXANTE LOUIS | 08241.001197/2011-34 |
| EZECHIEL DOLCE | 08221.001554/2011-01 |
| FANOR VAL | 08221.001513/2011-14 |
| FAUCHELET MERCEDA | 08241.001913/2011-83 |
| FEGUENS DESIR | 08241.001720/2011-22 |
| FLEURIMENE ELISME | 08241.002060.2011-05 |
| FRANCELAS PAUL | 08241.002870/2011-53 |
| FRANCIS RIGUEUR | 08221.001723/2011-02 |
| FRANCKY PIERRESTAL | 08241.003102/2011-17 |
| FRANDER CERA | 08241.003059/2011-90 |
| FRANTZ MEDNARD | 08221.001929/2011-24 |
| FRANTZ ORESTE | 08241.002141/2011-05 |
| FRANTZCEAU CERANUS | 08241.001184/2011-65 |
| FREDERICK MONCLAIR | 08241.002689/2011-47 |
| FRENEL DORLEUS | 08241.000515/2010-69 |
| FRESNA BLANC | 08241.003076/2011-27 |
| FRESNEL THERCY | 08221.001658/2011-15 |
| FRISMOND REGIS | 08221.001772/2011-37 |
| FRITO CHARLES | 08241.002387/2011-79 |
| FRITZ GEORGY METELLUS | 08241.000955/2011-05 |
| FRITZNER MARCELIN | 08241.001951/2011-36 |
| GABNEL AMECIA | 08241.002041/2011-71 |
| GARRY ROBERT | 08241.001985/2011-21 |
| GEDEON CHARLES | 08221.001835/2011-55 |

| | |
|------------------------------------|----------------------|
| GEDLET JEUNE | 08221.001726/2011-38 |
| GEFFRARD CELESTIN | 08221.001769/2011-13 |
| GENEISE JEUDI | 08241.003097/2011-42 |
| GENIE JEUNE | 08241.002790/2011-06 |
| GERALD GUSTAVE | 08241.000503/2010-34 |
| GERALD HENRY | 08505.078180/2011-27 |
| GERALD PLACIUS | 08221.001925/2011-46 |
| GERARD CHERY | 08221.001922/2011-11 |
| GERDA ANTOINE | 08241.001968/2011-93 |
| GERMANIE VICTOR | 08241.002038/2011-57 |
| GERSNER JEAN -CLAUDE | 08241.002040/2011-26 |
| GESTRO ESTIMABLE | 08241.001945/2011-89 |
| GILBERT ELIUS, FERNANDE INNOCENT e | 08241.002571/2011-19 |
| GILBERT LAHENS | 08241.002673/2011-34 |
| GINIOR ANDRE | 08221.001858/2011-60 |
| GIVERSON BAUZIL | 08241.003511/2011-13 |
| GRACIA CRICIUS | 08221.001920/2011-13 |
| GREGOIRE ST. LOUIS | 08241.001928/2011-41 |
| GRENISE ESTENIO | 08221.001913/2011-11 |
| GUERLINE RENE | 08221.001509/2011-48 |
| GUERLYNE LOISEAU | 08241.002385/2011-80 |
| GUERLYNE NAZAIRE | 08241.003073/2011-93 |
| GUERRIER GESSE | 08221.001653/2011-87 |
| GUERTIE JOSEPH | 08241.002637/2011-71 |
| GUETTECHINE SALOMON | 08221.001517/2011-94 |
| GUILENE ALMEUS | 08241.003492/2011-25 |
| GUIVNY LEXIS | 08221.001616/2011-76 |
| GUY MOLIERE | 08241.002186/2011-71 |
| GUY YSNADIN | 08241.003174/2011-64 |
| HECTOR FERTIL | 08241.002033/2011-24 |
| HENRIO DEMOSTHENE | 08221.001930/2011-59 |
| HERAUDE AUGUSTIN | 08221.001568/2011-16 |
| HEVENS SANON | 08505.078186/2011-02 |
| HUBERT ALEXIS | 08241.002071/2011-87 |
| IRENA FILS AIME | 08241.000787/2011-40 |
| ISLANDE ADAIN | 08241.003170/2011-86 |
| ISMAILLE GIROT | 08241.003175/2011-17 |
| ISMETHA FLEURIDOR | 08241.001699/2011-65 |
| ITALAIRE PHENO | 08221.001613/2011-32 |

| | |
|------------------------|----------------------|
| JACCIUS AUGUSTIN | 08241.002139/2011-28 |
| JACKSON SYLVAIN | 08221.001771/2011-92 |
| JACQUELIN ETIENNE | 08241.000793/2011-05 |
| JACQUES -CLAUDE MICHEL | 08241.001987/2011-10 |
| JACQUES LOUISSAINT | 08241.000750/2011-11 |
| JADY PIERRE LOUIS | 08241.001952/2011-81 |
| JALINE NAU | 08241.001884/2011-50 |
| JAMARY ORESTE | 08241.002045/2011-59 |
| JAMES BELUS | 08241.000578/2010-15 |
| JAMES OLIUS | 08241.002585/2011-32 |
| JAMESON DERVAL | 08505.079690/2011-11 |
| JANVIER NACIA | 08241.003093/2011-64 |
| JEAN ALMOND LOUIS | 08241.001934/2011-07 |
| JEAN ANDSELT BAPTISTE | 08221.001518/2011-39 |
| JEAN ANEL ADELSON | 08241.001743/2011-37 |
| JEAN BAPTISTE CENATUS | 08241.002590/2011-45 |
| JEAN BERNARD NOEL | 08241.003467/2011-41 |
| JEAN CASIMIR CAMIL | 08241.003203/2011-98 |
| JEAN CLAUDE KENOL | 08221.001713/2011-69 |
| JEAN- CLAUDE PAUL | 08241.002046/2011-01 |
| JEAN CLOTAIRE LUMAUS | 08241.002061/2011-41 |
| JEAN DACHENER JUSME | 08241.003084/2011-73 |
| JEAN DOMINIQUE PAUL | 08241.003468/2011-96 |
| JEAN DONALD JOLY | 08241.003080/2011-95 |
| JEAN EDNET LEGER | 08241.001193/2011-56 |
| JEAN EDRICE CHARLES | 08241.001999/2011-44 |
| JEAN ERNEST OCCELAIN | 08241.003164/2011-29 |
| JEAN ERNST DORT | 08241.001185/2011-18 |
| JEAN ERNST MILLUS | 08241.000787/2010-69 |
| JEAN ESTEVE GUERILUS | 08241.001917/2011-61 |
| JEAN FIFLO JOLUS | 08241.002650/2011-20 |
| JEAN FRANSAINT LOUIS | 08241.000933/2010-56 |
| JEAN FRANTZ DESIR | 08241.001939/2011-21 |
| JEAN FRANTZ JEAN | 08241.001840/2011-20 |
| JEAN FRANTZMAN THELUS | 08241.003065/2011-47 |
| JEAN FRITZNER CHARLES | 08241.002676/2011-78 |
| JEAN GARBIN MARCELLIN | 08505.016828/2011-71 |
| JEAN GERALD CHARLES | 08241.002781/2011-15 |
| JEAN GIVENSON VIL | 08241.001967/2011-49 |

| | |
|--------------------------|----------------------|
| JEAN GUILIANO REVOLUS | 08241.000796/2011-31 |
| JEAN INNOCENT MONFISTON | 08241.002072/2011-21 |
| JEAN ISMAEL FLEURIMOND | 08241.003086/2011-62 |
| JEAN KENOL COMPERE | 08241.003087/2011-15 |
| JEAN LANGUERRE | 08241.003457/2011-14 |
| JEAN LOUIS PAUL | 08241.003071/2011-02 |
| JEAN LUCSONNE SENAT | 08241.003068/2011-81 |
| JEAN MAX ROBERT | 08241.001183/2011-11 |
| JEAN MAXSEAU JUSTE | 08241.002030/2011-91 |
| JEAN MERCIDIEU NAPPOLEON | 08241.002759/2011-67 |
| JEAN MICHELET ESTIME | 08241.001742/2011-92 |
| JEAN MONEL CENAT | 08221.001825/2011-10 |
| JEAN NELES DERILUS | 08241.002665/2011-98 |
| JEAN NICOLAS SERUM | 08241.002164/2011-10 |
| JEAN PAPOUCHE ERNEST | 08241.001918/2011-14 |
| JEAN PROVINCE ROMAIN | 08241.001937/2011-32 |
| JEAN -RENAUT DENIUS | 08241.001176/2011-19 |
| JEAN RENEL ULYSSE | 08241.002588/2011-76 |
| JEAN RICHARD BONHEUR | 08241.003462/2011-19 |
| JEAN ROBERT JEAN | 08241.001948/2011-12 |
| JEAN ROBERT PARIS | 08241.002153/2011-21 |
| JEAN RONALD DESTIMA | 08241.001684/2011-05 |
| JEAN RONY JEAN FRANÇOIS | 08241.001746/2011-71 |
| JEAN RONY JEUNE | 08505.107566/2011-53 |
| JEAN ROSENORD JOSEPH | 08241.003206/2011-21 |
| JEAN ROSNY JOSEPH | 08241.001963/2011-61 |
| JEAN SAINT ELOY BONHEUR | 08241.001997/2011-55 |
| JEAN SAINTIMA NOEL | 08241.001789/2011-56 |
| JEAN SAINTTILLEN | 08221.001863/2011-72 |
| JEAN SAMSON CENATUS | 08241.001712/2011-86 |
| JEAN VENEL LEON | 08221.001520/2011-16 |
| JEAN WEL LESTIN | 08241.002026/2011-22 |
| JEAN WISNO SAINT RILUS | 08241.002068/2011-63 |
| JEANCELET REGISTRE | 08241.002397/2011-12 |
| JEANLYS VALENTIN | 08241.001740/2011-01 |
| JEAN WATHNY CHERY LOUIS | 08505.098047/2011-97 |
| JELIO OPHELIA | 08241.002835/2011-34 |
| JENIFER CADET | 08241.002627/2011-35 |
| JHON ESLER PIERRE | 08241.001998/2011-08 |

| | |
|----------------------------------|----------------------|
| JILAND THELEMARQUE | 08221.001911/2011-22 |
| JIMMITRI SALOMON | 08221.001519/2011-83 |
| JN ELIE EMMANUEL | 08241.002379/2011-22 |
| JN FALNER POLYNICE | 08241.001929/2011-96 |
| JOANNE MARCELIN | 08241.002694/2011-50 |
| JOB MARCELLUS | 08241.002377/2011-33 |
| JOCELYN JOSEPH | 08221.001664/2011-64 |
| JODLET SAINTIL | 08221.001923/2011-57 |
| JOEL PETIT FRERE | 08221.001921/2011-68 |
| JOHN PETRERSON AMBROISE e SABINE | 08241.002137/2011-39 |
| JOHSON BEAUGE | 08460.034044/2011-99 |
| JOLIETTE DESSIN | 08221.001659/2011-51 |
| JONATHAN ANSENE | 08241.002837/2011-23 |
| JONELSON TOUSSAINT | 08221.001933/2011-92 |
| JOREL BIEN -AIME | 08221.001715/2011-58 |
| JOSE LAURENCY | 08221.001795/2011-41 |
| JOSE MICHEL | 08221.001932/2011-48 |
| JOSEPH FENELUS | 08221.001724/2011-49 |
| JOSEPH GLAUUY | 08295.022800/2011-96 |
| JOSEPH JEAN BLANC | 08221.001495/2011-62 |
| JOSEPH LOUISSANT MARC | 08505.053081/2011-32 |
| JOSEPH NORISTON | 08221.001662/2011-75 |
| JOSEPH WELSON PIERRE LOUIS | 08241.003491/2011-81 |
| JOSIANNE GEDE | 08241.002787/2011-84 |
| JOSLIN PIERRE | 08241.001881/2011-16 |
| JOSUE MERZIUS | 08241.003104/2011-14 |
| JUDE JOLIFIER | 08241.001787/2011-67 |
| JUDITH JOSEPH | 08221.001740/2011-31 |
| JULIENNE LOUIS | 08241.002693/2011-13 |
| JULIO CHARLES | 08221.001834/2011-19 |
| JUNIE MONDESIR | 08505.053331/2011-34 |
| JUNIOR ANNYLUSSE | 08241.003172/2011-75 |
| JUNIOR CHARLES | 08221.001799/2011-20 |
| JUNIOR NOVEMBRE e FANIA LUSTIN | 08241.003507/2011-55 |
| JUNIOR NOZIUS | 08241.001991/2011-88 |
| KARINE DORSAINTVIL | 08241.000786/2011-03 |
| KELLO SAINTUS | 08220.005028/2011-11 |
| KEMPES CHARLES | 08241.001430/2011-89 |
| KENCY ALCIME | 08221.001557/2011-36 |

| | |
|-----------------------|----------------------|
| KENDY SYLIS | 08241.002626/2011-91 |
| KENOLD CARIUS PIERRE | 08241.000481/2010-11 |
| KENOLD LORQUET | 08241.002640/2011-94 |
| KENSON PALISSIER | 08241.001271/2011-12 |
| KENTHIA GERANCON | 08241.000694/2011-15 |
| KEPLER SAINT FORT | 08221.001505/2011-60 |
| KERLINE VAL | 08221.001774/2011-26 |
| KERLIO CASIMIR | 08241.001730/2011-68 |
| KERNISKY JOSEPH | 08241.000691/2011-81 |
| KERSON FERDINAND | 08241.002796/2011-75 |
| KESNEL PIERRE CHARLES | 08241.001691/2011-07 |
| KETTELINE FLEURIMOND | 08221.001763/2011-46 |
| KINEL CHOISIL | 08241.001727/2011-44 |
| LABISSIERE DUPUY | 08241.000517/2010-58 |
| LAROUSSE CETOUTE | 08241.000875/2011-41 |
| LASNET GABRIEL | 08241.001261/2011-87 |
| LAUNIC MOISE | 08241.001682/2011-16 |
| LAUSENETH JEAN | 08241.001611/2011-13 |
| LEBLANC ULRICK | 08241.000192/2010-11 |
| LECKANL JOSEPH | 08241.000695/2011-60 |
| LEDREFF CHARLES | 08221.001471/2011-11 |
| LEMANET LEONEL | 08241.002778/2011-93 |
| LEMEL BOZILE | 08241.000938/2011-60 |
| LENES CHERY | 08241.002679/2011-10 |
| LENOR ETIENNE | 08241.003502/2011-22 |
| LEON BALAAM | 08221.001497/2011-51 |
| LEONOR NORCEIDE | 08221.001459/2011-07 |
| LESLY EDOUARD | 08241.001616/2011-38 |
| LESLY HAROLD PAUYO | 08221.001502/2011-26 |
| LESLY TESSIER | 08221.001803/2011-50 |
| LEVANAUD BENOIT | 08241.001263/2011-76 |
| LEVY SAINT FLEUR | 08221.001154/2011-97 |
| LIASENER JOSEPH | 08221.001566/2011-27 |
| LIBONES LARES | 08221.000678/2011-61 |
| LIFAITIEUSE DORESTIN | 08241.000891/2010-53 |
| LINDSAY LEONE | 08241.001253/2011-31 |
| LINES COLAS | 08241.002343/2011-49 |
| LISMENE SAINTILUS | 08241.002703/2011-11 |
| LITHA PIERRE | 08241.000910/2010-41 |

| | |
|--------------------------------|----------------------|
| LIZETTE LOUISSANT | 08241.001941/2011-09 |
| LONEL HENRY FLEUDEUS | 08241.002373/2011-55 |
| LONY ALCEUS | 08221.000584/2011-91 |
| LORIANA LOUIS | 08241.001577/2011-79 |
| LORILUS CILUS | 08241.001663/2011-87 |
| LOUBENZ JULIEN | 08241.001619/2011-71 |
| LOUIDES FLORVIL | 08221.000762/2011-84 |
| LOUINORD PAVELUS | 08241.000801/2011-13 |
| LOUIS FILS LAMBERT | 08241.001583/2011-26 |
| LOUIS LUXE | 08221.000765/2011-18 |
| LOVE GEROME | 08241.003505/2011-66 |
| LOVENA ELIEN | 08241.001955/2011-14 |
| LOVERNE ANASTAL | 08241.000686/2011-79 |
| LUBIN ISRAEL | 08241.003500/2011-33 |
| LUC CAMILLE | 08241.000683/2011-35 |
| LUC DOIDIE | 08241.000790/2011-63 |
| LUC FILS GALETTE | 08241.000832/2011-66 |
| LUC ISSONE MOISE | 08241.000919/2010-52 |
| LUC LOUIS | 08241.003079/2011-61 |
| LUCIEN FLEURIDOR | 08241.001552/2011-75 |
| LUCIENNE ACE | 08241.001225/2011-13 |
| LUCKA CHARLES | 08221.001741/2011-86 |
| LUCKNER ALDAJUSTE | 08221.001560/2011-50 |
| LUCKNER NICOLAS, JANA MAUZAR e | 08241.002635/2011-81 |
| LUCKSON CALIXTE | 08241.001232/2011-15 |
| LUCKSON LOUIS JEUNE | 08241.001532/2011-02 |
| LUCKSON MASSE | 08221.001462/2011-12 |
| LUCNER ELISIAS | 08221.000746/2011-91 |
| LUCNER TRANQUILLE | 08221.000991/2011-07 |
| LUCSENE TILUS | 08241.001575/2011-80 |
| LUCSON JEAN | 08241.003101/2011-72 |
| LUDENCY BRAVE | 08221.001337/2011-11 |
| LUDNERNIER GENESTANT | 08221.001139/2011-49 |
| LUNISE GABELUS BOSS | 08241.000590/2010-20 |
| MACEL YLVA | 08221.001840/2011-68 |
| MACKENDY DAVILMAR | 08221.001397/2011-25 |
| MACKENSON ANILUS | 08241.000972/2011-31 |
| MACKSO ROMAIN | 08221.001764/2011-91 |
| MACULA LOUIS | 08221.000778/2011-97 |

| | |
|--------------------------------------|----------------------|
| MAGARETTE PIERRE | 08241.000742/2011-75 |
| MAGDA JEAN BAPTISTE | 08241.000698/2011-01 |
| MAGLOIRE DELION | 08241.000974/2011-23 |
| MAGLOIRE DONATIEN | 08221.001466/2011-09 |
| MANIS SAINTUS | 08221.001615/2011-21 |
| MANOUCHEKA DATILUS | 08221.000992/2011-43 |
| MARC ANAIS | 08241.001211/2011-08 |
| MARC ANTONIE JEAN | 08221.000994/2011-32 |
| MARC CHARLES GUILLAUME | 08241.001649/2011-88 |
| MARC PIERRE | 08221.001604/2011-41 |
| MARCKENSON DESBAS | 08241.001177/2011-63 |
| MARCKENSON EXIMA | 08241.000907/2011-17 |
| MARCKENSON TISMA | 08241.001782/2011-34 |
| MARDOCHE SAINT JEAN | 08241.003094/2011-17 |
| MARDOCHEE LEGAL | 08221.001651/2011-95 |
| MARIE YOLENE AURELIEN | 08221.000971/2011-28 |
| MARIE ANNA ORESTE | 08241.000610/2011-43 |
| MARIE BERTHA DORVIL | 08241.001435/2011-10 |
| MARIE DORNARD MERIVAL ISARAC | 08241.002404/2011-78 |
| MARIE DULIA FRANÇOIS | 08241.002151/2011-32 |
| MARIE ERMILIA NOEL | 08241.001134/2011-88 |
| MARIE EVELYNE MEME | 08241.001944/2011-34 |
| MARIE FRANCE PIERRE MARC | 08241.001610/2011-61 |
| MARIE FRANCINE VOLCY | 08241.001657/2011-24 |
| MARIE HELEINE ORELUS | 08221.001798/2011-85 |
| MARIE JEANNETTE PIERRE | 08241.002568/2011-03 |
| MARIE -JO VOLNY | 08221.000740/2011-14 |
| MARIE JOHANE RUBIN | 08241.001437/2011-09 |
| MARIE JOSETTE BONNY | 08241.001735/2011-91 |
| MARIE LANDY GEORGES, LINKA CHARLES e | 08241.002574/2011-52 |
| MARIE LOURDE DORSAINVIL | 08221.001660/2011-86 |
| MARIE MAGALIE PIERRE | 08505.053335/2011-12 |
| MARIE MICHE LOVE CIME | 08241.002021/2011-08 |
| MARIE MODE DERIVAL ANTOINE e | 08241.002566/2011-14 |
| MARIE MONA LISME | 08241.001528/2011-36 |
| MARIE MURIELLE VICTOR | 08241.001760/2011-74 |
| MARIE NIRVA PIERRE | 08241.002704/2011-57 |
| MARIE ROSETTE BLAISE FENELON | 08241.002629/2011-24 |
| MARIE SUZETTE DEMONSTHENE CHARLES | 08241.001589/2011-01 |

| | |
|------------------------------|----------------------|
| MARIE VERNICIA JEAN BAPTISTE | 08241.003501/2011-88 |
| MARIE WILLIANE DESOUVRE | 08221.001180/2011-15 |
| MARILIEN JEAN | 08241.001563/2011-55 |
| MARIO CASSEUS | 08241.001527/2011-91 |
| MARJORIE VALCIN | 08241.003075/2011-82 |
| MARKEN CHARLES | 08241.000773/2011-26 |
| MARNEST SAINTIDOR | 08241.000906/2011-64 |
| MARTINE CHINO | 08241.001670/2011-83 |
| MARTINE FLEURELIEN | 08221.000983/2011-52 |
| MARTINE GABRIEL JEAN | 08241.002763/2011-25 |
| MARTY CEIDE | 08221.001717/2011-47 |
| MASSILLON CHARLES | 08241.002799/2011-17 |
| MATINESSE DALMACY | 08221.001720/2011-61 |
| MAURELAINE BERTHIN | 08241.001280/2011-11 |
| MAX REYNOLD ANTILUS | 08241.000949/2011-40 |
| MAXEAU BONHOMME | 08241.002000/2011-84 |
| MAXIM JANVIER | 08241.001618/2011-27 |
| MAYENNE LAURANTUS | 08241.002395/2011-15 |
| MECES FIGARO | 08390.002336/2011-33 |
| MEDIKEN CHARLES | 08221.001158/2011-75 |
| MERCIDIEU MORENCY | 08221.001474/2011-47 |
| MERES EXALANT | 08221.001564/2011-38 |
| MERINOT NORD | 08221.001165/2011-77 |
| MERISLIN AUGUSTIN | 08221.000772/2011-10 |
| MERZILUS DUMERZIER | 08241.003095/2011-53 |
| MICHAEL DORSINVIL | 08241.001722/2011-11 |
| MICHEL JEAN PIERRE | 08221.001800/2011-16 |
| MICHELENE CHALIEN | 08297.000245/2011-21 |
| MICHELET GUERRIER | 08241.000834/2011-55 |
| MICHELET BEAUGE | 08241.003472/2011-54 |
| MICHELET GILLES | 08221.001601/2011-16 |
| MICHELET LUCAS | 08241.001949/2011-67 |
| MICHELET MYRBEL | 08241.001581/2011-37 |
| MICHELET VICTOR | 08221.001737/2011-18 |
| MICHELIN ANTES | 08241.001561/2011-66 |
| MICHELIN MACCIMAT | 08221.000763/2011-29 |
| MICHELINE CHARLESTON | 08241.001525/2011-01 |
| MICHELINE FENELUS | 08221.001739/2011-15 |
| MICHETET DORELUS | 08241.002641/2011-39 |

| | |
|------------------------|----------------------|
| MICLISSE NOEL | 08221.001340/2011-26 |
| MIGUEL ELYSE | 08241.002843/2011-81 |
| MIGUEL GEFFRARD | 08241.000858/2011-12 |
| MILLIONAIS SIMILIEN | 08241.001622/2011-95 |
| MILO SAINT PIERRE | 08241.001428/2011-18 |
| MILOIR DUFORT | 08241.000684/2011-80 |
| MILOUSE LOZIN | 08221.001162/2011-33 |
| MILTON MARC | 08505.053341/2011-70 |
| MIRLENE DALMACY | 08221.001926/2011-91 |
| MIRTHA ARTHIS | 08241.002088/2011-34 |
| MIRTHA AUGUSTE | 08241.000798/2011-20 |
| MISTRAL ESTIMABLE | 08241.002581/2011-54 |
| MISTRAL LOUIS | 08241.001990/2011-33 |
| MITCHELLE JEAN MONTAS | 08241.001579/2011-68 |
| MODELENE JOLY | 08221.001272/2011-03 |
| MOISE CHARLEUS | 08221.000984/2011-05 |
| MOLEON PAMPHILE | 08241.000928/2011-24 |
| MOLIERE VINCENT | 08241.001986/2011-75 |
| MOLIQUE ALCIUS | 08241.000910/2011-22 |
| MONA GUERRIER | 08241.000862/2011-72 |
| MONDESTIN DESIR | 08221.001553/2011-58 |
| MONIQUE CHARLES | 08221.001797/2011-31 |
| MONIQUE DERILICE | 08221.001144/2011-51 |
| MONNOIS CIUS | 08241.000612/2011-32 |
| MORALES MORALUS | 08241.001252/2011-96 |
| MOSKY MARDY ADELSON | 08241.000898/2011-56 |
| MOVIL GELET | 08241.000789/2011-39 |
| MULVER PREVILON | 08241.000642/2011-49 |
| MURAT CAJUSTE | 08241.001182/2011-76 |
| MUSLET WILLIAM | 08221.000634/2011-31 |
| MUSSAUX JOSEPH | 08221.001656/2011-18 |
| MYRIONNE PIERRE | 08241.001273/2011-10 |
| MYRLEINE SANTIL | 08241.000877/2011-31 |
| MYRVALSON PIERRE | 08221.000592/2011-38 |
| NADEGE COMPERE | 08241.000833/2011-19 |
| NADEGE JOSEPH MARCELIN | 08221.000771/2011-75 |
| NADEGE LAPLANTE | 08221.001916/2011-55 |
| NADEGE NOEL | 08241.002380/2011-57 |
| NADEIGE SALOMON | 08221.001793/2011-52 |

| | |
|---------------------|----------------------|
| NADIAS JOSEPH | 08241.002632/2011-48 |
| NADINE GRAND PIERRE | 08241.000691/2011-81 |
| NADINE PIERRE LOUIS | 08241.000892/2011-89 |
| NAEL PRIMA | 08241.001650/2011-11 |
| NANCIE ALEXIS | 08241.000908/2010-72 |
| NAROLIDE GILLES | 08241.001235/2011-59 |
| NATHACHA SYMOND | 08221.000977/2011-03 |
| NATHALIE JOSEPH | 08241.003178/2011-42 |
| NED SAINT LOUIS | 08241.001681/2011-63 |
| NEHEMY SIMON | 08221.000989/2011-20 |
| NELIN MARCELLUS | 08221.001166/2011-11 |
| NELSON BRINY | 08241.003494/2011-14 |
| NELSON DAZULME | 08221.001908/2011-17 |
| NELSON THERESIAS | 08241.003090/2011-21 |
| NERVILUS COLAS | 08221.000662/2011-58 |
| NESLY EXANTUS | 08241.001946/2011-23 |
| NEVALDO LOUIS | 08241.001770/2011-18 |
| NICOLE JULIEN | 08241.000696/2011-12 |
| NICSON CHARLES | 08241.001708/2011-18 |
| NIRTHANIE GARD | 08241.003495/2011-69 |
| NIVAL ARCHEDEUX | 08241.003070/2011-50 |
| NODAS NASIUS | 08221.001650/2011-41 |
| OBELTO FLEURANTIN | 08241.000905/2011-10 |
| OBENS JEUNE | 08241.001889/2011-82 |
| OBERT ARESTIL | 08241.000811/2011-41 |
| ODELUS DOISIR | 08241.001269/2011-43 |
| ODIEL JEAN | 08241.001592/2011-17 |
| ODIVAL ALEXANDRE | 08221.001837/2011-44 |
| ODLER MEINTOR | 08241.001200/2011-10 |
| ODNEL FERDINAND | 08241.002085/2011-09 |
| OKES JEAN | 08241.000617/2011-65 |
| OLGA PETITPHAR | 08221.001775/2011-71 |
| OLIUS JOSEPH | 08221.000759/2011-61 |
| ONAL JEAN | 08221.000745/2011-47 |
| ONEBREL FONFREL | 08221.000668/2011-25 |
| ONEL CERVIUS | 08221.000685/2011-62 |
| ONEL CHARLES | 08241.001995/2011-66 |
| ONEL FONTICHE | 08241.002371/2011-66 |
| ONEL SAINTILUS | 08241.001595/2011-51 |

| | |
|-----------------------|----------------------|
| ONESIL OSCAR | 08221.001504/2011-15 |
| ONIAL ESTIVERNE | 08241.001942/2011-45 |
| ORILUS AURELIEN | 08221.001719/2011-36 |
| OSIAS ARISTOMENE | 08241.002166/2011-09 |
| OSNER LEONARD | 08241.000803/2011-02 |
| OSNER VILBRUN | 08241.003099/2011-31 |
| OUDVEL VILMEUS | 08241.003461/2011-74 |
| OVANIE JOSEPH | 08241.000820/2011-31 |
| OVIGUEL VAL | 08221.001514/2011-51 |
| OZIER CHERILUS | 08221.001149/2011-84 |
| PATERSON LAURENT | 08221.001501/2011-81 |
| PATRICK CALAS | 08241.001172/2011-31 |
| PATRICK PERCEVAL | 08241.001544/2011-29 |
| PAUL SIMEON | 08241.002383/2011-91 |
| PAULETTE JOSEPH | 08241.001718/2011-53 |
| PELISSIER TIVOL | 08221.000993/2011-98 |
| PETERSON LEONARDO | 08221.001173/2011-13 |
| PETERSON PIERRE | 08241.001540/2011-41 |
| PHARIGUAS LEON | 08241.001754/2011-17 |
| PHEDENER FENE | 08241.002647/2011-14 |
| PHEIBERT JOSEPH | 08241.000586/2010-61 |
| PHELICITHA ERIS | 08221.001831/2011-77 |
| PHILEMOND FLEURISME | 08241.001567/2011-33 |
| PHILIAS PIERRE | 08241.000849/2011-13 |
| PHILIBERT JOSEPH | 08221.000836/2011-82 |
| PHILIBERT MONESTIME | 08221.001473/2011-01 |
| PHILIDOR CHARLES | 08221.000686/2011-15 |
| PHILIPPE PHILEMA | 08221.000968/2011-12 |
| PHILIUS JACQUES | 08221.001561/2011-02 |
| PHILOME LOUISSAINT | 08241.001747/2011-15 |
| PHILONY CINE | 08221.001827/2011-17 |
| PHILOXENE JEAN MENES | 08241.001689/2011-20 |
| PHITO PHILEMON | 08220.005026/2011-22 |
| PHOUCAT CASSEUS | 08241.001631/2011-86 |
| PIERRE ANDRE MOISE | 08241.002146/2011-20 |
| PIERRE ANTONIE VIVIL | 08221.000770/2011-21 |
| PIERRE BERTONY | 08241.001667/2011-60 |
| PIERRE GEROME CHARLES | 08221.001565/2011-82 |
| PIERRE ISAAC | 08241.000946/2011-14 |

| | |
|-----------------------------------|----------------------|
| PIERRE JOSEPH FRANÇOIS | 08241.002135/2011-40 |
| PIERRE LOUIS CLERJUSTE | 08241.001677/2011-03 |
| PIERRE MICHEL AUGUSTIN | 08241.000876/2011-96 |
| PIERRE NICOLAS | 08241.000878/2011-85 |
| PIERRE RENEL JN PIERRE | 08241.001769/2011-85 |
| PIERRELUS PIERRE | 08221.000829/2011-81 |
| PLACIUS WATSON | 08241.001666/2011-15 |
| POLINIS POLYNIS | 08241.000916/2011-08 |
| POSSIBLE JOSEPH | 08241.000739/2011-51 |
| PRESNO JULES | 08241.002465/2011-35 |
| PREVENEL MOISE | 08221.000848/2011-15 |
| RAOUL INEUS DESTINE | 08241.001786/2011-12 |
| RAPHAEL MOISE | 08241.000829/2011-42 |
| RAYMOND LAGUERRE | 08241.001591/2011-72 |
| RAYMOND MICHEL | 08221.001338/2011-57 |
| RAYMONDE CHARLES e SAMUEL CHARLES | 08241.003064/2011-01 |
| RENAL DORSAINVIL | 08241.001122/2011-53 |
| REBERT JEAN CIUS | 08241.000650/2011-95 |
| REBERT LOUIMAIRE | 08241.000971/2011-90 |
| RELLENNE GEORGES | 08221.000738/2011-45 |
| REMY BAPTISTE | 08221.001001/2011-40 |
| REMY FERTIL | 08241.001783/2011-89 |
| REMYTHO PIERRE | 08221.001487/2011-16 |
| RENAL CADET | 08241.001675/2011-14 |
| RENALD JEAN | 08221.001333/2011-24 |
| RENAND FERDINAND | 08221.001470/2011-69 |
| RENAUD JOSEPH | 08221.000961/2011-92 |
| RENAUD MONFISTON | 08241.001188/2011-43 |
| RENE FRANÇOIS | 08241.000873/2011-52 |
| RENEL JEAN PHILLIPE | 08241.000006/2011-17 |
| RENEL JN PIERRE | 08221.001183/2011-59 |
| RENEL JOSEPH | 08221.000752/2011-49 |
| RENEL MEME | 08241.001690/2011-54 |
| RENEL SAINT FLEUR | 08491.000589/2011-34 |
| RENEL SOUVERAIN | 08241.001892/2011-04 |
| RENEL THEBAUD | 08221.001801/2011-61 |
| RENISE PETIMEY | 08221.001828/2011-53 |
| RENOLD GEORCELY | 08221.001766/2011-80 |
| RENOLD HARMONY | 08221.000754/2011-38 |

| | |
|------------------------|----------------------|
| REYNOLD DUGUE | 08241.000885/2011-87 |
| RICARDO PRESMY | 08241.000876/2010-13 |
| RICHARD DESSALON | 08241.001270/2011-78 |
| RICHARD NUXE JOSEPH | 08241.000881/2011-07 |
| RICHARDSON MAXINAUS | 08221.000990/2011-54 |
| RICHE LOUIDOR | 08241.003512/2011-68 |
| RICHEMOND JEAN | 08221.001611/2011-43 |
| RICO GERMAN | 08241.001196/2011-90 |
| ROBENS TOUSSAINT | 08241.001935/2011-43 |
| ROBENS VALERE | 08221.001349/2011-37 |
| ROBENSON AURELIEN | 08221.001006/2011-72 |
| ROBENSON CHARLES | 08221.000844/2011-29 |
| ROBENSON JEAN BAPTISTE | 08221.001808/2011-82 |
| ROBENSON LINECI | 08221.000781/2011-19 |
| ROBENSON NOEL | 08505.035024/2011-71 |
| ROBENSON PROSPERE | 08241.001022/2010-46 |
| ROBERSON STERLING | 08241.001608/2011-91 |
| ROBERT GABELUS | 08241.000516/2010-11 |
| ROBERTO NICOLAS | 08221.001838/2011-99 |
| ROCHENEL LOISEAU | 08241.002401/2011-34 |
| ROCHENEL CAMILUS | 08221.001137/2011-50 |
| ROCHENEL SIMON | 08241.000747/2011-06 |
| RODANY FLOREAL | 08241.003490/2011-36 |
| RODIMY BIEN AIME | 08241.001275/2011-09 |
| RODNEY CHARLES | 08221.001657/2011-62 |
| RODNEY ETIENNE | 08221.001938/2011-15 |
| RODRIG BELSAINT | 08241.002035/2011-13 |
| RODRIGUE AUGUSTIN | 08221.001150/2011-17 |
| ROGENALD SAINT JEAN | 08241.002844/2011-25 |
| ROLAND JEAN PHILIPPE | 08221.001804/2011-02 |
| ROLAND MILIUS | 08221.001267/2011-92 |
| ROLAND POLITE LOUIS | 08241.001228/2011-57 |
| ROLDER OBEL | 08221.000766/2011-62 |
| ROLDYSON DEPAS | 08241.001766/2011-41 |
| ROLIN BONAMY | 08221.000982/2011-16 |
| ROMAIN DERISSE | 08241.000886/2011-21 |
| ROMEL BELLEVUE | 08241.000619/2011-54 |
| RONAL FILS LOUIS | 08241.003091/2011-75 |
| RONALD GILLES | 08221.001407/2011-22 |

| | |
|--------------------------------|----------------------|
| RONALD JACQUES | 08241.002017/2011-31 |
| RONALD JOSEPH | 08241.000692/2011-26 |
| RONALD LARRIEUX | 08241.001645/2011-08 |
| RONALD SAINT JULES | 08241.000788/2011-94 |
| RONALD SIMON | 08221.001255/2011-68 |
| RONEL BELVAL e MARISE LUIS | 08240.018604/2011-52 |
| RONEL LOUIS | 08221.000837/2011-27 |
| RONNY ROSAMBRET | 08241.001229/2011-00 |
| RONSARD CADICHON | 08241.000975/2011-78 |
| RONY MATHIEU | 08221.000976/2011-51 |
| ROODY JEAN LOUIS | 08241.000689/2011-11 |
| ROOSVELT ROMELUS | 08241.001693/2011-98 |
| ROOVELD GABRIEL | 08221.001279/2011-17 |
| RORO GERMAIN | 08241.001936/2011-98 |
| ROSAMBERT MILDORT | 08221.001478/2011-25 |
| ROSE KENSIE ETIENNE | 08241.001926/2011-52 |
| ROSEBEL DESTINE | 08241.001524/2011-58 |
| ROSEBRUNE RICHELIEU | 08241.002639/2011-60 |
| ROSELEINE PAUL | 08241.003058/2011-45 |
| ROSELENE JEAN BAPTISTE | 08241.003082/2011-84 |
| ROSELENE PLACIUS | 08221.000578/2011-34 |
| ROSELINE ORME | 08221.001503/2011-71 |
| ROSEMENE ELVARISTE | 08221.001718/2011-91 |
| ROSEMENE JULIEN | 08221.000986/2011-96 |
| ROSEMANIE LOUIS JEAN DIT ZIDOR | 08221.001146/2011-41 |
| ROSEMOND AUGUSTIN | 08241.001732/2011-57 |
| ROSEMOND MONDESIR | 08221.000966/2011-15 |
| ROSEMONDE ESTIMABLE | 08221.001003/2011-39 |
| ROSENA EXANTUS | 08241.000656/2011-62 |
| ROSENA BASTIEN | 08221.000579/2011-89 |
| ROSGUET JEAN | 08241.000646/2011-27 |
| ROSSERT MERVELUS | 08241.001256/2011-74 |
| RUCHEMOND JEAN | 08241.001719/2011-06 |
| SADIRA NOEL | 08241.000758/2011-88 |
| SADRAC SILLION | 08221.001138/2011-02 |
| SADRACK FERDINAND | 08221.000741/2011-69 |
| SADRACK SAINTIL | 08221.001479/2011-70 |
| SADRAQUE LOUIS JEAN | 08221.000846/2011-18 |
| SAGES PAUL | 08241.000850/2011-48 |

| | |
|-----------------------------|----------------------|
| SAINGUYS OFFICIAL | 08241.001535/2011-38 |
| SAINT CYR JUNOR | 08241.001658/2011-79 |
| SAINT JACQUES JOSEPH | 08221.001655/2011-73 |
| SAINT JEAN ETIENNE | 08241.001556/2011-53 |
| SAINVEL ALCINDOR | 08221.000972/2011-72 |
| SAINVIL ALTIDOR | 08241.001536/2011-82 |
| SAINVILIEN MEZIL | 08221.001354/2011-40 |
| SAJELE RODRIGUE D. LOUICEUS | 08241.003098/2011-97 |
| SALOMON DEROGENE | 08241.002691/2011-16 |
| SAMUEL ALCINE | 08241.001705/2011-84 |
| SAMUEL JOUSAINVIL | 08241.002630/2011-59 |
| SAMUEL MERZIER | 08241.001744/2011-81 |
| SAMUEL PREVILUS | 08221.001477/2011-81 |
| SANTA ROMAN BEAUBRUN | 08241.002582/2011-07 |
| SANTONAX HENRY | 08241.001201/2011-64 |
| SAPHETE SIMILIEN | 08241.001943/2011-90 |
| SATHONY DECAMP | 08241.000823/2011-75 |
| SAUL CELESTIN | 08241.002569/2011-40 |
| SAUVEUR SINELUS | 08221.001398/2011-70 |
| SCHINAYDERE ROSALVO | 08241.000697/2011-59 |
| SCHNAIDER DESROSIERS | 08241.000944/2010-36 |
| SEJOUR OCZIAMAT | 08241.003459/2011-03 |
| SEMANUEL SIMEON | 08241.000643/2011-93 |
| SENECK LOUIMA | 08221.000985/2011-41 |
| SERGO MERAND | 08241.002528/2011-53 |
| SERGO NAMICK JOSEPH | 08241.001549/2011-51 |
| SHARLY LOUIS | 08241.001522/2011-69 |
| SHEILA BORDES | 08221.000581/2011-58 |
| SHEILLA AUGUSTAVE | 08241.001582/2011-81 |
| SHERLIE JOSEPH | 08241.001609/2011-36 |
| SIDOINE JEAN LOUIS | 08221.001458/2011-54 |
| SIDOINE JOSEPH | 08221.001492/2011-29 |
| SILAUCE LOZIN | 08241.001245/2011-94 |
| SILET CHARLES | 08221.000676/2011-71 |
| SILIBON DIEUSEUL | 08241.001791/2011-25 |
| SIMON HERARD | 08241.001627/2011-18 |
| SMITH CODIO | 08241.001614/2011-49 |
| SMITH DORT | 08241.002579/2011-85 |
| SMITH FILS AIMA | 08221.001342/2011-15 |

| | |
|------------------------|----------------------|
| SOBNER CAMELUS | 08241.000893/2011-23 |
| SOLENS PAULEUS | 08505.053337/2011-10 |
| SOLFANIE FEVENET | 08221.001494/2011-18 |
| SONER PIERRE | 08241.003520/2011-12 |
| SOPHANE RICOT | 08241.002142/2011-41 |
| SOREL BADIO | 08241.001257/2011-19 |
| SOREL PAULIN | 08241.000915/2011-55 |
| SPENCER DESTINÉ | 08241.000383/2010-75 |
| STANLEY ALDOR | 08241.001601/2011-70 |
| STANLEY BLAIR JOSEPH | 08241.001576/2011-24 |
| STANLEY DUBUSSON | 08241.001259/2011-16 |
| STANLEY JOSEPH | 08241.001736/2011-35 |
| STEEVENSON CHARLES | 08241.001212/2011-44 |
| STHEKER REGISMA | 08221.001164/2011-22 |
| SUCCES VILGUET | 08241.000618/2011-18 |
| SUPPLER BAPTISTE | 08221.001265/2011-01 |
| SUPPORTABLE CHERILUS | 08241.000761/2011-00 |
| SURIN ELIANA | 08505.079406/2011-15 |
| SUZELENE BIEN AIME | 08221.001511/2011-17 |
| SYLDOR CHARLES | 08221.001460/2011-23 |
| SYLVANIE DORIS | 08221.000780/2011-66 |
| SYLVIO AMISIAL | 08221.001558/2011-81 |
| SYLVISSAINT DORIMA | 08241.001630/2011-31 |
| TERSON TERMIDOR | 08221.000839/2011-16 |
| THELAMOUR ESTEPHANE | 08221.001928/2011-80 |
| THELIARD FILS THELIARD | 08241.001602/2011-14 |
| THEOPHILE GUERRIER | 08221.001919/2011-99 |
| THERESE POTEAU | 08221.001500/2011-37 |
| THONAQUE CESAR | 08221.000673/2011-38 |
| THONY JOACHIM | 08221.001299/2011-98 |
| TIGENSON ATISMA | 08221.000628/2011-83 |
| TIMACEUS ACE | 08241.001240/2011-61 |
| TIRORO ST FIRMIN | 08241.000616/2011-11 |
| TISUESSE CHARLES | 08221.000688/2011-04 |
| VALDAMO JEANNOT | 08505.035022/2011-82 |
| VALMYR CASSEUS | 08221.001663/2011-10 |
| VELNO NERE | 08241.001826/2011-26 |
| VERNET JEAN BAPTISTE | 08241.000914/2011-19 |
| VICTAL SOIDIEU | 08241.001711/2011-31 |

| | |
|------------------------------|----------------------|
| VILENE CHERY | 08241.001224/2011-79 |
| VILFORT MERDEUS | 08221.000632/2011-41 |
| VILIANA DURANDISSE | 08241.001924/2011-63 |
| VILLADOUIN COMPERE | 08221.001280/2011-41 |
| VILLARD FERDINAND | 08221.000981/2011-63 |
| VILMA CEMEVIL | 08241.001866/2011-78 |
| VILSON PHILISTIN | 08241.001737/2011-80 |
| VILSSAINT ST JEAN | 08221.001331/2011-35 |
| VIRGINE MAXIME | 08241.002697/2011-93 |
| VITAL JOSEPH | 08241.001274/2011-56 |
| VITAL THELUSMA | 08221.000684/2011-18 |
| VOLMY DERONVIL | 08221.001649/2011-16 |
| VOLNY CLAUDE | 08241.001596/2011-03 |
| VOLNY SIMEON | 08241.001836/2011-61 |
| WADSI DORCILON e DORBADTCHER | 08241.000871/2011-63 |
| WADSON JEAN | 08221.001343/2011-60 |
| WADSON NOEL JEUNE | 08221.000677/2011-16 |
| WADSON PHILIPPE | 08241.000947/2011-51 |
| WALKENS SAINT PREUS | 08241.001615/2011-93 |
| WALLACE ARCHIBAL | 08241.000765/2011-80 |
| WALNES FLEURANTUS | 08221.001352/2011-51 |
| WALSON ALEXIS | 08221.001603/2011-05 |
| WALTER DIMANCHE | 08241.001972/2011-51 |
| WANEKES POLINICE | 08221.001516/2011-40 |
| WATERLEAU DEMOSTHENE | 08221.001161/2011-99 |
| WATHOSON CEANCE | 08221.001403/2011-44 |
| WATSEN JOSEPH | 08505.053334.2011-78 |
| WATSON LOUISSAINT | 08221.001728/2011-27 |
| WATSON MERVILUS | 08221.001480/2011-02 |
| WATSON MILIUS | 08221.001805/2011-49 |
| WENDY LOUIS | 08241.001126/2011-31 |
| WENDALES ZEPHIRIN | 08221.001261/2011-15 |
| WENDEL RICHARD | 08221.001270/2011-14 |
| WENDILY REGISTRE | 08241.003496/2011-11 |
| WESLY P C AYFFRARD | 08241.000655/2011-18 |
| WESNER ALY | 08241.000867/2011-03 |
| WESNER FRANÇOIS | 08221.001339/2011-00 |
| WIDELINE LOIZIN | 08241.002175/2011-91 |
| WIDLER SAINTILUS | 08241.001702/2011-41 |

| | |
|--------------------------------|----------------------|
| WIDMAYER JEAN PIERRE | 08241.003471/2011-18 |
| WIDSON PANOSTY | 08221.001171/2011-24 |
| WILBERT AVRIL | 08241.000970/2011-45 |
| WILBERT ESTIME | 08241.001427/2011-65 |
| WILBERT JOSEPH | 08241.001763/2011-16 |
| WILBERT JULIEN | 08241.001950/2011-91 |
| WILBERT MARCHALES | 08241.000795/2011-96 |
| WILBERT PHILOXENE | 08221.001905/2011-75 |
| WILBERT PLATEL | 08241.001774/2011-98 |
| WILCKEN LAFALAISE | 08241.001545/2011-73 |
| WILDER PAUL | 08241.002408/2011-56 |
| WILDIMY PROSPERE | 08221.001614/2011-87 |
| WIDLER JN PIERRE | 08221.001721/2011-13 |
| WILFRANCE GUERRIER | 08241.000760/2011-57 |
| WILFRID SEVRAIN | 08221.000667/2011-81 |
| WILGARD DOMINIQUE | 08241.001244/2011-40 |
| WILGENS JEAN FATAL | 08221.000583/2011-47 |
| WILGENS SENEUS | 08221.000672/2011-93 |
| WILGUENS PAUL | 08241.002798/2011-64 |
| WILGUENS GABRIEL | 08241.002772/2011-16 |
| WILICK DORCEUS | 08221.001405/2011-33 |
| WILKENS EXANTUS | 08241.001676/2011-51 |
| WILKENS ALEXANDRE | 08241.000909/2011-06 |
| WILKENS DESIR | 08221.001612/2011-98 |
| WILKENS HILAIRE | 08221.000996/2011-21 |
| WILKENS PRESTIME | 08241.003458/2011-51 |
| WILKY JOSEPH | 08221.001266/2011-48 |
| WILKY JN BAPTISTE | 08241.001961/2011-71 |
| WILLIAM FRANCOIS | 08241.001966/2011-02 |
| WILLIAMESON NOELSAINT | 08241.003089/2011-04 |
| WILLY NOEL | 08241.000957/2011-96 |
| WILLY ABSOLY | 08221.001806/2011-93 |
| WILLY BRUTUS e STERLINE BRUTUS | 08241.002563/2011-72 |
| WILLY FILS AIME | 08221.001145/2011-04 |
| WILLY TOUSSAINT | 08241.000791/2011-16 |
| WILMAN ALEXANDRE | 08220.005029/2011-66 |
| WILNEGRAS ANDRE | 08241.001940/2011-56 |
| WILNER ESTIME | 08241.003066/2011-91 |
| WILNER JOSEPH | 08241.000883/2011-98 |

| | |
|--|----------------------|
| WILNIC JEAN | 08241.000835/2011-08 |
| WILNO CHARLES | 08241.000927/2011-80 |
| WILNO DESLUMA | 08241.001521/2011-14 |
| WILSON ADEUS | 08241.002044/2011-12 |
| WILSON ALSEICE | 08221.001160/2011-44 |
| WILSON BIEN AIME | 08241.001764/2011-52 |
| WILSON CHARLES | 08221.001907/2011-64 |
| WILSON DESIRE | 08221.001508/2011-01 |
| WILSON EXECELLENT | 08221.001156/2011-86 |
| WILSON JOSEPH | 08221.001910/2011-88 |
| WILSON LAGUERRE | 08241.001548/2011-15 |
| WILSON MONECANT | 08505.043645/2011-29 |
| WILSON OFFICIAL | 08241.000394/2010-55 |
| WILSON PAUL | 08241.001127/2011-86 |
| WILSON PRINSTIL | 08241.000912/2011-11 |
| WILTHER CHARLES | 08241.001234/2011-12 |
| WISLENE ESTIMABLE | 08221.001498/2011-04 |
| WISLET CARIUS | 08221.000681/2011-84 |
| WISLET CASTIN | 08221.001567/2011-71 |
| WISLET JOHN | 08221.000963/2011-81 |
| WISLY ALCINE, EDLINE PIERRE e BETCHINS | 08241.002478/2011-12 |
| WISLY ARMAND | 08241.001132/2011-99 |
| WISLY CALIXTE | 08241.001573/2011-91 |
| WISLY DESINORD | 08221.001178/2011-46 |
| WISMAN SERVILUS | 08221.001140/2011-73 |
| WISMICK JOSEPH | 08241.001547/2011-62 |
| WISNAL MOISE | 08241.001131/2011-44 |
| WISNEL ETIENNE | 08241.001580/2011-92 |
| WONKY NAPOLEON | 08241.003092/2011-10 |
| WOSNICK ULYSSE | 08241.003062/2011-11 |
| WYKELL OLISTIN | 08221.001335/2011-13 |
| YANIK ST JUSTE | 08297.000244/2011-87 |
| YNEBERT GABRIEL | 08221.000835/2011-38 |
| YNOREL JULDA | 08241.003493/2011-70 |
| YOLANDA JOSEPH | 08221.001762/2011-00 |
| YONEL GESSE | 08241.002542/2011-57 |
| YONEL LOUIS | 08241.001912/2011-39 |
| YONEL LOUVERTURE | 08241.001751/2011-83 |
| YONEL PLYCARPE | 08221.000630/2011-52 |

| | |
|---------------------|----------------------|
| YUGENS PETIT-HOMME | 08241.003078/2011-16 |
| YRMA SUCCES | 08241.001672/2011-72 |
| YRONA JOLIQUERE | 08241.000895/2011-12 |
| YSTRAL JOLY | 08221.001906/2011-10 |
| YTHEL JEUNE | 08505.048770/2011-25 |
| YVANETTE ESTIMABLE | 08241.002841/2011-91 |
| YVELOUNE LOUIS | 08241.003489/2011-10 |
| YVELTSON JOASSAINT | 08241.001272/2011-67 |
| YVENS JEAN FRANÇOIS | 08241.002636/2011-26 |
| YVENS JEANTINE | 08241.001571/2011-00 |
| YVES BENJAMIN | 08241.000685/2011-24 |
| YVES BRUNO | 08241.003509/2011-44 |
| YVES DERISPET | 08241.000654/2011-73 |
| YVES LAROSIER | 08241.003439/2011-24 |
| YVES MARY ELASTIN | 08241.003499/2011-47 |
| YVIN LECONTE | 08241.001136/2011-77 |
| ZEKY FAVIUS | 08221.001768/2011-79 |

| Residências Permanentes concedidas pelo Departamento de Estrangeiros/SNJ/MJ no Diário Oficial de 27.04.2012 | |
|--|----------------------|
| FRITZNER JEAN | 08241.001080/2010-70 |
| SAMUEL JEAN PIERRE | 08505.000232/2010-79 |

| Residências Permanentes concedidas pelo Departamento de Estrangeiros/SNJ/MJ no Diário Oficial de 30.05.2012 | |
|--|----------------------|
| JUDE JOSEPH, MANOUCHE DORVILLE e CALEB EALDAI JOSEPH DORVILLE | 08241.001169/2011-17 |
| STEAVE PIERRE | 08505.029741/2011-64 |
| WANYOU FELUSME | 08505.105505/2011-51 |
| WILGUENS RICHARD | 08505.105507/2011-41 |
| MAKENSON ELIACIN | 08505.105508/2011-95 |
| SADRAC DARCELIN | 08505.105511/2011-17 |
| PIERRE MENILET MENTOR | 08505.107030/2011-38 |
| ANTOINE BENET | 08505.079401/2011-84 |
| EMMANUEL PIERRE | 08221.001931/2011-01 |
| INNOCENT ANTOINE | 08241.003081/2011-30 |
| JEAN ROUDY LUCAS | 08241.001915/2011-12 |
| MIARDINE-GERALDINE-BARBARA JOSEPH | 08241.003508/2011-08 |
| ROLAND DOSINA | 08221.001725/2011-93 |

| | |
|---------------|----------------------|
| RONALD JULIEN | 08221.000663/2011-01 |
|---------------|----------------------|

| Residências Permanentes concedidas pelo Departamento de Estrangeiros/SNJ/MJ no Diário Oficial de 25.06.2012 | |
|--|----------------------|
| ABNER SAINT-VIL | 08221.002756/2011-61 |
| ACCERNE JEANCILUS | 08241.002567/2011-51 |
| ACEFILLE CELESTIN | 08241.000737/2012-43 |
| ACTEMISE ETIENNE | 08221.002387/2011-15 |
| ADELSON SIPION | 08241.002417/2011-47 |
| ADMA SOLIMAN | 08221.003625/2011-00 |
| AINE ALCENAT | 08221.002666/2011-71 |
| ALDOL FENE | 08241.002854/2011-61 |
| ALDONESE MULATE | 08221.003303/2011-52 |
| ALIUS CAZIUS | 08221.002372/2011-49 |
| ALOUSE DORCELY | 08241.000659/2012-87 |
| EMANICE ETIENNE | 08221.003293/2011-55 |
| AMELTA CASSEUS | 08241.000119/2012-01 |
| AMENELSON CHARLERON | 08221.002648/2011-99 |
| AMONISE PIERRE e AMS KENY OWENS PIERRE (filho) | 08221.003070/2011-98 |
| AMOS SAINT-JUSTE | 08221.002612/2011-13 |
| ANDRE JEUDY | 08221.003390/2011-48 |
| ANDRE SANMAR | 08221.003298/2011-88 |
| ANDRE THOMAS GUERRIER | 08221.002897/2011-84 |
| ANEL MORISME | 08241.002147/2011-74 |
| ANNE MARIE MICHELLE DOLCE | 08221.003308/2011-85 |
| ANNECES OLIVIER | 08221003562/2011-83 |
| ANNETTE AUGUSTIN | 08221.002723/2011-11 |
| ANOUAL DARIUS | 08221.002613/2011-50 |
| ANOUCÉ BELGARDE | 08241.000602/2012-88 |
| ANTOINE ELBREUS | 08221.002754/2011-72 |
| ANTOINE JEAN RONALD | 08240.000284/2012-65 |
| ARCENE GEDEON | 08221.002791/2011-81 |
| ARIELO AIME | 08221.003690/2011-27 |
| ARNOUX LOUISVILLE | 08241.002561/2011-83 |
| AROLD CELY | 08241.002881/2011-33 |
| AUGUSTE LOUIS | 08221.002757/2011-14 |
| AVIUS DELVA | 08221.002761/2011-74 |
| BABY-RICOT MANASSE | 08221.002785/2011-23 |
| BAPTISTE BAPTILUS | 08241.002384/2011-35 |
| BAROMUS JN PIERRE | 08221.002776/2011-32 |
| BASILOME MONDESTIN | 08221.002872/2011-81 |
| BEATO AQUINOIS | 08221.002852/2011-18 |
| BEAUVAIS MACKENSON | 08505.010845/2012-86 |
| BELAIR CHARLERON | 08221.002780/2011-09 |
| BENEL LOUISSAINT | 08221.002584/2011-26 |
| BENJAMIN PIERRE JEAN | 08221.002693/2011-43 |
| BERMANE JEAN PIERRE | 08221.002786/2011-78 |
| BERNADETTE BERNADEL | 08221.003622/2011-68 |
| BERNADETTE FORTUNAT | 08221.003616/2011-19 |

| | |
|------------------------------|----------------------|
| BERNADIN DESTOURNEL | 08221.002628/2011-18 |
| BERNO DERISSE | 08221.003572/2011-19 |
| BERRY BIEN-AIME | 08221.002711/2011-97 |
| BETHIE OLIBERT | 08241.002398/2011-59 |
| CALEB CORIELAN | 08221.003578/2011-96 |
| CARL DIDEROT GORKI LAFORTUNE | 08221.002790/2011-36 |
| CARLINE JULIEN | 08241.002652/2011-19 |
| CARLINE JULIEN | 08221.003314/2011-32 |
| CAROLE DESIR | 08241.002783/2011-04 |
| CASSANDRA GLAUDE | 08221.002575/2011-35 |
| CEBIEN DORCE | 08241.002893/2011-68 |
| CELADIEU PIERRE | 08241.000852/2010-56 |
| CELHOMME DENEUS | 08221.003697/2011-49 |
| CERADIEU FRANÇOIS | 08241.002764/2011-70 |
| CHARLEMAGNE ANTOINE | 08221.002583/2011-81 |
| DIEUSIBON CHARLERON | 08241.002792/2011-97 |
| CHARLES JEAN PHILIPPE | 08221.002856/2011-98 |
| CHELO EVEILLAR | 08241.002178/2011-25 |
| CHENER ESTIME | 08241.000660/2012-10 |
| CHESTER-CHARLES SALOMON | 08221.003608/2011-64 |
| CHRISNORD LEXIS | 08241.002344/2011-93 |
| CLAUDE WILSON | 08221.002939/2011-87 |
| CLAUDENEL DIZERNE | 08221.002668/2011-60 |
| CLAUSEL LOUIS | 08241.002525/2011-10 |
| CLAUTAIRE LEONARD | 08241.000776/2012-41 |
| CLERCIUS MONESTINE | 08221.003700/2011-24 |
| CUBIN PIERRE | 08221.002722/2011-77 |
| DACELIN PIERRE | 08221.002683/2011-16 |
| DACILIEN JORTILUS | 08221.003400/2011-45 |
| DANIEL JEAN LOUIS | 08241.002544/2011-46 |
| DANY MARCELIN | 08221.002643/2011-66 |
| DARLINE FRANÇOIS | 08221.002680/2011-74 |
| DAVID ANTOINE | 08241.000291/2012-57 |
| DAVID CHARLES | 08221.003646/2011-17 |
| DAVIDSON LEVEILLE | 08221.002637/2011-17 |
| DAVILMAR CHARLOT | 08221.003621/2011-13 |
| DEIULANEAUD DESIR | 08221.002157/2011-48 |
| DELIVRANCE TOUSSAINT | 08221.003382/2011-00 |
| DELORME GEDEON | 08241.002358/2011-15 |
| DENEL JEAN | 08241.002386/2011-24 |
| DENIS ALDAJUSTE | 08221.002713/2011-86 |
| DERIUS NORMILUS | 08241.002864/2011-04 |
| DESIMOND EXIMA | 08221.003691/2011-71 |
| DESIR MONDELUS | 08221.002918/2011-61 |
| DESROSIERS EUGENE | 08221.002708/2011-73 |
| DESTINA ANEXANT | 08221.003556/2011-26 |
| DIECEUL EMMANUEL | 08221.002735/2011-46 |
| DIEUBENISON JOSEPH | 08241.002163/2011-67 |
| DIEUFENE DUMERJUSTE | 08221.003615/2011-66 |
| DIEULIFAITE FENELUS | 08241.002410/2011-25 |
| DIEUSIBON PAUL | 08221.002587/2011-60 |

| | |
|--|----------------------|
| DIEUSIFORT TOMBEAU | 08241.000734/2012-18 |
| DIEUSON DELICE | 08221.002944/2011-90 |
| DINA VICTOR | 08241.001927/2011-05 |
| DINE MAXIME | 08241.002341/2011-50 |
| DORSANT JOSEPH | 08221.002839/2011-51 |
| DUMOND MERIVAL | 08241.003623/2011-74 |
| DYNN ACHESSON SAINTILUS | 08221.003034/2011-24 |
| ECLESIAS PHILEMON | 08241.002165/2011-56 |
| EDDY GUERRIER | 08221.002829/2011-15 |
| EDERSON HERISSE | 08221.002773/2011-07 |
| EDMOND ALEXANDRE | 08221.003386/2011-80 |
| EDMOND GERMEIL | 08221.002384/2011-73 |
| EDNA SILIN | 08221.002579/2011-13 |
| EDNER LEMIN | 08221.002710/2011-42 |
| EDOUARD DALMACY | 08221.002673/2011-72 |
| ELDA AZOR | 08241.002696/2011-49 |
| ELIEZER ZEPHIRIN | 08221.003309/2011-20 |
| ELINES LORMILSAINT | 08241.002770/2011-27 |
| ELISE MAXI | 08221.002857/2011-32 |
| ELVEUS PIERRE | 08221.002827/2011-26 |
| ENO LEVEILLE e RALPH WALDO EMERSON LEVEILLE (filho) | 08221.003304/2011-05 |
| ERICK LACROIX | 08241.000846/2010-07 |
| ERIQUE JOSEPH | 08221.003694/2011-13 |
| ERMANO LIMAGE | 08221.002696/2011-87 |
| ERNEST MONDESIR | 08221.002640/2011-22 |
| ERNST CHARLES | 08241.000678/2012-11 |
| ESTHA JEAN | 08221.002649/2011-33 |
| ETIENNE CHARLES | 08241.000794/2012-22 |
| EUCARD FILIUS | 08241.002537/2011-44 |
| EUCLIDE JEUNE | 08221.002672/2011-28 |
| EUGENE LOUIS CHARLES | 08241.002361/2011-21 |
| EVELYNE SAINTIMA | 08241.002190/2011-30 |
| EVENS PAYEN | 08241.002381/2011-00 |
| EVINCK COMPERE | 08241.002589/2011-11 |
| EXIMOND AGUSTIN | 08221.002665/2011-26 |
| EZAI RENE | 08221.002821/2011-59 |
| FADELIN GELIN | 08221.003285/2011-17 |
| FANES TULIEN | 08221.002714/2011-21 |
| FANICA MALBRANCHE | 08221.002647/2011-44 |
| FAURIEL FRASIL | 08221.002616/2011-93 |
| FEQUENS DORCE | 08221.003036/2011-13 |
| FENEL AUGUSTIN | 08221.003030/2011-46 |
| FENEL DOLCINE | 08221.002823/2011-48 |
| FEQUIERRE PIERRE | 08221.003072/2011-87 |
| FEQUIET MICHEL | 08221.003683/2011-25 |
| FETIEL PIERRELUS | 08221.002840/2011-85 |
| FICA NORCA | 08221.002567/2011-99 |
| FITHO PIERRE | 08241.002157/2011-18 |
| FITO HELAS | 08221.003379/2011-88 |
| FORMANN JOSEPH | 08221.002706/2011-84 |

| | |
|-------------------------------|----------------------|
| FRANCENE MAJEUNE | 08241.002374/2011-08 |
| FRANCILE DURANDISSE | 08241.002185/2011-27 |
| FRANCINE GELIN | 08221.003315/2011-87 |
| FRANCKY DORT | 08221.003014/2011-53 |
| FRANTZ ELINOR | 08221.003290/2011-11 |
| FRANTZCIA GALETTE | 08241.002428/2011-27 |
| FRANTZY JEAN-LOUIS | 08241.002565/2011-61 |
| FREDELIN PROPHETE | 08221.002578/2011-79 |
| FREDERIC ALEXIS | 08221.003552/2011-48 |
| FRENEL LORDEUS | 08241.000514/2010-14 |
| FRESLER CHARLESTON | 08221.002861/2011-09 |
| FRESNEL ST LOUIS | 08221.002828/2011-71 |
| FRESNER JEUNE | 08221.002697/2011-21 |
| FRITZ -BERT JEAN CLAUDE DORSE | 08241.002431/2011-41 |
| FRITZ PREÇOIT | 08221.002695/2011-32 |
| FRITZNER BLEMUR | 08221.003039/2011-57 |
| GARRY JHON | 08221.003311/2011-07 |
| GASNEL DORMEVIL | 08241.002424/2011-49 |
| GAST MAELO ROMELUS | 08221.002930/2011-76 |
| GEDEON VERNE | 08221.002663/2011-37 |
| GEORGES JEAN-CHARLES | 08241.002023/2011-99 |
| GETRO CASSEUS | 08221.002376/2011-27 |
| GHISELAINE ALCIUS | 08221.002698/2011-76 |
| GILBERT MAGENE | 08221.002675/2011-61 |
| GILDRIN DENIS | 08221.003073/2011-21 |
| GINETTE ANEXIL | 08505.002130/2012-50 |
| GISLANDE KATIL | 08241.002187/2011-16 |
| GISMENE MIRIL | 08221.002896/2011-30 |
| GRACIA MAJEUNE | 08221.003549/2011-24 |
| GUERDIDE ESTIMABLE | 08221.002658/2011-24 |
| GUERSON THERMIDOR | 08221.002657/2011-80 |
| GUIBERT CARRIER | 08221.002927/2011-52 |
| GUIMY DORISMOND | 08221.002729/2011-99 |
| GUINOT GERLIN | 08221.002822/2011-01 |
| GUISSON SIMEON | 08221.003584/2011-43 |
| GUSLOT ORILUS | 08241.002168/2011-90 |
| GUSTHENE MARCELIN | 08221.003581/2011-18 |
| HERARD JOSEPH | 08241.002757/2011-78 |
| HERVE JOSEPH | 08241.000698/2012-84 |
| HEVENS SANON | 08505.078186/2011-02 |
| ICCES SAINVILUS | 08221.002379/2011-61 |
| INDY PLANCHER | 08221.002792/2011-25 |
| INNOCENT SAINVIL | 08221.002709/2011-18 |
| ISRAEL CANGE | 08241.002631/2011-01 |
| ISAAC RELY | 08221.002819/2011-80 |
| IVELOR MATHELUS | 08241.002169/2011-34 |
| JACKLYNE RAPHAEL | 08221.002641/2011-77 |
| JACKSON JN-CHARLES | 08241.002878/2011-10 |
| JACKSON LOUIS | 08221.002905/2011-92 |
| JACKSON PIERRE | 08241.002179/2011-70 |
| JACKSON SAINT-LOUIS | 08241.002180/2011-02 |

| | |
|---------------------------|----------------------|
| JACKSON TERLUIIS | 08241.002412/2011-14 |
| JACOB PROMPT | 08240.003792/2012-03 |
| JACQUECIN ALCIME | 08221.002779/2011-76 |
| JACQUELIN VICTOR | 08241.002564/2011-17 |
| JACQUES-ELIE JEAN | 08221.002824/2011-92 |
| JACQUI DEMOSTHENE | 08241.002074/2011-11 |
| JALBERT BONHEUR | 08241.002388/2011-13 |
| JAURES FLEURANTIN | 08221.003415/2011-11 |
| JEAN ADANNY CHARLERON | 08241.002769/2011-01 |
| JEAN ANDRE MARSEILLE | 08241.002765/2011-14 |
| JEAN BAPTISTE MESYR | 08241.002866/2011-95 |
| JEAN BERNEAU LABOULE | 08241.002171/2011-11 |
| JEAN BODNAVE ANTUS | 08221.003630/2011-12 |
| ANTOINE JEAN CHARLES | 08505.012160/2012-74 |
| JEAN CHRISNEL GEORGES | 08221.002650/2011-68 |
| JEAN CLAUDE FENELON | 08241.002349/2011-16 |
| JEAN CLAUDE MARDY | 08221.003660/2011-11 |
| JEAN DIEUMAITRE THELUSME | 08241000771/2012-18 |
| JEAN DIEUNE THELISMOND | 08241.002535/2011-55 |
| JEAN DONALD PAUYO | 08241.000344/2012-30 |
| JEAN DUCLOS SOULOUQUE | 08241.000036/2012-12 |
| JEAN DUKENS ROSE | 08241.002474/2011-26 |
| JEAN EDER DESIR | 08241.000889/2012-81 |
| JEAN EDSON TESALUS | 08241.002429/2011-71 |
| JEAN ELIE MILLIEN | 08241.002066/2011-74 |
| JEAN ELY LOUIS | 08241002181/2011-49 |
| JEAN FRANTZSO ADRIEN | 08241.000067/2012-65 |
| JEAN GABRIEL PORCIA | 08241.002427/2011-82 |
| JEAN GARDY GASPARD | 08241.002780/2011-62 |
| JEAN GILET NOEL | 08241.000041/2012-17 |
| JEAN HARRY THELUSMOND | 08241.002532/2011-11 |
| JEAN HEROLDE MIRVILLE | 08241.000038/2012-01 |
| JEAN HUGENS SAINT-GERMAIN | 08241.002895/2011-57 |
| JEAN ISSELOT MARIUS | 08241.000746/2012-34 |
| JEAN JOSEPH ANILUS | 08241.000143/2012-32 |
| JEAN JULIEN THEAGENE | 08241.000376/2012-35 |
| JEAN LEFRANTZ JEAN | 08241.002420/2011-61 |
| JEAN LEHOMME NOEL | 08241.002586/2011-87 |
| JEAN LESLY SAINT-VILUS | 08241.000895/2010-31 |
| JEAN LUCKNER VERTUS | 08241.000593/2010-63 |
| JEAN LYBERUS GUSTAVE | 08221.003075/2011-11 |
| JEAN LYONEL AMAZAN | 08241.000681/2012-27 |
| JEAN MANES ESTIVERNE | 08241.000783/2012-42 |
| JEAN MAX JEAN JUSTE | 08240.003904/2012-18 |
| JEAN MOLES JOSEPH | 08241.000383/2012-37 |
| JEAN RONALD VELUS | 08241.000465/2012-81 |
| JEAN RONIS JOSEPH | 08241.002836/2011-89 |
| JEAN RONY FILEMA | 08221.002574/2011-91 |
| JEAN SMITH DESTINE | 08505.012259/2012-76 |
| JEAN TALIEN MILIEN | 08505.000887/2012-17 |
| JEAN WESLET INNOCENT | 08241.002174/2011-47 |

| | |
|---------------------------|----------------------|
| JEAN WILBERT CLEOPHAT | 08241.002357/2011-62 |
| JEAN WILLY CINÉUS | 08241.000142/2012-98 |
| JEAN WISLY JOSAPHAT | 08241.000039/2012-48 |
| JEAN-EMILE DESPEIGNES | 08221.003416/2011-58 |
| JEAN-LOUIS RENELUS | 08221.002818/2011-35 |
| JEANNOT ALEXANDRE | 08241.002529/2011-06 |
| JEANNOT JOSEPH | 08241.002372/2011-19 |
| JEANNOT OSCAR | 08241.000701/2012-60 |
| JEAN-SAMUEL CIVILUS | 08221.003048/2011-48 |
| JERRY EDDISON DEROGENE | 08241002834/2011-90 |
| JESULA TOUSSAINT | 08221.002582/2011-37 |
| JESUMENE SAINTILUS | 08221.002260/2011-98 |
| JOHN JUNIOR BIEN-AIME | 08221.003035/2011-79 |
| JHONNY JULES | 08221.002830/2011-40 |
| JN EVENS PROSPER | 08241002176/2011-36 |
| JN FLAMEL LISTRA | 08241.002396/2011-60 |
| JOCELIN ROSIUS | 08505.002132/2012-49 |
| JOCELYN DORSAINVIL | 08241.001988/2011-64 |
| JOCELYN EUGENE | 08221.002832/2011-39 |
| JODRACE GABRIEL | 08221.003088/2011-90 |
| JOEL GEFFRARD | 08221.002769/2011-31 |
| JOHANNE OCCENA | 08241.002797/2011-10 |
| JONAS ABSOLY | 08241.002411/2011-70 |
| JONAS DESPINASSE | 08241.002399/2011-01 |
| JONAS JULIEN | 08241.002406/2011-67 |
| JONAS MERVIL | 08221.002808/2011-08 |
| JONEL CLEOPHAT | 08241.002156/2011-65 |
| JONEL JEUDY | 08241.000299/2012-13 |
| JONES PHRAEL | 08241.000037/2012-59 |
| JOINICE SIMEON | 08241.002875/2011-86 |
| JOSE-BERLY CHARLES | 08240.003899/2012-43 |
| JOSIANE VALERIS | 08241.002794/2011-86 |
| JOSEPH ESTEPHANE | 08221.002853/2011-54 |
| JOSILIEN FILS-AIMA | 08221.002373/2011-93 |
| JOSUE DUMAS | 08221.002825/2011-37 |
| JUDE CLERVIL | 08221.002684/2011-52 |
| JUDE SKADY LARIVEAUX | 08241.002172/2011-58 |
| JUDITH AIMABLE | 08221.002671/2011-83 |
| JULES DECIUS | 08221.002573/2011-46 |
| JULES ECLESIASTE AMBROISE | 08221.003306/2011-96 |
| JULES JOSEPH | 08221.003585/2011-98 |
| JULSON JOSEPH | 08221.003301/2011-63 |
| JUNIOR CAMILUS | 08221.003396/2011-15 |
| JUNIOR HYPPOLITE | 08241.000034/2012-15 |
| JUNIOR INNOCENT | 08221.002611/2011-61 |
| JUNIOR PIERRE | 08221.002880/2011-27 |
| JUNIOR SAINT-FLEUR | 08221.002644/2011-19 |
| JUNOT DERILUS | 08241.002364/2011-64 |
| JUSMEN PHEBERT LOUIS | 08221.002870/2011-91 |
| KENSON CAMBRONNE | 08221.003583/2011-07 |
| KERLY VERNICIER | 08241.002865/2011-41 |

| | |
|--|----------------------|
| KETTELENE LAURENT | 08241.002779/2011-38 |
| LAROSE DEMOSTHERNE | 08221.003550/2011-59 |
| LAURETTE BERNADIN | 08390.006937/2011-15 |
| LEGENIET CEZAIRE | 08221.002934/2011-54 |
| LEMANN CASIMYR | 08241.002562/2011-28 |
| LEONISE PLACIUS | 08221.003695/2011-50 |
| LICIANA FABE e MARIE BERLANDECIA SAINT FABE (Filha) | 08221.003326/2011-67 |
| LIFAITE LAINE | 08221.003596/2011-78 |
| LINA BELLEVUE | 08241.002773/2011-61 |
| LOUIBENSON DOLSAINT | 08221.003395/2011-71 |
| LOUINES GALETTE | 08241.002432/2011-95 |
| LOUNA LOUIS | 08221.002638/2011-53 |
| LOVELIE JOSEPH | 08221.002682/2011-63 |
| LUCIEN MACILLON | 08241.000298/2012-79 |
| LUCKENSON ILVER | 08221.002859/2011-21 |
| LUCKNER HONORAT | 08241.002754/2011-34 |
| LUCKNOR EXAVIER | 08241.002368/2011-42 |
| LUCNER ALSO | 08221.002904/2011-48 |
| LUNER CHARLES | 08241.002353/2011-84 |
| LYLIANNE SURPRIS OSIAS | 08221.003641/2011-94 |
| MADSEN ANTOINE | 08221.002943/2011-45 |
| MAKENSON MORISME | 08241.000577/2010-71 |
| MALEINE MONTILAS | 08241.000050/2012-16 |
| MAMASE ROMELUS | 08241.002768/2011-58 |
| MANOCK PERICLES | 08241.002426/2011-38 |
| MANOUCHE BIEN-AIME | 08241.002419/2011-36 |
| MAGUENSON MICHEL | 08241.002867/2011-30 |
| MARC ANDRE AUGUSTIN | 08221.002391/2011-75 |
| MARC ARTHUR LAFORTUNE | 08221.002789/2011-10 |
| MARC LOZIN | 08221.002893/2011-04 |
| MARCEL ISAAC | 08241.000583/2010-28 |
| MARCSON JEAN | 08221.002705/2011-30 |
| MARIE ANDREE DACIUS | 08241.003589/2011-38 |
| MARIE ANGE JOSEPH | 08221.002652/2011-57 |
| MARIE CLEDA LOUIS | 08241.002648/2011-51 |
| MARIE FABIOLA NELSON | 08221.002655/2011-91 |
| MARIE GINETTE SANON | 08505.000890/2012-22 |
| MARIE JOCELYNE ORESTE | 08241.002148/2011-19 |
| MARIE JOHANE SAINT JUSME | 08221.002685/2011-05 |
| MARIE YOLENE PIERRE | 08241.002405/2011-12 |
| MARILENNE MERVIL | 08221.002674/2011-17 |
| MARINETTE VIL | 08221.002566/2011-44 |
| MARIO JEAN LOUIS | 08241.000035/2012-60 |
| MARIO PIERRE-LUS | 08221.002921/2011-85 |
| MARIO THELISMA | 08241.002149/2011-63 |
| MARJORIE JOSEPH | 08241.002191/2011-84 |
| MARQUILIEN CORVIL | 08221.003394/2011-26 |
| MARTUEL MARTIL | 08221.002692/2011-07 |
| MATHIEU LAGUERRE | 08221.002634/2011-75 |
| MATHURIN EXUME | 08221.002572/2011-00 |

| | |
|-----------------------|----------------------|
| MATULA RATUS | 08221.003299/2011-22 |
| MAURICLES LORMILSAINT | 08221.002899/2011-73 |
| MAXCEAU PIERRE | 08241.002762/2011-81 |
| MAXI CHARLES | 08241.002863/2011-51 |
| MAXO LAPOINTE | 08221.003038/2011-11 |
| MELIO MONFISTON | 08221.002633/2011-21 |
| MERCELIA JOSEPH | 08241.002430/2011-04 |
| MERZIER DUVERGER | 08241.002533/2011-66 |
| MESACK JEAN PHILIPPE | 08241.002472/2011-37 |
| MICHAEL PIERRE | 08241.002886/2011-66 |
| MICHEL TILUS | 08221.002588/2011-12 |
| MICHELET NICOLAS | 08241.002188/2011-61 |
| MIGUEL LOUINE | 08241.002125/2011-12 |
| MIGUELITE AUGUSTIN | 08241.002346/2011-82 |
| MIGUELITE LAZARRE | 08221.002863/2011-90 |
| MIKERSON SEPTAMA | 08221.003618/2011-08 |
| MILOT BEAUPLAN | 08241.002170/2011-69 |
| MINOUCHE RIGAUD | 08221.003087/2011-45 |
| MOISE THERCY | 08221.003692/2011-16 |
| MONLETANT JEUNE | 08221.002383/2011-29 |
| MYRLENE MOGENE | 08221.003023/2011-44 |
| MYSTRAL BARTHELEMY | 08221.003681/2011-36 |
| NATACHA ROZALBER | 08221.003686/2011-69 |
| NELLIE EXANTUS | 08241.002894/2011-11 |
| NENE DORVIL | 08221.002703/2011-41 |
| OTTENIEL NERIIL | 08221.002838/2011-14 |
| NERVA SAINT-CLAIR | 08241.002416/2011-01 |
| NESLIN FORESTIN | 08221.003703/2011-68 |
| NICO JOSUÉ PLACIDE | 08221.003331/2011-70 |
| NICOLE LAGUERRE | 08241.000292/2012-00 |
| NIXON DESSIN | 08221.002898/2011-29 |
| NIXON SAUL | 08221.002817/2011-91 |
| NOBES MICHEL | 08221.002854/2011-07 |
| OBELTO BELZY | 08241.000052/2012-05 |
| OBERSONN DARIUS | 08241.002660/2011-65 |
| OCCEN SAINT-FLEUR | 08221.003659/2011-96 |
| OCLES DONNE | 08221.003050/2011-17 |
| ODNE JEAN PIERRE | 08221.002851/2011-65 |
| ODNER CETOUTE | 08221.003300/2011-19 |
| OLIN PIERRETTE | 08221.003033/2011-80 |
| OLTEGA MATEO RENFORT | 08505.004485/2012-83 |
| ONEL MAJEUNE | 08221.002629/2011-62 |
| ONES ALCENAT | 08221.002800/2011-33 |
| ONSLER ELISMABLE | 08221.003603/2011-31 |
| OSNER BARON | 08241.002160/2011-23 |
| OSSE CHARLES | 08241.002760/2011-91 |
| PATRICK CALAS | 08241.001172/2011-31 |
| PELE JEAN FRANÇOIS | 08241.002393/2011-26 |
| PERES LEBRUN | 08241.002872/2011-42 |
| PHANIEL LOUIS | 08241.002363/2011-10 |
| PHILEMOND PIERRE | 08241.002880/2011-99 |

| | |
|---|----------------------|
| PHILIDOR MATHURIN | 08221.002636/2011-64 |
| PHILIER MARDI | 08221.002160/2011-61 |
| PHILISTIN DERISMA | 08221.003297/2011-33 |
| PHILISTIN ULORA | 08241.002531/2011-77 |
| PIERRE ANDRE BEAUBRUN | 08241.002592/2011-34 |
| PIERRE ANTOINE ERIUS | 08221.002266/2011-65 |
| PIERRE CREDO JOSEPH | 08241.002766/2011-69 |
| PIERRE DASMA | 08221.002794/2011-14 |
| PIERRE ETIENNE MERZIER | 08221.002793/2011-70 |
| PIERRE JOSEPH MICHEL | 08240.003783/2012-12 |
| PIERRE RICHARD JEAN PAUL | 08221.002592/2011-72 |
| PIERRE RICHARD PROSPERE | 08241.002154/2011-76 |
| PIERRE SAINTE | 08221.002688/2011-31 |
| PIERRE YVES BOREGARD | 08241.002583/2011-43 |
| PINAS MAXIS | 08221.003569/2011-03 |
| PLAIRADIEU FRANÇOIS | 08221.003305/2011-41 |
| PRESLAIS LOZIN | 08221.003635/2011-37 |
| PRESNER DELYS | 08241.002375/2011-44 |
| RAPHAEL JEAN | 08241.002342/2011-02 |
| REGINALD ALFRED | 08221.002568/2011-33 |
| REGINALD DARCELIN | 08505.000884/2012-75 |
| RENALD FRANÇOIS | 08241.002183/2011-38 |
| RENALD JOSEPH | 08241.002692/2011-61 |
| RENALDO MEDOUARD | 08221.002865/2011-89 |
| RENALDO SYLVESTRE | 08221.002777/2011-87 |
| RENAND AUGUSME | 08221.002850/2011-11 |
| RICHARD SERAPHIN | 08221.003591/2011-45 |
| RICHARDSON LUCIEN | 08241.002161/2011-78 |
| RICKY CELIDOR | 08221.003649/2011-51 |
| RONDY LORMEUS | 08241.002145/2011-85 |
| RIVIERE DORISCA | 08221.002867/2011-78 |
| ROBENSON DALICE | 08221.003012/2011-64 |
| ROBENSON JOSEPH | 08241.002876/2011-21 |
| ROBERDE POTEAU | 08241.000043/2012-14 |
| ROBINSON HENRY | 08221.002869/2011-67 |
| RODNE LOUIS | 08221.003332/2011-14 |
| RODNEY YSIDORE | 08221.003647/2011-61 |
| RODRIGUE SAINT FLEUR | 08221.002609/2011-91 |
| RODSON ALCE | 08221.003287/2011-06 |
| ROGER MILIUS | 08221.003085/2011-56 |
| ROGER PIERRE | 08241.002369/2011-97 |
| ROGERS DORCILHOMME | 08221.002712/2011-31 |
| ROGES DUVERGE | 08221.002699/2011-11 |
| ROLANDE NARCISSE | 08221.002586/2011-15 |
| RONALD ALEXIS | 08221.002380/2011-95 |
| RONEL GERVE | 08221.002154/2011-12 |
| ROSE-ANDREE RAYMOND e LUCIA RAYMOND (mãe) | 08241.000056/2012-85 |
| ROSEDA BEAUZIL | 08241.002366/2011-53 |
| ROSELENE SAINTILUS | 08241.002756/2011-23 |
| ROSEMANE FILS CHARLES | 08221.002866/2011-23 |

| | |
|------------------------|----------------------|
| ROSEMOND SOUFFRANCE | 08241.002189/2011-13 |
| ROSENETTE BENJAMIN | 08241.002857/2011-02 |
| ROSMY DORCELUS | 08241.002861/2011-62 |
| ROUDY AUGUSTE | 08505.000896/2012-08 |
| ROUSSELET PIERRE | 08221.003284/2011-64 |
| RUSSO VITAL | 08241.002573/2011-16 |
| SADRAQUE OCCEAN | 08241.002888/2011-55 |
| SAINT JULUS MESIDOR | 08221.003536/2011-55 |
| JEAN ERICK SAINT ULUS | 08205.002490/2010-74 |
| SAINTANNE ELISEE | 08221.002862/2011-45 |
| SALOMON FENELON | 08221.001823.2011-21 |
| SAMUEL JOSEPH | 08221.002702/2011-04 |
| SERESSE CELA | 08221.003019/2011-86 |
| SERGO PIERRE | 08221.003658/2011-41 |
| SHELDINE SAINT-FLEUR | 08241.000060/2012-43 |
| SHELWANGTHER LUBINTUS | 08221.002667/2011-15 |
| SILFIN JEUNE | 08221.002799/2011-47 |
| SILIO FLEURANTIN | 08241.002345/2011-38 |
| SMITH CHARLES | 08240.003902/2012-29 |
| STACCY DEROGENE | 08241.002785/2011-95 |
| STANLEY ULYSSE | 08241.002882/2011-88 |
| SUDNER VERNEY | 08221.002651/2011-11 |
| SYGENE PREVAT | 08241.002850/2011-82 |
| TCHARLY PREVAL | 08221.002585/2011-71 |
| TECHNER LUCIEN | 08241.002887/2011-19 |
| TERVILUS GERMEIL | 08221.002798/2011-01 |
| THENORD JOACEUS | 08505.000889/2012-06 |
| THEOFILE JEAN-BAPTISTE | 08221.002784/2011-89 |
| ULDIE INELUS | 08221.002843/2011-19 |
| VALDENS NOEL | 08240.003794/2012-94 |
| VENEL CHARLES | 08241.002182/2011-93 |
| VENEL EXILUS | 08221.003654/2011-63 |
| VENITE ORELIN | 08221.002864/2011-34 |
| VILLAIRE BERNOVIL | 08221.002664/2011-81 |
| VILMA JEAN-JACQUES | 08241.002868/2011-84 |
| VOLTAIRE LAURENT | 08221.002826/2011-81 |
| WADSON DESIR | 08221.002661/2011-48 |
| WALLY JOSEPH | 08221.002645/2011-55 |
| WELDY SERAPHIN | 08221.002635/2011-10 |
| WESNER SEPTEMBRE | 08221.003564/2011-72 |
| WIDNER CASSIS | 08241.002414/2011-11 |
| WILBERT BEAUPLANT | 08221.003037/2011-68 |
| WILDIN CELIDOR | 08241.000702/2012-12 |
| WILFORDE JEUNE | 08221.002924/2011-19 |
| WILFRID NORVILUS | 08221.003020/2011-19 |
| WILGUELSON PHILEMON | 08221.002690/2011-18 |
| WILGUENS BEAUBRUN | 08241.002578/2011-31 |
| WILGUENS D'AOUT | 08221.002653/2011-00 |
| WILGUENS HONORAT | 08241.002389/2011-68 |
| WILKA REVOL | 08221.003295/2011-44 |
| WILKENS ZAMOR | 08221.002662/2011-92 |

| | |
|------------------------|----------------------|
| WILLIO CHERY | 08221.003312/2011-43 |
| WILLYNE VILMA | 08221.003418/2011-47 |
| WILNER JEAN | 08221.002803/2011-77 |
| WILNER PIERRE | 08221.003071/2011-32 |
| WILNER PIERRE | 08241.002382/2011-46 |
| WILNER SAGESSE | 08221.002874/2011-70 |
| WILNOR MIRVIL | 08241.002409/2011-09 |
| WILNOT MICHEL | 08240.000242/2012-24 |
| WILPHENS JOSEPH | 08241.000872/2010-27 |
| WILQUENS JOSEPH | 08241.002839/2011-12 |
| WILQUIN LORMILSAINT | 08241.002849/2011-58 |
| WILSON BASTIEN | 08221.002873/2011-25 |
| WILSON BONHEUR | 08241.000595/2010-52 |
| WILSON DUVAL | 08221.003017/2011-97 |
| WILSON LOUIS | 08241.002889/2011-08 |
| WILSON MICHEL | 08240.000223/2012-06 |
| WILSON PHILISTIN | 08221.002816/2011-46 |
| WILSON'N JEUDY | 08241.000301/2012-54 |
| WINDY SIBANE MONFISTON | 08221.003074/2011-76 |
| WILNER ST PIERRE | 08241.002392/2011-81 |
| WISLEY FRANÇOIS | 08221.003313/2011-98 |
| WISLY CILEUS FRANÇOIS | 08221.003302/2011-16 |
| WISLY JACQUES | 08221.003657/2011-05 |
| WISMICK FRANCIN | 08241.002150/2011-98 |
| WISNER ESTIMABLE | 08241.002192/2011-29 |
| WITCHNER LOUIS | 08241.002847/2011-69 |
| WOLKENS JOSEPH | 08241.002891/2011-79 |
| WOUDY PIERRE LOUIS | 08221.002660/2011-01 |
| YFERDIN LEBLANC | 08241.002159/2011-07 |
| YOLANDE PETION | 08221.003281/2011-21 |
| YOLINE CHARLES | 08221.002858/2011-87 |
| YOUDELINE LOUIS | 08221.002565/2011-08 |
| YOUVELIE TIMEUS | 08221.003307/2011-31 |
| BRENORD LATOUCHE | 08241.002540/2011-68 |

| Residências Permanentes concedidas pelo Departamento de Estrangeiros/SNJ/MJ no Diário Oficial de 29.06.2012 | |
|---|----------------------|
| ABNER CHARITE | 08221.002894/2011-41 |
| ALBERT FRANÇOIS | 08221.003632/2011-59 |
| ALTENOR ALEZY | 08221.003587/2011-87 |
| ALTES ANACE | 08221.003402/2011-34 |
| AMONDIEU CETELUS | 08221.002626/2011-29 |
| AMOS SYLLA | 08221.002886/2011-02 |
| ANCY JULES | 08221.002941/2011-56 |
| ANTOINE FELIX | 08221.002915/2011-28 |
| ANTONY FLORESTAL | 08221.002914/2011-83 |
| ASNEL BOINELUS | 08221.002844/2011-63 |
| BASMY FLEURANCIN | 08221.003541/2011-68 |
| BASNEL PHILEMON | 08221.003296/2011-99 |
| BAZELAIS JACQUES | 08221.002809/2011-44 |
| BERGELINE AUGUSTIN LOUIMA | 08221.002389/2011-04 |

| | |
|----------------------------|----------------------|
| BLEUETTE GENE | 08221.002942/2011-09 |
| BRUNEL NELSON | 08221.002913/2011-39 |
| CELIUS DANSELY | 08221.003619/2011-44 |
| CETOUTE WALME | 08221.002891/2011-15 |
| CHALIUS SIBRUN | 08221.002917/2011-17 |
| CHARLES LUCKSON DORSAINVIL | 08221.003644/2011-28 |
| CHAROSE DEXTRA | 08221.002877/2011-11 |
| CLAUDE DESAMOUR | 08221.002659/2011-79 |
| CLERIBERT JOSAPHAT | 08221.002841/2011-20 |
| DAPHENEY MOUSCADY | 08221.002922/2011-20 |
| DEIUMERCY FILS AIME | 08221.002909/2011-71 |
| DELINX MONCHER | 08221.002704/2011-95 |
| DGIMS ETIENNE | 08221.002787/2011-12 |
| DIEUJUSTE ANTOINE | 08221.002887/2011-49 |
| DIEULANO OTHELOT | 08221.002632/2011-86 |
| DIEULIFAITE PIERRE | 08221.003539/2011-99 |
| DIEUMERCY PIERRE | 08221.002812/2011-68 |
| DIMY JEAN | 08221.003555/2011-81 |
| DOMINIQUE JOSAPHAT | 08221.003633/2011-48 |
| DOUDELIN JOSEPH | 08221.002569/2011-88 |
| DUCERESTE JOSEPH | 08221.002912/2011-94 |
| EBERNE PIERRE | 08221.003605/2011-21 |
| EDRICE ESTIMABLE | 08221.003582/2011-54 |
| EDY DUMAS | 08221.002378/2011-16 |
| ELAUGE JEUNE | 08221.003292/2011-19 |
| ELIMENE FLEURO | 08221.003689/2011-01 |
| EMILIO SAINTIL | 08221.003530/2011-88 |
| EMMANUEL JEAN JACQUES | 08221.003614/2011-11 |
| EMMANUEL MATHIEU | 08221.002627/2011-73 |
| FADOUL NESTOR | 08221.002782/2011-90 |
| FEGUENS JOSEPH | 08221.003574/2011-16 |
| FLEURISON SAINT JEAN | 08221.003406/2011-12 |
| FRANCIEL CELESTIN | 08221.002589/2011-59 |
| FRANCKY AURELIEN | 08221.002732/2011-11 |
| FRANCKY STANIS | 08221.003586/2011-32 |
| FRANÇOIS CASSEUS | 08221.002730/2011-13 |
| FRANTZ CHARLES | 08221.002381/2011-30 |
| FRANTZ ERNST THOMPSON | 08221.002385/2011-18 |
| FRANTZ JOSEPH | 08221.002938/2011-32 |
| FRITZSON CHARLES | 08221.003339/2011-36 |
| GENICA THELEMAQUE | 08221.002925/2011-63 |
| GEONEL SAINT THOMAS | 08241.003077/2011-71 |
| GERALD JOSEPH | 08221.003547/2011-35 |
| GERMITHA LOUISSAINT | 08221.003398/2011-12 |
| GESNER JOSEPH | 08241.002359/2011-51 |
| GUENNSEAU PIERRE | 08221.003565/2011-17 |
| GUENSON FLORESTAL | 08221.002928/2011-05 |
| GUERBY CADET | 08221.002931/2011-11 |
| GUERLINE PHILOGENE | 08221.002669/2011-12 |
| GUERMOND DESRAVINES | 08221.002813/2011-11 |
| GUERTIDE FLEURINOR | 08221.002654/2011-46 |

| | |
|-------------------------|----------------------|
| GUETLER INNOCENT | 08221.003709/2011-35 |
| GUSTO ANDRE | 08221.002686/2011-41 |
| HENRIETTE ELOY | 08221.002842/2011-74 |
| HODKENS ALEXANDRE | 08221.002804/2011-11 |
| ILRICK ROGER | 08221.003606/2011-75 |
| INNEL BRICE | 08221.002610/2011-16 |
| IRANO THEISMA | 08221.003693/2011-61 |
| ITALIENNE ANTOINE | 08221.003580/2011-65 |
| IZENA DAMIER | 08221.002718/2011-17 |
| JACKLYN CERAPHIN | 08221.003607/2011-10 |
| JACKSIN ETIENNE | 08221.003558/2011-15 |
| JACOB MERZIER | 08221.002691/2011-54 |
| JACQUELIN JEAN | 08221.003579/2011-31 |
| JACQUES JEAN PIERRE | 08221.002919/2011-14 |
| JACQUES ODIL | 08221.003408/2011-10 |
| JEAN CHARLES OCCEAN | 08221.002935/2011-07 |
| JEAN ERIC FILS AIME | 08221.003543/2011-57 |
| JEAN GILLES FRANÇOIS | 08221.002720/2011-88 |
| JEAN HENRY INNELUS | 08221.003688/2011-58 |
| JEAN RENEL ANTOINE | 08221.003560/2011-94 |
| JEAN ROBERT MANNACE | 08221.003636/2011-81 |
| JEAN RONY CHARLES | 08221.003568/2011-51 |
| JEAN WILDER BAPTISTE | 08221.003545/2011-46 |
| JEANNETTE JOSEPH | 08221.003393/2011-81 |
| JEPHE CASIMIR | 08221.002615/2011-49 |
| JESPERE METELUS | 08221.003612/2011-22 |
| JOCELIN PIERRE | 08221.002728/2011-44 |
| JOEL ALEXANDRE | 08221.003662/2011-18 |
| JOEL TITUS | 08221.002820/2011-12 |
| JOHANE PLANCHER | 08221.003598/2011-67 |
| JONAS BAZIL | 08221.003559/2011-60 |
| JONEL SIMEON | 08221.002707/2011-29 |
| JOSEPH JEAN BAPTISTE | 08221.002940/2011-10 |
| JOSIAS MIRVIL | 08221.002906/2011-37 |
| JOVEL SEPTEMBRE | 08221.003540/2011-13 |
| JUSTIN JOSEPH | 08221.003563/2011-28 |
| KENSON ALTIDOR | 08221.003338/2011-91 |
| LEBON BERTHOLAN CHARLES | 08221.003405/2011-78 |
| LEONIE DELICIEUX | 08221.002617/2011-38 |
| LINDA SAINT JEAN | 08221.003380/2011-11 |
| LOCO GUSTELIA | 08221.002831/2011-94 |
| LOUDOR MARC DONALD | 08221.002726/2011-55 |
| LOUISEMENE DORCELY | 08221.003417/2011-01 |
| MADSEN AUGUSTIN | 08221.002926/2011-16 |
| MAGALIE BELFORT | 08221.002805/2011-66 |
| MANIQUE PLAISIR | 08221.002689/2011-85 |
| MANUEL JOACIUS | 08221.002679/2011-40 |
| MARADONA DORMELUS | 08221.003682/2011-81 |
| MARC ANDRE SENE | 08221.002916/2011-72 |
| MARCIANIE MONCHER | 08221.002681/2011-19 |
| MARCKENDY MICHEL | 08221.002774/2011-43 |

| | |
|---------------------------|----------------------|
| MARGANA LORANVIL | 08221.003289/2011-97 |
| MARGARETTE CHARLES | 08221.002802/2011-22 |
| MARIE BENITHA SAINT JUSME | 08221.002670/2011-39 |
| MARIE JULEMISE CONGO | 08221.002374/2011-38 |
| MARIE YOLENE BRUSMA | 08221.003553/2011-92 |
| MARTHINE ABEL | 08221.003639/2011-15 |
| MATHELIER JOSEPH | 08221.003573/2011-63 |
| MAXCEDOINE MORIGENE | 08221.002727/2011-08 |
| MAXIUS DORMILUS | 08221.003567/2011-14 |
| MICHELENE JOSEPH | 08221.003576/2011-05 |
| MICHELET BRUNEL | 08221.002386/2011-62 |
| MICHELET GACHETTE | 08221.003664/2011-07 |
| MICHELET DORVIL | 08221.003597/2011-12 |
| MICHOU ANDRIS | 08221.002734/2011-00 |
| MILLER PIERRE LOUIS | 08221.002908/2011-06 |
| MODELIN JULES | 08221.002932/2011-65 |
| MONA LAMARRE | 08221.002694/2011-98 |
| MORMILIS CHARLERON | 08221.003643/2011-83 |
| MYRIAME ST JUSTE | 08221.002895/2011-95 |
| NICOLSON PIERRE | 08221.002388/2011-51 |
| NICOLTHA FORTILUS | 08221.003712/2011-59 |
| NOTAIRE JEAN CHARLES | 08221.002815/2011-00 |
| OLEX COMPERE | 08221.002733/2011-57 |
| OPHILIA RICHEMOND | 08221.003392/2011-37 |
| ORILUS ADELSON | 08221.003538/2011-44 |
| ORINAL LAMOUR | 08221.002736/2011-91 |
| ORIOLE JEAN BAPTISTE | 08241.002668/2011-21 |
| OVENSON LAGUERRE | 08241.002575/2011-05 |
| PATCHICO JEANTIS | 08221.002377/2011-71 |
| PAUL KEVENS THOMAS | 08221.003645/2011-72 |
| PEGUY ALCINDOR | 08221.003651/2011-20 |
| PHILOME ESTENORD | 08221.003663/2011-54 |
| PHILOMISE SAINT FLEUR | 08221.002810/2011-79 |
| PHYTO ESTIME | 08221.003653/2011-19 |
| PIERRE SAINT LESPERANCE | 08221.002907/2011-81 |
| POLIPHENE ARTHUS | 08221.002881/2011-71 |
| PROPHETE JEANTIS | 08221.002646/2011-08 |
| PROPHIL SAINTYL | 08221.003589/2011-76 |
| PROSPERE SAINT JEAN | 08221.003335/2011-58 |
| PROVILON DESTINE | 08221.003407/2011-67 |
| REGINAL NORMIL | 08221.002888/2011-93 |
| RENEL MILIEN | 08221.003590/2011-09 |
| RESIGNER RAPHAEL | 08221.003593/2011-34 |
| RIQUIN FENESCAT | 08221.003637/2011-91 |
| ROBERT DERISSEE | 08280.050791/2011-92 |
| ROBERTO CONSTANT | 08221.003566/2011-61 |
| ROCHELIEN CHARLES | 08221.003554/2011-37 |
| RONALD SIMEON | 08221.003599/2011-10 |
| RONALD VOLTAIRE | 08221.003698/2011-93 |
| RONY BELLANGE | 08221.003544/2011-00 |
| RONY MICHEL | 08221.003696/2011-02 |

| | |
|-----------------------|----------------------|
| ROODY DARELUS | 08221.002778/2011-21 |
| ROSEMOND JOSEPH | 08221.002591/2011-28 |
| ROSETTE LOUIDOR | 08221.003628/2011-35 |
| ROSNICK LOUIS | 08221.002860/2011-56 |
| SAINGILUS PIERRE | 08221.003595/2011-23 |
| SAINT JUSTE BAPTISTE | 08221.003283/2011-10 |
| SAINT JUSTE GERMEILLE | 08221.002772/2011-54 |
| SAINT-VIL JEAN | 08221.002807/2011-55 |
| SAINTALET JULES | 08221.002902/2011-59 |
| STEPHANIE LABORIEUX | 08221.003600/2011-06 |
| STON'N ILERSAINT | 08221.002614/2011-02 |
| SUNDA ALEXIS | 08221.003333/2011-69 |
| SYLASSE THERMILUS | 08221.002903/2011-01 |
| TANIA ALDAJUSTE | 08221.002910/2011-03 |
| THERESE JOSEPH | 08221.003084/2011-10 |
| TINE EDMOND | 08221.003403/2011-89 |
| VITAL JULIEN | 08221.003086/2011-09 |
| VITAL LORENCY | 08221.002875/2011-14 |
| VOLNE FENELUS | 08221.002814/2011-57 |
| VOLNY PIERRELUS | 08280.050794/2011-26 |
| VRINEL JEAN | 08241.003074/2011-38 |
| WATSON DATUS | 08221.002933/2011-18 |
| WESLY DELHOMME | 08221.003634/2011-92 |
| WILBERT PIERRE | 08221.002625/2011-84 |
| WILDA DOMINIQUE | 08221.002577/2011-24 |
| WILFIN PAUL | 08221.002382/2011-84 |
| WILGUENS EXANTUS | 08241.002486/2011-79 |
| WILMINO LOUIS | 08221.002580/2011-48 |
| WILNER DELUS | 08221.002715/2011-75 |
| WILNER ROSIER | 08221.002806/2011-19 |
| WILSON CANGE | 08221.003561/2011-39 |
| WISBERT ALCENAT | 08221.003617/2011-55 |
| WISLY ALCENAT | 08221.002885/2011-50 |
| YVES BOCICAULT | 08221.002900/2011-60 |

Total de Residências Permanentes concedidas : 3.065

Resenha de imprensa: Haitianos no Brasil

2010

| Título da Matéria | Matéria | Fonte |
|---|--|--|
| "22 haitianos são detidos na fronteira com a Bolívia" | <p>Corumbá, em Mato Grosso do Sul, fronteira com a Bolívia, já é rota de haitianos que estão deixando seu país, devastado por um terremoto em janeiro. Ontem, sete foram presos em dois táxis brasileiros, numa viagem de 70 km, de Corumbá até Miranda (MS). Anteontem, houve a prisão de oito que estavam em um hotel de Corumbá e sete, também em um hotel, em Miranda. Todos estão em situação ilegal no Brasil. Eles têm passaporte, mas no documento não consta registro de entrada no País.</p> <p>Com o grupo preso em Corumbá foram encontradas mercadorias contrabandeadas. A Polícia Federal também suspeita que os haitianos estejam sendo aliciados por traficantes de cocaína.</p> <p>Do Haiti, eles viajam de avião ao Panamá e seguem com registros de entrada no Peru, de onde chegam à Bolívia e, por fim, Corumbá. Segundo a Polícia Rodoviária Federal, que fez a apreensão dos grupos que viajavam de táxi, o valor cobrado pelos taxistas foi de US\$ 200, considerado excessivo.</p> <p>Benide Polissaint, de 19 anos, uma das haitianas presas em Miranda e levadas para a Superintendência da Polícia Federal em Campo Grande, nega o aliciamento. Ela explicou ter viajado sozinha de Porto Príncipe até São Domingos, onde encontrou outros haitianos. Eles viajaram para o Panamá, Peru, Bolívia e chegaram a Corumbá. "No Haiti não há mais condições de sobrevivência", disse.</p> <p>Os haitianos foram levados para o Centro de Triagem do Migrante (Cetremi). Segundo a delegada da PF Eliane Arôcha de Oliveira, os haitianos serão multados em R\$ 163 . Eles têm três dias para deixar o País, caso contrário, serão deportados para a Bolívia, onde têm permissão para ficar até dia 27.</p> <p>Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,22-haitianos-sao-detidos-na-fronteira-com-a-bolivia,526305,0.htm</p> <p>Acesso em: 07/03/12</p> | <p>João Naves de Oliveira - O Estado de São Paulo - 19/03/10</p> |
| "Haitianos pedem refúgio ao Brasil após entrada ilegal" | <p>Um grupo de 14 haitianos que entrou ilegalmente no Brasil, procedente da Bolívia, onde chegou do Haiti, protocolou hoje pedido de refúgio na Superintendência da Polícia Federal de Campo Grande. O documento foi encaminhado ao Conare (Comitê Nacional de Refugiados) ligado ao Ministério da Justiça, para ser analisado. A decisão poderá demorar até seis meses, conforme explicaram funcionários da organização, mas enquanto isso os estrangeiros têm trânsito livre no País.</p> <p>Falando francês, alegaram que estão sem destino e qualquer meio para a sobrevivência, devido às consequências do terremoto que castigou o Haiti em janeiro deste ano. "Passamos fome na viagem para o Brasil. Ficamos até três dias sem comer absolutamente nada", afirmou Benide Polissaint, uma das imigrantes. Ela e os outros 13 haitianos estão no Centro de Triagem de Migrante de Campo Grande (Cetremi).</p> <p>Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/geral,haitianos-pedem-refugio-ao-brasil-apos-entrada-ilegal,526673,0.htm</p> <p>Acesso em: 07/03/12</p> | <p>João Naves de Oliveira - O Estado de São Paulo - 19/03/10</p> |
| "Jogo de futebol arrecada comida para haitianos na Amazônia brasileira" | <p>Às vésperas do início da Copa do Mundo na África do Sul, uma partida de futebol entre Brasil e Haiti no coração da selva amazônica arrecadou alimentos para os cerca de 60 haitianos que se encontram na cidade brasileira de Tabatinga, na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru.</p> <p>Realizado último final de semana, no campo de areia do clube "Bola Cheia", o jogo arrecadou cerca de 80 quilos de alimentos que serão consumidos, nas próximas três semanas, pelos haitianos abrigados pela Pastoral da Mobilidade Humana de Tabatinga. Os haitianos, que jogaram contra atletas brasileiros locais, venceram o jogo por 9 x 8.</p> <p>A torcida reuniu brasileiros, colombianos e peruanos que convivem nesta</p> | <p>Luiz Fernando Godinho - ACNUR - 01/06/10</p> |

distante cidade fronteiriça, às margens do Rio Solimões, na bacia do Rio Amazonas. “Todos ficaram muito felizes, especialmente os haitianos. Os alimentos arrecadados demonstram a solidariedade da população de Tabatinga, que agora está mais conscientizada sobre a presença dos haitianos na cidade”, afirma o Padre Gonzalo Franco, Diretor da Pastoral da Mobilidade Humana.

Os homens, mulheres e crianças do Haiti estão abrigados na Igreja Divino Espírito Santo. Eles chegaram a Tabatinga nas últimas semanas, vindos do Peru. A chegada de haitianos nesta fronteira amazônica se iniciou em janeiro de 2010, após o terremoto que destruiu o Haiti. Em Tabatinga, eles são assistidos pela Pastoral da Mobilidade Humana, parceira do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) naquela região. Também já receberam o apoio da Defesa Civil e a visita de agentes de saúde local.

Sob a coordenação da Pastoral, os haitianos dividem as instalações da igreja, preparam sua própria comida e fazem a limpeza do local. As mulheres cuidam das crianças, e os homens passeiam por Tabatinga e Letícia, cidade colombiana do outro lado da fronteira – uma linha imaginária que é a continuação da principal avenida de Tabatinga.

Muitos dos haitianos já estavam fora do seu país antes de terremoto. Mas outros deixaram o Haiti após a tragédia, como é o caso de Enel Romelus, 32 anos, que trabalhava na construção civil e dava aulas de espanhol em Porto Príncipe. “É impossível dimensionar a tragédia no meu país. A sensação é que tudo acabou e que não temos para onde voltar”, afirma Enel, que saiu do Haiti no final de janeiro e chegou a Tabatinga no início de abril.

Assim como a maioria dos seus conterrâneos, Enel deixou o Haiti em direção à República Dominicana, onde tomou um avião para Lima, capital do Peru. De lá, foi de ônibus até Pucallpa, e de barco para Iquitos e Santa Rosa, na Amazônia peruana. Finalmente, tomou uma pequena embarcação em Santa Rosa e cruzou a fronteira com o Brasil em direção a Tabatinga atravessando o Rio Solimões, num trajeto que dura cerca de dez minutos.

Em território brasileiro, os haitianos estão sendo assistidos pela Pastoral da Mobilidade Humana, que implementa um projeto do ACNUR de assistência humanitária emergencial a solicitantes de refúgio da Colômbia. Ironicamente, apenas quatro cidadãos colombianos solicitaram refúgio em Tabatinga neste ano. Em compensação, cerca de 80 haitianos já passaram por lá desde janeiro – sem contar o grupo que se encontra atualmente na cidade.

Todos os haitianos estão solicitando refúgio às autoridades brasileiras, que aceitam os pedidos de acordo com os compromissos internacionais do país – o Brasil é signatário da Convenção da ONU sobre o Estatuto dos Refugiados, de 1951. Com os documentos temporários que os identificam como solicitantes de refúgio, deixam Tabatinga em direção a Manaus, numa viagem de barco que pode durar até sete dias.

Em Manaus, seguem sob assistência do ACNUR e dos seus parceiros, onde têm a oportunidade de iniciar atividades de integração à sociedade local. Entretanto, muito abandonam os pedidos de refúgio e deixam de contatar os assistentes sociais, os funcionários do governo brasileiro e até mesmo o ACNUR.

“Neste caso, é possível que estejam saindo do Brasil em direção a outros países. É um comportamento atípico para solicitantes de refúgio, o que pode indicar que estas pessoas estejam apenas de passagem pelo Brasil”, analisa o representante do ACNUR no país, Andres Ramirez. “Mas por razões humanitárias, continuamos prestando assistência humanitária emergencial e temporária aos que chegam”, afirma Ramirez.

Em linha com as convenções internacionais, a legislação brasileira não prevê a concessão de refúgio para vítimas de desastres naturais. Por isso, os pedidos de refúgio apresentados pelos haitianos serão encaminhados pelo Comitê Nacional para Refugiados (CONARE) ao Conselho Nacional de Imigração (CNIg), que poderá regularizar a permanência destas pessoas no

| | | |
|--------------------------------------|--|---|
| | <p>Brasil por razões humanitárias. “É uma ação inteligente das autoridades brasileiras, pois preserva o instituto de refúgio e ampara os haitianos que queiram reconstruir suas vidas no Brasil”, afirma o representante do ACNUR.</p> <p>Entre os haitianos que se encontram atualmente em Tabatinga, Enel Romelus é um dos poucos que fala espanhol – a maioria se comunica em francês ou em creole. Por isso, tem ajudado a Pastoral da Mobilidade Humana a se comunicar com os demais haitianos e apoiado seus conterrâneos no supermercado, no posto telefônico e nas entrevistas com autoridades migratórias. “Quero conseguir um trabalho para ajudar minha família, que permanece no Haiti”, afirma Enel, se referindo ao pai, à mulher e aos três filhos.</p> <p>Animado com o resultado do jogo de ontem, o diretor da Pastoral da Mobilidade Humana elogia a comunidade local e revela os próximos passos desta iniciativa. “Foi uma demonstração de solidariedade com os haitianos, neste momento difícil que eles atravessam. Em breve, organizaremos uma nova partida com uma equipe de colombianos”, afirma o padre Gonzalo Franco, buscando se beneficiar das particularidades desta fronteira brasileira.</p> <p>Disponível em: http://unicrio.org.br/jogo-de-futebol-arrecada-comida-para-haitianos-na-amazonia-brasileira/</p> <p>Acesso em: 27/01/12</p> | |
| “Haitianos buscam refúgio em Manaus” | <p>Mais de 150 haitianos vivem de doações em Tabatinga, a 1.105 quilômetros de Manaus, à espera de autorização para viver no Brasil como refugiados. A maioria veio logo depois do terremoto que destruiu o país caribenho, em janeiro, e muitos permaneceram alguns meses no município como metade do caminho até a Guiana Francesa, onde a facilidade por conta da língua falada no país, o francês, atrai os refugiados.</p> <p>"Estimamos que pelo menos 450 haitianos tenham passado pelo município. Apenas a minoria fica porque a situação por aqui não é muito boa, o governo brasileiro não está sendo rápido na acolhida dessas pessoas", reclama o padre Gonzalo Franco, da Pastoral da Mobilidade Humana, pároco da igreja do Divino Espírito Santo, em Tabatinga.</p> <p>Padre Gonzalo já organizou dois jogos de futebol para arrecadar alimentos para os haitianos. Em junho, com ajuda do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), a pastoral conseguiu doações de 80 quilos de alimentos no primeiro jogo. No sábado passado, foi a vez do jogo ocorrer em Letícia, na Colômbia, onde foram arrecadados 50 quilos.</p> <p>O haitiano Gaspar Lopes, de 26 anos, chegou a Tabatinga há 20 dias com um grupo de seis amigos. "A vida está muito difícil em Gressier (cidade onde mora sua família) e a escola onde eu lecionava foi ao chão. Mas pretendo sair de Tabatinga e procurar emprego como professor de francês em Manaus, assim que conseguir ser aceito como refugiado", contou.</p> <p>Os haitianos que passam por Tabatinga têm documentos temporários que os identificam como solicitantes de refúgio. Mas muitos, cerca de 300, não estão mais em Tabatinga e podem estar em Manaus ou em países vizinhos.</p> <p>Na segunda quinzena de outubro, uma equipe do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), ligado ao Ministério da Justiça, estará em Manaus para entrevistar os haitianos. Em seguida, os pedidos de refúgio serão julgados pelo Conselho do Conare. Caso os pedidos sejam negados, os refugiados podem recorrer e, se forem sejam rejeitados de novo, têm oito dias para retornar ao país de origem.</p> <p>Padre Gonzalo disse que os haitianos já estão pensando em novos eventos para tentar angariar fundos para viajar para Manaus e permanecer na cidade durante as entrevistas. "O Acnur disse que vai ajudá-los, mas são muitos e não sei nem se estarão por aqui nessa época, pois estão nessa espera desde janeiro e muitos já se foram", lamenta o padre.</p> <p>PARA ENTENDER</p> <p>O status de refugiado é concedido à pessoa que "por causa da grave e generalizada violação dos direitos humanos é obrigada a deixar seu país e</p> | <p>Liege Albuquerque - O Estado de São Paulo - 05/09/10</p> |

| | | |
|---|--|---|
| | <p>buscar refúgio em outra nação". Mas, no caso haitiano, há o agravante do desastre natural, uma categoria de refugiado que tende a crescer no mundo todo.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://blogdaamazonia.blog.terra.com.br/2011/01/17/com-pais-arrasado-acre-se-torna-rota-para-entrada-de-haitianos-no-brasil/ <i>Acesso em: 11/01/12</i></p> | |
| <p>"Jovens haitianos chegam ao Brasil para intercâmbio de um ano"</p> | <p>No último dia 27 de Setembro de 2010, 76 jovens haitianos desembarcaram no aeroporto de Guarulhos, São Paulo. De origem camponesa, provenientes de todos os dez departamentos que compõem o Haiti, sua chegada em solo brasileiro é mais um marco na trajetória bicentenária de solidariedade entre o povo haitiano e a comunidade latino-americana.</p> <p>No início do século XVIII, vitoriosa a revolução dos escravos negros liderados por Jean Jacques Dessalines, o termo 'haitianismo' se espalhou por todo o continente, significando liberdade para os escravos e temor para os senhores de engenho. Qualquer menção ao Haiti fazia com que estes tremessem diante da possibilidade de massificação da luta negra antiescravista. Essa síndrome do medo oriunda do 'Perigo de São Domingos' tinha razão de existir, já que o Haiti jogou um papel estratégico no processo de independência da América Latina, não só por seu exemplo, mas também pelo apoio dado a Simon Bolívar e Francisco Miranda no início das lutas libertárias na América continental. Em 1806 e 1816, Miranda e Bolívar visitaram a ilha caribenha em busca de apoio financeiro e militar para a guerra de independência contra a metrópole espanhola, no que foram prontamente atendidos. Além de armamentos e provimentos, um Batalhão de cerca de 300 soldados haitianos seguiu com Bolívar para lutar na guerra contra o exército espanhol.</p> <p>Duzentos anos depois, outro batalhão saiu do Haiti. A conjuntura, infelizmente, é outra. Os 76 jovens que aportaram no Brasil não trazem armas nem suprimentos de guerra consigo e seu país, outrora a colônia mais próspera do continente, é hoje o país mais pobre das Américas. A ousadia e exemplo de sua revolução foram punidos pelas elites ocidentais com embargos econômicos, pagamento compulsório da dívida da independência, sucessivas ocupações militares estrangeiras e a ingerência constante das potências norte-americanas e européias. O resultado é que, atualmente, 56% da população se encontra abaixo da linha da pobreza absoluta. Situação que só se agravou após o terremoto de 12 de Janeiro de 2010. Os trinta e cinco segundo de tremor de terra deixaram mais de 300 mil mortos e 1,2 milhões de desabrigados, além de uma perda em termos materiais e de infraestrutura equivalente a 120% do valor do PIB haitiano.</p> <p>Mas se a conjuntura é outra, o princípio ainda é o mesmo: a solidariedade entre os povos. A vinda dos jovens ao Brasil é fruto de um projeto de cooperação entre a Via Campesina brasileiro e os movimentos camponeses haitianos. Com uma Brigada Internacionalista presente no Haiti desde janeiro de 2009 - e que conta hoje com 28 integrantes - a Via Campesina Brasil vêm construindo um processo de integração e intercâmbio entre os camponeses dos dois países com o objetivo de fortalecer os movimentos sociais locais através de apoio técnico e político capaz de ajudar na construção de melhores condições de vida e trabalho para o campo haitiano como um todo.</p> <p>É nessa perspectiva que desde o último dia 27 de Setembro a Via Campesina Brasil acolhe 76 jovens haitianos, todos integrantes de movimentos camponeses, sendo 54 homens e 22 mulheres, para um processo de intercâmbio com duração de um ano. E a previsão é que até o final de 2010, esse número chegue a 120 jovens.</p> <p>Durante o primeiro mês de Brasil, os haitianos estarão na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF) do MST em Guararema/SP. Lá aprenderão noções básicas de português, geografia, história e economia brasileira e latino-</p> | <p><i>Thalles Gomes - ALAI, América Latina en Movimiento - 14/10/10</i></p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>americana. Passado esse período de adaptação, serão distribuídos pelas diversas regiões do país, onde terão contato com cooperativas rurais, assentamentos agrícolas, bancos de sementes, viveiros de muda, centros de produção agroecológica, técnicas de captação e armazenamento de água, dentre outras experiências desenvolvidas pelos movimentos camponeses brasileiros. Com essa gama de conhecimentos e práticas apreendidos, retornarão ao Haiti para colaborar com o fortalecimento de suas organizações, com o desenvolvimento de suas comunidades e na transformação social de seu país.</p> <p>Com este intercâmbio, a Via Campesina Brasil e os movimentos camponeses haitianos resgatam o exemplo de Dessalines, Pétion, Miranda e Bolívar, dando continuidade à trajetória de solidariedade entre os povos do Caribe e da América Latina, que não necessita de exércitos de ocupação e promessas de lucro para se efetivar.</p> <p>Disponível em: http://alainet.org/active/41582&lang=es Acesso em: 28/01/12</p> | |
|--|---|--|

2011

| Título da Matéria | Matéria | Fonte |
|---|--|--|
| “Com país arrasado, Acre se torna rota para entrada de haitianos no Brasil” | <p>O governo do Acre anunciou que o Estado está se tornando rota para a entrada de haitianos no Brasil. As autoridades estaduais estimam a presença de pelo menos 180 refugiados no município de Brasiléia, que é separado pelo rio Acre de Cobija, a capital do departamento de Pando, na Bolívia.</p> <p>O primeiro grupo de haitianos chegou a Brasiléia no dia 2 de dezembro do ano passado. A situação preocupa o governador Tião Viana (PT), que pediu ao secretário de Justiça e Direitos Humanos, Henrique Corinto, para averiguar as condições dos refugiados no fim de semana.</p> <p>Os imigrantes partem em navios de Porto Príncipe, capital do Haiti, atravessam o Mar do Caribe e desembarcam no Panamá, de onde seguem para o Equador e depois para o Peru. De ônibus, táxis e até mesmo a pé, partem dos portos de Lima e seguem pela Rodovia Interoceânica rumo ao Brasil.</p> <p>A maior parte dos refugiados é de jovens entre 20 e 30 anos, basicamente estudantes, que são considerados a elite do Haiti. A viagem deles ao Brasil chega a custar US\$ 1 mil, obtidos com a ajuda de parentes.</p> <p>- Nós estamos no Brasil porque queremos uma vida melhor. No Haiti não tem nada, o terremoto acabou com a vida dos haitianos. É por isso que viemos para cá, para buscar uma vida melhor - disse Milena Auguste à estatal Agência de Notícias do Acre.</p> <p>O secretário Corinto disse que os haitianos deveriam ser deportados, de acordo com as leis brasileiras, a partir do momento em que entram ilegalmente no país. A medida não será adotada por se tratar de questão humanitária. A situação já foi relatada ao Ministério da Justiça e ao Ministério das Relações Exteriores.</p> <p>Disponível em: http://blogdaamazonia.blog.terra.com.br/2011/01/17/com-pais-arrasado-acre-se-torna-rota-para-entrada-de-haitianos-no-brasil/ Acesso em: 11/01/12</p> | <p>Altino Machado - Blog da Amazônia - Terra Magazine -17/01/11</p> |
| “Acre é rota de entrada de haitianos no país” | <p>Haitianos em fuga após o terremoto que atingiu o país há um ano, seguido de uma epidemia de cólera, elegeram o Acre como rota de entrada no Brasil. A explicação, segundo autoridades, é a falta de fiscalização na região.</p> <p>Segundo a Superintendência da Polícia Federal no Estado, 76 haitianos chegaram ao Acre e pediram refúgio no Brasil desde abril de 2010. Nos anos anteriores, nenhum haitiano havia pedido tal status no Estado.</p> <p>Porém, nem todos procuram a polícia. Segundo representantes do Conare (Comitê Nacional para os Refugiados), órgão vinculado ao Ministério</p> | <p>Freud Antunes - Folha de São Paulo - 21/01/11</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>da Justiça, o Estado tem mais de 150 haitianos.</p> <p>Segundo o secretário estadual da Justiça, Henrique Corinto, os haitianos contam que, depois de passar pela República Dominicana, embarcam para o Equador, de onde seguem para o Peru.</p> <p>"De Puerto Maldonado [Peru], eles entram na fronteira do Brasil das formas mais diversas, mas muitos deles vêm caminhando por Assis Brasil [cidade na fronteira]", disse o secretário.</p> <p>Renato Zerbini, membro do Conare, disse que os haitianos não estão sendo considerados refugiados, pois imigração por causa de catástrofe não garante esse status.</p> <p>Zerbini afirmou que a escolha do Acre ocorreu após os chamados "coiotes" --criminosos pagos para fazer o transporte ilegal de pessoas-- notarem uma menor fiscalização das fronteiras.</p> <p>Antes, as entradas preferidas eram o Amapá, via Guiana Francesa, ou São Paulo.</p> <p>Em Brasileia, (231 km de Rio Branco) há aglomerações de haitianos em praças.</p> <p>Segundo o Conare, o plano da maioria dos imigrantes é viajar para cidades maiores, onde há mais empregos.</p> <p>A Igreja Católica e o governo do Acre passaram a oferecer alimentos e abrigo aos estrangeiros. O padre Rutemarque Crispim disse que desde julho haitianos são abrigados em algumas salas da catequese, a pedido da PF.</p> <p>"Atualmente, eles estão em pousadas, mas estamos organizando um local para abrigar todos, que é o ginásio. Já conseguimos os colchões e os banheiros", disse.</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/mundo/863927-acre-e-rota-de-entrada-de-haitianos-no-pais.shtml</p> <p>Acesso em: 15/01/12</p> | |
| <p>"O que fazer com os imigrantes do Haiti?"</p> | <p>Em janeiro de 2010, o maior terremoto do Haiti em dois séculos matou mais de 200 mil pessoas, deixou outras 300 mil gravemente feridas e destruiu parte significativa da infraestrutura do país, um dos mais pobres do continente. Agora, as consequências da tragédia estão provocando um fluxo migratório inédito de haitianos para o Brasil. Eles buscam refúgio, sobrevivência e oportunidades de trabalho.</p> <p>Estima-se que, em um ano, cerca de 700 haitianos atravessaram a fronteira brasileira empurrados pela catástrofe. Os primeiros registros de chegada de haitianos em fuga são de fevereiro de 2010, um mês após o terremoto. Eles são, em sua maioria, homens entre 20 e 40 anos. Na quinta-feira, chegaram as primeiras três crianças haitianas a Rio Branco, capital do Acre. Junto com os pais e outros parentes, elas foram acomodadas em um alojamento e aguardam a emissão de documento pela Polícia Federal. O grupo estava com passagem comprada até Manaus, no Amazonas. Eles chegaram num ônibus que faz a linha regular Peru-Rio Branco, trecho da principal rota usada pelos haitianos para entrar no Brasil.</p> <p>A maioria dos haitianos que buscaram abrigo no Brasil entrou no país pela Região Norte e por Mato Grosso do Sul. O primeiro grupo chegou a Tabatinga, município do Amazonas localizado na fronteira com a Colômbia e o Peru. De lá, alguns tentaram entrar na Guiana Francesa, mas foram impedidos pela Polícia de Imigração do Departamento Ultramarino da França.</p> <p>Em setembro, um grupo apareceu no município de Assis Brasil, na fronteira do Acre com o Peru. Às vésperas do Natal, prolongaram a viagem de ônibus até a vizinha Brasileia. Hoje, há quase 200 haitianos alojados em pousadas e numa quadra esportiva do município. Há ainda uma rota de entrada por Foz do Iguaçu. Pelo menos 18 haitianos fizeram a viagem de ônibus de Buenos Aires a São Paulo passando pela cidade paranaense.</p> <p>Ao chegar ao Brasil, os haitianos procuram redes de assistência humanitária, como a Caritas, ligada à Igreja Católica, que encaminha solicitação para quem almeja ser recebido como refugiado. Com o protocolo dessa solicitação em mãos, que pode levar até dois meses para ser emitido,</p> | <p><i>Leonel Rocha e Ana Aranha - Revista Época - 04/02/11</i></p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>os haitianos passam a ter direito de tirar carteira de trabalho e CPF.</p> <p>O pedido de refúgio é apenas a maneira mais rápida de os haitianos regularizarem a entrada no Brasil. Já se sabe que eles não serão registrados como tal. O status de refugiado só é dado a quem foi obrigado a deixar seu país de origem por perseguição política ou violação maciça de direitos humanos. É isso o que diz os tratados internacionais e a legislação brasileira. No caso da imigração recente de haitianos, a motivação é diferente: “Não há previsão de refúgio para pessoas que se deslocam por desastres naturais”, diz o mexicano Andrés Ramirez, representante do alto comissariado das Nações Unidas para Refugiados no Brasil. “Essa é uma questão que só agora deve começar a ser discutida nos fóruns internacionais, pois cada vez há mais deslocamentos por desastres naturais.”</p> <p>O governo brasileiro ainda não tem uma solução definitiva para os 700 haitianos hoje no país. A mais provável é que se conceda a eles um visto de residência humanitária, o que lhes dará o direito de morar e trabalhar no Brasil por um tempo, mas não garantirá a rede de assistência a que os refugiados têm direito, com aulas de português, moradia e ajuda para inserção no mercado de trabalho. Há duas semanas, uma reunião com cinco ministros, coordenada pelo chefe da Casa Civil, Antonio Palocci, decidiu que cabe ao Conselho Nacional de Migração encontrar uma solução para a regularização jurídica dos imigrantes haitianos. O órgão é vinculado ao Ministério do Trabalho.</p> <p>“Toda semana temos informações da chegada de um grupo novo, e não podemos mandar esse pessoal de volta por uma questão humanitária”, afirma o secretário de Justiça e Direitos Humanos do Acre, Henrique Corinto. Em Brasileira, o governo acriano está fornecendo água e alimentos preparados na cozinha da paróquia da cidade.</p> <p>A maior parte dos haitianos segue um caminho longo, tortuoso e desgastante até chegar ao Brasil (leia o mapa abaixo). Na primeira etapa da viagem, atravessam a fronteira seca de 300 quilômetros do país com a vizinha República Dominicana, uma área sem policiamento. Em pequenos aviões ou barcos precários, seguem até o Panamá. Por diversos meios, chegam ao Equador, país onde entram com facilidade porque não exige visto de haitianos. No Equador, alguns são abordados por coiotes, criminosos que cobram para ajudar quem quer entrar ilegalmente em outro país.</p> <p>“Tem muita gente roubando haitiano na fronteira. Alguns pagam até US\$ 2 mil para ir do Equador a Tabatinga. Quando chegam e percebem que não era preciso gastar tudo isso, querem matar o coiote”, afirma uma haitiana que está em São Paulo e pede para não ser identificada. Essa haitiana fez a rota do Equador a Tabatinga por conta própria e gastou menos de US\$ 200. Como fala espanhol, foi recrutada a trabalhar como intérprete na fronteira e, por dois meses, traduziu as entrevistas dos haitianos que solicitavam refúgio para a Polícia Federal (PF). s De Tabatinga, ela foi para Manaus, onde diz ter encontrado “um campo de haitianos”, alguns de retorno da Guiana, outros já empregados na construção civil. Só então partiu para São Paulo, numa viagem de avião financiada por amigos.</p> <p>Os haitianos não podem ser considerados refugiados porque imigraram devido a um desastre natural</p> <p>Muitos haitianos que entram pela Região Norte desistem de esperar a resposta sobre o pedido de refúgio e seguem para outras capitais. Em São Paulo, há 40 haitianos aguardando documentação. Pelo menos 18 deles fizeram outro caminho: entraram no país por Foz do Iguaçu. Um deles é Lovensky Barthelemy, de 36 anos, que voou da República Dominicana para Buenos Aires, de onde pegou um ônibus para São Paulo via Foz do Iguaçu.</p> <p>A motivação de Lovensky em vir para o Brasil é típica dessa nova onda migratória. Depois de perder a casa no terremoto na vila em que morava, perto da capital, Porto Príncipe, ele deixou os três filhos com uma tia, reuniu todas as economias e resolveu partir. Com a ajuda de um amigo que mora</p> | |
|--|--|--|

| | | |
|--|---|--|
| | <p>nos Estados Unidos, conseguiu US\$ 1.237 para a viagem. “Hoje, a maioria das pessoas no Haiti deseja sair de lá e morar em outro lugar, mas elas não têm dinheiro. O Haiti já não era bom antes do terremoto. Depois, acabou qualquer esperança de construir uma vida boa.”</p> <p>Agora, Lovensky está morando na Casa do Migrante, no centro de São Paulo, com outros haitianos. Lá, dorme e recebe café da manhã e jantar. A Caritas oferece almoço, aulas de português e um kit de higiene pessoal. Ele aguarda o protocolo de solicitação de refúgio para tirar carteira de trabalho e CPF. “No Haiti, era motorista e mecânico. Espero trabalhar com isso aqui. Se não conseguir, faço qualquer coisa.” O plano é juntar dinheiro para trazer os filhos.</p> <p>A chegada dos haitianos surpreendeu o governo brasileiro. Eles carregam passaportes, alguns com carimbos de vistos dos países por onde passaram. Nas entrevistas, se identificam como pedreiros, mestres de obras, carpinteiros, estudantes, professores universitários e até advogados. Todos falam a língua crioula, oficial no Haiti, um pouco de francês e espanhol. Nas entrevistas feitas pelos assistentes sociais, os haitianos revelam um surpreendente conhecimento sobre as chances de emprego no Brasil. Sugerem que sejam transferidos para Rondônia, onde estão sendo construídas duas grandes hidrelétricas – Jirau e Santo Antônio, no Rio Madeira –, para que possam trabalhar na construção das barragens. Ao explicarem por que escolhem o Brasil, citam a convivência há quase sete anos com os soldados do Exército brasileiro que formam a Força de Paz no Haiti.</p> <p>A Fundação Nacional de Saúde (Funasa) fez exames nos refugiados, que, apesar de estarem debilitados fisicamente pela longa viagem, não estão com doenças contagiosas. A maior preocupação do governo brasileiro é com o cólera, que se alastra pelo Haiti. A Funasa também aplicou nos imigrantes todas as vacinas oferecidas anualmente pelo governo aos brasileiros. Segundo a haitiana que foi intérprete em Tabatinga, a maior parte dos compatriotas que chegam ao Brasil não sabe se vai ficar. “Eles pedem refúgio para poder entrar no país, mas nenhum deles vem com o sonho de morar no Brasil. Estão buscando um lugar melhor para viver”, diz. “Quero saber o que o governo vai fazer com eles e com os outros que ainda vão chegar.”</p> <p><i>Disponível em:</i> http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI208935-15223,00-O+QUE+FAZER+COM+OS+IMIGRANTES+DO+HAITI.html <i>Acesso em: 27/01/12</i></p> | |
| <p>“Haitianos vivem rotina de fome, falta de espaço e desilusão na Amazônia”</p> | <p>O fluxo de imigrantes mudou a rotina de Tabatinga (AM), localizada na fronteira do Brasil com o Peru e a Colômbia. Vários grupos de até dez haitianos passam a manhã caminhando pelas ruas da região central se oferecendo para fazer bicos em troca de alguns trocados ou até de um prato de comida. Poucos têm sucesso.</p> <p>No horário do almoço, eles retornam para as casas que servem de alojamento. Algumas foram cedidas por moradores da cidade e abrigam até cem pessoas. Outros conseguiram alugar quartos pequenos que dividem com outros imigrantes. Passam o resto do dia sentados em frente às casas, pensando em como conseguir dinheiro e até comida.</p> <p>Os haitianos começaram a chegar a Tabatinga, cidade na fronteira da Colômbia e do Peru, em novembro, depois de uma viagem de até dois meses por países da América Central e do Sul. Os imigrantes fogem da devastação provocada pelo terremoto ocorrido em 12 de janeiro de 2010 no Haiti.</p> <p>Em um dos imóveis que abriga cerca de cem haitianos, Eliane Floreius é uma das cinco mulheres que tenta manter o local limpo. O cheiro azedo e a quantidade de lixo espalhada dentro e fora da casa revelam que o trabalho não é fácil. Como o trajeto até o Brasil é penoso, as famílias costumam economizar dinheiro para mandar os homens mais fortes para buscar trabalho.</p> <p>“A mulher sempre tem medo de se arriscar, mas eu sou muito forte e corajosa. No meu caso, não tenho marido. Tenho três filhos pequenos e</p> | <p>Luciana Rosseto - G1 - 14/02/11</p> |

| | | |
|-------------------|--|-------------------|
| | <p>preciso sustentar meus pais. No Haiti, eu vendia roupas na rua e também trabalhava na lavoura de tabaco. Perdi tudo no terremoto e vim porque preciso ajudar meus parentes que ficaram lá”, diz.</p> <p>Ela chegou no dia 28 de janeiro e procurou emprego como vendedora e até diarista em Tabatinga, mas não conseguiu nada. “Enquanto não arrumo o que fazer, vou tentando limpar a casa e lavar as roupas. Pena que não temos sabão”, afirma.</p> <p>Todo o espaço útil da casa é usado como dormitório pelos haitianos, que dormem lado a lado em colchonetes ou sobre lençóis no chão. As poucas roupas ficam penduradas em pregos e varais improvisados que passam de um canto ao outro do imóvel. Na casa há um banheiro e, para usá-lo, é necessário esperar em uma fila.</p> <p>A cozinha é usada como quarto e os haitianos preparam as refeições em fogueiras, com panelas doadas por moradores. O alimento também é fruto de doação, mas geralmente não é suficiente para todos. Quem chega por último, não come. Se tiver dinheiro, consegue comprar alguma coisa e prepará-la na fogueira, mas sabe que terá de dividir.</p> <p>“É essa nossa situação aqui. Temos que dormir todos juntos, torcendo para não chover porque há goteiras e para ninguém passar mal, porque senão pode sujar outra pessoa. Ficamos o dia inteiro sem comer. Saímos de uma desgraça e encontramos outra aqui”, diz Raymond Jean Baptiste, de 27 anos.</p> <p>Outro grupo de haitianos aluga quartos ainda em construção, de seis metros quadrados, por R\$ 150 cada. No terreno, há quatro quartos que são ocupados por dez haitianos em média. Há três banheiros coletivos que ficam do lado de fora. A haitiana Edeline Michel divide o espaço com os compatriotas e não esconde a tristeza por não ter tido sucesso no Brasil.</p> <p>“É apertado demais e temos muitos mosquitos também. Eu não consigo dormir direito, fico com medo. Aqui é pior que o Haiti, mas acho que ainda não estou no Brasil. Tabatinga não é Brasil, Manaus é”, diz.</p> <p>Ela ajuda a preparar a comida em um fogão velho, que foi doado por um vizinho, enquanto chora de saudades dos três filhos, dos pais e da irmã. “Eu vim para cá em dezembro e não consegui ajudar minha família. Não liguei mais para eles porque estou com vergonha. O que eu faço para ter dinheiro aqui?”, diz.</p> <p>Idioma</p> <p>Os haitianos falam francês e crioulo, mas conseguem se comunicar bem em Tabatinga (AM). A maioria fala espanhol e arrisca algumas palavras em português durante uma conversa. Os imigrantes que já estão há mais tempo no país, cerca de quatro meses, já se mostram à vontade para usar a língua em muitas situações.</p> <p>“Bom dia. Por favor, quero ir para Manaus. Dinheiro depois”, foi assim que o haitiano Eind Jean tentou conquistar a simpatia do piloto da embarcação de passageiros que segue para a capital do estado. Ele não conseguiu a carona, mas pretende insistir. “Estou no Brasil há quatro meses e acho que estou falando bem português. Às vezes, eu me confundo, falo francês, espanhol, uso as mãos, mas tenho certeza que todos me entendem”, explica.</p> <p>Professor de matemática no Haiti, Reynald Baptist espera aprender bem o idioma português para continuar com a mesma carreira no Brasil. Ele chegou em novembro passado. “Sonho conseguir dar aulas no Brasil, mas acho que o governo só vai me dar emprego depois que eu falar bem português. Até lá, quero arrumar um emprego em loja ou qualquer lugar para ter o que mandar para minha família”, diz.</p> <p>Disponível em: http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/02/haitianos-vivem-rotina-de-fome-falta-de-espaco-e-desilusao-na-amazonia.html</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | |
| “Haitianos viajam | Sentados na calçada em frente a uma casa simples em Tabatinga, no | Luciana Rosseto - |

| | | |
|--|---|--------------------------|
| <p>de avião, ônibus e barco por emprego na Amazônia”</p> | <p>Amazonas, um grupo de haitianos com ar desanimado olha em silêncio para o horizonte. A maioria enfrenta o calor da tarde de domingo (13) em jejum, com sede e sono após uma noite mal dormida. O desejo de todos é conseguir algum dinheiro para ir a Manaus e, depois, arrumar trabalho para mandar dinheiro à família.</p> <p>Os haitianos começaram a chegar a Tabatinga, cidade na fronteira da Colômbia e do Peru, em novembro, depois de uma viagem de até dois meses por países da América Central e do Sul. Os imigrantes fogem da devastação provocada pelo terremoto ocorrido em 12 de janeiro de 2010 no Haiti.</p> <p>Para o governo brasileiro, eles não são considerados refugiados, segundo informação do Comitê Nacional para Refugiados (Conare), do Ministério da Justiça. Ainda de acordo com o Conare, a permanência deles em território brasileiro será analisada pelo Conselho Nacional de Imigração, do Ministério do Trabalho.</p> <p>A Secretaria da Saúde do Amazonas estima que 600 já tenham entrado no país pela cidade de Tabatinga. O padre Gonzalo Franco disse que 294 permaneciam no município conforme uma contagem feita no dia 6 de fevereiro.</p> <p>Além de Tabatinga, o município de Assis Brasil, no Acre, é outra rota de entrada para os haitianos, que depois passam a se concentrar em Brasília, no mesmo estado. De acordo com dados da Secretaria da Justiça e Direitos Humanos do estado, 109 haitianos tinham sido cadastrados até 21 de janeiro e outros 50 já estavam por lá, mas não tinham sido identificados.</p> <p>Viagem por até R\$ 2,5 mil</p> <p>Conforme o relato da maioria dos haitianos, a viagem começa de ônibus do Haiti para Santo Domingo, na República Dominicana. Lá, eles contratam agências que cobram até US\$ 2,5 mil para comprar as passagens de avião primeiro para a Cidade do Panamá, no Panamá, e depois até Quito, no Equador. Quase todos passam alguns dias em Quito, até seguir de ônibus para Lima, no Peru. Depois de mais dias na capital peruana, seguem de ônibus para Iquitos, perto da fronteira com o Brasil, onde conseguem um barco para chegar a Tabatinga.</p> <p>Quando entram na cidade, são acolhidos pela população e pela Igreja Católica e encaminhados para casas cedidas por moradores para abrigá-los. Alguns conseguem reunir pequenos grupos para pagar o aluguel de quartos. Nem mesmo quem está nas casas cedidas sabe ao certo o número de moradores, que aumenta em proporção muito maior à saída deles.</p> <p>“Já contei mais de cem outro dia, mas ontem tinha 93. Sim, é muita gente numa casa. Mas lá [no Haiti] não dá para ficar. O terremoto se foi e agora são doenças que estão matando a nossa gente. Aqui não está bom, mas temos um teto para viver. Lá, quase todos estão nas barracas e todo mundo sabe que vai ser difícil arrumar outra casa”, afirma, Luis Venel, de 33 anos, que chegou no dia 6 de janeiro após pagar US\$ 2,5 mil para uma agência e não conseguiu nenhum trabalho.</p> <p>“O único problema aqui é quando chove, porque cai muita água lá dentro. Nossa cozinha fica do lado de fora e fazemos alguma coisa quando alguém nos traz comida. O padre [Gonzalo Franco] também nos dá muitas coisas, mas é tanta gente que não é suficiente”, diz o haitiano, que deixou para trás mãe, pai e uma filha de 2 anos.</p> <p>Sentados na calçada junto a Venel estão Michelet Pierre, de 26 anos, Jen Japarodel, de 32, e Volmy Celina, de 26. Os três já se conheciam no Haiti e decidiram pedir dinheiro emprestado para amigos para vir ao país. Eles também contrataram uma agência na República Dominicana, que cobrou US\$ 2,4 mil de cada um.</p> <p>“Com a agência conseguimos os documentos e o passaporte. É bem difícil sem a ajuda deles. Quando a gente ganhar dinheiro, nós vamos pagar esse empréstimo. Nossa família e amigos estão contando com a gente aqui”, afirmou Pierre, que deixou a mãe e sete irmãos no Haiti. Outros cinco</p> | <p>G1 - 14/02/11</p> |
|--|---|--------------------------|

| | | |
|---|--|--|
| | <p>morreram no terremoto.</p> <p>Vagas na construção civil</p> <p>Assim como Venel, os três amigos também estão ansiosos para conseguir R\$ 170 para a passagem de barco até Manaus. Eles acreditam que lá terão mais sorte na busca por um trabalho na construção civil, setor em que todos garantem ter muita experiência.</p> <p>Além da falta do dinheiro da passagem, os haitianos afirmam que aguardam em Tabatinga a entrega do protocolo do pedido de refúgio feito por eles. “O povo de Tabatinga é muito bom, mas aqui não há trabalho. Estamos perdendo tempo aqui. Precisamos ir para Manaus, porque nós fazemos todo tipo de trabalho e lá teremos chance de mostrar nossa experiência. Se lá não tiver, vamos para outros lugares. Vamos parar onde tem trabalho”, afirma Japarodel.</p> <p>Situação será analisada</p> <p>O coordenador-geral do Comitê Nacional para Refugiados (Conare), Renato Zerbini, esteve em janeiro na região para analisar a situação dos haitianos. De acordo com a assessoria do órgão, os imigrantes não estão em situação de refúgio. Somente são refugiados os imigrantes perseguidos por causa da etnia ou por problemas políticos. No caso, os haitianos estariam fugindo somente da miséria e das condições de vida ruins do Haiti.</p> <p>Ainda segundo o Conare, do Ministério da Justiça, o processo para a permanência dos haitianos no Brasil será analisado pelo Conselho Nacional de Imigração, do Ministério do Trabalho.</p> <p>A Polícia Federal informou, neste domingo (13), que mesmo fora dos critérios os haitianos podem entrar com o pedido de refúgio na fronteira. Porém, o pedido e a entrega do protocolo não garantem a permanência deles no país.</p> <p>Disponível em: http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/02/haitianos-viajam-de-aviao-onibus-e-barco-por-emprego-na-amazonia.html</p> <p>Acesso em: 02/02/12</p> | |
| <p>“Tabatinga é como o limbo para os haitianos”, diz padre”</p> | <p>O padre colombiano Gonzalo Franco está preocupado com a situação dos haitianos que continuam chegar a Tabatinga (AM), mas já não podem mais solicitar o visto como refugiados na Polícia Federal. Na segunda-feira (14), o delegado chefe da Polícia Federal, Alexandre Rabelo, explicou que os haitianos não se enquadram na categoria de refugiados e a documentação não seria mais feita. Para entrar no Brasil, eles devem solicitar o visto ainda no Haiti.</p> <p>“Tabatinga é como o limbo para os haitianos. Eles ficam presos aqui, não conseguem ir para outras cidades e também não querem voltar para o Haiti, como as autoridades sugerem. Eles pegam empréstimos e gastam todas as suas economias no trajeto para viajar até aqui e simplesmente não têm dinheiro para voltar”, diz.</p> <p>De acordo com a Polícia Federal, no ano passado Tabatinga registrou a entrada de 475 haitianos. Neste ano, foram registrados 294 imigrantes, que permanecem na cidade por não ter dinheiro para seguir para Manaus. Diariamente, mais haitianos chegam a Tabatinga. A Polícia Federal estima que pelo menos 50 ainda não foram identificados.</p> <p>Para o padre, permanecer em Tabatinga é perda de tempo porque não há emprego suficiente. Quem consegue algum trabalho, por causa da falta de documentos, vai ganhar pouco e não conseguirá mandar dinheiro para as famílias, que é o principal motivo da vinda deles para o Brasil.</p> <p>De acordo com Franco, a Polícia Federal terá de resolver o problema dos haitianos que chegam diariamente e também daqueles que estão há meses em Tabatinga e, apesar da documentação estar em dia, não conseguem pagar a viagem até Manaus. A passagem custa R\$ 170 – um valor alto para quem não tem o que comer.</p> <p>“Esse pessoal não vai sair do Brasil. Se a Polícia Federal não legalizar a</p> | <p>Luciana Rosseto - G1 - 15/02/11</p> |

| | | |
|---|---|--|
| | <p>entrada deles, teremos daqui a um ano cerca de mil pessoas vivendo sem documentos no país. Não é realista fretar tantos aviões para deportar essa gente, que vai ficar no subemprego aqui no Brasil”, diz.</p> <p>Racismo</p> <p>“Eles escolhem o Brasil, porque para eles o país é uma potência, com economia estável e facilidade para conseguir emprego, além de ter um povo muito acolhedor. Claro, eles não têm muita noção de tamanho. Não sabem que São Paulo e Rio de Janeiro estão bem distantes de Manaus e que não existe um barco que faz essa ligação, como acontece entre Tabatinga e Manaus”, afirma.</p> <p>Os haitianos dispensam o Peru por causa da economia fraca e a Colômbia em função da violência. O padre conta que muitos relatam episódios de racismo, especialmente no Equador, enquanto no Brasil todos foram bem recebidos. “No Equador, eles dizem que não foram aceitos porque são negros. Eles sofreram racismo. Há lugares que até proíbem a entrada deles e isso mexeu com todos”, diz.</p> <p>Dinheiro</p> <p>Para dar uma ideia do problema em Tabatinga, o padre faz uma conta rápida. “Com a passagem a R\$ 170, teríamos de gastar R\$ 17 mil para enviar cem haitianos a Manaus. Mas temos muito mais do que isso aqui, esperando uma oportunidade”, diz.</p> <p>Com o objetivo de levantar dinheiro, o padre vai organizar um leilão de obras feitas por artistas do município e um quadro pintado por uma haitiana que pediu refúgio no Brasil. Toda a renda será revertida para a causa. Ele ainda pensa em leiloar camisas de futebol de times tradicionais. “Estamos entrando em contato com os clubes, mas acho que vai dar certo para ajudar pelo menos algumas pessoas.”</p> <p>Disponível em: http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/02/tabatinga-e-como-o-limbo-para-os-haitianos-diz-padre.html</p> <p>Acesso em: 02/02/12</p> | |
| <p>“Suspensão do pedido de visto surpreende haitianos em Tabatinga”</p> | <p>Marvens Raymond deixou a mulher e os quatro filhos no Haiti para tentar a sorte no Brasil. Sem nada a perder, já que há meses não conseguia trabalho em seu país, ele enfrentou mais de um mês de viagem até chegar nesta segunda-feira (14) a Tabatinga (AM), município localizado na fronteira do Brasil com o Peru e a Colômbia.</p> <p>Para surpresa de Raymond e outros cerca de 30 haitianos recém-chegados, a Polícia Federal havia informado poucas horas antes que os pedidos de visto para haitianos que querem permanecer no Brasil como refugiados tinham sido suspensos. O cansaço da viagem, a fome e o choque da notícia atordoaram o haitiano.</p> <p>“Não sei quando vou receber meus documentos, mas vou voltar todo dia para pedir. Meus filhos passam fome no Haiti e contam com meu dinheiro para sobreviver lá”, diz.</p> <p>Muitos minutos se passaram até Raymond se conformar que não seria possível pedir o visto nesta segunda-feira. Ansioso, ele saiu pela rua e abordou alguns comerciantes para saber se precisavam de um trabalhador para aquela noite mesmo. Em todos os lugares, a resposta foi negativa e ele voltou a se sentar sob uma árvore na calçada.</p> <p>Refugiados</p> <p>De acordo com dados da Polícia Federal, no ano passado, 475 haitianos foram registrados no Brasil. Em 2011, o número chegou a 294. Todos deram entrada nos pedidos de visto como refugiados e a maioria já recebeu o protocolo. Porém, diariamente haitianos chegam à cidade e, aconselhados por outros estrangeiros, logo procuram a Polícia Federal.</p> <p>Após o pedido do visto, os haitianos recebem um protocolo que vale como comprovante de entrada no Brasil. Com ele, segundo o delegado chefe</p> | <p>Luciana Rosseto - G1 - 15/02/11</p> |

| | | |
|---|---|--|
| | <p>da Polícia Federal, Alexandre Rabelo, é possível tirar RG, carteira de trabalho e outros documentos enquanto o pedido de refúgio é julgado pelo governo federal.</p> <p>Segundo o delegado, os pedidos foram suspensos porque os haitianos não se enquadram nos critérios para refugiados, pois não fogem de perseguição política ou étnica.</p> <p>Quarto para 30</p> <p>No mesmo grupo de Raymond está Chilles Gilot. Eles contam que conseguiram alugar um quarto para casal pelo valor de R\$ 200, mas todo o grupo daria um jeito para se acomodar lá.</p> <p>“Chegamos agora e ainda não procuramos trabalho. Depois dessa viagem, não temos dinheiro para alugar uma casa. Vamos ficar todos nesse quarto sem banheiro e tenho certeza que em alguns dias ficaremos bem”, diz Gilot, que tenta animar os compatriotas.</p> <p>Raymond reclama que as autoridades brasileiras deveriam ter comunicado com antecedência a suspensão do pedido de visto. “Se nos permitiram entrar, é justo que a gente receba o papel”, diz.</p> <p>Disponível em: http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/02/suspensao-do-pedido-de-visto-surpreende-haitianos-em-tabatinga.html</p> <p>Acesso em: 02/02/12</p> | |
| <p>“Filho que vai nascer motiva viagem de fotógrafo haitiano ao Brasil”</p> | <p>Depois de descobrir que sua mulher estava grávida, o fotógrafo haitiano Julien Clercy tomou a decisão de viajar para o Brasil e procurar trabalho. No país desde janeiro, ele ainda não conseguiu emprego e o pouco dinheiro que tinha quando chegou já acabou faz tempo.</p> <p>Clercy é parte do grupo de haitianos que chegou ao Brasil pela cidade de Tabatinga, no Amazonas, localizada na fronteira com o Peru e a Colômbia. De acordo com dados da Polícia Federal, de fevereiro até dezembro do ano passado, entraram na cidade 475 haitianos. Neste ano, foram registrados 294. Estima-se que um grupo com cerca de 50 pessoas ainda não tenha sido identificado.</p> <p>“Eu trabalhava principalmente com fotos para documentos. Depois do terremoto, Porto Príncipe acabou e ninguém tem mais nada. Parei de tirar fotos porque as poucas pessoas que me procuravam não tinham dinheiro nenhum para pagar por elas. Agora, vou ser pai, tenho que dar um jeito”, afirma Clercy.</p> <p>Ele vendeu todo o equipamento que possuía e usou quase tudo para viajar para o Brasil. No trajeto, conseguiu manter apenas uns trocados que foram gastos com comida e com o aluguel do quarto de seis metros quadrados que divide com outros sete imigrantes. Pelo espaço, o grupo paga R\$ 150. No mesmo terreno, há outros três quartos – todos com piso de cimento e tijolo aparente, e três banheiros com chuveiro de uso coletivo.</p> <p>“Até a roupa que estamos vestindo aqui nós conseguimos trazer do Haiti. Não recebemos ajuda nenhuma do governo. Algumas pessoas e o padre [Gonzalo Franco], às vezes, nos dão um pouco de arroz e açúcar, que dividimos. Quando alguém consegue algum dinheiro, gastamos com comida”, diz.</p> <p>Clercy procurou a Polícia Federal com seu passaporte para dar entrada como refugiado. Ele conta que ainda não recebeu o protocolo, mas assim que pegá-lo pretende viajar até Manaus, onde espera conseguir trabalho. Caso não consiga, pretende esticar a viagem até São Paulo.</p> <p>“Eu sou fotógrafo, mas aceito qualquer tipo de serviço. Estou pronto para o que aparecer, mesmo que seja trabalho braçal. Meu filho vai nascer daqui a três meses e ainda não mandei nenhuma ajuda. Minha mulher está sozinha lá, porque perdeu a mãe e os irmãos. Quero que ela venha com meu filho, quando eu tiver alguma condição de sustentar os dois”, diz.</p> <p>Segundo Clercy, mesmo grávida, a mulher tinha encontrado um emprego na construção civil para guardar dinheiro para a chegada da criança. “Agora, não sei como ela está. Não tenho dinheiro nem para telefonar para eles.”</p> | <p>Luciana Rosseto - G1 - 15/02/11</p> |

| | | |
|--|--|---------------------------------|
| | <p>Imigração</p> <p>Assim como Tabatinga, a cidade de Assis Brasil, no Acre, também é ponto de entrada para os haitianos no país. Porém, no Acre, estão em menor número. De lá, eles seguem para o município de Brasiléia, onde estão concentrados. De acordo com dados da Secretaria da Justiça e Direitos Humanos do estado, 109 haitianos tinham sido cadastrados até 21 de janeiro e outros 50 já estavam por lá, mas não tinham sido identificados.</p> <p>Refugiados</p> <p>O coordenador-geral do Comitê Nacional para Refugiados (Conare), Renato Zerbini, chegou a viajar para a região em janeiro para analisar a questão. De acordo com a assessoria do órgão, os imigrantes não estão em situação de refúgio. Somente são refugiados os imigrantes perseguidos por causa da etnia ou por problemas políticos. No caso, os haitianos estariam fugindo somente da miséria e das condições de vida ruins do Haiti.</p> <p>Ainda segundo o Conare, do Ministério da Justiça, o processo para a permanência dos haitianos no Brasil será analisado pelo Conselho Nacional de Imigração, do Ministério do Trabalho. Até o domingo (13), mesmo fora dos critérios, os haitianos podiam entrar com o pedido de refúgio na fronteira – o que não garantia a eles o benefício. Mas, desde segunda-feira (14), os haitianos que entrarem no Brasil por Tabatinga (AM) não poderão mais pedir visto como refugiados.</p> <p>O delegado Alexandre Rabelo, chefe da delegacia da Polícia Federal em Tabatinga, explicou ao G1 que somente os haitianos que tiverem visto poderão entrar oficialmente no país. “Recebemos determinações superiores para restringir os pedidos de visto como refugiados, porque eles não se enquadram nesse caso”, diz.</p> <p>Disponível em: http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/02/filho-que-vai-nascer-motiva-viagem-de-fotografo-haitiano-ao-brasil.html</p> <p>Acesso em: 02/02/12</p> | |
| “Moradores ajudam e até elogiam haitianos no Amazonas” | <p>A população de Tabatinga (AM), localizada na fronteira do Peru com a Colômbia, recebe da melhor forma possível os haitianos que chegam à cidade. Sem auxílio do governo ou de grandes organizações não governamentais, os imigrantes sobrevivem graças à caridade dos moradores.</p> <p>Os haitianos começaram a entrar no Brasil por Tabatinga no início do ano passado. Segundo dados da Polícia Federal, 769 imigrantes solicitaram vistos como refugiados até a sexta-feira (11). Na segunda-feira (14), o delegado Alexandre Rabelo explicou que os pedidos de vistos não seriam mais aceitos. Cerca de 300 haitianos ainda permanecem na cidade, porque não têm dinheiro para seguir para grandes centros. E a cada dia novos grupos chegam.</p> <p>O G1 percorreu as ruas de Tabatinga para conversar com moradores. Todos se mostraram receptivos aos estrangeiros.</p> <p>O motorista de ambulância Arnaldo Rios Marinho conta que foi procurá-los para oferecer trabalho temporário.</p> <p>“Eu levei dois para passar um dia trabalhando no meu sítio. Carpiram o mato, ajudaram a arrumar algumas coisas quebradas. Só não deixei os dois lá, porque é um pouco longe da cidade e uso só como casa de veraneio, mas trabalharam direitinho. Vou precisar de um pedreiro e vou procurar um haitiano. Eu mesmo poderia fazer o serviço, mas é um jeito de ajudar esse povo”, diz.</p> <p>A dona de casa Rosângela Inês Silva mora na Avenida da Amizade, a principal rua de Tabatinga, e vê quando os grupos passam pedindo emprego aos comerciantes. “Eu sempre vejo quando eles param embaixo de uma árvore, perto da Polícia Federal. Eu tenho vontade de ir lá oferecer almoço para eles, mas fico com medo de ofender. Não quero deixar ninguém envergonhado, mas dá a impressão que estou chamando de mendigo. Quando alguém pede, eu sempre tenho comida”, afirma.</p> <p>Dona de uma loja de material de construção, Andreia Albano também</p> | Luciana Rosseto - G1 - 16/02/11 |

| | | |
|--|--|---|
| | <p>não oferece emprego. “Tem alguns que são estudados, fico constrangida em oferecer um serviço que não seja para o nível deles. Há 15 dias, dois vieram aqui e descarregaram uma carreta de material. Eram bem sérios e trabalharam bem. Terminaram o trabalho, receberam e foram embora”, diz.</p> <p>Ela conta que tem dificuldade para entendê-los por causa do idioma. “Eu não consigo entender o que falam em português, ainda falam muito enrolado. E não sei inglês nem espanhol, então a comunicação é difícil.”</p> <p>Carregador do porto de Tabatinga, Robson Parzanhano até poderia considerar os haitianos uma ameaça, já que eles também se oferecem para a função para ter algum dinheiro. Mas, ao contrário, ele incentiva os haitianos a trabalhar e ainda dá bronca quando eles cobram muito barato.</p> <p>“Tem dois meninos que carregam direto aqui com gente e são muito legais. Não são ignorantes, fazem brincadeiras com todo mundo e não gostam de confusão. O único problema é que cobram R\$ 2 ou R\$ 3 para carregar, mas nosso preço é R\$ 5. Se eles cobram muito barato, o pessoal começa a abusar e paga cada vez menos para todo mundo. Eles tinham até que cobrar mais caro, porque falam francês”, diz.</p> <p>Vendedor de passagens do barco que faz o trajeto entre Tabatinga e Manaus, Rychards Vieira da Silva conta que já se acostumou com haitianos pedindo para fazer desconto. Mesmo sem dinheiro, Rychards garante que eles sempre negociam com calma e educação.</p> <p>“A gente vê que são simples e trabalhadores, mas estão em uma situação difícil. Eles fazem qualquer serviço em troca de dinheiro e até de roupas.”</p> <p>O professor de matemática Delson Rodrigues de Melo explica que gostaria de ajudar mais. “Se eu tivesse onde colocar, eu até abrigaria alguns, porque a situação da maioria é muito crítica”, afirma.</p> <p>Como ressaltou o chefe da Polícia Federal de Tabatinga, Alexandre Rabelo, os haitianos não foram cooptados para o tráfico de drogas, que é um dos maiores problemas da região da fronteira. Conforme o delegado disse ao G1 na segunda-feira (14), desde que começaram a chegar há um ano, nunca foram registrados crimes de tráfico de drogas ou outros problemas envolvendo os haitianos.</p> <p>Disponível em: http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/02/moradores-ajudam-e-ate-elogiam-haitianos-no-amazonas.html</p> <p>Acesso em: 02/02/12</p> | |
| <p>“Senador pede ajuda para haitianos na Amazônia”</p> | <p>Uma semana após o senador Aníbal Diniz (PT-AC) pedir ao Itamaraty um rígido controle da entrada refugiados do Haiti no Acre, o senador João Pedro (PT-AM) saiu em defesa dos haitianos que chegam ao Brasil pelo Acre e Amazonas. Diniz pediu para a Polícia Federal (PF) barrar a entrada dos haitianos e, por consequência, a ajuda humanitária às vítimas do terremoto do ano passado no país caribenho.</p> <p>Ao contrário de Diniz, seu colega de partido, o senador João Pedro hipotecou solidariedade aos haitianos chegados ao Brasil nos últimos meses. E foi mais além. Conclamou os senadores, especialmente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional, a formarem uma comissão para verificar nas cidades de Basiléia, Assis Brasil e Epitaciolândia, no Acre; e também em Tabatinga, no Amazonas, as péssimas condições de vida a que estão submetidos os imigrantes haitianos.</p> <p>João Pedro explicou sua preocupação: “Estou fazendo um apelo primeiro para que uma comissão de senadores visite esses locais, porque a situação dos haitianos que chegaram ao Brasil, com relação às condições de moradia e de vida é muito ruim. Tenho relatos da imprensa segundo os quais estão passando fome e sede”.</p> <p>Além de acionar seus colegas senadores, João Pedro também buscou ajuda do Estado brasileiro para ajudar os haitianos que fugiram da miséria de seu país em busca de sobrevivência no Brasil. Disse ter enviado documento ao ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, externando sua preocupação com o assunto. O senador disse acreditar na sensibilidade do ministro da Justiça para resolver a situação dos haitianos que aportaram em território</p> | <p>Chico Araújo - Agência Amazônia de Notícias - 17/02/11</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>brasileiro.</p> <p>A reação no Senado em favor dos haitianos foi imediata. João Pedro recebeu apoio dos senadores Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM), Eduardo Suplicy (PT-SP) e de Aníbal Diniz (PT-AC), que, na semana passada pediu ao governo federal para colocar a PF na cola dos refugiados.</p> <p>Disponível em: http://www.agenciaamazonia.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=871:senador-pede-ajuda-para-haitianos-que-chegam-a-amazonia&catid=1:noticias&Itemid=704</p> <p>Acesso em: 29/01/12</p> | |
| <p>“Haitianos refugiados podem ser portadores de HIV e Hepatites”</p> | <p>Um dura realidade está na cidade de Brasiléia, no Acre, que faz divisa com a Bolívia que vem recebendo haitianos nos dois últimos meses, que estão fugindo da miséria, doenças e fome desde ano janeiro de 2010 quando um terremoto destruiu parte do País.</p> <p>Quase duzentos estão cadastrados pela vigilância sanitária do Município, fora os 15 que deram entrada ilegal pela Bolívia no último domingo. Segundo informações apuradas no Vigilância Sanitária da cidade, os que fizeram triagem para coleta de sangue e vacinas, uma porcentagem terá que passar por uma contraprova.</p> <p>Dos exames feitos, já foi descartado o possível contágio da cólera. Isso pelo fato de terem passado cerca de 40 dias no Equador e nenhum caso veio à tona caso houvesse alguma infecção, e por isso, disse que foi necessário a dispensa da quarentena na cidade de Brasiléia.</p> <p>Já os outros exames, HIV (aids) e hepatites, alguns apresentaram resultados positivos, sendo que os números exatos não puderam ser divulgados. Foi perguntado o que deverá ser feito, e foi dito que os infectados serão chamados para que sejam notificados oficialmente.</p> <p>Mesmo com o resultado positivo, nada poderá ser feito, a não ser, conscientizar da gravidade da doença para que não repasse a outras pessoas. No caso de hepatites B e C, também será realizado um tratamento a base de medicamentos sob monitoramento.</p> <p>Também foi dito que já foi dado início a uma campanha de conscientização de prevenção entre os haitianos. Camisinhas masculinas e femininas estão sendo distribuídas. Solidariamente, os que foram abrigados no ginásio de esporte da cidade, se ajudam compartilhando de tudo um pouco.</p> <p>Segundo o funcionário da Vigilância Sanitária que pediu para não ser identificado, “não queremos criar um alarde com isso, mas é um fato que está na nossa porta e a autoridades precisam olhar com mais seriedade ao caso”, finalizou.</p> <p>Disponível em: http://oaltoacre.com/index.php/brasil/9330-haitianos-refugiados-podem-ser-portadores-de-hiv-e-hepatites.html#comment-12234</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | <p>Alexandre Lima - O Alto Acre - 28/02/11</p> |
| <p>“Haitianos: Clima esquentado entre parlamentares da base aliada na Aleac”</p> | <p>O deputado estadual Walter Prado (PDT) apresentou Requerimento à Mesa Diretora da Assembleia Legislativa do Acre (Aleac) nesta segunda-feira (01) para realizar audiência pública representada por uma comissão de deputados, e que deverá ocorrer na próxima quinta-feira (10) no município de Brasiléia.</p> <p>Estará em pauta a situação dos haitianos refugiados na região do Alto Acre. O requerimento foi colocado em votação recebendo voto favorável dos dezesseis parlamentares presentes no plenário da Casa.</p> <p>A Comissão, formada por integrantes da Secretaria de Direitos Humanos no Acre, Ministério Público Federal (MPF), Defensoria Pública, Ministério Público Estadual (MPE), Prefeitura Municipal de Brasiléia e sociedade civil organizada, irá discutir a problemática dos refugiados.</p> <p>O objetivo principal será identificar uma solução definitiva dentro de estratégia que impeça a entrada de novos refugiados.</p> <p>Em seu discurso, Walter Prado afirmou que após a realização da audiência pública será formulado um documento que deverá ser entregue a Justiça Federal para que seja cobrado um encaminhamento jurídico a difícil</p> | <p>Ângela Rodrigues - O Alto Acre - 01/03/11</p> |

| | | |
|---|--|--|
| | <p>situação vivida pelos refugiados e pelos gestores dos município de Brasiléia e Eritaciolândia.</p> <p>O parlamentar afirmou que esteve nesta última semana em Brasiléia na companhia da prefeita Leila Galvão (PT) verificando de perto a difícil situação vivida pelos Haitianos, que se aglomeram em espaços públicos nos municípios de Brasiléia e Eritaciolândia.</p> <p>“Aquelas pessoas só porque são pretas não merecem nosso desprezo. Pelo contrário, eles merecem toda a atenção”, destaca o parlamentar.</p> <p>Astério critica atenção aos refugiados e alerta para disseminação de HIV</p> <p>“Já estive com a prefeita Leila Galvão e a situação em Brasiléia está muito difícil. É preciso um alerta, pois informações não oficiais apontam para uma disseminação do da AIDS naquela região, pois alguns desses refugiados são portadores de HIV”, afirma o deputado estadual Astério Moreira durante discurso na tribuna da Casa.</p> <p>Segundo o parlamentar, não é responsabilidade da Casa resolver essa questão. “Agora esses Haitianos chegam aqui, se comunicam com outros, que atraídos pela facilidade de cruzar a fronteira afirmam que no Acre, o negócio é bom. A responsabilidade deve ser empurrada para os países vizinhos como a Bolívia e o Peru”, defende Astério.</p> <p>Edvaldo Souza é incluído na polêmica</p> <p>Ainda sobre a questão dos refugiados, o deputado estadual Edvaldo Souza (PTC) criticou a iniciativa do colega Walter Prado em conduzir a realização de audiência pública para discutir a situação de refugiados.</p> <p>Para ele, o parlamento estadual precisa voltar sua atenção para a população acreana que está desassistida pelo poder público.</p> <p>O parlamentar ainda citou exemplo de bairros como caladinho e Alto Alegre que em sua avaliação precisam muito mais da atenção dos gestores públicos.</p> <p>“Esses bairros periféricos da capital necessitam de melhorias e investimentos em esgoto e saneamento básico para as comunidades carentes e desassistidas”, argumenta Edvaldo Souza.</p> <p>A defesa contrária de Edvaldo Souza causou revolta do deputado Walter Prado que questionou as faculdades mentais do deputado.</p> <p>“O cara colega deve estar fazendo uma confusão mental. A audiência nada impede vossa atuação parlamentar em defesa da população mais carente. Mas, ocorre que precisamos discutir aspectos importantes, pois estamos falando de seres humanos”, rebate Walter Prado.</p> <p>O clima na plenária esquentou quando o deputado Walter Prado se voltando para o deputado Edvaldo Souza fez referência à compra de votos em um dos bairros mais pobres da capital, o Caladinho.</p> <p>A indireta deixou Edvaldo Souza irritado. “Eu não comprei um voto sequer no Caladinho, não aceitou essa tamanha provocação de sua parte deputado. Me respeite! Pois, eu respeito a comissão que irá a Brasiléia defender os Haitianos”, disparou Edvaldo Souza.</p> <p>Disponível em: http://oaltoacre.com/index.php/acre/9340-haitianos-clima-esquenta-entre-parlamentares-da-base-aliada-na-aleac.html#comment-12333</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | |
| <p>“Acre ‘despeja’ refugiados em Rondônia e vilhenense age em ação humanitária”</p> | <p>No último domingo, dia 06, o vilhenense Júlio Olivar, superintendente de Turismo de Rondônia, comandou uma operação humanitária que assistiu uma leva de haitianos que desembarcaram em Rondônia, vindos do Acre.</p> <p>Segundo relatos de pessoas que acompanharam a operação, o superintendente teria sido orientado a acompanhar a chegada dos estrangeiros, que estariam na portaria da usina hidrelétrica de Jirau, em construção na localidade de Jacy Paraná, a 90 quilômetros de Porto Velho. No local, Olivar e assessores que o acompanhavam teriam sido informados de que realmente, um grupo de 29 imigrantes teriam pernoitado por lá, mas no</p> | <p><i>Dimas Ferreira - Folha do Sul - 09/03/11</i></p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>dia seguinte, já alimentados e tendo dormido em acomodações providenciadas pela empresa construtora da usina, foram mandados para a Capital.</p> <p>Ainda no canteiro de obras, Júlio recebeu a informação de que uma outra comitiva de haitianos estaria no distrito de Mutum Paraná e rumou para lá, encontrando o grupo na rodoviária da pequena localidade. Com a ajuda de intérpretes, o vilhenense providenciou junto à construtora Camargo Corrêa, refeições para a caravana.</p> <p>As condições dos estrangeiros, segundo testemunhas, eram degradantes. Muitos estavam há dois dias sem comer e havia mulheres grávidas e crianças entre eles. Mas todos demonstraram gratidão pela acolhida e chegaram a lavar o local utilizado para o consumo das refeições. A polícia, que acompanhava a abordagem, não precisou usar a força, pois a atitude de colaboração dos haitianos facilitou a revista a que eles tiveram que ser submetidos.</p> <p>As autoridades rondonienses constataram que o grupo de refugiados, cujo país foi arrasado por um terremoto no ano passado, estavam em situação legal no país e não portavam armas ou drogas. A documentação permitindo a entrada deles no país foi emitida pelo Governo do Acre, que também os teria orientado sobre a facilidade de conseguir emprego nas usinas do rio Madeira. Alguns deles chegaram a revelar que as autoridades acreanas, que custearam o transporte até as obras das hidrelétricas, os teria deixado, em pleno domingo, no meio do nada, com mulheres e crianças pequenas.</p> <p>A situação do grupo agora terá que ser resolvida pelo Ministério das Relações Exteriores, que já foi comunicado sobre a situação. O senador Valdir Raupp (PMDB) também recebeu um relatório sobre o caso e prometeu cobrar do Itamaraty uma solução para o problema.</p> <p>Disponível em: http://www.folhadosulonline.com.br/noticia.php?id=4516 Acesso em: 15/01/12</p> | |
| <p>“Refugiados do Haiti vão para Rondônia trabalhar em usinas”</p> | <p>Cerca de cem refugiados do Haiti, país que foi destruído por um terremoto em janeiro do ano passado, chegaram a Rondônia neste feriado de Carnaval em busca de emprego nas duas usinas hidrelétricas que estão sendo construídas no Estado.</p> <p>Trata-se de duas das maiores obras em realização no Brasil atualmente.</p> <p>Os haitianos, na maioria homens com cerca de 30 anos, bateram à porta da usina de Jirau (localizada a 120 km de Porto Velho, capital do Estado) na tarde de sábado e chegaram a pernoitar no local em busca de uma oportunidade de trabalho.</p> <p>Hoje, o grupo está abrigado num ginásio em Porto Velho, amparado pelo governo do Estado. Muitos deles vieram do Haiti já com o propósito de trabalhar nas usinas.</p> <p>Além de Jirau, também está em construção no Estado a usina de Santo Antônio, a 7 km de Porto Velho -que, até agora, não recebeu haitianos em busca de emprego.</p> <p>"É um novo Eldorado que se instala em Rondônia", afirma o secretário de Turismo do Estado, Júlio Olivar, que providenciou assistência para os haitianos.</p> <p>"Muita gente vem atraída pelo canto da sereia, achando que é fácil, mas não é. Eles [as usinas] são muito rigorosos", disse Olivar.</p> <p>Segundo ele, o grupo saiu do Haiti há cerca de dois meses e se reuniu no Acre, onde foi atendido pelo governo local e recebeu documentação e vacinação.</p> <p>O secretário de Justiça do Acre, Henrique Corinto, diz que centenas de haitianos têm chegado ao Estado pela fronteira com o Peru desde janeiro.</p> <p>"Sensibilizado" com a situação dos imigrantes e também preocupado com a possível "insegurança" que poderiam provocar, o governo estadual já deu assistência a cerca de 200 deles.</p> <p>Olivar diz que o governo de Rondônia tentará, a partir de hoje, empregar</p> | <p><i>Estelita Hass Carazzai - Folha de São Paulo - 10/03/11</i></p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>pelo menos parte dos trabalhadores nas obras da região.</p> <p>De acordo com o secretário, os haitianos são todos alfabetizados, alguns deles falam até três línguas e todos têm qualificação profissional.</p> <p>Todos eles também estão em situação legal no Brasil, porque têm um protocolo de pedido de refúgio no país.</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1003201114.htm Acesso em: 15/01/12</p> | |
| <p>“Leila diz que ‘o Acre não possui oportunidades para os haitianos que aqui chegaram’”</p> | <p>Contrariando os discursos governamentais que a região do Alto Acre, seria o pólo de desenvolvimento do Estado do Acre, a prefeita Leila Galvão (PT), foi enfática em suas declarações sobre a permanência dos haitianos no Estado: “O Acre não possui oportunidades para os haitianos”, disparou a prefeita, ao lembrar que os estados vizinhos estariam criticando o Acre, por enviar os imigrantes haitianos em busca de trabalho.</p> <p>Os refugiados estariam sendo enviados a cidade de Porto Velho, onde procuram vagas nos canteiros de obras das barragens que estão sendo construídas. Leila Galvão disse que não se trata de deportar os imigrantes, mas o município de Brasília, não teria mais condições de receber e manter os haitianos na localidade.</p> <p>“A prefeitura tem feito o que pode fazer. Já extrapolou as condições do município, mas continuamos fazendo as ações necessárias para acolher os haitianos que chegam” destacou Leila.</p> <p>A prefeita chegou a questionar qual seria o papel dos deputados na questão, fazendo elogios ao governador Tião Viana (PT) e os senadores Jorge Viana e Aníbal Diniz, do mesmo partido, que segundo ela, seriam as pessoas que estariam trabalhando com empenho na questão.</p> <p>A prefeita Leila Galvão se retirou da audiência pública da Aleac, antes de ouvir todos os oradores, alegando que teria que cumprir agenda pré-estabelecida pro sua assessoria.</p> <p>Disponível em: http://oaltoacre.com/index.php/brasil/9400-leila-diz-que-o-acre-nao-possui-oportunidades-para-os-haitianos-que-aqui-chegaram.html#comment-13018 Acesso em: 03/02/12</p> | <p><i>Alexandre Lima - O Alto Acre - 11/03/11</i></p> |
| <p>“Haitianos refugiados conseguem emprego no AM, RO e AC”</p> | <p>Parte dos haitianos que chegaram ao norte do Brasil nos últimos meses, fugindo das consequências do terremoto que devastou o país há um ano, já está empregada.</p> <p>Metade dos 98 migrantes do país que estão em Rondônia desde a semana passada já trabalha em indústrias da região. A maioria delas presta serviço para as duas usinas hidrelétricas que estão sendo construídas no Estado.</p> <p>O mesmo acontece em Manaus (AM), onde as ofertas abertas estão nos ramos da construção civil e prestação de serviços. Dos 372 haitianos que estão na capital amazonense, aos menos 200 estão empregados com carteira de trabalho assinada.</p> <p>Em Rio Branco (AC), 30 haitianos que já têm carteira de trabalho estão empregados. São 27 homens, atuando em geral na construção civil, e três mulheres --uma trabalhando como manicure, e duas, como empregadas domésticas, segundo o secretário de Justiça e Direitos Humanos do Acre, Henrique Corinto.</p> <p>Todos os haitianos que estão trabalhando têm situação legal no Brasil.</p> <p>O grupo que está em Rondônia saiu do Haiti entre um e dois meses atrás em busca de trabalho no Brasil. Muitos deles já deixaram a terra natal com o objetivo de trabalhar nas obras das usinas de Jirau e Santo Antônio, ambas no rio Madeira.</p> <p>Segundo a Secretaria da Assistência Social de Rondônia, que acompanha os refugiados no Estado, 53 pessoas já foram empregadas, a maioria em construtoras e prestadoras de serviço relacionadas às usinas.</p> <p>Muitas empresas e empregadores têm ido diretamente ao ginásio em que estão os haitianos para oferecer vagas.</p> | <p><i>Estelita Hass Carazzai, Fábio Freitas e Kátia Brasil - Folha de São Paulo - 14/03/11</i></p> |

| | | |
|---|---|--|
| | <p>Os haitianos que chegaram a Manaus se deslocaram de Tabatinga (AM), fronteira com o Peru. Com apoio da Pastoral do Migrante da Igreja Católica, conseguiram abrigo em casas mantidas com doações.</p> <p>Segundo o padre Gelmino Costa, os salários pagos aos haitianos estão na faixa do salário mínimo.</p> <p>Em Brasília (AC), na fronteira com a Bolívia, o número de haitianos continua a crescer.</p> <p>No último domingo (13), chegaram outros seis imigrantes, elevando a 112 o total de pessoas do Haiti em situação irregular na cidade. Desde fevereiro, a Polícia Federal suspendeu a concessão do protocolo de pedido de refúgio aos haitianos, único documento que tornava legal sua presença no Brasil.</p> <p>A situação dos haitianos que estão chegando ao país só deve ser definida no próximo dia 16 pelo governo federal.</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/mundo/888702-haitianos-refugiados-conseguem-empregos-no-am-ro-e-ac.shtml</p> <p>Acesso em: 15/11/12</p> | |
| “Haitianos legalizam situação no Brasil e conseguem empregos em RO” | <p>Parte dos haitianos que chegaram ao norte do Brasil nos últimos meses, fugindo das consequências do terremoto que devastou o país há um ano, já está empregada.</p> <p>Metade dos 98 migrantes do país que estão em Rondônia desde a semana passada já trabalha em indústrias da região. A maioria delas presta serviço para as duas usinas hidrelétricas que estão sendo construídas no Estado.</p> <p>O mesmo acontece em Manaus (AM), onde as ofertas abertas estão nos ramos da construção civil e prestação de serviços. Dos 372 haitianos que estão na capital amazonense, aos menos 200 estão empregados com carteira de trabalho assinada.</p> <p>Em Rio Branco (AC), 30 haitianos que já têm carteira de trabalho estão empregados. São 27 homens, atuando em geral na construção civil, e três mulheres --uma trabalhando como manicure, e duas, como empregadas domésticas, segundo o secretário de Justiça e Direitos Humanos do Acre, Henrique Corinto.</p> <p>Todos os haitianos que estão trabalhando têm situação legal no Brasil.</p> <p>O grupo que está em Rondônia saiu do Haiti entre um e dois meses atrás em busca de trabalho no Brasil. Muitos deles já deixaram a terra natal com o objetivo de trabalhar nas obras das usinas de Jirau e Santo Antônio, ambas no rio Madeira.</p> <p>Segundo a Secretaria da Assistência Social de Rondônia, que acompanha os refugiados no Estado, 53 pessoas já foram empregadas, a maioria em construtoras e prestadoras de serviço relacionadas às usinas.</p> <p>Muitas empresas e empregadores têm ido diretamente ao ginásio em que estão os haitianos para oferecer vagas.</p> <p>Os haitianos que chegaram a Manaus se deslocaram de Tabatinga (AM), fronteira com o Peru. Com apoio da Pastoral do Migrante da Igreja Católica, conseguiram abrigo em casas mantidas com doações.</p> <p>Segundo o padre Gelmino Costa, os salários pagos aos haitianos estão na faixa do salário mínimo.</p> <p>Em Brasília (AC), na fronteira com a Bolívia, o número de haitianos continua a crescer.</p> <p>No último domingo (13), chegaram outros seis imigrantes, elevando a 112 o total de pessoas do Haiti em situação irregular na cidade. Desde fevereiro, a Polícia Federal suspendeu a concessão do protocolo de pedido de refúgio aos haitianos, único documento que tornava legal sua presença no Brasil.</p> <p>A situação dos haitianos que estão chegando ao país só deve ser definida no próximo dia 16 pelo governo federal.</p> <p>Disponível em: http://www.folhadosulonline.com.br/noticia.php?id=4563</p> <p>Acesso em: 15/01/12</p> | Dimas Ferreira - Folha do Sul - 15/03/11 |
| “Refugiados haitianos buscam | As empresas de construção civil de Porto Velho absorveram parte dos quase 130 haitianos que já imigraram para Rondônia. O grupo começou a | Edson Luiz - Correio Braziliense |

| | | |
|-----------------------------|--|--------------------------------|
| Brasil por emprego” | <p>trabalhar nas obras das usinas de Santo Antônio e de Jirau, ambas no Rio Madeira, e deve permanecer no país, já que possui condição de refugiado concedido pelo Brasil. Apesar da aceitação por diversas firmas, o governo do estado está preocupado com o que possa acontecer quando o mercado estiver saturado, o que deverá ocorrer até o fim do ano.</p> <p>No último dia 5, um grupo de haitianos chegou às vilas de Mutum Paraná e Jaci-Paraná, próximas às duas usinas hidrelétricas, procedente do Acre. No estado vizinho, o excesso de imigrantes ilegais fez com que a Polícia Federal não mais permitisse a entrada de novos estrangeiros. No dia seguinte à chegada, os haitianos foram transferidos para a capital rondoniense e abrigados em um ginásio de esportes. “Fizemos uma estratégia para recebê-los e tentar encaminhá-los para o mercado de trabalho”, conta a secretária de Assistência Social do governo de Rondônia, Cláudia Moura. “Hoje, temos 54 sem emprego, enquanto que outros 47 estão em empresas que prestam serviços para o consórcio que constrói Santo Antônio e Jirau.”</p> <p>Apesar de haver alguns imigrantes com formação superior, a maioria é de ajudantes de obra, eletricitas e pintores, que estão sendo integrados com rapidez, assim como as cabeleireiras — profissão de muitas das sete mulheres do grupo. Esses haitianos saíram de Limbé — a segunda maior cidade do país caribenho — e entraram na América do Sul pela República Dominicana, alcançando o Equador, o Peru e, em seguida, o Brasil, pelo Acre e pelo Amazonas. Foi no próprio Haiti que os imigrantes souberam das obras das usinas e decidiram pela aventura até Porto Velho como uma forma de fugir da pobreza, que ficou ainda maior após o terremoto que arrasou a ilha no início do ano passado.</p> <p>O governo de Rondônia não encontrou dificuldades para convencer as empresas locais a empregarem os haitianos, mas acredita que a situação poderá piorar nos próximos meses. “Vamos encontrar dificuldades”, prevê Cláudia Moura. A secretária teme que não apenas os imigrantes, mas outros trabalhadores possam ficar sem emprego com a conclusão de algumas etapas de Santo Antônio e de Jirau. Para tentar resolver o problema em relação aos estrangeiros, o governador do estado, Confúcio Moura (PMDB), se reunirá esta semana com o ministro das Relações Exteriores, Antônio Patriota.</p> <p>“No dia 18 o Conare (Conselho Nacional de Refugiados) também vai definir se outros mil haitianos que estão em outras regiões terão o mesmo protocolo de refúgio concedido aos imigrantes que vieram para Rondônia”, explica Cláudia, acrescentando que o governador não pretende abrigar outros grupos de imigrantes. “Vamos tentar resolver a situação dos que estão aqui, nossa cota já ultrapassou e Brasília terá que tomar uma atitude”, disse Confúcio, na sexta-feira. Segundo o governo de Rondônia, os estrangeiros receberam Carteira de Trabalho e identificação expedidos pela Polícia Federal no Acre.</p> <p>Segundo o Ministério da Justiça, os haitianos não têm a condição de refugiados. Eles ainda são considerados solicitantes de refúgio.</p> <p>Ilegalidade</p> <p>As autoridades brasileiras acreditam que pelo menos 700 haitianos tenham entrado ilegalmente no Brasil após o terremoto de janeiro de 2010. Hoje, eles estão espalhados por várias cidades em três estados. As principais são Brasileia e Assis Brasil, no Acre; Porto Velho, em Rondônia; e Manaus e Tabatinga, no Amazonas. Outro grande número de imigrantes está retido na fronteira do Brasil com o Peru e a Bolívia, pois cerca de 300 estrangeiros não possuem documentação para entrar no Brasil.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2011/03/15/interna-brasil,242676/refugiados-haitianos-buscam-brasil-por-emprego.shtml <i>Acesso em: 18/01/12</i></p> | - 15/03/11 |
| “Governo federal autoriza a | O Cnig (Conselho Nacional de Imigração), do Ministério do Trabalho, aprovou por unanimidade, nesta terça-feira, a autorização de permanência | Kátia Brasil e Fábio Freitas - |

| | | |
|---|--|--|
| <p>permanência de mais 199 haitianos no Brasil”</p> | <p>em território nacional para 199 haitianos que solicitaram refúgio no Brasil depois do terremoto que devastou o Haiti, em 2010.</p> <p>A decisão de conceder a autorização a esses haitianos, segundo o Cnig, foi tomada por se tratar de uma questão humanitária e considerando que eles já estão em território nacional.</p> <p>O Cnig é o órgão federal que formula a política de imigração e levanta as necessidades de mão de obra estrangeira qualificada para admissão em caráter permanente ou temporário no Brasil.</p> <p>Por meio do Conare (Comitê Nacional para os Refugiados), órgão vinculado ao Ministério da Justiça, a Polícia Federal havia emitido 1.024 protocolos de refúgios a haitianos que ingressaram pela fronteira do Peru e da Bolívia com as cidades de Tabatinga (AM) e Brasiléia (AC).</p> <p>No dia 15 de fevereiro, o Ministério da Justiça suspendeu a emissão dos protocolos alegando que detectou uma rota de tráfico humano na fronteira do Brasil. Desde então, ao menos 300 haitianos estão barrados.</p> <p>O Conare entendeu que o caso dos haitianos não se enquadrava no status de refúgio por se tratar de uma questão humanitária. E repassou a discussão ao Cnig.</p> <p>Hoje, em nota, o conselho informou que a autorização de permanência será aplicada aos haitianos que encaminharam as solicitações de refúgio ao Conare. "Novos processos que forem encaminhados pelo Conare passarão por outra análise", disse o conselho.</p> <p>Quanto à chegada de mais migrantes às fronteiras, o Cnig disse considerar "insustentável a migração desmedida de haitianos para o Brasil".</p> <p>MAIS MEDIDAS</p> <p>O Itamaraty entrou em contato com o Peru e o Equador para trocar informações sobre a passagem de imigrantes, segundo o embaixador Eduardo Gradilone Neto.</p> <p>"É para evitar que a liberalidade de trânsito nesses países e a liberalidade do Brasil em conceder refúgio alimente uma rota criminosa, que pode ter vários ilícitos, como tráfico de pessoas e casos de trabalhadores escravos."</p> <p>Gradilone disse que os haitianos não têm direito a refúgio. "Só poderiam em caso de perseguição política, discriminação, perseguição religiosa, situações definidas na legislação."</p> <p>Segundo Gradilone, o Brasil é favorável a uma política de liberdade de locomoção --mesmo porque o próprio país tem muitos imigrantes sem documentação no exterior.</p> <p>Mas o Itamaraty se preocupa com a possível "fuga de cérebros" do Haiti, de pessoas importantes para reconstruir o país, que ainda sofre consequências de um terremoto e de uma epidemia de cólera.</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/mundo/889778-governo-federal-autoriza-a-permanencia-de-mais-199-haitianos-no-brasil.shtml</p> <p>Acesso em: 05/02/12</p> | <p>Folha de São Paulo - 16/03/11</p> |
|---|--|--|

| | | |
|---|---|---|
| <p>“Imigrantes haitianos em Manaus”</p> | <p>Os imigrantes são talvez o fenômeno social maior no mundo de hoje. Eles estão em toda a parte. Enquanto os países ricos levantam muros, trancam as fronteiras; os imigrantes, movidos pela lei da vida, continuam o seu duro caminho, por terra e pelo mar, sinais de luta e de resistência, sinais vermelho que apontam para aquilo que não é correto no mundo: as desigualdades, o egoísmo das nações, a má distribuição das riquezas.</p> <p>Os imigrantes haitianos existem há muitos anos. O terremoto de janeiro de 2010 veio agravar sua situação. Quantos foram os mortos? Fala-se de 200 mil. Quantos os feridos? Quantos estão debaixo de lonas? As imagens de destruição, sofrimento e morte estão gravadas na nossa mente. Em todo o Brasil foram feitas coletas e campanhas em favor dos haitianos. Todos quisemos demonstrar a nossa solidariedade.</p> <p>O Estado brasileiro, naquele momento, disse que estaria disposto a acolher e ajudar os haitianos que buscassem o Brasil. Não foi preciso esperar eles chegaram à fronteira. Seguiram a rota: Porto Príncipe (ou Santo Domingos), Panamá, Quito (Equador), Lima (Peru), Iquitos (Peru) e de lá em barco alcançando a fronteira brasileira de Tabatinga. Outro grupo de Lima segue para Puerto Maldonado (Peru) e Brasília (Acre) – isto no que se refere à Amazônia.</p> <p>Em Tabatinga eles apresentam à polícia federal o pedido de refúgio. A polícia dá o Protocolo de refúgio e uma carta que autoriza retirar o CPF e a Carteira de Trabalho. De posse do Protocolo, eles tomam o barco e vêm para Manaus. Cá chegando eles buscam a pastoral do migrante, as igrejas de São Geraldo e São Raimundo. Aí inicia o nosso trabalho em Manaus.</p> <p>Os primeiros haitianos chegaram a Manaus em fevereiro do ano passado e dos que chegaram até junho, praticamente ninguém se estabeleceu aqui. Muitos tinham o sonho dos Estados Unidos, da Europa (quem sabe, via a Guiana Francesa). Saíram em silêncio e não se sabe que rumo tomaram.</p> <p>A partir de julho eles chegaram mais numerosos querendo ficar em Manaus. No mês de agosto inauguramos uma pequena casa de acolhida na Paróquia São Geraldo. Logo lotou. Lotada estava também a casa animada pelas irmãs. Foi alugado um ‘casarão’. Mas no final do ano o grupo foi crescendo. Foi pedida a ajuda a outras paróquias e a São Raimundo passou a acolher 40 imigrantes (hoje são 90). Fizemos novo apelo às paróquias e a Sagrada Família acolheu 40, os Capuchinhos nesses dias acolheram uns 80, sessenta estão conosco; outras paróquias estão ajudando com doações. Neste momento, dia 6 de março, a pastoral do migrante está acolhendo 260 e acompanhando mais uns 60 em suas primeiras habitações. Sabemos que muitos estão em Tabatinga aguardando o Protocolo e zarpar para Manaus.</p> <p>O que tentamos fazer? Em primeiro lugar acolhê-los, oferecendo um espaço para comer, dormir, aprender o português, acertar a documentação e buscar emprego. A parte religiosa não é esquecida, mas ela se revela muito mais na caridade do que no culto, também porque a grande maioria é evangélica. A igreja católica é a única que os apóia – isto eles percebem muito bem. Está sendo um momento muito bonito para a igreja de Manaus. O apoio dos bispos é total. Muita gente e muitas comunidades estão multiplicando os gestos de acolhida e de solidariedade.</p> <p>Olhando prá frente não temos certeza do que vai acontecer. Parece que os imigrantes continuarão chegando. O Estado na parte legal/jurídica está perdido: dá a eles um Protocolo de Refúgio, mas nunca serão reconhecidos como tais. Fechar as fronteiras, deportá-los, deixá-los na clandestinidade? Acho que isso não vai acontecer, seria um ‘fiasco’ brasileiro, uma mesquinhez, pois os haitianos no Brasil ainda são menos de mil. A nossa luta é para que eles tenham um visto de residência ‘humanitário’, ‘ecológico’.</p> <p>Continuo dizendo que o nosso carisma, talvez seja o mais difícil, mas certamente é o mais atual e expressa um pouco do grande amor que Deus tem para com os mais sofridos, entre eles os migrantes.</p> <p>Haitianos no Amazonas</p> | <p>Pe. Gelmino A. Costa - Serviço Pastoral dos Migrantes - 16/03/11</p> |
|---|---|---|

Trajetória

Os haitianos que chegam no Amazonas, saíram do Haiti, alguns de Porto Príncipe, outros passaram antes pela República Dominicana, seguiram para o Panamá, depois para Lima, de lá para Iquitos (Peru), donde de barco alcançaram a fronteira do Brasil em Tabatinga. Muitos pararam algum tempo (dias ou meses) no Equador. Esta viagem custa em torno de US\$ 4.500,00. Este dinheiro muitas vezes é tomado emprestado.

Em Tabatinga

Chegam em Tabatinga já muito cansados. Aonde ir? A igreja católica e, sobretudo o padre Gonzalo tenta encontrar alguns lugares, espaços, para reclinar a cabeça e encontrar um pedaço de pão, mas a cidade não tem nenhuma estrutura de acolhida. Começa em seguida a procissão para encontrar a polícia federal que tem poucos efetivos para atender. Como eles formulam o pedido de Refúgio, têm que responder a um questionário detalhado e demorado – considerando também o problema da comunicação e da linguagem. Por isso, poucas pessoas são atendidas por dia. De vez em quando outros efetivos da polícia se deslocam de Manaus para Tabatinga e realizam um mutirão. Isso repercute diretamente sobre o número de chegadas em Manaus. Recebido o Protocolo e a carta da polícia e arranjados os 170,00, tomam o barco para Manaus.

Chegada em Manaus

Já em Tabatinga eles ficam sabendo da pastoral do migrante – a rede de celular funciona muito bem entre eles – buscam em Manaus o escritório do SPM, animado pelas irmãs, mas ultimamente eles chegam diretamente na igreja São Geraldo ou São Raimundo. Poucas vezes nós sabemos o dia, a hora da chegada e quantos chegarão. Ficamos de sobreaviso nas terças, sextas e sábados, dias em que os barcos chegam de Tabatinga. Acho que o número maior de chegadas foi na sexta e sábado, dias 4 e 5 quando chegaram 67 imigrantes.

Serviço de acolhida pela igreja de Manaus

Inicialmente, quando o número era pequeno, os imigrantes eram encaminhados para a casa do migrante do Estado e para uma pequena casa de acolhida da Diocese animada pelas Irmãs Scalabrinianas. No mês de agosto nós abrimos outra pequena casa em São Geraldo para doze pessoas. Logo lotou. Alugamos um casarão aonde chegaram a ficar trinta e nove pessoas. Recorremos à igreja de Manaus. Em janeiro a paróquia São Raimundo abriu suas portas, disposta a acolher até quarenta pessoas (hoje tem ainda perto de oitenta). No dia 18 de março na reunião do clero foi feito mais um apelo. Na hora outra área missionária se dispôs a acolher vinte – o que aconteceu imediatamente (hoje são quarenta e oito). Outras paróquias se prontificaram para pagar o aluguel de uma casa. O número foi crescendo, um padre acolheu, provisoriamente, oito em sua casa. No dia quatro de março chegou a mão bendita dos capuchinos que transformaram a casa de retiro em casa de acolhida (deslocando os que estavam fazendo retiro); ao mesmo tempo disponibilizaram outros dois locais menores e estão preparando mais uma casa para ser usada em caso de necessidade. No dia 11 de março alugamos uma casa (aluguel pago por uma paróquia) onde foram colocadas 16 pessoas. No momento de pico, no início de março. Estavam sendo acolhidas em casas da igreja trezentas pessoas, sendo oitenta em São Geraldo.

Em resumo, a igreja local se abriu à questão migratória, gratuitamente, sabendo que o 98% dos haitianos chegados aqui são evangélicos. Alguns leigos vestiram fortemente a camisa e estão ajudando muito. As igrejas evangélicas, mesmo convidadas, não assumiram nada – ultimamente famílias evangélicas assumiram alguns imigrantes.

| | | |
|--|--|--|
| | <p>Serviços prestados</p> <p>Logo que chegam a Manaus, a primeira tarefa é acolhê-los encontrar um local para ficar e alimentar-se. A alimentação foi e está sendo doada pelas comunidades católicas de Manaus. No dia depois da chegada é feito o pedido do CPF. No terceiro dia o CPF e no quarto dia dá-se entrada ao pedido da Carteira de Trabalho.</p> <p>Os serviços prestados abrangem o global da vida dos imigrantes: acolhida, alimentação, ensino da língua, encaminhamentos médicos – há gente doente e até precisando de pequenas cirurgias, mulheres grávidas (na primeira semana de março nasceram duas crianças), ajuda para encontrar moradia, transportes e mudanças.</p> <p>Um destaque todo especial merece a questão da inserção no mundo do trabalho. Os meios de comunicação, jornais, rádios, televisão estiveram muito presentes todos os dias. Foi feitos apelos aos empregadores pequenos e grandes. A resposta foi muito grande. Acho que só num dia apareceram uns 20 empregadores, desde empresas maiores como familiares. A construção civil é a que mais está empregando. Cuidamos para não entregar os imigrantes nas mãos de exploradores. Há muitos pedidos de domésticas, caseiros, zeladores de sítios e de chácaras, criação de animais, pisciculturas, hortas... Evitamos por enquanto de empregar pessoas distantes da cidade e em lugares isolados.</p> <p>Quem são eles?</p> <p>Quanto à proveniência, parte é de Porto Príncipe, mas parte é de outras regiões do Haiti. Uns já estiveram na República Dominicana (encontramos gente que esteve nos USA e que foi expulsa no tempo do Bush). Para a maioria se trata da primeira saída. Parte teve a família atingida pelo terremoto, outros não. Noventa por cento são homens/jovens com a idade entre 22 e 35 anos. Com pequenas exceções todos estão permanecendo em Manaus.</p> <p>Questões</p> <p>A urgência do atendimento impediu-nos ainda de refletir sobre os fatos. Às vezes surgem as perguntas típicas do campo migratório – haveria alguém “facilitando” a sua saída? Haveria a presença de gatos ou coiotes? Até nos perguntamos por que o 98% são evangélicos e os católicos talvez não passem de uma dezena?</p> <p>Outras questões são de ordem política – o que pensa mesmo o governo brasileiro? Por que ele se comprometeu de acolher os haitianos e agora está levantando barreiras para a entrada? Por que está aceitando o pedido de refúgio (pelo menos por enquanto) quando eles não serão aceitos como refugiados? Agora foi decidido que só serão acolhidos os haitianos que vierem com o Visto feito no Haiti – que Visto será este? E para os que já estão no Brasil que Documento o Brasil vai fornecer? Sempre renovando o Protocolo? E os que já saíram do Haiti e estão a caminho do Brasil?</p> <p>Também teremos que acompanhar a sua inserção no mundo do trabalho, questões trabalhistas, além dos “primeiros socorros” quando eles vão tentar alugar a primeira moradia.</p> <p>Deus e Scalabrini nos acompanharam até aqui, não nos abandonarão nos próximos passos.</p> <p>Disponível em: http://spmigrantes.wordpress.com/2011/03/16/imigrantes-haitianos-em-manaus/ Acesso em: 15/01/12</p> | |
| <p>“Mil refugiados haitianos devem trabalhar na Zona Franca de Manaus”</p> | <p>Órgãos dos governos federal e do Amazonas anunciaram nesta segunda (28) ações para beneficiar os migrantes haitianos que ingressaram no Brasil depois do terremoto que devastou o Haiti, em 2010.</p> <p>Aos menos 1.000 deles devem trabalhar nas indústrias da Zona Franca de Manaus.</p> | <p>Kátia Brasil e Fábio Freitas - Folha de São Paulo - 28/03/11</p> |

| | | |
|--|--|---|
| | <p>No dia 16 de março, o Cnig (Conselho Nacional de Imigração), do Ministério do Trabalho, autorizou a permanência por questão humanitária no país de 199 haitianos. Mas ao menos 800 migrantes aguardam a autorização nos Estados do Amazonas, Acre, Rondônia e São Paulo.</p> <p>Em fevereiro, o Ministério da Justiça suspendeu a emissão dos protocolos de solicitação de refúgio --documento que os haitianos recebiam ao chegar na fronteira do Brasil--, alegando que detectou uma rota de tráfico humano.</p> <p>O Conare (Comitê Nacional para os Refugiados) entendeu que o caso dos haitianos não se enquadrava no status de refúgio por se tratar de uma questão humanitária. E repassou a discussão ao Cnig.</p> <p>Sem os protocolos, 180 haitianos estão barrados em Tabatinga (AM), fronteira com o Peru.</p> <p>Outros 107 estão irregulares e 33 com autorização provisória em Brasileia (AC), fronteira com a Bolívia.</p> <p>COOPERAÇÃO</p> <p>Nesta segunda-feira, o Ministério Público do Trabalho no Amazonas anunciou que firmou um termo de cooperação com a Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus), com duração de quatro anos, para empregar nas indústrias ao menos 1.000 haitianos.</p> <p>"O Brasil demonstra com isso ser solidário à causa dos haitianos", disse o procurador Audaliphal Silva.</p> <p>O governo do Amazonas criou uma comissão em parceria com a Pastoral do Migrante da Igreja Católica para oportunidade de trabalho na construção civil (que já emprega 47 migrantes) e qualificação profissional.</p> <p>A UEA (Universidade Estadual do Amazonas) iniciou cursos de informática, português para estrangeiros e qualificação de pedreiro em edificações.</p> <p>Segundo a Pastoral do Migrante, em Manaus vivem hoje ao menos 400 haitianos. Eles moram em abrigos da igreja. A superintendente da Suframa, Flávia Grosso, sugeriu a inserção de creches para atender a demanda de crianças e filhos dos haitianos.</p> <p>Em Manaus, já há os primeiros filhos de haitianos nascidos no Brasil. Marie Monique Semexant, 39, e Anoux Valerius, 40, são os pais de Agnaldo, nascido no dia 4 de março.</p> <p>Moram em uma casa emprestada por um amigo brasileiro no bairro São Jorge, zona oeste da cidade. "Ele é a esperança de uma vida melhor aqui", disse Valerius, que deixou três filhos com a família no Haiti.</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/mundo/895190-mil-refugiados-haitianos-devem-trabalhar-na-zona-franca-de-manaus.shtml</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | |
| <p>"Ministério Público do Trabalho tenta acordo para ajudar haitianos no AM"</p> | <p>O Ministério Público do Trabalho do Amazonas elaborou um plano para ajudar os imigrantes haitianos que chegam ao Brasil. O documento foi apresentado na segunda-feira (28) para representantes de diversos órgãos, como os governos do Amazonas e de Manaus, a Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa), a Arquidiocese de Manaus e escolas técnicas.</p> <p>O procurador do Trabalho, Audaliphal Hildebrando, explicou ao G1 que o objetivo é beneficiar mil imigrantes em quatro anos. "Nossa intenção é inserir esse pessoal no mercado de trabalho e proporcionar a eles sustentabilidade. Estamos preocupados com chegada deles no Amazonas, porque estão em situação vulnerável e muitos não falam o nosso idioma. Queremos alocá-los para trabalhar em indústrias e empresas de construção civil, antes que sejam cooptados por organizações criminosas", afirmou.</p> <p>Para o procurador, se não tiverem como sobreviver, os imigrantes vão cair na marginalidade. "Além da questão do trabalho e da qualificação profissional, eles terão acompanhamento médico, psicológico e também serão incentivados a apreender o idioma. Vão receber ajuda para tirar a documentação também", disse.</p> <p>Inicialmente, o projeto tem o objetivo de acolher somente os imigrantes</p> | <p>Luciana Rossetto - G1 - 29/03/11</p> |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>que estão em Manaus.</p> <p>De acordo com Hildebrando, o termo de cooperação foi bem aceito pelos representantes da indústria, construção civil e comércio. “Há todo um problema social que os deixa vulnerável. Muitos perderam parentes no terremoto, estão em outro país, não falam bem português. É necessário sensibilizar as empresas para receber esse pessoal”, disse.</p> <p>O Ministério Público vai fazer novas reuniões com os órgãos no dia 31 de março e 11 de abril para discutir os itens do termo de cooperação, que deve ser assinado no dia 29 de abril. A intenção é iniciar as ações já a partir de 1º de maio.</p> <p>Chegada de haitianos</p> <p>Os haitianos começaram a entrar no Brasil por Tabatinga, na fronteira do país com o Peru e com a Colômbia, no início do ano passado. Eles saem do Haiti e fazem uma viagem de até dois meses por países da América Central e do Sul, antes de chegar ao Brasil.</p> <p>Além de Tabatinga, alguns imigrantes entram no país pelo Acre. Eles chegam a Assis Brasil (AC) e seguem para Brasília (AC), onde permanecem acampados.</p> <p>Os imigrantes fogem da devastação provocada pelo terremoto ocorrido em 12 de janeiro de 2010 no Haiti.</p> <p>Segundo dados da Polícia Federal, 769 imigrantes solicitaram vistos como refugiados até o dia 11 de fevereiro. Muitos haitianos ainda permanecem na cidade, porque não têm dinheiro para seguir para grandes centros. E a cada dia novos grupos chegam.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/03/ministerio-publico-do-trabalho-tenta-acordo-para-ajudar-haitianos-no-am.html</p> <p><i>Acesso em:</i> 02/02/12</p> | |
| <p>“A parte brasileira da diáspora haitiana”</p> | <p>Cerca de 250 haitianos conseguiram entrar, clandestinamente, em Brasileia, pequena cidade do Acre, região onde o Brasil faz fronteira com a Bolívia e o Peru. Com esta proeza, incluíram o país no mapa mundial da diáspora haitiana, presente nos EUA, Canadá, República Dominicana e França. Diáspora é uma palavra grega que significa dispersão em massa, forçada por condições políticas econômicas ou mesmo climáticas. Cerca de 2,5 milhões entre os 9 milhões de haitianos vivem fora do país, enviando de volta cerca de US\$ 1,9 bilhão por ano, um terço do orçamento nacional.</p> <p>Longo Caminho. “Não foi fácil chegar até aqui”, diz o professor de inglês Lucien Geln, de Gonaives, uma das cinco maiores cidades do Haiti. Lucien e seu irmão Benjamin tiveram, inicialmente, de economizar US\$ 1.500 para a travessia até o Brasil, conhecido por todos eles como o país do futebol.</p> <p>“Trabalhando como professor no Haiti, não conseguia sobreviver e ter excedentes para viagem. Foi preciso uma ação entre todos os membros da família para recolher o dinheiro necessário.” A mesma dificuldade de economizar tiveram os alfaixas Jean Pierre Vivandieu e Anel Casumat.</p> <p>Trabalhavam na República Dominicana, que está na mesma ilha do Haiti e já recebeu um milhão de imigrantes do país vizinho. “Como alfaixas, não tínhamos condições sozinhos de financiar a viagem. Foi necessária a união de toda a família”, diz.</p> <p>Todos viajam com passaporte e começaram sua jornada na República Dominicana, de onde saíram para o Panamá e, após conexão, voaram para Quito, no Equador.</p> <p>Da capital equatoriana em diante, começou a longa jornada de ônibus que os levou a Cuzco no Peru.</p> <p>De Cuzco a Puerto Maldonado, também no Peru, tiveram vários encontros com a polícia peruana e isso levou parte de suas economias. Foi preciso unir pequenos grupos, em Inapari, na fronteira com o Brasil, para alugar táxis, entrar na Bolívia e alcançar Brasileia. Cada táxi custou 100 sóis peruanos, equivalente a US\$ 38.</p> <p>“Como entraram através da Bolívia, não sabemos”, conta o padre Crispim,</p> | <p><i>Fernando Gabeira</i> <i>- O Estado de São Paulo -</i> <i>17/04/11</i></p> |

de Brasileia, que organizou a assistência alimentar aos refugiados. "É possível entrar de muitas maneiras, pois estamos numa área onde se registra a presença do tráfico de drogas."

Uma novidade no Brasil. A chegada dos haitianos foi uma novidade em Brasileia, que tem cerca de 20 mil habitantes e algumas pousadas destinadas a receber turistas que vão às compras na Bolívia. Cobija, a cidade peruana que está do outro lado da ponte, funciona como algumas cidades paraguaias vendendo eletrônicos sem impostos.

Inicialmente, o caso ficou apenas com a Polícia Federal, que manteve os haitianos sob vigilância. O padre Crispim e seus paroquianos resolveram ajudá-los oferecendo a cozinha da paróquia. Foi um gesto que durou pouco pois, depois de uma semana, sobraram apenas alguns quilos de feijão. O governo do Acre resolveu assumir a alimentação dos haitianos ao mesmo tempo que a Polícia Federal apressou a documentação para que pudessem seguir viagem pelo país. Brasileia não tem empregos. Alguns já trabalham na construção em Rio Branco e dois técnicos em ar condicionado foram convidados para Rondônia.

A paróquia de Brasileia recebeu vários convites para colocação dos haitianos. Parte deverá seguir para Rondônia, onde serão construídas as hidrelétricas de Jirau e Santo Antônio. Parte deve se mudar para o interior de São Paulo.

Cerca de 80% dos haitianos que deixam seu país são profissionais liberais. Antes do terremoto, o Banco Mundial já chamava a atenção para essa fuga de cérebros e a própria Federação da Diáspora iniciou uma campanha para a volta ao Haiti.

No caso brasileiro, a julgar pela centena de haitianos com quem falei, a maioria é pedreiro ou pintor de paredes. Assim mesmo, nunca se sabe se disseram "auxiliar de pedreiro" como uma forma de anunciar que não tinham profissão.

Depois da epidemia de cólera no Haiti, a vinda de um grande grupo para o Brasil preocupou o governo, pois é uma doença que tem tempo de incubação. Entretanto, em todos os exames médicos realizados em Brasileia não se registrou nenhum problema.

Um ponto do mapa mundial. A chegada dos haitianos ao Acre representa um novo e pequeno ponto na diáspora haitiana. Os problemas que sua presença suscita nos Estados Unidos e Canadá ainda não foram registrados no Brasil. Alguns garotos de bicicleta aproximam-se para vê-los e se interrogam sobre a língua deles, o creole, mistura de francês, palavras africanas e espanholas. Francisco Gerônimo dono do bar ao lado do Ginásio Eduardo Pessoa, onde estão abrigados, é um fanático por futebol e observa que os haitianos também gostam do esporte. As sábados, quando há jogos no estádio ao lado, eles vão todos para a cerca e acompanham com emoção.

Eles tinham admiração pelo futebol brasileiro e conheciam a seleção nacional. Estão tendo alguma dificuldade em encontrar a magia dos craques nos amadores com excesso de peso que se exercitam em Brasileia. Francisco Gerônimo mostrou com orgulho um diploma ao mérito que recebeu dos 700 refugiados políticos que entraram em Brasileia, em 2008: "Os bolivianos fizeram até uma placa para agradecer a ajuda que demos em Brasileia. Mas os bolivianos tinham dinheiro e estavam muito perto de seus parentes que ajudavam de lá. Os haitianos não têm dinheiro para nada. O bar parou de dar lucro".

Nos EUA, onde vivem um milhão de haitianos, e no Canadá, onde vivem 100 mil, o debate é diferente. Grupos de esquerda e do movimento negro acusam governos dos países mais ricos de ter uma reação preconceituosa contra os haitianos.

Por outro lado, os imigrantes já ocupam espaço na sociedade, desde lugar no governo Barack Obama até nas sociedades comerciais. No Canadá, há um movimento para que o vodu, religião muito presente no Haiti, possa expressar seus rituais publicamente.

| | | |
|--|--|--|
| | <p>A questão econômica. A intervenção mais discutida sobre os haitianos, nos círculos políticos, veio de um conservador que trabalhou com Ronald Reagan e George W. Bush: Elliot Abrams. Sua tese é a de que a diáspora é uma forma mais eficaz de ajudar o Haiti e os países deveriam se abrir para receber refugiados de lá.</p> <p>Ele argumenta que um terço do orçamento haitiano é financiado pelos imigrantes. Mas os US\$ 1,9 bilhão que enviam, ainda está abaixo do que mandam para seus países dominicanos e hondurenhos, que enviam, respectivamente, US\$ 3 bilhões e US\$ 2,7 bilhões.</p> <p>O argumento de Elliot, bombardeado pelos conservadores e apoiado pela esquerda, principalmente a revista Mother Jones, é simples: a ajuda internacional ao Haiti é de US\$ 900 milhões, metade do que enviam os próprios haitianos. Nesse ritmo, argumenta, a reconstrução seria mais rápida com o aumento da diáspora. Por via das dúvidas, os EUA colocaram Bill Clinton como representante da ONU para a reconstrução do Haiti.</p> <p>Sua missão é acionar os organismos internacionais e também levar a indústria para o país. Os Estados Unidos têm a soberania sobre a costa haitiana, para garantir também a repressão ao movimento de boat people.</p> <p>Depois da surpresa da entrada dos haitianos, o Brasil decidiu reforçar a fronteira com o Peru e, desde o primeiro movimento, vários imigrantes foram rechaçados.</p> <p>O movimento de saída do Haiti continua. O cálculo dos clandestinos nos EUA é de 200 mil, a julgar pela Federação da Diáspora. Foi criado pelo governo um sistema de proteção temporária, TPS, que dá um prazo para se legalizarem e determina o fechamento da concessão para os próximos.</p> <p>O Brasil ofereceu algo parecido: carteira de trabalho e CPF para os que vieram e vigilância para evitar grandes movimentos não planejados.</p> <p>PARA LEMBRAR</p> <p>Em 12 de janeiro de 2010, um terremoto de 7 graus na escala Richter deixou cerca de 230 mil mortos no Haiti e feriu outras 300 mil pessoas - 2 milhões de vítimas ficaram desabrigadas. A partir de outubro, uma epidemia de cólera que já matou mais de 4 mil pessoas, espalhou-se pelo país.</p> <p>Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,a-parte-brasileira-da-diaspora-haitiana,707339,0.htm</p> <p>Acesso em: 21/01/12</p> | |
| <p>“Em busca de trabalho no Brasil, haitianos passam fome em Iñapari, no Peru”</p> | <p>Fugindo da pobreza, da epidemia de cólera, da violência e de um país devastado pelo terremoto no ano passado, quase 400 haitianos já ingressaram no Brasil, a partir do Acre, em busca de solidariedade e trabalho.</p> <p>Um novo grupo, com mais de 80 imigrantes, já se formou e encontra-se abrigado no município de Epitaciolândia (AC), na fronteira com a Bolívia. Porém, existe outro grupo, de 30 homens e mulheres haitianos, que passa fome em Iñapari, capital da província de Tahuamanu, no Peru, enquanto aguarda pela oportunidade de acesso ao território brasileiro.</p> <p>No Brasil, por razões humanitárias, os haitianos ganham protocolo de refúgio, autorização para obter CPF e a Carteira de Trabalho, mas na Bolívia não contam com a mesma tolerância e são expulsos ou extorquidos por funcionários do governo.</p> <p>Neste final de semana, o Alto Comissário das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), com sede na Argentina, começou a tarefa de reconhecimento da situação dos haitianos em Iñapari, que foram expulsos pelas polícias do Brasil e da Bolívia.</p> <p>O grupo espera ser reconhecido como refugiado pelo governo peruano. A Comissão Católica Peruana de Migrações, agência executiva da Acnur, apelou às autoridades da província de Tahuamanu e à Polícia Nacional do Peru para que respeitem e protejam a situação migratória dos haitianos.</p> <p>Iñapari faz fronteira com Assis Brasil (AC). Por causa das ameaças dos policiais, pelo menos 50 haitianos já se dispersaram em povoados da floresta peruana.</p> | <p><i>Altino Machado - Blog da Amazônia - Terra Magazine -19/04/11</i></p> |

Para poder transitar por países de língua espanhola, os haitianos obtiveram visto na República Dominicana. Viajaram de avião até o Panamá e Equador. De Quito a Lima, Cusco e Puerto Maldonado, viajaram de ônibus. De táxi, foram para Iñapari com a esperança de poder ingressar no Brasil.

O secretário de Justiça e Direitos Humanos do governo do Acre, Henrique Corinto, disse que o Estado tem dado o acolhimento humanitário necessário.

- Estamos preocupados com o ingresso deles no Brasil, claro, mas a permissão é de responsabilidade do governo federal. Os que conseguem ingressar no Acre, legal ou ilegalmente, recebem abrigo e alimentação básica até que consigam documentação para circulação no Brasil - explica.

A única reclamação dos haitianos em Eitaciolândia é contra o trabalho da Polícia Federal, que reduziu de seis para dois o atendimento no fornecimento diário de documentos. Os imigrantes alegam que a mudança amplia o prazo e o custo com a permanência deles no abrigo, além de impossibilitá-los de sair logo à procura de trabalho no país.

Mais haitianos no Brasil

O professor haitiano Leonel Joseph Haitiano, de 33 anos, licenciado em Línguas Modernas, fala seis idiomas. Ele está abrigado num ginásio de esportes em Eitaciolândia, tem proposta para trabalhar em Rio Branco, e acredita que mais haitianos vão continuar procurando o Brasil em busca de trabalho.

Os imigrantes são profissionais, principalmente pedreiros, que querem trabalhar no Brasil para ajudar os familiares. Na verdade estão dispostos a ir para qualquer país que ofereça oportunidade de trabalho, para garantir o sustento diário e apoiar quem ficou no Haiti.

Os haitianos dizem que não entendem e até agora não obtiveram resposta pelo fato de o Brasil ter fechado sua fronteira, se meses antes o ingresso era livre. Lamentam que a Polícia Federal não os deixa ter acesso sequer à ponte da integração, na trílice fronteira do Brasil, Peru e Bolívia.

- Somos tratados como se não fôssemos humanos. Imploramos às autoridades brasileiras, que nos deixem ingressar ao seu país para trabalhar, nos permitam a oportunidade de contribuir com o seu país e com o nosso também - apelaram por intermédio do padre René Salízar Farfán, do distrito de Iberia, na província de Tahuamanu, em Madre de Dios.

- Temos ouvido o grito dos irmãos haitianos. Eles expressaram com lágrimas nos olhos que, neste momento, estão comendo apenas uma vez ao dia. A família que estava acolhendo a todos, desde o dia que chegaram, já não está tendo possibilidade de ajudá-los. A estadia deles nesta cidade de Iñapari está cada vez mais difícil - relata o padre.

René Salízar Farfán, ativista da defesa dos direitos humanos na região peruana, tem se reunido com representantes de instituições e pessoas do Peru, Brasil, Bolívia e Haiti. Ele denuncia a precariedade em que se encontram homens e mulheres haitianos que querem ingressar no Brasil em busca de trabalho.

MPF convoca audiência pública

O Ministério Público Federal no Acre vai promover, nos dias 4 e 5 de maio, em Rio Branco, uma rodada de debates em forma de audiência pública sobre o encaminhamento jurídico e humanitário a ser dado às centenas de haitianos que entraram e continuam entrando em território brasileiro.

- O objetivo da audiência pública é fazer com que os diversos órgãos convidados assumam suas respectivas responsabilidades com o atendimento humanitário e jurídico a ser dispensado a esses cidadãos, tendo em vista os tratados dos quais o Brasil é signatário e a política de relações exteriores adotada pelo governo brasileiro - afirmar o procurador regional dos direitos do cidadão, Ricardo Gralha Massia.

Foram convidados para a reunião representantes do Ministério Público do Trabalho, Ministério da Justiça, Polícia Federal, Exército, Itamaraty,

| | | |
|--|---|--|
| | <p>Conselho Nacional de Refugiados (Conare), Conselho Nacional de Imigrantes (CNIg), o Alto Comissariado da ONU para refugiados (Acnur), Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos do Acre, Secretaria de Saúde do Acre, Comitê de Solidariedade aos Haitianos e a organização Cáritas Brasileira.</p> <p>Recomendações do comitê MAP (Madre de Dios, Acre e Pando), integrado por cidadãos do Brasil, Bolívia e Peru preocupados com direitos humanos e ambientais na região</p> <p>1 - Que as instituições governamentais e privadas, tanto locais, regionais e nacionais dos três países, em observância ao mínimo respeito à dignidade que todo ser humano merece, rogamos que os haitianos sejam providos de alimentação diária, de pelo menos duas vezes ao dia e de um lugar onde possam ser abrigados temporariamente, até que resolvam a situação migratória;</p> <p>2 - Que o Estado peruano, dada a situação de precariedade em que neste momento estão atravessando os irmãos haitianos instalados na cidade fronteiriça de Inápari, de maneira excepcional, possa declarar a todos eles o status de refugiados de maneira temporal;</p> <p>3 - Que a República Federativa do Brasil considere o ingresso dos imigrantes haitianos, já que têm por objetivo principal o de trabalhar buscando recursos econômicos significativos, para assim ajudar a suas famílias e, desta forma, contribuindo para a reconstrução do afetado país do Haiti;</p> <p>4 - Que durante sua estadia provisional, os haitianos solicitam capacitação na língua deste País, onde pretender ir trabalhar.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://blogdaamazonia.blog.terra.com.br/2011/04/19/em-busca-de-trabalho-no-brasil-haitianos-passam-fome-em-inapari-no-peru/ <i>Acesso em: 11/01/12</i></p> | |
| <p>“Brasil viola tratados internacionais ao barrar e dificultar refúgio de haitianos, acusa MPF”</p> | <p>O governo brasileiro viola tratados internacionais ao barrar e dificultar a permanência de haitianos que pedem refúgio no país após o terremoto que atingiu o Haiti no ano passado, segundo nota divulgada nesta quarta-feira (1) pelo Ministério Público Federal no Acre (MPF-AC).</p> <p>Para ingressarem em território brasileiro, os haitianos percorrem estradas ilegais, usam rotas de narcotraficantes, cruzam regiões de mata fechada a pé, correm risco de morte e pagam pela ação de coites.</p> <p>O procurador regional dos Direitos do Cidadão Ricardo Gralha Massia enviou recomendação ao Ministério da Justiça para sejam alterados os procedimentos da Polícia Federal e do Comitê Nacional de Refugiados (Conare) relativos à entrada de haitianos no Brasil e de concessão de autorização para sua permanência.</p> <p>Segundo o procurador, atualmente o quadro institucional estimula a atitude dos haitianos de entrarem irregularmente no Brasil, acarretando dificuldade para obtenção dos meios de sustento independente de doações ou auxílios de grupos de apoio humanitários.</p> <p>- O ideal seria que o Itamaraty passasse a oferecer condições para que o visto de entrada fosse concedido ainda no Haiti, mediante pedido e avaliação da embaixada brasileira naquele país - sugere o procurador.</p> <p>A recomendação do MPF foi elaborada a partir de informações colhidas durante audiência pública realizada no mês passado, em Rio Branco (AC), quando foram debatidos aspectos jurídicos e humanitários dispensados aos haitianos.</p> <p>A PF no Acre tem proibido a entrada dos haitianos na fronteira com a Bolívia. O MPF entende que isso estimula a ilegalidade.</p> <p>O procurador recomenda o registro, na fronteira, do pedido de entrada, sendo concedido o protocolo que permitiria aos haitianos o trânsito no território brasileiro, bem como a possibilidade de conseguirem trabalho e consequentemente sustentarem a si e seus familiares com dignidade.</p> <p>O MPF recomendou ao Conare a adoção de medidas que sejam capazes</p> | <p><i>Altino Machado - Blog da Amazônia - Terra Magazine -01/06/11</i></p> |

| | | |
|-------------------------------------|--|--|
| | <p>de garantir agilidade no registro e na apreciação do pedido de refúgio dos haitianos. O procurador sugere que seja avaliada a possibilidade do enquadramento dessas pessoas na condição de refugiados.</p> <p>- São pessoas que saíram do Haiti mediante grave violação dos direitos humanos. Elas tiveram direitos fundamentais atingidos pelo terremoto e pelas consequências sociais decorrentes da tragédia, como a fome, o desemprego e as condições insalubres do ambiente - assinala Ricardo Gralha Massia.</p> <p>Os pedidos de refúgio dos haitianos atualmente são negados pelo Conare e encaminhados ao Conselho Nacional de Imigrantes, para que lhes seja concedido o visto de imigrante. Segundo o MPF, a demora na finalização desse processo também se constitui em violação a tratados humanitários internacionais e à lei 9.474/97.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://blogdaamazonia.blog.terra.com.br/2011/06/01/brasil-viola-tratados-internacionais-ao-barrar-e-dificultar-refugio-de-haitianos-acusa-mpf/ <i>Acesso em: 11/01/12</i></p> | |
| “Maré de haitianos chega ao Brasil” | <p>Terremoto, pobreza, epidemia de cólera, fome e violência. Para haitianos, que fogem de tudo isso, o Brasil se tornou mais do que uma miragem, é o paraíso ao alcance. Desde que o interessado consiga no mínimo US\$ 2 mil (R\$ 3,2 mil).</p> <p>E eles conseguem. Milhares de haitianos ingressaram em território brasileiro nos últimos meses, por três portões de acesso: as cidades de Eritaciolândia e Assis Brasil (no Acre) e Tabatinga (no Amazonas). Chegam com fome, sede, sem dinheiro e pedindo de tudo. Um êxodo que atormenta as autoridades e comove entidades humanitárias.</p> <p>Apenas nos quatro primeiros dias de junho, 350 haitianos entraram no Brasil por esses municípios encravados na selva amazônica. Muitos ficam pela mata, já que não possuem documentos sequer para tentar pedir regularização. Outros avançam um pouco e vão tentar vagas de operário na construção das hidrelétricas de Jirau (Rondônia) e Belo Monte (Pará). Uma terceira leva arrisca a vida em busca do Olimpo, as megalópoles São Paulo e Rio – correndo o risco de virar mendigos. Para quem está acostumado a comer torta de barro para enganar a fome, no Haiti, a perspectiva de miséria à beira-mar não assusta tanto.</p> <p>Conforme o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), mais de 2 mil haitianos ingressaram no Brasil desde o início do ano. E a onda de migrantes não para.</p> <p>- Chega um ônibus por dia – descreve o deputado federal gaúcho Paulo Pimenta (PT), encarregado pela Câmara dos Deputados de organizar uma Comissão Externa que fará um diagnóstico dessa nova maré migratória clandestina.</p> <p>Pimenta visitou os centros de recepção a refugiados improvisados em ginásios esportivos pelas prefeituras de Eritaciolândia e Assis Brasil. Nesses locais os haitianos estão amontoados, mas pelo menos recebem duas refeições por dia (uma, em época de vacas magras), contra nenhum alimento em seu próprio país.</p> <p>Os haitianos chegam de duas formas. De barco até o Panamá, levando então dois meses para chegar de ônibus ou caminhão até o Brasil. Ou de avião, queimando etapas, quando levam 15 dias. Ao Acre, só chegam homens. A Tabatinga, começam a chegar famílias. Os coites cobram US\$ 2 mil por pessoa para fazer a jornada, em péssimas condições.</p> <p>Migrantes procuram benefícios de refugiados</p> <p>Os haitianos querem ser reconhecidos como refugiados. Com isso, teriam direito a receber auxílio de todos os programas da Organização das Nações Unidas (ONU). Mas o órgão não prevê esse status para pessoas desalojadas por desastres naturais. Para evitar que morram de fome, o governo brasileiro adotou uma solução intermediária: nega a condição de refugiados aos</p> | Humberto Trezzi - Zero hora - 12/06/2011 |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>haitianos, mas concede a eles visto humanitário. Isso lhes dá direito a usar o Sistema Único de Saúde (SUS), ter um CPF e carteira de trabalho. Muitos insistem em querer ser refugiados e recebem um protocolo, pedindo que voltem em 90 dias para ver o resultado do pedido.</p> <p>– O problema é que a maioria não volta a entrar em contato. Apenas ingressam no Brasil e somem, virando clandestinos – diz uma fonte do Acnur.</p> <p>Oficialmente, o Comitê Nacional de Refugiados recebeu 1.377 pedidos de haitianos que desejam status de refugiados. A estimativa, porém, é de que até 3 mil já ingressaram no país. A boa receptividade mostrada pelos brasileiros não encontra contrapartida nos países vizinhos. Zero Hora foi informada que 30 homens e mulheres haitianos passam fome em Iñapari, capital da província de Tahuamanú, no Peru, enquanto aguardam pela oportunidade de acesso ao território brasileiro.</p> <p>Os imigrantes são profissionais, principalmente pedreiros, que querem trabalhar no Brasil para ajudar os familiares. Na verdade, estão dispostos a ir para qualquer país que ofereça oportunidade de trabalho, para garantir o sustento diário e apoiar quem ficou no Haiti. Todos estão na faixa etária de 20 a 30 anos. A maioria é composta de trabalhadores braçais e carpinteiros, mas aparecem também técnicos agrícolas, mecânicos e até teólogos. Falam um francês arrevesado e apenas arranham o espanhol e o inglês.</p> <p>Na visita a Epitaciolândia, o deputado Paulo Pimenta conversou com vários haitianos. O mestre de obras Pierre Luz lhe explicou por que veio ao país:</p> <p>– Sempre fomos fanáticos pelo futebol brasileiro, e o haitiano sempre teve o pensamento do Brasil como um país disponível. Estamos aqui para trabalhar, buscar "plata", regressar ao nosso país, tirar a família da lama e construir uma casa.</p> <p>Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/noticias/44235-mare-de-haitianos-chega-ao-brasil</p> <p>Acesso em: 20/01/12</p> | |
| <p>“Expectativa e preocupação de voluntários com a chegada de haitianos em Manaus”</p> | <p>Com a vinda de mais de mil refugiados haitianos para Manaus no último ano, as terças e sextas passaram a ser dias de ansiedade, expectativa e preocupação para voluntários como o padre Valdeci Mulinari, pároco da Igreja São Geraldo, um dos oito abrigos para haitianos espalhados pela cidade.</p> <p>É que esses são os dias em que chegam a Manaus as embarcações que partem de Tabatinga, a primeira cidade amazonense para a qual os refugiados vão em busca do visto para permanecer no país.</p> <p>De acordo com o pároco, mais de mil haitianos já estão vivendo em Manaus e um grupo de 180 deve chegar à cidade ainda esta semana. No último sábado, outros 70 haitianos, a maioria homens, desembarcou na capital amazonense.</p> <p>“Eles continuam vindo pois, por pior que seja a condição deles aqui, é melhor que a vida que tinham lá. Agora, todas as terças e sextas ficamos apreensivos com a expectativa da chegada de mais pessoas”, diz o padre.</p> <p>Atualmente, os haitianos estão divididos em abrigos nos bairros Monte das Oliveiras, Dom Pedro, São Jorge, Centro, Zumbi e Betânia, além da igreja São Geraldo, onde está o maior grupo, com 67 refugiados. Ontem, eles participaram da celebração de Pentecostes, no Sambódromo.</p> <p>Miscigenação</p> <p>Para o antropólogo Ademir Ramos, a chegada desses haitianos em Manaus é o início de um terceiro momento histórico de mudança da paisagem democrática da capital, em termos de formação social, pelo que representa para a presença negra no Amazonas.</p> <p>Ele lembrou que Manaus viveu momentos semelhantes com a chegada de negros imigrantes, no final do século 19, que vieram trabalhar na construção civil durante o governo de Eduardo Ribeiro, dando origem ao bairro Praça 14.</p> <p>“Um segundo momento foi a chegada dos barbadianos, que vieram</p> | <p>Monica Prestes - A Crítica - 13/06/2011</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>trabalhar na construção da Madeira-Mamoré e se refugiaram em Porto Velho e Manaus. Essa acolhida e a miscigenação são parte da nossa cultura.”</p> <p>Já o geógrafo Geraldo Alves alerta para a necessidade de o poder público se preparar para receber esses haitianos e, assim, evitar problemas semelhantes aos provocados pelo êxodo rural, como o desemprego, miséria e as invasões.</p> <p>“Sob o ponto de vista do crescimento populacional, a chegada deles é irrelevante se comparada aos que chegam todos os dias do interior. Mas é preciso enxergar esse contingente como novos membros da nossa sociedade.”</p> <p>Desemprego</p> <p>Boa parte dos haitianos que já estão vivendo em Manaus ainda não conseguiram emprego. Alguns deles já podem ser vistos nas esquinas, vendendo bebidas nos sinais.</p> <p>Entre as mulheres, os empregos mais comuns são de empregada doméstica e diarista. Já os homens, estão sendo “recrutados” para a construção civil.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://acritica.uol.com.br/manaus/Expectativa-preocupacao-voluntarios-haitianos-Manaus_0_498550149.html</p> <p><i>Acesso em:</i> 20/01/12</p> | |
| “CNIg concede autorização de permanência no Brasil para 237 haitianos” | <p>O Conselho Nacional de Imigração (CNIg) decidiu em reunião nesta quarta-feira (22) pela concessão da autorização de permanência a 237 haitianos que vieram para o Brasil em consequência do terremoto que atingiu aquele país em 2010.</p> <p>Os pedidos para a permanência no Brasil foram encaminhados ao CNIg pelo Comitê Nacional para Refugiados (CONARE). O CNIg realizará última verificação para conferir se todos os casos encaminhados pelo CONARE se enquadram no fator humanitário.</p> <p>Segundo o Ministro do Trabalho e Emprego, Carlos Lupi, a questão humanitária é forte no caso dos haitianos. “O Brasil desfruta de uma posição positiva em relação a mercado de trabalho e produtividade, o que nos possibilita receber estes cidadãos”.</p> <p>De acordo com registros do CNIg, o fluxo migratório do Haiti para o Brasil vem se mostrando estável em cerca de 200 indivíduos por mês. Os pedidos são encaminhados pelo CONARE ao CNIg, entendendo que os requerentes não se enquadram na condição de refugiados, por não serem perseguidos em seu país de origem. Após a concessão da autorização de permanência pelo conselho, os haitianos deverão solicitar à Polícia Federal visto de residência.</p> <p>Segundo o presidente do CNIg, Paulo Sérgio de Almeida, praticamente todos os haitianos declararam possuir alguma profissão.</p> <p>“Este fator é que faz com que muitos já estejam empregados no Brasil, mesmo com a barreira do idioma, como os que estão em Manaus, quase todos já empregados. O CNIg reforçará medidas de cooperação com o Haiti e pretende aprofundar o diálogo com o país, por meio do Ministério das Relações Exteriores (MRE), com foco no tema da imigração”, disse.</p> <p>A maioria dos imigrantes haitianos é homem, com idade entre 20 e 30 anos e grau de escolaridade correspondente ao ensino médio incompleto. Maior parte declarou o desejo de se estabelecer e trabalhar no Brasil.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://portal.mte.gov.br/imprensa/cnig-concede-autorizacao-de-permanencia-no-brasil-para-237-haitianos.htm</p> <p><i>Acesso em:</i> 25/01/12</p> | <i>Sem autor - Assessoria de imprensa do Ministério do Trabalho e Emprego - 22/06/11</i> |
| “Onda de imigração pós-terremoto traz haitianos para SP” | <p>De uma casa devastada em um terremoto - em um país miserável - para o abrigo em uma instituição de caridade na maior cidade da América do Sul. Esse tem sido o roteiro dos refugiados haitianos que já chamam São Paulo de lar.</p> <p>Para chegar ao Brasil, eles desembolsam até R\$ 5 mil e a travessia é feita por coiotes - atravessadores. O deputado federal Paulo Pimenta (PT-RS), que esteve nas fronteiras de Acre e Amazonas (principal polo de entrada), observa</p> | <i>Sem autor - O Estado de São Paulo - 26/06/11</i> |

| | | |
|--|--|---|
| | <p>que o objetivo final deles já é chegar a São Paulo, Rio ou Brasília. No Acre, o parlamentar viu um mapa do Brasil com as cidades para as quais os refugiados pretendem seguir marcadas com alfinetes - São Paulo está em destaque. "A imigração começou em escala pequena, mas está crescendo muito. Ninguém tem ideia de quantos ainda vão vir."</p> <p>Na capital paulista, os haitianos são um público que chama a atenção nos serviços assistenciais. De 2010 para cá, passaram pela Casa do Migrante, que tem 105 vagas, 52 deles. "É um número muito alto, levando-se em conta que se trata de uma só nacionalidade", diz a gerente Carla Aparecida Silva Aguillar. De acordo com a Cáritas Arquidiocesana, cerca de 70 haitianos passaram pela entidade em 2011. Mas o número pode estar subestimado, uma vez que nem todos procuram a instituição. Atualmente, 11 estão morando na Casa do Migrante e outros 14, no albergue Arsenal da Esperança.</p> <p>A tendência desses imigrantes é acabar na clandestinidade, tanto na capital paulista quanto em outras cidades do País. Isso porque não existem políticas públicas de atendimento. "É um escândalo. Não se organizou nada. E era evidente que isso iria acontecer", diz o professor Omar Ribeiro Thomaz, pesquisador da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com trabalhos realizados no país caribenho. "Eles estão indo em grande número para outros países. É espantoso que o Brasil, que quer desempenhar papel de potência regional e até mundial, não tenha capacidade de incorporar algumas centenas de indivíduos", ressalta.</p> <p>Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/geral,onda-de-imigracao-pos-terremoto-traz-haitianos-para-sp,737185,0.htm</p> <p>Acesso em: 26/01/12</p> | |
| <p>"Mulheres migram sem a família"</p> | <p>A casa das 35 mulheres haitianas, mantida pela Igreja Católica no centro de Manaus, deve receber mais uma nos próximos dois meses. Mona Charles, de 32 anos, está grávida de 7 meses da primeira menina, depois de três filhos homens. Há outras duas grávidas de meninos na casa, todas em compasso de espera de muita coisa: além dos filhos na barriga, esperam emprego, poder trazer a família para junto delas e um visto de refugiadas no Brasil. Nenhuma quer voltar ao Haiti. Pelos dados da Pastoral do Migrante em Manaus, já estão na cidade mais de mil haitianos.</p> <p>"No meu país é impossível emprego, mas aqui também está difícil, ainda mais com a barriga", lamenta Mona. Ela trabalhava como vendedora em Croix-des Bouquets e estava na loja no dia 12 de janeiro de 2010, quando sua casa foi destruída pelo terremoto. "Meus filhos estavam, como estão hoje, com minha mãe."</p> <p>A haitiana alta e de olhos expressivos chegou há quase oito meses no Brasil. Não sabia que estava grávida novamente do marido, taxista, que cuida das outras três crianças com a avó materna. Mona tem uma história comum às outras companheiras da casa montada pela Igreja para abrigar apenas mulheres que chegam sozinhas ao Amazonas. Assim, totalmente solitárias, são a maioria entre os que já entraram no Estado, como mostram os relatórios da Pastoral do Migrante no Amazonas.</p> <p>Conforme o padre Gonçalo Franco, anfitrião dos haitianos que entram por Tabatinga, até hoje ele só viu uma família completa do Haiti entrando no Brasil: pai, mãe e um filho de 7 anos. "Eles deixam todos da família para trás para ver se dá certo e só depois trazer os outros", explica.</p> <p>"Não conhecia nada do país, mas de todos por onde passei, nos dois meses da viagem, o Brasil é o mais acolhedor", diz Mona. Ela gastou US\$ 4 mil até Tabatinga, depois de sair de Porto Príncipe, passando por Equador, Colômbia e Peru.</p> <p>Toda quarta-feira, Mona e as outras mulheres da casa têm aulas de português, ministradas por uma professora paga pelo governo estadual. Recebem de empresas e pessoas solidárias roupas, mantimentos e promessas de emprego. Mona, logo que chegou a Manaus, trabalhou por dois meses como doméstica sem nada receber, dormindo em colchão na cozinha. Quando reclamou com gestos, o patrão a expulsou, dando R \$2,25 para o</p> | <p>Liege Albuquerque - O Estado de São Paulo - 26/06/11</p> |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>ônibus.</p> <p>"Muitos desistem (de empregá-las) por saberem que elas ainda não têm visto. Mas é um problema que só vai aumentar, pois o governo não vai dar vistos", lamenta a irmã Santina Perin, a coordenadora da casa das 35 mulheres. E essa é só uma das 11 instituições que a Igreja mantém como abrigo para os haitianos, que não param de chegar.</p> <p>Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,mulheres-migram-sem-a-familia,737107,0.htm Acesso em 26/01/12</p> | |
| "PF prende haitiano suspeito de aliciar compatriotas" | <p>A Polícia Federal (PF) prendeu nesta terça-feira (5) em Tabatinga, no Amazonas, o haitiano R. J., de 28 anos, suspeito de aliciar compatriotas. A investigação começou após denúncia das próprias vítimas. Segundo elas, o acusado cobrava até US\$ 2 mil para levá-las do Peru para o Brasil. O suspeito, que fala espanhol, prometia trabalho, facilidade para obter moradia em Tabatinga e transporte até a capital do Estado, Manaus. Pela alta quantia que cobrava, alguns haitianos se revoltaram e foram à delegacia da PF delatar a situação.</p> <p>Após as denúncias, foi aberto um inquérito policial para apurar os fatos, e a Justiça Federal decretou o mandado de prisão. R. J. foi encaminhado para a Unidade Prisional de Tabatinga, onde espera julgamento. A pena para esse tipo de crime é de um a três anos de reclusão e expulsão do país.</p> <p>Segundo a PF, em 2010, após o terremoto de janeiro no Haiti, cerca de 500 moradores da ilha entraram no município amazonense. Neste ano, mais de 850 haitianos adentraram no País e cerca de 400 esperam em Tabatinga para serem atendidos pela PF. Os imigrantes vêm do Haiti, passando pela República Dominicana e pelo Equador. Depois chegam ao Peru, na cidade de Santa Rosa, que faz fronteira pelo Rio Solimões com Tabatinga. Depois, a maioria dos haitianos vai para Manaus em busca de emprego, a fim de ajudar suas famílias.</p> <p>Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/geral,pf-prende-haitiano-suspeito-de-aliciar-compatriotas,741449,0.htm Acesso em: 26/01/12</p> | <p>Marcela Gonsalves - Agência Estado – O Estado de São Paulo - 06/07/11</p> |
| "Haitianos na Amazônia dão nova dimensão aos estudos sobre imigração no país, diz pesquisador" | <p>A presença de grupos de haitianos na Amazônia marca um momento raro no movimento migratório no país: é a primeira vez, depois de tantas décadas, que o Brasil registra a imigração de grandes grupos de estrangeiros vindos de regiões não limítrofes.</p> <p>Ou seja, são grupos não provenientes de países vizinhos como Peru ou Colômbia e estão, do ponto de vista cronológico, distante do histórico ingresso de estrangeiros como italianos ou portugueses.</p> <p>Essa realidade, contudo, é tão emergente, que somente agora que pesquisadores começam a se dedicar sobre este assunto.</p> <p>A análise é do professor Duval Magalhães, doutor em Demografia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Minas Gerais, que nesta terça-feira (19) ministrará palestra na Conferência sobre Migração Internacional na Amazônia.</p> <p>O evento acontece na sede da Fundação Oswaldo Cruz Amazônia (Fiocruz), na rua Teresina, 476, Adrianópolis.</p> <p>Para Magalhães, o realidade amazônica com a presença de haitianos oferece um novo aspecto às discussões sobre migração internacional.</p> <p>"O governo tem que estabelecer políticas públicas para estes grupos, sobretudo na questão dos direitos humanos. Eles estão aqui com vontade de trabalhar, de contribuir", disse Magalhães, que vai aproveitar a presença em Manaus para conhecer, pessoalmente, alguns destes grupos, junto com dois pesquisadores que já atuam na região, Pery Teixeira, da Fiocruz, e Sidney Antônio da Silva, da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Estes dois iniciaram há pouco tempo uma pesquisa sobre os haitianos em Manaus.</p> <p>Conforme os dados preliminares, a maioria destas pessoas têm nível de instrução elevado (ensino médio completo e nível superior) e, diferente de</p> | <p>Elaíze Farias - A Crítica - 18/07/2011</p> |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>outros imigrantes que chegam ao Brasil, não têm pretensões de sair do Amazonas.</p> <p>Para Duval Magalhães, a tendência no Brasil é que a imigração cresça e será cada vez mais necessária quando a população do país diminuir, devido sobretudo à queda da fecundidade.</p> <p>Retorno</p> <p>Estudos realizados por pesquisadores em demografia atestam que a fase atual é não apenas de retorno dos brasileiros ao país de origem, mas também com o ingresso cada vez maior de estrangeiros ao Brasil.</p> <p>Nos últimos quatro anos, o pedido de vistos para trabalhar no país é um indicador deste crescimento.</p> <p>Conforme Duval Magalhães, ano passado, o país concedeu 56 mil vistos. Em 2009, foram 42 mil; em 2008, 43 mil e em 2007, 17 mil.</p> <p>Somente no Amazonas, foram 1.620 pedidos de vistos registrados. “Foi o terceiro Estado brasileiro a receber mais imigrantes regulares. A maioria é feito por pessoal técnico”, observou.</p> <p>Para o demográfico, a inserção do Brasil no panorama internacional e o sucesso econômico do país frente aos outros que atualmente estão em crise profunda é um dos motivos para este aumento de estrangeiros.</p> <p>Disponível em: http://acritica.uol.com.br/amazonia/Amazonia-Amazonas-Manaus-Haitianos-Amazonia-dimensao-imigracao-pesquisador_0_519548901.html</p> <p>Acesso em: 20/01/12</p> | |
| <p>“Tráfico oferece trabalho a haitianos desesperados”</p> | <p>A revelação é do coordenador de comunicação do Serviço Jesuíta a Refugiados, Woodly Edson Louidor, em entrevista ao Instituto Humanitas, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Cada vez mais haitianos são obrigados a migrar para outros países da América Latina e do Caribe para sobreviver, disse.</p> <p>O agravamento da pobreza e as condições sócio-econômicas obrigam os haitianos a deixarem o país, de modo regular ou irregular.</p> <p>Sejam haitianos ou pessoas de qualquer outro país, refugiados precisam sobrepujar barreiras de difícil transposição, desde o comportamento xenofóbico que encontram no país de chegada até o acesso à documentação, “já que os governos aplicam políticas migratórias e de refúgio cada vez mais restritivas que tendem a negar o estatuto de refugiados aos solicitantes”, afirmou Louidor.</p> <p>Um outro problema, lembrado pelo jesuíta, é a dificuldade para reunificar a família, uma vez que vários refugiados estão separados de seus filhos e esposa ou esposo. No caso dos haitianos, disse o jesuíta, os que estão no exterior pagam redes de traficantes para trazer os familiares. E um terceiro problema para refugiados é a dificuldade de integração nos países de acolhida.</p> <p>O Serviço Jesuíta a Refugiados realiza ações junto aos haitianos, trabalhando com os desalojados nos acampamentos, com os habitantes das comunidades na fronteira com a República Dominicana, em sintonia com outras organizações, “para melhorar as condições de vida dos haitianos em seu próprio país, oferecendo-lhes, assim, uma alternativa à emigração”.</p> <p>Disponível em: http://www.alcnoticias.net/interior.php?lang=689&codigo=20118</p> <p>Acesso em: 20/01/12</p> | <p>Sem autor - Agência Latino-americana e caribenha de comunicação - 04/08/2011</p> |
| <p>“Haitianos: os novos imigrantes do Brasil. Entrevista especial com Duval Magalhães e Sidney da Silva”</p> | <p>O ingresso massivo de haitianos na Amazônia demonstra que está ocorrendo um novo fenômeno no Brasil: a ascensão da imigração internacional. Para Duval Magalhães, doutor em Demografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-Minas, a imigração atual é diferente daquela ocorrida no século XIX, quando imigrantes europeus vieram para suprimir a demanda por mão de obra na agricultura e na indústria. A imigração haitiana, explica, acontece em outro contexto internacional, e a participação do Brasil na missão de paz da ONU no Haiti pode ter favorecido a</p> | <p>Patricia Fachin e Márcia Junges - Instituto Humanitas Unisinos - 06/08/11</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>escolha dos estrangeiros.</p> <p>Na avaliação de Sidney da Silva, pesquisador da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, a razão do deslocamento "tem a ver com a situação histórica de injustiças e pobreza impostas à população haitiana durante séculos". A atual situação econômica brasileira também contribui para o ingresso de imigrantes no país. Segundo ele, o Brasil apresenta-se "no imaginário deles" como um país próspero, onde é possível crescer e ganhar dinheiro. "As notícias de crescimento econômico no Brasil animam aqueles que se encontram numa situação de falta total de perspectivas", assinala em entrevista concedida à IHU On-Line por e-mail.</p> <p>O fluxo migratório não irá se extinguir e, por esta razão, o Brasil precisa ter consciência e buscar soluções que considerem os direitos humanos dos imigrantes. "Está no momento de darmos a prova de que aprendemos a lição e mostrar ao mundo que, apesar da nossa ainda jovem democracia, temos a possibilidade de colocar os direitos humanos de todos acima da mesquinhez e falta de solidariedade, que sempre foi a marca registrada dos países desenvolvidos quando se trata da migração internacional", enfatiza Magalhães, na entrevista a seguir, concedida igualmente por e-mail.</p> <p>Duval Magalhães Fernandes é graduado em Ciências Econômicas e mestre em Economia pela Universidade Federal de Minas Gerais, onde também cursou o doutorado em Demografia. É pós-doutorado pelo Instituto Univesitario de Investigación Ortega Y Gasset. Atualmente, leciona na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e é professor visitante da Universidade Peruana Cayetano Heredia.</p> <p>Sidney Antônio da Silva é antropólogo, mestre e doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo – USP e membro da Pastoral do Migrante e do Centro de Estudos Migratórios em São Paulo.</p> <p>Confira a entrevista.</p> <p>IHU On-Line – Em quais contextos socioeconômicos haitiano e brasileiro se dá a migração de haitianos para o Brasil?</p> <p>Sidney Antônio da Silva – Se, por um lado, o contexto haitiano é catastrófico do ponto de vista socioeconômico e político, sobretudo, depois do terremoto de janeiro de 2010 – cuja situação só piorou depois com a epidemia do cólera –, por outro, o Brasil apresenta-se no imaginário deles como um país grande e próspero, onde é possível ganhar dinheiro rápido, o que nem sempre corresponde à expectativas deles. É preciso considerar também que, diante da dificuldade de emigrar para outros países, cujo controle tem aumentado, o Brasil aparece entre aqueles onde tal controle não é tão rigoroso, sobretudo, na fronteira amazônica.</p> <p>IHU On-Line – Qual é o perfil dos imigrantes haitianos que chegam à Amazônia? Por que eles estão migrando para o Brasil?</p> <p>Sidney Antônio da Silva – Em sua maioria, eles são do sexo masculino, entre 20 e 35 anos de idade. A escolaridade é de nível médio, alguns com qualificação de nível técnico e outros com curso superior completo e incompleto.</p> <p>A razão da sua emigração tem a ver com a situação histórica de injustiças e pobreza impostas à população haitiana durante séculos. O terremoto de janeiro de 2010 agravou ainda mais a situação caótica já existente no país. Com a presença das forças de segurança brasileiras naquele país, a relação entre o Haiti e o Brasil se estreitou, abrindo, assim, uma possibilidade de ajuda àquele país.</p> <p>Em geral, a imagem que se veicula pelas redes sociais é a de que, em primeiro lugar, é fácil entrar no país, sobretudo pela fronteira norte (Tabatinga-AM), onde inicialmente eles pleiteavam um visto de refugiado, porém, o governo brasileiro passou a lhes oferecer um de cunho humanitário, já que o primeiro lhes daria mais direitos. Esta via tornou-se a principal porque a entrada via aeroporto seria mais cara e mais controlada, já que o</p> | |
|--|---|--|

Brasil passou a exigir visto de entrada no país. Por aquela via (fronteira com o Peru), a rota é menos complicada, já que aquele país não exige visto de entrada em seu território. Por outro lado, as notícias de crescimento econômico no Brasil animam aqueles que se encontram numa situação de falta total de perspectivas. Ao chegarem ao Brasil, eles recebem um visto humanitário que lhes dá o direito de tirar o CPF e a Carteira de Trabalho e também de terem acesso aos serviços de saúde pública. Porém, o grande problema da moradia e da alimentação no momento da chegada fica por conta da Igreja Católica, através da Pastoral do Migrante, a qual tem prestado um importante serviço de acolhida aos haitianos.

IHU On-Line – Que atividade essas pessoas vão desempenhar no Brasil? Qual é a perspectiva deles em relação à vivência no país?

Sidney Antônio da Silva – A inserção no mercado de trabalho é complicada, porque em geral eles não têm a qualificação exigida e os empregos disponíveis são aqueles relacionados à construção civil, serviços gerais no comércio, emprego doméstico, etc. Isto frustra a perspectiva inicial de conseguir um bom emprego e ganhar muito dinheiro para enviar às suas famílias que lá ficaram. Além da qualificação, a grande dificuldade para a inserção deles no mercado de trabalho é a barreira linguística, visto que todos falam o creole e a maioria o francês.

IHU On-Line – O senhor afirmou recentemente que a imigração tende a crescer e ser necessária no país porque a população brasileira irá diminuir nos próximos anos em função da queda da fecundidade. Como se dará esse processo migratório?

Duval Magalhães – Segundo dados das projeções do IBGE, espera-se que o Brasil entre em um processo de redução do número de habitantes em 2040. Em 2050 projeta-se uma população total para o país de igual valor à que será observada em 2029, caso as atuais tendências de queda da fecundidade e redução da mortalidade se mantenham. Este fato, semelhante ao ocorrido em vários países da Europa, indica que para, no futuro, se manter a oferta de mão de obra será necessário contar com os imigrantes.

Ao final de 2010, o empresário Eike Batista, em entrevista ao Programa 60 minutos da rede CBS, informava que está contratando trabalhadores americanos para as suas empresas frente à escassez de mão de obra especializada em algumas áreas no Brasil. Mais recentemente, o presidente da Petrobrás, falando aos secretários estaduais da Fazenda, levantou as necessidades da Petrobrás na contratação de mão de obra e que a empresa vem sistematicamente recorrendo à contratação de especialistas estrangeiros, pois não há disponibilidade no mercado nacional.

Em resumo, a necessidade de "importação" de mão de obra já faz parte da preocupação de alguns empresários. No futuro, poderá ser uma demanda de vários setores, como aconteceu nos países do primeiro mundo.

IHU On-Line – A Amazonas foi um dos estados brasileiros a receber maior número de imigrantes regulares. Por que os imigrantes preferem esse estado?

Duval Magalhães – Em 2010, segundo dados do Ministério do Trabalho, 56021 estrangeiros receberam visto para trabalhar no Brasil. São Paulo e Rio de Janeiro são os estados que mais receberam estes estrangeiros 25.550 e 22.371, respectivamente. O estado do Amazonas ficou em quarto lugar com 1.164 solicitações de visto. No entanto, considerando a população do estado e a relação imigrantes/população, o Amazonas fica em segundo lugar, antes de Minas Gerais, o terceiro estado mais procurado.

A maioria dos vistos é concedido aos estrangeiros que buscam o Amazonas. Tal fato pode ser explicado pela concentração de empresas estrangeiras na zona franca de Manaus, importante pólo industrial da Região.

IHU On-Line – Qual é o significado da migração haitiana para a Amazônia? O que diferencia a migração de haitianos de migrações que ocorreram anteriormente?

Duval Magalhães – A chegada dos haitianos no Brasil de um modo geral é a demonstração clara de que o país iniciou a sua inserção no sistema das migrações internacionais, não só como país de emigração, mas também como de imigração. Mesmo que o volume desta imigração não possa ser considerado como uma ponta de um sistema consolidado, o fato não deixa de ser importante, pois permite à sociedade refletir sobre uma nova situação (a imigração internacional), buscando-se soluções e, o mais importante, buscando-se desenhar uma política pública.

No caso específico de Manaus, o impacto da chegada destes imigrantes, quer seja no mercado de trabalho, quer na economia da cidade, é reduzido porque pois alguns não permanecem na cidade, e os que ali ficam conseguem ocupar postos de trabalho que estão em oferta e não preenchidos pelos trabalhadores locais.

Em se tratando de diferenciar a migração que ocorre hoje daquela do passado, o primeiro e talvez mais importante ponto é que quase um século separa estes dois momentos. No passado, a migração, em alguns casos, foi dirigida para suprir a demanda por mão de obra na agricultura cafeeira e, posteriormente, na indústria. Esta situação se inseria num processo mais amplo que levou a grandes fluxos migratório da Europa para as Américas, principalmente os USA.

No caso específico dos haitianos, o quadro da economia mundial é outro, assim como o é o papel desempenhado pelo Brasil na esfera da política internacional, uma vez que, juntamente com outros poucos países, é considerado um dos emergentes. Talvez um aspecto marcante que diferencia a situação da imigração, hoje, daquela observada no passado, seja a participação do Brasil na missão de paz da ONU no Haiti, o que pode ter contribuído para estreitar contatos, ampliar a curiosidade e desejo de conhecer o nosso país. Assim, pode-se dizer que a situação que experimentamos na atualidade, na migração internacional, nada tem a ver com o passado e nos coloca desafios na busca de novas soluções.

Em relação à escolha do Brasil pelos estrangeiros, é importante considerar que uma vez que o país faz coro com aqueles considerados emergentes, com situação econômica privilegiada em relação aos países centrais e, muito importante, como uma economia aberta, nada mais natural que a curiosidade, o desejo de investir no país e participar da situação econômica privilegiada leve as empresas e pessoas a buscarem o Brasil.

Ao lado deste aspecto e como bem lembrou o ex-presidente Lula, em discurso na III Conferência Brasileiros pelo Mundo, enquanto os imigrantes são considerados, em vários países, como a parcela "descartável" da população no momento de qualquer dificuldade econômica e social, durante a crise o Brasil promoveu a anistia, assinou o tratado de livre trânsito do Mercosul, dando exemplo de tolerância e fraternidade para com os estrangeiros que viviam no país

Sidney Antônio da Silva – Para a Amazônia é um fato novo, já que se trata da presença de imigrantes fora do continente americano. A imigração tradicionalmente conhecida é aquela do século XIX, que se deu no contexto do boom da borracha e que, depois da crise das exportações deste produto, os mais abastados migraram para outras regiões do país, ou seguiram para outros países, como é o caso dos Estados Unidos. Já a emigração oriunda dos países limítrofes, como do Peru, da Colômbia, da Venezuela, da Bolívia entre outros, é um fenômeno mais recente, ou seja, começa a se intensificar na segunda metade do século XX. É a primeira vez que a Amazônia, depois de muitas décadas, recebe imigrantes de fora do continente nesta condição e com tanta intensidade. Já são mais de mil só em Manaus. No Brasil, já se fala em mais dois mil. Porém, os números mudam todos os dias. A questão que se coloca é: Manaus terá condição de absorver tantos imigrantes, caso eles

| | | |
|--|--|--|
| | <p>continuem chegando aos milhares?</p> <p>IHU On-Line – Como é possível entender e compreender o fenômeno da imigração no século XXI, em plena era da globalização?</p> <p>Duval Magalhães – Apesar dos números não serem muito eloquentes, estima-se que o total dos imigrantes no mundo seja de 200 milhões, aproximadamente 3,5% da população mundial. Considerando o fato de que este contingente é, usualmente, composto por pessoas jovens e em idade produtiva, que, na maioria dos casos, as questões econômicas estão no centro da tomada de decisão em relação à saída do país de origem e que no, mundo globalizado, há livre circulação de mercadorias e investimentos, devemos esperar que as trocas migratórias venham a se ampliar.</p> <p>Ao mesmo tempo, novas situações como a circularidade dos imigrantes que passam a viver em dois países simultaneamente e mesmo a possibilidade de novos arranjos no mercado de trabalho, onde as empresas estimulam as diversas vivências dos seus trabalhadores, não há dúvidas que o quadro migratório do século XXI será diverso do até hoje observado.</p> <p>Ao lado destas perspectivas ligadas ao mundo do trabalho, há de se considerar as mudanças climáticas e catástrofes naturais, como o caso do terremoto do Haiti, criando situações que merecem a atenção da comunidade internacional. Se aqueles que fogem das consequências destes eventos, que em alguns casos são fruto de agressões ao meio ambiente, não têm o status de refugiados, urge discutir a modernização do instrumento do refúgio para que estas pessoas possam ter alguma esperança.</p> <p>Sidney Antônio da Silva – Para a antropologia, o fenômeno da migração, tão antigo quanto contemporâneo, deve ser visto e analisado como um "fato social total", pois ele movimenta tanta a sociedade de origem quanto a de chegada, ou seja, põe em movimento relações sociais, econômicas, culturais, políticas, religiosas, etc. Nessa perspectiva, a migração é um fenômeno social positivo, pois os migrantes vêm acrescentar novas experiências e valores.</p> <p>Porém, para as análises economicistas, os migrantes são vistos apenas como força de trabalho barata, a qual deve ser descartada quando sua presença não for mais necessária para a economia local. É o que se vê em geral na Europa, EUA e Japão, países afetados pela crise capitalista. Desse ponto de vista, eles não são vistos como cidadãos, mas apenas como números.</p> <p>IHU On-Line – O senhor percebe, no processo migratório, imigrantes que são bem-vindos e imigrantes indesejados nos países? Por que essa diferenciação acontece?</p> <p>Duval Magalhães – Diversas são as questões que levam a uma boa ou má receptividade ao imigrante. Algumas etnias carregam um certo repúdio internacional, como, por exemplo, os ciganos. Outros são bem-vindos, dependendo do momento.</p> <p>Na época da euforia econômica da Europa não havia tanto controle. Precisava-se da mão de obra. No caso da Espanha, foram os imigrantes que permitiram à população daquele país atingir 45 milhões de habitantes, sentimento de orgulho para os espanhóis. Sem os imigrantes, o país teria chegado em 2010, com muita dificuldade, a 40 milhões de habitantes e não cresceria nem a metade do crescimento observado na primeira década do século XXI.</p> <p>Hoje, a Espanha faz de tudo para dificultar a entrada de imigrantes, principalmente dos brasileiros. O traço xenofóbico é talvez característico do ser humano, pelo menos nas sociedades capitalistas, e em momentos de crise surge como uma espada a ser levantada, para esconder os verdadeiros culpados pela crise ou problemas sociais.</p> <p>Sidney Antônio da Silva – Esta questão tem a ver com a que explicitiei anteriormente. Quando a economia dos países está em ritmo de crescimento, os migrantes, ou melhor, sua força de trabalho, é bem vinda. Quando a</p> | |
|--|--|--|

| | | |
|--|--|--|
| | <p>economia vai mal, eles passam a ser responsabilizados pela crise, o que não é verdade. Há que se levar em conta também a questão de gênero, já que em alguns países as mulheres são bem vindas, uma vez que elas realizam trabalhos que, em geral, os homens não assumem, como o cuidado de crianças, idosos, limpeza da casa, etc. Outra atividade muito requisitada é a relacionada ao mercado do sexo, criando redes internacionais para o tráfico humano.</p> <p>IHU On-Line – Quais são as maiores dificuldades que os haitianos encontram ao migrar para o Brasil?</p> <p>Duval Magalhães – No caso dos haitianos no Brasil, várias são as situações por eles enfrentadas. No primeiro momento, após uma longa jornada que passa por vários países da América Latina e que termina na fronteira com Peru, eles têm de enfrentar a burocracia estatal para poder entrar no Brasil e obter uma documentação provisória. A falta de apoio local, o pouco ou nenhum conhecimento do nosso idioma são os primeiros grandes problemas. Os que chegam por Tabatinga, após obtenção do protocolo da solicitação do pedido de refúgio, dirigem-se a Manaus e aí novos problemas os esperam.</p> <p>Com auxílio da Igreja, ficam alojados provisoriamente em casas paroquiais e partem em busca da documentação provisória (Carteira de Trabalho e CPF). Neste momento, o auxílio da comunidade (alimentação e roupas) está sempre presente. Encontrar um trabalho é outro problema, pois além da barreira do idioma, a qualificação obtida no Haiti não é reconhecida no Brasil, assim encontram-se diplomados ou universitários trabalhando em linhas de montagem ou construção civil.</p> <p>Sidney Antônio da Silva – A grande dificuldade é o custo da viagem já que ela custa em média cerca de 4 mil reais. Isto significa que esta emigração é um projeto familiar, em que a família investe num dos seus membros para depois receber as remessas que este deverá enviar para os que lá ficaram. O que acontece em geral, é que os que partiram mandam buscar o restante da família, acontecendo desta forma a chamada reunificação familiar. No momento da chegada a grande dificuldade é o idioma, já que não falam o português. Outra grande dificuldade é a moradia, questão que tem sido resolvida temporariamente pelas Igrejas locais, onde salões paroquiais se transformam em grandes dormitórios. Na medida em que vão conseguindo empregos, eles alugam casas, que são ocupadas por várias pessoas, visando minorar os custos.</p> <p>IHU On-Line – Como os haitianos estão se relacionando com os povos tradicionais da Amazônia?</p> <p>Sidney Antônio da Silva – Se, por um lado, a questão humanitária tem mobilizado a população manauara para ajudá-los, por outro, tal presença chama a atenção, em primeiro lugar, por serem negros e por falarem outro idioma e, em segundo, por estarem competindo com os trabalhadores locais pelas vagas disponíveis no mercado de trabalho. Na verdade, esta percepção do senso comum não é nenhuma novidade nos contextos migratórios, já que o estrangeiro é visto, em geral, como um possível "invasor" e que viria alterar a ordem estabelecida.</p> <p>IHU On-Line – Existe alguma política pública de assistência a esses imigrantes? Como os governos locais e federais têm atuado em relação aos haitianos?</p> <p>Duval Magalhães – Apesar da mobilização de alguns setores do governo, os relatos são de que a assistência é limitada, mas ainda possível. Por exemplo, os colchonetes utilizados pelos imigrantes são fornecidos pela Secretaria de Ação Social, os cursos gratuitos de português e de informática são oferecidos por entidades governamentais em espaço da arquidiocese de Manaus. A Igreja, principalmente os scalabrinianos, tem um papel fundamental em todo o processo.</p> | |
|--|--|--|

| | | |
|---|--|---|
| | <p>No entanto, não há uma política explícita tratando deste fluxo migratório. Ao que parece, as autoridades, em todos os níveis, ainda não se deram conta de que se trata de um processo que não irá se extinguir, mas que tem toda probabilidade de continuar e ser ampliado. Por esta razão, urge uma tomada de consciência desta realidade e uma atuação de forma clara e séria na busca de soluções que deverão considerar, em primeiro lugar, os direitos humanos dos imigrantes e criar mecanismos para garantir que este fluxo se dê de forma segura, legal e sem expor os haitianos, que já enfrentam tantos problemas no país de origem, a situações de perigo e vulnerabilidade nas mãos de traficantes (coyotes), que não têm outro objetivo que o lucro fácil e a exploração das dificuldades alheias. Se quisermos o Brasil como uma nação que seja ouvida e respeitada no cenário internacional, teremos de buscar políticas para tratar este problema e não fingir de que não estamos vendo que o Rio Grande, da fronteira do México com os EUA, está agora na fronteira do Brasil com o Peru.</p> <p>Muitos de nossos compatriotas sofreram e até vieram a falecer tentando chegar a outros países. Está no momento de darmos a prova de que aprendemos a lição e mostrar ao mundo que, apesar da nossa ainda jovem democracia, temos a possibilidade de colocar os direitos humanos de todos acima da mesquinhez e da falta de solidariedade, que sempre foi a marca registrada dos países desenvolvidos quando se trata da migração internacional.</p> <p>Sidney Antônio da Silva – Até o momento não há uma política governamental voltada para estes imigrantes, resumindo-se na concessão do visto humanitário. Do ponto de vista local, constata-se a ajuda de órgãos governamentais como a Secretaria Estadual de Assistência Social e Cidadania – SEAS, através da doação de colchões, da Secretaria Estadual de Educação, com o ensino do português, do Centro de Educação Tecnológica do Amazonas Cetam, com cursos profissionalizantes, etc. Contudo, vale ressaltar que, sem a ajuda da Igreja Católica, a qual tem se mobilizado para atender às necessidades mais urgentes, a situação deles poderia ser muito parecida àquela do país de origem.</p> <p>IHU On-Line – Como o senhor vê a questão das populações estigmatizadas na própria Amazônia?</p> <p>Sidney Antônio da Silva – Creio que o preconceito histórico em relação aos indígenas e caboclos é um fenômeno social que está mudando, na medida em que eles se engajam na luta pela sua visibilidade e por direitos. Nesse contexto, os haitianos correm o risco de enfrentarem os mesmos preconceitos por parte dos grupos dominantes locais que se consideram brancos, já que, segundo o IBGE, são uma minoria, apenas 16%. Nessa perspectiva, seria um grupo social a mais na mesma situação daqueles, porém, com um agravante: eles são negros.</p> <p>IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?</p> <p>Sidney Antônio da Silva – Acredito que, para além dos possíveis estranhamentos que a presença haitiana enseja, eles nos ajudam a pensar a questão da diferença cultural, num Brasil formado por diferentes matrizes culturais, a saber, a lusitana, a indígena e a africana. Nesse sentido, só o tempo dirá qual será o lugar que lhes atribuiremos num país onde a preocupação com a cor da pele é tão importante, e a cordialidade uma "tradição nacional".</p> <p>Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/45912-haitianos-os-novos-imigrantes-do-brasil-entrevista-especial-com-duval-magalhaes-e-sidney-da-silva</p> <p>Acesso em: 20/01/2012</p> | |
| <p>“Aumento de imigrantes haitianos que</p> | <p>Nesta quarta-feira, 16, o secretário de Estado de Justiça e Direitos Humanos, Nilson Mourão, visitou Brasileia para verificar a situação em que se encontram os haitianos. Na ocasião, o secretário se reuniu com os prefeitos</p> | <p>Annie Manuela - Agência Notícias do Acre -</p> |

| | | |
|---|--|---|
| <p>chegam ao Acre preocupa autoridades”</p> | <p>de Brasileia e Eitaciolândia, Leila Galvão e José Ronaldo, para analisar a situação dos municípios e propor alternativas para auxiliar o atendimento aos estrangeiros.</p> <p>A principal rota utilizada pelos haitianos para chegar ao Brasil se inicia na República Dominicana, passando pelo Panamá, Equador, Peru e Bolívia, com viagem de avião no primeiro trecho, depois de ônibus por cerca de cinco dias. Além disso, andam na mata do Peru para a Bolívia por mais de 110 quilômetros.</p> <p>“É preciso propor um acordo internacional com todos os países que servem de rota para entrada de imigrantes no país, ações humanitárias devem ser realizadas em conjunto. O Estado do Acre não possui recursos suficientes para continuar realizando essas ações sozinho”, ressaltou o secretário Nilson Mourão.</p> <p>Ao final da visita, foi realizado um relatório que será apresentado ao governador Tião Viana, que decidirá juntamente com o governo federal sobre a melhor solução. Desde dezembro de 2010 o Acre passou a ser uma das principais portas de entrada dos imigrantes haitianos no Brasil, através das cidades acreanas que fazem fronteira com o Peru e a Bolívia. Fugindo da calamidade que assolou o Haiti após o terremoto de 2010, os haitianos buscam no Brasil oportunidades de trabalho para reconstruir suas vidas e de suas famílias.</p> <p>O governo do Estado, através da Sejudh, está estendendo suas ações de promoção da Justiça e Direitos Humanos, recebendo os haitianos, oferecendo abrigo, alimentação, vacinas e toda documentação necessária para se legalizar no Brasil.</p> <p>Mais de mil haitianos já passaram pelo Estado - chegando pelo município de Assis Brasil, na fronteira com o Peru, depois, dirigem-se para Brasileia, onde ficam hospedados em um hotel alugado pelo governo especialmente para receber os imigrantes e prestar-lhes ajuda humanitária. Atualmente há mais 400 haitianos, entre eles mulheres e crianças. O que anteriormente era raro, agora é possível perceber que famílias inteiras estão chegando ao Estado.</p> <p>Desde fevereiro de 2010, o governo do Estado, através da Sejudh, tem dado assistência aos haitianos - já foram distribuídos vários colchões, todos os dias recebem refeições e as prefeituras de Eitaciolândia e Brasileia estão colaborando na área da saúde com a realização de vacinas e exames.</p> <p>A Polícia Federal é responsável pela documentação dos haitianos. Para entrar no Brasil é necessário, antes de tudo, investigar a situação do imigrante com a Justiça de seu país. Para isso, é realizada uma pesquisa minuciosa juntamente com a Interpol. Os dados são enviados por Brasília. Após a verificação positiva do imigrante, a Sejudh faz um cadastro com todas as informações profissionais dos haitianos, buscando empregos em todo o país.</p> <p>Conforme a lei 9474/97, pessoas que foram vítimas de catástrofes naturais não são consideradas refugiadas, somente quem sofre perseguição por motivo de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas que impeçam o indivíduo de exercer direitos básicos em seu país.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.agencia.ac.gov.br/index.php/noticias/governo/17462-aumento-de-imigrantes-haitianos-que-chegam-ao-acre-preocupa-autoridades.html <i>Acesso em: 27/01/12</i></p> | <p>17/11/11</p> |
| <p>“Na fuga da tragédia, a porta para os haitianos”</p> | <p>Além de transformar o País em sonho de empregos para europeus e asiáticos, que chegam ao Brasil com o status de imigrante, a recuperação da economia nacional atrai também vítimas de tragédias. É o caso dos cidadãos do Haiti, país caribenho devastado em janeiro de 2010 por um terremoto. O volume de haitianos que migram à procura de ajuda humanitária é crescente nos últimos meses. Eles estão em uma categoria especial de migração, a dos refugiados. Embora não estejam enquadrados nas premissas básicas dos</p> | <p>Pablo Pereira - O Estado de São Paulo - 20/11/2011</p> |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>refugiados - a da ameaça política, que justifica o pedido legal de refúgio -, os haitianos recebem atenção diferenciada e autorização para trabalhar.</p> <p>A principal porta de entrada dessa população, que até o primeiro semestre era principalmente de homens jovens, tem sido a fronteira amazônica de Tabatinga, divisa com Peru e Colômbia. E agora estão chegando com mulheres e filhos. De acordo com o secretário nacional de Justiça, Paulo Abrão, a questão dos haitianos é extraordinária.</p> <p>"O Conselho Nacional já tomou uma deliberação e nós já regularizamos mais de 500 haitianos", explica o secretário. Segundo ele, "a demanda é alta e a capacidade operativa do Estado brasileiro nem sempre está preparada" para o atendimento. "Mas a atitude tomada nos primeiros 500 casos mostra qual tem sido a diretriz. O Brasil tem responsabilidades com a situação do Haiti."</p> <p>Os haitianos chegam a Manaus duas vezes por semana, em grupos de 20 a 30 pessoas, embarcados em Tabatinga. Do porto, vão direto para a Paróquia São Geraldo, no centro da capital, em busca de ajuda para sobreviver na nova pátria. Nos últimos dias, o fluxo de pedidos de permanência aumentou e o perfil dos viajantes mudou. Os padres já têm mais de 2.500 cadastrados que buscam auxílio de moradia e alimentação e passaram a receber mulheres e crianças.</p> <p>"Já registramos 480 grupos de 4 ou 5 pessoas", afirma o padre Valdecir Molinari, um dos religiosos que lidam todos os dias com uma diáspora que só cresce nos últimos meses. "A situação está muito difícil", afirmou o religioso, pelo telefone, na quinta-feira, lembrando que as levadas de haitianos chegam duas vezes por semana, terças-feiras e sábados, nos barcos que partem de Tabatinga.</p> <p>Desamparo. "O Haiti é um país bem pobre, e lidei com muita tristeza nos anos que trabalhei lá, mas os que estão aqui estão numa condição bem pior dos que aqueles encontrados lá: estão acuada e deprimidos, tendo de pedir abrigo", conta a religiosa Santana Perin.</p> <p>A maior parte dos imigrantes chega pelo Peru. Eles alugam casas em Tabatinga, onde permanecem à espera da documentação provisória, válida por 90 dias, concedida pelo governo brasileiro, em processos administrados pelo Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), do Ministério da Justiça.</p> <p>Precisando de ajuda diária para sobreviver, os haitianos procuram a Igreja. "Distribuímos aqui 160 kg de feijão, 160 kg de açúcar, 600 kg de arroz, 300 kg de macarrão e 160 latas de óleo", explica o padre Valdecir. Segundo a religiosa Arceolídia de Souza, que trabalha com essa comunidade de migrantes, 90% deles são homens na faixa de 24 a 28 anos.</p> <p>O fluxo em busca de auxílio brasileiro se intensificou no segundo semestre do ano passado, mas agora, um ano depois, é praticamente constante. A média de entrada, no mês de outubro, foi de 9 haitianos por dia. Em setembro eram 7,5 por dia e em agosto, 6,8.</p> <p>O número de atendimentos no posto brasileiro de fronteira em 2010 foi de 456 haitianos. A procura pelo menos quadruplicou em 2011. Até o dia 11, 1.605 pessoas pediram documentos e há uma lista de 685 à espera de atendimento na fronteira.</p> <p>Disponível em: http://m.estadao.com.br/noticias/impreso,na-fuga-da-tragedia-a-porta-para-os-haitianos,800549.htm</p> <p>Acesso em: 20/01/12</p> | |
| <p>"Crise humanitária se instala na fronteira do Acre com a Bolívia"</p> | <p>Unflor completou dois anos de idade na semana passada, ganhou uma festa com bolo e presentes, mas ninguém sabe onde e em que condições ela vai viver seus próximos dias.</p> <p>Unflor é uma das quinze crianças que vivem ao redor da praça central de Brasília (AC), na fronteira do Brasil com a Bolívia, entre os mais de 700 refugiados haitianos.</p> <p>Unflor é uma das protagonistas de um drama que tem tudo para se transformar rapidamente em uma crise humanitária internacional.</p> <p>Unflor na verdade pode ser chamada de Enfleur ou Emflor, de acordo</p> | <p>Luciano Martins Costa e Altino Machado - Blog da Amazônia - Terra Magazine -12/12/11</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>com o sotaque do interlocutor.</p> <p>Conforme observa Damião Borges, funcionário da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do governo do Acre e principal responsável pela rede de apoio que se criou por iniciativa de moradores de Brasília, os haitianos são pessoas adaptáveis, extremamente resistentes, curiosas e dedicadas ao trabalho, mas têm alguma dificuldade com a disciplina.</p> <p>As condições de vida do grupo melhoraram depois que foram transferidos de uma alojamento provisório no ginásio de esportes do município de Epiaciolândia (AC) para o Hotel Brasília e algumas casas ao redor da praça, mas a chegada constante de novos refugiados ameaça levar a cidade ao colapso. Ainda assim, dormem apertados em um espaço previsto para não mais do que 200 hóspedes.</p> <p>No começo, há pouco mais de um ano, era um pequeno grupo de trabalhadores, entre eles alguns bastante qualificados, como Leonel Joseph, que aos 34 anos fala fluentemente cinco idiomas e conseguiu colocação como professor de espanhol e inglês em Rio Branco.</p> <p>Ele atua como intérprete do grupo e viaja constantemente a Brasília para conduzir um curso de português para os que chegaram depois. As primeiras colocações estimularam parentes e amigos a também enfrentar a longa e penosa viagem do Haiti, via República Dominicana, Panamá, Equador, Peru e Bolívia.</p> <p>A maioria deixou suas famílias endividadas com o financiamento da viagem, na esperança de procurar trabalho e renda no caminho, mas foi apenas no Brasil que encontraram alguma solidariedade.</p> <p>Os haitianos relatam que foram seguidamente maltratados e extorquidos por policiais e autoridades aduaneiras em sua travessia pela Bolívia.</p> <p>Segundo um dos porta-vozes do grupo, Wilson Bastien, pintor que tem conseguido trabalho para si e para alguns ajudantes, houve tentativas de estupro e praticamente todas as mulheres têm sido molestadas e submetidas a constrangimento nos postos policiais da Bolívia, com maior frequência na localidade chamada Soberania, junto à fronteira com o Peru.</p> <p>Os haitianos evitam atravessar a ponte sobre o Rio Acre, que liga Brasília a Cobija, capital do departamento boliviano de Pando.</p> <p>Eles avisam os que estão a caminho para que escondam o dinheiro e objetos de valor. Os policiais bolivianos chegam a se apossar do dinheiro e das melhores roupas e sapatos que os haitianos carregam basicamente como bagagem.</p> <p>A presença de mulheres e crianças muito pequenas agrava o quadro. Apenas a solidariedade dos moradores de Brasília tem evitado uma tragédia.</p> <p>Hospedagem e alimentação têm sido asseguradas pelo governo do Acre, mas o Itamaraty ainda não tomou medidas efetivas para organizar a recepção e um esquema de proteção.</p> <p>Os líderes da comunidade haitiana que se formou no Acre dizem que eles querem apenas a oportunidade de trabalhar, para enviar dinheiro a suas famílias, uma vez que as condições de vida no Haiti apenas pioraram desde o terremoto de janeiro de 2010.</p> <p>A ajuda humanitária organizada pela ONU é desviada pela elite política e militar, as prometidas obras de reconstrução não começaram até agora e o país continua tão desorganizado como nos primeiros meses após a tragédia.</p> <p>Enquanto isso, eles passam o tempo conversando na praça, jogando intermináveis partidas de futebol ou estudando. É o caso de Mathurin Thilidou, que estuda simultaneamente português, francês, espanhol, italiano e alemão num conjunto de apostilas surradas que leva consigo para todo lado.</p> <p>Os poucos que ainda possuem algum dinheiro se comunicam com suas famílias pelo celular, e a maioria utiliza e-mail, na lan house de Alexandre Lima, criador do site noticioso www.oaltoacre.com.br, um dos apoiadores do grupo.</p> <p>No sábado (10), quando os capoeiristas da escola Cordão de Ouro se</p> | |
|--|---|--|

| | | |
|--|---|--|
| | <p>apresentavam na praça, chegavam mais 61 haitianos e no domingo (11), com um novo contingente, o número de refugiados subiu para 724, entre os quais quase 20 crianças como Unflor.</p> <p>Vitória, a mais nova, nasceu em Brasília na semana passada e outras quinze mulheres esperam bebês para as próximas semanas e meses.</p> <p>Algumas estão sendo atendidas com alimentação e cuidados apropriados na creche local, mas a capacidade de acolhimento da cidade está próxima do esgotamento.</p> <p>A chamada grande imprensa compareceu a Eptaciolândia nos primeiros dias em que os primeiros grupos foram alojados no ginásio de esportes, mas a curiosidade jornalística foi se esvaindo conforme a situação se agravava.</p> <p>A possibilidade de um colapso, com a eclosão de uma crise humanitária de graves proporções, aumenta a cada dia.</p> <p>Uma ação da Organização dos Estados Americanos, sempre bem relacionada com a Sociedade Interamericana de Imprensa, poderia inibir o tratamento criminoso que os migrantes recebem de autoridades corruptas na Bolívia.</p> <p>Uma reportagem numa revista de circulação nacional poderia sensibilizar os organismos multilaterais para aliviar o sofrimento dos refugiados.</p> <p>Enfim, uma ponte humanitária poderia fazer o encontro entre essa oferta de mão de obra e a demanda de construtoras em algumas cidades brasileiras.</p> <p>Tudo que os haitianos querem é uma oportunidade de trabalho.</p> <p>Na pequena cidade peruana de Ibéria, o padre René Salazar organiza uma reunião de ativistas de direitos humanos da Região MAP - de Madre de Dios (Peru), Acre (Brasil) e Pando (Bolívia).</p> <p>A pauta: ações proativas possíveis em relação à diáspora haitiana, ações imediatas em relação às violações dos direitos humanos dos haitianos na sua migração via Região MAP e tentar estabelecer uma rede de comunicação rápida para agilizar ações humanitárias.</p> <p>Brasília ignora situação</p> <p>Faz duas semanas que o governador do Acre, Tião Viana (PT), se reuniu com o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, para anunciar que a ajuda estadual aos refugiados haitianos será encerrada no dia 30 de dezembro. O ministro prometeu articular uma reunião interministerial, mas até agora nada aconteceu a partir de Brasília.</p> <p>- Como o Acre não tem condição de custear sozinho as despesas da ajuda humanitária aos refugiados haitianos, o governador Tião Viana reafirmou hoje (domingo) a disposição de suspender a assistência no final deste mês - disse o senador Anibal Diniz (PT-AC).</p> <p>Desde o começo do ano, o governo do Acre implora apoio do governo federal para atender aos haitianos. O ministério da Justiça sequer cumpriu a promessa de enviar uma comitiva ao Acre para tomar ciência do problema.</p> <p>O governo estadual está arcando com R\$ 1 milhão em socorro aos haitianos. Tião Viana disse ao ministro da Justiça que o assunto não é exclusivo do Acre. Ele quer que a fronteira do Acre com a Bolívia seja reconhecida como área de crise humanitária.</p> <p>Na avaliação do Ministério Público Federal (MPF) no Acre, o governo brasileiro viola tratados internacionais ao barrar e dificultar a permanência de haitianos que pedem refúgio no País.</p> <p>Os haitianos percorrem estradas ilegais, usam rotas de narcotraficantes, cruzam regiões de mata fechada a pé, correm risco de morte e pagam pela ação de coites.</p> <p>Em junho, o procurador regional dos Direitos do Cidadão Ricardo Gralha Massia enviou recomendação ao Ministério da Justiça para que sejam alterados os procedimentos da Polícia Federal e do Comitê Nacional de Refugiados (Conare) relativos à entrada de haitianos no Brasil e de concessão de autorização para permanência.</p> <p><i>Disponível em:</i></p> | |
|--|---|--|

| | | |
|--|---|---|
| | http://blogdaamazonia.blog.terra.com.br/2011/12/12/crise-humanitaria-se-instala-na-fronteira-do-acre-com-a-bolivia/ Acesso em: 11/01/12 | |
| “Ativistas de Direitos Humanos pedem investigação de violações contra haitianos” | <p>Os ativistas de direitos humanos da Região MAP -de Madre de Dios (Peru), Acre (Brasil) e Pando (Bolívia)- divulgaram nesta terça-feira (20) um documento contendo recomendações aos governos sobre a situação dos haitianos que se encontram refugiados na tríplice fronteira.</p> <p>O documento pede que os órgãos oficiais do governo federal brasileiro e do governo do Acre registrem os depoimentos das violações de direitos humanos sofridas pelos haitianos no seu percurso do Haiti até o Acre e compartilhem as informações com organizações de defesa de direitos humanos em Pando e Madre de Dios.</p> <p>Os ativistas esperam que o Brasil exija do Peru e da Bolívia comprometimento com a investigação, penalização aos autores de delitos e com a prevenção de futuras violações.</p> <p>Como existem grupos de haitianos que não pretendem permanecer no Brasil, o movimento de defesa dos direitos humanos sugere que o governo brasileiro selecione essas pessoas e lhes ofereça atendimento prioritário para o fornecimento de vistos de entrada para que possam continuar seus trajetos até o destino final, geralmente as Guianas.</p> <p>Alertam os governos do Peru, Bolívia e Brasil para que evitem novas crises humanitárias com o fechamento das fronteiras.</p> <p>Os ativistas de direitos humanos da Região MAP pedem que os três países cobrem da Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti (MINUSTAH) que a ajuda humanitária que vem sendo enviada para o Haiti seja de fato empregada na sua reconstrução.</p> <p>- A ajuda humanitária que tem sido enviada para a reconstrução do Haiti necessita ser empregada de maneira transparente e efetivamente destinada a seu fim, que é a reconstrução do país e melhoria das condições de vida de sua população, buscando evitar futuras crises humanitárias - assinala.</p> <p>O documento também recomenda que as autoridades dos três países identifiquem as demandas de mão de obra de empresas e indústrias de seus países e forneçam vistos temporários de trabalho para os haitianos que desejam permanecer e trabalhar nos países, enquanto as empresas garantirem seus empregos.</p> <p>Os ativistas de direitos humanos da Região MAP, que estiveram reunidos em Iñapari, no Peru, anunciaram que o tema de direitos fundamentais dos indígenas em isolamento voluntário seja tratado na próxima reunião.</p> <p>Senadores debatem imigração</p> <p>Em Brasília, o diretor do Departamento de Imigração e Assuntos Jurídicos do Ministério das Relações Exteriores, ministro Rodrigo do Amaral Souza, disse nesta terça-feira (20), durante audiência pública da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE) do Senado, que o governo brasileiro tem mantido contatos com os governos do Equador e do Peru, países usados pelos haitianos como rota de passagem.</p> <p>- O governo peruano chegou a cogitar a possibilidade de exigência de visto para os imigrantes provenientes daquele país. Mas o Equador, aonde chegam os voos provenientes do Panamá, mantém uma política de “portas abertas e cidadania universal” e não aceita a imposição de vistos.</p> <p>Mais de dois mil haitianos já entraram com pedido de ingresso no Brasil como refugiados. Os pedidos foram todos negados sob o argumento de que os haitianos não são perseguidos políticos. Quase mil haitianos estão atualmente refugiados em condições precárias nos municípios de Epitaciolândia, Brasiléia e Assis Brasil, na fronteira do Acre com o Peru e a Bolívia.</p> <p>- Precisamos estabelecer uma política especial de imigração para o Haiti, para que possamos acolher 10 mil a 20 mil haitianos como convidados, e não como pessoas exploradas entrando pelos fundos, de maneira ilegal - propôs o</p> | Altino Machado - Blog da Amazônia - Terra Magazine -20/12/11 |

| | | |
|---|--|---|
| | <p>senador Jorge Viana (PT-AC).</p> <p>O senador Aníbal Diniz (PT-AC) voltou a alertar para o fato de que mais 200 haitianos estão na República Dominicana, prontos para tentar a sorte no Brasil. Diniz lamentou que a maior responsabilidade pelo acolhimento dos haitianos tenha recaído nos últimos meses sobre o governo do Acre.</p> <p>O secretário executivo do Ministério da Justiça e presidente do Comitê Nacional para os Refugiados, Luiz Paulo Teles Barreto, informou aos senadores que muitos haitianos são atraídos pela possibilidade de obter um emprego na construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, no Pará. Mas os haitianos também chegam atraídos pelas obras das hidrelétricas de Santo Antonio e Jirau, no Rio Madeira, em Rondônia.</p> <p>O governo brasileiro tem concedido visto humanitário, com o qual os haitianos podem trabalhar e ter acesso a serviços de saúde e educação.</p> <p>- Com o visto humanitário, vamos promover a regularização dos que já estão no Brasil e capacitá-los profissionalmente, para que no futuro retornem a seu país - afirmou Barreto.</p> <p>o governo federal promete ajudar o Acre com recursos humanos e financeiros a enfrentar o problema, além de reforçar a atuação da Polícia Federal no combate aos chamados "coiotes", que cobram dinheiro dos haitianos para trazê-los ilegalmente ao Brasil.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://blogdaamazonia.blog.terra.com.br/2011/12/20/ativistas-de-direitos-humanos-pedem-investigacao-de-violacoes-contra-haitianos/ <i>Acesso em:</i> 15/01/12</p> | |
| <p>"Senadores discutem política especial de imigração para o Haiti"</p> | <p>Além de prestar socorro humanitário imediato aos imigrantes haitianos que têm chegado ao país nos últimos meses, o governo brasileiro deveria estabelecer uma cota para novos imigrantes provenientes do Haiti. A sugestão foi feita nesta terça-feira (20) em audiência pública da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional (CRE) pelo senador Jorge Viana (PT-AC), primeiro autor do requerimento para a realização do debate, e contou com o apoio do senador Valdir Raupp (PMDB-RO).</p> <p>Encontram-se atualmente na cidade de Brasileia (AC), perto da tríplice fronteira de Brasil, Bolívia e Peru, cerca de 800 haitianos que ingressaram de forma irregular no país. Até o momento, eles têm sido acolhidos pelo governo estadual do Acre, que lhes fornece abrigo e duas refeições por dia. Afetados pelas difíceis condições econômicas e pelos efeitos do terremoto que atingiu seu país em 2010, os haitianos chegam ao Brasil depois de passar por Panamá, Equador e Peru ou Bolívia.</p> <p>- Precisamos estabelecer uma política especial de imigração para o Haiti, para que possamos acolher 10 mil a 20 mil haitianos como convidados, e não como pessoas exploradas entrando pelos fundos, de maneira ilegal - propôs Viana.</p> <p>Pouco antes, o senador Aníbal Diniz (PT-AC), que assinou o requerimento para a realização da audiência juntamente com Viana, alertou para o fato de que mais 200 haitianos estão na República Dominicana, prontos para tentar a sorte no Brasil. E lamentou que a maior responsabilidade pelo acolhimento dos haitianos tenha recaído nos últimos meses sobre o governo do Acre.</p> <p>- A sensação que tínhamos até agora é de que o Acre estava sozinho. O problema é muito maior do que a nossa capacidade de solução - afirmou Diniz.</p> <p>O senador Cristovam Buarque (PDT-DF), que presidiu o debate, sugeriu que se altere o conceito de refugiado, para que sejam considerados dentro desse conceito imigrantes provenientes de países que tenham experimentado uma "catástrofe econômica".</p> <p>Visto humanitário</p> <p>Durante a audiência, o diretor do Departamento de Imigração e Assuntos Jurídicos do Ministério das Relações Exteriores, ministro Rodrigo do Amaral Souza, disse aos integrantes da comissão que o governo brasileiro vem</p> | <p>Marcos Magalhães - Agência Senado - 20/12/11</p> |

| | | |
|--|--|---|
| | <p>mantendo contatos com os governos do Equador e do Peru, usados como rota de passagem dos haitianos. O governo peruano, informou, chegou a cogitar a possibilidade de exigência de visto para os imigrantes provenientes daquele país. Mas o Equador, aonde chegam os voos provenientes do Panamá, mantém uma política de "portas abertas e cidadania universal" e não aceita a imposição de vistos.</p> <p>O principal motivo da viagem ao Brasil é econômico, como lembrou o secretário executivo do Ministério da Justiça e presidente do Comitê Nacional para os Refugiados, Luiz Paulo Teles Barreto. Ele informou aos senadores que muitos haitianos são atraídos pela possibilidade de obter um emprego na construção da usina hidrelétrica de Belo Monte, no Pará. Mais de dois mil haitianos já entraram com pedido de ingresso no Brasil como refugiados - todos negados, sob o argumento de que não são perseguidos políticos.</p> <p>Para regularizar a situação dos que já se encontram no Brasil, o governo optou então por conceder-lhes um visto humanitário, com o qual podem trabalhar e ter acesso a serviços de saúde e educação. Da mesma forma, informou, o governo vai reforçar a atuação da Polícia Federal no combate aos chamados "coiotes", que cobram dinheiro dos haitianos para trazê-los ilegalmente ao Brasil.</p> <p>- Com o visto humanitário, vamos promover a regularização dos que já estão no Brasil e capacitá-los profissionalmente, para que no futuro retornem a seu país - afirmou Barreto, prometendo ainda ajudar o Acre com recursos humanos e financeiros a enfrentar o problema.</p> <p>O representante do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, Andrés Ramirez, elogiou a iniciativa do governo brasileiro de acolher os haitianos e oferecer-lhes formação profissional. Como observou a coordenadora geral de Acompanhamento da Secretaria de Acompanhamento e Estudos Institucionais do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, Miriam Medeiros da Silva, "o Brasil não vai virar as costas a uma população já tão vulnerável e sofrida".</p> <p>Durante o debate, o senador Aloysio Nunes Ferreira (PSDB-SP) sugeriu que o país adote uma nova Lei de Imigração, para substituir a que está em vigor desde 1980. Ele propôs ainda que o Brasil tenha uma política de cooperação policial com os países vizinhos, para coibir a ação dos "coiotes".</p> <p>Disponível em: http://www.senado.gov.br/noticias/print.aspx?codNoticia=116867 Acesso em: 27/01/12</p> | |
| <p>“Redes sociais mobilizam apoio a refugiados haitianos na fronteira”</p> | <p>Os quase mil haitianos refugiados nos municípios de Epitaciolândia, Brasília e Assis Brasil, na fronteira do Acre com o Peru e a Bolívia, passaram a contar a partir desta terça-feira (20) com uma mobilização de apoio articulada em redes sociais pelo núcleo do Instituto África Viva no Estado.</p> <p>A crise humanitária na fronteira será debatida nesta terça, em Brasília, durante uma audiência pública de emergência na Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado.</p> <p>Requerida pelos senadores Jorge Viana (PT-AC) e Aníbal Diniz (PT-AC), a audiência contará com a participação do Alto Comissariado da ONU para Refugiados, além de representantes dos ministérios das Relações Exteriores e da Justiça e do Gabinete da Segurança Institucional da Presidência da República.</p> <p>Homens, mulheres e crianças passaram a entrar ilegalmente no Brasil em busca de trabalho por causa da catástrofe econômica que afeta a vida no Haiti desde o terremoto de janeiro de 2010.</p> <p>A rota de imigração do Haiti para o Brasil inclui a travessia do Mar do Caribe, o Panamá e a República Dominicana, de onde seguem para o Equador e depois para a Bolívia e Peru. De lá, os haitianos prosseguem em viagens de ônibus, táxi e até mesmo a pé, pela Rodovia Transoceânica.</p> <p>Os haitianos que ingressam em território brasileiro vivem em situação precária desde o ano passado e o governo do Acre já avisou ao governo federal que vai interromper no dia 30 de dezembro a assistência básica que</p> | <p><i>Altino Machado - Blog da Amazônia - Terra Magazine -20/12/11</i></p> |

| | | |
|---|---|--|
| | <p>vem oferecendo porque não dispõe de recursos e estrutura.</p> <p>Segundo o senador Anibal Diniz, a situação se configura como “crise humanitária internacional” que necessita de atenção urgente dos ministérios da Justiça, das Relações Exteriores, da Defesa, das Relações Institucionais, da Secretaria de Direitos Humanos e dos órgãos de imigração.</p> <p>Apesar dos apelos dos dois senadores e do governador do Acre, Tião Viana (PT), o governo federal ainda não se manifestou a respeito da situação.</p> <p>Na avaliação do Ministério Público Federal (MPF) no Acre, os haitianos retidos na fronteira não recebem o acolhimento humanitário adequado e oneram o Estado. O MPF constatou em Brasília a presença de mais de 600 haitianos alojados num hotel com capacidade para 70 pessoas.</p> <p>O procurador da República Anselmo Henrique Cordeiro Lopes enviou recomendação para que o governo federal assuma imediatamente a assistência humanitária, disponibilizando verbas, recursos humanos e infraestrutura.</p> <p>Um dos ativistas da mobilização de apoio aos refugiados haitianos é o professor de artes cênicas da Universidade Federal do Acre, Flavio Lofego Encarnação.</p> <p>- Nós, brasileiros, não podemos adotar a mesma prática de exclusão de imigrantes que tem sido adotada pelos EUA e Europa. Excluir é a solução deles, ao mesmo tempo que usam o trabalho clandestino, em condições sub-humanas. Nós temos que seguir na solução brasileira, que é vitoriosa, de integrar o mais pobre, e gerar riqueza. Acho que a cultura pode contribuir para resolver essa crise humanitária - afirma Lofego.</p> <p>A mobilização do núcleo do Instituto África Viva no Acre pretende arrecadar arrecadar leite em pó, roupas, toalhas, absorventes femininos, produtos de higiene pessoal. Parte dos alimentos será usada na preparação de ceias de Natal e Ano Novo dos haitianos. Também será realizado um show com ênfase na cultura haitiana.</p> <p>- Nossa campanha visa a redução de danos através da mobilização dos cidadãos, utilizando principalmente a cultura como veículo para uma mensagem de tolerância e aceitação da diversidade cultural e racial - acrescenta o professor Lofego.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://blogdaamazonia.blog.terra.com.br/2011/12/20/redes-sociais-mobilizam-apoio-a-refugiados-haitianos-na-fronteira/ <i>Acesso em: 27/01/12</i></p> | |
| “Secretaria de Direitos Humanos apura queixas feitas pelos haitianos” | <p>Na manhã desta terça feira, 20 de dezembro, a Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Acre convocou uma coletiva de imprensa para apurar as queixas feitas pelos haitianos. Segundo eles, crimes de roubos e extorsão por parte de taxistas bolivianos e peruanos; e até mesmo violência sexual, de motoristas bolivianos foram praticados na rota de vinda do Haiti ao Brasil.</p> <p>Leonel Joseph, representante dos haitianos no Acre fala que a situação é preocupante. “São 800 pessoas vivendo em dois hotéis na cidade de Brasília. Estamos aqui porque precisamos de trabalho, estamos precisando do visto para ir para outros lugares do país, ou para ir para outros países”, explica.</p> <p>Na coletiva, estavam presentes representantes das Defensorias Públicas da Bolívia e do Peru, além de membros do Centro de Defesa dos Direitos Humanos e Educação Popular do Acre e da Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos.</p> <p>Os representantes dos três países se comprometeram a apurar os fatos, sendo que a Bolívia e o Peru firmaram compromisso de investigarem os supostos taxistas envolvidos nos casos e o governo brasileiro está diretamente envolvido na coleta de depoimento das vítimas.</p> <p>“O importante é acelerarmos os vistos, para que esse problema acabe o mais rápido possível. Encontrar as pessoas responsáveis por esses atos hediondos também é uma de nossas principais metas.” explica Lúcia Ribeiro, representante do Centro de Defesa dos Direitos Humanos e Educação Popular do Acre.</p> | Anne Moura - O Rio Branco - 21/12/11 |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>Êxodo haitiano</p> <p>Antes do terremoto que arrasou o Haiti em 2010, 80% da população vivia com menos de US\$ 1 por dia. Depois do abalo sísmico, a situação ficou ainda pior. O representante dos haitianos no Acre afirma que, ainda que a situação esteja crítica aqui no estado, é melhor que a que os haitianos hoje vivem no seu país de origem “Aqui nós sabemos quando vamos comer, quando vamos dormir. Lá, eles vivem de doações de seus familiares de fora. Somos muito agradecidos pelo que vivemos. O que queremos, apenas, é que os fatos sejam apurados”.</p> <p>Antes de dezembro, cerca de 20 processos de vistos eram feitos por dia. Sendo que o número de haitianos que chegavam, por mês, era de 70. Hoje, mais de 300 haitianos chegam por mês pela rota por Assis Brasil.</p> <p>Os taxistas brasileiros não são autorizados a trazerem os haitianos sem visto. Por isso, a maioria deles recorrem a motoristas bolivianos e peruanos, principalmente nos percursos entre as cidades de Santa Maria e Soberania.</p> <p>A fronteira entre Assis Brasil e Iñapari (Peru) é conhecida por ser uma rota de narcotráfico. Entretanto, Leonel afirma que qualquer região do mundo é uma local de distribuição de drogas. “Os próprios aeroportos transportam drogas. A diferença é que todo mundo é muito bem vestido. Eu mesmo passei por essa rota, e a fronteira é feita de uma cidade com pessoas decentes, mas que, infelizmente, estão menos desenvolvidas com o que estamos acostumados a ver. É quase uma ofensa dizer que essa é a principal rota de narcotráfico”, explica o haitiano.</p> <p>Os haitianos pagam em torno de R\$ 1.400 só para chegar até Lima. De lá, vem até Iñapari, quando começam a utilizar os sistemas de “coiotes”, que são os taxistas que não precisam de vistos para entrarem na fronteira. Eles cobram mais R\$ 500 até Assis Brasil.</p> <p>A fronteira no Brasil está fechada desde janeiro de 2011, quando os haitianos começaram a chegar. Entretanto, desde que eles começaram a se estabelecer aqui no estado, a secretaria providenciou para que todos conseguissem emprego e seguissem suas trajetórias para o resto do país.</p> <p>A maioria dos haitianos que vive em Brasileia e em Assis Brasil é conhecida por andar em grupo. Os homens são separados das mulheres, quando não são casados, e o consumo de bebida alcoólica e drogas é mínimo.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.oriobranco.net/component/content/article/29-destaque/21364-secretaria-de-direitos-humanos-apura-queixas-feitas-pelos-haitianos.html <i>Acesso em: 15/01/12</i></p> | |
| <p>“Brasil, a esperança para imigrantes ilegais haitianos”</p> | <p>Rota de imigração ilegal pela região norte atrai milhares de haitianos em fuga da miséria e falta de perspectiva. Em Brasileia, no Acre, abrigo de imigrantes produz 'calamidade pública'. Capital do Amazonas, Manaus torna-se também 'capital haitiana' no Brasil, uma referência por liderar forças de paz da ONU. Tropas começam a sair em março.</p> <p>Brasileia é uma pequena cidade de 20 mil habitantes cravada no sul do Acre, na fronteira com a Bolívia. É bem provável que a imensa maioria dos brasileiros jamais tenha ouvido falar dela. Fora das fronteiras locais, porém, o município faz sucesso. A cidade é a porta de entrada no Brasil de uma rota de imigração ilegal de haitianos para o país.</p> <p>Hoje, a cidade hospeda 810 haitianos. Uma população que, fugida de um dos lugares mais pobres do mundo, e onde o Brasil é uma referência por comandar tropas de paz das Nações Unidas, sonha com a cidadania brasileira, que lhes daria o direito de trabalhar, de estudar, de usufruir o Sistema Único de Saúde (SUS), enfim, de viver legalmente no país.</p> <p>O Brasil, porém, não possui um tratado internacional que exima os haitianos de visto de permanência. Eles também não podem ser enquadrados no conceito de “refugiado”, definido pela Convenção de Genebra, que considera como tal toda pessoa obrigada a sair de seu país, sozinha ou em grupo, devido a perseguições de caráter político, racial, de gênero ou</p> | <p>Najla Passos - Carta Maior - 26/12/11</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>religioso.</p> <p>O combustível da fuga é a miséria. E, quando cruzam a fronteira da Bolívia o Brasil, os haitianos assumem a condição de imigrantes ilegais. Uma situação que também causa problemas para autoridades públicas brasileiras.</p> <p>Em Brasília, 600 haitianos estão hospedados em um hotel do município com despesas pagas pelo governo do Acre. Recebem duas refeições diárias, além de café da manhã. Tudo isso significa um gasto mensal de R\$ 1 milhão para os cofres de um dos estados mais pobres do país.</p> <p>E este não é, nem de longe, o maior problema. “O hotel em que eles estão alojados tem capacidade para 80 pessoas e estão vivendo 800. Não há como cozinhar para tanta gente, os banheiros não comportam. Daqui a pouco, a epidemia de cólera que assola o Haiti chegará até lá”, afirma o senador acreano Aníbal Diniz (PT).</p> <p>Entre os hóspedes, há 17 mulheres grávidas e crianças em idade escolar. Em Brasília, os sistemas públicos de educação e saúde não têm como atender tanta gente. Para conseguir documentos como CPF (Cadastro de Pessoa Física) e carteira de trabalho, precisam esperar cerca de um mês. E as perspectivas são de que o número de haitianos no município aumente cada vez mais.</p> <p>Informações da Agência Brasileira de Informação (ABIN) e da Polícia Federal (PF) revelam que há 50 haitianos do lado boliviano da fronteira aguardando uma oportunidade para entrar no país. E outros que 200 já deixaram Porto Príncipe, a capital devastada do Haiti, em direção ao Brasil.</p> <p>A rota identificada pelas autoridades brasileiras mostra que, do Haiti, os imigrantes ilegais seguem para a República Dominicana, que divide a Ilha de São Domingos com o Haiti. De lá, os imigrantes vão para Equador, Peru e Bolívia, até chegar ao Acre. É operada por pessoas conhecidas como “coiotes”, participantes de uma quadrilha que os serviços policiais e de inteligência do Brasil tentam desbaratar.</p> <p>Na cidade amazonense de Tabatinga, tríplice fronteira com Peru e Colômbia, os haitianos também chegam em grandes grupos. Lá, não é o governo do estado que acolhe os imigrantes, mas a sociedade civil organizada, principalmente por meio do trabalho da Pastoral do Migrante, da Igreja Católica.</p> <p>Levantamento feito pelas Nações Unidas aponta que, atualmente, 1,1 mil haitianos estão na cidade. Em 2010, a Polícia Federal recebeu 476 solicitações de refúgio. Em 2011, foram 1075. Todas elas foram negadas, mas os pleiteadores conseguiram um visto humanitário. Muitos se deslocaram para Manaus, em busca de emprego.</p> <p>É justamente na capital do Amazonas que se concentra o maior número de haitianos: 3,2 mil, a maioria mantida também pelas igrejas e comerciantes locais. Também há haitianos vivendo em Rio Branco (AC), Porto Velho (RO) e São Paulo (SP). Em todo o país, 3.274 já requereram visto de permanência e 1,3 mil receberam.</p> <p>Calamidade pública</p> <p>A pobreza e a miséria que, historicamente, colocam o Haiti no último lugar do ranking de desenvolvimento da América Latina e Caribe dificultam a reconstrução do país, após o terremoto de 2010, que afetou a vida de 3 milhões de haitianos e matou, de imediato, 222 mil pessoas.</p> <p>“O terremoto foi terrível, mas o país já era miserável antes dele. Outros países que passam por catástrofes naturais, como Chile, conseguem se recuperar. Mas o Haiti, não”, justifica o representante do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, Andrés Ramirez.</p> <p>Segundo ele, hoje, passados quase dois anos, o Haiti continua sofrendo os efeitos da catástrofe. “Cerca de 300 mil casas foram destruídas. Mais de um milhão de pessoas continuam vivendo em acampamentos, em condições muito precárias. Por isso, o surto de cólera no país”, afirma.</p> <p>Além disso, a violência vitima, principalmente, as mulheres. “A incidência</p> | |
|--|--|--|

| | | |
|--|--|---|
| | <p>de gravidez nos acampamentos aumentou de 4% para 12%, principalmente devido aos estupros que ocorrem durante à noite, em função das deficiências de iluminação”, denuncia.</p> <p>Andrés Ramirez relata que a violência sexual e de gênero tem justificado, inclusive, que outros países aceitem receber os haitianos como refugiados. “Os números são modestos, mas já há 57 na Argentina, 146 no Peru e um no Chile”.</p> <p>É neste contexto que os haitianos decidem deixar o país. As famílias mais abastadas se organizam e enviam alguns membros pra os Estados Unidos. As de menor poder aquisitivo, agora, têm a alternativa de tentar o Brasil, que exige menos recursos e é mais seguro. Nos Estados Unidos, se descobertos, os ilegais são deportados para seus países de origem.</p> <p>“A maior parte dos imigrantes ilegais haitianos é muito bem qualificada, justamente para conseguir emprego e ajudar a sustentar os que ficaram no Haiti”, diz o presidente do Comitê Nacional para Refugiados (Conare), Luiz Paulo Teles Barreto, também secretário-executivo do Ministério de Justiça.</p> <p>O Brasil é uma referência também por liderar, desde 2004, as forças de paz das Nações Unidas que atuam no Haiti. O ministério da Defesa diz que as tropas brasileiras vão deixar aquele país a partir de março de 2012.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=19281 <i>Acesso em: 18/01/12</i></p> | |
| <p>“Para barrar haitianos, Brasil tenta acordos com serviços secretos”</p> | <p>A Agência Brasileira de Informação (Abin) e a Polícia Federal (PF) estão buscando a cooperação de serviços secretos de outros países latinoamericanos para tentar desbaratar a quadrilha responsável por facilitar a entrada ilegal de haitianos no país, por meio da fronteira com a Bolívia e com o Peru.</p> <p>“Temos que acabar com o tráfico de pessoas e impedir que a atuação criminosa dos 'coiotes' se estabeleça na região”, diz a coordenadora-geral da Secretaria de Acompanhamento e Estudos Institucionais do Gabinete de Segurança Institucional (GSI) da Presidência, Mírian Medeiros da Silva.</p> <p>'Coiotes' são os operadores da rota de imigração ilegal do Haiti para o Brasil. O principal roteiro deles passa pela República Dominicana, vizinha do Haiti, e atravessa Equador, Peru e Bolívia, até chegar ao Brasil.</p> <p>De acordo com Miriam, os 'coiotes' cobram, em média, dois mil dólares dos imigrantes ilegais, que se submetem às condições mais precárias possíveis durante a viagem e a estadia nos países vizinhos.</p> <p>“Relatos de haitianos que chegam ao país revelam que eles são agredidos e extorquidos no trajeto até aqui, principalmente na Bolívia. Por isso, o Brasil se torna o paraíso, com seu povo extremamente acolhedor”, diz o senador Aníbal Diniz (PT-AC).</p> <p>De acordo com o ministério das Relações Exteriores, a atuação dos 'coiotes' é facilitada, principalmente, porque, ao contrário do Brasil, os países das paradas anteriores não exigem visto de entrada para haitianos. A exceção é a República Dominicana que tem deportado os haitianos que entram ilegalmente no país.</p> <p>“Desde fevereiro, estamos tentando solucionar o problema. Tivemos conversas promissoras com o Peru, que chegou a se comprometer a cobrar o visto, mas o Equador se nega a cobrar visto de qualquer imigrante”, esclarece o diretor do Departamento de Imigração do ministério, Rodrigo do Amaral Souza.</p> <p>Fronteira aberta</p> <p>O secretário-executivo do Ministério de Justiça e presidente do Comitê Nacional para Refugiados, Luiz Paulo Teles Barreto, acrescenta que os membros da quadrilha são os mesmo coiotes que ganham a vida levando latinoamericanos para os Estados Unidos, em condições tão precárias que, algumas vezes, acabam morrendo.</p> | <p><i>Najla Passos - Carta Maior - 26/12/11</i></p> |

| | | |
|---|--|---|
| | <p>Barreto alerta que, além dos haitianos, eles têm oferecidos os serviços para outros estrangeiros que almejam entrar no país, como asiáticos e árabes. “Com o crescimento da economia brasileira, os coiotes estão explorando essa nova rota de tráfego de pessoas. É preciso encontrar uma solução urgente para o problema”, diz ele.</p> <p>Exemplo é o crescimento da exportação da carne brasileira para países árabes, que exigem que o abate de animais se dê dentro das normas estabelecidas pelo Islã. “Com isso, muitos afegãos e paquistaneses estão vindo trabalhar no Brasil e, muitas vezes, só querem o visto quando já entraram e já estão empregados”, conta o secretário-executivo.</p> <p>Ajuda humanitária</p> <p>A imigração ilegal de haitianos foi tema de uma audiência pública no Senado na última semana de trabalho dos parlamentares antes as férias. No debate, o senador Cristóvam Buarque (PDT-DF) defendeu que o país empreenda seus esforços para que, no futuro, também não precise fazer controle das fronteiras. “Se temos mobilidade para mercadorias, por que não podemos ter para as pessoas?”, questionou.</p> <p>Já o senador Jorge Vianna (PT-AC), cujo irmão, Tião Viana, é governador do Acre, sugeriu que o governo brasileiro institua uma política para receber entre 10 e 30 mil haitianos, pela porta da frente do país, legalmente, sem estimular a atuação criminosa dos coiotes, e garantindo a segurança dessa população. “Seria um grande gesto humanitário”, defendeu.</p> <p>O senador Aloysio Nunes (PSDB-SP) propôs a revisão imediata da Lei de Imigração, para torná-la mais atual e, com isso, facilitar a entrada de vítimas de catástrofes naturais ou econômicas, como é o caso dos haitianos, de forma legal no país. “Os latinos vem para o Brasil, hoje, como os africanos vão para a Europa, buscar uma vida melhor”, comparou.</p> <p>Disponível em: http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=19282 Acesso em: 26/01/12</p> | |
| <p>“Amazônia brasileira e a migração haitiana para Porto Velho”</p> | <p>Cerca de 5.000 haitianos entraram e estão vivendo no Brasil desde o primeiro trimestre de 2011. As rotas de entrada são as fronteiras entre o Peru e o estado do Acre e também nas divisas de Brasil, Peru e Colômbia, na cidade de Tabatinga, no estado do Amazonas. De Tabatinga os haitianos seguem de barco para Manaus, numa viagem de cinco dias pela bacia amazônica. No Acre, a entrada é pelo município de Assis Brasil, de onde seguem para Brasília e daí partem para Rio Branco e Porto Velho. A viagem dos haitianos começa por terra, de ônibus até o país vizinho, a República Dominicana depois partem para o Panamá de barco ou avião. Do Panamá vão para o Equador, mais uma vez de barco ou avião e de lá a viagem é por terra nas arriscadas estradas até a capital peruana, Lima. No Peru, o fluxo migratório se divide em dois principais caminhos: a tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia, em Tabatinga ou para a divisa com o Acre. A Amazônia brasileira é a fronteira de entrada dos imigrantes haitianos que estão nos estados do Amazonas, Acre e Rondônia. Na capital rondoniense, Porto Velho, estimamos que cerca de 500 haitianos residem na cidade, a maioria encontra-se empregada e quase todos têm documentos legais do governo brasileiro, como carteira de trabalho, CPF, visto provisório ou permanente, carteira de vacinação ou estão registrados, aguardando a liberação documental. Os haitianos estão sendo inseridos no mercado de trabalho de Porto Velho por meio da construção civil, bares e restaurantes, limpeza urbana, nos chamados empregos de imigrantes nos países de capitalismo mais desenvolvido. O aprendizado da língua portuguesa se dá no trabalho, no lazer e em aulas com professores brasileiros que acontecem duas vezes por semana, num projeto de extensão da Universidade Federal de Rondônia, em parceria com a Paróquia São João Bosco, com a contribuição de voluntários e da Pastoral do Migrante. A Ajuda Humanitária na cidade de Porto Velho acontece por meio</p> | <p>Geraldo C. Cotinguiba - Serviço Pastoral dos Imigrantes - 27/12/11</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>do Estado, da Igreja Católica e de pessoas da Sociedade Civil, como voluntários e doadores de objetos e alimentos. No dia 20 de dezembro de 2011, reunidos em Brasília, alguns senadores, representantes do Governo e das Nações Unidas discutiram a imigração haitiana para o Brasil. O senador Aníbal Diniz (AC) alegou que o Acre “estava sozinho” e outro acreano, Jorge Viana, defende uma “política especial de imigração” para que possamos receber entre 10 e 20 mil haitianos legalmente como “convidados” e pela porta da frente. É importante ressaltarmos que o Brasil deu início há seis meses ao Plano Estratégico de Fronteiras, objetivando o combate à criminalidade o que, consequentemente, influirá sobre o fluxo de pessoas estrangeiras entrando no país em um dos 2,4 milhões de km² fronteiriços. O Haiti é o país mais pobre das Américas e do Caribe, tem cerca de 9 milhões de habitantes e teve sua capital política e econômica, Porto Príncipe, devastada em janeiro de 2010 por um terremoto, provocando a morte de cerca de 200 mil pessoas e desabrigando cerca de 1 milhão. Entre 1957 e 1971 foi governado pelos tiranos ditadores François Duvalier, o Papa Doc e de 1971 a 1986, por seu filho, Jean-Claude Duvalier, o Baby Doc. Os haitianos falam a língua crioula e o segundo idioma é o francês. O espanhol e o inglês são idiomas conhecidos por parte de muitos deles. Os haitianos que estão em Porto Velho vieram para trabalhar e com a expectativa de uma vida melhor para, dessa forma, poderem ajudar os que ficaram no Haiti. Nos projetos de extensão e pesquisa linguística e antropológica que estamos realizando, temos aprendido muito com os haitianos, inclusive que, segundo alguns de nossos entrevistados, “não existe país igual ao Brasil, aqui as pessoas ajudam e recebem as pessoas bem”. Sabemos que os brasileiros têm fama de bons anfitriões e que, também, é premente uma discussão ampla para que repensemos o conceito de refugiado e reflitamos sobre Ajuda Humanitária e Direitos Humanos. O Brasil é signatário da ONU e a migração haitiana para nosso país é uma questão de política e relações internacionais, tanto com o Haiti quanto com a França, que foi a colonizadora daquele país. O Brasil tem uma grande oportunidade de desempenhar um papel crucial nas discussões sobre relações internacionais, os objetivos das Nações Unidas, a Ajuda Humanitária, a migração internacional, exilados e refugiados do século XXI. Somos conhecidos como o “país do futuro”. O futuro é agora! Já são cerca de 5.000 haitianos no Brasil e uma coisa é certa: mandá-los de volta ao Haiti seria o mesmo que ferir os Direitos Humanos internacionalmente.</p> <p>Disponível em: http://spmigrantes.wordpress.com/ Acesso em: 15/01/12</p> | |
|--|--|--|

2012

| Título da Matéria | Matéria | Fonte |
|---|---|---|
| “Traficantes de pessoas fomentam imigração ilegal no norte do Brasil” | <p>O governo brasileiro pediu ajuda à polícia peruana para enfrentar as quadrilhas dedicadas ao tráfico de pessoas na fronteira norte do país. O ministro interino da Justiça, Luiz Paulo Barreto, alertou que, além de haitianos, grupos menores de muçulmanos, incluindo afegãos, já entraram no Brasil pelo mesmo esquema, operado pelos "coiotes" mexicanos, conhecidos no país por introduzir ilegalmente brasileiros e outros imigrantes pela fronteira dos Estados Unidos.</p> <p>Ao contrário dos haitianos, que estão recebendo vistos humanitários, o governo age com rigor contra o tráfico de muçulmanos. Nos últimos dias, cerca de 100 deles, entre paquistaneses, indonésios e afegãos, foram deportados. Luiz Paulo Barreto disse que, para tentar burlar a polícia de fronteira, eles alegaram que pretendiam trabalhar com o abate halal, obrigação imposta a frigoríficos brasileiros que exportam carne para países árabes.</p> <p>- Os frigoríficos, de fato, chegaram a contratar trabalhadores especializados no abate halal, mas não os grupos que chegaram</p> | Chico Otávio - O Globo - 02/01/12 |

recentemente. Eles queriam apenas um pretexto para entrar - disse Barreto, que é representante do Ministério da Justiça no Comitê Nacional para os Refugiados (Conare).

Em poucos dias, 550 haitianos entraram no país

Dos últimos três dias de 2011 até esta segunda-feira, cerca de 550 haitianos entraram ilegalmente no Brasil por Brasileia, no Acre. A prefeitura do município estimava em 1.250 a quantidade de imigrantes daquele país na cidade nesta segunda-feira. As autoridades de Brasileia temem que a situação da cidade fique caótica. O processo, iniciado depois do terremoto de janeiro de 2010 no Haiti, intensificou-se nos últimos meses, estimulado pelo crescimento econômico do Brasil e pelas oportunidades que o fenômeno oferece.

- Desde o jogo da seleção brasileira em Porto Príncipe, os haitianos passaram a prestar a atenção no Brasil. Uma das notícias que ouviram foi sobre a usina de Belo Monte, que iria contratar 25 mil trabalhadores de uma só vez - disse Barreto.

A aposta no Brasil também teria atraído os "coiotes". O ministro explicou que a atuação dessas quadrilhas na fronteira brasileira foi rastreada pelo serviço de inteligência da Polícia Federal e confirmada pelos próprios imigrantes:

- Os mexicanos oferecem a passagem ainda no Haiti. Pelo que apuramos, cobram de US\$ 2 mil a US\$ 5 mil aos interessados.

A rota, neste caso, começa pelo ar. Uma companhia aérea, segundo Barreto, opera voos regulares entre Porto Príncipe e Quito, no Equador, com escala em Santo Domingo, na República Dominicana. De Quito, os haitianos seguem pelo Peru, de carro, ônibus ou caminhão, até Tabatinga, no Amazonas, e Brasileia, no Acre, disse o ministro:

- O Equador tem uma tradição de cidadania global. Não exige visto de nenhum país do mundo. Sabendo disso, os haitianos entram na América do Sul por Quito.

Embaixada do Peru confirma pedido

Logo que a presença dos coiotes foi identificada, o governo brasileiro pediu ajuda ao Peru para enfrentar o problema. O porta-voz da Embaixada peruana em Brasília, Raul Menezes, confirmou pelo menos duas reuniões entre os ministérios das Relações Exteriores dos dois países para discutir o assunto. Mas disse que não estava autorizado a revelar os detalhes dos encontros.

O governo brasileiro, afirma Barreto, não reconhece nos haitianos o status de refugiados políticos, por inexistir comprovação de eventuais perseguições sofridas por eles. Porém, optou por mantê-los com vistos humanitários:

- A imigração é meramente econômica. Eles não foram expulsos, mas o Brasil não quer incentivar uma diáspora no Haiti. Entende que o país tem de ser reconstruído pelos próprios haitianos.

Até agora, o Brasil já concedeu 2 mil vistos deste tipo a haitianos. Outros 2 mil estariam em fase de regularização, concentrados basicamente no Acre e no Amazonas. Peru e Argentina também aparecem como destino final do tráfico de pessoas para a América do Sul.

Dados colhidos pelo Ministério da Justiça revelam que, desde 2008, chegaram ao Brasil cerca de 470 mil imigrantes, que somaram-se a 1 milhão que já viviam aqui. Dos cerca de 4 milhões de brasileiros que viviam no exterior, 1 milhão retornou ao país no mesmo período.

- A crise mundial, somada ao crescimento econômico do país, favoreceu o fenômeno. Os estrangeiros, muitos deles mão de obra especializada, vêm a reboque do desenvolvimento industrial.

A mão de obra que chega de fora, avalia o ministro, é sazonal, associada ao investimento estrangeiro em determinados setores na economia, como o

| | | |
|---|--|--|
| | <p>petróleo e gás, responsável pela entrada no Brasil de trabalhadores qualificados das Filipinas, China e Taiwan, e a indústria automobilística, que tem atraído chineses e coreanos.</p> <p>Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/traficantes-de-pessoas-fomentam-imigracao-ilegal-no-norte-do-brasil-3555220</p> <p>Acesso em: 25/01/12</p> | |
| <p>“Acre pede ajuda federal para assistir refugiados haitianos”</p> | <p>O município de Brasiléia, no Acre, vive hoje uma situação caótica e sem qualquer condição de dar o mínimo de assistência aos refugiados haitianos que chegam todos os dias à cidade de 30 mil habitantes, onde 15 mil residem na área urbana. O “caos está instalado”, disse o secretário de Justiça e Direitos Humanos do Acre, Nilson Mourão, em entrevista à Agência Brasil. Segundo ele, além do que já fez, o governo estadual não tem mais condições de dar qualquer assistência aos 1.250 haitianos que estão na cidade.</p> <p>Para o secretário, a tendência é esse número aumentar. “Hoje, em Brasiléia, temos 1.250 haitianos, e estão chegando mais. Não se tem controle sobre a situação. Agora, imagine um número desses em uma cidade que tem 30 mil habitantes.”</p> <p>Mourão disse que o Acre chegou ao limite financeiro de gastos e necessita de apoio imediato do governo federal que, segundo ele, não tem dado a assistência necessária para resolver o problema. De acordo com o secretário, desde o ano passado, o estado vem requerendo ao governo federal apoio financeiro e ajuda de pessoal especializado. Ele informou que, até o momento, o governo do Acre recebeu apenas 14 toneladas de alimentos doadas pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).</p> <p>“Desde o início do problema [chegada dos refugiados], estamos fazendo apelos ao governo federal e não conseguimos nada. Já chegamos ao nosso limite. Só a Secretaria de Justiça já gastou R\$ 1,04 milhão com assistência aos haitianos em Brasiléia”, disse Nilson Mourão. As autoridades acrianas defendem que o governo federal assuma todas as despesas com logística e que a Polícia Federal acelere o processo de legalização do passaporte dos haitianos para que eles possam seguir viagem para outros destinos.</p> <p>Conforme o secretário, os principais problemas enfrentados pelo governo na assistência aos haitianos são o fornecimento de alimentos e abrigo, além da triagem de saúde e da vacinação dos refugiados. De acordo com Mourão, dos 1.250 haitianos que estão na cidade, só 260 estão com a documentação regularizada e em condições de seguir viagem. No entanto, o governo do estado não tem mais condições de bancar a passagem dos que pretendem ir para outras cidades.</p> <p>O secretário ressaltou que o governo do estado não tem pessoal qualificado para fazer a triagem da saúde dos haitianos que entram no Brasil por Brasiléia, trabalho que vem sendo conduzido precariamente por soldados do Corpo de Bombeiros.</p> <p>O pároco da Igreja de Nossa Senhora das Dores, em Brasiléia, Rupe Crispim da Silva, confirmou as dificuldades enfrentadas pelos haitianos na questão da saúde, o que também implica riscos para os moradores da cidade. Ele teme que a falta de triagem de saúde e vacinação dos haitianos ponha em risco a própria população de Brasiléia. “É uma questão de saúde. Precisamos avaliar a saúde deles e vaciná-los contra febre amarela e hepatite, por exemplo, porque muitos chegam pela mata que faz fronteira com a Bolívia.”</p> <p>De acordo com o padre Rupe, a prefeitura não tem condição de dar assistência aos haitianos. Ele informou que o hospital da cidade também não comporta os refugiados que precisam de assistência médica. Segundo ele, o governo do Acre tem abrigado parte dessas pessoas nas pousadas e hotéis de Brasiléia que estão superlotadas.</p> <p>Os refugiados que têm mais condições financeiras dividem o aluguel de casas. “Mesmo assim, não temos espaço, nem condições para abrigar a todos”, ressaltou o padre. Ele disse que as igrejas da cidade têm pouca condição financeira para ajudar os imigrantes e destinam o que arrecadam à compra de leite e de alimentos para as crianças. “Fazemos o que podemos,</p> | <p>Marcos Chagas - Agência Brasil EBC - 02/01/12</p> |

| | | |
|---|--|--|
| | <p>mas a situação é desumana mesmo”, afirmou o padre.</p> <p>Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-01-02/acre-pede-ajuda-federal-para-assistir-refugiados-haitianos</p> <p>Acesso em: 02/02/12</p> | |
| <p>“Secretário acriano confirma que refugiados do Haiti são vítimas de violência”</p> | <p>Os haitianos que entram de forma ilegal diariamente no Brasil pelas fronteiras do Acre com a Bolívia e o Peru, além de apresentarem problemas de saúde decorrentes da longa viagem, chegam psicologicamente transtornados. O secretário de Justiça e Direitos Humanos do Acre, Nilson Mourão, disse que durante o percurso até Brasileia (AC), onde ficam provisoriamente até que seja regularizada a permanência no país, os imigrantes são vítimas de violência, inclusive sexual, por bolivianos e peruanos, responsáveis pelo transporte ilegal.</p> <p>Esse é um dos maiores problemas enfrentados pelo governo do Acre, incapaz de lidar com as dificuldades por que passam os 1.250 imigrantes (último registro oficial) que estão em Brasileia (AC). “Psicologicamente eles chegam o bagaço e nós não temos como fazer nada”, acrescentou o secretário acriano.</p> <p>Nilson Mourão disse que o governo do estado colheu uma série de relatos de abusos cometidos geralmente por taxistas do Peru e da Bolívia que podem ser comprovados, mas acrescentou que o Acre está incapacitado de tomar providências. “Não temos como fazer nada. Já foram feitos contatos com o ministro Patriota [Antonio Patriota, de Relações Exteriores] para ver o que se pode fazer em parceria com os governos da Bolívia e do Peru.”</p> <p>Para se ter um exemplo da gravidade dos abusos cometidos, ele relatou à Agência Brasil que crianças presenciam o estupro de suas mães por coiotes (pessoa responsável pelo transporte do imigrante ilegal). Apesar dos relatos colhidos, Nilson Mourão disse que muitos haitianos temem repeti-los oficialmente com medo de serem repatriados. Segundo ele, cada coiote peruano ou boliviano cobra entre US\$ 1, 1 mil e US\$ 1,5 mil para o transporte de grupos de haitianos até o Acre.</p> <p>Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-01-03/secretario-acriano-confirma-que-refugiados-do-haiti-sao-vitimas-de-violencia</p> <p>Acesso em: 15/01/12</p> | <p>Marcos Chagas - Agência Brasil EBC - 03/01/12</p> |
| <p>“Situação de imigrantes haitianos no Acre é grave, alerta governo estadual”</p> | <p>A situação humanitária dos mais de mil imigrantes do Haiti que se encontram no estado do Acre é apontada como grave pelo governo local. Somente em Brasileia, município de 30 mil habitantes, vivem atualmente cerca de 1.250 haitianos. Segundo o secretário de Justiça e Direitos Humanos do estado, Nilson Mourão, a situação está caótica e o governo federal precisa dar apoio financeiro e auxílio profissional para resolver o problema.</p> <p>O secretário afirmou, em entrevista à Agência Brasil, que até o momento o estado recebeu apenas 14 toneladas de alimentos doados pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Os maiores problemas na assistência aos imigrantes estão no fornecimento de alimentos e abrigos. Outra questão é a falta de pessoal especializado para cuidar dos casos de vacinação e triagem de saúde.</p> <p>Dos mais de mil haitianos em Brasileia, somente 260 possuem a documentação regularizada e podem seguir viagem para outros locais. Os imigrantes desse país estão recebendo “vistos humanitários”, com os quais eles podem trabalhar e ter acesso a serviços de saúde e educação. Mais de 1,2 mil pessoas receberam essa autorização. Porém, os pedidos de refúgio, que foram todos negados, ultrapassam os três mil casos. A onda migratória de haitianos ao Brasil iniciou em 2010, após o terremoto que devastou o país.</p> <p>Disponível em: http://www.radioagencianp.com.br/10484-situacao-de-imigrantes-haitianos-no-acre-e-grave-alerta-governo-estadual</p> <p>Acesso em: 26/01/12</p> | <p>Vivian Fernandes - Radioagência NP - 03/01/12</p> |
| <p>“Tabatinga, no Amazonas, recebeu 208</p> | <p>Assim como Brasileia, no Acre, a cidade de Tabatinga, no Amazonas, registrou uma entrada massiva de haitianos recentemente: em apenas cinco dias, de 29 de dezembro a 2 de janeiro, 208 chegaram ao município, que faz</p> | <p>Marcelle Ribeiro - O Globo - 04/01/12</p> |

| | | |
|---------------------------------|---|--|
| <p>haitianos em cinco dias”</p> | <p>fronteira com a Colômbia e o Peru. No mês de dezembro do ano passado, foram 495, segundo dados da Polícia Federal. Já Brasileia recebeu 500 haitianos nos três últimos dias do ano.</p> <p>De acordo com a Polícia Federal, atualmente, 1.249 haitianos que chegaram a Tabatinga desde o fim de setembro estão na lista de espera para a entrevista que dá início ao processo de pedido de refúgio. Aguardam, em média, cerca de três meses para conseguir o protocolo de solicitante de refúgio, concedido pelo Ministério da Justiça. Este documento permite a estada por seis meses no Brasil e a emissão de carteira de trabalho. Até lá, segundo a PF, os haitianos ficam numa situação que não é ilegal, mas irregular.</p> <p>Em todo o ano de 2011, o posto da PF de Tabatinga encaminhou 1.898 haitianos para o processo de concessão de solicitação de refúgio. O número é 316% maior que o de 2010, quando foram registrados 456 pedidos.</p> <p>A corrida dos últimos meses para entrar no país por Tabatinga se deve aos boatos de que o Brasil passaria a impedir a entrada de haitianos, especula a PF. O mesmo motivo estaria por trás do aumento recente da entrada desses imigrantes no Acre.</p> <p>Segundo a PF, há haitianos que relataram ter gasto cerca de US\$ 3 mil dólares para vir do Haiti para o Brasil. Mas, com medo, negaram para os policiais terem usado serviços de "coiotes" (traficantes de pessoas). Os que chegam em Tabatinga, em geral, contam que deixaram seu país para ir à República Dominicana, de onde seguiram para o Peru e, de lá, para o município amazonense. A maioria é de homens, que deixa a família no país de origem.</p> <p>Mas, quando chegam a Tabatinga, cidade com 52 mil habitantes, segundo o IBGE, esses imigrantes encontram uma situação nada favorável, relata uma equipe da ONG Médicos Sem Fronteiras (MSF), que foi ao município especialmente para prestar ajuda humanitária aos estrangeiros.</p> <p>De acordo com a coordenadora da MSF em Tabatinga, Renata de Oliveira Silva, na última semana, algumas pessoas começaram a dormir nas ruas. E mesmo quem consegue dividir uma casa, às vezes, não encontra condições adequadas de higiene.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Há casos de pessoas vivendo em casas de pequenos cômodos, sem banheiro ou cozinha. Numa delas, por exemplo, 40 pessoas dividiam a mesma latrina. Mas há também casos de pessoas que recebem ajuda de parentes e que têm condições de alugar quartos melhores para morar. Como Tabatinga é uma cidade pequena, não há tantos cômodos disponíveis para serem alugados, portanto, começa a faltar acomodação para quem está chegando agora. <p>Situação é preocupante, diz Médicos Sem Fronteiras</p> <p>Segundo Renata, a assistência que os haitianos têm recebido é resultado de ações de grupos da sociedade civil, e não de uma política de assistência por parte de autoridades federais, estaduais ou municipais.</p> <ul style="list-style-type: none"> - A Igreja Católica tem distribuído duas refeições por dia para cerca de 400 pessoas durante os dias de semana. Nos fins de semana, a situação é agravada - detalha Renata, contando que, embora fisicamente os haitianos estejam bem de saúde, psicologicamente, a situação é preocupante. - Percebemos que alguns comentam estar extremamente tristes e desanimados, apresentam distúrbios de sono e crises de ansiedade. A situação complicada do seu país de origem, a longa viagem e as difíceis condições encontradas na chegada ao Brasil contribuem para esse estado. Eles vieram com uma expectativa de encontrar casa, comida e emprego, mas estão tendo que lidar com uma situação muito diferente - conta. <p>A equipe da Médicos Sem Fronteiras já distribuiu 1.247 kits de higiene pessoal para os haitianos da cidade e nesta quinta-feira vai começar a fornecer produtos para a limpeza dos locais em que eles estão morando. A ONG também pretende pressionar as autoridades para que se responsabilizem pela assistência a este grupo.</p> | |
|---------------------------------|---|--|

| | | |
|--|---|--|
| | <p>- As autoridades federais precisam se responsabilizar pela assistência para essas pessoas, enquanto elas aguardam uma decisão sobre sua permanência no Brasil. E as autoridades locais e estaduais precisam se mobilizar para encontrar soluções para a atual situação dos haitianos em Tabatinga - alerta Renata.</p> <p>O governo do Amazonas afirmou que ajuda os haitianos oferecendo cursos de qualificação e encaminhando para vagas de empregos os estrangeiros que chegam a Manaus, mas disse que não tem uma ação específica para Tabatinga. Até a publicação desta matéria, O GLOBO não teve retorno da prefeitura da cidade sobre o assunto.</p> <p>Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/tabatinga-no-amazonas-recebeu-208-haitianos-em-cinco-dias-3570491</p> <p>Acesso em: 12/01/12</p> | |
| <p>“Brasileia pede ajuda para manter imigrantes que chegam em massa”</p> | <p>Localizada na fronteira do Brasil com a Bolívia e o Peru, a pequena Brasileia está tomada por haitianos. Eles estão nas ruas, nas lojas, atrás de artigos de higiene pessoal, sentados nas praças a conversar sorridentes ou, em massa, na Praça Hugo Poli, uma das principais da cidade, que, aos poucos, foi sendo ocupada pelos inesperados moradores temporários. Como revelou O GLOBO, eles são a ponta de uma cadeia de tráfico de pessoas que começa no Haiti, passa pelo Equador e chega ao Brasil. Os mesmos coiotos que ajudam a levar brasileiros e mexicanos para os Estados Unidos agora trabalham na rota em que o Brasil não é mais origem, mas chegada.</p> <p>Os primeiros haitianos chegaram em dezembro de 2010, após o terremoto que destruiu o Haiti. Agora, estão se tornando incontáveis. Nem o representante da Secretaria da Justiça e Direitos Humanos do Acre, Damião Borges Melo, responsável por providenciar comida, local para dormir, atendimento de saúde ou qualquer outro pedido possível dos imigrantes, sabe dizer ao certo quantos são.</p> <p>Nesta quinta-feira, eram cerca de 1.300, de acordo com os números de passaporte. Só entre a noite de quarta-feira e a madrugada de quinta-feira, chegaram 31. Logo de manhã, partiram 25 que já haviam conseguido o visto provisório concedido pela Polícia Federal, para que possam tirar carteira de trabalho em Rio Branco e buscar emprego.</p> <p>Brasileia, de 21.398 habitantes, não está longe de ter quase 10% de seus moradores se comunicando em francês, crioulo ou espanhol, língua que a maioria aprendeu na República Dominicana, justamente para poder chegar com mais facilidade ao Brasil.</p> <p>Se, para os haitianos, a primeira preocupação é trabalho, em Brasileia a urgência é alimentar tanta gente. Em média, os imigrantes consomem uma tonelada de alimentos por dia. A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) doou 14 toneladas de alimentos, mas não é suficiente.</p> <p>Falta de médicos é outro problema</p> <p>Na última quarta-feira, pelo menos 50 haitianos passaram mal, com infecção gastrointestinal. Foram atendidos e medicados após comer linguiça de porco nas refeições servidas de graça pelo estado. A comida é preparada por dois restaurantes de Brasileia, que prestam o serviço ao governo do estado, uma vez que não há cozinhas comunitárias. Por cada marmitex preparada, o governo paga R\$ 4,99. Nesta quinta-feira, os haitianos almoçaram arroz, feijão-de-corda, carne cozida com legumes, macarrão e salada de alface e tomate.</p> <p>Os imigrantes trazem à cidade outra preocupação, a da saúde. Nem médicos há para cuidar dos brasileiros. Todos os que atendem no posto de saúde não têm CRM. Eles se formaram em Cuba ou na Bolívia e, dizem, estão à espera de regularizar o diploma para obter o registro no país.</p> <p>Grupos alugaram casas e pagam R\$ 300 por mês, enquanto esperam pelo visto de permanência. A pior condição é a dos que buscam abrigo no hotel pago pelo governo do estado. São cerca de 30 quartos, com capacidade para, no máximo, cem pessoas, mas ali estão cerca de 800, incluindo crianças.</p> | <p><i>Cleide Carvalho - O Globo – 05/01/12</i></p> |

| | | |
|---|--|--|
| | <p>Dormem em colchonetes nos corredores, cantos e até dentro dos banheiros, que foram tornados coletivos.</p> <p>- Quero trabalhar. Depois do terremoto, ficou difícil. Não encontrei mais trabalho na minha profissão - diz Blemur Vilson, de 26 anos, técnico em manutenção e instalação de elevadores que vivia na República Dominicana antes de vir para o Brasil.</p> <p>Blemur e mais seis haitianos dividem uma casa alugada por R\$ 300 em Brasileia. Ele sente pena de seus compatriotas que se amontoam no hotel cedido pelo governo do Acre.</p> <p>Pierre Merzier, de 28 anos, chegou dez dias antes do Natal a Brasileia. Na fila para ser atendido no posto de saúde, onde fez exames básicos, pensa em trabalhar como pedreiro. Soube que em Porto Velho há emprego, devido à construção de usinas. Na República Dominicana, era cozinheiro.</p> <p>- Quero trabalhar em alguma coisa - diz ele, arranhando um espanhol, sentado ao lado de outro haitiano, o padeiro Ilfrancoeur Saint Gerard, que fala apenas crioulo.</p> <p>No posto de saúde, os haitianos predominam na fila de vacinação.</p> <p>- Estamos com sorte de não ter tido ainda um surto pior, de coisa mais grave - diz Janildo Moraes Bezerra, enfermeiro-chefe do posto.</p> <p>Segundo Bezerra, há risco de pneumonia e viroses, devido à grande quantidade de gente nos quartos e à dificuldade de se manterem condições de higiene. Um dos maiores riscos é a dengue. O município foi listado pelo Ministério da Saúde entre os que têm maior percentual de domicílios com criadouros do mosquito transmissor.</p> <p>Para os moradores de Brasileia, o clima é de preocupação:</p> <p>- A gente se sente acuado. Perdeu o prazer de andar nas ruas. Eles são educados, gentis, não fumam e não bebem, mas isso não vai dar em coisa boa. São centenas de jovens desempregados buscando emprego. Uma hora vai dar problema sério - diz Delmo Vidal, de 46 anos, dono de uma mercearia na rua principal de Brasileia há mais de 20 anos.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://oglobo.globo.com/pais/brasileia-pede-ajuda-para-manter-imigrantes-que-chegam-em-massa-3582751 <i>Acesso em:</i> 12/01/12</p> | |
| <p>“Firma de Santa Catarina vai a Brasileia para contratar haitianos”</p> | <p>Uma empresa de Santa Catarina que produz piscinas de fibra foi até Brasileia, no Acre, para contratar imigrantes do Haiti. Para trabalhar na sua linha de produção em Chapecó, a Fibratex levou 23 haitianos há sete meses. Diz ter investido R\$ 45 mil em passagens de avião e ônibus, alimentação e moradia. Segundo o gerente de produção da firma, Arlã Tormem, o primeiro contato foi casual: ele estava prestando um serviço próximo a Brasileia e passou por uma praça onde os haitianos se reúnem. Com a ajuda do governo do Acre, conseguiu providenciar documentos e os levou para Chapecó.</p> <p>- Estamos com muita dificuldade para preencher as vagas que temos abertas. Hoje, temos 110 funcionários em Chapecó, mas podemos contratar 20% a mais. Os haitianos estavam sofrendo muito no Acre, comendo e dormindo mal. Já que precisávamos contratar gente, decidimos resolver o problema deles e o nosso - disse o presidente da Fibratex, Érico Tormem.</p> <p>A Fibratex também ajudou a levar até Chapecó 12 haitianos para trabalhar num hotel, numa empresa de material de construção e em outra de pneus. Todos, segundo Tormem, têm permissão provisória para morar no Brasil e carteira de trabalho assinada.</p> <p>Dos 23 contratados pela Fibratex, 13 continuam na empresa. Os demais foram demitidos ou se demitiram, para sair "em busca de um lugar melhor", como contou Tormem.</p> <p>- Se a documentação de outros haitianos que estão no Acre ficar pronta rapidamente, trazemos mais gente - afirmou.</p> <p>Além do salário de R\$ 900 e de cesta básica - o mesmo que a Fibratex diz pagar a brasileiros -, a empresa afirma que alugou três casas para os haitianos morarem e deu treinamento.</p> | <p>Marcelle Ribeiro - O Globo - 05/01/11</p> |

| | | |
|---|--|--|
| | <p>- Eles trabalham no cargo de serviços gerais, na fábrica, e não exigimos qualificação. Aqui na região não tem gente para trabalhar em várias áreas, os frigoríficos da região estão indo para o Rio Grande do Sul buscar gente para trabalhar. Se os haitianos ficarem aqui uns dois ou três anos, a gente já recupera o investimento. Mas muitos já saíram da empresa - disse Tormem.</p> <p>Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/firma-de-santa-catarina-vai-brasileira-para-contratar-haitianos-3582676</p> <p>Acesso em: 12/01/12</p> | |
| <p>“Estrangeiros sobrecarregam postos de saúde em Tabatinga”</p> | <p>A prefeitura de Tabatinga, cidade do Amazonas onde 1.249 haitianos estão em situação irregular, aguardando a concessão de visto humanitário, informou que já fez tudo o que podia para ajudar os estrangeiros. Afirmou que não pode usar verbas de fundos municipais para auxiliá-los. Em apenas cinco dias, 208 haitianos chegaram à cidade, que faz fronteira com Colômbia e Peru.</p> <p>Segundo o secretário municipal de Comunicação, Francisco Magdo Ferreira, os serviços públicos da cidade, como postos de saúde, sofrem com a sobrecarga de usuários, já que não param de chegar estrangeiros. De acordo com o Censo do IBGE, Tabatinga tem cerca de 52 mil habitantes. Porém, segundo Ferreira, a população flutuante é de quase o dobro de pessoas, por ser uma cidade com muitos estrangeiros e de fronteira.</p> <p>- A prefeitura não pode retirar dinheiro dos fundos da educação e da saúde para isso. Hoje, chegam de 40 a 50 haitianos por semana. Só de peruanos morando aqui, temos dez mil, que não foram computados no Censo. Tabatinga tem de 80 mil a 90 mil pessoas usando os serviços públicos - disse.</p> <p>Governo diz que reforçará segurança na região</p> <p>O ministro interino da Justiça, Luiz Paulo Barreto, informou nesta quinta-feira que vai reforçar a segurança pública de Acre e Amazonas, maiores alvos da imigração em massa de haitianos. E o Ministério do Desenvolvimento Social anunciou o fornecimento de 18 toneladas de alimentos para atender esses imigrantes; oito toneladas já foram enviadas ao Acre.</p> <p>Segundo o Ministério da Justiça, quatro mil haitianos já chegaram ao país. Desses, 1.600 tiveram a situação regularizada pelo Conselho Nacional de Imigração do Ministério do Trabalho. Outros dois mil aguardam decisão dos ministérios da Justiça e do Trabalho.</p> <p>Os haitianos não se enquadram na condição de refugiados, mas estão recebendo tratamento diferenciado do governo. O Ministério da Justiça não deixou claro se adotará medidas para conter a imigração. Segundo o Ministério das Relações Exteriores, alguma providência será adotada para "equacionar" o problema. Mas o governo não pretende fechar as fronteiras, nos moldes do modelo americano.</p> <p>Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/estrangeiros-sobrecarregam-postos-de-saude-em-tabatinga-3582765</p> <p>Acesso em: 20/01/12</p> | <p>Marcelle Ribeiro e Jailton de Carvalho - O Globo - 05/01/11</p> |
| <p>“Haitianos relatam que encontraram corpos em decomposição durante fuga para o Brasil, diz antropóloga”</p> | <p>A antropóloga Thaisa Lumie Yamaue, 25 anos, voluntária do Centro de Direitos Humanos e Educação Popular do Acre, aliou-se ao haitiano Esdras Hector, no final de dezembro, para realizar entrevistas com grupos de imigrantes haitianos que sofreram abusos e violências no percurso rumo ao Brasil.</p> <p>Os imigrantes, que buscam refúgio em massa no Acre, estão sendo vítimas de extorsão, roubo, estupro e mortes quando percorrem territórios do Peru e da Bolívia. A onda migratória por melhores condições de vida teve início em 2010, após o terremoto que devastou o Haiti.</p> <p>Paulista de Campinas, Thaisa Yamaue se mudou para o Acre há quatro meses, após o marido ter sido contratado como professor universitário. Formada na Universidade Federal de São Carlos, com especialidade em migrações, conseguiu reunir relatos detalhados do trajeto e dos acontecimentos que envolvem a diáspora haitiana em solo acreano.</p> | <p>Altino Machado - Blog da Amazônia - Terra Magazine - 05/01/12</p> |

Durante os dias que passou no município de Brasiléia, na fronteira com a Bolívia, a antropóloga ficou impressionada com a interação entre a população local e os haitianos.

- Quase não há comunicação porque uns falam português e outros crioulo, mas se entendem. Isso é um sinal de solidariedade. As pessoas da cidade dão trabalho, abrigam, alimentam. Também chama a atenção a decisão do governo do Acre de prestar ajuda humanitária. Talvez isso não tivesse acontecido em outro estado brasileiro na mesma situação - analisa Thaisa Yamaue em entrevista exclusiva ao Blog da Amazônia.

A antropóloga disse que o Brasil poderia mudar o paradigma de políticas de migração que vem sendo adotada em países que recebem ondas migratórias. No mundo inteiro, quando considerados “ilegais”, os imigrantes são tratados com muita violência, quando não portam documentos.

De acordo com Thaisa Yamaue, essa condição, imposta pelo fato de não ter documentos, leva aos empregos mais degradantes e a outras situações onde os direitos humanos são violados, o que inclui abusos como escravidão, violência, incluindo, sexual.

- A lei dos países não protege essas pessoas e isso precisa ser mudado. Ondas migratórias como essa que o Brasil lida atualmente, especialmente na fronteira do Acre com a Bolívia e o Peru, não podem ser contidas apenas com o fechamento de fronteiras. Uma decisão nesse sentido agravaria a crise humanitária que está surgindo. Se a fronteira fosse fechada, os haitianos continuariam se deslocando e conseguindo ingressar no território brasileiro, e passariam a ser encarados pela sociedade como imigrantes “ilegais”. Isso seria pretexto para que ficassem ainda mais vulneráveis aos abusos dos quais já estão sendo vítimas.

Por não ter solicitado permissão para identificar os imigrantes haitianos publicamente, Thaisa Yamaue pediu para que constasse apenas as iniciais de dois nomes. Veja a entrevista:

O que os imigrantes relataram a você sobre os abusos e violências sofridos em fugas rumo ao Brasil?

A primeira entrevista foi realizada com o grupo que chegou à Brasiléia no dia 23 de dezembro. Ao todo se reuniram para a entrevista cerca de 20 pessoas, que confirmaram e detalharam os relatos de A.P., porta-voz do grupo. O grupo, formado por 21 haitianos que não se conheciam antes de chegar ao Peru, relatou que em seu trajeto, antes de chegarem à Ibéria e Iñapari, não sofreram quaisquer abusos ou hostilidades.

Onde o grupo se formou?

Em Iñapari. Ficaram hospedados em um hotel da cidade peruana, onde conheceram um haitiano apelidado de “Primo”, que organizava os grupos que seriam levados ao Brasil. De Iñapari, seguiram em direção à Ibéria, outra cidade peruana, transportados por taxistas relacionados com “Primo”. Chegando em Ibéria, tiveram que esperar, por ordem dos “coiotes”, o momento certo para seguir viagem. Em Ibéria, alguns dos haitianos sentiram que pessoas, aparentemente peruanos, os observavam atentamente, especialmente aos que pareciam ter objetos de valor.

O que aconteceu a partir de lá?

Quando chegou o momento de saírem de Ibéria, por volta das 17h30 do dia 22, os motoristas que os transportariam disseram que precisavam deixar todos os telefones celulares com eles, prometendo devolvê-los ao final do trajeto. Os haitianos seguiram em caminhão sem placa. O líder dos motoristas é conhecido como “Mário”. É uma pessoa com deficiência física. Depois de dez minutos de viagem, “Mário” sai do trajeto principal e entra em uma outra estrada. Parou o caminhão e disse que iria fazer contato com a polícia para ver se o caminho já estava liberado. Ele recebe uma ligação e continua a viagem.

O que o grupo encontrou?

Depois de 30 minutos, encontram um motociclista que os ultrapassa. Logo depois, escutam um tiro. O motorista do caminhão para e outra pessoa entra na cabine do motorista e começa a dirigir o caminhão. Logo depois chegam outras cinco pessoas que os abordaram com armas e lanternas nas mãos e na cabeça. A escuridão e as lanternas miradas para as faces dos haitianos os impediam de ver a face dos agressores, que estavam também com máscaras cobrindo a face. Os cinco agressores amarraram os homens e tiraram todas as coisas de valor dos haitianos, os revistando e ameaçando para que entregassem seus pertences. Os agressores tinham informações sobre quem tinha bens de valor. Já sabiam inclusive os nomes das pessoas que tinham mais valores, e com violência tiraram os pertences dos haitianos. O motorista também tinha informações sobre quem tinha mais valores, e durante a ação não foi amarrado e nem visto entre os agressores.

O que aconteceu com as mulheres naquele momento?

Não houve violência com as mulheres. Apenas os homens foram amarrados e espancados. Depois de tirarem todas as coisas de valor, os cinco agressores partiram, deixando os haitianos para trás. Após poucos minutos surgem diversos homens vestidos como policiais com uniformes pretos que os ajudam a se soltar. Os haitianos não ouviram nenhum barulho de carros, mas havia um carro esperando por eles, pois é prática comum que se troque de carro quando chegam à Bolívia. Os homens vestidos como policiais não procuraram os agressores e impediram os haitianos de procurá-los. Foram os homens vestidos como policiais que levaram os haitianos até o carro. O carro faz três viagens. Na primeira, os haitianos afirmam que o motorista que os guiava era o mesmo que os havia roubado. O mesmo motorista os levou até a fronteira e novamente tentou tirar os pertences das mulheres que transportava. Todos eles foram deixados numa montanha entre a Bolívia e o Peru, onde conseguiram seguir a pé até um ponto de táxi e seguiram viagem na Bolívia.

Qual país os haitianos consideram mais perigoso?

Eles dizem que é na fronteira entre o Peru e a Bolívia que ocorrem os roubos e a violência, a cerca de 40 minutos depois que saem de Ibéria, em uma estrada clandestina. Até a hora do roubo eles não haviam passado por nenhum posto policial, pois haviam desviado do caminho para desviar do posto da polícia no Peru. Depois do roubo, passaram por três postos policiais bolivianos, por onde passaram sem problemas nos táxis.

O que contou o outro grupo de haitianos?

A segunda entrevista foi com o grupo que chegou dia 14 de dezembro. O grupo, de 20 pessoas, também foi organizado pelo haitiano conhecido como “Primo” e guiado pelo motorista “Mário”. O grupo saiu de Ibéria às 21 horas do dia 13 de dezembro, não desviou do caminho para a estrada clandestina, e o motorista os levou até o posto policial do Peru. Depois de mais ou menos duas horas que saíram de Ibéria, chegaram num posto onde os policiais tomaram alguns pertences de valor dos haitianos - eletrônicos na maioria, inclusive um piano digital. Depois de tomar alguns pertences e o dinheiro de algumas pessoas, eles liberam os haitianos. O grupo seguiu viagem a pé por três quilômetros até chegar a um segundo posto, na verdade uma casinha com inscrições policiais e bandeiras da Bolívia, mas onde os homens não estavam vestidos com roupas de policiais, mas estavam armados.

O que aconteceu lá?

Outra vez os haitianos tiveram seus pertences e dinheiro tomados pelos policiais do posto. Foram colocados em fila, revistados e tiraram tudo que possuíam com algum valor, como roupas, tênis etc. Após tomarem os

pertences e o dinheiro de todos os haitianos, os policiais ainda pediram 20 dólares de cada um para liberá-los, depois conduziram os haitianos para um táxi próximo onde cada um teve que dar 100 dólares para serem levados ao Brasil. O táxi os deixou próximos ao posto policial brasileiro. Este grupo não sofreu violência, apenas teve seus pertences tomados nos postos policiais do Peru e da Bolívia.

E o terceiro entrevistado?

Foi L.C, um dos homens que viu os corpos de dois haitianos mortos numa área de floresta entre Peru e Bolívia. Ele fazia parte do grupo que chegou à Brasília dia 23 de dezembro, mas durante o trajeto foi separado do grupo e chegou ao Brasil apenas no Natal.

De onde veio L.C.?

Ele saiu da República Dominicana dia 21 de dezembro, seguiu de avião até a Costa Rica, de lá até Lima, no Peru. De Lima veio para Puerto Maldonado, também de avião, e de lá seguiu de táxi até Iñapari, onde chegou no dia 22 de dezembro. No mesmo dia conheceu e combinou a viagem com o haitiano “Primo” e saiu de Iñapari com o grupo que saiu de Ibéria dia 22 de dezembro e chegou no Brasil no dia 23 de dezembro.

O que contou L.C.?

Ele relatou os mesmos acontecimentos até a abordagem dos cinco homens armados e encapuzados que cercaram o grupo e os roubaram. O caminhão em que estavam saiu de Ibéria às 17h30 do dia 22 de dezembro e, entre aproximadamente 40 minutos ou uma hora depois, foram abordados pelos cinco homens armados. O caminhão havia saído de Ibéria e desviado por um caminho estreito de terra para desviar do posto policial. É um caminho alternativo, utilizado por grupos organizados para transportes clandestinos. No caminho de terra existe um desvio, e foi no desvio que eles foram abordados. Um dos agressores o chamou pelo nome, juntamente com um outro homem, que também foi chamado pelo nome. L.C. não sabe como os homens sabiam seu nome e o do outro haitiano, mas já havia percebido que pessoas os analisavam em Ibéria.

Alguma explicação para isso?

L. C. e o outro homem eram as duas pessoas que mais tinham dinheiro no grupo. Tinham dinheiro suficiente para ir até a Guiana Francesa, que seria seu destino final. De alguma forma os homens que os abordaram sabiam que eles tinham mais dinheiro. Apenas os dois homens foram retirados do grupo, amarrados e espancados, humilhados e jogados deitados no chão onde as formigas os mordiam. O restante do grupo em que estavam continuou viagem. Ele não consegue identificar os agressores, pois usavam máscaras para cobrir a face. Foram levados pelos agressores para dentro da mata. Amarrados e com os olhos vendados, caminharam por cerca de 15 minutos até chegar a um local onde foram jogados no chão. No chão estavam os corpos de duas pessoas.

Eram corpos de homens ou mulheres?

L.C. contou que os corpos eram de um homem e uma mulher. O corpo da mulher estava em estágio avançado de decomposição. A carne havia sido comida por animais e estava se desfazendo, com cheiro muito forte e seus ossos estavam aparentes. O corpo do homem ainda estava íntegro e sem bichos, mas muito inchado.

O que fizeram os agressores?

Eles firmaram que com os outros haitianos não tinham nada, e nada iria acontecer com eles, mas que os dois tinham dinheiro e eles sabiam, e se não dessem o dinheiro ou tentassem reagir, eles iriam matá-los. Eles entregaram

o dinheiro e os agressores os deixaram no mato e partiram. Aproximadamente 30 minutos depois, ouviram sons na estrada e gritaram por socorro. Chegaram algumas pessoas vestidas como policiais, que os ajudaram a se soltar e os levaram para seguir caminho, mas os policiais não viram os corpos.

O que mais relatou o haitiano?

L.C. queria voltar para o Haiti e retornar para o local em que o caminhão foi parado para procurar seu passaporte perdido, mas as pessoas vestidas de policiais o impediram de voltar e foram com ele até o posto policial na Bolívia e disseram que ele não deveria voltar para o Haiti. Disseram ainda que ele deveria continuar a viagem até o Brasil, afirmando que no Brasil ele poderia conseguir seus documentos dizendo que havia perdido o passaporte. Ele andou mais três horas dentro do mato, acompanhado da polícia, até chegar ao primeiro posto da polícia boliviana. No posto, a polícia boliviana perguntou se eles tinham dinheiro. Eles contaram sua história e disseram não ter nada. A polícia então chamou um táxi e pagou 20 dólares para o táxi os trazer até o Brasil. O taxista os deixou no último posto da polícia boliviana antes do Brasil. Eles chegaram à Brasília à pé.

E a sua quarta entrevista?

Foi da mulher que havia relatado para jornalistas ter visto os corpos. Na entrevista que concedeu a mim, ela disse que não viu os corpos, apenas encontrou no caminho o homem que viu os homens.

Quem foi o seu quinto entrevistado?

Foi meu tradutor, o haitiano Esdras Hector, que contou sua história e a história recente de seu país.

E o sexto?

S.S., que faz parte do grupo que chegou em Brasília no dia 23 de dezembro, que confirmou os relatos que haviam sido colhidos com o referido grupo no dia anterior. Ainda no primeiro dia de entrevistas, iniciou-se um obstáculo, que no dia seguinte impediu-nos de continuar as entrevistas. As pessoas que poderiam fornecer relatos começaram a impor condições para tal.

Como assim?

Dada a precariedade da vida dos refugiados em Brasília, existem muitas carências, muitas pessoas perderam tudo o que tinham no trajeto e chegaram ao Brasil apenas com a roupa do corpo, sem dinheiro, absolutamente desamparadas e fragilizadas pelos abusos sofridos antes de serem alojadas na cidade. Muitas das pessoas que vão até elas, para pegar suas histórias, são pessoas que lucram com a venda das histórias.

Desconfiaram de você?

Sim. Houve a desconfiança de que eu e Esdras, que somos voluntários, estivéssemos de alguma forma nos beneficiando de suas tragédias e, tomados pela necessidade, nos pediam algo em troca de suas entrevistas, como roupas, comida, qualquer coisa, que infelizmente não pudemos dar sob o risco de nosso trabalho perder credibilidade. Seria extremamente importante um trabalho delicado de investigação da Polícia Federal e de outros órgãos oficiais para que os refugiados, especialmente as mulheres violentadas, sintam-se seguros para relatar os casos, tendo a confiança e a certeza dos fins para os quais se destinam as entrevistas. Falta a confiança de que o assunto realmente será tratado pela polícia, como deve ser, e que o governo do Brasil realmente se preocupa com as violações de direitos humanos que vêm ocorrendo com os refugiados haitianos, coisa que infelizmente eu como antropóloga não posso lhes dar em apenas dois dias de

| | | |
|--|---|---|
| | <p>convivência.</p> <p>Você gostaria de ter entrevistado, por exemplo, as mulheres que também foram vítimas de violência?</p> <p>Sim, mas devido aos inconvenientes que citei, não foi possível realizar entrevistas com as mulheres que foram estupradas. Elas estavam muito desconfiadas. Algumas delas, além de outras pessoas, exigiam algo em troca da entrevista, ou que os relatos fossem colhidos por policiais ou pessoas do governo. Conversando com outras pessoas, descobrimos que houve apenas um grupo onde as mulheres foram abusadas. Todas as mulheres estupradas faziam parte do grupo de haitianos que chegou em Brasília no dia 10 de dezembro. Foi apenas naquele dia em que houve relatos de estupros.</p> <p>Onde está Ethvat Cherilus?</p> <p>Este é outro caso que merece atenção. Uma mala com a bagagem de um haitiano chegou há mais de um mês por meio de um taxista. Ele foi pago para trazer a mala até Brasília e cujo dono não apareceu. A mala era acompanhada por alguns papéis, que foram os meios pelos quais descobrimos o possível nome do dono da mala, Ethvat Cherilus. A mala não foi reivindicada por ninguém e o haitiano Ethvat Cherilus não chegou à Brasília.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://blogdaamazonia.blog.terra.com.br/2012/01/05/haitianos-relatam-que-encontraram-corpos-em-decomposicao-durante-fuga-para-o-brasil-diz-antropologa/ <i>Acesso em: 18/01/12</i></p> | |
| <p>“Secretário diz que 40 haitianos deixarão Brasileia diariamente, a partir de segunda-feira”</p> | <p>Com o sinal positivo do governo federal de que dará suporte às ações das autoridades acrianas para resolver os problemas dos 1,2 mil haitianos que estão irregularmente na cidade de Brasileia, a tendência agora é que essas pessoas deixem a cidade mais facilmente. O secretário de Justiça e Direitos Humanos do Acre, Nilson Mourão, disse que, a partir de segunda-feira (9), 40 haitianos deixarão Brasileia diariamente com todos os documentos regularizados, como vistos de permanência no Brasil, vacinação em dia e Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS).</p> <p>Na quarta-feira (4), a ministra da Casa Civil, Gleisi Hoffmann, reuniu-se à noite, no Palácio do Planalto, com os secretários executivos dos ministérios de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Rômulo Paes, e da Justiça, Luiz Paulo Ferreira Barreto, para discutir medidas de ajuda ao governo do Acre para resolver o problema de Brasileia e da imigração haitiana. Esses dois ministérios concentrarão a maior parte das ações de ajuda aos imigrantes.</p> <p>Nilson Mourão informou que a maior parte dos haitianos já regularizados deixará o Acre com destino à Rondônia, onde trabalharão em empresas responsáveis pela construção das usinas hidrelétricas Jirau e Santo Antônio. Outros estão sendo contratados por empresas para trabalhar em Santa Catarina, Cuiabá e São Paulo.</p> <p>“Recebi a informação de que uma grande empresa brasileira está interessada na mão de obra dos haitianos e virá ao Acre para contratar de 200 a 250 deles”, acrescentou o secretário. Mourão não disse o nome da empresa porque, segundo ele, foi feito até agora apenas um primeiro contato e não tem nada de oficial ainda.</p> <p>O governo federal vai ajudar na área de segurança alimentar e com repasse de recursos para concessão de passagens para que eles deixem o estado, além de fornecer serviços de saúde como vacinação e, especialmente, de detecção de vírus HIV e da hepatite.</p> <p>Nilson Mourão informou que o governo local já enviou os kits de diagnóstico de eventuais portadores do vírus de aids. Como a rede pública do município não tem condição de fazer a análise do sangue colhido, o material seguirá para a capital Rio Branco.</p> <p>Segundo o secretário, apesar do grande número de imigrantes instaladas</p> | <p><i>Marcos Chagas - Agência Brasil EBC - 06/01/12</i></p> |

| | | |
|---|---|--|
| | <p>em Brasília, município com 15 mil moradores na área urbana, o número de haitianos que cruzam a fronteira da cidade com o Peru tem reduzido. “Diariamente constatamos que esse número está diminuindo, o que facilitará nossas ações ainda mais com esse sinal verde dado pelo governo federal.”</p> | |
| <p>“Haitians Take Arduous Path to Brazil, and Jobs”</p> | <p>Of the odyssey that delivered him to this town in the Brazilian Amazon, Wesley Saint-Fleur could muster only a look of exhaustion and bewilderment.</p> <p>Months ago, he boarded a bus in Haiti, before getting on a plane in the Dominican Republic, landing first in Panama and then in Ecuador. That was where his wife gave birth to their son, Isaac, he said, bouncing the 4-month-old infant on his knee and brandishing the boy’s Ecuadorean identification card. Then they continued by bus yet again, through Ecuador and Peru. Next, they trekked by foot in Bolivia, where, he said, the police robbed him and his wife of their clothing and their life savings: \$320 in cash.</p> <p>“Then we finally got to Brazil, which I’m told is building everything, stadiums, dams, roads,” said Mr. Saint-Fleur, 27, a construction worker, one of hundreds of Haitians who gather each day around the gazebo in Brasília’s palm-fringed plaza. “All I want is work, and Brazil, thank God, has jobs for us.”</p> <p>Gambling everything, thousands of Haitians have made their way across the Americas to reach small towns in the Brazilian Amazon over the past year in a desperate search for work, including a surge of hundreds arriving in recent days amid fears that Brazil’s government could slow the influx before it overwhelms the authorities here.</p> <p>Their improbable journeys — from the rubble of their island homes to remote outposts here in the Amazon — say as much about the dire economic conditions that persist in Haiti two years after the earthquake as it does about the rising economic profile of Brazil, which is fast becoming a magnet not only for poor foreign laborers but also for growing numbers of educated professionals from Europe, the United States and Latin America.</p> <p>Upon arriving here and in other border outposts, the Haitians are often given vaccinations, clean water and two meals a day by the authorities. Many stay for weeks in Brasília and other towns before being granted humanitarian visas that allow them to work in Brazil.</p> <p>But with such a crush of new arrivals, others have not been so lucky. After traveling thousands of miles and overcoming countless obstacles, some crowd eight to a small hotel room or wind up sleeping on the streets, almost reliving the misery they had hoped to leave behind.</p> <p>“I cannot allow the sadness to take over, since opportunity will follow this hard phase,” said Simonvil Cenel, 33, a tailor awaiting a visa who leads animated evangelical prayer services for those stuck in limbo after enduring so much to get here.</p> <p>About 4,000 Haitians have immigrated to Brazil since the 2010 earthquake, often going first through Ecuador, a poorer country with lax visa policies. Brazil has made an exception for Haitians in contrast to job-seekers from nations like Pakistan, India and Bangladesh, who arrive via similar Amazonian routes but are usually expelled.</p> <p>“Haiti is recovering from an extreme period of crisis, and Brazil is in a position to help these people,” said Valdecir Nicácio, a human rights official in the state of Acre, encompassing Brasília. “Before getting here, they are at the mercy of human traffickers,” he said. “Brazil is big enough to absorb Haitians who just want jobs.”</p> <p>With the number of Haitians sharply increasing in recent days, the authorities in Brasília and Tabatinga, a border city in Amazonas State, have warned of the strains of trying to feed and house the Haitians while visa applications are reviewed. Federal officials have responded by sending tons of food for the Haitians, who currently number more than 1,000 in each border settlement.</p> <p>Dealing with an immigration crisis on its border is a new dilemma for Brazil, which until recently was more concerned with the outflow of its own citizens seeking opportunities in rich industrialized countries than responding</p> | <p><i>Simon Romero</i> <i>-New York Times</i> <i>-06/01/12</i></p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>to the arrival of thousands of impoverished foreigners.</p> <p>Though economic growth has recently slowed in Brazil, unemployment remains at a historic low of 5.2 percent, and many companies have trouble finding enough workers to fill vacancies. Wages have also climbed for those at the lowest rung of the job market, with the income of poor Brazilians growing seven times as much as the income of rich Brazilians from 2003 to 2009.</p> <p>"We were experiencing a decline in our work force because so many Brazilians are going to work at the two hydroelectric projects," said Ana Terezinha Carvalho, the personnel management analyst at Marquise, a company in Porto Velho. The city lies in the upper Amazon River Basin, where Brazil is employing thousands to build two big dams, called Jirau and Santo Antônio.</p> <p>Ms. Carvalho said her company quickly hired 37 Haitians who arrived last year, to collect trash in Porto Velho and take it to the city's landfill. Some make more than \$800 a month, in a job that includes benefits like health insurance, overtime and paid holidays. "There weren't enough Brazilians, so we were happy to hire the Haitians," she said.</p> <p>The authorities estimate that about 500 Haitians now live in Porto Velho and that about 700 are in Manaus, the largest city in the Brazilian Amazon. Hundreds more have made it to São Paulo, Brazil's economic capital. Companies like Fibratec, a swimming pool manufacturer in southern Santa Catarina State, have even sent managers all the way here to hire dozens of Haitians.</p> <p>In addition to meeting demand for cheap labor, the effort to let Haitians work in Brazil speaks to the country's ambitions of wielding greater regional influence, by attempting to find ways of alleviating problems in the hemisphere's poorest nation.</p> <p>Since 2004, Brazil has sent troops to lead a United Nations peacekeeping mission in Haiti. But there are now more Haitians in Brazil than Brazilian soldiers in Haiti. In September, Brazil announced that it would start drawing down its 2,000 troops in the Caribbean nation.</p> <p>Most of the Haitians hope to spend just a few weeks in Brasília's immigration limbo, before moving on. Some, like Francisco Joseph, 25, make the most of the time here. He buys prepaid cellphone cards across the bridge in the Bolivian city of Cobija and sells them to fellow Haitians in Brasília's plaza at a markup of about 30 cents a card. He makes as much as \$10 a day.</p> <p>"This little bit of money gives me a little bit of dignity," he said.</p> <p>Others, like Jacksin Etienne, 31, nurture bigger dreams. A polyglot who glides with ease between English, Spanish, French and Creole, Mr. Etienne said he hoped to work as a translator or in a hotel.</p> <p>"I want to go straight to São Paulo, the New York of South America," he said. "Brazil's a rising kind of place, and it needs people like me."</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.nytimes.com/2012/01/07/world/americas/brazils-boom-absorbs-haitis-poor-for-now.html?_r=1&scp=8&sq=haiti&st=cse#h[] <i>Acesso em:</i> 11/01/12</p> | |
| <p>"Em SP, nos últimos anos, houve um salto de imigrantes vindos do Haiti"</p> | <p>Há seis meses no Brasil, o haitiano Christal Joseph, 25 anos, quer juntar dinheiro para voltar ao seu país, mas sonha em antes viajar pelo Brasil a passeio. Diz ainda que não está muito feliz na capital paulista, pois não recebeu os salários dos dois últimos meses em que trabalhou como ajudante de carpinteiro na construção de um prédio.</p> <p>- O Brasil está melhor que outros países, e muita gente fala que São Paulo é o melhor do Brasil. Agora não sei se posso dizer se o Brasil é bom, porque trabalhei e não recebi - conta ele ao GLOBO.</p> <p>Joseph é um dos muitos haitianos que, segundo o Consulado do Haiti em São Paulo, chegam ao estado buscando emprego, principalmente na construção civil. De acordo com o cônsul do Haiti em São Paulo, George Samuel Antoine, antes do terremoto do Haiti, ocorrido em janeiro de 2010,</p> | <p>Marcelle Ribeiro - O Globo - 06/01/12</p> |

| | | |
|--|---|----------------------------------|
| | <p>havia cerca de 30 a 40 haitianos morando no estado. Hoje, são de 600 a 800.</p> <p>- São pessoas que querem trabalhar, juntar dinheiro para mandar para a família. A maioria tem nível de escolaridade mais baixo - afirma o cônsul.</p> <p>Foi pela Bolívia que Joseph entrou no Brasil. Mas não saiu do Haiti: veio da República Dominicana. Segundo ele, no seu país, sua família está trabalhando - o pai é lavrador e a mãe, vendedora -, mas ainda não conseguiu reformar a casa afetada pelo terremoto.</p> <p>Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/em-sp-nos-ultimos-anos-houve-um-salto-de-imigrantes-vindos-do-haiti-3591161</p> <p>Acesso em: 29/01/12</p> | |
| <p>"Mais de 200 haitianos entraram em Tabatinga, no AM, em 2012"</p> | <p>O município de Tabatinga, a 1.180 Km de Manaus, registrou no início deste ano quase 1500 haitianos morando na cidade. Em menos de uma semana, 208 entraram ilegalmente no município, em 2012.</p> <p>A situação se repete desde o início de 2010, quando o Haiti foi devastado por um terremoto. Para chegar ao Amazonas, eles pagam até 4 mil dólares para coiotes - atravessadores que prometem uma vida melhor no Brasil.</p> <p>Na cidade de Tabatinga, os haitianos são recebidos por representantes da Igreja Católica. Em seguida, entram em uma lista de espera para serem entrevistados pelo setor de Imigração da Polícia Federal (PF). O atendimento ocorre três vezes por semana e em média são atendidos de dez a 13 haitianos por dia.</p> <p>De acordo com a PF, dois agentes federais fazem as entrevistas. O cadastro é repassado para o Comitê Nacional de Refugiados (Conare), em Brasília. Segundo o Conare, os haitianos não se enquadram na situação de refugiados e por isso o Ministério da Justiça concede um protocolo de "ajuda humanitária", que garante a eles direito de transitar pelo Brasil e adquirir Carteira de Trabalho, com validade de 90 dias, que pode ser renovada.</p> <p>O porta-voz do Comitê dos haitianos, em Tabatinga, Ernesto Casseus, cobra do Governo Federal uma decisão clara quanto ao tipo de ajuda humanitária que está sendo proposta a eles já que, ao chegarem ao Brasil, vivem em condições desumanas. Ainda segundo ele, a pouca comida doada pela Igreja Católica precisa ser dividida, falta espaço para dormir e até mesmo para fazer a higiene pessoal.</p> <p>Neste ano, cerca de 1500 haitianos foram registrados pelo comitê. Alguns já estão na cidade há mais de três meses esperando pela entrevista na delegacia da Polícia Federal. No ano passado, três mutirões de atendimento foram realizados na delegacia com ajuda de agentes de Manaus, mas a demanda volta a aumentar com a chegada de novos haitianos em Tabatinga.</p> <p>O prefeito do município, Saul Nunes Bemerguy, informou que pouco pode fazer pelos estrangeiros já que não recebe nenhum tipo de ajuda dos governos estadual e federal para esse tipo de situação. "É um percentual muito alto de pessoas pobres, e não damos conta. Se tivermos um projeto, uma ajuda estadual e federal, estamos a disposição para colaborar no que for necessário", disse o prefeito.</p> <p>Em 2010, a delegacia da Polícia Federal encaminhou 456 solicitações de pedido de refúgio dos haitianos ao Conare. Em 2011, foram 1.898, três vezes mais que no ano anterior.</p> <p>Visto</p> <p>O Ministério da Justiça divulgou, nesta sexta-feira (6), que 1,6 mil haitianos, que entraram ilegalmente no país, tiveram sua situação regularizada após a emissão de vistos humanitários em 2011.</p> <p>Segundo o MTE, 634 haitianos receberam o visto entre janeiro e setembro de 2011 -- último período com dados analisados e concluídos pelo ministério. Destes, 397 estão no Amazonas, 207 no Acre, 14 em São Paulo, três no Tocantins e 13 em outros estados.</p> <p>Disponível em:</p> <p>http://g1.globo.com/amazonas/noticia/2012/01/mais-de-200-haitianos-entraram-em-tabatinga-no-am-em-2012.html</p> | <p>Sem autor - G1 - 07/01/12</p> |

| | | |
|---|--|---|
| | <i>Acesso em: 25/01/12</i> | |
| “A saga dos haitianos rumo ao Brasil no drama de uma criança” | <p>Francesas tem 1 ano e 6 meses. Nasceu depois do terremoto que devastou o Haiti, mas a tragédia faz parte de sua história. Seus pais, Gisele Methelis, de 27 anos, e Ilfride Jean Mary, de 28, eram donos de uma loja de roupas e haviam viajado para a casa de parentes dois dias antes do tremor. Tinham casa, carro e renda suficiente para o plano de casar e ter filhos, mesmo num país que o mundo parece enxergar como um lugar sem alternativas. Quando retornaram da viagem, não tinham mais nada.</p> <p>E a história de Francesas prossegue em Brasileia, numa casa de madeira à beira do rio Acre, onde a menina vive agarrada ao pescoço do pai. Ilfride chegou a Brasileia no começo de 2011. Como é também pintor, arrumou emprego na obra de uma escola. Com alguma renda, achou que era hora de trazer mulher e filha. Gisele veio, Francesas ficou no caminho.</p> <p>Foi deixada pela mãe no colo de uma desconhecida no aeroporto da República Dominicana. Gisele não sabia que era preciso passaporte e pagar metade do valor da passagem aérea para que a criança, de colo, pudesse embarcar com ela. Sem saber o que fazer e com medo de perder os dólares pagos pela viagem, embarcou aos prantos, deixando a filha com a mulher que prometeu ajuda.</p> <p>- Supliquei a ela que cuidasse bem da minha filha, que eu mandaria dinheiro todo o mês. Passamos a mandar R\$ 300 por mês para ela cuidar do bebê. Ela ligava pedindo dinheiro para leite, roupa, sapatinhos. Nós mandávamos, mas quando a neném chegou, veio apenas com a roupa do corpo - conta Gisele.</p> <p>Uma mentira para poder reencontrar a filha</p> <p>Os meses se passaram, mas o casal não tinha dinheiro suficiente para buscar a criança. Foi então que o acaso colocou na história uma terceira pessoa. A irmã de Gisele ligou do Haiti perguntando se estava fácil arrumar emprego no Brasil. Uma conhecida da família queria vir. Gisele mentiu.</p> <p>- Eu disse que era só vir que achava emprego. Menti porque queria que ela trouxesse minha filha - conta.</p> <p>Foi assim, na certeza de uma vida melhor, que Chrismére Surcin, de 38 anos, embarcou para o Brasil. A família de Gisele ajudou na compra da passagem para que ela pegasse a menina na República Dominicana e a trouxesse a Brasileia.</p> <p>Chrismére, com a menina no colo, chegou a Iñapari, no Peru. Ali, ficou sabendo que não conseguiria passar pela fronteira do Brasil sem ajuda. Pagou para passar pela mata à noite. A pé, com a criança e as malas. Na lama, perdeu a sandália, deixou rasgar uma mala e, com medo de se perder do grupo, largou para a trás parte do que trazia. Para piorar, Francesas, que vinha só com a roupa do corpo, fez cocô. Francesas chegou na véspera do Natal, de volta ao colo dos pais. Chrismére desabou a chorar.</p> <p>Desde então, estão os três, adultos e a criança, à beira do rio até que ele suba. Na quinta-feira, faltavam 60 centímetros, na casa alugada por R\$ 200 mensais. Ilfride, já rebatizado de "pintor Alfredo" pelos brasileiros, sai todo dia à procura de trabalho, mas não tem achado. E o que diz Chrismére, que só fala crioulo e não entende português ou espanhol?</p> <p>- Tem dia que vejo que ela fica triste, mas não fala nada - diz Gisele.</p> <p>A pedido do GLOBO, ela pergunta diretamente a Chrismére se ela voltaria ao Haiti se conseguisse passagem.</p> <p>- Eu gostaria de voltar e trazer meu filho para estudar aqui - diz ela, segundo Gisele.</p> <p><i>Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/a-saga-dos-haitianos-rumo-ao-brasil-no-drama-de-uma-crianca-3593894</i></p> <p><i>Acesso em: 29/01/12</i></p> | <i>Cleide Carvalho - O Globo - 07/01/12</i> |
| “Dilma se prepara para visitar o Haiti no próximo dia 1º” | <p>A presidenta Dilma Rousseff se prepara para visitar o Haiti no próximo dia 1º. Em conversa com o presidente haitiano, Michel Martelly, Dilma comentou sobre seu desejo de ir a Porto Príncipe, capital do país. Na visita, a presidenta pretende intensificar a cooperação brasileira, ampliando as</p> | <i>Renata Giraldi - Agência Brasil EBC - 08/01/12</i> |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>parcerias nas áreas de saúde em conjunto com Cuba, agricultura, capacitação profissional e o apoio à construção da usina hidrelétrica sobre o Rio Artibonite, no Sul do país.</p> <p>Assessores de Dilma, que preparam a viagem, disseram que a visita será emblemática, pois ocorre no momento em que o Haiti – o país mais pobre das Américas – enfrenta ainda dificuldades de reconstrução causadas pelo terremoto de 12 de janeiro de 2010, quando morreram mais de 220 mil pessoas, e o agravamento da epidemia de cólera.</p> <p>Empossado no ano passado, o presidente Martelly também vive uma fase delicada. Sem apoio político no Parlamento, ele tenta consolidar-se politicamente por meio de anúncio de ações isoladas. Porém, o histórico político do Haiti de instabilidade e tensões cria um ambiente de apreensão no país, segundo observadores brasileiros.</p> <p>Independentemente do momento político haitiano, Dilma quer mostrar que o Brasil pretende manter-se como protagonista no que se refere à ajuda ao país. Para a presidenta, o apoio internacional não deve ser limitado às ações militares, mas ampliado para a área social. Os projetos de combate à fome e erradicação da pobreza executados no Brasil, por exemplo, podem ser adaptados ao Haiti, segundo especialistas.</p> <p>Com índices de violência e desemprego elevados, o Haiti sofre com as ações de grupos organizados, denominados gangues urbanas. Uma das tarefas da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah), formada por militares brasileiros e de várias nacionalidades, foi atenuar o poder desses grupos. A missão, porém, que tem caráter temporário, deverá ser retirada do país.</p> <p>Antes de seguir viagem para o Haiti, Dilma irá no próximo dia 31 para Cuba. A visita a Havana ocorre no momento em que o presidente cubano, Raúl Castro, incentiva a abertura da economia por meio de medidas para o estímulo ao incremento no campo e nas cidades. Sob embargo econômico desde 1962, os cubanos sofrem com uma série de limitações e vivem com restrições de energia, água e alguns tipos de alimentos.</p> <p>Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-01-08/dilma-se-prepara-para-visitar-haiti-no-proximo-dia-1%C2%BA</p> <p>Acesso em: 11/01/12</p> | |
| <p>“Brasil tem histórico de apoio aos haitianos”</p> | <p>O apoio do governo brasileiro ao Haiti é histórico. Houve parcerias nos últimos governos que deverão ser ampliadas na gestão da presidenta Dilma Rousseff. A parceria mais intensa foi por meio das forças de paz, a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah), criada em 2004 para restaurar a ordem e a tranquilidade na região.</p> <p>Para o ministro da Defesa, Celso Amorim, a retirada gradual dos militares estrangeiros do Haiti é fundamental. Segundo ele, é necessário evitar a falsa sensação de conforto gerada pela presença dos estrangeiros no país. Amorim, no entanto, costuma ressaltar que a saída dos homens deve ser feita por meio de um cronograma definido de forma conjunta por todos que participam da missão.</p> <p>Há ainda dois outros episódios que fazem o Haiti manter vínculos afetivos com o Brasil. Em 2004, a seleção brasileira, com celebridades como Ronaldo Fenômeno e Ronaldinho Gaúcho, enfrentou a seleção haitiana no único estádio da capital, Porto Príncipe. Foi o chamado jogo da paz.</p> <p>Apaixonados por futebol e pelos atletas brasileiros, mais de 15 mil haitianos se apertaram no pequeno espaço para assistir à partida. O Brasil venceu por 6 x 0. O placar pareceu não incomodar os haitianos que foram para as ruas saudar os jogadores brasileiros – os quais costumam homenagear com pichações em muros.</p> <p>Seis anos depois, logo após o terremoto de 12 de janeiro de 2010, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva visitou o Haiti. Lula fez um sobrevoo sobre o país para verificar os prejuízos causados pela tragédia. Na ocasião, o presidente apelou aos credores internacionais para que perdoem a dívida do país e disse que o Brasil cooperaria com todas as ações necessárias para a</p> | <p>Renata Giraldi - Agência Brasil EBC - 08/01/12</p> |

| | | |
|--|--|---|
| | <p>reconstrução da região.</p> <p>Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-01-08/brasil-tem-historico-de-apoio-aos-haitianos</p> <p>Acesso em: 11/01/12</p> | |
| <p>“Peru e Bolívia, vizinhos do Brasil, negam ajuda a haitianos”</p> | <p>O pedreiro Saint Juste Baptiste, 41 anos, está no Brasil há um mês e meio. Otteneil Neriil tem 36 anos, é mestre de obras e chegou há três meses. Os dois são haitianos. No último sábado, Baptiste e outros dois amigos, Pierre Enock e Polyte Elie, estavam na Ponte da Amizade, que liga Brasil e Bolívia, olhando as águas do Rio Acre, que não param de subir. Eles não podiam cruzar os 200 metros entre Brasileia e a vizinha Cobija, zona livre que comercializa todo tipo de artigo fabricado no mundo, trazidos do Panamá. Neriil cruzava a ponte do lado contrário, com o compatriota Jacqui Jean Pierre, depois de dar uma volta e ver as lojas da cidade boliviana. Qual a diferença entre Baptiste e Neriil?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não posso ir até lá, não tenho visto - diz Baptiste. - Sou cidadão brasileiro agora. Tenho o visto de permanência e CPF - explica Neriil. <p>Da Estrada do Pacífico, haitianos seguem até Brasileia</p> <p>Ao contrário do Brasil, a Bolívia não aceita a entrada de haitianos ilegalmente, sem visto. Tampouco oferece a eles ajuda como "comida e dormida", como na pequena Brasileia. É assim também em Iñapari, no Peru. Ali, se quiserem ficar, os haitianos têm de pagar para comer e dormir. Nem o Peru, nem a Bolívia, os dois corredores de chegada dos imigrantes ilegais, dão a eles o mesmo tratamento que o Brasil, que agora estuda até mesmo pagar pousadas para que os haitianos fiquem mais bem acomodados enquanto esperam pelo visto temporário, que dá direito de viver e trabalhar no Brasil por dois anos, com CPF e carteira de trabalho assinada.</p> <p>Iñapari é uma cidade minúscula, de aspecto rural, na fronteira com Assis Brasil (AC), com ruas de terra, casas e pousadas de madeira. Há pouquíssimo comércio. O maior movimento tem sido a venda de cartões telefônicos e a circulação de táxis e pequenos triciclos de transporte cuja principal função tem sido levar haitianos à fronteira, na Estrada do Pacífico, por onde vão de táxi ou ônibus até Brasileia.</p> <p>Não é difícil entender por que coiotes abordam os haitianos por ali. Iñapari, conhecida como rota de tráfico de drogas, foi um dos lugares por onde começou a passar o oxi para o Brasil. Não atrai turistas - como sonham políticos peruanos e brasileiros que querem fazer da Estrada do Pacífico rota de turismo de Cusco, no Peru, cruzando a Cordilheira dos Andes, e chegando à Floresta Amazônica na área que levou para o mundo, pela voz de Chico Mendes, o grito da preservação. Chico Mendes nasceu em Xapuri e foi sindicalista em Brasileia.</p> <p>A Bolívia também tem seus problemas. O comércio de fronteira é ruim e Cobija está distante de se tornar uma Ciudad Del Este, cidade paraguaia tida como paraíso de compras de brasileiros. Se o Brasil baixasse impostos ou tornasse Brasileia também uma cidade de livre comércio, os negócios em Cobija praticamente desapareceriam.</p> <p>Enquanto nada acontece, Brasileia tem grandes fazendas de gado, comércio ralo e muitos moradores trabalham nas lojas de Cobija, com preços em real e dólar numa conversão extorsiva, a US\$ 1 por R\$ 2. Mesmo assim, o comércio fica lotado de brasileiros atrás de roupas baratas, eletrodomésticos e eletroportáteis importados.</p> <p>O governo brasileiro já se reuniu pelo menos uma vez com autoridades de Peru, Bolívia, Equador e Colômbia para tratar da questão dos haitianos. Todos disseram que têm tradição de "livre trânsito" e não tomariam medidas para impedir a passagem.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Eles entendem que apenas facilitam o trânsito - diz Nilson Mourão, secretário de Justiça e Direitos Humanos do Acre. <p>O mais novo pedido do Brasil foi para que Bolívia e Peru impedissem casos de agressão e extorsão de haitianos, como ocorreu até dezembro.</p> | <p>Cleide Carvalho - O Globo - 08/01/12</p> |

| | | |
|--|--|---|
| | <p>Bolívia e Peru não dão, porém, ajuda humanitária a haitianos nas cidades de fronteira.</p> <p>- Até o presente momento é isso que ocorre - diz Mourão.</p> <p>A seu ver, se os governos trabalharem para impedir a violência com os haitianos, já terão dado sua contribuição.</p> <p>Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/peru-bolivia-vizinhos-do-brasil-negam-ajuda-haitianos-3598470</p> <p>Acesso em: 29/01/12</p> | |
| <p>“Governo vai regularizar a situação de 4 mil haitianos no país”</p> | <p>O governo brasileiro vai regularizar a situação de cerca de 4 mil haitianos que entraram no Brasil fugindo da situação econômica do país, arrasado por um terremoto em 2010. Cerca de 1,6 mil já receberam vistos de trabalho e os demais terão a situação regularizada nos próximos dias.</p> <p>O anúncio foi feito hoje (10) pelo ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, depois de reunião com a presidenta Dilma Rousseff, e os ministros das Relações Exteriores, Antonio Patriota, do Desenvolvimento Social, Tereza Campello, e da Casa Civil, Gleisi Hoffman, no Palácio do Planalto.</p> <p>A regularização vai valer para os haitianos que já estão no Brasil. Na quinta-feira (12), o governo vai propor ao Conselho Nacional de Imigração, vinculado ao Ministério do Trabalho, uma resolução para aumentar o controle sobre a entrada de haitianos no país. A regra vai restringir a emissão de vistos condicionados a haitianos ao máximo de 100 por mês, e que só poderão ser requeridos diretamente na Embaixada do Brasil no Haiti, na capital, Porto Príncipe.</p> <p>Os vistos permitirão a permanência no Brasil por cinco anos para quem vier ao país para atividade de trabalho regular, informou Cardozo. “Aqueles que entrarem depois estarão em situação irregular e, como qualquer outro estrangeiro nessa situação, serão notificados e extraditados”, disse o ministro. Se aprovada, a resolução começa a valer ainda nesta semana.</p> <p>O governo também decidiu que os haitianos não poderão entrar no país na condição de refugiados políticos, por decisão do Conselho Nacional para os Refugiados (Conare), que havia negado os pedidos de entrada no país nessa condição. “O Conare entendeu que não é caso de refúgio político e sim de vulnerabilidade econômica”.</p> <p>O controle das fronteiras também será reforçado, em parceria com os governos do Peru, Equador e da Bolívia. Segundo Cardozo, a ideia é atacar rotas de imigração ilegal de haitianos e coibir a ação dos chamados coiotes, aliciadores de pessoas.</p> <p>No Brasil, os haitianos estão concentrados nas cidades de Brasileia, no Acre, e Tabatinga, no Amazonas. Os governos estaduais têm reclamado do caos social provocado pela imigração nas cidades. Cardozo disse que o governo federal vai dar apoio aos governos estaduais na assistência aos estrangeiros.</p> <p>“O governo federal não ficará indiferente e dará atendimento social aos haitianos. Temos que reconhecer a situação econômica dessas pessoas. Vamos dar apoio aos governos dos estados do Acre e Amazonas, para que possamos, por meio dos ministérios da Saúde, do Desenvolvimento Social e do Trabalho garantir atendimento a essas pessoas”.</p> <p>Hoje, o governo do Peru começou a exigir visto de haitianos que queiram entrar no país, para conter a imigração.</p> <p>Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-01-10/governo-vai-regularizar-situacao-de-4-mil-haitianos-no-pais</p> <p>Acesso em: 11/01/12</p> | <p>Luana Lourenço - Agência Brasil EBC - 10/01/12</p> |
| <p>“Haitianos reclamam da demora para conseguir visto de permanência –</p> | <p>A equipe do JN no Ar foi para a cidade de Tabatinga, no extremo oeste do Amazonas - por onde milhares de haitianos têm entrado ilegalmente no Brasil.</p> <p>O avião do JN no ar decolou de Brasília às 21h30 em direção ao oeste, com um fuso-horário que deixa a equipe em desvantagem de duas horas em relação a Brasília. Às 22h40, hora local, 0h40, hora de Brasília, o avião pousou em Tabatinga. Do aeroporto, seguidos por uma caravana de motos, a equipe</p> | <p>Sem autor - Jornal Nacional - G1 - 10/01/12</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>do JN no Ar seguiu direto para a praça da Igreja Matriz, no centro da cidade.</p> <p>É o ponto de encontro noturno dos haitianos que há meses chegaram ao Brasil. Quase sempre, pela mesma rota: República Dominicana, Panamá, Equador e Peru.</p> <p>Marcelo chegou ao Brasil há dois meses. É dele que se ouve, pela primeira vez, uma reclamação comum entre os haitianos: a demora em conseguir o visto de permanência no país.</p> <p>Segundo o Ministério da Justiça, só em 2011, 4 mil haitianos ingressaram no Brasil - a um custo que varia de US\$ 2 mil a US\$ 4 mil, em gastos com passagens e com os coiotes: atravessadores que prometem uma vida melhor no Brasil.</p> <p>Marcelo diz que os coiotes receberam e guiaram os haitianos sem causar problemas. Quando o dia clareou, bem cedo, a equipe foi a algumas casas da cidade onde os haitianos estão hospedados. Em uma delas, até 12 pessoas estavam amontoadas, dormindo em quartos minúsculos.</p> <p>Os vizinhos da hospedaria se sentem incomodados com a presença dos haitianos. "Tira um pouco a nossa privacidade", diz uma moradora.</p> <p>Segundo Ministério da Justiça, pelo menos 1,6 mil haitianos já tiveram a situação regularizada no Brasil. E muitos deles já começaram a trabalhar. Na obra de pavimentação de uma rua, no centro de Tabatinga, alguns deles foram encontrados.</p> <p>O coordenador da obra diz que gosta do trabalho dos haitianos, que ganham R\$ 25 de diária. "Nossa meta é contratar mais haitianos para trabalhar com a gente", diz Josenir Ramos.</p> <p>Eles também trabalham no porto da cidade, descarregando material dos barcos que chegam de Manaus. O porto é praticamente a fronteira do Brasil com o Peru, de onde vêm os haitianos.</p> <p>Na ilha, poucos haitianos, que já estão há tempos no Brasil e vão aos orelhões para ligar para a família. No meio da tarde, dezenas de haitianos chegaram à ilha de Santa Rosa. Depois de passar pela imigração, eles são liberados para viajar de barco até Tabatinga.</p> <p>Nos últimos sete dias, 135 haitianos cruzaram a fronteira. Por isso, 135 é o número de kits distribuídos pela Organização Médicos Sem Fronteiras. Dentro de sacos verdes, rede de dormir, pratos, talheres, copos, baldes, sabonetes, pasta e escova de dentes.</p> <p>A representante da Pastoral da Mobilidade Humana do Alto Solimões, diz que a igreja só conta com doações. E pede ajuda às autoridades. "Nenhuma ajuda federal, nenhuma ajuda estadual, nenhuma ajuda municipal", declara a irmã Patrícia.</p> <p>"20% da população de Itabatinga está abaixo da linha da pobreza. Então, se eu tenho que priorizar aqui, eu vou priorizar as pessoas nativas de Itabatinga", justifica o prefeito de Itabatinga Saul Nunes.</p> <p>Na igreja católica do bairro do Brilhante, todos os dias, centenas de haitianos se reúnem para almoçar. Carmel Flourantin, batizada com o nome de uma montanha em homenagem à Nossa Senhora do Monte Carmel, no Haiti, não vê o marido e os filhos há um ano. Ela reclama das condições em que se encontra, mas sabe que tem um futuro melhor pela frente. "Há uma esperança", declara.</p> <p>Apesar das dificuldades, os haitianos não deixam de exibir o orgulho da terra natal.</p> <p>Nesta terça-feira, o presidente do Peru, Ollanta Humala, baixou um decreto tornando obrigatório o visto de entrada no país para cidadãos haitianos. Já o governo brasileiro, vai reforçar a fiscalização nas fronteiras e, na próxima quinta-feira (12), vai propor um projeto de resolução ao Conselho de Imigração do Ministério do Trabalho.</p> <p>Até a aprovação dessa resolução, quem tiver entrado no Brasil vai ter a situação regularizada e vai ganhar visto de trabalho de até cinco anos. A partir daí, os haitianos só poderão entrar no Brasil com o visto que será emitido pela embaixada brasileira em Porto Príncipe.</p> | |
|--|--|--|

| | | |
|---|---|---|
| | <p>"A partir dessa data, os que não tiverem visto não poderão entrar no país - e os que entrarem ilegalmente terão obviamente a sua notificação para que sua extradição seja efetivada - como acontece com quaisquer estrangeiro", declarou o ministro da Justiça, José Eduardo Cardoso.</p> <p>Disponível em: http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/01/haitianos-reclamam-da-demora-para-conseguir-visto-de-permanencia.html</p> <p>Acesso em: 11/01/12</p> | |
| "Governo quer inibir migração de haitianos ao País" | <p>O governo federal pretende regularizar a situação de haitianos que já estão no Brasil, mas pretende inibir o crescente movimento migratório ao País endurecendo o tratamento conferido àqueles que ainda não chegaram por aqui. O movimento acompanha ações de outros países vizinhos, como o Peru, que passou a exigir nesta terça-feira visto de haitianos que queiram entrar no País.</p> <p>Segundo estimativas oficiais, 4 mil haitianos vivem hoje no Brasil, dos quais 1,6 mil já estariam com a situação regularizada.</p> <p>"Os quatro mil serão regularizados. Até a data da (nova) resolução (do Conselho Nacional de Imigração), vamos regularizar", afirmou o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, após reunião com a presidente Dilma Rousseff e os ministros Antonio Patriota (Relações Exteriores), Tereza Campello (Desenvolvimento Social e Combate à Fome) e Gleisi Hoffmann (Casa Civil).</p> <p>O Palácio do Planalto deve encaminhar uma nova resolução, a ser aprovada ainda pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIG), órgão colegiado vinculado ao Ministério do Trabalho. O objetivo é regularizar a situação dos haitianos que já estão no Brasil, mas condicionar a entrada de outros cidadãos daquele País mediante apresentação de um visto condicionado ao "exercício de atividade certa e à fixação em região determinada do território nacional", conforme previsto em lei.</p> <p>A proposta é limitar a 100 o número mensal de vistos concedido pela embaixada brasileira em Porto Príncipe, no Haiti. De acordo com Cardozo, a próxima reunião do CNIG será nesta quinta-feira.</p> <p>"Aqueles que entrarem sem visto a partir desta data (da nova resolução) estarão em situação irregular e, ao se constatar esse ingresso, esses haitianos serão notificados e extraditados", disse Cardozo, que prometeu reforçar a segurança nas fronteiras.</p> <p>Além disso, serão feitas "gestões diplomáticas" e ações conjuntas aos governos de Peru, Equador e Bolívia no sentido de atacar a rota ilícita de imigração.</p> <p>Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,governo-quer-inibir-migracao-de-haitianos-ao-pais,821067,0.htm?p=2</p> <p>Acesso em: 28/01/12</p> | <p>Rafael Moraes Moura - O Estado de São Paulo - 10/01/12</p> |
| "Acre dá passagem para imigrantes partirem" | <p>Após gastar mais de R\$ 1,5 milhão com assistência social aos haitianos que entram ilegalmente no país, o governo do Acre começou a bancar transporte para mandá-los para fora do Estado.</p> <p>Desde a semana passada, o governo local paga passagens de ônibus a cerca de 35 haitianos por dia. A maioria segue até Porto Velho (RO), para buscar emprego, sobretudo na construção civil.</p> <p>Com a medida, o governo conseguiu reduzir de 1.250 para 1.050 o número de imigrantes alojados provisoriamente em Brasileia (231 km de Rio Branco), cidade que faz fronteira com a Bolívia e que se tornou porta de entrada dos haitianos no Brasil.</p> <p>Depois de entrarem no país sem visto -frequentemente com a ajuda de atravessadores-, eles se apresentam à Polícia Federal como refugiados e são obrigados a permanecer em Brasileia até regularizar sua situação.</p> <p>Apesar de o governo federal estar concedendo vistos de permanência aos haitianos por razões humanitárias, a maioria chega ao país sem dinheiro e não consegue deixar o Acre para buscar emprego em outros Estados.</p> <p>Antes de seguir viagem, os imigrantes estão sendo levados pelo governo</p> | <p>Freud Antunes - Folha de São Paulo - 11/01/12</p> |

| | | |
|---|---|---|
| | <p>a Rio Branco, onde tiram a carteira de trabalho. Segundo o funcionário da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Acre Damião Borges de Melo, que coordena a assistência aos haitianos, mais cem homens devem seguir para Porto Velho hoje. A maioria, diz ele, já tem emprego garantido em Rondônia e Mato Grosso.</p> <p>Até o momento, os haitianos que permanecem em Brasileia vêm recebendo do governo acriano comida, tratamento de saúde e hospedagem -em pousadas superlotadas. O Ministério da Justiça disse que enviou 14 toneladas de alimentos ao Estado como ajuda humanitária.</p> <p>Sobre o deslocamento dos haitianos dentro do país, o Ministério da Justiça diz que não acompanha o destino final dos imigrantes após sua regularização e que eles têm permissão para viver em qualquer Estado.</p> <p>O filantrópico Instituto Migrações e Direitos Humanos, que já intermediou contratações de haitianos no país, disse ter informações de imigrantes empregados em Rondônia, Amazonas, Santa Catarina, Minas, São Paulo, Rio Grande do Sul e Mato Grosso.</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/19446-acre-da-passagem-para-imigrantes-partirem.shtml</p> <p>Acesso em: 11/01/12</p> | |
| <p>“Governo limita expedição de vistos para haitianos entrarem no Brasil”</p> | <p>O governo federal decidiu endurecer as regras e restringir a entrada de haitianos no Brasil. Hoje, já são 4 mil, vivendo principalmente no Acre e no Amazonas, que vieram ao Brasil em busca de emprego e de melhores condições de vida. A presidente Dilma Rousseff enviará proposta ao Conselho Nacional de Imigração (CNIg) para que sejam concedidos apenas 100 vistos por mês e que eles sejam solicitados na Embaixada do Brasil no Haiti, e não aqui. A proposta será analisada pelo colegiado amanhã e, caso seja aprovada, estará publicada no Diário Oficial de sexta-feira.</p> <p>A imigração de haitianos no Brasil aumentou desde 2010, quando o país passou por um terremoto devastador (leia memória). Alegando perseguição política, centenas de refugiados entravam no Brasil, especialmente pelas fronteiras com a Bolívia e o Peru, muitas vezes usando o Equador como porta de entrada para o continente, e tinham direito de permanecer no país até o processo ser analisado. Ao avaliar os pedidos de asilo, o Conselho Nacional de Refugiados constatou que a maioria dos casos não se tratava de perseguição política, e sim de vulnerabilidade social. Por esse motivo, não recebe mais pedidos de asilos de haitianos desde 31 de dezembro do ano passado.</p> <p>A partir da aprovação da resolução no CNIg, não será mais autorizada a entrada de haitianos sem visto. Os documentos só serão concedidos na Embaixada do Brasil no Haiti, com número mensal limitado. Os critérios de escolha para a permissão da entrada serão definidos pela embaixada e pelo Ministério das Relações Exteriores. Os vistos serão do tipo condicionado, que prevê que o beneficiado comprove ter emprego e endereço fixos no país. Quem insistir em entrar sem o visto e for pego será deportado.</p> <p>Regularização</p> <p>Os haitianos que já estão no Brasil terão a situação regularizada. Dos 4 mil que já cruzaram a fronteira do país, 1,6 mil têm o visto, e o restante também obterá o documento. Além disso, o governo federal organizou uma força-tarefa, articulando os ministérios do Trabalho, do Desenvolvimento Social, da Integração Nacional e da Saúde para auxiliar os governos do Acre e do Amazonas a dar a assistência de que os haitianos precisam. “O governo federal não ficará indiferente a essa situação, que existe nesses estados, justamente para que nós possamos dar um tratamento social, em conjunto com esses governos, aos haitianos”, afirmou o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, acrescentando que essas pessoas terão auxílio para procurar empregos no Brasil.</p> <p>Outra ação que faz parte do pacote anunciado ontem é o reforço na fiscalização das fronteiras com o Peru e a Bolívia, além da intensificação das ações no Equador, que, embora não faça divisa com o Brasil, é uma das</p> | <p>Juliana Braga - Correio Braziliense - 11/01/12</p> |

| | | |
|---|---|---|
| | <p>principais portas de entrada dos haitianos na América do Sul. “Não podemos concordar que seja uma situação absolutamente sem nenhum controle”, avalia o ministro. O objetivo é coibir a entrada ilícita e impedir o trabalho dos coites — pessoas que cobram para facilitar a imigração ilegal. Para efetivar esse controle, haverá incursões diplomáticas no Peru, na Bolívia e no Equador, onde serão realizadas conversas com as autoridades policiais locais.</p> <p>O pacote de medidas foi anunciado ontem, após reunião da equipe de ministros com a presidente Dilma Rousseff. Participaram do encontro, além de Cardozo, os ministros do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Tereza Campello; das Relações Exteriores, Antonio Patriota; e da Casa Civil, Gleisi Hoffmann. No início de fevereiro, Dilma deve visitar o Haiti.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica-brasil-economia/33,65,33,12/2012/01/11/interna_brasil,285905/governo-limita-expedicao-de-vistos-para-haitianos-entrarem-no-brasil.shtml <i>Acesso em: 11/01/12</i></p> | |
| <p>“Dilma vai ao Haiti mas, antes, fecha fronteira para imigrantes ilegais”</p> | <p>O governo decidiu fechar definitivamente as fronteiras do país para os milhares de haitianos que tentam entrar ilegalmente no Brasil, fugindo da fome, das doenças e da violência da nação mais miserável das Américas. Os haitianos que entrarem no país sem visto prévio serão notificados e extraditados, como acontece com brasileiros que se arriscam a entrar ilegalmente nos Estados Unidos.</p> <p>A Polícia Federal e a Agência Brasileira de Inteligência (Abin) já foram acionadas para ampliar a vigilância das fronteiras. E a diplomacia brasileira conseguiu convencer o vizinho Peru a também exigir visto de entrada para haitianos. O país faz parte da principal rota utilizada pelos haitianos para acessar o Brasil, já que existe um voo direto entre as capitais do Haiti, Porto Príncipe, e do Peru, Lima.</p> <p>Nesta quinta-feira (12), o Conselho Nacional de Imigração vai aprovar que o Brasil só conceda visto de entrada aos haitianos que o solicitarem na embaixada brasileira no Haiti, em Porto Príncipe, no limite máximo de 100 por mês. A concessão também estará condicionada à comprovação prévia de que a pessoa virá ao Brasil trabalhar.</p> <p>A decisão de fechar as fronteiras foi tomada em reunião da presidenta Dilma com os ministros José Eduardo Cardozo (Justiça), Antônio Patriota (Relações Exteriores) e Gleisi Hoffmann (Casa Civil), nesta terça-feira (10), no Palácio do Planalto.</p> <p>A motivação, também neste caso, está muito relacionada à pressão dos meios de comunicação que, desde o final de 2011, têm abordado insistentemente o drama dos haitianos que chegam ao Brasil, abandonados aos cuidados dos governos estaduais e de entidades da sociedade civil.</p> <p>A pressão dos governos do Acre e do Amazonas foi outro fator que influenciou na postura adotada. Os dois estados são os que mais vêm sofrendo com a presença de haitianos em suas cidades fronteiriças.</p> <p>Brasileira, pequeno município de 20 mil habitantes no Acre, não tem mais condições de dar abrigo e alimentação aos 1250 haitianos que aguardam lá a regularização das suas situações. Tabatinga, com 50 mil moradores no Amazonas, está na mesma situação, com cerca de 1,1 mil imigrantes ilegais.</p> <p>Para não parecer insensível ao drama do quase vizinho mais pobre, a presidenta Dilma determinou que os cerca de 4 mil haitianos que já entraram no Brasil recebam vistos de permanência. Até o momento, apenas 1,6 mil foram regularizados. Também anunciou que o governo federal apoiará os estados do Acre e Amazonas na oferta de alimentação e hospedagem aos imigrantes.</p> <p>Na primeira viagem internacional que fará em 2012, Dilma irá ao Haiti no dia 1º de fevereiro, para discutir com o presidente Michel Martelly formas de cooperação em ações sociais que possam ajudar na reconstrução do país, assolado por um terremoto em 2010 e por uma consequente epidemia de</p> | <p><i>Najla Passos - Carta Maior - 11/01/12</i></p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>cólera, no ano passado.</p> <p>O Brasil já é o país que fornece o maior efetivo para a Força de Paz da Organização das Nações Unidas (ONU), que atua no país desde 2004, a Minustah. Dos 8.740 militares de 19 países, 2.309 pertencem às Forças Armadas Brasileiras.</p> <p>O governo brasileiro já anunciou que, a partir deste ano, dará início à retirada gradual das suas tropas do país, processo que deverá durar até 2016, conforme o Itamaraty. Este ano, a previsão é que um efetivo de 200 homens deixe o país.</p> <p>A presença brasileira no Haiti é um legado da política externa do ex-presidente Lula, iniciada em 2004. Lula esteve no Haiti em 2004, 2008 e 2010, logo após o terremoto. Muito mais do que ajuda militar, ofereceu alimentação e auxílio técnico na reconstrução de estradas e hidrelétricas.</p> <p>Dilma vai para o Haiti depois de uma visita, na véspera, a Cuba.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=19357 <i>Acesso em: 26/01/12</i></p> | |
| <p>“Conectas manifesta preocupação com política migratória para haitianos”</p> | <p>Conectas manifestou hoje (11/01/2011) preocupação com o destino dos cidadãos haitianos que buscam acolhimento no Brasil. A ONG brasileira, com mandato internacional, teme que a ameaça de deportação feita ontem pelo Ministério da Justiça brasileiro e a restrição no número de vistos concedidos aos haitianos - 100 por mês - represente ainda mais sofrimento para as milhares de famílias que tentam reconstruir suas vidas no Brasil, fugindo de décadas de conflitos internos, criminalidade, pobreza, instabilidade política e desastres naturais em seu país de origem.</p> <p>"É a hora de o Brasil mostrar capacidade de lidar com este quadro de forma abrangente, indo além da preocupação meramente militar. Agora, o drama dos haitianos não está mais situado apenas numa ilha distante, mas foi transportado para dentro de seu próprio território, evidenciando as dimensões sociais, humanitárias, jurídicas, migratórias e políticas que o desafio de reconstruir o Haiti impõe", disse Camila Asano, coordenadora de Política Externa e Direitos Humanos da Conectas.</p> <p>A ameaça de deportação feita pelo Brasil não deve ainda, sob nenhuma hipótese, ferir o direito de "non-refoulement", ou não devolução de qualquer cidadão que tenha solicitado formalmente o status de refugiado.</p> <p>A presente situação chama a atenção para a necessidade de que o governo brasileiro defina com clareza, transparência e em diálogo com a sociedade como pretende lidar com o número cada vez maior de estrangeiros que procuram no Brasil melhores condições de vida..</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.conectas.org/institucional/conectas-manifesta-preocupacao-com-politica-migratoria-para-haitianos#.Tw39LkB0Mzo.email <i>Acesso em: 11/01/12</i></p> | <p><i>Sem autor - Conectas Direitos Humanos - 11/01/12</i></p> |
| <p>“Legislação brasileira permite que haitianos tragam familiares”</p> | <p>Os haitianos que tiverem sua situação legalizada no Brasil poderão trazer seus parentes como qualquer outro estrangeiro que vive regularmente no país. Pais, cônjuges ou companheiro/companheira, filhos menores - e de até 24 anos se solteiros - poderão acompanhar o imigrante, como rege hoje a legislação para estrangeiros. O governo estima que, além dos quatro mil haitianos que já estão no Brasil, outros 1.200 devem deixar Porto Príncipe, capital do Haiti, nos próximos meses.</p> <p>O secretário-executivo do Ministério da Justiça, Luiz Paulo Barreto, explicou que, uma vez regularizado no Brasil, o haitiano poderá trazer seus parentes. O secretário está confiante em que o Conselho Nacional de Imigração (CNIG), vinculado ao Ministério do Trabalho, aprove nesta quinta-feira resolução com as medidas anunciadas na terça-feira pelo ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, que regulamentam e restringem a presença dos haitianos.</p> <p>Barreto explicou que, em linhas gerais, a resolução vai tratar da</p> | <p><i>Evandro Éboli e Flávio Freire - O Globo - 11/01/12</i></p> |

concessão de cem vistos mensais e estabelecer um prazo - provavelmente cinco anos - para o haitiano imigrante arranjar um trabalho regular no Brasil. Da resolução vão constar também as condições especiais do visto de residência a ser concedido na embaixada brasileira em Porto Príncipe: com autorização para trabalhar, sem exigência de qualificação e sem necessidade de contrato de trabalho no Brasil.

A resolução deve ser aprovada nesta quinta-feira e publicada nesta sexta-feira no Diário Oficial da União. Na semana que vem, as autoridades brasileiras no Haiti deverão iniciar a distribuição dos vistos especiais. Para Barreto, o governo não restringiu a presença dos haitianos, mas legalizou a situação.

- Não será mais necessário o imigrante recorrer a máfias internacionais, pagar a coiotes e passar por esse círculo ilegal - disse Barreto. - Por outro lado, não estamos estimulando a diáspora do povo haitiano, mas assegurando sua proteção no desejo de tentar a vida no Brasil.

O governo brasileiro acredita que o número de haitianos atrás do visto brasileiro não será muito grande em função das condições econômicas do povo. A grande maioria da população vive abaixo da linha da pobreza e não tem recursos para comprar uma passagem aérea e assumir outros gastos.

Barreto afirmou que os haitianos que seguem para o Brasil têm um perfil trabalhador e são encanadores, eletricitas, da área da construção civil. E poderão trabalhar como professores de francês.

O governo estuda estimular convênios com entidades da sociedade civil e ensinar português para os haitianos em várias turmas nos três períodos do dia. Barreto atribui a vários fatores o interesse dos haitianos pelo Brasil: a presença dos militares brasileiros que integram a força de paz no Haiti desde 2004 - que acabou motivando a promoção de um jogo da seleção brasileira na capital haitiana - e o crescimento do país, que o colocou entre as principais economias do mundo.

Tabatinga recebe mais haitianos

No norte do país, enquanto autoridades de Tabatinga, no Amazonas, dizem que pelo menos 80 haitianos teriam chegado à cidade nas últimas 24 horas - embora a Polícia Federal não confirme os números oficialmente -, a prefeitura de Brasileia, no Acre, informou que nenhum haitiano entrou na cidade entre terça e quarta-feira. Tabatinga e Brasileia são as duas principais portas de entrada para os haitianos que buscam oportunidades no Brasil.

- Eles não param de chegar, e a situação por aqui continua crítica, pois não recebemos ajuda dos governos estadual e federal - diz Francisco Magdo, secretário municipal de Comunicação de Tabatinga.

Mais de 500 haitianos continuam na cidade amazonense à espera do visto que permitirá a livre circulação no Brasil, podendo inclusive trabalhar. Já em Brasileia, a prefeita Leila Galvão disse nesta quarta-feira que os haitianos continuam perambulando pela cidade, lotando pequenas pousadas e sofrendo com falta de condições de higiene. Segundo ela, pelo menos 60 haitianos deixaram o município nesta quarta-feira, a maioria rumo a Porto Velho e São Paulo.

- Não sei até quando vamos enfrentar essa situação. Parece que, com a decisão do governo de fechar as fronteiras, os haitianos devem deixar de vir para o Brasil - acredita a prefeita.

Presente em Tabatinga e Brasileia, a ONG Médicos sem Fronteiras presta assistência aos haitianos e prepara agentes de saúde dos municípios para atender possíveis doentes. No dia 20 de dezembro, a organização começou a distribuição de mais de 1,3 mil kits de higiene pessoal e de limpeza.

- O primeiro passo é melhorar as condições básicas de vida dessas pessoas, até que elas mesmas sejam capazes de se manterem. Isso é essencial para evitar a deterioração de sua saúde e uma série de distúrbios psicológicos - disse, por meio da assessoria de imprensa, Renata de Oliveira, coordenadora da ONG em Tabatinga.

| | | |
|--|---|---|
| | <p>A entidade não acompanha o fluxo de entrada de haitianos nas cidades, apenas faz atendimentos de urgência.</p> <p>Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/legislacao-brasileira-permite-que-haitianos-tragam-familiares-3647244</p> <p>Acesso em: 11/01/12</p> | |
| <p>“Especialistas: crescimento do Brasil atrairá novos imigrantes”</p> | <p>O crescimento econômico do Brasil tende a transformar o país em novo destino para migrantes do mundo, e entrada maciça de haitianos expôs a fragilidade das instituições brasileiras para lidar com situações que envolvem imigração ilegal. É o que dizem especialistas ouvidos pelo GLOBO a respeito da onda de imigração haitiana no país e as últimas medidas do governo.</p> <p>Para o coordenador do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC e integrante do Instituto de Relações Internacionais da USP, Giorgio Romano, o fluxo migratório deve crescer.</p> <ul style="list-style-type: none"> - O crescimento do Brasil, as novas perspectivas abertas não só com a Copa e os Jogos Olímpicos, mas sobretudo com o pré-sal, e a proposta de crescimento sustentado no futuro próximo devem provocar esse tipo de movimento - diz ele, para quem as medidas restritivas são acertadas. - A decisão não poderia ser diferente, para evitar que a situação fugisse do controle das autoridades brasileiras. O Brasil há muitos anos está comprometido com a pacificação, a reconstrução e o desenvolvimento do Haiti - acrescenta Romano, para quem o Brasil não deixou para trás questões humanitárias ao adotar tais ações. <p>Para o professor de Direito Internacional da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP) Salem Nasser, a decisão sobre a obrigatoriedade dos vistos foi pensada como uma solução para contenção de uma crise. Problemas relativos às fronteiras do Brasil, por exemplo, continuam escancarados.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Percebo a medida do governo como tentativa de melhor gerenciar o problema dos imigrantes brasileiros. Para o Brasil, é problema porque adiciona situação crítica a outras que o país abriga. E chama instituições a responderem desafios novos, para os quais talvez não estejam totalmente preparadas - diz Nasser. <p>A decisão de exigir visto é considerada correta por ele. Com o controle, que deve diminuir o ritmo de entrada de haitianos, o governo estaria se mostrando preocupado em tomar medidas apropriadas para os quatro mil haitianos que já estão no Brasil.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Do ponto de vista humanitário, o Brasil parece estar tomando medidas apropriadas em relação aos imigrantes que já estão em território nacional. Com relação aos que viriam, e que agora precisarão de visto, o raciocínio do governo foi provavelmente orientado pela ideia de que a ajuda humanitária, na forma de permissão de entrada aos imigrantes, não pode ser ilimitada, já que o Brasil não teria como sustentar isso. <p>Para ele, o governo deveria passar a exigir proposta de trabalho aos imigrantes como forma de tentar garantir melhores condições aos que chegam ao país fugindo da condição de miséria em que o Haiti se encontra desde o terremoto de 2010.</p> <p>E analisa:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Esse é um tema sempre em pauta na Europa, e ficou mais em evidência por ocasião dos levantes no mundo árabe. Esse é um dos problemas maiores da sociedade internacional e do seu Direito. O que estamos vendo no Brasil é de dimensão muito pequena, na comparação. <p>Anteontem, o governo francês informou ter batido o recorde de expulsões de estrangeiros em 2011, com total de 32.922 imigrantes deportados. Em entrevista à Rádio França Internacional, o ministro francês do Interior, Claude Guéant, conhecido pela determinação em localizar e expulsar estrangeiros da França, disse que a meta é atingir 35 mil expulsões em 2012.</p> <p>Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/especialistas-crescimento-do-brasil-atraira-novos-imigrantes-3646903</p> <p>Acesso em: 11/01/12</p> | <p>Flávio Freire - O Globo - 11/01/12</p> |
| <p>“Falta de</p> | <p>Longe de seu país natal desde os 17 anos, Augustin Feerinork não</p> | <p>Márcia Abos -</p> |

| | | |
|---|--|---|
| <p>perspectiva no Haiti é o que tem atraído imigrantes”</p> | <p>esqueceu o provérbio haitiano: "ficar de joelhos, nunca". Antes de chegar ao Brasil, em março de 2011, estudou e trabalhou cinco anos na vizinha República Dominicana, numa empresa de transporte de alimentos para os Estados Unidos. A crise americana o empurrou para uma nova vida em São Paulo, onde trabalha como entregador. O começo foi sofrido, mas o jovem de 23 anos não reclama de ter passado fome, da dificuldade inicial de arranjar trabalho, nem do salário atual, bem menor do que ganhava na República Dominicana. Feerinork só demonstra tristeza ao falar da solidão e do sonho ainda distante de trazer seus pais e irmãos.</p> <p>- Na República Dominicana, trabalhava mais e ganhava mais. Aqui trabalho menos e ganho menos. Então, está tudo bem - diz, misturando espanhol e português para se fazer entender. - Para trazer meus irmãos e meus pais para cá gastaria R\$ 4 mil por pessoa. Nem sei quanto tempo terei de trabalhar para conseguir juntar todo esse dinheiro.</p> <p>Há 18 anos no Brasil, o padre haitiano Jean Gardy Jean Pierre procura explicações para a migração em massa de conterrâneos como Feerinork. Pároco na igreja de São Thomas More, na Vila Dalva, numa favela na periferia de São Paulo, ele diz ter ficado surpreso com o movimento e teme pelo futuro dos cerca de 4 mil haitianos que chegaram ao Brasil no último ano, esperando encontrar o eldorado:</p> <p>- Antes, a diáspora era para a América do Norte e Europa, especialmente França. Pergunto-me qual é a mão invisível por trás desta mudança? Quem está tirando proveito ou vendendo ilusões? Porque sabemos que o Brasil não é o eldorado - diz, prevendo que os haitianos encontrarão nos grandes centros urbanos condições piores do que as de seus paroquianos.</p> <p>Para Jean Pierre, o brasileiro é generoso. Lembra que logo após o terremoto que há dois anos devastou o Haiti, uma de suas fiéis sugeriu: "Por que não trazemos todos para cá?". O padre ficou comovido com a solidariedade, mas sabe que seria impossível.</p> <p>- Martin Luther King uma vez falou que os brancos americanos estavam mais dispostos a ajudar os negros na África do que seus vizinhos afrodescentes. O preconceito não se manifesta tanto contra aqueles que estão distantes, mas ele aparece com força quando se trata de alguém que vai competir com você pela mesma vaga de trabalho - teme o pároco, que planeja visitar os 26 haitianos que estão vivendo na Pastoral do Migrante, no centro de São Paulo, e rezar uma missa para eles.</p> <p>O sacerdote costuma voltar ao Haiti a cada dois anos, para visitar a família. Da última vez em que esteve lá, em agosto passado, sofreu ao ver o estado de devastação e a lentidão do esforço de reconstrução:</p> <p>- Tudo está para ser refeito. A situação é ainda lastimável. Muitas promessas foram feitas, mas poucas foram cumpridas.</p> <p>É desta falta de perspectiva que fogem jovens como Feerinork. Com o visto de trabalho brasileiro vencido desde 5 de janeiro, entrou com o pedido de renovação. Sonha em conseguir um visto permanente e, depois disso, trazer sua família. Por enquanto, contenta-se com as condições modestas em que vive, dividindo a casa com um colega brasileiro.</p> <p>- Não saio muito, nem tenho muitos amigos. Arrumar namorada é difícil, acho que por causa do idioma. Mas os brasileiros são bons, me receberam de braços abertos. E tenho trabalho aqui. É o que importa.</p> <p>Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/falta-de-perspectiva-no-haiti-o-que-tem-atraido-imigrantes-3646843</p> <p>Acesso em: 11/01/12</p> | <p><i>O Globo - 11/01/12</i></p> |
| <p>“Brasil cierra las fronteras ante el temor de una inmigración masiva de haitianos”</p> | <p>La inmigración en masa de haitianos en busca de trabajo en Brasil, a través de las fronteras con Bolivia y Perú, se ha convertido en un problema grave para el Gobierno de la presidenta Dilma Rousseff. El 31 de este mes la mandataria visitará Haití, donde el Ejército brasileño coordina una fuerza de paz desde 2004, cuando el Consejo de Seguridad de la ONU aprobó su envío.</p> <p>El Gobierno considera tan grave el problema (recientemente 5.000 haitianos han ingresado ilegalmente a Brasil) que Rousseff ha reunido a los</p> | <p><i>Juan Arias - El País - 11/01/12</i></p> |

| | | |
|---|--|--|
| | <p>ministros más importantes de su Gabinete, entre ellos el de Justicia, José Cardozo; el de Exteriores, Antonio Patriota; la ministra de la Casa Civil, Gleisi Hoffmann; varios ministros que se encargan de asuntos sociales, así como a representantes de la Policía Militar para tratar el asunto.</p> <p>El problema del ingreso masivo de haitianos y del cierre de las fronteras tiene varias vertientes. Brasil es un país creado por inmigrantes de más de 20 países del mundo y tiene una deuda histórica con ellos porque enriquecieron culturalmente este país. Con los africanos, la deuda es doble porque fue el último país que abolió la esclavitud en 1888, y todavía hoy sufren la discriminación los herederos de aquellos esclavos africanos que se convirtieron en el proletariado de la nación.</p> <p>Al mismo tiempo, Brasil es visto por los pobres del mundo subdesarrollado como un país rico, necesitado de mano de obra y con un futuro de prosperidad. De ahí que Rousseff quiera resolver el problema sin cerrar del todo la entrada de haitianos al país, pero controlando la política migratoria, que ha favorecido a los traficantes de inmigrantes, que desangran materialmente a los haitianos para hacerles llegar hasta Brasil.</p> <p>El itinerario que estos inmigrantes realizan con los traficantes es rocambolesco: salen de Puerto Príncipe y atraviesan el Caribe hasta Panamá. De allí viajan a Ecuador y cruzan a Perú. Desde Lima salen en autobús, en coche o a pie, hasta llegar a la frontera norte con Brasil.</p> <p>La fórmula que el Gobierno está buscando para resolver el problema y evitar una inmigración en masa es que solo puedan entrar cien haitianos por día, que antes hayan recibido en la Embajada de Brasil en Haití un visado condicionado al Estatuto de Extranjeros brasileño, por un tiempo determinado, hasta encontrar trabajo.</p> <p>Los haitianos especializados no tendrán problema porque Brasil necesita de esta mano de obra cualificada. El temor es que los trabajadores sin titulación sean contratados por empresas extranjeras a través de compañías subcontratadas que mantienen a dichos trabajadores -sobre todo si son irregulares y no quieren volver a sus países de origen- en condiciones de trabajo consideradas "de esclavitud".</p> <p>Ha sido, por ejemplo, el caso de Zara, que acaba de ser multada bajo la acusación de proteger el trabajo en condiciones de esclavitud, al igual que otras 78 empresas que están sometidas a procesos en la justicia laboral.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://internacional.elpais.com/internacional/2012/01/11/actualidad/1326285889_461306.html <i>Acesso em:</i> 12/01/12</p> | |
| <p>"Brasil tenta coibir vinda de haitianos ilegais"</p> | <p>O governo federal decidiu adotar medidas para tentar limitar a entrada de haitianos ilegais no país. Desde o terremoto que em 2010 destruiu a capital, Porto Príncipe, vem aumentando o fluxo de haitianos que chegam ao Brasil em busca de emprego.</p> <p>Muitos são atraídos por "coiotes" (atravessadores) e entram ilegalmente no país, principalmente pelo Acre. Em dezembro, a Folha revelou que atravessadores bolivianos montaram esquema para levar haitianos ao Acre. Os imigrantes pagavam US\$ 300 pelo ingresso ilegal no país.</p> <p>Uma das medidas prevê a emissão de até cem vistos por mês para os haitianos. A concessão do documento será feita pela embaixada brasileira no país, gratuitamente, e valerá por até cinco anos.</p> <p>O estrangeiro deverá comprovar posteriormente o "exercício de atividade certa" e um endereço fixo, como prevê a legislação vigente.</p> <p>Nos últimos 20 anos, segundo o Itamaraty, é a primeira vez que o governo decide impor um limite para a entrega de vistos a estrangeiros.</p> <p>Hoje, o haitiano interessado em entrar legalmente e trabalhar no Brasil enfrenta maior burocracia: ao pedir o visto, ele precisa comprovar ter um emprego ou uma oferta de trabalho no país.</p> <p>A proposta tem de ser aprovada pelo Conselho Nacional de Imigração, ligado ao Ministério do Trabalho, que discutirá o assunto amanhã.</p> | <p><i>Flávia Foreque - Folha de São Paulo</i> - 11/01/12</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>Após entrar em vigor, o haitiano que ingressar no país de forma irregular e for identificado pelo governo será notificado a deixar o Brasil e, se não o fizer, será deportado.</p> <p>De acordo com estimativa do Ministério da Justiça, 4.000 haitianos estão no país. Desses, 1.600 já estão com situação regularizada --o governo pretende fazer o mesmo com os demais 2.400.</p> <p>"É uma forma de reconhecer a necessidade econômica dessas pessoas. E obviamente o Brasil tem uma política de direitos humanos, de reconhecimento do problema no Haiti", disse o ministro José Eduardo Cardozo (Justiça).</p> <p>Segundo o ministro, a União deve ajudar o Acre e o Amazonas no atendimento adequado aos haitianos.</p> <p>Outra medida anunciada ontem é a ação de autoridades diplomáticas e policiais do Brasil no Peru, no Equador e na Bolívia para coibir a entrada ilegal de haitianos e a ação de "coiotes". Cardozo não deu detalhes do aumento do efetivo na fronteira nem de como se fará o trabalho.</p> <p>Para Rosita Milesi, do Instituto Migrações e Direitos Humanos, a medida é "viável, humanitária e construtiva". Ela ressalta, porém, a necessidade de as autoridades darem condições mínimas de permanência aos haitianos.</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1032785-brasil-tenta-coibir-vinda-de-haitianos-ilegais.shtml</p> <p>Acesso em: 12/01/12</p> | |
| <p>"Com economia forte, Brasil quebra tradição e freia imigração haitiana"</p> | <p>Com uma economia vigorosa que atrai cada vez mais trabalhadores do mundo, o Brasil decidiu nesta semana frear uma onda de imigração ilegal de haitianos, rompendo uma tradição permissiva que abre as portas para políticas que antes criticava em países ricos, indicaram analistas.</p> <p>O governo brasileiro anunciou nesta terça-feira que regularizará os quase 4 mil haitianos que entraram ilegalmente no país, a maior parte nas últimas semanas, mas irá impor a partir de agora um visto para a entrada destes cidadãos e pretende bloquear novas ondas de imigração ilegal em suas fronteiras.</p> <p>A decisão de regularizar os haitianos que entraram ilegalmente era esperada, mas o endurecimento da política de imigração, tradicionalmente mais permissiva, surpreendeu.</p> <p>"É uma situação nova para o Brasil, que, pela primeira vez, enfrenta estes fluxos de pessoas que vêm ao país porque veem em sua economia uma fonte de emprego e oportunidades", afirmou à AFP Oliver Stuenkel, professor de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas (FGV).</p> <p>Introduzidos por "coiotes", os haitianos, que há dois anos viram seu país sucumbir a um terremoto, buscam trabalho nas grandes usinas hidroelétricas em construção na Amazônia ou em São Paulo, disse à AFP o secretário de Justiça e Direitos Humanos do estado do Acre, Nilson Mourão, na pequena cidade amazônica de Brasileia, que acolhe mais de mil haitianos.</p> <p>"É uma consequência que o Brasil paga por ter se tornado a sexta maior economia mundial", acrescentou.</p> <p>Durante décadas de crescimento econômico na Europa, nos Estados Unidos e no Japão, os brasileiros viajaram a estes países, frequentemente em condições precárias, em busca de oportunidades de trabalho, e o país fez duras críticas às restrições migratórias nestes países.</p> <p>Agora é o Brasil que recebe europeus, americanos e trabalhadores de países pobres.</p> <p>"Consideramos injustas as políticas migratórias adotadas em alguns países ricos", criticou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ao aprovar, em 2009, uma anistia que regularizou dezenas de milhares de estrangeiros em situação ilegal.</p> <p>"O Brasil sempre reagiu com a devida indignação ao trato muitas vezes discriminatório dispensado aos seus cidadãos nos Estados Unidos e na Europa", mas agora terá que "se preparar para receber de modo adequado as novas ondas de imigrantes", destacou o jornal Folha em seu principal</p> | <p>Yana Marull - Veja - 11/01/12</p> |

| | | |
|---|--|---|
| | <p>editorial nesta quarta-feira.</p> <p>O Brasil não é um país fácil para conseguir permissão de trabalho e residência. No entanto, fez vista grossa à entrada de imigrantes de países mais pobres e aprovou anistias periódicas.</p> <p>"São dadas mais oportunidades ao imigrante ilegal e pobre que ao legal para obter o status de residente e visto de trabalho, fruto de uma política baseada na solidariedade com os países pobres", explica Stuenkel, para quem o país, impedido de controlar suas gigantescas fronteiras, enfrenta um "difícil dilema".</p> <p>"A exigência do visto decidida pelo governo não impedirá que outros haitianos continuem entrando ilegalmente. E, quando isso ocorrer, o Brasil será testado de outro modo, quando tiver que decidir se rejeita sua entrada ou os expulsa", explicou à AFP o professor de Direito Internacional Salem Nasser.</p> <p>A presidente Dilma Rousseff visitará o Haiti em fevereiro. O Brasil lidera as tropas da ONU neste país desde 2004 e, desde então, promove a cooperação e o desenvolvimento.</p> <p>Disponível em: http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/com-economia-forte-brasil-quebra-tradicao-e-freia-imigracao-haitiana</p> <p>Acesso em: 19/01/12</p> | |
| <p>"RS vai receber haitianos para trabalhar em fábrica"</p> | <p>A 5.960 quilômetros de distância do Haiti, o Rio Grande do Sul está incluído na rota de oportunidades dos haitianos que deixam o país, fugindo da pobreza e da fome após o terremoto que devastou a nação mais pobre das Américas, há dois anos. Nas próximas semanas, o Estado receberá imigrantes que trabalharão em uma indústria de massas em Gravataí, na Região Metropolitana.</p> <p>Após saber pelo rádio do drama dos haitianos que chegam ao Acre, o diretor industrial da Indústria e Comércio de Massas Romena, Alexandre Rosa, viajou para Brasileia para contratar 10 homens (leia entrevista abaixo). Na fronteira boliviana com o Acre, Brasileia é um dos pontos de entrada de cerca de 4 mil haitianos que já chegaram ao Brasil desde janeiro de 2011.</p> <p>Sozinhos ou com as famílias, enfrentam um roteiro complexo, com passagens por outros países, até alcançar o norte brasileiro. Ali, protocolam um registro de refúgio em um posto da Polícia Federal, onde recebem a autorização provisória para permanecer no Brasil. A previsão é de que, em 90 dias, estejam com um visto humanitário em mãos, com direito a usar o Sistema Único de Saúde (SUS) e a trabalhar com carteira assinada, como ocorrerá na indústria de massas gaúcha.</p> <p>Ao mesmo tempo em que lidera a força de paz no país caribenho desde 2004, o Brasil agora é confrontado com o risco de uma avalanche migratória na fronteira. Para conter a evitar de ilegais, o governo federal decidiu adotar medidas restritivas. Dos 1,6 mil haitianos que já regularizaram seu status no Brasil, acredita-se que 800 conseguiram emprego, especialmente na construção civil em São Paulo, Rondônia, Pará e Brasília. O cálculo é do representante da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Acre em Brasileia, Damião Borges.</p> <p>Salários baixos decepcionam</p> <p>Há um ano acompanhando os haitianos na cidade, Borges está acostumado a que os caribenhos lhe enumerem as razões da imigração: simpatia pelos brasileiros que participam da missão de paz da ONU no Haiti e a crença de que o crescimento econômico e a proximidade da Copa do Mundo e das Olimpíadas lhes garantirá uma vaga de trabalho. Uma decepção, porém, já foi detectada: os salários são bem menores dos R\$ 1,5 mil ou R\$ 2 mil que esperavam receber.</p> <p>– É questão de sobrevivência. Eles relatam que, estar aqui, sob qualquer condição, é melhor do que lá – diz o deputado federal gaúcho Paulo Pimenta (PT), que acompanha a situação pela Câmara.</p> <p>A partir de ontem, a Polícia Federal passou a emitir 40 vistos por dia na</p> | <p>Rossana Silva - Zero Hora - 11/01/12</p> |

cidade, facilitando a contratação de mão de obra haitiana. Além do gaúcho, um empresário catarinense e um mineiro estavam na cidade para contratar haitianos.

Governo tenta coibir vinda de ilegais

O governo federal decidiu adotar medidas para tentar limitar a entrada de haitianos ilegais no país. Uma delas prevê a emissão de até cem vistos por mês para os haitianos. A concessão será feita pela embaixada brasileira no país, gratuitamente, e valerá por até cinco anos. O estrangeiro deverá comprovar posteriormente o “exercício de atividade certa” e um endereço fixo, como prevê a legislação vigente.

A proposta tem de ser aprovada pelo Conselho Nacional de Imigração, que discutirá o assunto amanhã. Após entrar em vigor, o haitiano que ingressar no país de forma irregular e for identificado pelo governo será notificado a deixar o Brasil. Se não o fizer, será deportado.

Outra medida é a atuação de autoridades diplomáticas e policiais do Brasil no Peru, no Equador e na Bolívia para coibir a entrada ilegal de haitianos e a ação de “coiotes”. O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, não deu detalhes do aumento do efetivo na fronteira nem de como se fará o trabalho.

Para Rosita Milesi, do Instituto Migrações e Direitos Humanos, a medida é “viável, humanitária e construtiva”. Rosita ressalta, porém, a necessidade de as autoridades darem condições mínimas de permanência aos haitianos.

ENTREVISTA: “Vamos trazer 10 trabalhadores para Gravataí”

De Brasileira, na fronteira do Acre com a Bolívia, Alexandre Rosa, diretor industrial da Massas Romena, conversou com Zero Hora no início da tarde de ontem, pouco antes de iniciar a seleção para contratar 10 imigrantes haitianos que receberão treinamento para trabalhar na fábrica, em Gravataí. Eles devem chegar à cidade nas próximas semanas. Leia os principais trechos entrevista:

Zero Hora – Como vocês souberam da situação dos haitianos?

Alexandro Rosa – Ouvimos uma reportagem no rádio na semana passada. Fomos pesquisar na internet e descobrimos o telefone da prefeitura aqui de Brasileira, que nos passou o pessoal da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Acre. Cheguei a Brasileira hoje (ontem).

ZH – Quantos trabalhadores vocês pretendem contratar?

Rosa – A ideia inicial, até para fazer um teste, é levarmos 10 homens para trabalhar na fábrica em Gravataí.

ZH – Eles vão morar em Gravataí?

Rosa – Sim. Vamos preparar um alojamento até eles se estabelecerem.

ZH – Se der certo, mais pessoas serão contratadas?

Rosa – Exatamente. Essa é a ideia. Hoje temos uma média de 10 a 15 vagas abertas. Por isso, estamos levando 10 pessoas agora. Até está aqui na minha frente um haitiano, ele é professor de português, inglês, estava falando comigo agora e pediu pra ir também, dar aulas para o pessoal, ensinar o pessoal a falar português.

ZH – O senhor já fez a seleção?

Rosa – Não, vou começar agora. Poucos falam português. Eles falam a língua deles, o creole, e quase todos falam francês. Alguns falam espanhol e inglês. Temos na empresa pessoas que falam tanto inglês quanto francês e espanhol. Então, pela língua, não vamos ter problemas. A ideia é dar treinamentos de fabricação, qualidade e segurança.

| | | |
|--|---|--|
| | <p>ZH – Como será o trabalho?</p> <p>Rosa – Eles vão trabalhar em todo o processo de produção de massas frescas. Vão começar como auxiliar de serviços gerais. Depois, conforme o treinamento e conforme forem se saindo, vamos encaixá-los em outros cargos.</p> <p>ZH – Qual será o salário?</p> <p>Rosa – R\$ 700 nos três primeiros meses. Depois, vai para R\$ 800. Eles também terão assistência médica e cesta básica.</p> <p>ZH – Por que o senhor está contratando os haitianos? Há dificuldade em encontrar mão de obra aqui?</p> <p>Rosa – Temos vagas abertas há bastante tempo. Temos uma rotatividade muito grande. Por isso, a decisão de vir buscar pessoas aqui. Além de ter gente sobrando, querendo trabalhar, como eles passaram por bastante dificuldades, a gente acredita que estejam querendo trabalhar de verdade.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/economia/noticia/2012/01/rs-vai-receber-haitianos-para-trabalhar-em-fabrica-3627592.html <i>Acesso em: 20/01/12</i></p> | |
| <p>“Brasil estuda dar visto de 2 anos a haitianos”</p> | <p>O governo brasileiro estuda a possibilidade de conceder vistos de dois anos para proporcionar capacitação profissional para os haitianos no Brasil em setores como o da construção civil e do turismo. A ideia partiu do Conselho Nacional de Imigração, mas ainda está em estudos. Foi o que informou nesta quarta-feira, 11, o embaixador do Brasil no Haiti, Igor Kipman.</p> <p>"Em vez de dependerem de coiotes no Peru e na Bolívia, eles iriam com visto para o Brasil, num sistema de imigração circular", disse o embaixador ao Estado. "Eles obteriam uma profissão e poderiam voltar para ajudar na reconstrução do país." Como parte da regularização da imigração, o governo estuda também conceder vistos de trabalho aos que já estão no Brasil.</p> <p>A proposta noticiada na quarta, de criar um limite de cem vistos por mês para os haitianos, seria inócua. A embaixada do Brasil em Porto Príncipe emite apenas de 15 a 20 vistos mensais - incluindo os de turismo, trabalho, estudos, participação em conferências, etc. Os cerca de 4 mil imigrantes haitianos no Acre e no Amazonas entraram no País clandestinamente, atravessando o Caribe em barcos precários. Passam por Panamá, Equador e Peru, para de lá seguir para o Brasil, às vezes passando pela Bolívia, com a ajuda dos coiotes.</p> <p>A fuga de haitianos é impulsionada pela frustração com o ritmo lento da reconstrução do país após o terremoto de 12 de janeiro de 2010, que destruiu cerca de 300 mil casas. Na véspera do segundo aniversário do terremoto, aproximadamente 2 mil pessoas participaram ontem de uma manifestação exigindo casa e emprego. Eles atravessaram a cidade caminhando e foram até o Parlamento, onde entregaram um documento exigindo mais transparência na destinação dos recursos da ajuda humanitária internacional - até agora, US\$ 4 bilhões (US\$ 1,6 bilhão na assistência emergencial e US\$ 2,4 bilhões em projetos de longo prazo).</p> <p>"Achamos inaceitável que, dois anos depois do terremoto, entre 500 mil e 600 mil pessoas ainda estejam vivendo em acampamentos só em Porto Príncipe", disse ao Estado o cientista político Jean-Claude Fignolé, diretor da Action Aid, uma das dez organizações não-governamentais que organizaram o protesto. "Sem contar os migrantes que estão morando em áreas rurais hospedados com famílias e exercendo tremenda pressão sobre os recursos locais, sem planejamento e medidas adequadas para acompanhar esse fluxo de pessoas."</p> <p>"Acho que na fase humanitária da emergência pós-terremoto a comunidade internacional, o governo haitiano e as organizações não governamentais fizeram um bom trabalho em proporcionar assistência", ponderou Fignolé. "O problema é que ficamos presos numa fase de transição.</p> | <p><i>Lourival Santanna - O Estado de São Paulo - 11/01/12</i></p> |

| | | |
|---|---|--|
| | <p>Não fomos capazes de avançar da assistência para o trabalho de reconstrução. Daí o número de pessoas nas ruas, a falta de empregos."</p> <p>Parte do problema foi a desconfiança da comunidade internacional em relação ao governo do ex-presidente René Préval e o receio de que os recursos fossem desviados. "A percepção pública é a de que pode haver uma nova energia, uma nova dinâmica", reconheceu Fignolé, referindo-se ao governo do presidente Michel Martelly, eleito em março, que só em outubro conseguiu aprovar no Parlamento a nomeação de um primeiro-ministro, o médico Garry Conille, que trabalhou em projetos de desenvolvimento da ONU, foi assistente do ex-presidente americano Bill Clinton, enviado especial das Nações Unidas ao Haiti, e é respeitado pela comunidade internacional.</p> <p>"Apesar disso, falta participação haitiana", analisa o cientista político. "É por isso que estamos realizando essa marcha. Para exigir transparência. Quais são as cifras, como e em que foi gasto o dinheiro, por que não fomos parte desse processo?" Além disso, ele considera necessário criar uma nova legislação sobre a propriedade de casas e de terras, e um órgão do governo que possa executar as políticas previstas nessa nova lei. A desorganização dos registros de propriedade tem dificultado os projetos de reconstrução.</p> <p>Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,brasil-estuda-dar-visto-de-2-anos-a-haitianos,821563,0.htm</p> <p>Acesso em: 20/01/12</p> | |
| <p>"Brasil e Peru passarão a exigir visto de haitianos"</p> | <p>Nesta terça-feira, 10, os governos brasileiro e peruano anunciaram novas medidas para diminuir o fluxo de haitianos nesses países. Assim como o governo peruano, que divulgou em seu Diário Oficial decreto sobre a obrigatoriedade do visto, o governo brasileiro também passará a exigir que a entrada de haitianos seja regularizada. A solicitação deve ser feita na embaixada do Brasil, no Haiti. O objetivo é controlar o fluxo de pessoas para não comprometer o tratamento e a ajuda humanitária que o governo brasileiro oferece aos refugiados.</p> <p>Os vistos autorizados no Haiti não poderão ultrapassar o limite de 100 por mês. O documento terá duração de cinco anos e nesse período será necessário informar à Polícia Federal dados da situação do imigrante, como endereço e trabalho.</p> <p>Dentre as novas medidas que serão executadas pelo governo do Brasil, está a continuidade na expedição de documentação para os imigrantes que já estão no país.</p> <p>Segundo o Secretário de Estado de Justiça e Direitos Humanos, Nilson Mourão, o Governo Federal também vai manter o repasse de recursos da União para os Estados do Acre e Amazonas, garantindo o atendimento humanitário aos haitianos que já estão nesses estados.</p> <p>Oportunidades e solidariedade</p> <p>A Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos (Sejudh) tem recebido de grandes empresas do país várias propostas de emprego direcionadas aos haitianos, principalmente na área da construção civil. Há também pequenas empresas do Acre e até mesmo moradores da zona rural que oferecem emprego e moradia para famílias de haitianos.</p> <p>Nesta quarta-feira, 11, um grupo de jovens socialistas representando a sociedade civil do Acre, se reuniu com servidores da Sejudh para propor atividades de ajuda aos haitianos. A ideia é arrecadar roupas, calçados e principalmente produtos de higiene pessoal. Serão definidos vários locais de coleta das doações e a entrega será realizada pelos jovens.</p> <p>A representante da juventude socialista, Carol Arruda, falou da importância de ajudar ao próximo e criticou a postura de pessoas que não vêem com bons olhos a ajuda do governo para os haitianos. "Estamos dispostos a ajudar, queremos combater também qualquer tipo de preconceito, nós como jovens devemos puxar essa corrente", pontuou.</p> <p>Disponível em: http://www.agencia.ac.gov.br/index.php/noticias/geral/17985-brasil-e-peru- </p> | <p>Annie Manuela - Agência Notícias do Acre - 11/01/12</p> |

| | | |
|---|--|---|
| | <p>passarao-a-exigir-visto-de-haitianos.html</p> <p>Acesso em: 28/01/12</p> | |
| <p>“Brasil e Peru passarão a exigir visto de haitianos”</p> | <p>Nesta terça-feira, 10, os governos brasileiro e peruano anunciaram novas medidas para diminuir o fluxo de haitianos nesses países</p> <p>Nesta terça-feira, 10, os governos brasileiro e peruano anunciaram novas medidas para diminuir o fluxo de haitianos nesses países. Assim como o governo peruano, que divulgou em seu Diário Oficial decreto sobre a obrigatoriedade do visto, o governo brasileiro também passará a exigir que a entrada de haitianos seja regularizada. A solicitação deve ser feita na embaixada do Brasil, no Haiti. O objetivo é controlar o fluxo de pessoas para não comprometer o tratamento e a ajuda humanitária que o governo brasileiro oferece aos refugiados.</p> <p>Os vistos autorizados no Haiti não poderão ultrapassar o limite de 100 por mês. O documento terá duração de cinco anos e nesse período será necessário informar à Polícia Federal dados da situação do imigrante, como endereço e trabalho.</p> <p>Dentre as novas medidas que serão executadas pelo governo do Brasil, está a continuidade na expedição de documentação para os imigrantes que já estão no país.</p> <p>Segundo o Secretário de Estado de Justiça e Direitos Humanos, Nilson Mourão, o Governo Federal também vai manter o repasse de recursos da União para os Estados do Acre e Amazonas, garantindo o atendimento humanitário aos haitianos que já estão nesses estados.</p> <p>Oportunidades e solidariedade</p> <p>A Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos (Sejudh) tem recebido de grandes empresas do país várias propostas de emprego direcionadas aos haitianos, principalmente na área da construção civil. Há também pequenas empresas do Acre e até mesmo moradores da zona rural que oferecem emprego e moradia para famílias de haitianos.</p> <p>Nesta quarta-feira, 11, um grupo de jovens socialistas representando a sociedade civil do Acre, se reuniu com servidores da Sejudh para propor atividades de ajuda aos haitianos. A ideia é arrecadar roupas, calçados e principalmente produtos de higiene pessoal. Serão definidos vários locais de coleta das doações e a entrega será realizada pelos jovens.</p> <p>A representante da juventude socialista, Carol Arruda, falou da importância de ajudar ao próximo e criticou a postura de pessoas que não vêem com bons olhos a ajuda do governo para os haitianos. “Estamos dispostos a ajudar, queremos combater também qualquer tipo de preconceito, nós como jovens devemos puxar essa corrente”, pontuou.</p> <p>Disponível em: http://www.oriobranco.net/component/content/article/29-destaque/22020-brasil-e-peru-passarao-a-exigir-visto-de-haitianos.html</p> <p>Acesso em: 15/01/12</p> | <p>Sem autor - O Rio Branco - 12/01/12</p> |
| <p>“São Paulo vira 'terra prometida' de haitianos”</p> | <p>Ele tem 38 anos, é eletricista, fala francês e esforça-se para aprender o português. Pierre-Menilet Mentor, haitiano, solteiro, chegou a São Paulo há dois meses em busca de um futuro que possa amainar o impacto provocado em seu país pela tragédia natural de 2010. A cidade onde ele vivia, Arcahaie, a 43 quilômetros da capital, Porto Príncipe, é uma das áreas destruídas pelo terremoto.</p> <p>Pierre e o amigo Milien Talien, também de 38 anos, chegaram a São Paulo numa viagem que os levou ao Panamá, e de lá, de ônibus, até a Argentina. “Chegamos aqui há dois meses”, diz Pierre, procurando as palavras em seu novo idioma. Além do francês, ele fala o creole. “Falo só um pouquinho de português”, disse, ontem, no pátio da Igreja Nossa Senhora da Paz, no Glicério.</p> <p>Os dois amigos, que viveram no Haiti até o ano passado, deixaram filhos no país devastado e aventuraram-se em busca de uma oportunidade em São Paulo, onde um pequeno grupo de compatriotas conta com apoio da Casa do</p> | <p>Pablo Pereira - O Estado de São Paulo - 12/01/12</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>Imigrante para sobreviver.</p> <p>"Eu moro num quarto alugado", disse Pierre, ao lado do amigo Milien. Eles aguardam a Carteira de Trabalho para poder trabalhar oficialmente. Pierre, no entanto, já apresenta como documento brasileiro um certificado da Receita Federal, que lhe concedeu o CPF. Ele exhibe o documento como uma garantia de sua existência no País.</p> <p>"Estou esperando também para ir à escola", acrescenta o haitiano. Apoiado por religiosos da Missão de Paz que funciona no Glicério, Pierre quer fazer um curso de eletricista para facilitar sua inclusão no Brasil. No Haiti, uma filha, de 6 anos, espera pelo sucesso da empreitada do pai em São Paulo. Para o amigo Milien Talien, casado, com um filho de 6 anos ainda vivendo no Haiti, a expectativa de uma oportunidade também é grande. Ele sofre mais do que o colega com a barreira da língua. "Ele é encanador", afirma Pierre. "Encanador hidráulico", completa, com ênfase no "li".</p> <p>Pouco à vontade no início da conversa, eles se comunicam em francês. Estão preocupados com a entrevista. Pierre diz ao colega que não acredita que o contato vá ser prejudicial. Depois de contarem um pouco de suas histórias, eles chamam um amigo, Besnel, de 21 anos, que já vive no Brasil há um ano.</p> <p>Besnel é um dos haitianos que entraram pela fronteira da Amazônia e passaram pela Paróquia de São Geraldo, em Manaus, onde os religiosos amparam famílias de recém-chegados do Caribe. Besnel hoje mora na Casa dos Imigrantes do Glicério e já entende bem o idioma da terra. Também desempregado, ele é pintor de paredes.</p> <p>Besnel conta que foi bem tratado em sua chegada ao país, mas que ainda aguarda documentação para poder trabalhar. Ao lado de Pierre e Milien, Besnel permanece como um atento tradutor emprestando confiança ao grupo.</p> <p>O eletricista diz, então, que gostou da cidade e conta com a possibilidade de uma vida nova. "Queremos trabalhar", diz, ladeado também pelo padre Mário Jeremia, um dos religiosos que dão apoio aos migrantes na Pastoral do Imigrante paulistana.</p> <p>Para o padre, que dirige a Pastoral do Migrante da Missão Scalabriniana, os haitianos estão muito esperançosos com a oportunidade de uma vida de trabalho em São Paulo. "São pessoas muito sofridas, gentis, e com muita vontade de trabalhar", afirma o padre.</p> <p>Os haitianos encontrados ontem à tarde no Glicério são parte de uma comunidade que cresce na região, seguindo a tendência registrada nos postos de fronteira, principalmente na Amazônia. No abrigo do Glicério, há 26 haitianos entre os cerca de 100 estrangeiros que recebem acolhida na entidade. Mas muitos deles já começam a se estabelecer em casas da região, como o eletricista Pierre e seu colega encanador Milien. Depois de alguns minutos de conversa diante da Igreja da Paz, Pierre e seus amigos já estão mais à vontade. Quando aparecem alguns meninos da vizinhança com uma bola, o ambiente fica mais leve. E o bate-bola diante da Igreja torna a tarde mais amigável.</p> <p>Na fronteira de Tabatinga, o fluxo de migrantes permanece forte no rumo de Manaus. "Há dias em que chegam aqui 50, 60 deles", disse ontem à tarde o padre Valdecir Molinari Mayer, da Igreja São Geraldo, em Manaus.</p> <p>Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,sao-paulo--vira-terra--prometida-de-haitianos-,821597,0.htm</p> <p>Acesso em: 20/01/12</p> | |
| <p>"Operação Sentinela contém avanço de haitianos ao País"</p> | <p>A Secretaria de Justiça e Segurança Pública confirmou a operação Sentinela, do Governo Federal, para barrar a entrada de estrangeiros sem vistos na tríplice fronteira -- Brasil, Peru e Bolívia --, em Assis Brasil (cidade a 310 quilômetros de Rio Branco).</p> <p>"A medida é para frear não só a entrada de haitianos irregulares, mas também quaisquer outros estrangeiros que não tenham visto de entrada", confirmou agora de manhã o secretário de Segurança do Estado do Acre, Ildo</p> | <p>Jocivan Santos - Direitos Humanos Acre - 12/01/12</p> |

| | | |
|---|---|---|
| | <p>Renir Graebner.</p> <p>Homens da Força Nacional e da Polícia Federal estão nesta manhã de quinta-feira, 12, sobre a ponte que liga Assis Brasil à cidade de Iñapary no Peru, por onde haitianos estão entrando no Brasil.</p> <p>A Operação acontece também no Amazonas, onde existem também acessos de estrangeiros, sobretudo haitianos.</p> <p>Disponível em: http://direitoshumanosacre.blogspot.com/2012/01/secretaria-de-justica-e-seguranca.html Acesso em: 05/02/12</p> | |
| <p>“PF reforça efetivo para atender haitianos que entram no Brasil pela divisa”</p> | <p>A Polícia Federal (PF) vai aumentar o número de homens na fronteira do Amazonas com a Colômbia para atender a centenas de refugiados do Haiti que estão entrando no Brasil pelo estado. Equipes partirão amanhã para Tabatinga (AM), onde há pelo menos 1,4 mil estrangeiros do país caribenho aguardando documento de permanência no território nacional. Em Brasileira (AC), outras centenas de haitianos chegam em busca de uma vida melhor depois que o país foi devastado por um terremoto no ano passado. Ao todo, cerca de 4 mil já entraram no Brasil, dos quais apenas 1,6 mil têm situação regularizada.</p> <p>Uma resolução que será oficializada hoje, depois de reunião do Conselho Nacional de Imigração, ligado ao Ministério do Trabalho, com outros setores do governo, prevê a limitação de 100 vistos por mês, emitidos pela embaixada brasileira no Haiti, além da garantia de permanência de todos que já estão em solo brasileiro. Outros detalhes da resolução ainda estão sendo estudados pelo governo, já que a presidente Dilma Rousseff irá ao país, pela primeira vez, em 1º de fevereiro, segundo previsão do Itamaraty.</p> <p>A preocupação do Planalto e do Itamaraty é que a resolução não soe como falta de sensibilidade do Brasil diante do drama vivido pela nação caribenha. Mesmo porque Dilma leva na bagagem acordos bilaterais de cooperação técnica e econômica entre os dois países. A situação dos haitianos repercutiu na imprensa internacional. O espanhol El País apontou a entrada massiva de haitianos como “um problema sério” para Dilma. O New York Times ressaltou que a crescente oferta de mão de obra relacionada às obras da Copa tem atraído também paquistaneses e indianos.</p> <p>Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica-brasil-economia/33,65,33,12/2012/01/12/interna_brasil,286013/pf-reforca-efetivo-para-atender-haitianos-que-entram-no-brasil-pela-divisa.shtml Acesso em: 12/01/12</p> | <p>Edson Luiz - Correio Braziliense - 12/01/12</p> |
| <p>“ONU apela para que comunidade internacional mantenha apoio ao Haiti”</p> | <p>O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Ban Ki-moon, homenageou as mais de 200 mil pessoas que morreram no terremoto do Haiti há dois anos. Para ele, é fundamental que a comunidade internacional mantenha o apoio econômico e financeiro ao país, pois a reconstrução ainda é um desafio para as autoridades haitianas, que enfrentam uma epidemia de cólera.</p> <p>No próximo dia 1º, a presidenta Dilma Rousseff estará em Porto Príncipe, capital haitiana. Na ocasião, ela pretende intensificar a cooperação brasileira ampliando as parcerias nas áreas de saúde – em conjunto com Cuba –, agricultura, capacitação profissional e o apoio à construção da usina hidrelétrica sobre o Rio Artibonite, no Sul do país.</p> <p>Ban Ki-moon ressaltou os “importantes esforços” obtidos nos últimos dois anos para a reconstrução do país. Mas destacou, porém, que ainda há muitos haitianos que necessitam de ajuda internacional. “Por isso, faço novamente um apelo à comunidade internacional para manter esse apoio vital [ao Haiti]”, disse.</p> <p>Ontem (11), Ban Ki-moon conversou com o presidente do Haiti, Michel Martelly. Por telefone, ele reiterou o compromisso da Organização das Nações Unidas (ONU) em continuar acompanhando o povo haitiano para um futuro “próspero e seguro”.</p> | <p>Renata Giraldi - Agência Brasil EBC - 12/01/12</p> |

| | | |
|---|---|--|
| | <p>Em 12 de janeiro de 2010 um terremoto de 7 pontos na escala de Richter afetou o Haiti. O país mais pobre das Américas foi brutalmente atingindo. Aproximadamente 220 mil pessoas morreram – inclusive brasileiros –, 310 mil ficaram feridas e pelo menos 1,5 milhão foram afetadas.</p> <p>A comunidade internacional se preocupa porque dois anos depois, cerca de 500 mil pessoas vivem em campos de refugiados, 4,5 milhões sofrem com a escassez de alimentos e 60% da população estão sem trabalho, de acordo com as agências humanitárias da ONU.</p> <p>Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-01-12/onu-apela-para-que-comunidade-internacional-mantenha-apoio-ao-haiti</p> <p>Acesso em: 12/01/12</p> | |
| “A um passo da xenofobia” | <p>Escaldado pelos brasileiros deportados de Madri sem justificativa plausível, o país se juntou em 2008 à reação regional à Diretiva de Retorno da União Europeia, que endureceu o tratamento a imigrantes em situação irregular.</p> <p>O Mercosul aprovou nota de repúdio. Exigiu "reciprocidade" pelos imigrantes europeus do passado e prometeu "lutar contra qualquer forma de racismo, discriminação, xenofobia".</p> <p>Na abertura da Assembleia Geral da ONU naquele ano, Lula disse que "muitos dos que pregam a livre circulação de mercadorias e capitais são os mesmos que impedem a livre circulação de homens e mulheres".</p> <p>É uma contradição, portanto, que o governo Dilma comece a ceder aos que demonstram pelos haitianos recém-chegados à região Norte a mesma intolerância condenada nos dirigentes da Europa.</p> <p>Fala-se com exagero numa "invasão", quando o número de imigrados é de cerca de 4.000. Na região, o assunto é usado na campanha eleitoral deste ano. O senador Eduardo Braga (PMDB-AM) sugeriu à Rádio Senado que parte dos autorizados a ficar poderia estar ligada ao narcotráfico.</p> <p>Antes das restrições anunciadas anteontem, a Secretaria de Direitos Humanos prometera "acolher com humanismo" os que chegassem. O "New York Times" espantou-se porque os haitianos recebiam vacina, água e duas refeições diárias.</p> <p>O tráfico de pessoas deve ser combatido, para evitar mortes como as já ocorridas aos milhares no deserto entre os EUA e o México. Mas o anúncio de deportação dos que chegarem sem visto precisa ser esclarecido. Não pode, por exemplo, impedir a reunião de famílias.</p> <p>É verdade, como se repete, que temos nossas próprias carências. Em 2010, porém, 44 mil estrangeiros ilegais se beneficiaram de uma anistia aprovada pelo Congresso e não consta que tenham causado prejuízo ao país.</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/19537-a-um-passo-da-xenofobia.shtml</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | <p>Cláudia Antunes - Folha de São Paulo - 12/01/12</p> |
| “Conselho Nacional de Imigração cria visto especial de trabalho para haitianos” | <p>O Conselho Nacional de Imigração, vinculado ao Ministério do Trabalho, aprovou hoje (12) a concessão de vistos de trabalho em caráter especial aos haitianos que pretendem entrar no Brasil. A regra vai restringir a emissão de vistos condicionados aos cidadãos haitianos ao máximo de 100 por mês, requeridos diretamente na Embaixada do Brasil no Haiti, na capital, Porto Príncipe. A resolução será publicada amanhã no Diário Oficial da União.</p> <p>Segundo o ministro do Trabalho e Emprego, Paulo Roberto dos Santos Pinto, a reunião do Conselho foi convocada em caráter extraordinário. Serão emitidos 1,2 mil vistos permanentes por ano. De acordo com a resolução, os haitianos que tiverem vistos concedidos terão permissão para ficar no Brasil por até cinco anos. Após esse período, eles deverão comprovar se estão trabalhando para conseguir a renovação do visto.</p> <p>De acordo com o ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, cada visto permite ao cidadão estrangeiro trazer o pai, a mãe, os filhos até 18 anos ou até 24 anos solteiros, estudantes e que dependem economicamente dos pais, além dos cônjuges e companheiros.</p> <p>Os 4 mil haitianos que já estavam no país antes da publicação da</p> | <p>Daniella Jinkings - Agência Brasil EBC - 12/01/12</p> |

| | | |
|---|---|--------------------------------------|
| | <p>resolução do Conselho serão regularizados. Desses, 1,6 mil receberam visto de residência humanitária concedido pelo Ministério do Trabalho. Os haitianos que chegarem ao país e não estiverem com o visto serão notificados a deixar o país. Caso não deixem, serão deportados.</p> <p>Para o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, a aprovação dessa medida de regularização da entrada dos haitianos no país não representa o fechamento das fronteiras. "O Brasil não teve essa postura [de fechar as fronteiras], como não teve a postura de fazer deportações em massa. Não fechamos nada, apenas estamos regularizando a entrada dessas pessoas".</p> <p>Segundo Cardozo, a postura do governo brasileiro pretende coibir a ação de grupos criminosos e coíotes, os quais colocam a vida dos haitianos que buscam emprego no país em risco.</p> <p>"Não queremos que eles sejam vítimas. Temos de reforçar nossas fronteiras. Temos uma previsão natural dentro do plano de fronteiras que prevê um aumento gradativo de homens [do Exército e da Polícia Federal] nas fronteiras brasileiras".</p> <p>A medida foi vista "com bons olhos" pela embaixada brasileira em Porto Príncipe, de acordo com o ministro Patriota. "Vamos fortalecer as atividades consulares no Haiti. O embaixador conversará com as autoridades locais". Segundo ele, a decisão de exigir vistos de haitianos não é apenas do governo brasileiro. "A Bolívia e a Colômbia já exigem vistos, faltava o Peru, que aprovou a mesma medida esta semana".</p> <p>O governo já havia decidido que os haitianos não poderão entrar no país na condição de refugiados políticos, por decisão do Conselho Nacional para os Refugiados (Conare), que havia negado os pedidos de entrada no país nessa condição.</p> <p>O número de haitianos que entram no Brasil via estado do Acre caiu bruscamente após o anúncio dos governos do Brasil e do Peru de fechar as fronteiras para haitianos sem passaportes e o respectivo visto de entrada. Dos 1.250 que chegaram a Brasileia, em janeiro, 935 estão na cidade à espera de transporte, contratações ou regularização dos vistos.</p> <p>Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-01-12/conselho-nacional-de-imigracao-cria-visto-especial-de-trabalho-para-haitianos</p> <p>Acesso em: 12/01/12</p> | |
| <p>"Conselho de Imigração aprova 1,2 mil vistos por ano para haitianos"</p> | <p>O Conselho Nacional de Imigração, órgão ligado ao Ministério do Trabalho, aprovou nesta quinta-feira (12) a concessão de 1,2 mil vistos por ano para haitianos que pretendem migrar para o Brasil. O documento, válido por cinco anos, dá direito ao estrangeiro de trabalhar e trazer a família para o país pelo mesmo período.</p> <p>A decisão do governo foi anunciada nesta quarta pelo ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, mas ainda precisava ser ratificada pelo Conselho Nacional de Imigração, composto por representantes dos empresários, trabalhadores e governo.</p> <p>Segundo o Ministério da Justiça, o visto especial para haitianos foi concedido em caráter especial "em função dos problemas econômicos e humanitários decorrentes do terremoto de 2010". O visto dado aos haitianos é classificado como especial porque permite a eles trabalhar sem precisar comprovar ter uma empresa no Brasil, como ocorre normalmente.</p> <p>Os vistos serão emitidos durante dois anos pela embaixada brasileira em Porto Príncipe, capital do Haiti, na quantidade de 100 por mês. Ao fim desses dois anos, o Conselho poderá se reunir novamente para prorrogar a emissão, caso necessário. Para renovar o visto, os haitianos deverão comprovar ao Ministério do Trabalho que estão empregados.</p> <p>O ministro interino do Trabalho, Paulo Roberto dos Santos Pinto, disse que a concessão aos haitianos se dá "sem prejuízo das demais modalidades de visto existentes no país". Questionado sobre o tempo de permanência, disse que cinco anos "é o tempo para o haitiano arranjar emprego e decidir se pretende continuar no Brasil ou voltar para o Haiti".</p> | <p>Débora Santos - G1 - 12/01/12</p> |

| | | |
|---|---|---------------------------------------|
| | <p>De acordo com o governo, todos os haitianos que estavam no Brasil antes dessa medida serão regularizados pelo Conselho Nacional de Imigração. Segundo o ministro José Eduardo Cardozo, seriam 2,4 mil haitianos que se encontram nos estados do Acre e do Amazonas, conforme informou nesta quarta. Outros 1,6 mil que também imigraram irregularmente já receberam vistos.</p> <p>Disponível em: http://g1.globo.com/politica/noticia/2012/01/conselho-de-imigracao-aprova-1200-vistos-por-ano-para-haitianos.html</p> <p>Acesso em: 12/01/12</p> | |
| “Empresas brasileiras vão ao Acre contratar imigrantes haitianos” | <p>Nos próximos dias, 40 haitianos que estão no Acre deverão fazer uma longa viagem de ônibus até a região de Cuiabá, em Mato Grosso, para trabalhar como ajudantes de pedreiro em um canteiro de obras da construtora mineira Urb Topo Engenharia, cuja sede fica em Contagem (MG). Para recrutá-los, o gerente de recursos humanos da construtora, Frederico Moraes, passou três dias em Brasileia, cidade que se especializou em acolher os haitianos que, desde o ano passado, chegam ao Brasil em busca de emprego e melhores condições de vida depois do terremoto devastou o país e deixou mais de 250 mil mortos há exatos dois anos.</p> <p>"Quando vimos reportagens sobre essas pessoas que precisavam de emprego, pensamos no projeto", afirmou ao G1 por telefone Moraes, que diz que a ideia é vantajosa porque alia a oportunidade de ajudar os refugiados a uma solução para parte do problema de escassez de mão-de-obra que atinge o setor da construção civil.</p> <p>O executivo ligou para o governo do Acre no dia 2 de janeiro em busca de orientação. Dias depois estava na praça central de Brasileia, onde sondava, um a um, os imigrantes que aguardam documentação para regularizarem-se no Brasil com a seguinte proposta: salário de R\$ 817, carteira de trabalho assinada, moradia e alimentação.</p> <p>"O que daremos a eles são os mesmos direitos que damos aos funcionários brasileiros da mesma categoria", afirma o gerente, que voltou da viagem com uma avaliação positiva da experiência. "Eles são tranquilos, alegres, falam espanhol, francês e crioulo. Alguns falam português fluentemente", conta.</p> <p>A iniciativa da construtora não é isolada. O secretário de Justiça e Direitos Humanos do Acre, Nilson Mourão, estima que 2,7 mil haitianos já entraram no Brasil pelo Acre em busca de emprego desde fevereiro do ano passado. Destes, cerca de 900 continuam em Brasileia à espera da documentação para o trabalho: CPF e carteira de trabalho.</p> <p>O interesse das empresas nos imigrantes nunca foi tão grande, de acordo com a secretaria; uma empresa de Porto Alegre está no Acre para recrutar 10 funcionários haitianos; outra companhia do próprio Acre procura 50 para atuarem em Cuiabá; um empresário de Viçosa (MG) quer dez maçaqueiros e dez soldados vindos do Haiti.</p> <p>Banco de talentos e fiscalização</p> <p>Segundo Mourão, a maior parte dos trabalhadores que entrou no Brasil pelo Acre no ano passado foi absorvida para trabalhar nas obras das usinas de Jirau e Santo Antônio, no estado vizinho Rondônia, e na Porto Velho, onde o setor de construção civil está aquecido.</p> <p>"Eles chegavam em grupos espontâneos mas nenhum para ficar no Acre, o sonho deles para trabalhar é São Paulo. E acontece o efeito "vai na frente, chama parente": eles encontram oportunidades e vão chamando outros", diz o secretário, responsável por coordenar a estrutura que o governo do estado preparou para apoiar os trabalhadores haitianos.</p> <p>Segundo o secretário, a procura das empresas por funcionários haitianos cresceu tanto que uma equipe da secretaria vai para a Brasileia nesta sexta-feira (13) para começar montar uma espécie de banco de dados informal com os nomes e profissão de cada haitiano que está em Brasileia. "Assim as empresas virão e já saberão quem está aqui. Assim não fica aquele tumulto,</p> | Lígia Guimarães - G1 - 12/01/12 |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>aquele recrutamento em praça pública como acontece agora".</p> <p>Outro plano da secretaria é pedir que o governo federal ajude a fiscalizar como estão as relações trabalhistas entre as empresas e os haitianos que já foram contratados para trabalhar em outros estados; o pedido deverá ser feito na próxima quarta-feira (18), quando uma equipe do governo federal irá ao Acre para formalizar o acordo de assistência aos imigrantes no estado.</p> <p>Entrada no país</p> <p>Em Brasileira, os haitianos recém-chegados recebem alimentação, hospedagem (em pousada onde cabem até 80 pessoas, precariamente", e assistência médica. Eles fazem exame para detectar Aids, cólera e outras doenças, além de tomar vacinas contra hepatite, tétano e febre amarela.</p> <p>Nesta quinta-feira (12), o Conselho Nacional de Imigração, órgão ligado ao Ministério do Trabalho, aprovou nesta quinta-feira (12) a concessão de 1.200 vistos por ano para haitianos que pretendem migrar para o Brasil. O documento, válido por cinco anos, dá direito de o estrangeiro trabalhar e trazer a família para o país pelo mesmo período.</p> <p>Custo, adaptação e decepção</p> <p>Érico Tormem, diretor do grupo catarinense que fabrica piscinas de fibra de vidro Fibratex, foi o primeiro a contratar haitianos entre julho e setembro do ano passado, quando levou 25 do Acre para trabalharem em Chapecó.</p> <p>Destes, 11 já saíram da empresa: alguns porque não se adaptaram ao trabalho. Mesmo assim, Tormem avalia a experiência como positiva e diz que pretende contratar até mais 20 pessoas vindas do Haiti, tão logo a documentação delas seja autorizada. "Parece que hoje já foram liberados mais sete, estamos esperando", diz.</p> <p>Ele diz que o custo por trabalhador ficou mais barato para a empresa e, de julho do ano passado para janeiro deste ano, caiu de R\$ 1500 para R\$ 850 por funcionário haitiano. Ele estima que, de lá para cá, a empresa tenha investido um total de R\$ 45 mil. "Montamos casas "onde os funcionários se organizam em repúblicas), compramos mobília, roupa de cama, cobertor".</p> <p>Tormem diz que os trabalhadores haitianos em geral são educados e têm a prioridade de mandar dinheiro para suas famílias que ficaram no país ou na República Dominicana. Os salários oferecidos no Brasil, diz Tormem, costuma decepcioná-los. "Eles chegam pensando em ganhar algo entre US\$ 1500 e US\$ 2000. Eu estava conversando com um que trabalha conosco ontem e ele diz que a família dele pensa que ele está gastando o dinheiro aqui no Brasil em festas, porque ele consegue mandar bem menos do que esperava", conta o empresário, que oferece aos haitianos salário de R\$ 850, mais adicional de insalubridade de 20% e uma cesta básica. A preferência da empresa é por haitianos que falam espanhol e tenham entre 27 e 35 anos.</p> <p>"Eu acho que como o mundo está globalizado, não tem por que globalizarmos a relação com as pessoas também. Era preciso ter leis mais rígidas, e o Brasil apoiá-los para que não haja excesso de imigração, mas não podemos fechar as portas para eles", diz Tormem.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/01/com-falta-de-mao-de-obra-empresas-brasileiras-contratam-haitianos-no-ac.html</p> <p><i>Acesso em:</i> 12/01/12</p> | |
| <p>"Conselho de Imigração aprova restrição à entrada de haitianos"</p> | <p>No mesmo dia em que se completam dois anos desde o terremoto que devastou o Haiti, o Conselho Nacional de Imigração (Cnig) brasileiro concordou em restringir a cem o número mensal de vistos a serem concedidos a haitianos que queiram emigrar ao Brasil.</p> <p>A medida é parte de uma proposta do Ministério da Justiça para regularizar a situação migratória de haitianos no Brasil, que ganhou a atenção da opinião pública por eles virem, muitas vezes, por rotas ilegais, intermediadas por coiotes (atravessadores), e se concentrarem em cidades amazônicas com poucas condições para abrigá-los.</p> <p>Em coletiva de imprensa nesta quinta-feira, o ministro da Justiça, José</p> | <p><i>Paula Adamo Idoeta - BBC Brasil - 12/01/12</i></p> |

Eduardo Cardozo, anunciou que os haitianos que já se encontram no Brasil – número estimado pelo governo em 4 mil pessoas, dos quais 2.400 estariam em situação irregular – terão sua situação legalizada, recebendo autorização de residência que lhes dará direito a morar e trabalhar aqui.

O documento terá validade de cinco anos e para obtê-lo não será necessário comprovar qualificação ou vínculo com empresa. A limitação de emissão de vistos mensais vai vigorar nos próximos dois anos.

Com a resolução, os haitianos que quiserem vir ao Brasil em busca de um trabalho terão uma cota de cem vistos por mês, a serem concedidos pela Embaixada do Brasil em Porto Príncipe. Quem chegar sem documentos após a resolução corre o risco de ser deportado.

"O Brasil criou um canal adicional aos haitianos, além do canal tradicional de vistos (para quem já tem um vínculo empregatício no Brasil)", diz o secretário-executivo e ex-ministro da Justiça, Luiz Paulo Barreto, em entrevista à BBC Brasil.

"Nossa preocupação não é tanto com o número de imigrantes, mas com a forma como vêm (por intermediários ilegais, pela floresta). Soubemos de casos de estupro, de roubos, de violência (contra os haitianos). O Brasil não tem essa tradição."

Deportação

Suzanne Legrady, do grupo católico Missão Paz, do qual faz parte a Casa do Migrante, em São Paulo, diz que a atual discussão em torno da imigração haitiana tem provocado insegurança na comunidade.

Muitos dos que já estão aqui estão com medo de falar com a imprensa; outros, consultados pela BBC Brasil, tinham planos de trazer parentes para cá - planos que talvez tenham de ser revistos.

"Não acho bom limitar (a concessão de vistos). Temos que pensar além dos números (de imigrantes), porque são seres humanos. E migrar não é delito."

Helion Póvoa Neto, professor da UFRJ e coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios (NIEM), opina que a cota de vistos e a consequente possibilidade de deportação de haitianos não regularizados pode criar uma saia justa para o Brasil.

"É uma questão politicamente difícil. Vamos deportar pessoas para um país onde fazemos uma intervenção humanitária?", questiona, em referência à liderança brasileira da missão militar da ONU no Haiti.

Em comunicado, a ONG de direitos humanos Conectas diz temer que "a ameaça de deportação feita pelo Ministério da Justiça brasileiro e a restrição no número de vistos concedidos aos haitianos represente ainda mais sofrimento para as milhares de famílias que tentam reconstruir suas vidas no Brasil, fugindo de décadas de conflitos internos, criminalidade, pobreza, instabilidade política e desastres naturais em seu país de origem".

O secretário Luiz Paulo Barreto, afirma, em contrapartida, que "vamos criar um canal formal e privilegiado de imigração. Isso (deportação) acontece em todos os países. Tratamos os haitianos com essa proximidade e seguiremos nossa política de ajudar o país, mas não queremos incentivar a diáspora de sua mão de obra mais qualificada (para o Brasil)."

Atividade laboral

Os cem vistos mensais terão validade inicial de cinco anos e permitirão que os haitianos trabalhem no Brasil. Nesse prazo, deverão comprovar o exercício de atividade laboral.

Segundo Barreto, esse número pode ser revisto. "Achamos que 1.200 vistos por ano sejam suficientes para contemplar a demanda. Se isso for insuficiente, podemos reavaliar."

Cidades amazônicas fronteiriças se tornaram porta de entrada para haitianos, e governos estaduais têm reclamado do caos social provocado pela imigração nas cidades. Um exemplo é o município de Brasileia (AC), de cerca

| | | |
|---|---|--|
| | <p>de 21 mil habitantes, na fronteira com a Bolívia, que concentra cerca de mil haitianos.</p> <p>O Ministério da Justiça prometeu ajuda a essas cidades e "reforçar a fiscalização de fronteira em parceria com Peru, Equador e Bolívia, para atacar a rota ilícita de imigração", nas palavras do ministro José Eduardo Cardozo.</p> <p>Para Rosita Milesi, diretora do Instituto Migração e Direitos Humanos, é justamente o combate a coiotes e redes de tráfico que deve ser priorizado pelo governo. "Este é um ponto fundamental, para não deixar pessoas vulneráveis expostas à ação destes grupos inescrupulosos."</p> <p>Ela também defende "um plano para que haitianos possam vir regularmente ao Brasil, habilitando-se para capacitação profissional e depois retornado ao seu país em condições de contribuir com seu próprio desenvolvimento", desde que eles recebam aqui a oportunidade de "acolhimento, aprendizagem do idioma, integração laboral e social".</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/01/120112_haitianos_atualiza_pai.shtml <i>Acesso em: 12/01/12</i></p> | |
| <p>"Haitianos em SP pensam em voltar a seu país só 'de visita'"</p> | <p>Robens Valère e Margareth Pierre ainda falam um português hesitante. Hospedados na Casa do Migrante, abrigo feito por missionários Scalabrinianos em São Paulo, eles estão entre os haitianos que vêm ao Brasil em busca de oportunidades de emprego.</p> <p>E vêm com a intenção de ficar. "Quero ficar aqui, onde a vida é melhor. Lá (em Porto Príncipe, capital do Haiti) não tem nada. Tudo desmoronou. Quero ir visitar minha família, sim, mas voltar, e (trazê-los) quando tiverem visto", disse Maragareth à BBC Brasil.</p> <p>Dois anos depois do terremoto de 12 de janeiro de 2010, que matou 220 mil pessoas no Haiti, feriu mais de 300 mil e deslocou 2,3 milhões, o país ainda luta para se reconstruir. Na ausência de oportunidades, muitos emigraram, e o Brasil foi o destino de cerca de 4 mil deles no último biênio, segundo o Ministério da Justiça. Cerca de 1.600 deles receberam visto humanitário.</p> <p>Para Rosita Milesi, do Instituto Migração e Direitos Humanos, esse número pode ser ainda maior, de até 6 mil pessoas.</p> <p>Margareth, de 26 anos e mãe de um filho de quatro anos, chegou ao Brasil por uma rota comum entre os haitianos: entre trajetos de ônibus e de avião, passou pela República Dominicana, pelo Panamá e pelo Equador, até chegar a Tabatinga (AM), na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru.</p> <p>Em situação irregular, ela aguarda um visto para poder trabalhar no país. Sua vontade, diz, é arrumar emprego em algum restaurante e juntar dinheiro "para comprar uma casa".</p> <p>Guardar dinheiro para trazer a esposa</p> <p>Muitos imigrantes acabam ficando no Norte do Brasil, em cidades fronteiriças como Tabatinga e Brasileia, no Acre, que abrigam cerca de mil haitianos cada.</p> <p>São Paulo é o destino de cerca de 700 deles, segundo o cônsul-geral do Haiti, George Antoine. A Casa do Migrante abriga 26 e espera mais dez pessoas, que devem chegar de Manaus na semana que vem.</p> <p>Segundo agentes humanitários, em geral os haitianos tentam trabalhos temporários e bicos na construção civil, à espera de um visto que lhes permita trabalhar formalmente.</p> <p>É o caso de Robens Valère, de 32 anos, no Brasil desde abril passado.</p> <p>Depois de perder uma prima no terremoto e de morar na República Dominicana, resolveu tentar a vida em São Paulo, para onde veio de avião. Hoje trabalha como pintor, e tampouco sonha em viver novamente em sua terra natal.</p> <p>"Meu sonho é guardar dinheiro para trazer minha esposa. Meu coração dói pela (distância do) meu país, mas quero uma vida melhor", disse.</p> | <p><i>Paula Adamo Idoeta - BBC Brasil - 12/01/12</i></p> |

| | | |
|--|--|---|
| | <p>Regularização e vistos</p> <p>A imigração haitiana entrou em pauta com o anúncio, do Ministério da Justiça, na última terça-feira, de que o Brasil pretende legalizar todos os haitianos que já estão aqui, além de regularizar a situação dos que queiram vir no futuro antes que saiam do Haiti.</p> <p>A proposta do MJ, que será analisada nesta quinta pelo Conselho Nacional de Imigração (ligado ao Ministério do Trabalho), é de limitar a cem o número de vistos mensais a serem emitidos pela Embaixada do Brasil em Porto Príncipe, para pessoas que queiram vir ao Brasil em busca de trabalho.</p> <p>No caso de a proposta ser aprovada, quem for pego sem o visto corre o risco de ser deportado.</p> <p>Segundo Suzanne Legrady, do grupo católico Missão Paz, mantenedor da Casa do Migrante, a discussão em torno do assunto têm deixado os haitianos mais inseguros quanto a seu futuro no país e, em consequência, reticentes ao contato com a imprensa.</p> <p>Dos 26 abrigados na Casa do Migrante, apenas Margareth e Robens aceitaram falar com a reportagem da BBC Brasil – e ele se recusou a ser filmado ou fotografado, justificando que "não queria aparecer para o mundo".</p> <p>Para Helion Póvoa Neto, professor da UFRJ e coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios (NIEM), criou-se uma exagerada sensação de "invasão" haitiana, levando-se em conta que o número estimado pelo MJ, de 4 mil haitianos no Brasil ao longo de dois anos, é muito menor do que o de grupos migratórios vindos para cá do restante do continente, por exemplo.</p> <p>Para efeitos comparativos, em 2010, o Brasil emitiu 7.550 vistos de trabalho para norte-americanos.</p> <p>"Não faz sentido usar a expressão 'invasão' para pessoas que querem vir trabalhar aqui", diz. "São imigrantes irregulares, e não um exército."</p> <p>O Ministério da Justiça afirma que a preocupação não é com a quantidade de haitianos, mas sim com o meio como têm vindo – por meio de atravessadores ilegais, pela floresta, e sob risco de violência.</p> <p>Entrevistado antes do anúncio da proposta do MJ, Robens disse que até agora tem se sentido acolhido no Brasil. Questionado sobre o que mais gosta aqui, disse que são "os brasileiros, que me dão a mão".</p> <p>"Tenho felicidade (de estar aqui). Peço a Deus que ajude o seu país. Nós (haitianos) não temos nada para dar em troca, mas agradecemos."</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/01/120111_haitianos_sp_pai.shtml</p> <p><i>Acesso em: 12/01/12</i></p> | |
| <p>"Haitianos no Brasil divididos sobre as medidas imigratórias"</p> | <p>Dois anos depois do terremoto que arrasou seu país, muitos haitianos que chegaram ilegalmente ao Brasil comemoraram a notícia de que suas estadas serão regularizadas, mas temem que as medidas imigratórias adotadas pelo governo impeçam seus familiares de reencontrá-los.</p> <p>"É a melhor notícia depois do que tivemos que passar. Podemos trabalhar, enviar dinheiro para nossas famílias sem tanto risco", contou por telefone à AFP Marcelo Mourige, um haitiano de 35 anos.</p> <p>Como ele, mais de mil haitianos chegaram à cidade de Brasileia (estado amazônico do Acre, fronteira com Peru) nas últimas semanas, procurando trabalho e muitas pessoas disseram que foram vítimas de 'coiotes' (traficantes de pessoas) que os assaltaram ou violentaram as mulheres na rota até o Brasil pelas fronteiras do Peru e da Bolívia.</p> <p>"Perdi quase toda minha família no terremoto, só ficou minha filha que está no Haiti. Tive sorte porque não passei pelo mesmo que os outros companheiros, que foram agredidos e assaltados, só espero que minha filha possa vir com segurança", declarou Mourige.</p> <p>A migração de haitianos começou pouco depois do terremoto arrasador</p> | <p><i>Sem autor - France Presse - G1 12/01/12</i></p> |

| | | |
|--|---|---------------------------------------|
| | <p>do dia 12 de janeiro de 2010, mas se acelerou nas últimas semanas. Muitos chegaram cansados, enfermos ou com vestígios de maus tratos a Brasileia, onde receberam comida e atenção médica.</p> <p>Por causa de sua chegada em massa, o Brasil - que encabeça as tropas de paz da ONU no Haiti desde 2004- anunciou na terça-feira que regularizará 4.000 haitianos, mas impôs visto aos que quiserem entrar de agora em diante - uma quota de até 100 vistos de trabalho por mês - e impuseram um maior controle nas fronteiras.</p> <p>Ao chegar, os haitianos disseram que buscavam asilo político, mas como não reuniam os requisitos necessários, recebiam um visto humanitário temporário para trabalhar, segundo Nilson Mourão, secretário de Justiça e Direitos Humanos do Acre. Mas o problema foi se agravando com a chegada massiva das últimas semanas.</p> <p>Brice Iné, outro haitiano recém-chegado a Brasileia e que receberá documentos do governo, opinou: "há muitos haitianos que querem vir, que sabem trabalhar e no Brasil há trabalho. Só espero que mais famílias não se separem", declarou por telefone este encanador de 36 anos.</p> <p>A regularização foi recebida pelos imigrantes ilegais como uma solução para seus problemas mais imediatos, mas entre alguns persiste a desconfiança de que as novas medidas lhes impeçam de reencontrar seus familiares.</p> <p>"Vim sozinho, mas com a ideia de encontrar muito em breve minha namorada que está no Haiti. Me alegra que possa vir sem riscos, mas não sei se darão o visto", disse Iné.</p> <p>Em Brasileia, uma cidade de cerca de 20.000 habitantes, a regularização do governo federal gerou satisfação em relação às autoridades de direitos humanos, que começam a ver com preocupação a chegada desordenada de ilegais e os possíveis surtos de intolerância dos brasileiros.</p> <p>"Recebemos com muita alegria estas medidas porque significam que os haitianos poderão migrar com dignidade. Ninguém poderia estar de acordo que chegassem por meio de traficantes ou coiotes", disse Mourão à AFP.</p> <p>"Os que estão aqui poderão viver com dignidade, e depois ir buscar suas famílias sem nenhum problema", garantiu Mourão.</p> <p>Por dia, cerca de 40 haitianos, já regularizados, estão saindo de Brasileia para o estado vizinho de Rondônia, para trabalhar nas hidrelétricas, segundo o funcionário.</p> <p>Mourão explicou que também receberam numerosos telefonemas de empresários, principalmente do sul do país, interessados em contratar outros haitianos.</p> <p>Disponível em: http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/01/haitianos-no-brasil-divididos-sobre-as-medidas-imigratorias.html</p> <p>Acesso em: 12/01/12</p> | |
| <p>"Imigração haitiana é a maior desde a chegada de japoneses e italianos"</p> | <p>O terremoto de sete graus na escala Richter que abalou o Haiti há exatos dois anos e deixou mais de 300 mil pessoas desabrigadas originou um fenômeno de imigração em massa para o Brasil que pode ser comparado aos êxodos do início do século 20.</p> <p>O Ministério da Justiça calcula que, nestes dois anos, cerca de 4.000 haitianos tenham cruzado a fronteira de países vizinhos ao Brasil e alcançado municípios dos estados do Acre e do Amazonas.</p> <p>Segundo o Itamaraty, essa situação só é comparada historicamente à imigração de italianos e japoneses, que aportaram no país ainda no período imperial e nos primeiros anos da República.</p> <p>Nesta quinta-feira (12), o CNIg (Conselho Nacional de Imigração), vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego, deve acatar a proposta do Palácio do Planalto de regularizar a situação dos haitianos que já cruzaram a fronteira e impor limites para quem chegar futuramente.</p> <p>Entre as determinações que podem ser aprovadas na reunião dos conselheiros, marcada para esta tarde, está a adoção de um limite de concessão, por mês, de até 100 vistos condicionados - que permitem ao</p> | <p>Sem autor - ANSA - R7 12/01/12</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>imigrante provar vínculo trabalhista no Brasil em um prazo de cinco anos - para os haitianos que ainda pretendem vir ao país.</p> <p>O critério para a concessão dos vistos deve ser determinado pelo Itamaraty, segundo o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo. O Ministério das Relações Exteriores, no entanto, preferiu não comentar as diretrizes antes de ser divulgado o resultado da reunião do CNIg.</p> <p>Dos 4.000 haitianos que entraram no Brasil, 1.600 já estão regulares, pois receberam visto humanitário. Outros 2.000 processos estão em tramitação para regularização. Todos os que já estão no Brasil receberão a permissão de permanência. No entanto, os haitianos que chegarem depois ou entrarem ilegalmente serão notificados a deixarem o país. Se não deixarem, serão deportados.</p> <p>O Ministério da Justiça informou que, em 2011, foram concedidas 1.323 autorizações de residência em caráter humanitário para haitianos.</p> <p>Segundo o Itamaraty, o governo ainda não possui estatísticas sobre em qual ramo a população haitiana imigrante tem vindo trabalhar, nem para quais cidades tem se dirigido após ultrapassar a fronteira e conseguir uma autorização da Polícia Federal.</p> <p>Disponível em: http://noticias.r7.com/brasil/noticias/imigracao-haitiana-e-a-maior-desde-a-chegada-de-japoneses-e-italianos-20120112.html</p> <p>Acesso em: 12/01/12</p> | |
| <p>“Grupo de haitianos virá ao RS para trabalhar em empresa de Gravataí”</p> | <p>Um grupo de refugiados haitianos chegará ao Rio Grande do Sul nos próximos dias. Contratados por uma empresa de massas de Gravataí, na Região Metropolitana de Porto Alegre, 10 pessoas nascidas no Haiti terão a chance de reconstruir suas vidas no Brasil.</p> <p>Eles deixaram o país caribenho após o terremoto que atingiu a capital Porto Príncipe em 2010, causando destruição e deixando milhares de mortos e outros desabrigados. "Estamos providenciando alojamento para essas pessoas, em totais condições de moradia e higiene. Eles terão também o auxílio saúde que a empresa proporciona", diz o diretor da empresa, André Rosa.</p> <p>Estima-se que 4 mil refugiados haitianos estejam no Brasil. Homens, mulheres e crianças deixaram o Haiti pela República Dominicana, passando por Equador, Panamá e Peru. Em terras brasileiras, eles costumam entrar pelo Acre.</p> <p>Dois anos depois do terremoto, o Haiti segue mergulhado em uma crise humanitária. Por isso, o Brasil tem sido um destino de esperanças. O Governo Federal anunciou medidas de apoio financeiro aos estados do Norte e providencia regularização dos refugiados.</p> <p>Disponível em: http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2012/01/empresa-de-gravatai-rs-contrata-10-haitianos-refugiados.html</p> <p>Acesso em: 12/01/12</p> | <p>Roberta Salinet - RBS TV - G1 12/01/12</p> |
| <p>“Brasil quis evitar deportação em massa de haitianos, diz Cardozo”</p> | <p>Apesar de o governo ter anunciado anteontem (10) que deportará haitianos que cheguem ao Brasil sem visto, o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, disse que procura evitar, com as medidas recém-anunciadas, que haja deportação em massa dos imigrantes do país caribenho em situação irregular.</p> <p>Segundo ele, criou-se um impasse depois que o Conare (Conselho Nacional de Refugiados) decidiu que não tinha procedência o pedido feito pelos haitianos de refúgio político e remeteu o caso ao Ministério do Trabalho, para que a situação dos imigrados fosse regularizada.</p> <p>"Estávamos com um problema legal porque o cara pisava no Brasil e falava 'refúgio' [o que, pela lei, garante a permanência do estrangeiro até que seu pedido seja examinado]. O Conare então colocou o problema. Se não tomássemos nenhuma medida, a Polícia Federal (PF) seria obrigada a impedir a entrada de haitianos pela legislação brasileira. Se não fizesse isso, estaria prevaricando", disse Cardozo à Folha.</p> <p>"Temos solidariedade com o Haiti, mas temos que controlar nossa</p> | <p>Cláudia Antunes - Folha de São Paulo - 12/01/2012</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>fronteira. Sem fechá-la, para que não tenhamos uma política igual à de outros países. Nunca fizemos a deportação em massa", completou.</p> <p>O ministro afirmou que o governo também decidiu agir depois que a PF alertou seguidas vezes para a possível infiltração de criminosos entre os haitianos que estavam entrando pela Amazônia, trazidos por coiotes (atravessadores).</p> <p>"Junto com os haitianos estavam entrando pessoas de outras nacionalidades, algumas com intenção criminosa. O coiote, para se associar ao narcotráfico, não precisa de muito", disse Cardozo. Ele também citou o caso de um haitiano que havia fugido de um presídio destruído no terremoto do ano passado e foi identificado no Brasil.</p> <p>O ministro disse que o fluxo irregular tende a diminuir em curto prazo porque o Peru, que fica na rota dos coiotes, acaba de decidir que em 15 dias passará a exigir visto dos haitianos. "Mas outras rotas podem ser encontradas com até mais perigo para as pessoas", previu.</p> <p>Cardozo disse que o Ministério do Trabalho desenvolverá programas para a adaptação dos cerca de 4.000 haitianos que já chegaram ao Brasil e dos que poderão obter os vistos especiais de trabalho que passarão a ser concedidos pela Embaixada do Brasil em Porto Príncipe.</p> <p>No máximo cem ao mês, esses vistos não exigirão que o candidato tenha contrato de trabalho aqui, como é praxe. Ao fim de cinco anos, o haitiano beneficiado deverá provar que tem trabalho e residência fixa para continuar no Brasil. Também terão direito de vir os haitianos que já têm família com a situação regularizada aqui.</p> <p>CASO A CASO</p> <p>As medidas adotadas não poderão, entretanto, impedir que haitianos peçam refúgio político no Brasil.</p> <p>Esses pedidos têm que ser examinados caso a caso, mesmo que o governo e o Conare avaliem que a situação atual do Haiti não justifica a concessão --que exige, segundo a legislação, "fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas".</p> <p>João Paulo Charleaux, diretor de Comunicação da ONG de direitos humanos Conectas, concorda com a avaliação sobre a situação haitiana. Mas alerta que a ameaça de deportação dos que chegarem sem visto "pode inibir pedidos legítimos de refúgio político e ignorar pessoas que já estão aqui e seriam candidatos legítimos".</p> <p>"A ameaça de deportação feita pelo Brasil não deve ainda, sob nenhuma hipótese, ferir o direito de 'non-refoulement', ou não devolução de qualquer cidadão que tenha solicitado formalmente o status de refugiado", disse a Conectas em nota.</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1033743-brasil-quis-evitar-deportacao-em-massa-de-haitianos-diz-cardozo.shtml</p> <p>Acesso em: 12/01/12</p> | |
| <p>"Brasil garante permanência de cinco anos para haitianos"</p> | <p>O governo divulgou, nesta quinta-feira (12), detalhes sobre as regras de concessão de visto de permanência aos haitianos que pretendem viver no Brasil.</p> <p>De acordo com uma resolução do Cnig (Conselho Nacional de Imigração), órgão do Ministério do Trabalho e Emprego, que deve ser publicada nesta sexta-feira (13) no Diário Oficial da União, todos os imigrantes do país caribenho que já estão em terras brasileiras terão permissão para permanecer aqui por até cinco anos.</p> <p>Vencido esse prazo, poderá continuar no Brasil, solicitado a permanência definitiva, quem comprovar que conseguiu emprego e situação estável. Já os que chegarem ilegalmente, de agora em diante, poderão ser deportados.</p> <p>Segundo dados do Ministério da Justiça, desde janeiro de 2010, quando um terremoto destruiu grande parte do Haiti, 4.000 pessoas do país caribenho vieram para o Brasil. Desses, 1.600 já haviam recebido visto</p> | <p>Adriana Caitano - R7 - 12/01/12</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>humanitário do Cnig. Os demais passam agora a ter a autorização formal.</p> <p>A partir da publicação da resolução, a embaixada brasileira em Porto Príncipe deverá emitir mensalmente no máximo 100 vistos de permanência no Brasil, uma média de 1.200 por ano, válidos por cinco anos, para quem ainda pretende viajar. A resolução tem duração prevista de dois anos. Nesse prazo, portanto, devem ser concedidos 2.400 vistos. Em seguida, o governo vai analisar se será necessário prorrogar a norma, editada para atender a questões humanitárias decorrentes do terremoto de 2010.</p> <p>O visto é válido para toda a família de quem o recebeu. De acordo com as regras de migração vigentes no Brasil, qualquer pessoa que receba um visto de trabalho tem o direito de trazer para o país os cônjuges, filhos com até 18 anos ou 24, no caso de estudantes e solteiros, e pais. Com isso, os imigrantes poderão trabalhar e se deslocar livremente pelo país sem a necessidade de comprovar vínculo trabalhista antes de chegar ao Brasil.</p> <p>Os vistos comuns de trabalho no Brasil continuarão sendo emitidos normalmente. Ou seja, quem pedir o visto já com um trabalho garantido não precisa entrar na cota dos 1.200 vistos especiais.</p> <p>Restrições</p> <p>Por outro lado, o governo federal pretende apertar o cerco contra a imigração irregular, aumentando o controle de fronteiras e inibindo a ação de coiotes, que organizam as perigosas viagens ilegais rumo ao Brasil.</p> <p>O ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, nega, porém, que o país tenha fechado o cerco contra os haitianos. Ele falou durante entrevista coletiva concedida hoje em Brasília.</p> <p>- É inegável a relação de solidariedade do Brasil com o povo do Haiti. Diante deste quadro o governo brasileiro não poderia fechar suas fronteiras. Nós não fechamos as fronteiras, ao contrário, regularizamos a entrada com controle para combater coiotes e quadrilhas que exploram os seres humanos.</p> <p>Entre as medidas referentes à permanência dos haitianos, está ainda o apoio assistencial aos 1.250 que chegaram ao município de Brasileia, no Acre, neste mês. Na próxima semana, técnicos do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome visitarão a cidade para observar as condições em que os imigrantes estão vivendo e fechar um acordo com o governo estadual.</p> <p>Eles também serão cadastrados profissionalmente para que os dados sejam disponibilizados a empresas interessadas em mão-de-obra.</p> <p>A presidente Dilma Rousseff deve visitar o Haiti no início de fevereiro. Será sua primeira viagem internacional deste ano.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://noticias.r7.com/brasil/noticias/brasil-garante-permanencia-de-cinco-anos-para-haitianos-20120112.html</p> <p><i>Acesso em:</i> 03/02/12</p> | |
| <p>“Haitianos: delegação interministerial vai ao Acre para assinar termos de cooperação”</p> | <p>Uma delegação interministerial de técnicos, sob a coordenação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome estarão nos próximos dias 18 e 19 em Rio Branco, no Acre, para assinar termos de cooperação com o governo do estado a fim de garantir melhor assistência aos haitianos que ainda estão no município de Brasileia. O secretário de Justiça e Direitos Humanos do Acre, Nilson Mourão, disse à Agência Brasil que os técnicos visitarão o município para conhecer “de perto” as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes que entraram em grande número no país em janeiro.</p> <p>“Com esses termos de cooperação saberemos os compromissos efetivos que o governo federal assumirá conosco [governo do Acre]”, disse o secretário. Especificamente, as ações serão centralizadas na assistência social. O governo do estado quer, por exemplo, o repasse de recursos para a construção de novas pousadas, recursos que permitam o pagamento de passagens aos imigrantes já legalizados para que possam ir para outros estados e a melhoria do cardápio de alimentação fornecido aos haitianos.</p> <p>Nilson Mourão informou que na próxima segunda-feira (16) a secretaria enviará quatro funcionários a Brasileia para começar um cadastramento</p> | <p>Marcos Chagas - Agência Brasil EBC - 12/01/12</p> |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>profissional dos imigrantes. Segundo ele, isso facilitará o trabalho de recrutamento de mão de obra pelas empresas que se mostram interessadas em contratá-los.</p> <p>O cadastramento vai acelerar as avaliações por parte dos empresários e evitará qualquer intermediação do estado no processo. “Nosso objetivo é que as empresas contratem diretamente os trabalhadores haitianos, sem nossa participação”, ressaltou o secretário de Justiça. Entre eles, pedreiros, mestres de obra, engenheiros e outros profissionais qualificados.</p> <p>O número de haitianos que entram no estado caiu bruscamente após o anúncio pelos governos do Brasil e do Peru de fechar as fronteiras para haitianos sem passaportes e o respectivo visto de entrada. Dos 1.250 que chegaram a Brasileia, em janeiro, 935 estão na cidade à espera de transporte, contratações ou regularização dos vistos, disse a chefe de gabinete da prefeitura, Luz Marina Menezes. Segundo ela, a maioria dos haitianos que cruzaram a fronteira e está sendo contratada por empreiteiras é mão de obra não qualificada.</p> <p>Damião Borges, único funcionário da secretaria de Justiça do Acre que está na cidade para prestar atendimento aos imigrantes, declarou que recebeu nos últimos dias de 30 a 40 ligações de empresas de vários estados interessadas na contratação de haitianos.</p> <p>Ele disse ainda que o estado de Rondônia tem tido problemas com a forte migração de haitianos. Eles chegam a Porto Velho para atrás de trabalho na construção civil, especialmente nas obras das usinas hidrelétricas de Jirau e Santo Antonio. “Funcionários do governo de Rondônia estiveram aqui [Brasileia] para pedir aos haitianos que esperem em Brasileia a vinda das empresas que vão contratá-los. Eles disseram que têm muita gente em Porto Velho para pouco emprego”.</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1033743-brasil-quis-evitar-deportacao-em-massa-de-haitianos-diz-cardozo.shtml</p> <p>Acesso em: 15/01/12</p> | |
| <p>“Acre quer transferir 1,2 mil refugiados para outras regiões”</p> | <p>Parte dos 1.250 haitianos acolhidos pelo governo do Acre começou a sair da cidade de Brasileia, município na fronteira com a Bolívia. A meta é fazer com que 40 haitianos deixem o Estado por dia. A estimativa é que, em abril, todos tenham trocado o Acre por outras partes do País.</p> <p>Há duas semanas, têm saído em média do Estado entre 20 a 40 haitianos, com um visto humanitário que garante a eles a chance de conseguir trabalho em outra região do Brasil.</p> <p>Na terça-feira, uma triagem feita por um proprietário de frigorífico do interior de Rondônia selecionou 40 haitianos. Ontem, uma empresa de Minas Gerais já estudava a contratação de mais 40 homens. O governo do Acre comprou passagem de ônibus para 31 haitianos que irão para a casa de amigos e parentes em Porto Velho e devem trabalhar na construção de hidrelétricas na região.</p> <p>"O Acre não tem recursos financeiros nem pessoas habilitadas para tratar de uma onda migratória", disse o secretário de Justiça e Direitos Humanos, Nilson Mourão. Os custos com alimentação e hospedagem de imigrantes já alcançaram R\$ 1,5 milhão. Além disso, o governo acreano tem dado assistência médica para cerca de 30 soropositivos identificados no grupo.</p> <p>A pressão feita pelo governo do Acre junto ao governo federal para resolver o problema surtiu efeito. Na terça-feira, a presidente Dilma Rousseff convocou uma reunião com o ministro da Justiça, José Eduardo Cardoso, e o chanceler Antonio Patriota, na qual foi definido que a Embaixada do Brasil em Porto Príncipe emitirá, no máximo, cem vistos mensais para o Brasil.</p> <p>Desde fevereiro do ano passado, quando começou o fluxo migratório, passaram pelo Acre 2,7 mil haitianos. "Todos serão legalizados", garantiu Mourão.</p> <p>Fuga. Esdras Héctor tem 27 anos. Era estudante de Direito em Porto Príncipe e está há oito meses no Acre. Ficou uma temporada em Brasileia e foi uma das vítimas dos coiotes, os "piratas da migração". Além de creole e</p> | <p><i>Itaan Arruda - O Estado de São Paulo - 12/01/12</i></p> |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>francês, idiomas oficiais do Haiti, Hector comunica-se bem em inglês, espanhol e português.</p> <p>Diferentemente dos amigos, não quer sair do Acre. Pretende continuar os estudos em uma universidade do Estado para "ser diplomata e trabalhar na ONU". Ele deixou três irmãos no Haiti. São as únicas referências familiares que tem e parece pouco à vontade quando fala no assunto. "Meu lugar, agora, é aqui", disse o haitiano, feliz com o tratamento que recebeu no País. "O povo do Acre é muito diferente de outras regiões."</p> <p>O imigrante confirmou à reportagem os rumores de que dois haitianos teriam sido assassinados em uma área de floresta entre a Bolívia e o Peru, embora ninguém até agora tenha denunciado o crime.</p> <p>Em fevereiro, os coiotes cobravam até US\$ 3 mil por pessoa para garantir a entrada de clandestinos no Brasil. Há relatos de violência contra haitianos durante a passagem pelo Peru e pela Bolívia. Estupros, tortura e extorsão são lembranças comuns de quem se aventurou a sair de Porto Príncipe.</p> <p>Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,acre-quer-transferir-12-mil-refugiados-para-outras-regioes-,821599,0.htm</p> <p>Acesso em: 20/01/12</p> | |
| <p>"ONGs veem plano para imigrantes com cautela"</p> | <p>Organismos internacionais solicitaram ao Brasil que tenha cautela em relação aos direitos humanos dos imigrantes haitianos, reagindo ao plano do governo de impor cotas para vistos concedidos a cidadãos do Haiti. As entidades pediram uma estratégia mais ampla do País para lidar com o fluxo de estrangeiros.</p> <p>ONGs e ativistas de direitos humanos também alertaram que a ameaça de deportação criará dificuldades ainda maiores para a população haitiana e apenas transferirá o problema de volta ao Haiti.</p> <p>A autorização de entrada seria dada no Haiti, no primeiro esforço do País em duas décadas para estabelecer cotas para o ingresso de estrangeiros, prevendo até mesmo a deportação de imigrantes irregulares. O Estado revelou no fim do ano passado que haitianos estariam pagando a grupos criminosos até R\$ 5 mil para chegar ao Brasil.</p> <p>Parte da estratégia brasileira teria como objetivo reduzir a tentação desses haitianos de usar as máfias para chegar ao Brasil. Mas, para organismos especializados, isso pode não ser suficiente. A Organização Internacional de Migrações (IOM, na sigla em inglês) acredita que um plano mais amplo do Brasil terá de ser criado para que tenha resultados positivos para os haitianos. A prioridade, segundo a entidade, é criar postos de trabalho no Haiti.</p> <p>"Essa será a única solução real", afirmou o porta-voz da OIM, Jean Phillip Chauzy. Segundo ele, o fluxo migratório de haitianos não atinge apenas o Brasil. Ilhas do Caribe, incluindo Cuba, vêm recebendo um número cada vez maior de haitianos que tentam fugir da pobreza.</p> <p>Na avaliação da OIM, se há uma necessidade de estabelecer uma certa ordem no fluxo de haitianos ao Brasil, o Palácio do Planalto deveria negociar com o governo de Porto Príncipe um acordo que permita disciplinar essa migração. "Se o Brasil identificar que tem a necessidade de mão de obra de fora ou que há espaço para os haitianos em uma determinada obra ou cidade, o que sugerimos é que haja um acordo direto com o governo do Haiti para trazer um certo número de pessoas diretamente para essas áreas", disse Chauzy. Isso, para a OIM, enfraqueceria os grupos criminosos que lucram com o tráfico.</p> <p>A ação do governo, porém, não poderia se limitar a esse acordo. A entidade está preocupada com os haitianos que chegam ao Brasil na esperança de encontrar um trabalho e acabam desempregados, sem recursos e vivendo em uma situação de desespero. "Um programa precisa ser estabelecido para ajudar esses haitianos a voltar se quiserem. Mas não voltar para a pobreza, e sim de uma forma integrada que os permita viver e não ter a necessidade de sair de novo", explicou Chauzy.</p> <p>O Alto-Comissariado da ONU para Refugiados elogia a política brasileira</p> | <p>Jamil Chade - O Estado de São Paulo - 12/01/12</p> |

| | | |
|------------------|--|--|
| | <p>de asilo, mas pede que as limitações impostas ao Haiti não afetem o acesso de um cidadão haitiano aos mecanismos legais para conseguir status de refugiado no Brasil. Para a entidade Conectas, essa é uma questão central que terá de ser garantida, além do risco de que a deportação simplesmente transfira o problema de volta ao Haiti. Para a Human Rights Watch, de nada adiantará ao Brasil montar uma operação de deportação enquanto não transformar a missão no país em um projeto de desenvolvimento - e não militar.</p> <p>A entidade lembra que, na ONU, o Brasil tem insistido com o discurso de que a Europa precisa tratar os imigrantes sem violar direitos humanos e entendendo que o fluxo de pessoas ocorre em razão da miséria e fome que atingem milhões.</p> <p>Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,ongs-veem-plano-para-imigrantes-com-cautela-,821603,0.htm</p> <p>Acesso em: 20/01/12</p> | |
| "O Haiti é aqui" | <p>No centro de uma pequena igreja no extremo oeste do Amazonas, em Tabatinga (região da tríplice fronteira Brasil-Colômbia-Peru), a figura de um homem chama a atenção. Ele caminha de um lado para o outro, fala espanhol e tenta dar uma palavra de conforto a cerca de cem haitianos que chegam ao local todos os dias por volta das 12 horas. A paróquia está lotada, mas o grupo de estrangeiros não quer rezar. Famintos, buscam a única refeição que conseguirão durante o dia.</p> <p>"Todo dia é assim, eles vêm para matar a fome. Muitos chegam aqui sem comer há dois, três dias. São alimentos que a gente consegue arrecadar com conhecidos, com frequentadores da paróquia, com nosso próprio dinheiro", diz o padre colombiano Gonzalo Franco, durante uma visita realizada em outubro à localidade.</p> <p>Na definição dos haitianos, Gonzalo é o "protetor" deles em Tabatinga. O "anjo da guarda". Para Gabriel, de 27 anos, que aguarda sentado em um dos bancos da igreja, se o padre não vivesse em Tabatinga, grande parte de seus compatriotas chegados à cidade "já teria morrido de fome".</p> <p>A casa do religioso é separada da igreja por um corredor. Nele os primeiros haitianos reunidos à sombra da paróquia esperam na "fila da fome". Em pouco tempo, homens, mulheres e crianças aguardam em pé, disciplinados, um prato de arroz, feijão, frango e salada. A comida é racionada.</p> <p>No refeitório improvisado, o padre Gonzalo conta que para os haitianos o Brasil equivale aos Estados Unidos para os brasileiros. "A Copa do Mundo, as Olimpíadas, tudo isso na cabeça deles cria um mundo de oportunidades. Só que chegam aqui e ficam sem emprego, sem moradia, sem alimentação, sofrendo uma outra calamidade."</p> <p>Em Tabatinga, os haitianos vivem em algumas casas que, por intermédio do padre, conseguiram encontrar. Uma "casa-base", emprestada pelo proprietário, fica a seis quadras da paróquia. Na curta caminhada, as roupas ficam ensopadas com o calor de 40 graus. No interior do imóvel, com três cômodos, há apenas uma pequena janela. Não há luz nem água. O calor é sufocante.</p> <p>Numa única casa, cerca de cem haitianos se amontoam pelo chão sobre lençóis velhos e papelão. Todos têm algo em comum: deixaram para trás um país dizimado pelo terremoto. E também o túmulo de parentes mortos na tragédia. Desde a catástrofe que arrasou o Haiti e matou mais de 220 mil pessoas, em janeiro de 2010, cerca de 2 mil habitantes daquele país já chegaram ao município amazonense (em todo o Brasil, são 4 mil, mais da metade deles irregulares). Seguem em Tabatinga pelo menos 1,2 mil, nas contas do padre. "Mas todo dia chegam outros."</p> <p>Um deles, Ernesto, de 34 anos, morador da capital, Porto Príncipe, reconstitui o roteiro de sua viagem. "Saí de Porto de ônibus até a República Dominicana. De lá, dois aviões, um para o Panamá e outro até o Equador. Após chegar ao Equador peguei outro ônibus, até o Peru, de onde cruzei de</p> | <p><i>José Eduardo Rondon - Carta Capital - 13/01/12</i></p> |

| | | |
|----------------------|---|------------------------|
| | <p>barco até Tabatinga.”</p> <p>As embarcações que chegam do Peru atravessam o Rio Solimões e alcançam o lado brasileiro, aparentemente sem problemas. O preço da viagem: 3 mil dólares, pagos a “coiotes” (traficantes de pessoas) que prometem uma vida de oportunidades no Brasil. A presença dos haitianos em Tabatinga mudou a paisagem da pobre cidade de 52 mil habitantes, com consequência no atendimento dos postos de saúde e do hospital. É comum encontrar grupos vagando pela cidade, sem nada para fazer, ou dormindo em praças. Alguns conseguem subempregos como vendedores de picolé ou de jornal. O que mais se vê são haitianos pedindo trabalho, quase nunca esmola.</p> <p>A presença dos haitianos em Tabatinga chamou a atenção da organização humanitária internacional Médicos Sem Fronteiras (MSF). Foi o maior reforço para os trabalhos do padre Gonzalo desde o início da diáspora. Desde dezembro, a entidade iniciou a distribuição de 1,3 mil kits de higiene pessoal e de limpeza. O primeiro passo para melhorar as condições básicas de vida dos imigrados, diz a coordenadora do trabalho da ONG no município, Renata de Oliveira Silva. “Isso é essencial para evitar a deterioração de sua saúde e uma série de distúrbios psicológicos.”</p> <p>Em uma das casas visitadas pela ONG, cerca de 40 pessoas dividiam uma única latrina.</p> <p>Tabatinga não é, obviamente, o ponto principal. O objetivo é um só: seguir viagem em direção a Manaus, em busca de trabalho e oportunidades. Precisam, para tanto, de uma autorização do governo federal. Operação demorada, o número de entrevistas da Polícia Federal sediada em Tabatinga com estrangeiros gira em torno de 25 por semana, o que é insuficiente.</p> <p>A situação difícil em que vivem os haitianos no Brasil se repete também no Acre, na cidade de Brasileia. Lá, cerca de 1,2 mil enfrentam as mesmas dificuldades. A Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República promete acolher os haitianos que estão nos estados do Amazonas e do Acre. “É um compromisso de humanismo”. No entanto, para o padre Gonzalo, o governo federal precisa “com urgência” agilizar os trâmites na liberação da entrada dos haitianos no País. “Tabatinga representa uma espécie de limbo aos haitianos, eles não têm como seguir viagem sem a autorização, mas também não podem voltar, já que não dispõem de dinheiro algum.”</p> <p>Na terça-feira 10 o governo federal anunciou uma série de medidas após reunião entre a presidenta Dilma Rousseff e quatro ministros. Uma das medidas visa a conter o fluxo de deslocamento deles ao Brasil. Para isso, determinou que só serão aceitos os haitianos que tenham visto concedido pela Embaixada do Brasil no Haiti. Quem estiver em situação irregular poderá ser deportado. Os vistos permitirão a permanência no Brasil por cinco anos para quem vier para atividade de trabalho regular, segundo o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo. “Aqueles que entrarem depois estarão em situação irregular e, como qualquer outro estrangeiro nessa condição, -serão -notificados e extraditados”, disse ele.</p> <p>O governo também decidiu que os haitianos não poderão entrar no País na condição de refugiados políticos, por decisão do Conselho Nacional para os Refugiados (Conare). O entendimento é que os haitianos deixam o país em razão da vulnerabilidade econômica local. O patrulhamento nas áreas de fronteiras deverá também ser reforçado.</p> <p>A presidenta tem viagem marcada ao Haiti para 1º de fevereiro. Na pauta com o presidente Michel Martelly estarão acordos de cooperação entre os dois países. Mas em Tabatinga a esperança é que ao menos um tema seja priorizado pelos chefes de Estado: o sofrimento de -haitianos em solo brasileiro.</p> <p>Disponível em: http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-haiti-e-aqui/</p> <p>Acesso em: 15/01/12</p> | |
| “Conselho disciplina | A resolução do Conselho Nacional de Imigração que prevê a emissão limitada de vistos de trabalho para haitianos foi publicada hoje (13) no Diário | Christina Machado - |

| | | |
|---|--|---|
| concessão de visto de permanência para haitianos” | <p>Oficial da União. O visto está sendo concedido por razões humanitárias e será condicionado ao prazo de cinco anos, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro. As razões humanitárias a que se refere a resolução são resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro do ano passado.</p> <p>O objetivo da medida é regularizar a situação dos imigrantes haitianos que têm entrado no país pelo Acre e pelo Amazonas. Só no ano passado, foram 4 mil, segundo o Ministério da Justiça.</p> <p>O visto terá caráter especial e será concedido pelo Ministério das Relações Exteriores, por intermédio da embaixada do Brasil em Porto Príncipe, capital do Haiti. Poderão ser concedidos até 1.200 vistos por ano, correspondendo a uma média de 100 concessões por mês, sem prejuízo das demais modalidades de vistos previstas nas disposições legais do país.</p> <p>Antes do fim do prazo previsto na resolução, o cidadão do Haiti deverá comprovar a situação de trabalho para revalidar a permanência no Brasil e expedir nova Cédula de Identidade de Estrangeiro, conforme legislação em vigor.</p> <p>A resolução vigora a partir de hoje e será válida pelo prazo de dois anos, podendo ser prorrogada.</p> <p>Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-01-13/conselho-disciplina-concessao-de-visto-de-permanencia-para-haitianos</p> <p>Acesso em: 13/01/12</p> | Agência Brasil EBC - 13/01/12 |
| “Conselho aprova limite à vinda de haitianos” | <p>O Brasil vai limitar a entrada de haitianos ao começar a emitir, na próxima semana, visto especial de permanência para cidadãos do país.</p> <p>O Conselho Nacional de Imigração, vinculado ao Ministério do Trabalho, acatou sugestão do governo federal de conceder 1.200 vistos anuais para haitianos que queiram trabalhar no Brasil.</p> <p>É a primeira vez na história que o país impõe um limite à emissão de vistos a estrangeiros. Mas também é inédita a decisão de não exigir vínculo empregatício, como valerá agora somente para os haitianos. A medida terá prazo inicial de dois anos.</p> <p>A entrada ilegal de haitianos no Brasil se intensificou desde o terremoto que atingiu Porto Príncipe, em 2010.</p> <p>O desastre matou 316 mil. Como a Folha revelou em dezembro, atravessadores têm esquema para levar haitianos ao Acre por até US\$ 300.</p> <p>O objetivo da resolução, que será publicada hoje, é evitar a entrada ilegal de haitianos por meio de quadrilhas criminosas e "coiotes", segundo afirmou o ministro José Eduardo Cardozo (Justiça).</p> <p>Os vistos serão concedidos pela embaixada brasileira em Porto Príncipe, que a presidente Dilma Rousseff visita no dia 1º de fevereiro. A viagem já estava marcada -ela vai também a Cuba nos dias 30 e 31 de janeiro-, mas agora ganha outra relevância.</p> <p>Em 2011, foi autorizada a emissão de 380 vistos para haitianos -desse, só um era para trabalhar no Brasil. O embaixador brasileiro no país, Igor Kipman, reconhece que a limitação de vistos "não eliminará a migração ilegal".</p> <p>Mas o diplomata diz que a medida "é um instrumento para dar uma chance àqueles que buscam oportunidade de emprego e renda".</p> <p>Para o chanceler Antonio Patriota, os 1.200 vistos anuais serão suficientes. Ele não explicou, contudo, qual será a postura do governo se a procura for maior. Sobre o perfil dos candidatos, Patriota diz que "haverá sensibilidade".</p> <p>A resolução aprovada ontem pelo conselho prevê ainda a regularização de todos os haitianos que entraram de forma irregular no Brasil até agora. Estima-se que 4.000 já tenham atravessado a fronteira, dos quais 2.400 ainda estão em situação irregular.</p> <p>A decisão de alterar as regras ocorre após o Conare (Comitê Nacional para os Refugiados) negar a concessão de refúgio político a 2.000 haitianos.</p> | Flávia Foreque e Lucas Ferras - Folha de São Paulo - 13/01/12 |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>Segundo o presidente do órgão, Luiz Paulo Barreto, esse status não cabe, pois os imigrantes do Haiti alegaram que fugiam do flagelo ainda existente no país dois anos depois do tremor.</p> <p>CRÍTICAS</p> <p>"O Brasil caminha para política migratória restritiva, violadora dos direitos humanos, que tanto critica em outros países", disse à Folha Lucia Nader, da ONG Conectas.</p> <p>As autoridades brasileiras negam que a decisão contrarie a política de direitos humanos do governo.</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/19794-conselho-aprova-limite-a-vinda-de-haitianos.shtml</p> <p>Acesso em: 29/01/12</p> | |
| <p>"Novas regras permitem que haitianos permaneçam por 5 anos no país"</p> | <p>O Conselho Nacional de Imigração (CNIg) aprovou ontem a resolução do governo brasileiro que estabelece novas regras para a entrada de haitianos no país. Antes, eles ingressavam no território nacional e pediam, por questões humanitárias, visto de permanência. Agora, precisarão do documento antes de entrar no Brasil. Serão concedidos, anualmente, 1,2 mil vistos de trabalho — 100 por mês — para quem quiser se aventurar no mercado em território nacional, mas não será necessária a apresentação do contrato com empresas, como determina a lei atual. Além disso, o estrangeiro poderá vir acompanhado de familiares próximos e, dependendo da evolução da situação no Haiti, a resolução poderá perder sua validade em dois anos. A reunião que decidiu pela aprovação durou quase três horas e transcorreu sem vetos.</p> <p>A resolução enviada pelo governo federal praticamente não foi modificada pelo CNIg, que apenas alterou questões de redação. "O conselho aprovou a expedição anual de 1,2 mil vistos, uma média de 100 por mês, por até cinco anos. Esse é o prazo que o estrangeiro terá para conseguir um emprego e residência no Brasil", afirmou o ministro do Trabalho, Paulo Roberto Pinto, que presidiu a sessão extraordinária para analisar a proposta do Palácio do Planalto. O ministro explicou que o período de cinco anos é suficiente para que o imigrante haitiano decida se vai permanecer no Brasil ou retornar ao país de origem. No entanto, ao contrário do que ocorre em relação a outros profissionais estrangeiros que atuam no Brasil, não será necessário para os haitianos comprovar qualificação.</p> <p>A entrada maciça de haitianos pelo Acre e pelo Amazonas por meio dos coites (pessoas que facilitam transposição ilegal da fronteira) fez com que o governo apresentasse a resolução, mas todos os ministros envolvidos na questão rebateram a tese de que o Brasil estava fechando as fronteiras. Para José Eduardo Cardozo, titular da Justiça, e Antônio Patriota, das Relações Exteriores, a intenção foi regularizar a situação, para evitar que os imigrantes continuem sendo explorados pelo crime organizado e pelos coites. "Com o visto de permanência, acaba a condição atual (de entrada clandestina)", observou Cardozo.</p> <p>No Acre e no Amazonas, onde estão centenas de haitianos, a notícia sobre a legalização dos vistos foi bem recebida. "Conversamos com organismos que apoiaram a decisão, já que o comportamento anterior seria dar uma continuidade às máfias", disse Patriota.</p> <p>A iniciativa do Palácio do Planalto, conforme o chanceler, teve o respaldo de entidades internacionais, como o Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur) e a Organização Internacional de Migração. A decisão do governo brasileiro de editar uma resolução aconteceu um dia depois de o Peru ter começado a exigir vistos dos haitianos — o que antes não ocorrera —, mas Patriota afirmou que a medida resulta de uma determinação do presidente do país, Ollanta Humala, sem influência do governo brasileiro.</p> <p>Regularização</p> <p>Segundo os ministros, a fixação de um número anual de vistos sem a</p> | <p>Sem autor - Correio Braziliense - 13/01/12</p> |

| | | |
|---|---|---|
| | <p>necessidade de que o haitiano tenha um contrato de trabalho foi estabelecida por meio da demanda existente em Porto Príncipe, onde apenas 380 pessoas requereram o documento na embaixada brasileira, no ano passado. Os 4 mil imigrantes que chegaram ao país desde o terremoto, ocorrido em janeiro de 2010, terão a situação regularizada pelo governo — 1,3 mil já conseguiram os documentos. A Polícia Federal vai encaminhar os cadastros, que estão sendo feitos desde o ano passado, para o Ministério do Trabalho, que autorizará os vistos, além de cruzar os dados do imigrante haitiano com as vagas existentes no Sistema Nacional de Emprego (Sine), facilitando seu posicionamento no mercado de trabalho.</p> <p>Conforme o ministro das Relações Exteriores, na próxima segunda-feira, a Embaixada do Brasil em Porto Príncipe estará recebendo reforços de funcionários para a expedição dos vistos. A resolução, já com as alterações de redação, começará a valer assim que for publicada no Diário Oficial.</p> <p>Brasileiros mortos</p> <p>Em 12 de janeiro de 2010, o Haiti, um dos países mais pobres do continente americano, foi sacudido pelo maior terremoto de sua história, de 7 graus na Escala Richter. Ninguém sabe ao certo o número de mortos, mas se estima em pelo menos 300 mil pessoas. Entre as vítimas, estavam brasileiros como Zilda Arns, fundadora da Pastoral da Criança; 22 militares do Exército, que faziam parte da Minustah (a missão da Organização das Nações Unidas que faz operações de pacificação); e o diplomata Luiz Carlos da Costa, que era a segunda pessoa na hierarquia da entidade no Haiti.</p> <p>Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica-brasil-economia/33,65,33,14/2012/01/13/interna_politica,286152/novas-regras-permitem-que-haitianos-permanecam-por-5-anos-no-pais.shtml Acesso em: 13/01/12</p> | |
| <p>“Amorim pede nova política a imigrantes após entrada de haitianos”</p> | <p>O Brasil precisa construir uma nova política para os imigrantes que chegam ao país, disse nesta quinta-feira o ministro da Defesa, Celso Amorim, ao comentar a entrada de milhares haitianos no país.</p> <p>Na avaliação do ministro, a melhora na posição global do Brasil leva à necessidade de revisão desta política. Amorim disse que "nenhum país do mundo chega à posição de sexta maior economia impunemente".</p> <p>"Normalmente, as pessoas saíam do Brasil, mas como o Brasil ficou melhor, as pessoas querem entrar no Brasil. É um fato que temos que levar em conta e tratar da maneira mais correta do ponto de vista humano", disse Amorim a jornalistas no Rio de Janeiro.</p> <p>"O Brasil vai ter que naturalmente estudar e agir diante de uma nova situação. Nós crescemos e a economia também e outras economias declinaram. Não são os haitianos que estão voltando, mas os brasileiros também", acrescentou.</p> <p>Ele sobrevooou cidades afetadas pelas fortes chuvas que atingem o Rio no início deste ano. Em todo o Estado são 23 mortes e cerca de 15 mil desabrigados e desalojados. O ministro colocou as Forças Armadas à disposição para ajudar os locais atingidos.</p> <p>Na semana passada, milhares de haitianos foram descobertos em cidades da Região Norte do país tentando uma nova vida no Brasil. As prefeituras e governos locais reclamaram do impacto social da entrada de haitianos no país e ainda denunciaram que a chegada dos estrangeiros vinha sendo facilitada e orientada por coiotes, que atuavam também na fronteira entre México e Estados Unidos.</p> <p>Calcula-se que cerca de 5 mil haitianos estejam morando nas cidades de Brasileia, no Acre, e, Tabatinga, no Amazonas. Depois que a denúncia veio à tona, o governo brasileiro prometeu regularizar a situação dos imigrantes haitianos.</p> <p>Amorim ocupou a pasta das Relações Exteriores nos governos dos ex-presidentes Itamar Franco e Luiz Inácio Lula da Silva.</p> | <p>Rodrigo Viga Gaier - Reuters - 13/01/12</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>Uma força de paz da Organização das Nações Unidas (ONU), cujo comando militar é brasileiro, está no Haiti desde 2004, após uma sangrenta revolta que levou à queda do então presidente do país, Jean-Bertrand Aristide.</p> <p>"Temos que continuar, nós governo e comunidade internacional, trabalhando para melhorar a situação do Haiti. E é isso que vai permitir que esse problema não aconteça mais", finalizou Amorim.</p> <p>Disponível em: http://br.reuters.com/article/topNews/idBRSPE80C08V20120113 Acesso em: 07/03/12</p> | |
| "Deputados favoráveis à concessão" | <p>Deputados da oposição e da situação concordam com a decisão do governo brasileiro de dar visto de trabalho para cerca de 2,4 mil haitianos que estão em situação irregular no País. De acordo com o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, há cerca de 4 mil haitianos no Brasil e cerca de 1,6 mil já estão em situação regular. A situação será definida por resolução do Conselho de Imigração do Ministério do Trabalho. Quem chegar depois da edição da resolução não será beneficiado.</p> <p>O Haiti foi devastado por um terremoto em janeiro de 2010 e o Brasil tem sido o destino de uma corrente migratória, alimentada também por agentes, chamados de coiotes, que cobram para trazer os haitianos, que entram pelo Acre e Amazonas.</p> <p>O ministro explicou que a decisão se deu por motivos humanitários. "Essa é uma situação que nós temos que enfrentar porque, se por um lado, nós temos a questão do controle de fronteiras, do respeito à lei, por outro lado, nós temos a questão econômica que está posta para os haitianos nos dias atuais."</p> <p>Para o deputado Antonio Carlos Mendes Thame (PSDB-SP), após a tragédia, o Haiti não implementou políticas públicas que permitam às pessoas sobreviver em seu próprio país. "Do ponto de vista humanitário, não há dúvida de que o governo acertou. São pessoas que estão vindo para cá em situação de penúria, de absoluta miséria. Portanto, receber essas pessoas no país foge de uma análise econômica."</p> <p>O deputado Flaviano Melo, (PMDB-AC), também concorda com o acolhimento dos haitianos, mas afirma que a situação não pode se estender indefinidamente. Ele afirmou que a presença desses refugiados no Acre tem sobrecarregado o Estado.</p> <p>"Nós não podemos transformar essas fugas de haitianos para o Brasil numa situação normal. É impossível ver sua situação crescer estupidamente por causa de problemas de um outro País. O Brasil está lá no Haiti, tem força de paz lá, tem de ajudar lá."</p> <p>Mendes Thame também acredita que, depois da regularização dos que já estão aqui, só deveriam ser autorizados a vir trabalhadores de áreas nas quais o Brasil é carente. "Precisa ver quais são essas pessoas, quais são suas qualificações, quais as funções que essas pessoas poderão vir a desempenhar para contribuir para a economia do país."</p> <p>O ministro da Justiça anunciou que o governo federal vai dar apoio ao Acre para enfrentar a situação dos refugiados e também que o país vai entrar em contato com os governos do Peru, Equador e Bolívia para propor que todos combatam a rota do tráfico de pessoas realizado pelos coiotes.</p> <p>Disponível em: http://www.diariodecuiaba.com.br/detalhe.php?cod=405099 Acesso em: 16/01/12</p> | Sem autor - Diário de Cuiabá - 13/01/12 |
| "Política de imigração brasileira precisa ser revista, diz Celso Amorim" | <p>O Brasil terá que repensar sua política de imigração devido aos impactos econômicos gerados pela entrada cada vez maior de estrangeiros irregulares no país, em busca de melhores condições de vida. A opinião é do ministro da Defesa, Celso Amorim, que por quase uma década foi ministro da Relações Exteriores, nos governos de Itamar Franco (1993-1995) e de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010).</p> <p>Amorim participou na manhã de hoje (13) de uma reunião com militares</p> | Flávia Villela - Agência Brasil EBC - 13/01/12 |

| | | |
|-------------------------------|--|---|
| | <p>no Rio de Janeiro para se informar sobre as chuvas na região e falou sobre a recente imigração de haitianos para o Brasil.</p> <p>“Não dá para se tornar a sexta economia do mundo impunemente. Normalmente, as pessoas saíam do Brasil. O Brasil ficou melhor agora. As pessoas querem entrar no Brasil. Naturalmente teremos que estudar como agir ;;diante dessa nova situação. Não são apenas haitianos, mas brasileiros que estão voltando. Temos que procurar exercitar o mesmo espírito humanitário que está presente [com as Forças de Paz] no Haiti, de uma maneira compatível com os nossos meios.”</p> <p>Amorim lembrou que a crise no Haiti é quase permanente e, no que diz respeito às Forças Armadas brasileiras, o trabalho que deve continuar é o de contribuir para melhorar a situação do Haiti e assim sanar o problema da imigração. O Brasil comanda a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah), desde abril de 2004. Mais de 2,2 mil soldados brasileiros encontram-se no Haiti.</p> <p>“Precisamos atuar de maneira equilibrada para que as pessoas não venham a encontrar aqui situações até mais graves, seja porque são exploradas por coiotes ou porque encontram condições em que não podem ser adequadamente tratados”.</p> <p>No Brasil, os haitianos estão concentrados nas cidades de Brasileia, no Acre, e Tabatinga, no Amazonas. Os governos estaduais têm reclamado do caos social provocado pela imigração nas cidades. O Conselho Nacional de Imigração, vinculado ao Ministério do Trabalho, aprovou ontem (12) a concessão de vistos de trabalho em caráter especial aos haitianos que pretendem entrar no Brasil. A regra vai restringir a emissão de vistos condicionados aos cidadãos haitianos ao máximo de 100 por mês, requeridos diretamente na Embaixada do Brasil no Haiti, na capital, Porto Príncipe.</p> <p>Os 4 mil haitianos que já estavam no país antes da publicação da resolução do Conselho serão regularizados. Desses, 1,6 mil receberam visto de residência humanitária concedido pelo Ministério do Trabalho. Os haitianos que chegarem ao país e não estiverem com o visto serão notificados a deixar o país. Caso não deixem, serão deportados. A resolução está publicada na edição de hoje do Diário Oficial da União.</p> <p>Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-01-13/politica-de-imigracao-brasileira-precisa-ser-revista-diz-celso-amorim</p> <p>Acesso em: 15/01/12</p> | |
| <p>“Ajuda também em casa”</p> | <p>Há dois anos, um fortíssimo terremoto atingia o Haiti, o país mais pobre das Américas, lançando seus mais de 9 milhões de habitantes, cuja maioria já vivia em condição de miséria, em uma catástrofe gigantesca. A capital, Porto Príncipe, foi completamente destruída. Foram cerca de 200 mil mortos em razão do tremor de terra. E o número de desabrigados subiu à casa de milhões.</p> <p>No calor dos terríveis acontecimentos, a comunidade internacional se mobilizou para ajudar. O mundo se compadeceu do país caribenho, enquanto a ONU contabilizava os enormes prejuízos e classificava a tragédia como uma das maiores da história, prevendo uma difícil recuperação.</p> <p>O Brasil, que está presente no país desde 2004 com um grande contingente militar para participar das forças de paz da ONU, viu-se definitivamente ligado ao Haiti.</p> <p>O terremoto provocou a morte da médica e missionária católica Zilda Arns, a grande responsável pelo trabalho bem-sucedido da Pastoral da Criança. Ela se encontrava no país para levar a experiência brasileira no combate à mortalidade infantil. E as tropas brasileiras, que também sofreram baixas, logo se manifestaram para socorrer os haitianos. O governo brasileiro anunciou a doação de milhões de dólares.</p> <p>Naqueles dias, o economista Irineu Evangelista Carvalho Filho, ph.D. pelo MIT, escreveu sugerindo que, diante de tal crise humanitária, o governo brasileiro acolhesse ao menos 100 mil haitianos. Observou que seria uma gota no oceano da nossa população. Propôs um grande programa de</p> | <p>Marina Silva - Folha de São Paulo - 13/01/12</p> |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>acolhimento, que daria exemplo ao mundo.</p> <p>O Brasil é um país que se formou recebendo imigrantes que vieram fugindo da pobreza de guerras, em busca de uma vida melhor. Foi assim que se constituiu como uma nação culturalmente diversificada, uma das maiores riquezas de nosso tecido econômico e social. Para confirmar sua vocação, precisa, como no passado, abrir as suas portas.</p> <p>Os imigrantes haitianos, aliás, se enquadram em um tipo de refugiado que tende a se tornar cada vez mais comum: o que foge de catástrofes da natureza. Eles, de um grande terremoto que potencializou a miséria. E muitos outros, de enchentes e secas, em meio às mudanças climáticas, que também têm nos atingido e transformado milhares de brasileiros em refugiados dentro do próprio país.</p> <p>Vemos, agora, que o governo abriu uma pequena fresta: os cerca de 4.000 haitianos que entraram no Brasil por vias ilegais, em rotas cheias de perigos, poderão ficar. Mas por que não acolhemos mais?</p> <p>Quem se propõe a ajudar, como o Brasil fez lá, há que se dispor e se preparar para ajudar também em casa. Nesse novo papel de potência emergente, deve inaugurar um novo tipo de liderança, fraterna e solidária, que o mundo tanto precisa.</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/19719-ajuda-tambem-em-casa.shtml</p> <p>Acesso em: 24/01/12</p> | |
| <p>“Haiti e Brasil: imigração e desenvolvimento”</p> | <p>“Tudo que os migrantes haitianos me dizem que querem fazer é: trabalhar. O Brasil tem sorte em ter pessoas assim”.</p> <p>Gabriel Elizondo, correspondente da Al-Jazeera no Brasil, em seu perfil no Twitter</p> <p>“Somos todos filhos dos barcos” Jorge Luís Borges, escritor argentino</p> <p>Quando leio sobre os haitianos querendo trabalhar no Brasil, penso na história da minha própria família - meus (bis)avós chegaram aqui em condições quase tão ruins, e encontraram acolhida e oportunidades para melhorar de vida. O país que é a sexta maior economia do mundo, tem baixa taxa de desemprego e é presidido pela filha de um imigrante da Bulgária (e cujo principal rival na disputa pelo cargo foi o filho de um imigrante italiano) pode e deve ser mais generoso. Até porque o caso do Haiti ilustra tendência que ficará mais forte: com economia crescendo e taxa de fertilidade em declínio, o Brasil precisa de políticas públicas para atrair mão-de-obra do exterior.</p> <p>Começamos pelo Haiti. Ontem fez dois anos do terremoto que devastou o país e matou talvez 100 mil pessoas (os dados são controversos). Há oito anos há uma missão de paz da ONU nessa nação, e o Brasil lidera seu componente militar. Os esforços internacionais foram bem-sucedidos em assegurar certo nível de ordem pública, mas não conseguiram promover taxas expressivas de crescimento econômico e redução da pobreza. Em torno de metade das ruínas e destroços dos prédios destruídos na tragédia não foram removidos, e ainda houve uma epidemia de cólera (levada pelos soldados estrangeiros) que matou 7 mil pessoas.</p> <p>Os doadores internacionais enviaram cerca de US\$3,6 bilhões para a reconstrução do Haiti após o terremoto, mas boa parte do dinheiro ficou presa na lentidão burocrática para desembolso e aplicação. Outro problema é o do gráfico abaixo: mais de 90% da ajuda externa foi para ONGs ou organizações internacionais. Quase nada ficou com o governo haitiano ou com empresas locais. Um diplomata brasileiro que trabalhou no país me disse que o foco das instituições estrangeiras é em projetos pontuais, por vezes meritórios, mas que não substituem o Estado - este termina enfraquecido, até porque os profissionais mais capazes preferem trabalhar para as ONGs, que pagam melhores salários.</p> | <p><i>Maurício Santoro</i> <i>Blog Todos os</i> <i>Fogos o Fogo</i> <i>13/01/12</i></p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>O melhor redutor de pobreza no Haiti tem sido a emigração. Há cerca de meio milhão de haitianos nos Estados Unidos, e suas remessas para os parentes em casa ajudam bastante a economia. No Canadá, lar de outra diáspora significativa, a governadora-geral do país é uma imigrante do Haiti. Pesquisadores tem sugerido que a melhor maneira de auxiliar o desenvolvimento haitiano é criar programas de vistos de trabalho, mesmo que temporários. Tais indicações foram feitas pensando nos EUA, mas aplicam-se também ao Brasil.</p> <p>O governo brasileiro estima que 4 mil haitianos estejam no país atualmente. A maioria entra pela Amazônia e às vezes usa o território do Brasil apenas como passagem para chegar a outras nações sul-americanas, como Colômbia e Peru. A região tem crescido muito, o desemprego está em baixa histórica. No Brasil, aproxima-se das taxas de pleno emprego e já há carência de mão-de-obra em vários setores da economia. Além disso, com fertilidade de 1,9 filho por mulher, a população brasileira em breve começará a diminuir. Em 2030, segundo projeção do IBGE.</p> <p>O Brasil precisa de imigrantes, como nota meu amigo e colega de FGV, Oliver Stuenkel – ele mesmo nascido na Alemanha, educado em Harvard e um exemplo do imenso potencial da atração de estrangeiros para a sociedade brasileira. Alguns virão de países latino-americanos e caribenhos: Bolívia, Paraguai, Peru, Haiti. Outros, da Europa em crise, retomando os antigos fluxos de Portugal, Espanha e Itália.</p> <p>O governo brasileiro se assustou com o aumento da migração haitiana para o país e reagiu limitando os vistos a 100 por mês. As autoridades temem que a situação saia de controle, mas o Brasil não tem sequer 1% de estrangeiros na população, pode absorver muito mais. Não apenas em regiões tradicionais de atração econômica, como São Paulo, mas no Nordeste e no Centro-Oeste, que crescem há anos acima da média nacional.</p> <p>Disponível em: http://todososfogos.blogspot.com/2012/01/haiti-e-brasil-imigracao-e.html</p> <p>Acesso em: 29/01/12</p> | |
| <p>“Decisão do governo de restringir a entrada de haitianos divide opiniões”</p> | <p>A decisão do governo brasileiro de restringir a entrada de haitianos, limitando em 1,2 mil anuais os vistos de trabalho, divide opiniões especialmente na Região Norte, porta de entrada para esse grupo de estrangeiros. Para o governo de Rondônia, que tem recebido grande leva de imigrantes, a medida pode diminuir o fluxo de imigrantes e controlar o deficit de empregos — o trabalho na construção de usinas hidrelétricas já não oferece postos como no ano passado. Porém, para entidades de proteção aos direitos humanos, a restrição pode aumentar a entrada ilegal no país e a ação dos coiotes. Na fronteira, não há mais alternativas para ajudar os estrangeiros. Com isso, a mão de obra haitiana está sendo oferecida para outras regiões e 80 deles devem ser encaminhados para Minas Gerais, na próxima semana.</p> <p>Na quinta-feira, o Conselho Nacional de Imigração (CNIg) aprovou a resolução do governo que estabelece novas regras para a entrada de haitianos no país. Além do limite de vistos trabalhistas anuais, eles terão cinco anos para arrumar emprego ou residência fixa sem que, para isso, tenham de estabelecer vínculo prévio com alguma empresa, como acontece com outros empregados estrangeiros que chegam ao Brasil. Para os ministérios da Justiça, do Trabalho e de Relações Exteriores, as regras não restringem a entrada, mas protegem os haitianos dos coiotes, que cobram altas quantias para ajudar na entrada ilegal no país.</p> <p>Segundo a antropóloga Thaisa Lumie Yamanuie, do Centro de Defesa dos Direitos Humanos e Educação Popular do Acre, grupos na Bolívia que fazem a imigração ilegal para o Brasil estão se fortalecendo e se estabelecendo em outras regiões, o que pode aumentar o fluxo de haitianos irregulares. “As medidas do governo só aumentam a imigração dessa forma, se utilizando dos coiotes”, diz a antropóloga. “Cada vez que um governo toma atitudes para fechar a fronteira, fortalece as redes de tráfico de imigrantes. Os Estados</p> | <p>Edson Luiz - Correio Braziliense - 14/01/12</p> |

| | | |
|---|--|---|
| | <p>Unidos, fechando a fronteira, são exemplo disso”, diz Thaisa. Foi uma pesquisa feita por ela em torno dos haitianos que revelou os abusos sofrido pelos estrangeiros durante a viagem clandestina ao Brasil.</p> <p>Mercado escasso Para a secretária de Ação Social de Rondônia, Cláudia Lucena Aires Moura, as limitações adotadas pelo governo podem ajudar a resolver um problema que está acontecendo desde o ano passado: a falta de vagas no mercado de trabalho. Até 2010, alguns haitianos eram colocados nas obras das usinas hidrelétricas no Rio Madeira, mas os empregos estão escassos. “Anteriormente, a construção civil estava absorvendo uma mão de obra menos qualificada, mas hoje só são empregos qualificados, que exigem especialização”, diz Cláudia.</p> <p>Com os empregos em baixa, Rondônia tem intermediado a alocação dos imigrantes em outras regiões. Pelo menos 80 deles devem seguir para Belo Horizonte, onde serão empregados em uma empresa de limpeza.</p> <p>Em solo estrangeiro Veja o ranking das nações que mais exportaram mão de obra para o Brasil nos últimos dois anos.</p> <p>* em milhares de pessoas Países - 2009 - 2011 Portugal - 276 - 328 Espanha - 58 - 80 Bolívia - 35 - 50 China - 28 - 35 Paraguai - 11 - 17</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2012/01/14/inter_na_politica,286322/decisao-do-governo-de-restringir-a-entrada-de-haitianos-divide-opinioes.shtml <i>Acesso em: 18/01/12</i></p> | |
| <p>“Governo barra haitianos e cria precedente perigoso”</p> | <p>Envoltas em grave crise econômica, o ódio ao imigrante tem servido como elemento catártico para a satisfação de populações premidas pelo desemprego e pela falta de perspectiva. Partidos conservadores, auxiliados pela mídia, não se cansam de apontar o estrangeiro como concorrente na disputa pelos cada vez mais escassos postos de trabalho.</p> <p>O governo da filha do imigrante búlgaro Pedro Rousseff, aqui chegado para tentar a vida no final dos anos 1930, acaba de determinar restrições a vinda de imigrantes ao Brasil.</p> <p>Na última sexta-feira, o Conselho Nacional de Imigração, órgão vinculado ao Ministério do Trabalho, determinou que impedirá a entrada anual de mais de 1,2 mil haitianos que venham ao país em busca de melhor sorte. Trata-se de uma versão perversa da política de cotas raciais, defendida por varios setores da sociedade brasileira para possibilitar a afrodescendentes o acesso a universidade e a cargos públicos. Agora são cotas para tolher e não para facilitar.</p> <p>Pressões históricas Embora tenham ocorrido pressões contra a chegada de chineses no século XIX e de judeus nos anos do Estado Novo, nunca antes na história deste país houve uma determinação oficial que impusesse barreiras a estrangeiros, nem mesmo durante a ditadura militar.</p> <p>A iniciativa ocorre depois de matérias alarmistas na imprensa, dando conta de um pretense descontrolo na chegada de haitianos através da fronteira do Acre com o Peru. Segundo tais reportagens, os ilegais seriam ligados a traficantes internacionais de drogas. No entanto, nenhuma prova</p> | <p><i>Gilberto Maringoni</i> - Carta Maior - 14/01/12</p> |

consistente foi apresentada a respeito.

Como os haitianos que buscam trabalho no Brasil são todos negros e pobres, o governo acaba por introduzir, mesmo que involuntariamente, dois ingredientes perigosos na vida nacional: a xenofobia e o racismo. Tais características têm se destacado como essenciais da acelerada marcha à direita de países da Europa Ocidental, como Itália, Espanha, Itália e Inglaterra. Envolto em uma gravíssima crise econômica, o ódio ao imigrante sem dinheiro e geralmente de pele escura – com perseguições, queimas de moradias, prisões e deportações – tem servido como elemento catártico para a satisfação de populações premidas pelo desemprego e pela falta de perspectiva. Partidos conservadores, auxiliados pela mídia, não se cansam de apontar o estrangeiro como concorrente na disputa pelos cada vez mais escassos postos de trabalho.

Nada disso ocorre ou ocorreu no Brasil. Ao contrário. Embora a situação dos imigrantes nunca tenha sido rósea em nosso país, as decisões oficiais desde o final do século XIX foram a de se incentivar a chegada de forasteiros para o trabalho, tanto na indústria quanto na agricultura.

É bem verdade que a primeira onda de imigração européia, ocorrida a partir dos anos finais da escravidão, tinha como propósito não apenas substituir o braço escravo, mas “embranquecer” o país, como pregavam teóricos como Silvio Romero e Nina Rodrigues.

Humanitarismo comovente

A diretriz governamental, que contou com o empenho do Itamaraty e do Ministério da Justiça por sua aprovação, evidencia o total fracasso da controversa missão de paz da ONU, a Minustah, capitaneada pelo Brasil, que ocupou militarmente o país caribenho desde 2004. A justificativa governamental feita à época era de auxiliar na reconstrução do país mais pobre da América Latina, em uma iniciativa essencialmente humanitária.

Vale a pena examinar que humanitarismo é esse.

Em 15 de agosto de 2008, o jornal Valor Econômico, em matéria intitulada “Missão de paz abre oportunidades para empresas brasileiras no Haiti”, noticiava o seguinte:

“O Brasil é um reconhecido colaborador do processo de resgatar o Haiti. O país tem o direito de pleitear um tratamento preferencial”, disse ao Valor Josué Gomes da Silva, presidente da Coteminas e filho do vice-presidente José Alencar. O empresário já esteve pessoalmente no Haiti e conversou com produtores locais em busca de parceiros. (...)

Apesar da confusão institucional, o Haiti tem vantagens importantes para oferecer para uma empresa têxtil: proximidade e acesso diferenciado ao maior mercado do mundo, os EUA, e mão-de-obra barata. Uma costureira na capital Porto Príncipe recebe US\$ 0,50 por hora. É uma remuneração inferior aos US\$ 3,27 pagos no Brasil e muito abaixo dos US\$ 16,92 dos EUA, conforme a consultoria Werner. O valor é inferior até aos US\$ 0,85 pagos no litoral da China e perde apenas para os US\$ 0,46 do Vietnã e os US\$ 0,28 de Bangladesh.

O plano da Coteminas é exportar o tecido do Brasil, confeccionar a roupa no Haiti, e vender com tarifa zero para os Estados Unidos, amparada pelo acordo de livre comércio”.

Como a Coteminas, outras empresas brasileiras se dirigiram para o Haiti em busca de bons negócios.

Veja bem

O plano, aparentemente não está dando certo e agora os haitianos buscam refúgio junto ao país que lhes prometeu vida melhor, com direito a tropas, jugos de futebol e belos discursos no pacote. O governo deste país solidário diz que não é bem assim.

O governo federal tem um ministério denominado Secretaria Especial de Políticas de Igualdade Racial. Até agora o órgão não se pronunciou sobre o

| | | |
|--------------------------------------|--|--|
| | <p>tema. A Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República tampouco tomou alguma atitude.</p> <p>Lembrar é bom</p> <p>Para terminar, vale uma lembrança. Há poucas semanas, voltou ao Brasil o padre italiano Vito Miracapillo. Ele foi expulso do Brasil em 1981, durante a ditadura, com base na famigerada lei dos Estrangeiros, promulgada em 1980. A norma legal envergonhou o país, ao possibilitar a expulsão de qualquer não brasileiro "considerado nocivo à ordem pública ou aos interesses nacionais".</p> <p>Seria bom o governo não dar continuidade a essa história por outras vias. Especialmente quando os estrangeiros em questão encontram-se do lado mais fraco da sociedade.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=5409 <i>Acesso em: 18/01/12</i></p> | |
| "Gonâve, a origem do êxodo haitiano" | <p>A aventura dos imigrantes ilegais haitianos começa numa praia deserta da Ilha de Gonâve, chamada Betortue (ou "bela tartaruga", em creole). Aqui há uma pista de terra, da qual decolam os jatos particulares que fazem o trajeto até o Peru ou a Bolívia. Da praia em frente zarpam os barcos noturnos que fazem a travessia do Caribe, em direção a Porto Rico, Cuba e Flórida.</p> <p>A entrada ilegal no Brasil custa em torno de US\$ 3.500. O preço inclui o voo até o Peru e depois a ajuda dos "coiotes" encarregados de garantir a entrada no Estado do Amazonas, que faz fronteira com o país. Esquema semelhante envolve a entrada no Acre, que faz fronteira com a Bolívia. Ao contrário do Brasil, os dois vizinhos não exigem visto de haitianos, por enquanto. O Peru passará a exigí-lo em breve.</p> <p>Em geral, o governo brasileiro segue a regra da reciprocidade. Mas, embora o Haiti não exija visto dos brasileiros, a Embaixada do Brasil em Porto Príncipe pede comprovante de renda e atestado de bons antecedentes e de saúde aos turistas, e carta-convite para vistos de trabalho, estudos e participação em eventos. A embaixada emite de 15 a 20 vistos por mês. Há cerca de 6 mil imigrantes ilegais haitianos no Amazonas e no Acre.</p> <p>Um barco grande, movido a vela e a motor, comporta até 300. Os cantês, como são chamados os "boat people" do Haiti, pagam de 1.000 gourdes (US\$ 25), no caso de Porto Rico, até 5.000 gourdes (US\$ 125), para a Flórida, conta Delva Florvilus, de 56 anos, dono de um desses barcos. Sua frequência é muito variável. Há semanas em que vão vários e noutras, nenhum. Eles saem numa noite, e na noite seguinte estão em Môle Saint Nicolas, outra ilha haitiana. De lá, é mais um dia de viagem até Porto Rico, dois até Cuba e, dependendo do vento, de três a cinco dias até Miami. A travessia é feita também em pequenas lanchas com motores de popa em que cabem 18 pessoas, semelhantes às "voadeiras" do norte do Brasil, chamadas no Haiti de "chalous". Elas são mais rápidas que os barcos grandes e custam mais caro.</p> <p>Muitas vezes, depois de investirem todo o seu patrimônio na viagem, os haitianos não chegam ao destino. Há duas semanas, 128 foram repatriados depois que a Guarda Costeira americana interceptou um barco. Em dezembro, 38 cantês morreram num naufrágio em Cuba. Os 90 sobreviventes foram repatriados.</p> <p>Os emigrantes saem de todas as partes do Haiti. A principal rota é a partir de Porto Príncipe. Da capital pode-se chegar a Gonâve de duas maneiras. Do Wharf Jeremie, como é chamado o cais da cidade, os barcos cobram de 60 a 100 gourdes (US\$ 1,50 a 2,50). A viagem até a ilha dura uma noite. Perto dali, do Terminal de Port-de-Paix, no oeste de Porto Príncipe, saem micro-ônibus às 4 horas da madrugada. Eles cobram 500 gourdes (US\$ 12,50) até a Praia de Carriès, a 40 km da capital, de onde partem os barcos para Gonâve. De ônibus custa 225 gourdes (US\$ 5,62), mas demora mais.</p> <p>Carriès, também chamada ironicamente de "a praia de Jean-Claude Duvalier", porque era frequentada por Baby Doc, que governou de 1971 a</p> | <p><i>Lourival Santanna - O Estado de São Paulo - 15/01/12</i></p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>1986, tem um cais, e dele saem tanto voadeiras quanto lanchas grandes de passageiros. As grandes cobram 250 gourdes (US\$ 6,25) e levam uma hora até a ilha; as voadeiras vão em 45 minutos, e custam 300 gourdes (US\$ 7,50).</p> <p>Apesar de toda essa movimentação na pacata ilha, nunca ninguém foi preso em Gonâve organizando essas viagens clandestinas, disse ao Estado um agente na delegacia de polícia da cidade. Com 70% de desemprego e o ritmo lento da reconstrução depois do terremoto, a emigração é um sonho que, paradoxalmente, só os que estão em melhor situação podem realizar. Um barqueiro de Gonâve de 22 anos, que pediu anonimato, disse que gostaria de ir para o Brasil: "Ganho 5 mil gourdes (US\$ 125). No fim do mês, não tenho nada. Só não vou porque não posso pagar a viagem".</p> <p>Cotas a haitianos</p> <p>O governo brasileiro anunciou na semana passada que passará a emitir 1,2 mil vistos por ano para haitianos. Em 2011, entre 3 mil e 4 mil haitianos entraram ilegalmente no Brasil pelo norte do País.</p> <p>Disponível em: http://m.estadao.com.br/noticias/impreso,gonave-a-origem-do-exodo-haitiano,822768.htm</p> <p>Acesso em: 15/01/12</p> | |
| "Maioria que chega tem boa qualificação" | <p>Os haitianos que chegam em massa ao Brasil são, em sua maioria, trabalhadores qualificados e bem informados sobre as oportunidades de emprego no mercado brasileiro. "Há indícios de que eles se instruíram, antes de viajar, sobre os setores do País em expansão e as chances de inserção", disse o presidente do Conselho Nacional de Imigração, Paulo Sérgio de Almeida.</p> <p>Em geral, eles levam poucos meses para obter emprego. Há até profissionais de nível superior, entre os quais professores de francês.</p> <p>Desde sexta-feira, está em vigor a resolução que autoriza a concessão de 2,4 mil vistos nos próximos dois anos para famílias de haitianos que pretendem migrar para o Brasil. O documento, válido por cinco anos - renovável - dá direito ao haitiano de trabalhar em condições de igualdade com os brasileiros e de trazer a família para o País.</p> <p>Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,maioria-que-chega-tem-boa-qualificacao-822854,0.htm</p> <p>Acesso em: 28/01/12</p> | Vannildo Mendes - O Estado de São Paulo - 15/01/12 |
| "Brasil barra haitianos na fronteira para evitar tráfico humano" | <p>O Ministério da Justiça informou hoje que suspendeu a emissão de protocolos de pedido de refúgio aos imigrantes do Haiti porque detectou, na fronteira do Brasil com o Peru, uma rota de tráfico de pessoas. A situação foi identificada no Acre e no Amazonas pelo Conare (Comitê Nacional para os Refugiados), órgão vinculado ao ministério.</p> <p>"A fronteira com o Acre e o Amazonas se tornou rota de tráfico de pessoas, que envolve a atuação de 'coiotes' que trazem haitianos em troca de uma quantia em dinheiro", diz nota do ministério.</p> <p>Com a suspensão do protocolo de solicitação de refúgio, cerca de 40 haitianos estão, desde o fim de semana, barrados na fronteira entre as cidades de Brasiléia (AC) e a peruana Iñapari. Outros 30 haitianos aguardam para entrar no país por Tabatinga (AM). Eles podem ser deportados, se abordados por agentes da PF dentro do território brasileiro sem o documento, diz a polícia.</p> <p>O caso provocou reação da Igreja Católica, que acolhe os haitianos pela Pastoral do Migrante. "A situação deles é crítica e o governo brasileiro não faz nada", afirmou o padre Rutemarque Crispim, de Brasiléia (AC).</p> <p>Segundo o Ministério da Justiça, dos 1.024 protocolos concedidos a haitianos, o Conare identificou 244 casos em que haitianos obtiveram o documentos e abandonaram o processo de solicitação de refúgio. O comitê não sabe informar se eles permanecem no Brasil ou se partiram para outros países.</p> <p>O Ministério da Justiça disse que os haitianos não serão deportados até decisão do Conare. "Ao tomar ciência de tal situação, o Conare não poderia</p> | Kátia Brasil e Freud Antunes - Folha de São Paulo - 15/01/12 |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>continuar a emitir protocolos sem aplicar um procedimento mais criterioso. Em razão disso, os protocolos agora são emitidos mediante análise prévia, o que não é exigido normalmente", diz a nota do ministério.</p> <p>O protocolo entregue aos haitianos pela Polícia Federal lhes dava direito de trabalhar no Brasil e emitir o CPF.</p> <p>Procurado pela Folha, o Itamaraty afirmou que o Brasil não está indiferente à situação dos haitianos, mas que é necessário o controle e vigilância nas fronteiras --e que, a partir do momento em que os haitianos cruzam a fronteira brasileira, o controle da entrada deles fica à cargo do Ministério da Justiça.</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/mundo/876191-brasil-barra-haitianos-na-fronteira-para-evitar-traffic-humano.shtml</p> <p>Acesso em: 21/01/12</p> | |
| <p>"Itamaraty deverá ter balanço sobre pedidos de visto de haitianos na sexta-feira"</p> | <p>O Ministério das Relações Exteriores deverá ter um balanço dos pedidos de visto requeridos na Embaixada do Brasil em Porto Príncipe, capital do Haiti, na sexta-feira. O governo brasileiro publicou no Diário Oficial da União de sexta-feira (13) a resolução do Conselho Nacional de Imigração que limita a entrada de haitianos a 1,2 mil por ano. A assessoria do Itamaraty informou que não há prazo para a concessão desses passaportes aos haitianos, uma vez que toda a documentação entregue será analisada ainda pela embaixada e o ministério.</p> <p>A resolução determina que o visto seja concedido por razões humanitárias e pelo prazo de cinco anos, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro. As razões humanitárias as quais se referem a nova regra são resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido em 12 de janeiro do ano passado.</p> <p>O objetivo da medida é regularizar a situação dos imigrantes haitianos que tenham entrado no país pelo Acre e pelo Amazonas. Só no ano passado, foram 4 mil, segundo o Ministério da Justiça. Para obter o visto, o imigrante terá que comprovar ao governo brasileiro, por exemplo, que não tem pendências criminais com o governo de seu país e nem é procurado internacionalmente.</p> <p>O visto terá caráter especial e a previsão é que, em média, sejam concedidos 100 por mês, requeridos diretamente na Embaixada do Brasil no Haiti, na capital, Porto Príncipe. Pela lei brasileira de imigração em vigor, todo trabalhador haitiano que tiver a autorização para entrar no país poderá trazer o cônjuge, pai e mãe, além de filho que dependam economicamente deles.</p> <p>Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-01-16/itamaraty-devera-ter-balanco-sobre-pedidos-de-visto-de-haitianos-na-sexta-feira</p> <p>Acesso em: 16/01/12</p> | <p>Marcos Chagas - Agência Brasil EBC - 16/01/12</p> |
| <p>"Governo realiza cadastro de haitianos em Brasileia"</p> | <p>Desde a última sexta-feira, 13, um grupo de servidores da Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos (Sejudh) está em Brasileia cadastrando os haitianos que ali se encontram. A intenção é facilitar a seleção e encaminhá-los aos empregadores conforme o perfil de cada um.</p> <p>A secretaria se preocupou, também, em identificar os grupos familiares para que sejam encaminhados para os mesmos empregos ou pelo menos na mesma cidade. Durante a primeira etapa de trabalho foram cadastrados 569 haitianos, dentre eles 119 são mulheres, 444 homens e seis crianças.</p> <p>A Polícia Federal inicia os procedimentos de regularização dos haitianos fornecendo o visto de entrada no país, o corpo de bombeiros também faz uma triagem por meio de um cadastro específico para os imigrantes que chegam pelas cidades de fronteira com a Bolívia.</p> <p>Para cadastrar os haitianos, a equipe da Sejudh contou com a ajuda do estudante Maicon Cezar, que se voluntariou para ajudar nos trabalhos. "Vim para ajudar, entendo as dificuldades que estão passando aqui e sei que o ideal é tornar mais ágil o processo de encaminhamento dos haitianos para os empregos", ressaltou Maicon.</p> | <p>Annie Manuela - Agência Notícias do Acre - 16/01/12</p> |

| | | |
|---|---|---|
| | <p>Muitas pessoas de empresas ou mesmo cidadãos comuns de todo o país procuram a Sejudh para oferecer empregos aos haitianos. As demandas são acompanhadas por servidores da secretaria que cadastram as empresas ou pessoas para em seguida encaminhá-los para realizar a seleção, em Brasileia, conforme cada área de atuação.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.agencia.ac.gov.br/index.php/noticias/governo/18024-governo-realiza-cadastro-de-haitianos-em-brasileia.html <i>Acesso em: 28/01/12</i></p> | |
| <p>“Refugiados haitianos evitam a fronteira do Acre com o Peru e a Bolívia”</p> | <p>Quatro dias depois de o governo anunciar medidas para conter a imigração de haitianos para o Brasil, o fluxo de entrada dos estrangeiros diminuiu na fronteira do Acre com o Peru e a Bolívia. A Secretaria de Justiça e dos Direitos Humanos estadual não registrou nenhum novo caso no fim de semana e, em contrapartida, está liberando cerca de 40 pessoas por dia para viajarem para o Sul e Sudeste do país, destinos preferidos dos haitianos. Mesmo assim, na cidade de Brasileia, cerca de 700 imigrantes ainda esperam a legalização da entrada no Brasil.</p> <p>“As medidas adotadas pelo governo federal já está fazendo efeito”, avalia o secretário de Justiça e dos Direitos Humanos, Nilson Mourão, responsável pela ajuda humanitária aos imigrantes. Mourão afirma que todos os dias os haitianos são encaminhados para outros estados, como Santa Catarina, Rio Grande do Sul, São Paulo e Minas Gerais. Até meados do ano passado, eles costumavam se concentrar em Porto Velho, mas agora preferem deixar a cidade porque a oferta de trabalho na construção civil caiu nos últimos meses.</p> <p>Na semana passada, o Conselho Nacional de Imigração (Cnig) aprovou a resolução do governo que limita a distribuição de 1,2 mil vistos anuais de trabalho para haitianos — uma média de 100 documentos mensais. Ao anunciar as medidas, os ministérios das Relações Exteriores, da Justiça e do Trabalho afirmaram que a exigência dos vistos era uma forma de proteger os imigrantes haitianos dos coiotes que os trazem para o país. No percurso até o Acre, porta de entrada dos estrangeiros, muitos deles estariam sofrendo violência, inclusive sexual.</p> <p>Asilo humanitário</p> <p>Para Nilson Mourão, a exigência do visto de trabalho é acertada, já que isso possibilitará também a legalização dos haitianos que estão no Brasil em situação irregular, apesar de não serem considerados clandestinos. O secretário afirmou que hoje pelo menos 700 pessoas encontram-se nessa situação. Elas ficam abrigadas em um hotel de Brasileia, município acriano na fronteira com a Bolívia. Os estrangeiros entram no estado por Assis Brasil, cidade que faz fronteira com o Peru e a Bolívia.</p> <p>Na semana passada, a secretária de Ação Social de Rondônia, Cláudia Moura, afirmou que o fechamento das fronteiras aos haitianos reduz o número de pessoas que as administrações públicas são obrigadas a abrigar, muitas vezes sem a ajuda da União. “Não recebemos nenhum apoio federal, como aconteceu com o Acre”, reclamou a secretária. “As medidas devem reduzir o número de haitianos porque a situação já estava sem controle nenhum”, acrescenta Cláudia.</p> <p>O governo do Haiti calcula que pelo menos 4 mil pessoas deixaram o país em direção ao Brasil, desde 2010, quando ocorreu o terremoto que arrasou a nação caribenha, matando cerca de 316 mil pessoas. Os imigrantes entravam ilegalmente no território brasileiro pela fronteira e a Polícia Federal teria que deportá-los, o que acabou não ocorrendo, já que o Conselho Nacional de Refugiados (Conare) decidiu mantê-los, dando asilo por questões humanitárias, uma prática que não era comum. Porém, sem a necessidade de visto para trabalhar no Brasil, o que se tornou obrigatório na última sexta-feira, grandes grupos começaram a se deslocar para a América do Sul, utilizando coiotes a quem pagavam altas quantias em dinheiro pelo</p> | <p><i>Edson Luiz - Correio Braziliense - 17/01/12</i></p> |

| | | |
|---|---|---|
| | <p>transporte.</p> <p><i>Disponível em:</i></p> <p>http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica-brasil-economia/33,65,33,14/2012/01/17/interna_politica,286633/refugiados-haitianos-evitam-a-fronteira-do-acre-com-o-peru-e-a-bolivia.shtml</p> <p><i>Acesso em: 18/01/12</i></p> | |
| <p>“Organizações defendem direitos humanos de imigrantes haitianos”</p> | <p>"As organizações nacionais e internacionais de apoio às migrações e grupos de pesquisa sobre as migrações sediados em diferentes universidades brasileiras têm acompanhado com apreensão a realidade enfrentada pelos imigrantes haitianos na fronteira da região norte do Brasil assim como a cobertura dada a essa realidade pela mídia brasileira e internacional. Alinhados com a necessidade de um tratamento dessa nova realidade como uma questão de direitos humanos, assim como de todos os novos fluxos migratórios que começam a se intensificar na região e no Brasil, elaboramos o manifesto abaixo com um conjunto de sugestões dirigidas ao governo e à sociedade brasileiros na perspectiva de colaborar para um encaminhamento adequado das questões e políticas migratórias no país", informam Denise Cogo, pesquisadora do Grupo de Pesquisa Mídia, Cultura e Cidadania do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - RS e Paulo Illes, coordenador do Centro de Direitos Humanos e Cidadania do Imigrante - CDHIC.</p> <p>Eis o Manifesto.</p> <p>MANIFESTO EM DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS DE IMIGRANTES HAITIANOS</p> <p>As organizações nacionais e internacionais de apoio às migrações e grupos de pesquisa e estudo sobre as migrações sediados em diferentes universidades brasileiras têm acompanhado com apreensão a realidade enfrentada pelos imigrantes haitianos na fronteira da região norte do Brasil assim como a cobertura dada a essa realidade pela mídia brasileira e internacional. Alinhados com a necessidade de um tratamento dessa nova realidade como uma questão de direitos humanos, assim como de todos os novos fluxos migratórios que começam a se intensificar na região e no Brasil, sugerimos ao governo brasileiro que veja nesse momento a oportunidade de tornar concreta para o país e para o mundo a postura humanitária que vem demarcando o discurso e as ações governamentais no exterior em questões que envolvem relações internacionais e que tem contribuído para outorgar ao Brasil reconhecimento político e econômico no contexto internacional.</p> <p>Nesse sentido, sugerimos os seguintes encaminhamentos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Informar e esclarecer adequadamente a opinião pública sobre o conjunto de fatores que estão gerando a migração de haitianos, dentre os quais, de que esses fluxos migratórios não decorrem apenas dos terremotos, mas de um contexto de crise interna, tanto econômica como política, do Haiti; de que os haitianos estão deixando seu país e imigrando ao Brasil pela urgência de sobreviver; dos motivos pelos quais o governo brasileiro está concedendo vistos humanitários e não a condição de refugiados aos haitianos, etc. 2. Estimular a sociedade brasileira, através de campanhas públicas, a se engajar em ações solidárias com os imigrantes haitianos em território brasileiro, a exemplo do que já se evidenciou no amplo apoio dado pelos brasileiros ao povo haitiano após o último terremoto ou em outras tragédias e catástrofes que atingiram populações de outros países. Essas ações poderiam ser articuladas pelo governo em parceria com organizações de apoio às migrações e abranger as demandas dos imigrantes haitianos relacionadas à alimentação, emprego, moradia, atendimento médico, psicológico, jurídico, educativo, etc. 3. Sensibilizar profissionais da mídia brasileira para evitar a criação de um clima de alarme e criminalização da migração de haitianos, evitando o uso de | <p><i>Instituto Humanitas Unisinos -</i></p> <p><i>17/01/2012</i></p> |

imagens sensacionalistas e de termos como “invasão”, “ilegalidade”, etc., conforme vem se observando em muitos materiais informativos e reportagens veiculadas sobre o assunto.

4. Rechaçar políticas restritivas e xenofóbicas que proíbam ou limitem fortemente a entrada de migrantes haitianos e gerem um clima propício à violência, à proliferação das máfias e à exploração dos trabalhadores. Analisando detidamente o exemplo de outros países que adotaram este tipo de políticas, percebe-se que não apenas o fluxo de migrantes persistiu (e em alguns casos aumentou, porque as causas da migração não são enfrentadas), como a restrição ocasionou fenômenos lamentáveis como a formação de campos de migrantes próximos às fronteiras em condições de vida indigna; a conversão do tema da migração em tema securitário e objeto de política interna suscetível à exploração assistencialista ou populista. Essas restrições provocaram a criminalização dos movimentos migratórios, colaborando, ainda, para tipificar o "delito de solidariedade", ou seja, tornar crime a ajuda ao migrante sem documentos.

5. Trabalhar em parceria com governo de países sul-americanos, com governos dos estados brasileiros e com organizações de apoio às migrações para o planejamento e efetivação de programas de acolhida e inserção dos novos imigrantes haitianos em diferentes estados e cidades sul-americanas e brasileiras.

6. Construir junto aos países de trânsito um projeto de atuação conjunta envolvendo os diferentes atores governamentais e não governamentais de modo a garantir uma migração segura. A negligência frente à repressão e à violência devem ser denunciadas e veementes rechaçadas.

7. Trabalhar em conjunto com o governo do Haiti e com organismos internacionais orientados à migração para coibir a atuação de “coiotes” nos movimentos migratórios de haitianos no Brasil e a propaganda sobre as vantagens econômicas e oportunidades de trabalho no país, especialmente relacionadas à realização da Copa do Mundo.

8. Pautar a política externa do governo brasileiro em relação ao Haiti pelo direito fundamental de respeito à soberania e autodeterminação do povo haitiano, reconhecendo a sua capacidade e defendendo a restituição da dívida histórica, social, ecológica e financeira necessária para a vida e dignidade da população do Haiti. Considerar, nesse sentido, as referências históricas do Haiti como uma nação precursora e benfeitora das lutas antiescravistas e anticoloniais em toda a região, renomado pela criatividade de seus artistas e pela força organizativa de seu povo, que, ao longo da história, vem suportando enormes depredações e calamidades e ao mesmo tempo demonstrando disposição para uma luta permanente e solidária na construção de alternativas frente às injustiças e adversidades.

9. Desenvolver estudos emergenciais para ouvir e conhecer as histórias de vida, realidades enfrentadas no processo migratório e na chegada ao Brasil, expectativas, formação, experiências e possibilidades de inserção dos haitianos em atividades produtivas na sociedade brasileira. Esses estudos podem ser desenvolvidos em parceria com pesquisadores de universidades que trabalham diretamente com o tema, alguns dos quais já estão atuando diretamente junto aos imigrantes haitianos na região norte do país, como é o caso do GEMA (Grupo de Estudos Migratórios da Amazônia ([www.http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp? grupo=0082703W6Z9GQ1](http://dgp.cnpq.br/buscaoperacional/detalhegrupo.jsp?grupo=0082703W6Z9GQ1)))

10. Avaliar continuamente o impacto da migração de haitianos em suas relações sociais e comunitárias, de modo a produzir instâncias de mediação com a sociedade brasileira que colaborem para a promoção de relações interculturais positivas entre as culturas e para a prevenção e combate a reações de cunho xenofóbico, racista, sexista, elitista, ou qualquer outra forma de discriminação negativa e exploração indevida que possam ser dirigidas a esta população.

11. Retomar, a partir desse fluxo migratório de haitianos, o processo de

| | | |
|---|---|--|
| | <p>formulação e aprovação de políticas migratórias com foco na inclusão e que contenham diretrizes para o efetivo enfrentamento do crescimento das migrações para o Brasil do ponto de vista dos direitos humanos. É fundamental que essa formulação conte com a participação dos migrantes, de organizações de apoio às migrações e de pesquisadores de universidades que se dedicam ao estudo do tema e sejam parte do processo de integração regional liderado pelo Brasil na América do Sul e no âmbito de iniciativas como a União das Nações Sul-americanas - UNASUL e Comunidade de Estados Latino-americanos e Caribenhos – CELAC.</p> <p>São Paulo, 16 de janeiro de 2012</p> <p>Signatários: Articulação Sul-Americana Espaço Sem Fronteiras Grupo de Estudos Migratórios da Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas Laboratório de Comunicação Social Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro-RJ Grupo de Pesquisa Mídia, Cultura e Cidadania do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - RS. Núcleo de Antropologia e Cidadania do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Grito dos Excluídos Continental</p> <p>Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/noticias/505797-organizacoesdefendendodireitoshumanosde-imigranteshaitianos Acesso em: 20/01/12</p> | |
| <p>“Resolução do Ministério da Justiça fecha fronteiras brasileiras para haitianos”</p> | <p>As fronteiras brasileiras estão fechadas aos haitianos que chegaram ao Brasil depois de quinta-feira, 12, sem o visto humanitário concedido pela embaixada brasileira em Porto Príncipe, capital do Haiti. Essa é a orientação dada pelo Ministério da Justiça e que chegou no final da tarde de segunda-feira, 16, à Polícia Federal em Tabatinga (a 1.105 quilômetros de Manaus) e em Brasília, no Estado do Acre.</p> <p>De acordo com o delegado Gustavo Henrique Pivoto, de Tabatinga, o haitiano que chegar ao município amazonense sem o visto será notificado a deixar o Brasil. Caso continue no País de forma irregular, será deportado. O problema é que pelo menos 103 haitianos já chegaram a Tabatinga depois do dia 12.</p> <p>A notícia pegou os próprios policiais federais de surpresa. Até a tarde de segunda-feira(16) ainda não havia uma definição sobre o que fazer com os que aportaram pós resolução. De acordo o dispositivo, haverá uma cota de concessão de 1,2 mil vistos por ano.</p> <p>Nessa segunda-feira (16), a Polícia Federal em Tabatinga iniciou um mutirão para atender mais de 1 mil haitianos que aguardavam para solicitar o pedido de refúgio. Três agentes vindos de Manaus estão atuando no departamento de imigração para colher documentos e registrar o protocolo. Ontem, em frente à sede da PF em Tabatinga, um grupo de pelo menos 40 haitianos aguardava pelo atendimento.</p> <p>De acordo com o governo brasileiro, todos os haitianos que entraram no Brasil antes do dia 12 de janeiro serão atendidos pela Polícia Federal e terão até três meses para se regularizarem junto ao Conselho Nacional de Refugiados (Conare). A meta é atender a 100 haitianos por dia. Para agilizar os processo, a entrevista, procedimento padrão para esse tipo de solicitação, está sendo dispensada.</p> <p>Mas, apesar do mutirão e da resolução do governo sobre visos humanitários, muitos haitianos estão preocupados. Isso porque centenas deles partiram de Porto Príncipe há poucos dias. Agora, quando chegarem, serão considerados ilegais. “Não sabemos o que vai acontecer com nossos irmãos que chegaram depois do dia 12. Pedimos à Polícia Federal que eles</p> | <p>Leandro Prazeres - A Crítica - 17/01/2012</p> |

| | | |
|---|--|--|
| | <p>estendam o prazo um pouco mais, mas isso também não depende deles”, afirma Ernesto Cassius, 33, porta-voz do Comitê dos Haitianos em Tabatinga.</p> <p>A vice-coordenadora da Pastoral da Mobilidade Humana, irmã Patrícia Licandro, classificou a decisão do governo como ambígua. “De um lado, ela ordena a entrada, mas de outro, ela fecha as fronteiras. Estamos muito preocupados. Como esses 103 que chegaram até ontem vão voltar?”, indaga.</p> <p>Fiscalização será difícil, diz delegado</p> <p>“Não vai ser fácil fazer essa fiscalização. Tudo o que se tem de fiscalizar na Amazônia é complicado. Com os haitianos não será diferente”, afirma o delegado Gustavo Henrique Pivoto João, de Tabatinga.</p> <p>Sem revelar seu efetivo, Gustavo disse que os principais dispositivos de fiscalização do fluxo de imigrantes serão os postos no Aeroporto Internacional de Tabatinga e a base Garateia, localizada no rio Içá. “Todos os aviões e barcos que saem são fiscalizados. Se verificarmos algum imigrante ilegal, ele pode ser preso. Esperamos que essa situação não aconteça. Até agora, ainda não tivemos nenhum caso.”</p> <p>Ernesto Cassius, do Comitê de Haitianos em Tabatinga, disse que a tendência é de que a notícia sobre a necessidade de vistos para entrar no Brasil se espalhe rápido no Haiti e que isso diminua o número de imigrantes para o Brasil.</p> <p>Disponível em: http://acritica.uol.com.br/noticias/Manaus-Amazonas-Resolucao-Ministerio-Justica-fronteiras-brasileiras_0_629337128.html</p> <p>Acesso em: 20/01/12</p> | |
| <p>“Diáspora haitiana coloca política migratória brasileira em xeque”</p> | <p>O alerta veio à tona com uma série de reportagens publicadas na primeira semana do ano, denunciando a atividade de intermediários ilegais, os “coiotes”, para introduzir haitianos no Brasil, através da fronteira amazônica com Bolívia e Peru. Cada haitiano pagaria entre 2.500 e 5 mil dólares para custear um percurso que incluiria passagem de avião para Equador, Colômbia ou Peru, e um posterior e árduo caminho por terra até o Brasil, segundo os testemunhos.</p> <p>A secular diáspora haitiana aumentou após o terremoto que em 12 de janeiro de 2010 assolou um dos países mais pobres do mundo. Atraídos pelo crescimento econômico do Brasil, que recentemente se tornou a sexta economia mundial, e pelas grandes obras de infraestrutura com vistas à Copa do Mundo de 2014 e às Olimpíadas de 2016, cerca de cinco mil haitianos escolheram este país como destino desde então, segundo o Instituto de Migrações e Direitos Humanos.</p> <p>“O Brasil entrou no mapa da diáspora haitiana”, resumiu para a IPS o sociólogo Rubem César Fernandes, diretor da organização Viva Rio, que desenvolve projetos sociais, econômicos e culturais no Haiti. Existe uma diversificação dos destinos históricos dos emigrantes haitianos: Canadá, Estados Unidos, França, Antilhas Francesas e República Dominicana. Mas a atração pelo Brasil acrescenta motivos próprios, afirmou Fernandes.</p> <p>Desde 2004, o país encabeça a Minustah, a Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti, e está cada vez mais presente no território caribenho. “O Brasil já é parte da consciência coletiva do Haiti”, analisou Fernandes ao se referir a vínculos afetivos e simbólicos, como a origem africana, a música e o futebol. Além disso, os primeiros sinais do Brasil ao receber imigrantes haitianos foram “simpáticos e acolhedores, não repressivos”, acrescentou.</p> <p>“Cheguei em 1992, quando no Haiti não sentíamos a presença do Brasil”, disse à IPS o haitiano André Yves Cribb, engenheiro agrônomo que trabalha na Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), em projetos de cooperação e desenvolvimento para seu país. “O Brasil começou a estar mais ativo no cenário internacional e em sua diplomacia. Além disso, seu crescimento chama a atenção de quem busca como sobreviver”, disse Cribb, antes de acrescentar fatores mais subjetivos, como a identificação haitiana com o povo brasileiro.</p> | <p>Fabiana Frayssinet - IPS - Opera Mundi - 17/01/12</p> |

A organização humanitária católica Cáritas destaca que a maioria dos imigrantes se concentra nas cidades fronteiriças de Tabatinga e Brasília, onde esperam a regularização de sua situação, com a concessão de visto humanitário para poderem trabalhar, já que no Brasil não são considerados refugiados. “O Brasil entende a situação. Não há maus-tratos e está concedendo vistos humanitários e de trabalho”, disse Cribb.

O problema é que durante a espera, que pode durar até seis meses, esses pequenos municípios não têm condições nem infraestrutura para receber tantos imigrantes. Por exemplo, a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) informou que em Brasília, no Estado do Acre, há 1.250 haitianos, o equivalente a 10% de sua população.

Até 23 de dezembro, 4.015 haitianos haviam solicitado abrigo. Os pedidos de 3.396 estão em análise no Conare (Comitê Nacional para os Refugiados) e o restante já está em processo. Os imigrantes “dormem nas praças ou amontoados até dez pessoas em um quarto medindo três metros por quatro”, contou um padre da localidade.

“Há um processo de exploração pelos ‘coiotes’ nas rotas migratórias que é evidente”, explicou à IPS José Magalhães, assessor nacional para gestão de riscos e emergências da Cáritas, que colabora na inserção dos que chegam. Os governos dos Estados amazônicos afetados não dão conta em matéria de moradia, alimentação e saúde, acrescentou. E muitas das haitianas que entraram no país estão grávidas, acrescentou. A lei brasileira facilita a permanência e a nacionalização dos filhos de estrangeiros nascidos em território nacional.

Linha dura

Ao começar 2012 a situação se agravou com a entrada ilegal de cerca de 500 haitianos. Esta onda levou o governo a definir sua posição e adotar medidas, clareando sua aparente divisão entre conceder vistos humanitários e temer que ao fazê-lo esteja incentivando um “efeito chamada” de maciças chegadas no futuro.

A presidente Dilma Rousseff autorizou, no dia 10, a regularização da situação dos haitianos que já estão no Brasil. Ao mesmo tempo, determinou medidas restritivas para deter a entrada ilegal de imigrantes. A partir de agora somente serão concedidos vistos na embaixada brasileira no Haiti com a cota de cem por mês.

“O governo brasileiro não ficará indiferente à situação de vulnerabilidade econômica dos haitianos. Mas, quem não tem visto não pode entrar no país”, assegurou o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo. Além disso, o governo reforçará suas fronteiras com Bolívia e Peru e negociará medidas especiais com esses países e mais o Equador. “Temos de atacar essa rota ilegal de imigração e de ação dos coiotes”, justificou o ministro sobre as medidas que localmente são interpretadas por muitos como uma barreira de fato aos imigrantes haitianos.

O haitiano Joseph Handerson, aluno do Programa de Pós-Graduação de Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), questionou essas medidas. “Os que estão chegando estão na mesma situação dos que já chegaram e foram legalizados. Por que essa diferença?”, perguntou, antes de dizer que o Brasil “deveria repensar suas posturas e políticas humanitárias”.

Da mesma forma se pronunciou Magalhães, ao recordar que o Brasil construiu sua história com imigrantes da América Latina, Europa e África. “Na Cáritas vemos que, evidentemente, trata-se de uma situação humanitária e de solidariedade internacional de primeira ordem”, acrescentou.

Magalhães entende que se trata de “processos que não são fáceis”, mas a título pessoal destacou que o Brasil “tem de ter uma coerência política” e entender que entrou na rota da diáspora haitiana por sua nova condição de potência financeira e pela oferta de trabalho com vistas a eventos esportivos. “Deveria não se fechar, mas facilitar a permanência desses imigrantes”, disse, ao recordar a tradição humanitária do Brasil, que abriga 4.359 refugiados, dos

| | | |
|--|--|--|
| | <p>quais 2.813 são africanos.</p> <p>Cribb vê um duplo benefício na chegada de imigrantes haitianos, muitos já contratados em obras de represas. Entende que, diante “do auge econômico como país emergente que o Brasil vive”, os novos imigrantes – muitos deles com formação técnica ou universitária em áreas como engenharia – contribuiriam para essa pujança e se beneficiariam, ao mesmo tempo, de sua inserção em uma economia dinâmica.</p> <p>Destinos</p> <p>Handerson explicou à IPS que 80% dos haitianos que chegaram passaram a viver na cidade de Manaus, capital do Amazonas, 10% foram para a Guiana Francesa e o restante para outros Estados brasileiros, como São Paulo, Roraima e Minas Gerais.</p> <p>Do ponto de vista socioeconômico, 80% dos que vivem em Manaus têm emprego e trabalham como pedreiro, pintor, carpinteiro, metalúrgico ou garçom. As mulheres trabalham principalmente como domésticas, cozinheiras ou manicures. No caso de Tabatinga, também no Amazonas, com 1.300 haitianos, as condições são diferentes porque a oferta de trabalho é menor e os alojamentos são insuficientes.</p> <p>Segundo o estudo, a grande maioria tem estudo secundário incompleto, mas também há os que terminaram o curso superior. Quase todos os que vivem em Manaus falam francês, crioulo e espanhol, e recebem salário em torno dos 400 dólares.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/19241/diaspora+haitiana+coloca+politica+imigratoria+brasileira+em+xeque.shtml <i>Acesso em: 27/01/12</i></p> | |
| <p>“Brasil e os desafios da lei de migrações. Entrevista especial com Rosita Milesi”</p> | <p>“Embora o fluxo migratório atual de haitianos seja composto fundamentalmente por migrantes, é preciso recordar que os processos políticos haitianos continuam marcados por grandes dificuldades para o estabelecimento da ordem democrática”, aponta a diretora do Instituto Migrações e Direitos Humanos.</p> <p>Aproximadamente cinco mil haitianos migraram para o Brasil nos últimos dois anos, após o terremoto que assolou o Haiti em 2010. Entretanto, o número de estrangeiros residentes no país ainda é pequeno, cerca de 1% da população, segundo Ir. Rosita Milesi. De acordo com ela, os maiores desafios do Brasil em relação à migração dizem respeito à Lei de Estrangeiros, criada em 1980, na ditadura militar, e “marcada pelos princípios vigentes em tal período”. “Há anos a sociedade civil luta por uma Lei de Migrações, pautada nos Direitos Humanos e que corresponda às exigências de uma política migratória coerente com a dinâmica das migrações da atualidade, contemplando inclusive situação que hoje mais do que nunca preocupam e demandam particular atenção, como, por exemplo, as vítimas do tráfico de pessoas e os migrantes submetidos a trabalho escravo ou degradante, assim como os migrantes em situação irregular, que não podem ser criminalizados pelo simples fato de estarem indocumentados”, ressalta.</p> <p>Na avaliação dela, é preciso aprovar uma nova Lei de Migrações para suprir as demandas atuais e as “inúmeras situações que marcam a sociedade de hoje e as necessidades da vida dos migrantes da atualidade”. “Está em tramitação na Câmara dos Deputados um Projeto de Lei de iniciativa do Poder Executivo, mas até o presente o Congresso Nacional tem manifestado pouco interesse pela sua aprovação”, esclarece em entrevista concedida à IHU On-Line, por e-mail.</p> <p>Ir. Rosita também destaca a necessidade de o país investir em uma nova política migratória “diante da crescente preocupação com deslocamentos humanos motivados por diversas causas e razões - mudanças climáticas, crise ecológica e situações provocadas em função de grandes projetos desenvolvimentistas, tráfico de pessoas, tráfico de migrantes, e outras. O cenário futuro da América Latina é de fato de aumento nos fluxos migratórios”. Na avaliação dela, as iniciativas governamentais que buscam</p> | <p><i>Patrícia Fachin - Instituto Humanitas Unisinos -a 18/01/12</i></p> |

uma solução migratória para o fluxo de haitianos devem ser reconhecidas e valorizadas “positivamente”. Entretanto, pondera, “fechar fronteiras opõe-se à integração e à convivência humana e restringe a solidariedade entre os povos, principalmente para com os que vivem situação de maior vulnerabilidade”.

Rosita Milesi é diretora do Instituto Migrações e Direitos Humanos.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como é o deslocamento dos haitianos que tem chegado ao Brasil?

Rosita Milesi - O processo de deslocamento por via aérea parte da República Dominicana e tem como destino o Equador ou o Peru. Como estes países não exigem visto para haitianos (o Peru introduziu a exigência de visto para haitianos em janeiro de 2012), estes migrantes não encontravam dificuldades na entrada. Depois, por trajeto terrestre ou fluvial, chegam à fronteira do Brasil, em diferentes pontos. Tabatinga, Assis Brasil, Brasília são os mais frequentes. Em alguns casos, em lugar de se deslocar à fronteira com a região Norte, o menor trajeto, chegam pela região Centro-Oeste, entrando por Corumbá, por exemplo. As escolhas dependem das facilidades de transporte, possibilidade de entrar no território do Brasil e, em muitos casos, interesses e estratégias dos “coiotes” que atuam neste trajeto.

IHU On-Line - Qual é o perfil dos haitianos que estão migrando para o Brasil? É possível saber quantos já migraram para o nosso País?

Rosita Milesi - São pessoas que, em meio à pobreza e os escombros de um país pobre e destruído pelo terremoto de 12 de janeiro de 2010, conseguiram reunir junto a seus familiares e amigos uma quantidade de recursos suficiente para pagar o custoso e explorado deslocamento do Haiti até a fronteira brasileira, passando por vários países. É um trajeto migratório motivado pela busca de trabalho, na esperança de encontrar condições de reconstruir a vida e de ajudar os familiares que deixaram no Haiti.

Até o dia 23 de dezembro de 2011, o Comitê Nacional para Refugiados (CONARE) recebeu 3.396 processos de haitianos solicitando refúgio. Além deste total, na data, havia aproximadamente 1.000 haitianos em Tabatinga (AM) e 811 em Brasília (AC), aguardando a entrevista com a Polícia Federal para formalizarem seus pedidos. Assim, mesmo que ainda não tenhamos estatísticas oficiais, pode-se concluir que em torno de cinco mil (5.000) haitianos chegaram ao Brasil, durante os últimos dois anos, ou seja, após o terremoto de 2010.

Uma pesquisa realizada por professores da Universidade Federal de Minas Gerais, em base nos processos enviados ao Conselho Nacional de Imigração - CNIg, permite visualizar o perfil da população que chegou ao Brasil no início deste fluxo migratório. Os dados que seguem referem-se ao conjunto de 714 processos que tramitaram em 2010 e 2011. Observe-se que 73 pessoas não responderam o item “Escaridade”. Neste contingente, temos o seguinte quadro:

Escaridade segundo o grupo de processos analisados pelo CNIg – 2010-2011.

| Escaridade | Nº de Pessoas | % |
|------------------------|---------------|-------|
| Analfabeto | 5 | 0,7 |
| Fundamental incompleto | 253 | 39,5 |
| Fundamental completo | 56 | 8,7 |
| Médio incompleto | 196 | 30,6 |
| Médio completo | 84 | 13,1 |
| Superior incompleto | 20 | 3,2 |
| Superior completo | 27 | 4,2 |
| Total | 641 | 100,0 |

Quanto à atividade que exercia antes de sair do Haiti, temos os dados abaixo, extraídos do mesmo contingente de 714 processos, ressalvando que 17 pessoas não responderam este item.

Haitianos no Brasil: setor da atividade exercida antes da saída do Haiti

| Setor | Nº de Pessoas | % |
|------------------|---------------|-------|
| Agricultura | 24 | 4,9 |
| Indústria | 14 | 2,0 |
| Construção civil | 267 | 38,4 |
| Comércio | 77 | 11,0 |
| Serviço | 170 | 24,4 |
| Educação | 40 | 5,7 |
| Estudante | 35 | 5,0 |
| Outros | 60 | 8,6 |
| Total | 697 | 100,0 |

Quanto à presença de homens e mulheres, não tendo ainda um informe geral único, valemo-nos de diferentes fontes e grupos pesquisados os quais indicam que entre 85 e 86% são homens. Em Tabatinga, por exemplo, de 1º de janeiro até 31 de dezembro de 2011 chegaram 2.428 homens, 401 mulheres e 12 menores.

IHU On-Line - Os haitianos vêm para o Brasil apenas na condição de imigrantes ou também de refugiados?

Rosita Milesi - O refúgio é um instituto jurídico para proteger pessoas perseguidas que tem sua vida ameaçada e que necessitam de proteção internacional. Os haitianos sofrem as consequências de uma catástrofe natural, mas não são vítimas de perseguição, não atendem os requisitos do conceito de refugiado previsto na Convenção de 1951 e na legislação nacional (Lei 9474/97); portanto, o Comitê Nacional para os Refugiados - CONARE não encontra amparo para deferir seus pedidos de refúgio. Vale-se, então, da Resolução Recomendada nº 08/06, do Conselho Nacional de Imigração, que no Art. 1º “Recomenda ao Comitê Nacional para os Refugiados – CONARE (...), o encaminhamento ao Conselho Nacional de Imigração – CNIG, dos pedidos de refúgio que não sejam passíveis de concessão, mas que, a critério do CONARE, possam os estrangeiros permanecer no país por razões humanitárias”.

Com base nesta Resolução, o CONARE remete os pedidos de refúgio dos haitianos ao CNIG que, após ampla reflexão e análise da situação do Haiti e das graves consequências que o terremoto de janeiro de 2010 causou na população e em toda a estrutura social e governamental, decidiu conceder Residência Permanente por razões humanitárias, com base na Resolução n. 27/98, que trata dos casos omissos e especiais. “Na aplicação da RN n. 27/98, o CNIG tem considerado as políticas migratórias estabelecidas para considerar como “especiais” os casos que sejam “humanitários”, isto é, aqueles em que a saída compulsória do migrante do território nacional possa implicar claros prejuízos à proteção de seus direitos humanos e sociais fundamentais” (Extrato do voto aprovado pelo CNIG em reunião de 13/03/2011).

Em síntese, os haitianos, ao chegarem ao Brasil, tem apresentado pedido de refúgio, mas, sendo eles efetivamente imigrantes, a solução migratória concedida pelo Conselho Nacional de Imigração é a Residência Permanente por razões humanitárias.

Cabe, contudo, destacar que, embora o fluxo migratório atual de haitianos seja composto fundamentalmente por migrantes, é preciso recordar que os processos políticos haitianos continuam marcados por grandes dificuldades para o estabelecimento da ordem democrática. A instabilidade política ocorre em meio a uma economia fraca e uma sociedade civil bem fragilizada. Portanto, não se pode generalizar afirmando que são todos migrantes, como também não se deve afirmar que sejam

necessariamente refugiados. Cada caso deve ser apreciado pelas autoridades brasileiras em sua especificidade.

IHU On-Line - Quais são as maiores dificuldades encontradas por eles ao ingressarem no país?

Rosita Milesi - Quando chegam ao Brasil os haitianos já consumiram praticamente toda a “reserva econômica” que tinham em mãos. Deste fato, somado às já tão precárias condições em que deixam seu país, resulta uma realidade de completa vulnerabilidade social.

Assim, na chegada em território brasileiro necessitam emergencialmente de abrigo, alimentação e documentos que lhes permitam a estada legal e o posterior deslocamento no Brasil. Querem trabalhar para ganhar o próprio sustento e, portanto, superar as dificuldades de acesso ao mercado de trabalho é de fundamental importância. Somam-se a essas dificuldades o estranhamento com a cultura local, as dificuldades de comunicação, o desconhecimento do idioma (a maioria fala o creolle – língua nativa haitiana). Uma dificuldade que os afeta são também os poucos recursos das prefeituras e órgãos estaduais no acompanhamento dessa demanda por assistência, proteção social, capacitação profissional e inclusão laboral.

IHU On-Line - Como a senhora interpreta a posição do governo brasileiro em relação aos haitianos e a decisão de aplicar medidas que tentem coibir a entrada deles no país?

Rosita Milesi - No âmbito do governo, considerando-se aqui tanto instâncias específicas – Conselho Nacional de Imigração, Comitê Nacional para Refugiados – quanto os diversos ministérios, os governos estaduais e municipais, há iniciativas que de fato buscaram dar uma solução migratória ao fluxo de haitianos, e este esforço deve ser reconhecido e valorizado positivamente. Destaca-se a decisão de situar os haitianos como grupo especial, necessitado de acolhida e assistência por razões humanitárias e, portanto, acolhidos no território nacional numa situação de excepcionalidade.

Recentes medidas foram adotadas – como a Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012 - e queremos crer que venham em favor de melhor administração dos fluxos, principalmente coibir as redes de tráfico de migrantes e a ação dos coites, mas preservando sempre o direito da pessoa a migrar e o respeito à sua dignidade inalienável e aos seus direitos humanos.

Política de migração

Sabemos que a falta de canais legais e viáveis para as pessoas migrarem e buscarem condições de sobrevivência, sobretudo quando se encontram em situação de necessidade extrema, é um campo fértil para a ação de traficantes e exploradores, e acaba forçando estes migrantes ao uso das alternativas inadequadas e enganosas que lhes são oferecidas pelos coites. Por isso, estabelecer um plano, com condições específicas, para que os haitianos possam migrar regularmente ao Brasil é medida viável, humanitária e construtiva. Mas, é indispensável que as medidas contemplem todo o processo, tanto da entrada por vias regulares, quanto de acolhimento, aprendizagem do idioma, integração laboral e social na sociedade de acolhida. Assim, além da adoção de “Visto em caráter especial” (art. 2º da RN 97/12), espera-se que medidas de acolhimento, integração e acesso a políticas públicas sejam asseguradas para uma efetiva e digna acolhida e inserção dos haitianos no País.

Não queremos deixar de expressar nossa preocupação em relação ao risco da política gerar distorções, como, por exemplo: - aumentar a exploração dos haitianos por parte das redes de tráfico de migrantes, tendo em vista as exigências formais e as eventuais dificuldades de acesso dos mais necessitados; adotar outras vias de acesso irregular, o que importará no aumento da exploração por parte dos coites e na continuidade do fluxo de

indocumentados que ficarão sujeitos a medidas severas do governo; dificultar aos haitianos eventualmente necessitados de proteção o acesso ao pedido de refúgio.

Reiteramos que não podem faltar medidas severas de combate às redes de tráfico de migrantes e aos coíotes. Este é um ponto de fundamental importância, para não deixar as pessoas que se encontram em situação de necessidade e de vulnerabilidade expostas à ação destes grupos inescrupulosos que vivem da exploração e de um verdadeiro contrabando de migrantes.

IHU On-Line - Como o Brasil deve agir em relação às suas fronteiras, considerando que muitos imigrantes as atravessam e entram irregularmente no país?

Rosita Milesi - Pautado pelo respeito aos direitos humanos e tratamento com dignidade e condições de acolhida a seres humanos que chegam, muitas vezes, em situações precárias, após uma longa e difícil jornada migratória.

Faz parte das atribuições do Estado estabelecer regras para a entrada e a residência de não nacionais no próprio território (as assim chamadas políticas de admissão e de estada). No entanto, é importante que o controle das fronteiras não se transforme num fechamento das mesmas, tampouco em caminho de criminalização de quem entra e reside no território em situação de irregularidade administrativa.

O número de estrangeiros residentes no Brasil é pequeno (cerca de 1% da população, enquanto, por exemplo, há 3,6 % na Argentina, 2,9% no Equador, 1,9% no Chile, 2,4% no Uruguai, 3,5% na Venezuela (cfr. International Migrant Stock, the 2008 Revision). O Brasil não se encontra frente a uma questão de exagerados fluxos migratórios e nem há no País uma presença exagerada de imigrantes. O tema deve ser incluído num debate mais amplo sobre política migratória onde a questão seja bem administrada e acompanhada das necessárias medidas de acolhimento e integração social, jurídica, laboral e cultural. Simplesmente fechar fronteiras opõe-se à integração e à convivência humana e restringe a solidariedade entre os povos, principalmente para com os que vivem situação de maior vulnerabilidade.

IHU On-Line - Como a questão dos imigrantes é abordada na legislação brasileira?

Rosita Milesi - O Brasil ainda convive com uma Lei de Estrangeiros de 1980, aprovada em pleno regime militar e marcada pelos princípios vigentes em tal período. Há anos a sociedade civil luta por uma Lei de Migrações, pautada nos Direitos Humanos e que corresponda às exigências de uma política migratória coerente com a dinâmica das migrações da atualidade, contemplando inclusive situação que hoje mais do que nunca preocupam e demandam particular atenção, como, por exemplo, as vítimas do tráfico de pessoas e os migrantes submetidos a trabalho escravo ou degradante, assim como os migrantes em situação irregular, que não podem ser criminalizados pelo simples fato de estarem indocumentados.

O Conselho Nacional da Imigração tem suprido as deficiências da superada Lei de Estrangeiros de 1980, regulando, através de Resoluções Normativas, inúmeras situações que marcam a sociedade de hoje e as necessidades da vida dos migrantes da atualidade. Como exemplo, podemos citar a Resolução Normativa n. 77/08, que regula o visto de residência em base à união estável, a RN n. 95/10, que assegura a concessão de residência permanente às vítimas de tráfico de pessoas, a RN n. 27/98, que possibilita ao CNIG a solução dos casos omissos e especiais, entre outras.

Destaque-se que foi justamente com base nesta Resolução 27/98 que se encontrou amparo legal para uma solução migratória de caráter humanitário para os haitianos. O estado brasileiro situou-os na previsão de casos especiais, nos quais se incluem as situações humanitárias, conforme prevê o

art. 1º, da RN 27/98, beneficiando-os com residência permanente.

IHU On-Line - Como a Igreja tem atuado em relação aos novos imigrantes que chegam?

Rosita Milesi - A Igreja no Brasil tem uma atuação significativa na área das migrações. Faz parte de sua história e de seu compromisso pastoral. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB possui o Setor Pastoral da Mobilidade Humana, com pastorais específicas como a Pastoral dos Migrantes e a Pastoral dos Refugiados. Nesta ação pastoral, há também congregações religiosas que, tanto em âmbito local quanto nacional, atuam no serviço a grupos específicos - vítimas de tráfico de pessoas, migrantes retornados, brasileiros no exterior, nômades, entre outros.

Quanto aos imigrantes recém chegados, na maioria dos casos, o serviço eclesial se realiza na primeira acolhida, esclarecimentos, busca de albergues ou condições de moradia temporária, informações práticas do dia a dia, escritórios de orientação jurídica, suporte para a articulação e auto-organização dos diferentes grupos, denúncia das formas de exploração e xenofobia, bem como na pressão em âmbito político, para envolver as autoridades e as instâncias governamentais que devem assumir seu papel com políticas de efetiva atenção e acolhida desta população.

Trabalho pastoral

Basicamente é este o trabalho que está sendo realizado pela Igreja junto e em favor dos grupos de haitianos. De modo muito especial, as Dioceses e Pastorais do norte do País – Arquidiocese de Manaus, Diocese de Alto Solimões (Tabatinga), Paróquia N. Sra. das Dores (Brasília, AC), Pastoral do Migrante de Porto Velho, de Manaus, a Pastoral da Mobilidade Humana, Congregações religiosas presentes na região, assim como entidades com sede fora da região, tais como a Caritas Brasileira, o Instituto Migrações e Direitos Humanos, a CNBB, Congregações religiosas, entre outras instituições, tem disponibilizado seus espaços físicos para acolher haitianos, reuniram recursos financeiros, apoiaram e assistiram estes imigrantes na obtenção de seus documentos, atuaram na busca de trabalho e emprego junto às empresas, investiram muitos recursos no fornecimento de alimentação, acolhida em abrigos e em salões paroquiais, e, incansavelmente, na demanda junto aos poderes públicos que, com raras exceções, foram omissos por longo tempo e depois, muito lentamente, se envolveram na causa.

A atuação em rede e no apoio recíproco entre as diversas instituições eclesiais é um ponto forte nesta missão. A Rede Solidária para Migrantes e Refugiados (constituída por mais de 50 entidades), atuou de maneira articulada no processo de partilha de informações, no encaminhamento dos haitianos em busca de trabalho e na acolhida na cidade ou região de destino, como nas demandas frente ao estado brasileiro, e na partilha dos poucos recursos existentes. A atuação em rede vem superando as distâncias, animando o espírito missionário e compartilhando iniciativas e processos (as chamadas boas práticas), mas os desafios são imensos e toda ajuda será bem vinda.

IHU On-Line - Como o governo brasileiro deve se posicionar diante destas novas imigrações? Em que constituiria uma política pública de assistência aos haitianos?

Rosita Milesi - O Brasil, desde os meados dos anos 1980 do século passado, tem registrado a saída de um grande número de cidadãos que migraram para outros países, sobretudo EUA, Japão e União Europeia. Diante da violação de direitos e das circunstâncias muitas vezes humilhantes a que eram expostos esses patrícios, o governo brasileiro tem tomado uma posição clara em defesa dos migrantes.

Hoje o Brasil está registrando uma realidade diversa, que é um fluxo de imigrantes, não apenas haitianos, mas também de outras nacionalidades.

Seria uma grave incoerência se o governo brasileiro agora negasse aos imigrantes aqueles direitos que defendeu para os emigrantes brasileiros.

Não obstante, a imigração que se verifica em nosso País, não esta diante de uma invasão. É evidente que há um limite para as condições de acolhida, mas, como disse o monge italiano Enzo Bianchi, é importante que o limite não seja determinado pelo egoísmo de quem se fecha no próprio bem-estar, mas pela real impossibilidade de abrir espaço para o outro. Acredito firmemente que, neste momento, o Brasil tenha ainda muita margem de acolhida.

Lei de migrações

Simultanemente, reiteramos a necessidade de uma nova Lei de Migrações, revendo a tão ultrapassada Lei 6815, de 1980. Está em tramitação na Câmara dos Deputados um Projeto de Lei de iniciativa do Poder Executivo, mas até o presente o Congresso Nacional tem manifestado pouco interesse pela sua aprovação.

Urge também uma nova política migratória diante da crescente preocupação com deslocamentos humanos motivados por diversas causas e razões - mudanças climáticas, crise ecológica e situações provocadas em função de grandes projetos desenvolvimentistas, tráfico de pessoas, tráfico de migrantes, e outras. O cenário futuro da América Latina é de fato de aumento nos fluxos migratórios.

Dada a intensidade do fluxo de haitianos cabe uma ação coordenada de órgãos públicos (município, estado e Federação) nas diversas etapas do processo migratório no território brasileiro: a chegada, a documentação, o deslocamento em busca de trabalho, a inserção no mercado laboral e nas políticas sociais do estado brasileiro, além de suporte na qualificação profissional, no aprendizado da língua, na introdução à cultura local e, também no âmbito da preservação de sua cultura.

É importante fortalecer e ampliar as parcerias entre o Estado brasileiro, a sociedade civil organizada e organizações internacionais. No caso daqueles que obtiverem a condição de refugiado assegurar que tenham todos os benefícios assegurados pela legislação no Brasil e possam integrar-se à sociedade local.

IHU On-Line - Como é possível entender e compreender o fenômeno migração no século XXI?

Rosita Milesi - Os seres humanos sempre migraram no decorrer da história. No entanto, no começo do século XXI, as migrações são motivadas, como diria Bauman, sobretudo pela busca de inclusão biológica – a sobrevivência – e da inclusão social – a plena cidadania. O mundo moderno universalizou os direitos humanos, mas os negou a grande parte da população mundial. A migração representa uma forma de resistência e, ao mesmo tempo, de denúncia das contradições da globalização neoliberal. Além disso, ela aponta a utopia da “família humana”, da “cidadania universal”, de uma sociedade em que ninguém seja subestimado em sua dignidade. Hoje, mais do que nunca, precisamos desta utopia, talvez não para realizá-la, mas para orientar nosso caminho e garantir o futuro da espécie humana no planeta terra.

Neste início de século temos diante de nós três realidades desafiadoras:

a) nossa casa comum – o planeta Terra – pede socorro, pois o uso desenfreado dos recursos naturais e a poluição estão gerando mudanças drásticas no clima – elevação das temperaturas - e no equilíbrio ecológico, sendo uma de suas conseqüências os deslocamentos humanos por razões ambientais;

b) As sociedades democráticas não podem se dobrar a xenofobia; medo e reação adversa ao estrangeiro têm se tornado a base sobre a qual estão sendo construídas leis migratórias e de regulação de sociedades multiétnicas, o que é lamentável. Há que animar a sociedade a seguir construindo uma

| | | |
|-------------------------------------|--|---|
| | <p>perspectiva centrada nos direitos universais de toda pessoa humana;</p> <p>c) A superação das desigualdades sociais, econômicas, de gênero, etc., bem como o estabelecimento de sistemas políticos marcados pela plena participação dos cidadãos é fundamental para que se coloque um fim ao lado perverso que motiva migrações, ou seja, o fim das migrações forçadas pela miséria e vulnerabilidade social.</p> <p>Disponível em: http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/505828-entrevista-especial-com-rosita-milesi-</p> <p>Acesso em: 20/01/12</p> | |
| <p>“Haitanos hoje, nós amanhã?”</p> | <p>A imigração de haitianos ao Brasil, especialmente à cidade de Brasília (AC), precisa de contexto, pois a entrada deles no País é uma questão nacional e a situação deles uma questão universal de direitos humanos.</p> <p>As dimensões populacionais e econômicas do Brasil e do Haiti são extremamente diferentes. O Brasil tem uma população equivalente a quase vinte vezes a do Haiti e um PIB trezentos vezes maior.</p> <p>O PIB per capita brasileiro é quatorze vezes maior do que o PIB per capita haitiano. Este último dado explica um dos motivos para a migração: pobreza profunda no Haiti quando comparado ao Brasil.</p> <p>Mas ainda assim o Haiti é um país pequeno: a soma de todos os haitianos em Haiti e em outros países é menos do que a população do Rio de Janeiro metropolitano.</p> <p>Os fluxos atuais de imigrantes são também de escalas bem diferentes. O Ministério das Relações Exteriores lista cerca de três milhões de brasileiros vivendo no exterior, isto é, são imigrantes em outros países. Brasileiros na Bolívia são cerca de 50 mil, com 200 mil no Paraguai. Em comparação, se fala de quatro mil haitianos no Brasil.</p> <p>Em outras palavras, existem mais de dez vezes mais brasileiros na Bolívia e cinquenta vezes mais brasileiros no Paraguai do que haitianos aqui. Dentro de fluxos chegando ao Brasil, a diáspora haitiana é ainda pequena.</p> <p>Em comparação, nos primeiros seis meses de 2011, mais de 300 mil portugueses regularizaram os seus passaportes para trabalhar no Brasil, mais de setenta vezes o número de haitianos que chegaram em 2011.</p> <p>Apesar da entrada de haitianos sendo uma gota de água na escala nacional, ela tem um impacto significativo no estado do Acre, especialmente nos municípios gêmeos de Brasília e Eptaciolândia.</p> <p>Mil haitianos em cidades onde se mede a população numa escala de dez mil é uma concentração muito alta, afetando a capacidade dessas cidades na área de hospedagem, comida e apoio de saúde.</p> <p>Sem ajuda do governo estadual, teria entrado em colapso a capacidade de Brasília e Eptaciolândia de apoiar o influxo de haitianos. Mesmo assim, o pagamento de centenas de marmitex por dia esgotou o orçamento da Secretaria Estadual de Justiça e dos Direitos Humanos.</p> <p>Algo semelhante aconteceu em abril na fronteira, na cidade peruana de Iñapari, quando o Brasil fechou a fronteira temporariamente aos haitianos.</p> <p>O acúmulo de cinquenta haitianos arrebatou a capacidade da cidadezinha de mil habitantes. Doações individuais e o apoio da igreja católica conseguiram contornar a situação, oferecendo somente uma refeição por dia para os haitianos, mas por pouco tempo.</p> <p>Imigrantes haitianos, em geral, sabem pouco do Brasil. Em entrevistas, muitos citaram a seleção brasileira e a construção para a Copa Mundial em 2014 como atraentes, além de ter ouvido falar do crescimento econômico do país.</p> <p>Alguns citaram o tratamento humano de imigrantes que o Brasil faz como fator. Porém, poucos imigrantes haitianos conhecem outros países, além da República Dominicana, que faz parte da mesma ilha.</p> <p>A única referência para muitos é os Estados Unidos, onde residem 500 mil haitianos, e 1,3 milhão de brasileiros. Eles têm uma noção de quanto um trabalhador ganha nos EUA e muitos pensam que seria igual ou melhor no Brasil. Leva tempo para compreenderem a realidade brasileira.</p> | <p>Foster Brown - Blog da Amazônia - Terra Magazine -18/01/12</p> |

| | | |
|----------------------|---|------------------|
| | <p>A violação de direitos humanos parece como uma doença contagiosa que agrava com o tempo. Quando se abusa um grupo, a tendência é o abuso se multiplicar e espalhar para todos. No caso dos haitianos, eles faziam a trajetória da estrada Interoceânica entre Puerto Maldonado e Iñapari.</p> <p>Para baixar o custo de transporte até Brasiléia, os haitianos passavam, via Bolívia, com a ajuda de coiotos. Nos últimos meses, iniciou-se uma série de roubos sistemáticos de haitianos no percurso em territórios do Peru e Bolívia. Em semanas mais recentes, houve relatos de tentativas de estupros de mulheres haitianas neste percurso e até a observação de defuntos na floresta.</p> <p>O agravamento das violações colocou urgência em buscar soluções e evitar que os delitos fiquem impunes. Um grupo de pessoas do Madre de Dios (Peru), Acre (Brasil) e Pando (Bolívia), conhecida como Iniciativa MAP de Direitos Humanos, reuniu em dezembro, em Iñapari, para abordar as violações.</p> <p>O grupo fez as seguintes recomendações:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Que os órgãos oficiais do Governo do Acre e do Governo Federal do Brasil registrem as testemunhas de violações de direitos humanos aos haitianos em seu trajeto desde o Haiti até o Acre (Brasil) e compartilhem estas informações com as organizações de defesa de direitos humanos de Pando-Bolívia e de Madre de Dios-Peru, exigindo desses países o compromisso de realizar uma investigação direcionada aos atores dos delitos e à prevenção de futuros. 2. Existem grupos de haitianos que não querem permanecer o Brasil, o que nos permite sugerir que o Governo brasileiro selecione as pessoas que não desejam permanecer no Brasil para que os mesmos tenham prioridade na concessão de um visto de ingresso e assim possam seguir seu trajeto até seu destino final (geralmente Guianas). 3. Alertar os governos do Peru, da Bolívia e do Brasil sobre esta situação para que não se criem novas crises humanitárias devido ao fechamento das fronteiras. 4. Que os três países exijam da Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti (MINUSTAH), que a ajuda humanitária que vem sendo enviada para a reconstrução do Haiti seja empregada de maneira transparente e destinada para o seu fim, que é a reconstrução do país e melhoria das condições de vida de sua população, buscando evitar futuras crises humanitárias. 5. Que as autoridades dos três países identifiquem demandas de mão de obra em empresas e concedam vistos temporários de trabalho para os haitianos que desejam permanecer e trabalhar no país, e que as empresas garantam estas fontes de trabalho. <p>Vários dos participantes estão reunidos novamente nesta terça-feira (17) no salão paroquial da Igreja Católica, em Brasiléia, para juntar as informações coletadas e acompanhar o que os autoridades de Bolívia e de Peru vão fazer em relação à primeira recomendação.</p> <p>Hoje a situação de deslocamento é dos haitianos. Amanhã, quem sabe? O potencial de desastres ambientais que podem causar migrações está aumentando na região.</p> <p>Os incêndios florestais de 2005, algo inédito para Acre e repetidos em 2010, deram uma pequena amostra do que pode acontecer nos próximos anos com secas prolongadas.</p> <p>Espero que possamos aprender com a experiência dos haitianos para minimizar o sofrimento em migrações futuras. Afinal, pode ser a gente procurando abrigo.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://blogdaamazonia.blog.terra.com.br/2012/01/17/haitanos-hoje-nos-amanha/ <i>Acesso em: 18/01/12</i></p> | |
| "Policiais do Brasil | Um grupo de aproximadamente 100 imigrantes haitianos está | Altino Machado - |

| | | |
|---|--|---|
| <p>e Peru encurralam haitianos sobre ponte na fronteira”</p> | <p>encurralado desde sábado (14) sobre a ponte binacional que liga o município de Assis Brasil (AC) a Iñapari, no Peru, tentando ingressar em território brasileiro.</p> <p>A polícia do Peru pressiona para que os haitianos prossigam viagem rumo ao Brasil e não permite que percorram o território peruano de volta ao Haiti. Do lado brasileiro, agentes da Polícia Federal impede a entrada dos haitianos.</p> <p>A TV Gazeta, de Rio Branco, exibiu imagens dos haitianos sobre a ponte, e relatou o clima de tensão. Segundo a emissora, funcionários da imigração peruana teriam estabelecido prazo para que os haitianos se retirem de Iñapari.</p> <p>Os haitianos estão na pequena cidade peruana estão há três dias sem se alimentar. Outros 600 haitianos ainda permanecem em Brasileia. Agentes da Polícia Federal intensificaram nos últimos dias a fiscalização na fronteira do Acre com o Peru e com a Bolívia para impedir a entrada de haitianos.</p> <p>A determinação de barrar os imigrantes haitianos partiu do governo federal foi comunicada à Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Acre, que deixou de oferecer comida e abrigo aos que chegarem a cidade de Brasileia.</p> <p>- A situação é tensa. Estou triste com a decisão do governo brasileiro - afirmou o representante da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Acre, Damião Melo.</p> <p>O representante do governo do Acre disse que todos os dias chora ao ouvir relatos de sofrimento dos imigrantes haitianos que buscam trabalho no Brasil.</p> <p>- Temos um haitiano aqui há três meses. Ele hipotecou a casa no Haiti e deixou lá a mulher e os filhos. Não tem mais dinheiro e o banco vai tomar a casa dele. É uma situação muito triste, embora meu telefone não pare de tocar com empresários de todas as partes do Brasil querendo contratar mão-de-obra haitiana - disse Melo.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://blogdaamazonia.blog.terra.com.br/2012/01/18/policiais-do-brasil-e-peru-encurralam-haitianos-sobre-ponte-na-fronteira/ <i>Acesso em: 18/01/12</i></p> | <p><i>Blog da Amazônia - Terra Magazine -18/01/12</i></p> |
| <p>“Haitianos aguardam vistos na fronteira do Peru para entrarem no Brasil”</p> | <p>Cerca de 100 haitianos estão na fronteira do Peru tentando entrar no Brasil pela ponte binacional sobre o Rio Acre, que separa os dois países. A Polícia Federal está impedindo que novos imigrantes entrem em território nacional, depois de o governo ter adotado medidas para restringir os vistos de trabalho às pessoas que deixaram o Haiti em busca de emprego. O grupo também estaria impedido de circular pela cidade de Iñapari, no lado peruano. Segundo autoridades da região, há um clima tenso no local, mas não existe tumulto. Na cidade acriana de Brasileia, em torno de 600 estrangeiros aguardam a regularização de seus documentos para prosseguirem viagem a outros estados brasileiros.</p> <p>A ponte binacional sobre o Rio Acre é a porta de entrada dos haitianos no Brasil, já que separa o país da Bolívia e do Peru — nações por onde os haitianos cruzam até chegar ao território brasileiro. Eles deixam Porto Príncipe e seguem para Quito, no Equador, até chegar a Lima, a capital peruana, e depois Iquitos ou Madre de Diós, também no Peru. Um grupo vai para Tabatinga, na fronteira do Amazonas com a Colômbia, e outra turma se desloca para o Acre, pela Rodovia Binacional, até chegar a Assis Brasil, pequena cidade brasileira de seis mil habitantes.</p> <p>Reunião</p> <p>Segundo Edmilson Lopes Pereira Júnior, secretário de Planejamento do município, e prefeito em exercício, os 100 haitianos estão na fronteira desde sábado, quando um grande grupo chegou a Iñapari, no Peru. “Eles estão sendo impedidos pela Polícia Federal de entrar no Brasil desde a semana passada”, afirma Júnior, explicando que uma reunião será feita durante a semana em Brasileia, onde o assunto será discutido. “São muitos os</p> | <p><i>Edson Luiz - Correio Braziliense - 19/01/12</i></p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>imigrantes que estão do outro lado da ponte”, relata o secretário, que também entrará em contato com a prefeitura da cidade peruana para verificar a situação.</p> <p>Na semana passada, o Conselho Nacional de Imigração (CNIg) aprovou uma resolução do governo para restringir a entrada de haitianos no Brasil. As cerca de quatro mil pessoas que chegaram ao país terão suas situações regularizadas e as que pretendem entrar no Brasil terão que ter visto de trabalho expedido pela embaixada brasileira em Porto Príncipe. Os Ministérios das Relações Exteriores, da Justiça e do Trabalho argumentaram que a medida não tem intenção de impedir a entrada dos estrangeiros — a maior parte afetada pelo terremoto que arrasou o país há dois anos —, mas impedir que elas sejam vítimas dos coiotes.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica-brasil-economia/33,65,33,14/2012/01/19/interna_politica,286861/haitianos-aguardam-vistos-na-fronteira-do-peru-para-entrarem-no-brasil.shtml <i>Acesso em: 19/01/12</i></p> | |
| <p>“Representantes do Governo Federal visitam o Acre para acompanhar a situação dos haitianos”</p> | <p>Na manhã desta quarta-feira, 18, dois representantes do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome (MDS) chegaram ao estado para avaliar a situação dos haitianos e conhecer o trabalho desenvolvido pelo Governo do Acre para ajudar os imigrantes.</p> <p>Os representantes seguiram para Brasileia e Eritaciolândia onde participaram de uma reunião com os prefeitos de cada município. Os prefeitos falaram das dificuldades enfrentadas pelos municípios desde a chegada dos haitianos. “O Governo Federal demorou muito para liberar recursos, somos um município pequeno e não estávamos preparados para tanta demanda na área da saúde e até mesmo no trato em hospedagem”, ressaltou a Prefeita de Brasileia, Leila Galvão.</p> <p>A Polícia Federal também recebeu a visita dos gestores que puderam ver de perto o funcionamento de todo o processo de legalização dos haitianos. “Com os decretos de exigência de visto para entrada no Peru e Brasil, esperamos que o fluxo diminua”, comentou o Delegado Federal, Frederico Portella.</p> <p>A representante do MDS, Mariana Machado, afirmou que o Governo Federal irá prestar apoio técnico e financeiro. Inicialmente serão repassados cerca de 300 mil reais. “As ações que estão sendo realizadas pelo Acre servem de experiência para nós também”, pontuou Mariana.</p> <p>A agenda de visitas e encontros continua nesta quinta-feira, 19, pela manhã, com reunião no Gabinete do Governador Tião Viana, que receberá o Secretário de Estado de Justiça e Direitos Humanos, Nilson Mourão, na companhia de Mariana Machado e João Marcelo Intini, Diretor da Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SNAS).</p> <p>No período da tarde, a partir das 14 horas, haverá reunião de trabalho com as equipes da Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos (Sejudh), Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social (Seds), Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof) e Ministério do Desenvolvimento Social (MDS).</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.agencia.ac.gov.br/index.php/noticias/governo/18065-representantes-do-governo-federal-visitam-o-acre-para-acompanhar-a-situacao-dos-haitianos-.html <i>Acesso em: 28/01/12</i></p> | <p>Annie Manuela - Agência Notícias do Acre - 19/01/12</p> |
| <p>“Haitianos que estão morando em praça pública recebem ajuda de Igreja”</p> | <p>Depois de relatar as condições de haitianos que chegaram na pequena cidade de Iñapari, no lado peruano que faz fronteira com Assis Brasil, no Acre, onde gerou notícias em todo o Brasil por grandes meios de comunicação, a situação melhorou um pouco.</p> <p>Segundo foi passado por telefone, com a repercussão e visita de outros meios de comunicação, alguma ajuda estaria sendo dada aos que estariam dormindo no pequeno coreto da praça central, já que o dinheiro havia</p> | <p>Alexandre Lima - O Alto Acre - 19/01/12</p> |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>acabado e não poderiam mais ficar nas pousadas.</p> <p>Consternados com a situação, foram convidados pelo pároco da cidade, que teria cedido a igreja para que saíssem do relento. Também estariam lhes cedendo alguma alimentação, mas não explicaram como.</p> <p>Desde terça-feira, dia 17, foi registrado que Lñapari recebeu cerca de 150 haitianos e o numero poderá aumentar nos próximos dias. A pequena cidade não tem estrutura financeira para ajudar e estaria pedindo auxilio no lado brasileiro.</p> <p>Representantes do Governo Federal estiveram na cidade de Brasília na tarde desta quarta-feira, dia 18, foram até Assis Brasil, mas nada falaram sobre o caso dos haitianos que estão impedidos de entrar por não terem o visto.</p> <p>Disponível em: http://oaltoacre.com/index.php/acre/11554-haitianos-que-estao-morando-em-praca-publica-recebem-ajuda-de-igreja.html</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | |
| <p>“Haitianos poderão ingressar no país de cabeça erguida” Igor Kipman, embaixador do Brasil no Haiti”</p> | <p>Desde a última sexta-feira, imigrantes que deixam o Haiti rumo ao Brasil estão submetidos a novas regras para ingressar no país. Uma resolução do Conselho Nacional de Imigração limitou a concessão de vistos permanentes a haitianos em 1,2 mil anuais – sem prejuízo das demais modalidades de vistos legalmente previstas. O governo brasileiro garante que a medida não tem caráter restritivo, mas visa a coibir a entrada de imigrantes ilegais, intensificada após o terremoto que devastou a capital Porto Príncipe, em janeiro de 2010. Dos cerca de 4 mil haitianos que residem no Brasil, apenas 1,6 mil estão regularizados. “Ao portarem um visto de entrada, eles poderão ingressar no país de cabeça erguida, por qualquer aeroporto nacional”, justifica o embaixador do Brasil no Haiti, Igor Kipman. De acordo com a nova norma, os vistos permanentes terão duração de cinco anos, com possibilidade de renovação. Confira a seguir, os principais trechos da entrevista que Kipman concedeu por e-mail à Gazeta do Povo.</p> <p>Afirmou-se que, com essa nova resolução, estaria havendo uma restrição à concessão de vistos para haitianos. Isso é verdade?</p> <p>Não, muito pelo contrário. A Resolução Normativa n.º 97 faculta à Embaixada do Brasil em Porto Príncipe conceder até 100 vistos permanentes mensais para haitianos sem aplicar as exigências de praxe para tal tipo de visto [anteriormente, não havia número limitado de vistos, mas as exigências para a concessão eram maiores]. Isto não impede que outros vistos sejam concedidos, uma vez preenchidos os requisitos legais.</p> <p>Quais os benefícios dessa medida, tanto para os imigrantes quanto para a comunidade brasileira?</p> <p>Os haitianos que têm ingressado na Região Norte do país sem o amparo de um visto de entrada, valendo-se dos serviços normalmente bastante caros dos traficantes de pessoas, poderão obter a documentação adequada para ingressar legalmente no país, ainda que não tenham de antemão um contrato de trabalho. Com isso se reduzem os abusos praticados por aqueles que se dedicam a esse tipo de prestação de serviços ilegais, bem como os perigos a que se expõem os imigrantes que enfrentam uma travessia pela floresta amazônica.</p> <p>Os 100 vistos mensais são suficientes para atender à demanda existente?</p> <p>A imigração ilegal dos haitianos pela fronteira norte vem sendo estudada e acompanhada há mais de doze meses. Verificou-se que o ingresso é da ordem de 70 a 80 haitianos por mês. Dessa forma, pode-se afirmar com segurança que a concessão de 100 vistos mensais é mais do que suficiente para atender à demanda atual. Acredito que, com a implementação da resolução, poderá ser preciso rever no futuro a quantidade, na medida em que o teor da resolução seja divulgado no Haiti e o número de solicitações venha a crescer.</p> | <p>Anderson Gonçalves - Gazeta do Povo - 19/01/12</p> |

Segundo o Ministério da Justiça, existem cerca de 4 mil imigrantes haitianos no Brasil, dos quais 2,4 mil em situação irregular. Qual é a condição de vida dessas pessoas?

Os imigrantes haitianos têm recebido apoio tanto de ONGs quanto dos governos estaduais e municipais nas áreas onde ingressam no país, as fronteiras do Acre e do Amazonas. Entre as ONGs, se destacam entidades religiosas, que lhes dão abrigo provisório e alimentação, apoiando na busca de oportunidades de trabalho. Os governos locais, por sua vez, também contribuem significativamente para amenizar as dificuldades, especialmente nos setores de saneamento e alimentação.

O que mais pode ser feito para coibir a entrada ilegal de imigrantes haitianos no país?

O governo brasileiro vem cooperando, há cerca de um ano, com as autoridades dos países vizinhos no aprimoramento do controle e da fiscalização das fronteiras, com o objetivo de esvaziar as redes de intermediários. A propósito, o Brasil acolheu, com satisfação, a recente decisão peruana de exigir vistos de entrada para os haitianos que ingressem em seu território. Esta medida também terá grande impacto na redução da atuação dos traficantes de pessoas e na entrada de imigrantes ilegais no Brasil.

O governo brasileiro anunciou também que pretende regularizar a situação de todos os haitianos em situação ilegal. Isso é possível?

Sim, é perfeitamente possível, como já foi feito com cerca de 1,6 mil deles. Os demais também terão, por instrução direta da presidente da República, sua situação migratória regularizada pelo Conselho Nacional de Imigração, com a concessão de vistos de caráter humanitário e a pertinente autorização para trabalho em território nacional.

O terremoto de 2010 no Haiti é apontado como a principal causa do aumento no número de migrações para o Brasil. Como está a situação do país hoje?

Como disse o ministro Celso Amorim [então na pasta de Relações Exteriores] ao visitar o Haiti poucas semanas após o sismo, o que ocorreu foi uma “catástrofe de proporções bíblicas”. Nos últimos 24 meses muito foi feito para minorar os efeitos do tremor no país, mas ainda há muito pela frente, pois suas consequências foram devastadoras. É preciso recordar que a região afetada foi o centro nevrálgico do país, reduzindo sobremaneira a capacidade de reação do Estado, já que a força de trabalho do governo foi reduzida em cerca de 30% e a maioria dos prédios públicos foi destruída.

Como tem sido a participação do Brasil no processo de reconstrução do Haiti?

O esforço brasileiro não se limita à contribuição oficial, seja na vertente multilateral, com a participação de nossas forças armadas na Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (Minustah), seja no âmbito bilateral, no qual apoiamos a realização de eleições e temos cerca de 30 projetos de cooperação técnica, concentrados nas áreas de saúde, educação, agricultura e energia. Estamos trabalhando no projeto Artibonite 4C, que virá a ser a segunda hidrelétrica do país, hoje dependente quase que exclusivamente da queima de combustíveis fósseis. O Instituto Militar de Engenharia já concluiu o projeto básico do empreendimento e no corrente ano devem ser iniciadas as obras.

Disponível em:

<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=1214352&tit=Haitianos-poderao-ingressar-no-pais-de-cabeca-erguida>

| | | |
|---|---|--|
| <p>“Ministério da Saúde libera R\$ 1,3 milhão para assistência aos haitianos no Acre”</p> | <p><i>Acesso em: 19/01/12</i></p> <p>O Ministério da Saúde determinou que a partir de hoje (19) serão liberados R\$ 1,3 milhão para o estado do Acre. A portaria está publicada no Diário Oficial da União desta quinta-feira. De acordo com o texto, os recursos serão usados nos serviços de saúde destinados aos haitianos que se instalaram no estado.</p> <p>O Acre é a principal porta de entrada aos haitianos, que pediram refúgio ao Brasil na condição de desalojados por desastres naturais. O número de pedidos aumentou nos últimos meses em consequência do agravamento da situação no país por causa do terremoto ocorrido em 12 de janeiro de 2010.</p> <p>Amanhã (20), o Ministério das Relações Exteriores deverá divulgar um balanço dos pedidos de visto requeridos na Embaixada do Brasil em Porto Príncipe, capital do Haiti, para os haitianos.</p> <p>O governo brasileiro determinou, por meio do Conselho Nacional de Imigração, o limite de entrada de haitianos no país a 1,2 mil por ano. Não há prazo para a concessão desses passaportes aos haitianos, uma vez que toda a documentação entregue será analisada ainda pela embaixada e o ministério. A resolução determina que o visto seja concedido por razões humanitárias e pelo prazo de cinco anos, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro.</p> <p>O objetivo da medida é regularizar a situação dos imigrantes haitianos que tenham entrado no país pelo Acre e pelo Amazonas. Só no ano passado, foram 4 mil, segundo o Ministério da Justiça. Para obter o visto, o imigrante terá que comprovar ao governo brasileiro, por exemplo, que não tem nem pendências criminais com o governo de seu país nem é procurado internacionalmente.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-01-19/ministerio-da-saude-libera-r-13-milhao-para-assistencia-aos-haitianos-no-acre</p> <p><i>Acesso em: 20/01/12</i></p> | <p><i>Christina Machado e Renata Giraldi - Agência Brasil EBC - 19/01/12</i></p> |
| <p>“Haitianos barrados no Peru terão ajuda do Governo do Acre”</p> | <p>O Governo do Estado do Acre deverá ajudar os haitianos que se aglomeram na Praça de Iñapari, no Peru, com distribuição de água e alimentos. O país faz fronteira com o Acre e centenas de haitianos estão retidos pela Polícia Federal, por tentarem entrar de forma ilegal no Brasil.</p> <p>A distribuição ficará por conta da Secretaria de Justiça e Direitos Humanos (Sejudh) juntamente com a Prefeitura de Assis Brasil, cidade acriana que faz fronteira com o Peru. Como a distribuição é para território estrangeiro, equipes vão analisar como deve ser realizado o procedimento.</p> <p>“Precisamos fazer o procedimento legal para não causar mais transtornos. Os haitianos estão gastando dinheiro com comida e, mais cedo ou mais tarde, esse dinheiro vai acabar e eles podem ficar em situação pior”, disse o secretário de Direitos Humanos, Nilson Mourão.</p> <p>Mourão esteve reunido com autoridades peruanas nesta semana para verificar a situação dos haitianos do lado vizinho. Segundo ele, são 120 haitianos sobrevivendo na praça principal de Iñapari. Todos possuem visto de turista que garante a permanência por um ano.</p> <p>“Não tivemos provas ainda se esses haitianos sofreram agressões, mas sabemos que eles estão passando por violação de Direitos Humanos. Por isso, queremos ajudá-los com alimentação e água”, disse.</p> <p>Mourão garantiu ainda que não tem nenhum haitiano preso no posto da Polícia Federal para entrar no Acre. Ele ressaltou que os haitianos do lado brasileiro estão amparados pela lei, sendo documentados e seguindo viagem.</p> <p>RECOMENDAÇÃO</p> <p>Na semana passada o Ministério Público Federal no Acre (MPF/AC) recomendou ao Governo Federal que assuma, imediatamente, mediante disponibilização de verbas, de recursos humanos e de infraestrutura adequada, a assistência humanitária aos refugiados haitianos que se encontram em Brasileia, Assis Brasil e Eitaciolândia.</p> | <p><i>Ana Paula Batalha - A Tribuna - 19/01/12</i></p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>Mais de 600 haitianos estão alojados em um hotel em Brasileia, onde caberiam 70 pessoas. Foi verificado precariedade na condição alimentar das pessoas, que até então recebiam apenas duas refeições diárias, além de falta de condições de higiene, saúde, falta de tratamento médico adequado e violação de outros direitos humanos, como a dignidade e o trabalho.</p> <p>ASSISTÊNCIA</p> <p>O Ministério da Saúde determinou que fosse liberado R\$ 1,3 milhão para o Estado do Acre. O recurso será usado para serviços de saúde destinados aos haitianos que se instalaram no Estado. A portaria foi publicada no Diário Oficial da União de ontem (19).</p> <p>Disponível em: http://jornalatribuna.com.br/Mostrar.jsp?id=23295</p> <p>Acesso em: 21/01/12</p> | |
| <p>“Nós e o Haiti: lições e reflexões”</p> | <p>"Pense no Haiti, reze pelo Haiti. O Haiti é aqui. O Haiti não é aqui." (Caetano Veloso)</p> <p>No início, as vítimas éramos nós</p> <p>Até pouco tempo atrás, tudo parecia mais fácil. Problemas com a migração de brasileiros para os Estados Unidos? Dificuldades verificadas com os contrrâneos que tentavam a vida como decasségus no Japão? Denúncias sobre os nossos compatriotas que resolviam imigrar para algum dos países do espaço europeu? Os casos eram muitos e o sentimento de injustiça que nos acometia era enorme. Mas a explicação era simples: culpa dos países ricos.</p> <p>Tudo não passava da intolerância dos governos daquelas terras para com os brasileiros e demais povos do Terceiro Mundo, que apenas tentavam escapar da miséria, pobreza, autoritarismo e desemprego em seus locais de origem. Dificuldades para ingressar nos novos espaços, impossibilidade de obtenção de vistos, necessidade de se submeter a esquemas ilegais para ultrapassar as fronteiras. Esses governos eram a expressão do racismo e da xenofobia, enxergando no estrangeiro a causa das respectivas crises e desemprego. Um verdadeiro absurdo a ser denunciado pelo mundo afora!</p> <p>Era o caso dos Estados Unidos, com suas regras e procedimentos bastante rígidos para ingresso em seu território, além da tentativa de construir um muro na fronteira mexicana, mesmo depois da criação da área de livre comércio da América do Norte - NAFTA. Afinal, ali são mais de 3000 km de fronteira, boa parte sob a forma de deserto. Apesar do controle policial intensivo, o esquema de “coyotes” atravessando de madrugada nunca deixou de existir.</p> <p>Nos países europeus, a tema da imigração tem sido cada vez mais colocado na pauta política ao longo das últimas décadas. E as respostas oferecidas pelos diferentes governos aparecem sob todas as mesmas formas: endurecimento na exigência de vistos, aumento do controle nas fronteiras, estabelecimento de cotas, deportação, reenvio às fronteiras ou aos países de origem. Enfim, uma enorme intolerância para com o estrangeiro, o imigrante.</p> <p>Novos tempos e Brasil na berlinda</p> <p>Pois é, e agora, José? Na verdade, nada como um dia após o outro. O fato é que viramos vidraça. De tempos para cá o Brasil passou a contar em seu próprio espaço com os quadros de dificuldades que sempre denunciávamos lá fora. Afinal, a entrada em nosso território de cidadãos paraguaios, bolivianos, coreanos, chineses, entre outros, não é novidade para ninguém. A grande maioria deles, inclusive, vivendo em condições sub-humanas, labutando sob regime de trabalho degradante (quando não análogo à escravidão), enfim imigrantes ilegais que buscam o Brasil como alternativa de uma vida melhor. E a postura de nossas autoridades tem sido a de fingir ignorância do fenômeno, tolerar o absurdo e continuar tocando a coisa com a barriga.</p> <p>Ao longo das últimas semanas, porém, começou a ganhar espaço nos meios de comunicação um conjunto de informações a respeito de um novo</p> | <p>Paulo Kliass - Carta Maior - 19/01/12</p> |

fluxo migratório, com origem no Haiti. Em razão de nossa presença como responsável pela força de ocupação militar da ONU, a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti – MINUSTAH, talvez dessa feita o governo brasileiro tenha sido constrangido a dar um tratamento mais efetivo ao fato.

Até o momento, as decisões oficiais têm se revelado “impressionantes” e “surpreendentes” – para dizer o mínimo. Sob o argumento de que há um descontrole na vinda de imigrantes ilegais provenientes daquele país da América Central, o governo decidiu “regularizar” essa entrada. E os procedimentos em nada ficam a dever às propostas que as correntes políticas mais conservadoras sempre sugeriram e praticaram na Europa, por exemplo, para tratar a questão dos estrangeiros. Para tanto, ficou estabelecida uma cota anual máxima de imigrantes procedentes do Haiti. O limite é de 1200 por ano, 100 por mês. Uma loucura! Não há o menor sentido em estabelecer esse quantitativo sem pé nem cabeça. A não ser que o objetivo seja realmente impedir os haitianos de virem para cá. Em tese, os pedidos devem ser feitos junto à Embaixada brasileira na capital, Porto Príncipe. Ora, todo mundo sabe das dificuldades para se conseguir cumprir com esse ritual junto à administração pública diplomática, principalmente para as camadas da população mais afetadas pela crise e que pretendem justamente sair num ato de desesperança.

Por aqui, a Polícia Federal já está atuando de forma a impedir o ingresso de novos imigrantes pelas fronteiras amazônicas e o governo do Acre estaria proibido de oferecer até mesmo ajuda humanitária aos haitianos que tentem entrar em nosso território [1]. A política oficial é de devolver o cidadão à fronteira e, no limite, deportá-lo. O único aspecto positivo das decisões foi o reconhecimento “de fato” dos que já estejam em nosso território e que devem receber também, a exemplo dos novos pretendentes, um visto de permanência.

Cotas são injustas e não resolvem

Além disso, é importante registrar que tal conduta do governo não vai resolver o problema da imigração ilegal, assim como nem mesmo o forte controle policial na fronteira dos Estados Unidos com o México impediu o fluxo clandestino por lá. Há um elemento determinante, de natureza estrutural nesse processo de rotas migratórias. Trata-se da absoluta falta de perspectivas no território de onde se sai e algum grau de atratividade do local para onde se dirige. São amplamente conhecidas as profundas dificuldades por que passa o Haiti - sejam as históricas condições de miséria e pobreza da maioria de sua população, seja o agravamento de tal realidade pelo triste terremoto ocorrido há 2 anos atrás, com o registro oficial de mais de 200 mil mortes. Já o Brasil passou a entrar no imaginário da população daquele país por sua participação como coordenador da MINUSTAH e pelos resultados mais interessantes de sua economia, quando comparado aos países do hemisfério norte. Enfim, uma parte do Brasil foi para o Haiti. Agora, estamos recebendo por aqui uma pouco também do Haiti.

Nossa fronteira seca se estende por mais de 17 mil km e temos contato físico com 10 países aqui na América do Sul. Como se fala no jargão dos especialistas, ela é uma verdadeira “peneira”. Que o digam as volumosas quantidades de tráfico ilegal de armas e drogas que passam há muito tempo, quase sem controle, sob todas as formas de transporte: aéreo, fluvial e terrestre. Assim, enquanto for considerado “razoável” por setores interessados correr o risco de contratar a viagem desde o Haiti até um país nosso vizinho, utilizar os serviços da versão sul-americana do “coyote” e penetrar em território brasileiro, o fluxo deverá continuar. As cotas não serão o impedimento. Como ocorreu e ainda ocorre por aqui e em todos os continentes.

Necessidade de uma política séria de imigração

| | | |
|---|--|--|
| | <p>Outro ponto que chama a atenção é o fato da formação social brasileira ter na imigração um elemento forte de sua própria constituição. O Brasil que conhecemos hoje é fruto de várias correntes migratórias ao longo de sua história, com importantes fluxos ao longo do último século – italianos, japoneses, cidadãos originários de regiões e países da Europa central, imigrantes do Oriente Médio, entre tantos outros. Assim, o tratamento oficial conferido ao imigrante, ao estrangeiro, deveria refletir essa tendência à incorporação e à aceitação do “outro”.</p> <p>O caminho escolhido, no entanto, foi o oposto: o estabelecimento de cotas e o endurecimento policial e repressivo, que refletem uma postura de intolerância. E que pode facilmente derrapar e acabar reforçando o potencial político de natureza reacionária, como elemento de reforço do racismo e do chauvinismo. E o mais contraditório é que a marca do imigrante está, inclusive, muito presente até mesmo nos integrantes do primeiro escalão do governo. Senão, vejamos apenas alguns dos sobrenomes que ainda estão ou já passaram pelo governo da Presidenta Rousset: Salvatti, Mantega, Saito, Hoffmann, Haddad, Mercadante, Palocci, Tombini, Hage, Rossi, Pochmann, Adams, Campello, Florence, Lupi, Arbex, entre outros.</p> <p>Não se pretende aqui defender a tese de que o Brasil possa resolver sozinho os problemas de pobreza e miséria de todo o planeta, abrindo indefinidamente suas fronteiras para quem quiser vir nesse mundo em crise. Porém, se comemoramos a conquista do 6ª posição dos PIBs nacionais e se nos candidatamos a comandar a força internacional de ocupação do Haiti, o mínimo que devemos oferecer aos cidadãos daquele país é um comportamento mais humanitário e de solidariedade no quesito imigração. Inclusive porque o impacto quantitativo da presença haitiana em nossas terras será diminuta, em termos proporcionais.</p> <p>Na verdade, o que esse fato revela é a inexistência de uma política efetiva e consistente do Estado brasileiro para lidar com a questão da imigração. Assim, além de equacionar a questão dos haitianos com medidas que se revelem mais adequadas do que a mera imposição de cotas, essa pode ser a oportunidade de se abrir esse debate de forma mais ampla na sociedade.</p> <p>O governo estuda medida para estimular imigração de mão de obra qualificada, a chamada “drenagem de cérebros” do exterior, inclusive aproveitando a crise e as altas taxas de desemprego nos países industrializados. Pode até revelar-se interessante para suprir conjunturalmente a carência momentânea de nosso mercado de trabalho. Mas apenas esse tipo de proposta e a imposição de cotas são evidentemente insuficientes para definir uma política nacional de imigração. Se é que pretendemos ter alguma.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaImprimir.cfm?coluna_id=5416 <i>Acesso em: 29/01/12</i></p> | |
| <p>“Haitianos barrados na fronteira do Brasil dormem em igreja no Peru”</p> | <p>Os haitianos que estão na cidade peruana de Iñapari, na fronteira com o Acre, estão dormindo no chão de uma igreja e de um galpão, segundo representantes da prefeitura e da Câmara de Vereadores de Assis Brasil (AC). Eles afirmam que só quando chegaram à cidade souberam que o Brasil não permite mais a entrada de haitianos sem visto.</p> <p>Segundo a Secretaria de Assistência Social de Assis Brasil, com a chegada de mais 12 pessoas na noite de quinta-feira, o grupo de estrangeiros já passa de 190. Eles estão em Iñapari desde a última terça-feira.</p> <p>— Todos dizem que estão esperando visto para entrar no Brasil. Eles não têm como voltar — contou nesta sexta-feira Neia Araújo, funcionária do gabinete da prefeitura de Assis Brasil.</p> <p>O assessor da Câmara de Vereadores de Assis Brasil Orcélio dos Rios esteve na sexta em Iñapari e contou que muitos haitianos só conseguem fazer uma refeição por dia. De acordo com ele, na quarta-feira, os haitianos</p> | <p>Marcelle Ribeiro - O Globo - 20/01/12</p> |

| | | |
|---|---|---|
| | <p>barrados pela Polícia Federal encaminharam um abaixo-assinado ao governo peruano, pedindo ajuda.</p> <p>Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/haitianos-barrados-na-fronteira-do-brasil-dormem-em-igreja-no-peru-3727771</p> <p>Acesso em: 29/01/12</p> | |
| “Enquanto Inês é viva” | <p>A delicada questão da entrada dos haitianos acendeu uma luz amarela no governo, que identificou 37 pontos (mais) vulneráveis nos cerca de 17 mil km de fronteiras terrestres e que treme só de pensar que a ponte entre o Amapá e a Guiana Francesa pode virar uma nova "Ponte da Amizade", que une o Brasil ao Paraguai.</p> <p>Em nome da "amizade", os sucessivos governos brasileiros assistiram perplexos e praticamente inertes a uma escalada da ilegalidade e de um fluxo estimado hoje em quase 18 mil veículos por dia. Sem contar os barcos clandestinos que deslizam sob o beneplácito da polícia paraguaia.</p> <p>Acontece de tudo um pouco ali: a locomotiva do contrabando puxa o trânsito de criminosos e de trabalhadores ilegais e o tráfico de pessoas, de drogas e de armas.</p> <p>"Como fiscalizar? Parar um por um? Impossível", admite o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo.</p> <p>A história tem tudo para se repetir agora ao Norte do país, principalmente com a crise na Europa, que tende a empurrar latino-americanos porta afora da Espanha e de Portugal, por exemplo.</p> <p>Infiltrado entre os que querem apenas sobreviver sempre cabe mais um: o bandido. Adivinha onde ele pode ir (ou vir) parar?</p> <p>Como a Guiana é território da França, os voos entre os dois são domésticos, dispensando passaportes, vistos e os rigores de segurança das viagens internacionais. O trajeto se torna atraente como rota de migração e promissor como alternativa para o tráfico (de drogas, armas...).</p> <p>Justiça e Defesa planejam aumentar a vigilância, o policiamento ostensivo e as operações de inteligência na área enquanto é tempo.</p> <p>No caso da ponte com o Paraguai, ninguém preveniu, ninguém remediou e agora nem há mais como remediar. Milhares de famílias vivem disso e a diplomacia do "não-me-toques" entre vizinhos impede qualquer ação real. É fechar os olhos e deixar pra lá. Inês é morta.</p> <p>Disponível em: http://arquivoetc.blogspot.com/2012/01/enquanto-ines-e-viva-eliane-cantanhede.html</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | <p><i>Eliane Cantanhêde - Folha de São Paulo</i> - 20/01/12</p> |
| “Peru tenta ajudar imigrantes haitianos” | <p>O governo peruano solicitou ao governo brasileiro que permita a entrada de um grupo de 162 imigrantes do Haiti no Brasil. Os imigrantes estão num coreto na praça da cidade de Iñapari no Peru. Eles têm passado fome e sede e dormem sentados no chão, e não contam com o apoio dos direitos humanos.</p> <p>O governo brasileiro decidiu pela emissão limitada de vistos de trabalho e determinou o reforço policial na fronteira com a Bolívia, Peru e Colômbia. O Ministério das Relações Exteriores vai conceder um visto de caráter especial, através da embaixada do Brasil em Porto Príncipe, capital do Haiti.</p> <p>De acordo com o governo brasileiro, o objetivo da medida é regularizar a situação dos imigrantes haitianos que têm entrado no país pelo Acre e pelo Amazonas. Uma resolução do Conselho Nacional de Imigração prevê que poderão ser concedidos até 1,2 mil vistos por ano, o que corresponde a uma média de 100 concessões por mês.</p> <p>Disponível em: http://www.radiosociedadeam.com.br/portal/noticia.aspx?nid=91810</p> <p>Acesso em: 21/01/12</p> | <p><i>Adriana Elis - R7 - Sociedade Online</i> 20/01/12</p> |
| “Imigrantes haitianos chegam ao RS para trabalhar em indústria de massas em | <p>Desembarcou no Aeroporto Salgado Filho por volta das 15h desta sexta-feira o grupo de 14 haitianos que trabalhará na Massas Romena, em Gravataí, na Região Metropolitana.</p> <p>O grupo havia embarcado no Acre e foi levado a um alojamento em Gravataí. Nos próximos dias, os haitianos — 13 homens e uma mulher — receberão treinamento e realizarão consultas médicas antes de começar a</p> | <p><i>Rossana Silva - Zero hora -</i> 20/01/12</p> |

| | | |
|--|---|---|
| Gravatai” | <p>trabalhar, provavelmente na metade da próxima semana.</p> <p>Os haitianos que chegaram ao Estado fazem parte da leva de mais de 4 mil imigrantes do país caribenho que têm chegado ao Brasil pelo Acre e pelo Amazonas desde o início do ano passado. Eles receberam visto humanitário do governo brasileiro e serão contratados com carteira assinada.</p> <p>Entre os trabalhadores, está o professor de línguas Jacksin Etienne, 30 anos, que fala português e foi contratado para ajudar os conterrâneos na adaptação.</p> <p>— Espero, depois, conseguir um emprego como professor. Também gostaria de estudar Turismo — disse Etienne.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/noticia/2012/01/imigrantes-haitianos-chegam-ao-rs-para-trabalhar-em-industria-de-massas-em-gravatai-3637956.html <i>Acesso em: 23/01/12</i></p> | |
| “Sobe para 200 a quantidade de caribenhos impedidos de entrar no Brasil” | <p>Se agravou a situação dos haitianos na fronteira do Brasil com o Peru, onde quase 200 imigrantes tentam cruzar a fronteira à procura de trabalho — na semana passada, eram cerca de 100. Eles estão proibidos, pela Polícia Federal, de passar a ponte binacional sobre o Rio Acre — que divide os dois países — e impedidos de circularem pela cidade peruana de Iñapari, onde se encontram atualmente. Os estrangeiros estão restritos a duas áreas fornecidas pela Igreja Católica. Ontem, a União liberou R\$ 1,3 milhão para que o governo do Acre ajude os imigrantes com alimentação e atendimento médico. Outras 600 pessoas ainda estão em Brasileia (AC), também na fronteira, aguardando a legalização de suas situações.</p> <p>Há uma semana, o Conselho Nacional de Imigração (CNIg) aprovou uma resolução do governo, que passou a exigir o visto de trabalho para haitianos que desejam ingressar no Brasil, mesmo que não tenham emprego garantido. A medida foi uma forma de impedir a entrada maciça de estrangeiros do país caribenho, como vinha ocorrendo com frequência nas divisas do Acre e do Amazonas com Peru e Bolívia. Desde 2010, quando ocorreu o terremoto que arrasou Porto Príncipe, cerca de 4 mil imigrantes haitianos entraram em território brasileiro em busca de empregos, principalmente na construção civil.</p> <p>Mas as medidas adotadas pelo governo brasileiro não intimidaram a imigração. No sábado, cerca de 100 haitianos chegaram a Iñapari em direção a Brasileia para tentar a legalização e se deslocar para outras partes do país em busca de emprego. “Hoje, já são cerca de 200 pessoas que não podem sair de onde estão no lado peruano”, conta Edmilson Lopes Pereira Júnior, secretário de Planejamento do município de Assis Brasil (AC). “A situação do outro lado (no Peru) está difícil, já que eles não podem sair de dois espaços cedidos pela igreja”, conta o secretário.</p> <p>Temendo que a situação se agrave, ontem houve uma reunião emergencial entre representantes da Secretaria Estadual de Justiça e dos Direitos Humanos e do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) com autoridades peruanas. O Brasil se dispôs a fornecer alimentação aos imigrantes se houver uma contrapartida do governo local. “Muitas das pessoas que estão do outro lado da fronteira justificam que possuem irmãos, pais ou filhos que já estão no Brasil”, diz o secretário municipal. O problema será levado hoje ao Ministério da Justiça pela Procuradoria da República no Acre.</p> <p>A alimentação será comprada com parte do R\$ 1,3 milhão liberado ontem pelo Ministério da Saúde. A pasta informou também que os recursos serão utilizados para fornecer cuidados médicos aos haitianos que se encontram no estado. O dinheiro será repassado mensalmente, em parcelas de aproximadamente R\$ 108 mil, durante um ano, segundo a portaria assinada pelo ministro Alexandre Padilha.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica-brasil-</p> | Edson Luiz - Correio Braziliense - 20/01/12 |

| | | |
|---|--|---|
| | economia/33,65,33,14/2012/01/20/interna_politica,286999/sobe-para-200-a-quantidade-de-caribenhos-impedidos-de-entrar-no-brasil.shtml Acesso em: 20/01/12 | |
| “Peru faz apelos para Brasil receber imigrantes haitianos na fronteira” | <p>Autoridades de Iñapari, no Peru, passaram a fazer apelos para que o governo brasileiro receba um grupo de 162 imigrantes haitianos (124 homens e 34 mulheres) que ocupa o coreto da praça de armas da cidade de 1,2 mil habitantes.</p> <p>Ao relento, sem apoio de grupos de defesa dos direitos humanos, os haitianos que estão em território peruano padecem de fome, não têm onde beber água e dormem sentados no chão, recostados na bagagem ou nos corpos de seus compatriotas.</p> <p>- Nós não temos nada, mas aqui está melhor do que no Haiti. Perdemos tudo em nosso país, onde tudo permanece no chão desde o terremoto - afirmar Jeanelus Eslande, de 37 anos, enquanto capta água da chuva com uma garrafa de plástico.</p> <p>Ex-empregada doméstica, Jeanelus deixou na casa de parentes um filho de seis anos de idade e se aventurou na longa viagem com esperança de ingressar no Brasil acompanhada da filha Belizaire Mirmathe, de 13.</p> <p>- No Haiti, estamos morrendo de fome, doenças, e não temos trabalho. Querem nos mandar de volta para lá, mas o que vamos fazer no Haiti se vendemos tudo o que tínhamos para chegar até aqui? - indaga a mulher, que dormiu com a filha, ambas escoradas na mala que carregam.</p> <p>Iñapari é separada pelo Rio Acre do município de Assis Brasil, a 345 quilômetros de Rio Branco, a capital acreana. Na quarta-feira (18), quando havia apenas 120 haitianos do lado peruano, os imigrantes tentaram atravessar a Ponte da Integração, mas foram barrados por agentes da Polícia Federal, que pedi reforço da Força Nacional para enfrentar a situação.</p> <p>Os 162 imigrantes que estão em Iñapari saíram do Haiti antes do dia 12, quando o governo brasileiro decidiu pela emissão limitada de vistos de trabalho para haitianos e determinou o reforço policial na fronteira com a Bolívia, Peru e Colômbia.</p> <p>O visto terá caráter especial e será concedido pelo Ministério das Relações Exteriores, por intermédio da embaixada do Brasil em Porto Príncipe, capital do Haiti.</p> <p>Uma resolução do Conselho Nacional de Imigração prevê que poderão ser concedidos até 1,2 mil vistos por ano, correspondendo a uma média de 100 concessões por mês.</p> <p>O governo brasileiro alega que o objetivo da medida é regularizar a situação dos imigrantes haitianos que têm entrado no país pelo Acre e pelo Amazonas. Segundo o Ministério da Justiça, foram quatro mil no ano passado.</p> <p>O grupo que se encontra na praça de Iñapari já estava em viagem quando o governo brasileiro decidiu praticamente fechar a fronteira. Na quarta, em carta enviada ao prefeito de Iñapari, os haitianos deixaram claro que o destino deles é o Brasil.</p> <p>- Nós estamos de passagem somente, porque nosso objetivo é chegar ao Brasil, em busca de melhores condições de vida, já que nosso país está devastado pelo terremoto. Não temos nem água para tomar banho nem para beber e já estamos adoecendo por causa disso.</p> <p>Na carta, os haitianos pediram aos peruanos hospedagem, comida e água como ajuda humanitária. Depois que os imigrantes foram barrados e enviaram a carta, autoridades brasileiras e peruanas se reuniram em Iñapari no dia seguinte.</p> <p>Segundo informações da Direção de Migrações de Puerto Maldonado, uma das regiões mais pobres do Peru, mais haitianos estão a caminho de Iñapari, onde as autoridades não contam com recursos financeiros nem infraestrutura para ajudá-los. A presença dos haitianos já é considerado um problema social na pequena cidade.</p> <p>O superintendente da Polícia Federal no Acre, José Calazane, participou</p> | Altino Machado - Blog da Amazônia - Terra Magazine -20/01/11 |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>da reunião junto com o delegado Edilson Barbosa. A PF permitirá apenas o ingresso de haitianos que apresentarem passaporte com visto obtido na Embaixada Brasileira em Porto Príncipe.</p> <p>- Nós temos que cumprir uma decisão de estado. Não estamos autorizados a permitir o ingresso de imigrantes que deixaram o Haiti antes da decisão do governo brasileiro. Dependemos agora de uma decisão da presidente Dilma. Só ela para resolver o impasse - disse o superintendente Calazane.</p> <p>As autoridades peruanas informaram que todos os haitianos presentes em Iñapari são considerados imigrantes legais, pois ingressaram no Peru com vistos de turistas. Eles poderão permanecer no país até um ano.</p> <p>Os peruanos pediram com insistência para que a Polícia Federal permita o ingresso dos haitianos em território brasileiro. Eles também defenderam que a diplomacia dos dois países devem buscar um solução humanitária para o problema.</p> <p>- Com homens e mulheres impedidos de passar para o Brasil, porque na ponte está a Polícia Federal vigiando, está criada uma crise humanitária na fronteira. Esperamos que as negociações com o governo do Brasil prosperem e os haitianos possam ingressar no país - comentou o padre peruano René Salizar, de Iberia, que atua num grupo de defesa dos direitos humanos na fronteira.</p> <p>Os haitianos têm agido com honestidade ao tentarem passar pelas barreiras policiais, especialmente quando alcançam a fronteira brasileira.</p> <p>Existem centenas de caminhos dentro da floresta que conduzem às margens do Rio Acre. A Polícia Federal jamais vai dispor de homens suficientes para garnecê-los.</p> <p>A partir de qualquer um desses pontos, bastaria os haitianos atravessarem o rio para alcançarem o território brasileiro.</p> <p>Brasileia</p> <p>Ainda existem 550 imigrantes haitianos no município de Brasiléia, na fronteira com a Bolívia. Diferente dos que estão em Iñapari, estão abrigados, se alimentam três vezes ao dia e várias empresas passaram a disputar a contratação dos imigrantes.</p> <p>Nesta semana, a construtora Odecrecht levou 40 haitianos para uma obra no Mato Grosso. Entre eles estava um jovem de 24 anos que fala fluentemente cinco idiomas e que nos últimos meses lecionava português para os compatriotas nos finais de semana.</p> <p>A Romena, uma indústria de massas de Gravataí (RS), contratou 14 haitianos. A empresa pagou as passagens aéreas dos imigrantes do Acre ao Rio Grande do Sul. Tem sido cada dia mais frequente a presença de empresários ou seus representantes selecionando haitianos para o trabalho.</p> <p>O fazendeiro Antonio Carlos Franganiello Melhem e o filho, Thadeu, agrônomo, se destacam na praça central de Brasiléia, que passa o dia ocupada por homens e mulheres haitianos. Pai e filho conversaram com dezenas de imigrantes ávidos por informações.</p> <p>- Saiba que sou primo do Wálter Fanganiello Maierovitch, que também escreve em Terra Magazine. Vivo em Sete Barras, perto de Registro, a 200 quilômetros de São Paulo. Estou aqui porque quero sangue novo trabalhando comigo - disse o fazendeiro em entrevista exclusiva ao Blog da Amazônia.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://blogdaamazonia.blog.terra.com.br/2012/01/20/peru-faz-apelos-para-brasil-receber-imigrantes-haitianos-na-fronteira/</p> <p><i>Acesso em: 21/01/12</i></p> | |
| <p>“Aumenta número de haitianos sem visto barrados na fronteira”</p> | <p>O número de haitianos sem visto que esperam na fronteira do Peru com o Brasil para tentar entrar no Acre está crescendo, segundo a Secretaria municipal de Assistência Social de Assis Brasil (AC). Segundo a secretária Eliete Cordeiro, na quarta-feira cerca de 120 haitianos aguardavam na cidade peruana de Iñapari, após terem sido barrados pela Polícia Federal, devido à</p> | <p>Sem autor - O Globo - 21/01/12</p> |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>decisão do governo brasileiro de proibir a entrada de cidadãos do Haiti sem visto, tomada dia 10 de janeiro. Nesta quinta-feira, porém, segundo a secretária, já havia 180 estrangeiros em Iñapari.</p> <p>Segundo Eliete, os haitianos estão com visto peruano de turista válido, mas querem entrar no Brasil em busca de emprego. Uma ponte separa Iñapari de Assis Brasil e, para evitar que haitianos entrem no Brasil sem visto, a PF teria montado posto móvel na parte brasileira da ponte.</p> <p>Em reunião nesta quinta-feira entre autoridades policiais e dos governos do Brasil e do Peru, a prefeitura de Assis Brasil decidiu doar 200 kg de arroz, 200 kg de feijão e 200 kg de farinha aos haitianos.</p> <p>- O MP e a PF conversaram com eles e vão encaminhar ao governo brasileiro o pedido dos haitianos, que querem entrar no Brasil. Dizem que não há como viver no Haiti - disse Eliete.</p> <p>Ficou acertado que a prefeitura de Iñapari providenciará um ginásio ou escola onde os haitianos possam cozinhar e dormir. Segundo o secretário estadual de Direitos Humanos do Acre, Nilson Mourão, os haitianos, que chegaram à fronteira na terça, passam o dia numa praça de Iñapari; muitos já estão sem dinheiro, têm dormido na casa de moradores ou em pensões. Vários têm tios e sobrinhos no Brasil.</p> <p>Segundo o secretário, uma equipe do Desenvolvimento Social visitou nesta quinta-feira as cidades acreanas de Brasileia, Eitaciolândia e Assis Brasil, para analisar como a pasta pode ajudar. O Acre pleiteia ajuda para hospedar melhor os cerca de 600 haitianos ainda em Brasileia.</p> <p>Mourão disse que o número de haitianos em Brasileia tem diminuído, principalmente depois que o procedimento para recebimento do visto humanitário foi agilizado. Além disso, o governo do Acre continua pagando a passagem de ônibus de haitianos para que deixem Brasileia e sigam para Rio Branco.</p> <p>- Todo dia partem no mínimo 40 haitianos. Hoje (quinta-feira), estão partindo cem. A PF agilizou o procedimento para obter a documentação. Até o fim desta semana todos estarão documentados. Hoje, há cerca de 600 haitianos em Brasileia. Acho que 250 ainda esperam visto. Muitos já conversam com empresas que vão a Brasileia para selecionar funcionários. No fim de janeiro, creio que haverá menos de cem haitianos em Brasileia.</p> <p>Segundo o agente social da Secretaria estadual de Justiça e Direitos Humanos do Acre Damião Melo, desde o início do ano cerca de 120 haitianos saíram de Brasileia após empresários irem à cidade recrutá-los para vagas em MT, SC, SP, RS e PR.</p> <p>O Ministério da Saúde publicou no Diário Oficial nesta quinta-feira autorização para enviar R\$ 1,3 milhão/ano para reforçar o atendimento do Acre aos haitianos. Segundo o ministro da Saúde, Alexandre Padilha, em nota, a medida evitará que problemas de saúde sejam introduzidos no Brasil: "O governo brasileiro também apoia ações no Haiti, decisivas para redução de casos de cólera. Agindo com o governo haitiano e promovendo ações nas fronteiras, reduzimos o risco de introdução de doenças no Brasil".</p> <p>Disponível em: http://moglobo.globo.com/integra.asp?txtUrl=/pais/aumenta-numero-de-haitianos-sem-visto-barrados-na-fronteira-3719710</p> <p>Acesso em: 21/01/12</p> | |
| <p>"Brasil seria pioneiro se reconhecesse haitianos como refugiados"</p> | <p>Para a concessão do refúgio, o direito internacional exige que a imigração seja motivada por um temor de perseguição por razões de etnia, religião, opinião política, nacionalidade e pertencimento a um determinado grupo social, ou, ainda, pela existência de uma situação de violação massiva dos direitos humanos provocada por agressão estrangeira, conflitos internos ou outras perturbações da ordem pública de causas humanas.</p> <p>Os chamados refugiados ambientais – pessoas obrigadas a fugir do seu país de origem por problemas ligados ao meio ambiente – não são, assim, abrangidos pelo conceito de refugiado. Por tal razão é que o Conselho Nacional de Refugiados (Conare) vem negando os pedidos de refúgio dos</p> | <p><i>Fábio Henrique Rodrigues de Moraes Fiorenza - Conjur - 21/01/12</i></p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>imigrantes haitianos. Alternativamente, contudo, o Conselho Nacional de Imigração – CNIG, órgão vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego, decidiu conceder-lhes o visto humanitário.</p> <p>Embora tal iniciativa seja digna de aplausos – tendo em vista que, corretamente, reconhece a preponderância dos Direitos Humanos sobre a legalidade estrita –, o próprio fato de ela depender de ato de natureza decisória mostra que o sistema não se encontra adequadamente estruturado, eis que a proteção aos Direitos Humanos não pode se sujeitar à liberdade de escolha do governo do momento ou de seus órgãos.</p> <p>É que a decisão de conceder ou não visto a alguém é uma decisão discricionária do Poder Executivo, e tem, por isso, caráter constitutivo; é dizer, os requerentes não têm direito ao visto – o governo concede se quiser. De outro lado, a condição de refugiado impõe um ato vinculado ao governo, que apenas reconhece que determinada pessoa se enquadra na definição de refugiado e que, por consequência, tem o direito à concessão do refúgio e a todos os direitos daí decorrentes. Neste caso, o governo não tem escolha: ele é obrigado a conceder o refúgio.</p> <p>Mas para que os haitianos fossem reconhecidos como refugiados seria necessário que tal status fosse estendido aos migrantes ambientais. Num planeta em que, segundo a Universidade das Nações Unidas, existem 50 milhões de pessoas fora do seu habitat de origem por problemas ligados ao meio ambiente, e que o aumento do nível do mar causado pela ação humana coloca em risco inclusive países inteiros, como é o caso de Tuvalu e Maldivas, a inclusão da migração ambiental como base suficiente para a concessão do refúgio é absolutamente necessária para uma adequada proteção aos Direitos Humanos.</p> <p>O governo brasileiro poderia, assim, ter avançado mais, assumindo uma posição de vanguarda, se, mediante uma interpretação sistemática e teleológica dos documentos internacionais de proteção dos Direitos Humanos, tivesse reconhecido os haitianos como refugiados. Teria sido um ótimo exemplo que o Brasil, sede da próxima conferência mundial sobre Meio Ambiente, a Rio+20, e recém-ingresso na categoria dos global players, poderia ter dado ao mundo.</p> <p>Disponível em: http://www.conjur.com.br/2012-jan-21/brasil-seria-pioneiro-reconhecesse-haitianos-refugiados</p> <p>Acesso em: 23/01/12</p> | |
| <p>“Força Nacional vigia cerca de 200 haitianos que tentam entrar no Brasil”</p> | <p>A Polícia Federal recebeu reforço da Força Nacional de Segurança Pública para fiscalizar a fronteira do Brasil com o Peru, onde cerca de 200 haitianos estão concentrados na esperança de entrar no país. Os imigrantes chegaram na semana passada e não sabiam que o ingresso sem o visto de trabalho está proibido.</p> <p>O governo do Acre se reuniu com autoridades peruanas para discutir uma ajuda humanitária aos estrangeiros, com alimentação e remédios. A Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do estado contatou o Conselho Nacional de Imigração (CNIG) para ver qual procedimento adotar em relação a essas pessoas.</p> <p>Os haitianos começaram a chegar à fronteira há uma semana, em pequenos grupos. Eles estão concentrados em um coreto na cidade de Iñapari, no Peru, vizinha ao município acriano de Assis Brasil. Muitos estão sem dinheiro, comida ou água, segundo o secretário de Justiça e Direitos Humanos do Acre, Nilson Mourão. “Os haitianos saíram de seu país sem saber que estava proibida a entrada sem o visto, já que a medida foi anunciada há uma semana”, afirma Mourão. “Por isso estamos ajudando no que podemos, mesmo eles estando em outro país”, acrescenta o secretário.</p> <p>Os imigrantes caribenhos chegaram legalmente ao Peru, onde obtiveram visto de turismo. Entre os estrangeiros, estão mulheres que deixaram os filhos sob os cuidados de parentes para procurar emprego no Brasil. “Vamos esperar alguma orientação do Conselho Nacional de Imigração para ver o que poderá ser feito”, diz Mourão. Porém, no governo ainda não existe a</p> | <p>Edson Luiz - Correio Braziliense - 21/01/12</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>expectativa de alteração da resolução que passou a exigir dos haitianos o visto de trabalho para poder entrar em território brasileiro.</p> <p>Ponte</p> <p>Em Assis Brasil, dois carros da Polícia Federal fazem a fiscalização na cabeceira da ponte binacional sobre o Rio Acre, que separa Brasil e Peru. A PF ganhou ontem o reforço da Força Nacional de Segurança Pública e, até agora, não teve problemas — apesar de proibidos de atravessar a ponte, os imigrantes não buscam outros meios para cruzar a fronteira, seja por água ou por inúmeras estradas vicinais existentes no local.</p> <p>Autoridades peruanas acreditam que novos grupos de imigrantes estejam a caminho de Iñapary sem saber da decisão do governo brasileiro de restringir a entrada dos estrangeiros. Os haitianos passaram a vir em massa ao país a partir de 2010, depois do terremoto que assolou o país e matou mais de 316 mil pessoas.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2012/01/21/inter_na_politica,287134/forca-nacional-vigia-cerca-de-200-haitianos-que-tentam-entrar-no-brasil.shtml</p> <p><i>Acesso em: 21/01/12</i></p> | |
| <p>“Acre vai ajudar haitianos famintos em Iñapary”</p> | <p>O Governo do Acre vai promover esforços para ajudar os 125 haitianos assentados na praça principal de Iñapary com medicamentos, alimentação e água, segundo anunciou a Secretaria de Justiça e Direitos Humanos (Sejudh), nesta sexta-feira, 20.</p> <p>Duas reportagens, uma da TV Gazeta e outra do site AGazeta.net, mostraram o drama dos haitianos que estão impossibilitados de entrarem no País, depois do embargo do Ministério das Relações Exteriores.</p> <p>Eles estão em Iñapary (cidade peruana a 310 quilômetros de Rio Branco, na fronteira com Assis Brasil) sem qualquer auxílio dos governos peruano e boliviano. Não têm água, comida nem local para se hospedarem.</p> <p>O Governo do Acre busca uma alternativa legal de levar medicamentos, alimentos e água para o lado peruano e garantir a ajuda humanitária para os haitianos.</p> <p>Outro pedido da secretária foi enviado a Comissão Nacional de Imigração, para que aceite a entrada dos 125 haitianos, já que o grupo estava em viagem quando a Presidência da República publicou a determinação de proibir a entrada dos haitianos.</p> <p>A Rota - Para chegar até a Fronteira com o Brasil, os haitianos vendem tudo o que tem no seu país. Estão sendo também enganados por quadrilhas organizadas, que negociam o pacote completo de passagens até o Peru.</p> <p>Eles trabalham como os coiotes na fronteira do México com os Estados Unidos. O esquema funciona assim: os haitianos são transportados de barcos até a República Dominicana. Depois, seguem de avião até o Panamá, da capital panamenha, o avião faz conexão em Quito no Equador e por último em Lima no Peru.</p> <p>A quadrilha ainda coloca os haitianos num ônibus até a fronteira com o Brasil. Aqui, eles acreditam no sonho de uma vida melhor, que logo é desfeito.</p> <p>Para fazer a viagem, os haitianos gastam até U\$ 4 mil, pouco mais de R\$ 7 mil. Alguns chegam a pedir dinheiro emprestado, deixam a família e arriscam tudo.</p> <p>Outro incentivo para a chegada de haitianos pelo Peru é a lei do país. Um turista pode pegar visto de seis meses a um ano.</p> <p>As quadrilhas, quando compram a passagem para o haitiano, compram de ida e volta, com isso conseguem o visto de turista facilmente.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://acrenoticia.com/index.php?option=com_content&view=article&id=5957:acre-vai-ajudar-haitianos-famintos-em-inapary&catid=95:haiti&Itemid=28</p> <p><i>Acesso em: 23/01/12</i></p> | <p><i>Sem autor - Acre Notícias - 21/01/2012</i></p> |

| | | |
|--|---|--|
| <p>“Brasil recibe al éxodo haitiano”</p> | <p>En los últimos días la Policía Federal impidió el paso a por lo menos 200 haitianos que intentaban ingresar en Brasil por la frontera peruana, en la provincia de Acre, en la Amazonia. Y cada día se suman a ellos entre 70 y 80 más, que hicieron un largo, caro y peligroso viaje partiendo de Haití hacia la República Dominicana, luego pasando por Panamá y Perú, para entonces intentar el cruce de la frontera. En Brasil les esperan ofertas seguras de empleo y, por encima de todo, sueño y esperanza. Escapan de un país destrozado, arruinado y miserable.</p> <p>Hay por lo menos cuatro mil que llegaron y están trabajando. Los que por esos días llegaron a Iñapari, en Perú, a un puente de distancia de Assis Brasil, en Acre, no tuvieron la misma suerte. No podrán entrar hasta que se encuentren alternativas legales para que reciban un visado antes de pasar la frontera. El tiempo es corto: Perú acaba de decidir que exigirá visado de entrada a los haitianos dentro de quince días. Quedarán en un limbo, a la espera de que se decida su destino. Sin dinero, sin asistencia, sin tener dónde alojarse. Cada uno de los que llega a Brasil paga –vaya a saber cómo: la renta media de un haitiano es de dos dólares al día– entre 2600 y 3000 dólares a contrabandistas de gente, disfrazados de agencias de viaje.</p> <p>Nadie sabe con certeza cómo empezó ese movimiento, pero a estas alturas están en Brasil poco más de cuatro mil haitianos, casi todos trabajando legalmente. La llegada de nuevos grupos constituye un problema jurídico y legal bastante intrincado, ya que, al entrar en territorio brasileño, los haitianos –mal aconsejados por los contrabandistas de gente– piden asilo. Y la verdad es que no son refugiados políticos: son refugiados económicos, refugiados de la desgracia, refugiados de la vida. De tener en cuenta, al pie de la ley y de los acuerdos internacionales, sus pedidos de asilo, Brasil tendría que deportar a todos.</p> <p>Para lograr el control sobre la llegada de haitianos, el gobierno anunció medidas específicas. Alegando razones humanitarias, decidió extender, a través de la embajada en Puerto Príncipe, cien visados mensuales a haitianos que quieran venir. Serán 1200 anuales, por un período de cinco años. La ley brasileña asegura el mismo derecho a sus padres, esposa e hijos. Aquí encontrarán trabajo en la construcción, en la manutención de carreteras, en obras para el Mundial de 2014, donde sea. Algunos podrán transformarse en profesores de francés.</p> <p>Al mismo tiempo, declaraciones de funcionarios del gobierno dejan bien claro que existen dos tipos de recepción para los que estén mirando hacia Brasil como una especie de tierra prometida.</p> <p>Entre enero y septiembre del año pasado fueron expedidas 51.353 autorizaciones para extranjeros trabajar en Brasil. Existe, en sectores del gobierno, la firme intención de impulsar una política amplia, destinada a atraer más y más extranjeros, pero de determinado tipo. Acorde con declaraciones de algunos funcionarios, existe un potencial de hasta 400 mil “inmigrantes calificados” dispuestos a instalarse en Brasil, buscando aquí lo que la crisis económica les tomó en sus países.</p> <p>Por “inmigrantes calificados” se entiende profesionales con formación universitaria. Es decir, inmigrantes de lujo, de preferencia europeos. Los haitianos, a su vez, son considerados, aunque nadie lo diga, “descalificados”, por tratarse de trabajadores humildes que huyen del hambre, la miseria y la desesperanza.</p> <p>La Secretaría de Asuntos Estratégicos de la presidencia de la Nación anuncia, con evidente alegría, que está dando los últimos retoques a una nueva política nacional de inmigración, destinada exclusivamente a profesionales extranjeros “altamente calificados”. Cuando esté implantada, esa política dejará claro en que habrá colas y filas para haitianos, alfombra roja para europeos.</p> <p>Funcionarios de esa secretaría alardean, sin temor, de que Brasil ahora es “una isla de prosperidad” y que existe “mucho gente de buena calidad” que quiere venir. En los últimos cuatro años, mientras España se hunde en un</p> | <p>Erick Nepomuceno - Página 12 - 22/01/12</p> |
|--|---|--|

| | | |
|---|--|---|
| | <p>naufraio econômico y social, el número de visas de trabajo y residencia concedida a españoles aumentó un 45 por ciento. Las empresas brasileñas los reciben con buenos sueldos y ofertas tentadoras.</p> <p>Desde 2008, 87 mil españoles fueron beneficiados por la generosidad brasileña. Nadie habla de una “ola de inmigración” española, como se refieren en Brasília a los cuatro mil haitianos que huyeron de las ruinas en que se transformó su país desde el terremoto de 2010.</p> <p>Nadie admite, cuando en declaraciones oficiales destacan las “razones humanitarias” y la “generosidad brasileña” en relación con los haitianos, que mucho más generosa es la política que se diseña para la inmigración selectiva. Aquella de los “altamente calificados”.</p> <p>Disponível em: http://www.pagina12.com.ar/diario/elmundo/4-185987-2012-01-22.html</p> <p>Acesso em: 29/01/12</p> | |
| <p>“Brasileiras planejam se casar com os 'discretos' haitianos”</p> | <p>Vestidos com "elegância" e "discretos" para namorar, haitianos que se instalaram no Norte do país para tentar a vida conquistaram o coração de brasileiras, que já planejam casamento com os imigrantes.</p> <p>A cantora e artista plástica Yvana de Lima, 51, oficializou o noivado com o mecânico haitiano Nothon Ridoro, 31, há três semanas. Depois de dez meses de namoro, ele a pediu em casamento. "Eu aceitei. O homem haitiano tem uma personalidade forte. São altos, bonitos e cheirosos.</p> <p>Tratam a mulher muito bem", diz Yvana, que é divorciada, tem dois filhos e uma neta.</p> <p>Yvana estranhou o comportamento do noivo em público. "Ele não gosta de beijar e abraçar em público, mas vou mudar isso, eu gosto de beijar em qualquer lugar."</p> <p>Empregado em uma empresa de material de construção, Ridoro diz, em espanhol fluente, que só está esperando o visto de permanência para se casar no civil e na igreja.</p> <p>"No Brasil encontrei Yvana e senti uma alegria no coração. Por isso quero casar", diz o mecânico, que chegou ao país em março de 2010.</p> <p>A balconista Maria Raimunda Ferreira Moris, 57, também já prepara o casamento. Há cinco meses, ela namora o soldador Darling Joseph, 30. Os dois se conheceram em um curso de computação e querem usar a renda conjunta de R\$ 1.500 para alugar uma casa. Divorciada e avó de cinco crianças, ela diz que tem apoio da família ao relacionamento. "Meus filhos me dizem: 'mãe, vai ser feliz!'"</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/21446-brasileiras-planejam-se-casar-com-os-discretos-haitianos.shtml</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | <p>Kátia Brasil - Folha de São Paulo - 22/01/12</p> |
| <p>“Tabatinga é como limbo para haitianos”</p> | <p>A tentativa do governo de organizar a chegada de haitianos no Brasil com a exigência de visto criou um gargalo em Tabatinga (AM). A cidade se tornou uma espécie de limbo para os mais de 1.300 haitianos que, segundo a PF (Polícia Federal), estão lá.</p> <p>Os que chegaram ali depois do dia 13 de janeiro -quando entrou em vigor resolução do governo brasileiro exigindo visto para haitianos entrarem no país- não podem deixar Tabatinga. Isso porque em todas as saídas (aeroporto, estrada e porto) a polícia exige o protocolo para a concessão do visto, que só é dado aos que chegaram antes dessa data.</p> <p>Tampouco estão sendo deportados. Até agora, apenas dez receberam notificação, e, por enquanto, o governo desconsidera arcar com o custo de fretar um voo para devolvê-los ao Haiti.</p> <p>Ao mesmo tempo, porém, os haitianos ainda conseguem furar a fronteira em Tabatinga. Ao contrário de Brasileia, no Acre, cuja única passagem é uma ponte, em Tabatinga há mais de cem acessos pelos rios.</p> <p>"A fiscalização existe, mas há muitos furos. Eu tenho um rio que divide três países e 10 km de margem. Os barcos podem atracar em qualquer lugar", disse à Folha o delegado da PF Gustavo Henrique.</p> <p>Além de fiscalizar os barcos que chegam a Tabatinga pelo porto da</p> | <p>Luísa Belchior - Folha de São Paulo - 22/01/12</p> |

| | | |
|--|--|---|
| | <p>cidade, os policiais federais também monitoram, em lanchas, outros acessos pelo rio.</p> <p>Na sexta-feira, cinco haitianos que conseguiram entrar no país reclamavam de não terem sido informados da nova exigência.</p> <p>"Estamos desesperados porque investimos tudo que tínhamos nesta viagem. Não tínhamos ideia de que chegaríamos aqui sem poder receber documentação", disse Wanoly Dupervil.</p> <p>Diariamente, centenas deles vão até a PF tentar uma maneira de receber documentação. "Não somos ilegais. Isso é um projeto migratório pelo qual pagamos caro e do qual dependem nossas famílias no Haiti. Gostaria que o Brasil reconhecesse isso", disse Louis Martient, 27.</p> <p>A PF, no entanto, só dá o protocolo para quem entrou no país antes do dia 13 de janeiro, e mesmo assim precisou organizar um mutirão de atendimento diário. A meta é zerar a lista até sexta-feira.</p> <p>Aos que chegaram depois, os policiais recomendam procurar o Ministério Público.</p> <p>Enquanto isso, os haitianos presos à Tabatinga por falta de visto ou de dinheiro vagam à espera de alguma definição do governo ou proposta de trabalho. E, depois de quase dois anos ali, deram nova configuração a ela.</p> <p>"Estranhamos no início porque aqui não tinha negros, só caboclos, índios e colombianos", disse Ribamar Leite, 24, funcionária de um restaurante</p> <p>Moradores ouvidos pela Folha se mostraram receptivos e solidários aos haitianos, mas alguns disseram ser contra sua presença ali.</p> <p>Entre os comerciantes, todos concordaram que a presença de haitianos pode dinamizar os negócios.</p> <p>"Eu acho bom porque passei a ter mais clientes. Eles pechinçam, mas compram", disse Lucia Pereira, dona de uma loja de calçados.</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/21444-tabatinga-e-como-limbo-para-haitianos.shtml</p> <p>Acesso em: 29/01/12</p> | |
| <p>"Boom econômico faz Brasil virar rota de tráfico de imigrantes"</p> | <p>A cena se passa na fronteira do Acre com o Peru. Um grupo de dez haitianos, incluindo mulheres e uma criança, tenta cruzar a fronteira brasileira. São barrados pela Polícia Federal.</p> <ul style="list-style-type: none"> - "Vocês têm visto para entrar no Brasil?" - pergunta um policial. - "Estamos pedindo refúgio. Não temos nada. Não temos para onde ir." - diz um dos haitianos. - "E como é que tiveram dinheiro para vir para cá?" - "Gastamos tudo o que tínhamos para chegar aqui." <p>"Tudo" são cerca de US\$ 300 (cerca de R\$ 600) pagos a coiotes na saída do Haiti -país mais pobre das Américas, onde 80% vivem com menos de US\$ 1 por dia.</p> <p>O episódio foi filmado por uma equipe de TV local, na semana passada. Dos 6.000 haitianos abrigados no país, 200 estão ali no Acre.</p> <p>Por trás do aumento do fluxo de haitianos para o Brasil, está um esquema de contrabando de migrantes que cresceu exponencialmente nos últimos dois anos.</p> <p>"É um crime sofisticado, que produz lucros enormes. Os atravessadores usam documentos falsos e passaportes forjados", diz Juan Artola, diretor da OIM (Organização Internacional para Migrações) para as Américas.</p> <p>Segundo ele, o crime também é consequência do bom momento econômico brasileiro. E se insere no contexto de crise econômica e fiscalização acirrada nas fronteiras dos Estados Unidos -destino tradicional de migração latino-americana.</p> <p>"Crimes associados à migração, como o tráfico de pessoas e o contrabando de migrantes, estão crescendo na América Latina. E devem crescer mais na região, porque o mercado precisa de mão de obra e existe a tendência de importar este trabalho barato em condições precárias", explicou Artola.</p> <p>Dentro do Brasil, a irregularidade persiste e muitos imigrantes acabam</p> | <p>Carolina Montenegro - Folha de São Paulo</p> <p>- 22/01/12</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>sujeitos a outras redes de exploração, como o trabalho escravo.</p> <p>"Com o boom da construção civil, o Brasil tem que aumentar a atenção às fronteiras e o combate ao trabalho escravo em áreas urbanas", diz Luiz Machado, coordenador de combate ao trabalho escravo da OIT (Organização Internacional do Trabalho).</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/21445-boom-economico-faz-brasil- virar-rota-de- trafico-de-imigrantes.shtml</p> <p>Acesso em: 29/01/12</p> | |
| "No Peru, 200 haitianos aguardam autorização para entrar no Brasil" | <p>Um grupo de 200 imigrantes haitianos, abrigados na igreja católica da cidade peruana de Iñapari, na fronteira com Assis Brasil (AC), aguarda autorização do governo Dilma Rousseff para ingressar em território brasileiro.</p> <p>Os imigrantes saíram do Haiti antes do dia 12 de janeiro, quando o governo brasileiro decidiu pela emissão limitada de vistos de trabalho para haitianos e determinou reforço policial para impedi-los de ingressarem a partir das fronteiras com a Bolívia, Colômbia e Peru.</p> <p>O pároco René Salizar relatou que os haitianos estão com muita esperança de que o governo abrirá a fronteira para que possam realizar o sonho de trabalhar no Brasil. Alguns imigrantes têm como destino a Guiana Francesa, de onde pretendem seguir para o Canadá.</p> <p>Os haitianos que esperam em território peruano uma decisão do governo brasileiro estão sendo alimentados basicamente com sopa. Os víveres estão sendo fornecidos pela prefeitura do município de Assis Brasil.</p> <p>- Precisamos aumentar a conscientização sobre a gravidade da situação para que o governo brasileiro amoleça o coração e abra a fronteira. Os haitianos não tinham conhecimento da decisão final do Estado brasileiro sobre a concessão de vistos de trabalho, pois já estavam em viagem rumo ao Brasil - acrescentou o padre Salizar.</p> <p>Disponível em: http://blogdaamazonia.blog.terra.com.br/2012/01/23/no-peru-200-haitianos-aguardam-autorizacao-para-entrar-no-brasil/</p> <p>Acesso em: 25/01/12</p> | Altino Machado - Blog da Amazônia - Terra Magazine -23/01/12 |
| "Imigrantes haitianos poderão atuar em organizações da economia solidária" | <p>No dia 19 de janeiro o ministro do Trabalho, Paulo Roberto Pinto, se reuniu com o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), Instituto Marista de Solidariedade (IMS), Secretaria Nacional de Economia Solidária (Senaes), superintendências do trabalho e prefeituras para dialogar sobre a inserção dos imigrantes haitianos no mercado de trabalho.</p> <p>A perspectiva do trabalho e organização coletiva e solidária pelos haitianos foi colocada como possibilidade e desafio, principalmente com projetos junto aos estados que estão recebendo uma grande quantidade de imigrantes, como Acre, Rondônia e Amapá.</p> <p>Uma nova reunião entre o FBES e Senaes deve ocorrer em breve para aprofundar o assunto.</p> <p>Estiveram presentes na reunião Paulo Moraes, representante do FBES, membro da coordenação nacional do Fórum DF e Entorno e Shirlei Silva, coordenadora do IMS.</p> <p>Disponível em: http://caritas.org.br/novo/2012/01/23/imigrantes-haitianos-poderao-atuar-em-organizacoes-da-economia-solidaria/</p> <p>Acesso em: 25/01/12</p> | Fernanda Nalon - Cáritas - 23/01/12 |
| "Com regras mais rígidas para entrar no Brasil, apenas dois haitianos conseguiram visto de trabalho até agora" | <p>Após adotar medidas para limitar a entrada de haitianos no Brasil, o Ministério das Relações Exteriores concedeu apenas dois vistos a cidadãos do Haiti desde o dia 13, quando as novas normas entraram em vigor. Mas o ministério não informou quantos pedidos foram negados. Os pedidos de visto devem ser feitos à Embaixada do Brasil em Porto Príncipe, capital do Haiti. O ministério estima que a procura pelo visto deve crescer nas próximas semanas, quando as regras se tornarem mais conhecidas dos haitianos.</p> <p>O governo brasileiro limitou a concessão dos vistos a 100 por mês. O documento dá direito de ficar no Brasil por, no máximo, cinco anos. Para obter o visto, o imigrante precisa comprovar, por exemplo, não ter pendência criminal no país de origem e que não tem mandado internacional de prisão.</p> | Carolina Pimentel Agência Brasil EBC - 23/01/12 |

| | | |
|---|--|---|
| | <p>Já para renovar o visto é necessário estar empregado.</p> <p>Cada visto permite ao cidadão haitiano trazer a mulher, marido ou companheiro, pai e mãe, além dos filhos com menos de 24 anos, desde que sejam solteiros, estudantes e dependentes financeiramente. O estrangeiro que entra no Brasil sem visto corre o risco de ser deportado.</p> <p>Cerca de 4 mil haitianos entraram no Brasil nos últimos meses para fugir da miséria e do caos da terra natal, arrasada por um terremoto em 2010. Desses, 1,6 mil conseguiram visto de residência humanitária emitido pelo Ministério do Trabalho. As principais portas de entrada dos haitianos são as cidades de Brasileia, no Acre, e Tabatinga, no Amazonas.</p> <p>Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-01-23/com-regras-mais-mais-rigidas-para-entrar-no-brasil-apenas-dois-haitianos-conseguiram-visto-de-trabalh</p> <p>Acesso em: 25/01/12</p> | |
| <p>“Amazonas registra primeiro óbito de imigrante ‘haitiano no Brasil’”</p> | <p>O primeiro óbito de imigrante haitiano residente no Brasil, pode ter ocorrido no último domingo (22), no município de Tabatinga – localizado a 1.105 quilômetros de Manaus -, tendo como vítima Carmelith Jean Baptiste, 33, em decorrência de uma encefalite provocada por dengue.</p> <p>O corpo de Carmelith, de acordo com o secretário de Saúde de Tabatinga, Marlen Ferreira permanece em uma câmara fria, do Hospital de Guarnição de Tabatinga, enquanto a família decide se ela será sepultada em terras brasileiras ou se retornará para o Haiti.</p> <p>“Uma irmã dela e alguns primos se encontram em Tabatinga e estão mantendo contato com a família no Haiti, para decidir sobre o sepultamento”, informou Marlen.</p> <p>Segundo ele, caso a família decida enviar o corpo da haitiana para a terra natal, os trâmites deverão ser feitos via Itamaraty.</p> <p>Atipicidade</p> <p>As informações repassadas por Marlen, dão conta de que Carmelith já entrou no Brasil – via Tabatinga, no último dia 14 -, com sintomas de dengue.</p> <p>No dia 15, a haitiana procurou o Hospital de Guarnição, com suspeita da doença, onde foi submetida a um teste rápido, cujo resultado foi positivo para dengue, o que fez com que ela ficasse internada na unidade de saúde, sendo liberada no dia seguinte.</p> <p>No dia 18, Carmelith retornou ao hospital, sendo internada mais uma vez. Por volta das 11h, do último domingo (22), a haitiana foi a óbito em decorrência das complicações da doença, conforme o atestado de óbito.</p> <p>“As informações da Vigilância Sanitária Epidemiológica, dão conta de que a paciente já estaria com sintomas da doença desde o dia 7 de janeiro, ocasião em que ela se encontrava em trânsito para o Brasil”, observa o secretário.</p> <p>Ele classificou o caso como atípico, já que a vítima contraiu a doença antes de entrar no País.</p> <p>Marlen também descartou o surto de dengue em Tabatinga, pois antes da entrada de Carmelith, o município já estaria realizando trabalhos de combate e prevenção nas áreas consideradas de risco.</p> <p>“Estávamos com cinco casos de suspeita de dengue, que já foram descartados. Como o caso desta paciente foi importado, estamos sem registros da doença”, destaca.</p> <p>O grupo com o qual Carmelith deu entrada no Brasil, segundo ele, está sendo monitorado.</p> <p>Dados</p> <p>Em 2011 um total de 440 casos de dengue foram notificados pela secretaria municipal de Saúde, de Tabatinga. Deste total, 168 foram confirmados como positivos, mediante os testes a que foram submetidos.</p> <p>Em relação a óbitos, o único caso registrado ainda se encontra em investigação, de acordo com o secretário municipal Marlem Ferreira. No</p> | <p>Síntia Maciel - A Crítica - 24/01/12</p> |

| | | |
|---|---|--|
| | <p>último dia 14, Carmelith havia chegado em Tabatinga com um grupo de haitianos.</p> <p>Disponível em: http://acritica.uol.com.br/noticias/Manaus-Amazonia-Amazonas-registra-obito-haitiano-refugiado_0_633536677.html</p> <p>Acesso em: 25/01/12</p> | |
| <p>“Em Tabatinga (AM), um projeto piloto foi criado para ensinar português aos haitianos”</p> | <p>Uma outra experiência com o ensino da língua portuguesa está sendo tocada em Tabatinga (a 1.105 quilômetros de Manaus), onde centenas de haitianos aguardam até quatro meses antes de seguirem viagem a Manaus. A Universidade Estadual do Amazonas (UEA) montou, no início de janeiro, um projeto piloto para ensinar português aos imigrantes. O curso já tem aproximadamente 55 alunos e foi criado a pedido dos próprios haitianos.</p> <p>Em dezembro do ano passado, os imigrantes criaram o “Comitê dos Haitianos em Tabatinga” e o principal pedido da entidade era que houvesse um espaço onde eles pudessem estudar a língua portuguesa.</p> <p>“Nós não temos muita familiaridade com o português, mas queremos muito aprender a língua. Sabemos que para conseguirmos bons empregos, vamos ter que falar português”, disse Ernest Cassius, 33, presidente do Comitê de Tabatinga.</p> <p>O professor Álvaro Gómez é o encarregado de Relações Internacionais da UEA de Tabatinga. Ele diz que o interesse dos haitianos pelo português o impressiona. Ao todo, serão duas turmas com 35 vagas cada uma. As aulas começaram no último dia 14 de janeiro, mas Gómez diz que já foi possível verificar avanços entre os alunos. “Eles estão muito interessados. Sabem que isso é necessário para eles e têm aproveitado bastante as aulas”, afirma o professor.</p> <p>Confusão</p> <p>Mas como ensinar português a quem nunca teve qualquer familiaridade com o idioma, sobretudo em se tratando de falantes do creóle, uma língua derivada da mistura do francês e de línguas africanas? Em Tabatinga, a solidariedade e o improviso fazem parte dessa resposta. O curso é ministrado por alunos bolsistas da própria região e por alguns voluntários.</p> <p>Como a maioria dos professores fala o espanhol por conta da proximidade com a Colômbia e o Peru, eles utilizam esse conhecimento para se comunicar com os haitianos. Alguns deles tem noções do espanhol por serem vizinhos da República Dominicana. Aos poucos, a sala de aula vai se transformando numa verdadeira “Torre de Babel”. “A gente usa um pouco de espanhol, francês, e quando nada disso resolve, a gente faz mímicas. Não estamos ensinando o português na sua norma mais culta. Estamos apenas dando noções para que os haitianos possam se comunicar quando chegarem a Manaus ou às outras cidades”, afirma Álvaro Gómez.</p> <p>Para ajudar ainda mais o aprendizado, a UEA está utilizando uma cartilha produzida por uma antropóloga da Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e por dois missionários haitianos que estudaram na Colômbia.</p> <p>Álvaro Gómez diz que além das cartilhas e das aulas, a UEA está disponibilizando sessões de cinema com temáticas que ajudam os haitianos a entenderem melhor o Brasil. “Nós passamos documentários mostrando a realidade brasileira. Assim eles vão aprendendo um pouco dessa nova cultura”, afirma.</p> <p>Disponível em: http://acritica.uol.com.br/noticias/Tabatinga-AM-ensinar-portugues-haitianos_0_633536643.html</p> <p>Acesso em: 27/01/12</p> | <p>Leandro Prazeres - A Crítica - 24/01/12</p> |
| <p>“Apenas dois haitianos conseguiram vistos até agora no Brasil”</p> | <p>O Conselho Nacional de Imigração decidiu pela emissão limitada de vistos de trabalho para haitianos, estabelecendo novas normas no último dia 13. O Ministério não informou quantos pedidos foram negados até o momento. Os pedidos de visto devem ser feitos à Embaixada do Brasil em Porto Príncipe, capital do Haiti.</p> <p>O Ministério estima que a procura pelo visto deve crescer nas próximas semanas, quando as regras se tornarem mais conhecidas no Haiti. O governo</p> | <p>Sem autor - Pulsar Brasil - 24/01/12</p> |

| | | |
|---|--|--|
| | <p>brasileiro limitou a concessão dos vistos a 100 por mês.</p> <p>Para obter o visto, o imigrante precisa comprovar, por exemplo, não ter pendência criminal no país de origem e que não tem mandado internacional de prisão. Já para renovar o visto é necessário estar empregado.</p> <p>Cada visto permite ao cidadão haitiano trazer marido ou esposa, pai e mãe, além de filhos com menos de 24 anos. O visto está sendo concedido com o prazo de cinco anos, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro.</p> <p>A procura pelo visto se refere ao agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido em 12 de janeiro de 2010. De acordo com o Ministério da Justiça, só no ano passado, 4 mil haitianos vieram para o Brasil.</p> <p>Disponível em: http://www.brasil.agenciapulsar.org/nota.php?id=8499 Acesso em: 25/01/12</p> | |
| <p>“Mais de 250 imigrantes haitianos permanecem na fronteira Peru-Brasil”</p> | <p>Há dez dias 254 imigrantes haitianos que sobreviveram ao terremoto que devastou o Haiti em 2010 se encontram na cidade fronteiriça peruana de Iñapari, após serem impedidos de entrar no Brasil, informaram à Agência Efe nesta terça-feira autoridades dessa localidade.</p> <p>Os haitianos chegaram a Iñapari, no sul do Peru, depois de seguirem uma rota mais econômica e com menor quantidade de trâmites migratórios em busca de melhor qualidade de vida no Brasil.</p> <p>O pároco da localidade peruana, René Salízar, declarou nesta terça-feira à Efe que desde 2010 cerca de oito mil haitianos cruzaram a fronteira brasileira desde Iñapari.</p> <p>Entre os imigrantes que estão em Iñapari há homens, mulheres e crianças que se alimentam de uma panela comum, resultado de doações brasileiras e de empresários da zona.</p> <p>O prefeito de Iñapari, Celso Curi, declarou à Efe que esta situação alterou a vida de sua pequena localidade, que tem cerca de dois mil habitantes e sofre com altas taxas de pobreza.</p> <p>No dia 12 de janeiro, o Governo brasileiro decidiu que sua embaixada em Porto Príncipe, capital haitiana, outorgará mensalmente 100 vistos de trabalho para os imigrantes deste país.</p> <p>Segundo Curi, a Polícia brasileira se instalou na ponte fronteiriça com o Peru para controlar estritamente o ingresso de pessoas e veículos.</p> <p>"Em 2010, eles (os haitianos) cruzavam a fronteira como qualquer turista, mas em março do ano passado tiveram sua entrada impedida pela primeira vez. Agora, em menos de duas semanas temos 254 haitianos que estão em Iñapari", alertou Curi.</p> <p>Em 2011, o Brasil concedeu vistos de trabalho a cerca de 1,6 mil haitianos dos mais de 4 mil que chegaram depois do terremoto, segundo dados do Ministério da Justiça brasileiro.</p> <p>Disponível em: http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2012/01/25/mas-de-250-imigrantes-haitianos-permanecem-na-fronteira-peru-brasil.htm Acesso em: 25/01/12</p> | <p>Sem autor - Agência EFE - Notícias UOL 24/01/12</p> |
| <p>“Haitianos barrados no Brasil enfrentam dificuldades no Peru”</p> | <p>Continua aumentando o número de haitianos retidos na pequena cidade de Iñampari, no Peru e que faz fronteira com a cidade de Assis Brasil, no Acre. Com uma população de mil pessoas, o município peruano não tem condições e nem estrutura para abrigar e alimentar os cerca de 250 refugiados do Haiti, que foram impedidos de cruzar a fronteira brasileira pela resolução aprovada pelo Conselho Nacional de Imigração em 12 de janeiro, limitando a cem vistos mensais para migrantes, desde emitidos no próprio Haiti.</p> <p>Muitos dos refugiados foram pegos pela notícia quando estavam no meio da viagem - vários atraídos por anúncios enganosos de agências irregulares e pela possibilidade de serem introduzidos no Brasil por coiotes (indivíduos que ajudariam na entrada dos haitianos, que acabam abandonando muitos deles em matas, em beiras de estradas, até com risco de vida).</p> <p>Inicialmente, o grupo de haitianos estava em um coreto na parte central</p> | <p>Donizeti Costa - O Globo - 24/01/12</p> |

| | | |
|---|---|--|
| | <p>de Iñapari. Mas depois, graças a um padre, foram autorizados a dormir nas dependências da igreja católica da cidade.</p> <p>- Mas, quando há missa, em dois dias da semana, eles são obrigados a recolocar os bancos no lugar e aguardar até que as rezas acabem conta Orcélio dos Rios, voluntário do Centro dos Direitos Humanos e Cidadania de Assis Brasil.</p> <p>Segundo ele, a população de Assis Brasil vem se solidarizando com os haitianos, fazendo coletas de alimentos e outros itens que diminuem seu sofrimento no Peru. Orcélio diz que, diariamente, vence os dois quilômetros e meio que separam Assis Brasil de Iñapari a bordo de sua bicicleta, para acompanhar a situação dos refugiados.</p> <p>- Eles estão em um beco sem saída: o Peru não tem condições e nem quer que eles fiquem lá. O Brasil impede sua entrada. Todos sujeitos a doenças por dormirem quase ao relento, mal alimentados e sem qualquer proteção.</p> <p>O militante sugere que o governo brasileiro deveria abrir uma exceção para a entrada do grupo ou bancar um voo para repatriá-los até Porto Príncipe, Capital do Haiti.</p> <p>- Seria melhor solução, para não comprometer a imagem do país lá fora, justamente quando ele vem se destacando no exterior pelo crescimento e pleiteia um assento na Comissão de Segurança na ONU.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://oglobo.globo.com/pais/haitianos-barrados-no-brasil-enfrentam-dificuldades-no-peru-3754579</p> <p><i>Acesso em:</i> 25/01/12</p> | |
| <p>“Peru publica decreto impedindo até visto de turista para haitianos”</p> | <p>Desde a última semana quando foi relatado a situação dos 87 haitianos na cidade peruana de Iñapari, vizinha de Assis Brasil (Acre), o número vem crescendo e está deixando a situação em estado de alerta, pois estariam passando a dormir na ponte binacional por não terem mais dinheiro por receio de serem extraditados.</p> <p>Iñapari tem cerca de 2.500 habitantes e o número de imigrantes até esta terça-feira, crescia para 252 e que passaram a receber alguma ajuda do governo do Acre e a igreja os teriam levados para dentro do prédio para saírem do relento, já que alguns dormiam no pequeno coreto da praça central.</p> <p>Para piorar ainda mais a situação destes que estão na fronteira, impedidos pela Polícia Federal de entrar no Brasil, o governo do Peru publicou um Decreto 23-95/RE (Relações Exteriores), criado no dia 09 e publicado no dia 10 do mês corrente, passaria a ter validade dentro de 15 dias.</p> <p>O prazo termina nesta quarta-feira, dia 25. O Governo do Peru vai se reunir durante a semana para deliberar e resolver o que vai fazer com os que já estão dentro do País. Pelo Decreto, até mesmo como turistas, está proibida a entrada e segundo funcionários da imigração, não tem dinheiro para financiar a volta até a fronteira por onde entraram.</p> <p>Para os haitianos que estão em Iñapari, o futuro é incerto dentro da pequena igreja da cidade. Segundo um representante e ativista dos direitos humanos da Região MAP - Madre de Dios (Peru), Acre (Brasil) e Pando (Bolívia), Carlos Portela, com a informação do fechamento das fronteiras brasileiras, quase aconteceu um êxodo de aproximadamente 5000 haitianos rumo ao Brasil, onde milhares encontraram dificuldades na cidade de Sam Domingos.</p> <p>Em reunião como governador da Província, German Cordeiro Gimenes, toda a situação envolvendo os refugiados será tratada na Capital do País, Lima, com a presença do governador regional, autoridades das Relações Exteriores e o presidente, Olanta Omala.</p> <p>Na cidade de Brasília, distante 110 km da fronteira com o Peru, dos quase 1300 haitianos que esperavam o desenrolar burocrático desde 2011, muitos já receberam o visto provisório para poder trabalhar no País, se pode dizer que caiu para pouco mais de 500, graças a boa vontade de empresas de</p> | <p>Alexandre Lima - O Alto Acre - 24/01/12</p> |

| | | |
|---|--|---|
| | <p>vários lugares do Brasil que ofertaram empregos.</p> <p>Segundo Carlos Portela, ao retornar para Brasília, registrou mais vans chegando em Iñapari com mais haitianos no final do dia desta terça-feira, dia 24. Estima-se que o número de refugiados possa ter passado dos 300 e ainda pode crescer nas próximas horas.</p> <p>Disponível em: http://oaltoacre.com/index.php/acre/11585-peru-publica-decreto-impedindo-ate-visto-de-turista-para-haitianos.html</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | |
| <p>“Más de 200 haitianos están varados en Madre de Dios”</p> | <p>Fasio Etienne, haitiano de 39 años, se siente viejo. Con una esperanza de vida en su país de 50 años, quiere llegar rápido a Brasil para trabajar mientras tiene fuerzas. La migración fue la única opción que le quedó para mantener a sus padres, a su esposa y a sus tres hijas que tuvo que dejar forzado por la miseria.</p> <p>Fasio quiere llegar rápido a Brasil, pero no puede. Desde hace nueve días está en la frontera de ese país con el Perú. Cuando quiso cruzarla, los policías federales brasileños se lo impidieron. El Gobierno de ese país decidió frenar desde hace dos semanas esta una ola de migración haitiana, por la cual han ingresado más de seis mil de ellos en el último año.</p> <p>Fasio no fue el primero al que le cerraron las puertas. Hasta ayer eran 254 haitianos –contados por el alcalde de Iñapari, Celso Curi–, los que han tomado como campamentos el templo del pueblo y unas instalaciones del Gobierno Regional de Madre de Dios. Los alimentos llegan desde el municipio de Assis, en Brasil, y la salud está supervisada por la posta de Iñapari.</p> <p>EL DRAMA DE LOS HAITIANOS</p> <p>La mayoría de los que están en Iñapari tomó el mismo camino: Puerto Príncipe-Santo Domingo-Panamá-Lima-Cusco-Iñapari. Lo mismo hizo Fasio, a quien bautizaron como Fabio en Madre de Dios para evitar confusiones. Él es el líder de este grupo de haitianos y todos los días trata de conversar con las autoridades brasileñas para negociar una salida, o una entrada, más bien.</p> <p>El padre René Salízar, párroco del templo que los acoge, señala que en Haití se desconoce que las fronteras están cerradas y hay agencias que trafican con los deseos de estas personas. “Invertí todo mi dinero para venir, US\$3.200. No tengo más. No puedo regresar a la misma miseria en mi país”, dice Fasio.</p> <p>El alcalde Celso está preocupado. En Iñapari solo habitan 2.500 personas y en una semana su población creció 10%. “Tenemos agua dos horas al día y ahora ya no nos damos abasto”, afirma.</p> <p>El viernes pasado habló con el ministro de Relaciones Exteriores. “Nos dijo que se había emitido una norma para pedir visa a los haitianos para entrar al país, pero todos los días recibimos de 15 a 20 haitianos que se quedan hacinados aquí”, señala.</p> <p>Han pasado nueve días y Fasio espera que en este décimo lo dejen pasar. “Solo quiero trabajar, mis amigos son albañiles, quiero que mi familia sobreviva”, dice.</p> <p>Disponível em: http://elcomercio.pe/peru/1365015/noticia-mas-200-haitianos-estan-varados-madre-dios_1</p> <p>Acesso em: 25/01/12</p> | <p>Vanessa Espinoza - El Comercio Peru - 24/01/12</p> |
| <p>“Haitianos acampam no Peru impedidos de ingressar no Brasil”</p> | <p>Cerca de 250 haitianos que chegaram ao Peru após o terremoto em seu país se encontram na fronteira com o Brasil impedidos de ingressar no país, como aponta a imprensa local.</p> <p>Segundo informações publicados pelo jornal peruano El Comercio, o governo brasileiro decidiu frear uma onda imigratória que já trouxe mais de 6 mil haitianos ao país somente no último ano.</p> <p>O prefeito de Iñapari, cidade onde se encontra o grupo, Celso Curi, disse que eles estão acampados em igrejas e instalações do governo e que os alimentos vem da cidade de Assis, no estado do Acre.</p> <p>A população da cidade, que tem 2.500 habitantes, cresceu 10% em uma semana com a ocupação. "Temos água por duas horas durante o dia e agora</p> | <p>Sem autor - ANSA - 24/01/12</p> |

| | | |
|---|---|---|
| | <p>não há fornecimento suficiente", disse Curi.</p> <p>O padre René Salizar, responsável por uma das igrejas que os acolhe os haitianos disse que no país caribenho se desconhece a informação de que as fronteiras brasileiras estão fechadas.</p> <p>O líder do grupo, Fasio Etienne, disse ter gastado todo seu dinheiro neste trajeto. "Não tenho mais [poupança]. Não posso regressar a mesma miséria do meu país", concluiu. "Eu só quero trabalhar, meus amigos são pedreiros, quero que minha família sobreviva", disse.</p> <p>O terremoto que atingiu o Haiti no início de 2010, de 7 graus na escala Richter, devastou 70% das construções da capital do país, Porto Príncipe, e causou a morte de cerca de 250 mil pessoas.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.ansa.it/ansalatinabr/collection/fdg/201201241603416786/201201241603416786.html <i>Acesso em: 29/01/12</i></p> | |
| <p>"Os haitianos e o tratamento dos estrangeiros no Brasil"</p> | <p>O ingresso de haitianos no Brasil traz à tona questão delicada que suscita aspectos econômicos, sociais, políticos e humanitários, que devem ser analisados no âmbito de suas respectivas competências. Quanto aos aspectos jurídicos cabem alguns esclarecimentos.</p> <p>O direito internacional estabelece claramente a regra de que somente os nacionais têm o direito de ingressar no país de sua nacionalidade. Há algumas exceções que envolvem agentes diplomáticos e consulares e pessoas que sofrem perseguições no exterior. Assim, qualquer autorização para ingresso e permanência, salvo as exceções mencionadas, se insere no poder discricionário dos Estados, de modo que nenhum país é obrigado a abrir as suas fronteiras a não-nacionais. É importante mencionar, todavia, que não se admite que o Estado impeça o ingresso por razões puramente discriminatórias, ou seja, porque o estrangeiro é negro, judeu, muçulmano ou mulher. Mas tampouco se exige que o país justifique sua decisão, o que dificulta o controle.</p> <p>Para que um estrangeiro ingresse no Brasil, em geral, exige-se passaporte e visto, concedido por autoridades brasileiras no exterior. Os vistos podem ter caráter temporário ou permanente e somente nesse último caso se autorizam a residência e o exercício de atividade remunerada no país. Além disso, o estrangeiro pode pretender ingressar por sofrer perseguição em seu país de origem, o que dá margem à concessão de asilo ou refúgio, instrumentos de proteção de direitos humanos.</p> <p>O asilo é empregado apenas na América Latina. Em 1954 foram firmados dois tratados versando o tema, ambos ratificados pelo Brasil: um sobre asilo territorial, concedido pelo Estado no qual o indivíduo se encontra, e o outro disciplinando o asilo diplomático, concedido temporariamente por embaixador para permitir que o asilado deixe o país onde se vê ameaçado. Já o refúgio se baseia na Convenção de 1951 sobre o Estatuto dos Refugiados, alterada por um Protocolo de 1967. A convenção considera refugiado toda pessoa que seja, ou tema ser, perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas. Os tratados foram ratificados pelo Brasil e, na sua essência, reproduzidos na Lei do Refúgio brasileira. Atualmente, segundo o ACNUR encontram-se, no Brasil, estrangeiros de aproximadamente 77 nacionalidades beneficiados com esse status.</p> <p>No caso dos haitianos, não se cogitou tratar de concessão de refúgio por razões econômicas ou ambientais, até porque esses fundamentos não foram previstos na convenção ou na lei brasileira. Assim, trata-se de hipótese de imigração, o que suscitou a decisão governamental de outorga de visto permanente aos interessados.</p> <p>Por fim, há que se mencionar o tratamento que o Brasil tem conferido aos estrangeiros. Em entrevista recente, o secretário-executivo do Ministério da Justiça, Luiz Paulo Barreto, ressaltou com propriedade que o Brasil tem tradição no tratamento favorável dos estrangeiros. A verdade é que o Brasil</p> | <p><i>Carmen Tibúrcio - Consultor Jurídico - 24/01/12</i></p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>se destaca nessa área. A legislação tradicionalmente impede a expulsão de estrangeiro com família nacional, o que ocorreu no caso de Ronald Biggs — o inglês que participou do assalto ao trem postal em 1963 — e em muitos outros. Apenas para que se tenha uma ideia, esse direito só veio a ser reconhecido pela Corte Europeia de Direitos Humanos no final da década de 80 e ainda assim não de forma absoluta, pois a Corte ressalva que a expulsão pode ocorrer por motivo de ordem pública, o que o Brasil não admite em nenhuma hipótese. A política para estrangeiros, no Brasil, sempre esteve muito mais próxima da tutela dos direitos humanos do que da prevalência dos interesses do Estado.</p> <p>Esse tratamento favorável não decorre somente da lei, mas também da jurisprudência. A legislação determina que o reconhecimento de um filho depois de editado o decreto de expulsão não a impede, mas o Superior Tribunal de Justiça tem ignorado essa regra, permitindo a permanência de estrangeiro com filho brasileiro, que dele dependa econômica e afetivamente. Segundo o tribunal, ainda que seja possível a ocorrência de fraude, há valores mais importantes envolvidos, tais como a proteção à família e à criança.</p> <p>Relativamente ao tratamento oferecido pelas autoridades brasileiras aos haitianos e, de maneira geral aos estrangeiros em situação análoga, duas circunstâncias merecem registro. Eventual aspereza é decorrência de preconceito econômico — também suportado por brasileiros — e não de intolerância a estrangeiros. Ademais, o tratamento conferido pela Administração Pública a brasileiros também é frequentemente criticado, por força da burocracia estatal, por vezes intransponível, sem que isso decorra de preconceito contra estrangeiros. Em outras palavras: a dificuldade, pessoal ou burocrática, de lidar com essa situação específica é ruim, mas não mancha a tradição protetiva do Estado brasileiro.</p> <p>Disponível em: http://www.conjur.com.br/2012-jan-24/haitianos-tratamento-estrangeiros-estado-brasileiro</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | |
| <p>“Haitianos amargam fome, sede e a desesperança no Peru”</p> | <p>Cinderela vem de Port au Prince, usa cobertores quentes e está despenteada. Não se alimentou nas últimas 12 horas, mas sorri. Olha para o céu noturno e vê a última estrela perder seu brilho para a tempestade. Não se intimida. Acosta-se ao ventre de sua mãe e adormece no chão úmido do coreto da praça. Engana a fome, sonhando com o amanhã no Brasil.</p> <p>A menina de 11 anos, a única criança que desembarcou entre um grupo de 125 haitianos na pequena cidade de Iñapary, após o embargo à entrada de estrangeiros sem visto no Brasil, engrossa a triste estatística dos haitianos impossibilitados de entrar no País.</p> <p>Todos deste grupo ainda estavam em viagem desde a ilha centro americana quando o Ministério das Relações Exteriores brasileiro decidiu fechar as fronteiras, no último dia 12, instalando pelotões da Força Nacional e da Polícia Federal em Assis Brasil (cidade a 310 quilômetros de Rio Branco, na fronteira com Iñapary).</p> <p>O coreto da única praça da cidade, de apenas 1,2 mil habitantes, vem servindo de abrigo para a maioria que não tem dinheiro. As condições de convivência são precárias. Não há alimentos, não há água, nem colchões, muito menos locais para higienização de seus corpos.</p> <p>Com o rio Acre relativamente cheio, alguns se deslocam às suas margens para urinar e defecar, mas não possuem pastas dentais nem sabonetes e por temerem ataques de bichos e afogamentos não se atrevem a se banhar nas águas do rio.</p> <p>O resultado é um amontoado de pessoas famintas e cheias de esperança de que o Governo Brasileiro reconsidere a sua decisão e lhes permita entrar no Brasil. Sobre a ponte que liga Assis Brasil ao território peruano, um ônibus da Polícia Federal dá suporte aos seus agentes 24 horas por dia. O Pelotão de Fronteira, com integrantes da Força Nacional, também estão no local, dia e noite.</p> | <p>Resley Saab - A Gazeta.net - 24/01/12</p> |

Eles param todo tipo de carro procedente do lado peruano para detectar a presença de algum haitiano nesses veículos.

“Não sabíamos que estava assim. Infelizmente, esqueceram de avisar para nós que não podíamos entrar mais. Agora, não podemos também voltar”, lamenta o jovem Isaac Vixamonte, 22 anos, um dos muitos a falar o espanhol aprendido na vizinha Santo Domingo, na República Dominicana, quando ele era servente de pedreiro lá.

Por volta das 23h30, uma tempestade se aproxima pelo norte. Trovões vão ensurdecendo os diálogos entre eles, a maioria em francês e na língua crioula haitiana.

Não demora e cerca de 50 deles começam a se encorujar em cobertores juntos aos que já dormem dentro do coreto.

O conforto que tem a garota de 11 anos parece envolver também os demais. Mas por pouco tempo, pois uma hora e meia dali, a chuva vai desabar e goteiras por toda a parte vão inundar o único relativo alento que tinham até então como disfarce para suas barrigas vazias.

A chuva acorda a maioria e mulheres têm prioridades aos locais mais secos. Elas são rearranjadas. Homens mais fortes ficam de pé. Entre eles, o mecânico de automóveis Jeff Baptiste, de 25 anos.

Às 2h30, Baptiste faz amizade com três homens bêbados -- dois peruanos e um brasileiro -- que acabam de chegar à praça atraídos pela movimentação que se sucede.

Lúcio Pinheiro, o brasileiro do trio, tem 20 anos e trabalha em Iñapary na extração de madeira. Traz consigo uma garrafa de rum Cartavio e oferece a Baptiste.

“Toma hermano. Tomando esso el hambre passa”, aconselha, depois de ter estado no Peruvian, um bar de madeira e único estabelecimento ainda aberto em Iñapary àquela hora.

Baptiste passa a mão na barriga, a estende ao estrangeiro e engole um trago na tampa da garrafa.

“Você já comeu hoje?”, pergunta a reportagem de AGazeta.net, por meio de um compatriota que fala inglês e faz a tradução para o francês.

“Non, monsieur”, responde. Lágrimas lhes saltam das pupilas em seguida.

Tem sido assim a vida desses homens e mulheres há pelo menos uma semana. A sede e a fome são os principais problemas enfrentados pelos haitianos impossibilitados de entrar no País neste momento. Ao amanhecer, repórteres forneceram-lhes alguns pães e refrigerantes comprados num comércio assim que este abriu.

O governo peruano não tem condições de mantê-los dentro do seu território, por conta do orçamento já apertado paras as províncias, segundo explica Jorge Honorato Pita, gerente de Desenvolvimento Social do Governo do Departamento de Madre de Dios.

“A alimentação deve ser sagrada para qualquer ser humano, mas o governo local não tem recursos para isso”, lamenta.

“O que estamos fazendo é garantir que não haja violação dos direitos humanos, mas precisamos do governo do Brasil na solução desse impasse”, acrescentou ele, na manhã desta quinta-feira, 19, minutos antes de mais uma reunião com os haitianos e possíveis representantes do Brasil.

O Peru vive um desencontro de informações. Aqui na fronteira, nenhuma autoridade peruana sabe o que se passa nas mentes das autoridades de Lima.

“Não sabemos ainda se a expedição de vistos lá na entrada é uma recomendação da Organização dos Estados Americanos -- a OEA -- ou se o nosso governo não está ciente do drama vivido por essas pessoas com o Brasil fechando suas portas”, diz.

Por isso, ao mesmo tempo em que causam inchaço nas ruas de Iñapary, eles não são incomodados pela polícia local porque todos têm carimbos peruanos de seis meses a um ano de visto em seus passaportes.

O orçamento do Governo Peruano destinado à manutenção de Iñapary é

| | | |
|--|---|--|
| | <p>insuficiente para cobrir até as despesas corriqueiras.</p> <p>A administração municipal recebe um milhão de soles por mês, o equivalente a R\$ 30 mil mensais, para serviços essenciais, como o recolhimento do lixo, o fornecimento da água e a limpeza de ruas e da praça.</p> <p>“Se tirarmos desse montante, teremos que reduzir outros serviços e isso não está certo também”, pontua o gestor. Embora a economia seja baseada na extração de madeira de lei, suas quatro indústrias instaladas lá só repassaram míseros 90 soles, o equivalente a R\$ 70, de imposto durante todo o ano de 2011.</p> <p>Embora o Governo Peruano admita que não pode fazer nada, também não se vê nas ruas de Iñapary qualquer mobilização de entidades não governamentais, nem mesmo da Igreja Católica, que é tradicionalmente forte no Peru e que em Brasília foi a primeira instituição a assegurar a dignidade desses estrangeiros.</p> <p>Rotas alternativas custam até US\$ 600 mas não garantem sucesso</p> <p>Entre os refugiados haitianos no Peru, embora sejam minoria, há os que ainda conseguem chegar com alguma reserva em dinheiro. Estes estão em hospedarias como a Fronteira House, que cobram até R\$ 20 por dia.</p> <p>Destes, pouquíssimos, mas existentes, estão dispostos a pagar até 600 dólares, o equivalente a R\$ 1,2 mil para bolivianos e peruanos os guiarem em direção a Brasília por caminhos usados pelo tráfico de drogas na região do Bolpebra (sigla para Bolívia Peru e Brasil, na região de fronteira).</p> <p>São ramais e rios localizados entre as cidades de Ibéria e Puerto Maldonado. Outra localidade é Tropeçon e San Lorenzo onde passa o rio Muymayu e que também leva ao território boliviano.</p> <p>“Mas raramente estas pessoas conseguem seu objetivo e acabam tendo que retornar para o território peruano”, conta Jorge Pita.</p> <p>O motivo é que geralmente são interceptados pela polícia boliviana ou são trapaceados pelos coyotes, extorquidos e até violentados. “É algo que não se recomenda a ninguém”, diz.</p> <p>Disponível em: http://agazeta.net/plantao/noticias/7996-haitianos-amargam-fome-sede-e-a-desesperanca-no-peru.html</p> <p>Acesso em: 05/02/12</p> | |
| <p>“Acordo internacional empregará pelo menos 24 haitianos em Ibiporã”</p> | <p>Ibiporã, na região Norte do Paraná, deverá ser a casa de 24 haitianos, a partir da próxima sexta-feira (27). Eles chegarão amparados por um acordo realizado entre o cônsul geral do Haiti no Brasil, George Antoine, e representantes do Sindicato dos Trabalhadores na Movimentação de Mercadorias em Geral de Ibiporã. A intenção da entidade sindical é trazer mais 150 trabalhadores estrangeiros nos próximos meses.</p> <p>Cerca de 4 mil haitianos entraram no Brasil nos últimos meses para fugir da miséria e do caos da terra natal, arrasada por um terremoto em 2010. Desses, 1,6 mil conseguiram visto de residência humanitária emitido pelo Ministério do Trabalho (MT). As principais portas de entrada dos haitianos são Brasileia, no Acre, e Tabatinga, no Amazonas.</p> <p>O advogado que representa o sindicato, Alex Adamczik explicou que os haitianos vão trabalhar na movimentação de mercadorias para cerca de dez diferentes empresas. Pelo menos cem pessoas já prestam esse serviço no município. Os haitianos vão receber R\$ 50 pelo dia trabalhado. “O sindicato, por deliberação própria, vai garantir o pagamento de R\$ 1 mil por mês”, ressaltou o advogado.</p> <p>Os estrangeiros, todos homens entre 25 e 40 anos, também terão moradia gratuita e alimentação subsidiada pelo sindicato. Uma casa foi alugada no centro da cidade para alojar os primeiros que chegarem na sexta. “Temos expectativa de trazer mais pessoas. Vai depender da adaptação deles”, afirmou Adamczik.</p> <p>De acordo com o advogado, a única exigência do sindicato para empregar os haitianos em Ibiporã é que eles tenham carteira de trabalho e estejam com a documentação regularizada para a permanência no Brasil.</p> | <p>Amanda de Santa - Jornal de Londrina - 24/01/12</p> |

| | | |
|---|--|--|
| | <p>“Vamos assegurar [a eles] todos os direitos do trabalhador”, garantiu.</p> <p>Os haitianos devem chegar a Ibiporã na manhã da próxima sexta e serão recepcionados com um almoço na sede da entidade sindical, que fica na Avenida dos Estudantes, 1.119.</p> <p>A reportagem do JL está tentando contato com o cônsul geral do Haiti no Brasil, George Antoine.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.jornaldelondrina.com.br/cidades/conteudo.phtml?tl=1&id=1216201&tit=Acordo-internacional-empregara-pelo-menos-24-haitianos-em-ibipora <i>Acesso em: 07/03/12</i></p> | |
| <p>“Política do Brasil com migração haitiana”</p> | <p>El gobierno de Brasil presentó ante la opinión pública, el pasado 12 de enero de 2012, un conjunto de medidas legales y políticas destinadas a “ordenar” la creciente inmigración haitiana, así como regularizar la situación migratoria de más de 4 mil haitianas y haitianos que se encuentran de manera irregular en su territorio.</p> <p>Del mismo modo, las autoridades brasileñas prometieron de aquí en adelante frenar la “ola” de haitianos hacia sus fronteras a través de amenazas de deportación contra todos los haitianos que ingresen de manera irregular al país.</p> <p>La nueva política de Brasil ante la migración haitiana oscila entre las promesas de regularización y las amenazas de deportación. Esta política que se define como humanitaria tiene una limitada probabilidad de éxito por adolecer de una visión regional y de un enfoque de protección de los derechos humanos de los migrantes.</p> <p>La nueva normativa migratoria</p> <p>El Consejo Nacional de la Inmigración (CNI), organismo dependiente del Ministerio brasileño del Trabajo y del Empleo, publicó el 13 de enero de 2012 en la página 59 del Diario Oficial de la Nación brasileña (Diário Oficial da União[1]) la Resolución normativa número 97 sobre los migrantes haitianos. Dicha Resolución, firmada por el director del CNI, el señor Paulo Sérgio de Almeida, consta de 5 artículos.</p> <p>El primer artículo de la pieza legal estipula que todo nacional haitiano podrá recibir, por razones humanitarias (a raíz de la agravación de las condiciones de vida de la población haitiana luego del terremoto del 12 de enero de 2010), una visa con duración de 5 años y una cédula de extranjería.</p> <p>El segundo artículo establece que esta visa “humanitaria” será otorgada por el Ministerio de Relaciones Exteriores (o la Cancillería) de Brasil a través de la Embajada brasileña acreditada en Puerto Príncipe. Un total de 1.200 visas será concedido a los haitianos cada año, con un promedio de 100 visas mensuales.</p> <p>El tercer artículo advierte que el ciudadano haitiano que se haya beneficiado de la visa humanitaria deberá, poco antes de la fecha de vencimiento de dicha visa, comprobar su situación laboral para poder permanecer en Brasil y renovar su cédula de extranjería.</p> <p>Los dos últimos artículos definen la vigencia de la Resolución desde la fecha de su publicación (el 13 de enero de 2012) hasta un periodo de dos años, con la posibilidad de ser prorrogada eventualmente.</p> <p>Las medidas políticas</p> <p>En una conferencia de prensa realizada el 12 de enero de 2012, el ministro brasileño de la justicia, el señor José Eduardo Cardozo, aportó algunas precisiones sobre la Resolución normativa arriba mencionada, así como un conjunto de medidas políticas complementarias para frenar la ola migratoria haitiana.</p> <p>Por ejemplo, el alto funcionario del gobierno de Dilma Rousseff explicó que esta nueva modalidad de visa humanitaria para los haitianos es diferente de los otros tipos de visa de estudio, turismo o trabajo, ya que el solicitante de esta nueva visa no está obligado a responder a todos los criterios y exigencias requeridos por Brasil.</p> | <p><i>Wooldy Edson Louidor - ALAI, América Latina en Movimiento - 25/01/12</i></p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>Con esta medida migratoria “flexible” y “humanitaria”, cuyo plan de acción concreto para su operativización aún no ha sido precisado por la administración brasileña, la Resolución trata de “abrir un canal formal y legal para la inmigración haitiana”, al tiempo que se propone luchar contra las redes de trata y tráfico ilegal de migrantes.</p> <p>Se trata de ordenar la migración haitiana hacia Brasil, insistió Cardozo, advirtiendo que de aquí en adelante todos los ciudadanos haitianos necesitan visa para ingresar al territorio brasileño.</p> <p>Todos los haitianos que se encuentran en Brasil antes del 12 de enero de 2012 serán regularizados y recibirán la visa humanitaria, prometió. Sin embargo, los que lleguen de manera irregular después de esta fecha serán invitados a dejar el país y, en caso de su negativa a salir del territorio, serán deportados, concluyó en un tono firme.</p> <p>Análisis</p> <p>La nueva política migratoria de Brasil puso fin a dos años de ambigüedad del gobierno de Dilma Rousseff respecto a la situación de los migrantes haitianos que se encuentran en su territorio luego del terremoto del 12 de enero de 2012.</p> <p>De manera oficial, el gobierno brasileño decide otorgar visas humanitarias con una duración de 5 años a los haitianos que llegaron al país suramericano hasta el 12 de enero de 2012. Sin embargo, ni la Resolución normativa ni las medidas políticas anunciadas se pronuncian formalmente sobre el tema de la reunificación familiar de los migrantes haitianos que beneficiarán de la visa humanitaria.</p> <p>La migración haitiana funciona a través de amplias redes sociales y migratorias tejidas desde su país de origen y en múltiples países de tránsito. Cada vez más los migrantes haitianos optan por viajar junto con sus familiares principalmente nucleares o, en la mayoría de los casos, deciden traerlos a su país de llegada con la “ayuda” de traficantes. De ahí la importancia de crear también un canal legal bien definido para los procesos de reunificación familiar.</p> <p>Otro gran ausente de la nueva política migratoria de Brasil es el tema de la protección de los migrantes haitianos durante su periplo hacia el territorio brasileño y en la frontera común con Perú y Bolivia.</p> <p>Al cerrar su frontera con Perú a nivel del río Acre y al militarizarla, el gobierno brasileño espera frenar la migración haitiana hacia la ciudad de Brasiléia ubicada en el Departamento del Acre; lo que parece más bien una ilusión. Lo único que se logra con este endurecimiento es provocar una dramática situación humanitaria contra los migrantes haitianos que se quedan varados en el lado peruano de la frontera.</p> <p>Del mismo modo, ocasiona la perpetración de abusos y violaciones contra los derechos humanos de los haitianos que intentan buscar nuevas rutas por el lado boliviano de la misma triple frontera Brasil-Bolivia-Perú para poder llegar a Brasiléia.</p> <p>Por ejemplo, más de 250 haitianos se encuentran actualmente varados en la pequeña localidad peruana de Iñapari en la región fronteriza de Madre de Dios. Los policías federales brasileños les han impedido cruzar hacia Brasil, mientras que, según Celso Curi, el alcalde de la localidad peruana habitada por 2.500 personas, los servicios han comenzado a colapsar[2].</p> <p>De la misma manera, los haitianos que pasaron por la frontera de Bolivia, al sur de la ciudad de Brasiléia, para poder ingresar al territorio brasileño, señalaron haber sido víctimas de robo de su dinero y otras pertenencias suyas; en especial, las mujeres haitianas declararon haber sido tocadas y manoseadas por agentes policiales bolivianos, según los testimonios recogidos el 19 de diciembre del año pasado en Iñapari por organizaciones de derechos humanos de Brasil, Bolivia y Perú[3].</p> <p>Lo humanitario no sustituye la protección de los derechos humanos</p> <p>Para poder gestionar de manera eficaz la migración haitiana, el gobierno de Brasil debe llegar a un acuerdo multilateral con sus homólogos de los</p> | |
|--|--|--|

| | | |
|--|---|---|
| | <p>vecinos países, Perú y Bolivia, e incluso con otros países suramericanos implicados en el flujo haitiano tales como Ecuador, Chile y Argentina. Se debe de adoptar una visión regional para ordenar la migración haitiana hacia Sur América.</p> <p>Además, sería contraproducente que la nueva política migratoria de Brasil, por más humanitaria que fuera, siguiera contribuyendo a generar más violaciones y abusos contra los derechos humanos y la dignidad de los migrantes haitianos. Brasil, así como los demás países de la región, firmaron y suscribieron una serie de instrumentos de derechos humanos a nivel internacional y regional que les obligan a proteger los derechos de la persona humana, más allá de la nacionalidad y el estatus migratorio que tenga.</p> <p>Es lamentable que los principales organismos regionales encargados de velar por el respeto irrestricto de los derechos humanos en la región, tales como la Unión de Naciones Suramericanas (UNASUR) y la Organización de Estados Americanos (OEA), aún no se hayan pronunciado públicamente sobre la necesidad de defender los derechos de los migrantes haitianos que se encuentran en una situación de vulnerabilidad y con necesidad de protección internacional.</p> <p>Finalmente, la nueva política migratoria no menciona las medidas y las estrategias que el gobierno brasileño planea adoptar para integrar a la población haitiana en la sociedad nacional. Esperamos que las autoridades brasileñas contemplen un plan de integración digna y respetuosa de los derechos humanos de los migrantes haitianos en Brasil.</p> <p>Lo humanitario no puede sustituir, en ningún caso, la protección de los derechos humanos.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://alainet.org/active/52329 <i>Acesso em:</i> 25/01/12</p> | |
| <p>“Indesejáveis, porém cheirosos”</p> | <p>O Brasil já pertence ao grupo dos países mais desenvolvidos do mundo. Se havia dúvidas, eis a prova: o governo limitou a entrada de haitianos no país.</p> <p>Sei que a questão não é fácil de resolver. Nas condições atuais, nenhum país poderia absorver de uma hora para outra um contingente enorme de pessoas sem destino. Mas também sei que, em outros tempos, a história era diferente. Mais de 2 milhões de italianos aportaram nos Estados Unidos entre 1900 e 1910.</p> <p>Na cidade de Nova York, em 1914, estima-se que o número de judeus fosse de 1,5 milhão. Quatro anos depois, segundo os dados do censo, a cidade toda tinha 4,8 milhões.</p> <p>O passado brasileiro não foi diferente. Pode-se argumentar que os japoneses, alemães e italianos que chegaram aqui tinham sido, em boa maioria, arregimentados em planos de colonização.</p> <p>Não se tratava de refugiados ou de pessoas sem eira nem beira, chegando num país mais por questão de sobrevivência do que por qualquer projeto de trabalho. Não eram negros, tampouco. Mais uma razão, a meu ver, para que os relativamente poucos haitianos sejam acolhidos no Brasil. Ia dizer "acolhidos sem restrições", mas isso é pouco. Significa apenas deixá-los entrar, para que continuem ao deus-dará.</p> <p>Claro que uma população jogada na marginalidade e na mendicância não vai ser motivo de festa para quem a vir chegar. Mas esses casos seguem um roteiro conhecido.</p> <p>O primeiro passo para a degradação definitiva do ser humano é reduzi-lo a isso: um mero ser, sem papéis, sem língua, sem mais que a roupa do corpo.</p> <p>Antes que a sua aniquilação física seja vista como "natural", "inevitável" e mesmo "desejável" (afinal, quem tem paciência para conviver com uma escória animalizada?), é preciso ocorrer a sua aniquilação civil.</p> <p>É a invenção moderna do "apátrida", sobre a qual escreveu Hannah Arendt, pensando na morte dos milhões de judeus sob o nazismo. Destituídos de sua cidadania, os judeus da Alemanha entraram inicialmente num limbo legal. O processo continuou até que, destituídos de suas próprias roupas e de</p> | <p>Marcelo Coelho - Folha de São Paulo - 25/01/12</p> |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>seus próprios nomes (substituídos nos campos de extermínio por um simples número tatuado), já não eram nada mais que corpos, cadáveres vivos, para os quais a única "solução" era acabar de vez com eles.</p> <p>Numa tradução muito descuidada, saiu há alguns anos no Brasil o livro "Depois de Auschwitz", escrito pelo filósofo espanhol Antonio Reyes Mate (editora Nova Harmonia).</p> <p>Ele cita uma frase memorável de um ministro da Justiça de seu país sobre os estrangeiros ilegais: "Para o Estado, o imigrante sem papéis não existe". Como não existe, sua morte -em última análise- não fará a menor diferença.</p> <p>Reyes Mate traça um panorama do pensamento de vários filósofos (Lévinas, Benjamin, Foucault, Agamben) a respeito das raízes político-intelectuais do genocídio nazista, apontando para a silenciosa presença de alguns de seus pressupostos no mundo contemporâneo.</p> <p>Para o francês Emmanuel Lévinas, por exemplo, o culto hitleriano da "raça" e da "terra natal" foi a consequência de teorias que, ao longo do século 19, foram construindo uma visão puramente biológica do ser humano.</p> <p>Na medida em que a liberdade do homem deixa de ser levada em consideração e se dá mais peso às determinações do meio ambiente ou da genética, o que existe de único em cada indivíduo perde valor.</p> <p>Pulo alguns passos na exposição de Reyes Mate e destaco outro ponto. Os direitos "do homem e do cidadão", segundo a célebre fórmula da Revolução Francesa, pressupõem (de modo algo mágico e arbitrário) que o tal cidadão tenha nascido no território nacional... Terra e sangue, no fundo, decidem sobre quem tem direitos e quem não tem.</p> <p>Exagero? Um exemplo dos dias de hoje. Por que só netos de italianos teriam direito à cidadania italiana? Mesmo sem distinguir um rondelli de um mascarpone, o brasileiro pode ganhar seus papéis se provar "uma vera" herança genética... Para mim, estamos nas raízes do racismo com isso.</p> <p>Sorte que, enquanto as autoridades brasileiras controlam a entrada de haitianos, eles fazem sucesso (segundo a Folha deste domingo) com as mulheres nacionais. São considerados elegantes, cheirosos, bonitos e, ainda por cima, falam francês.</p> <p>Nossas elites não são mais o que eram. Há algum tempo, só o fato de falar francês garantiria cidadania plena por aqui.</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/21902-indesejaveis-porem-cheirosos.shtml</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | |
| <p>"Haitianos expostos a graves peligros en triple frontera"</p> | <p>La triple frontera entre Bolivia, Brasil y Perú se ha convertido en una zona de alto riesgo para los haitianos inmigrantes que intentan llegar por esa región hasta territorio brasileño.</p> <p>Según el sacerdote René Salízar, coordinador de Derechos Humanos del Mini MAP - Madre de Dios, Perú; Acre, Brasil; y Pando, Bolivia -, los migrantes haitianos "han sufrido el robo de sus pertenencias, los varones han sido maniatados, las mujeres sometidas a violaciones sexuales e incluso se han reportado algunas muertes. Hay denuncias periodísticas que dan cuenta que se encontraron cadáveres de haitianos hombres y mujeres ya en descomposición en el lado boliviano, pero al parecer los robos sistemáticos han sido en el lado peruano".</p> <p>En un reporte que circuló Salízar, durante todo el año 2011 han ingresado ciudadanos haitianos a Iberia - Iñapari para pasar a Brasil, "pero en el trayecto han tenido muchas dificultades, porque nadie contaba con visa. Unas veces ingresaban por Río Acre en embarcaciones pequeñas, otras en automóviles por la misma frontera de Assís - Brasil, burlando el control policial; en ocasiones ingresaron por la frontera de Bolivia con Perú, donde se han suscitado serios problemas".</p> <p>El sacerdote que cumple su misión en la Parroquia Santa Rosa de Lima, en Iberia - Madre de Dios, asegura que aunque se han promovido "encuentros internacionales con autoridades brasileras, bolivianas, peruanas y haitianos activistas de derechos humanos, para sensibilizar sobre todo a las</p> | <p>Sem autor - Desdelsur - 25/01/12</p> |

| | | |
|---|--|---|
| | <p>autoridades de los tres países de frontera”, las autoridades de policiales de Bolivia y Perú “no se quieren involucrar y no muestran interés en la investigación de las denuncias”.</p> <p>“Personalmente he recorrido ya todas las fronteras de Perú con Bolivia, pero la policía peruana y boliviana dicen no haber visto nada, que no saben de nada, solamente algunos testimonios de vecinos del lugar”, denuncia René Salízar.</p> <p>A tiempo de formular un llamado a la acción, destaca que “el día 17 de este mes hemos hecho un tercer encuentro, para ver la situación de los 82 haitianos que estaban varados en Iñapari, pero también de los 1.250 haitianos refugiados en Brasilea. Los testimonios fueron ricos y ya estamos encaminando sus pedidos. El día 18 ya habían 98 haitianos en Iñapari, muchos de ellos ya llevaban varios días, algunos sin comer, sin hotel, porque ya no tenían dinero, se les acabaron sus provisiones”.</p> <p>La parroquia de la zona ha solicitado ayuda humanitaria a las autoridades municipales de Iñapari para la dotación de agua, alimentos y vivienda y está coordinando acciones con el responsable de Derechos Humanos de Assis Brasil, y “se acordó realizar gestiones ante el gobierno de Brasil para que dejaran ingresar a los haitianos varados en Iñapari, pero para hoy ya se aumentó el número a 135 haitianos”.</p> <p>Salízar informa que cuenta con un registro audiovisual de lo que sucede en la triple frontera, “que quisiera compartir especialmente para divulgar en Haití y República Dominicana, porque es ahí donde está traficando con los migrantes, ofreciéndoles trabajo e ingreso libre a Brasil”.</p> <p>Disponível em: http://www.desdelsur.bo/Desdelsur/articulo.php?tipo=Sociedad&d=745&id=1</p> <p>Acesso em: 03/01/12</p> | |
| <p>“Haiti: imigração e diminuição de contingente militar serão discutidos em visita de Dilma”</p> | <p>O número crescente de imigrantes haitianos no Brasil será um dos temas da visita da presidenta Dilma Rousseff ao Haiti, programada para 1º de fevereiro, após uma passagem por Cuba, um dia antes. O ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota, disse hoje (25) durante um evento no Itamaraty, centro do Rio, que o assunto será discutido com o novo presidente do país caribenho, Michel Martelly, que assumiu o cargo em maio do ano passado.</p> <p>“Esse tema [imigração], aliás, está muito bem equacionado com essa nova política de abertura a haitianos que queiram trabalhar aqui, de até 1.200 por ano, mas essa visita já estava na agenda, até mesmo pelo papel do Brasil na estabilização e reconstrução do Haiti, depois do novo terremoto, além de contatos políticos com o novo presidente e seu novo gabinete”.</p> <p>O Haiti foi devastado, em 12 de janeiro de 2010, por um terremoto que deixou cerca de 200 mil mortos, além de destruir prédios e ruas inteiras. O Brasil é responsável pela Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (Minustah) e patrocina projetos de infraestrutura naquele país, onde cerca de 500 mil pessoas ainda vivem em tendas improvisadas dois anos após o terremoto.</p> <p>Outro tema da agenda será a diminuição do contingente militar brasileiro no Haiti para que o Brasil concentre suas ações em infraestrutura e desenvolvimento econômico, como construção de uma hidrelétrica, de escolas e hospitais.</p> <p>De acordo com dados do governo, cerca de 4 mil haitianos vivem hoje no Brasil, a maioria, nas cidades de Brasileia, no Acre, e Tabatinga, no Amazonas, em abrigos provisórios.</p> <p>Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-01-25/haiti-imigracao-e-diminuicao-de-contingente-militar-serao-discutidos-em-visita-de-dilma</p> <p>Acesso em: 25/01/12</p> | <p>Flávia Vilella - Agência Brasil EBC - 25/01/12</p> |
| <p>“Imigrante haitiana morre de dengue no</p> | <p>Uma imigrante haitiana de 33 anos morreu em razão de complicações neurológicas decorrentes de dengue em Tabatinga (AM) no último domingo (22), segundo a Secretaria de Saúde do Estado do Amazonas.</p> | <p>Kátia Brasil - Folha de São Paulo -</p> |

| | | |
|--|--|--|
| Amazonas" | <p>Tabatinga fica na fronteira amazônica com o Peru e com a Colômbia e é uma das principais portas de entrada de imigrantes ilegais no Brasil.</p> <p>Conforme a secretaria, o caso de dengue da imigrante Carmelite Baptise é o primeiro registrado no município este ano e também o primeiro entre haitianos no Brasil.</p> <p>A imigrante já estava doente quando entrou no país, segundo a secretaria. Ainda não foi diagnosticado o tipo de dengue.</p> <p>FLUXO DE IMIGRAÇÃO</p> <p>Ao menos 1.300 haitianos vivem em Tabatinga atualmente e esperam a regularização de documentos de imigração pelo governo brasileiro. Desde 2010, a cidade já recebeu cerca de 3.000 imigrantes.</p> <p>Baptise chegou em Tabatinga no dia 14 de janeiro. No dia seguinte, apresentou febre alta, cefaleia e dores no corpo, segundo a gerência municipal de Endemias.</p> <p>Internada no Hospital de Guarnição do Exército, teve a dengue diagnosticada por um teste rápido, recebeu atendimento médico e voltou para casa.</p> <p>No dia 18, passou mal, voltou ao hospital e ficou internada. No domingo, morreu pela manhã. O atestado de óbito, segundo o gerente, notificou encefalopatia por complicações de dengue.</p> <p>Procurada pela reportagem, a direção do Hospital de Guarnição do Exército não se pronunciou sobre o caso. Não há informação se o corpo da haitiana foi liberado para o sepultamento.</p> <p>A morte da haitiana alertou a Secretaria de Saúde do Amazonas, que mantém, desde outubro de 2011, um laboratório na fronteira que monitora a entrada de doenças como dengue, diarreia aguda e o cólera no processo de imigração.</p> <p>Em 2011, o município de Tabatinga notificou 168 casos de dengue. Não houve nenhuma morte.</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1038824-imigrante-haitiana-morre-de-dengue-no-amazonas.shtml</p> <p>Acesso em: 25/01/12</p> | 25/01/12 |
| "Brasil discutirá imigração com autoridades haitianas— Patriota" | <p>A entrada maciça de haitianos no norte do Brasil será um dos temas da viagem da presidente Dilma Rousseff ao Haiti, na semana que vem, disse nesta quarta-feira o ministro das Relações Exteriores, Antonio Patriota.</p> <p>O Haiti, país mais pobre das Américas, ainda se recupera dos efeitos do devastador terremoto de janeiro de 2010, que destruiu a capital Porto Príncipe e paralizou a economia local, elevando o desemprego e a pobreza, fator principal para a saída de haitianos.</p> <p>"Isso aí, sim, é um tema da visita", disse Patriota a jornalistas.</p> <p>O governo brasileiro regularizou a situação dos cerca de 4 mil haitianos que atravessaram ilegalmente a fronteira brasileira com a Bolívia e o Peru, no final de 2011 e início deste ano.</p> <p>Para coibir a imigração ilegal, a embaixada brasileira passou a emitir 100 vistos condicionados por mês a haitianos interessados em residir no Brasil.</p> <p>"Acho que o tema da imigração está bastante bem equacionado com a nova política de abertura a haitianos que queiram trabalhar aqui. Serão 1200 vistos por ano", disse.</p> <p>Dilma e Patriota farão uma visita de um dia ao Haiti, no dia 1o de fevereiro, na primeira viagem internacional da presidente em 2012, num giro que incluirá também Cuba.</p> <p>O Brasil lidera a missão de paz da Organização das Nações Unidas (ONU) no Haiti, a Minustah, criada em 2004, e tem o maior contingente de tropas.</p> <p>Ao ser questionado se pretendia se encontrar com a blogueira cubana Yoani Sánchez durante a visita a Cuba, Patriota disse que tomou conhecimento do apelo da dissidente cubana para se encontrar com Dilma, mas que "não tinha nada a declarar no momento sobre o assunto".</p> <p>Disponível em: http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/01/brasil-</p> | Rodrigo Viga Gaier Reuters - G1 25/01/12 |

| | | |
|---|--|--|
| | <p>discutira-imigracao-com-autoridades-haitianas-patriota-1.html</p> <p>Acesso em: 25/01/12</p> | |
| <p>“Dilma abordará tema da imigração em viagem ao Haiti”</p> | <p>A imigração em massa de haitianos para o Brasil será um dos temas tratados pela presidente Dilma Rousseff na visita que fará ao país caribenho no começo de fevereiro.</p> <p>O ministro de Relações Exteriores, Antônio Patriota, afirmou que o tema já está "bem equacionado" com a decisão do governo brasileiro de permitir a entrada de até 1.200 haitianos por ano para trabalhar.</p> <p>Patriota, que participou de evento no Rio de Janeiro, ressaltou que a visita já estava acertada para acontecer após a posse do novo presidente do Haiti, Michel Martelly, que ocorreu em maio.</p> <p>Agora, com a escolha de Garry Conille para o posto de primeiro-ministro --que assumiu em outubro-- completou-se a formação do gabinete de governo, propiciando a visita de Dilma ao país.</p> <p>"Vamos retomar a cooperação com o país caribenho", disse Patriota.</p> <p>O ministro embarca nesta semana para Davos, na Suíça, para participar do Forum Econômico Mundial. Segundo ele, um dos temas centrais de sua participação no evento será a Rio +20, que acontece na capital fluminense em junho.</p> <p>"[A Rio +20] Fornecerá plataforma para se debater desde a crise econômica, até modelos de inclusão social e até as grandes questões ambientais e como reconciliar os três", disse Patriota a jornalistas.</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/poder/1039378-dilma-abordara-tema-da-imigracao-em-viagem-ao-haiti.shtml</p> <p>Acesso em: 29/01/12</p> | <p>Sem autor - Folha de São Paulo - 25/01/12</p> |
| <p>“A odisseia dos haitianos para chegar ao Brasil”</p> | <p>208 haitianos chegaram a Manaus na manhã desta terça-feira (24), entre eles, 15 crianças. A previsão é que mais 160 cheguem até o fim de semana. O padre da igreja de São Geraldo, o escalabriniano Gelmino Costa, afirmou que o centro paroquial está sem nenhuma estrutura para receber os imigrantes.</p> <p>“A data de hoje é muito triste para nós, pois infelizmente será a primeira vez que esses haitianos ficarão na rua, não temos lugar para eles” - lamentou o padre ao D24am.</p> <p>Segundo ele, falta apoio do Governo do Estado e da Prefeitura de Manaus para receber os haitianos. “O governo federal deu a permissão para eles entrarem, porém, não oferecem moradias, e tudo fica por conta das paróquias de Manaus”, completou.</p> <p>O voluntário da pastoral, Tom Rodrigues, comentou que “eles chegam sempre com a esperança de buscar emprego, mas infelizmente a demora é grande até que consigam se estabilizar na cidade”, disse. Rodrigues ressaltou que o estoque de alimentos da igreja chegou ao fim.</p> <p>Os haitianos recebem da paróquia de São Geraldo 28 moradias alugadas e um rancho a cada dez dias, mas o local está necessitando de doações de alimentos para suprir a demanda de haitianos que estão chegando em Manaus.</p> <p>Padre Gelmino conversou com a RV e contou a odisseia dos haitianos até chegar a Manaus.</p> <p>O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) informou que enviará a Manaus, no próximo dia 1º de fevereiro, uma equipe de técnicos para avaliar a situação dos haitianos no Estado e definir medidas para atender esta demanda social.</p> <p>Disponível em: http://www.oecumene.radiovaticana.org/bra/articulo.asp?c=557458</p> <p>Acesso em: 28/01/12</p> | <p>Sem autor - Rádio Vaticano - 25/01/12</p> |
| <p>“Migración y tropas, temas de presidenta brasileña en Haití”</p> | <p>El canciller Antonio Patriota afirmó hoy que la migración de haitianos hacia Brasil y la disminución de las tropas de este país en Haití serán temas prioritarios a tratar por la presidenta Dilma Rousseff en Puerto Príncipe.</p> <p>La mandataria tiene previsto realizar una visita a Haití el 1 de febrero venidero. Patriota habló sobre ese viaje en un evento en el Palacio de Itamaraty, de Río de Janeiro, según un reporte de la Agencia Brasil.</p> | <p>Sem autor - Prensa Latina - 25/01/12</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>El canciller precisó que el tema migratorio será discutido por Rousseff con el presidente de Haití, Michel Martelly.</p> <p>Recientemente entró en vigor una resolución que establece las condiciones de la visa de trabajo en carácter especial a ciudadanos haitianos para ingresar en esta nación.</p> <p>El texto precisa que el gobierno brasileño concederá mil 200 visas anuales (100 mensuales) de trabajo de carácter especial a inmigrantes haitianos, quienes podrán permanecer en este país por al menos cinco años.</p> <p>Antes de cumplirse los cinco años, los favorecidos deben comprobar su situación laboral en el Ministerio del Trabajo y el Empleo para la renovación de la visa y la expedición de una nueva Cédula de Identidad de Extranjero.</p> <p>Con la resolución, Brasil pretende eliminar el ingreso ilegal de haitianos al país. A inicios de este mes se calcularon en cuatro mil los haitianos irregulares, quienes también serán beneficiados por la medida.</p> <p>Otro tema, apuntó Patriota, a examinar por la presidenta con su par haitiano es la reducción de las tropas brasileñas que forman parte de la Misión de las Naciones Unidas para la Estabilización de Haití, que Brasil comanda desde su creación en 2004.</p> <p>Según la Agencia Brasil, Patriota indicó que la disminución del número de efectivos brasileños, que actualmente es de dos mil 200, persigue que el gigante suramericano concentre sus acciones en Haití en infraestructura y desarrollo económico, como la construcción de una hidroeléctrica, escuelas y hospitales.</p> <p>Disponível em: http://www.prensa-latina.cu/index.php?option=com_content&task=view&id=471593&Itemid=1</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | |
| <p>“Haitianos dejan de llegar a Iñapari tras cierre de frontera brasileña”</p> | <p>René Salízar, párroco del templo que acoge a cientos de haitianos varados desde hace unos días en Madre de Dios, informó a El Comercio que ayer no llegaron más migrantes a Iñapari.</p> <p>La ola migratoria se habría detenido luego de que su líder, Fasio Etienne, comunicara a sus compatriotas que la frontera con Brasil estaba cerrada y era imposible pasar hacia ese país en busca de trabajo.</p> <p>“Hoy [ayer] conversé con Etienne y me dijo que ya no llegarán más haitianos, pues él les ha dicho que hay problemas para pasar cruzar la frontera. Hasta ahora hay 254 haitianos que están varados en Iñapari. No pueden pasar hacia Brasil y las negociaciones están difíciles. Esto va a demorar”, explicó el padre Salízar.</p> <p>“SE QUEDAN DE ILEGALES”</p> <p>El principal problema, según el jefe de la región policial de Madre de Dios, coronel PNP Miguel Navarrete, es que los haitianos empezaron a cruzar masivamente hacia Brasil luego del Año Nuevo. Lo hacían en calidad de turistas pero ya en ese país se quedaban trabajando ilegalmente.</p> <p>No quieren regresar a su país pues consideran que allá no hay oportunidades de trabajo ni futuro para ellos y sus hijos.</p> <p>“Hoy [ayer] hemos realizado una operación con la Dirección de Migraciones de Iñapari y la Policía Federal de Brasil. Tengo entendido que los antiguos policías federales han sido rotados por permitir el ingreso masivo de migrantes haitianos, que se quedan trabajando en las localidades de Assis, Brasiléia y luego pretenden llegar hasta Río de Janeiro”, indicó el coronel Navarrete.</p> <p>Alejandro Carnero, analista experto en asuntos de Haití, dijo que estos ciudadanos del Caribe son desde hace mucho tiempo migrantes que salen de su país en busca de mejoras económicas.</p> <p>EN COLOMBIA Y VENEZUELA</p> <p>“Brasil lo está sufriendo recientemente, pero este fenómeno se ha visto anteriormente en Colombia y Venezuela, adonde cada año llegan miles de haitianos. Otros países atractivos para ellos son México y Estados Unidos”,</p> | <p>Sem autor - El Comercio Peru - 25/01/12</p> |

| | | |
|---|--|---|
| | <p>señaló.</p> <p>El alcalde de Iñapari, Celso Curi, informó que el último lunes los más de 200 haitianos varados en su distrito hicieron una marcha pacífica en el puente internacional de frontera con el Brasil para exigir a las autoridades de ese país que los dejen pasar.</p> <p>PRECISIONES Servicios colapsarían El alcalde del distrito de Iñapari, ubicado en la provincia de Tahuamanu, Celso Curi, aseguró que los servicios de esta localidad están a punto de colapsar debido a la llegada de los haitianos.</p> <p>Poca agua En Iñapari viven 2.500 personas y en una semana han visto cómo su población ha crecido en 10%. “Solo tenemos agua potable dos horas al día y ahora ya no nos damos abasto”, afirma el alcalde Celso Curi.</p> | |
| <p>“Colocação no mercado de trabalho é sinônimo de recomeço para haitianos que vivem em Manaus”</p> | <p>Todas as manhãs, o haitiano Odilon Odilien, 30, entra no ônibus que o leva de sua casa no bairro de São José, Zona Leste de Manaus, até a fábrica de reciclagem plástica onde trabalha há dez meses, no Distrito Industrial, Zona Sul. Odilon mora em Manaus há mais de um ano e foi um dos primeiros haitianos a chegar ao País, no início do ano passado.</p> <p>Acostumado a trabalhar como pedreiro em sua cidade natal, Porto Príncipe, capital do Haiti, ele viu todas as possibilidades de emprego serem soterradas pelo terremoto que matou 217,3 mil pessoas, o equivalente a 2% da população. Foi então que decidiu juntar suas economias e enfrentar uma viagem de 15 dias para tentar a vida em outro lugar. “Não há trabalho no Haiti e eu precisava sustentar minha mulher e nossos três filhos que ainda estão lá”, explica.</p> <p>A fábrica em que Odilon trabalha emprega 531 pessoas, das quais 76 são haitianos. Desde que foram contratados, todos os imigrantes recebem alojamento provido pela empresa, além de transporte e alimentação na fábrica. Um dos estrangeiros, Philenaud Anelus, 34, é casado e pai de três filhos. Com um largo sorriso no rosto, ele conta que o emprego tornou possível o sonho de se estabelecer no Brasil e, principalmente, poder ajudar a família que deixou para trás. “Eu divido todo o dinheiro que recebo, fico com metade e mando a outra metade para a minha esposa”, conta.</p> <p>Para Clovius Jean, 28, que também conseguiu trabalho na fábrica, a oportunidade de emprego mudou sua vida. “Eu sou muito agradecido por trabalhar aqui. O patrão gosta dos haitianos e nós gostamos muito dele também”, diz o rapaz com um largo sorriso no rosto. Clovius nasceu na cidade de Ganthier, vizinha à capital Porto Príncipe, e chegou ao Brasil em novembro de 2010. Ele perdeu o pai no terremoto e ajuda a sustentar a mãe com o dinheiro que recebe.</p> <p>Identificação Os haitianos começaram a ser admitidos na fábrica após o pedido de uma amiga para que o diretor, Reginaldo Pizzonia, empregasse três deles. “Eu fiz com a intenção de ajudar e acabei sendo ajudado. Eles são ótimos”, afirma. De família italiana, o empresário nascido em São Carlos, estado de São Paulo, conta que seus avós chegaram ao Brasil também como imigrantes. Entre o final do século XIX e início do século XX, milhares de europeus foram trazidos ao Brasil para trabalhar nas plantações de café do interior paulista. Assim como os haitianos, eles fugiam da miséria em seus países de origem e buscavam construir uma nova vida no Brasil.</p> <p>Além da identificação com a história de seus antepassados, Reginaldo Pizzonia conta que seu filho, o ex-piloto de Fórmula 1, Antônio Pizzonia, visitou o Haiti pouco depois do terremoto com uma comitiva de atletas que</p> | <p><i>Felipe Libório - A Crítica.com - 26/01/12</i></p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>juntaram doações e desenvolveram projetos de ensino de esportes à crianças e adolescentes do país. Comovido com a situação de miséria que encontrou, o piloto descreveu ao pai a realidade que viu. “São pessoas que passaram por uma situação muito difícil e merecem uma chance. Você não os vê fazendo nada de errado. Estão sempre com pastas nas mãos procurando trabalho”, diz o empresário.</p> <p>Crescimento</p> <p>De acordo com Reginaldo Pizzonia, quase todos os empregados que trabalham na fábrica durante o terceiro turno são haitianos. Ele diz que muitos já conseguiram trazer a família para o Brasil e outros aprenderam a realizar novos ofícios. “Nós temos haitianos que começaram como estivadores e hoje assumiram sozinhas o controle de máquinas de alta tecnologia”, conta. Para o empresário, dar oportunidade para quem precisa não é mais do que sua obrigação. “Essas pessoas não pedem esmolas. A única coisa que querem é emprego”, concluiu.</p> <p>Disponível em: http://acritica.uol.com.br/manaus/Colocacao-sinonimo-recomeco-haitianos-Manaus-Amazonas_0_634736543.html</p> <p>Acesso em: 27/01/12</p> | |
| <p>“Haitianos que chegaram na última terça-feira a Manaus recebem apoio”</p> | <p>Dos 208 haitianos que chegaram a Manaus na última terça-feira, 70 passaram a noite no pátio coberto da paróquia de São Geraldo, no bairro Nossa Senhora das Graças, Zona Centro-Sul. Os imigrantes fazem parte do grupo que aguardava em Tabatinga (a 1.105 quilômetros de Manaus) e foi atendido pelo mutirão iniciado na semana passada pela Polícia Federal.</p> <p>De acordo com o padre da paróquia de São Geraldo, Gelmino Costa, a maior parte dos imigrantes foi deslocada para as casas de haitianos que já estão estabelecidos em Manaus e outros foram acolhidos por famílias e outras entidades religiosas. “A sociedade civil tem se mobilizado e mostrado ação diante do problemas dos imigrantes haitianos. Tivemos famílias levando até 20 deles para suas casas”, afirma o pároco.</p> <p>A Secretaria Estadual de Assistência Social (Seas) e a Pastoral do Migrante produziram, no início do mês, um relatório sobre a situação dos haitianos no Amazonas. O documento foi encaminhado para o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), e requisitava verbas para o acolhimento dos imigrantes, além da compra de colchões e alimentação. De acordo com a Seas, ainda não houve resposta.</p> <p>Mais imigrantes</p> <p>De acordo com o padre Gelmino, informações vindas de Tabatinga dão conta de que um número ainda maior deve chegar no sábado e na segunda-feira. “Dos 400 colchões disponíveis, sobraram apenas 50”, diz ele. O padre afirma que as necessidades emergenciais dos haitianos são apenas de alojamento e alimentação. “Os haitianos permanecem nos abrigos por, no máximo, 30 dias. Logo que encontram emprego, eles se juntam para dividir o aluguel de uma casa e já conseguem se tornar independentes”, diz ele.</p> <p>Para Maria Dias, 56, que entregou uma doação de dois fardos de arroz à paróquia de São Geraldo, é importante que a sociedade civil ajude. “Se eu estivesse na mesma situação iria querer que alguém fizesse algo por mim. Se um der o feijão e outro o arroz, todos comem. Ficar apontando o dedo e procurando de quem é a responsabilidade não vão encher a barriga de ninguém”, disse ela.</p> <p>Nessa quarta-feira (25), a reitora da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Márcia Perales, disse que foi proposta a publicação de um edital de apoio humanitário aos haitianos, por meio Programa Atividade Curricular de Extensão (Pace). Os novos projetos terão atividades específicas, destacando-se o envolvimento de alunos de graduação das licenciaturas em línguas estrangeiras que darão apoio, principalmente, no ensino da língua portuguesa. A proposta final deverá ser apresentada na Paróquia São Geraldo no sábado, 28.</p> | <p>Felipe Libório - A Crítica.com - 26/01/12</p> |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>Disponível em: http://acritica.uol.com.br/manaus/Haitianos-chegaram-terca-feira-Manaus-recebem-Amazonas_0_634736535.html</p> <p>Acesso em: 27/01/12</p> | |
| <p>“MPF/AC busca garantir direitos humanos de haitianos via Justiça Federal”</p> | <p>O Ministério Público Federal no Acre (MPF/C) entrou com ação civil pública junto à Justiça Federal para que a União garanta os direitos humanos dos haitianos que vem ao Brasil em busca de trabalho e condições dignas de sobrevivência após o terremoto que assolou o Haiti em 2010. Segundo a ação, o Brasil vem atentando duplamente contra os direitos humanos dessas pessoas ao deixar de prestar-lhes assistência humanitária devida e ao dificultar o ingresso em território brasileiro.</p> <p>Os pedidos da ação são para que a Justiça Federal determine o reconhecimento da condição jurídica de refugiado a todos os haitianos que estão ou que venham para o Brasil, cessando todo e qualquer impedimento injustificado para o ingresso em território brasileiro de imigrantes de nacionalidade haitiana.</p> <p>Segundo a ação, assinada pelo procurador da República Anselmo Henrique Cordeiro Lopes, a falta do reconhecimento de refúgio aos haitianos consistirá em nova violação de seus direitos e os colocará em situação de vulnerabilidade ainda maior, expondo-os a crimes típicos de exploração humana, como a prostituição, trabalho escravo e outros.</p> <p>Além disso, foi reforçado o pedido de garantia de assistência humanitária básica aos haitianos que já se encontram no Brasil, provendo-lhes comida, água, moradia provisória e serviços básicos de saúde até que estes consigam vínculo empregatício e possam manter-se por meios próprios. No final do ano passado houve recomendação ao Governo Federal neste sentido, porém o poder público preferiu ignorar o que foi recomendado, não tendo sequer respondido aos ofícios enviados.</p> <p>Os fundamentos da ação</p> <p>Segundo a ação, os direitos humanos, conforme descrito na Carta Internacional de Direitos Humanos e acolhidos pelos Estados democráticos como parte de seus sistemas internos, são universais, sobrepondo-se ao direito convencional e servem, inclusive, como limite à soberania dos países, conforme reconhecido atualmente pela doutrina internacional.</p> <p>De acordo com o texto, o instituto do refúgio não está isolado no Direito Internacional e deve ser compreendido como instrumento de garantia do exercício pleno dos direitos humanos. Assim, mesmo a legislação brasileira se atualizou e ampliou a possibilidade de concessão de refúgio ao incluir na Lei 9474/97 a condição de refugiado a todo aquele que “devido a grave e generalizada violação dos direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade e buscar refúgio em outro país” .</p> <p>A ação argumenta, ainda, que o direito ao refúgio não pode ficar estaticamente ligado ao fundamento da perseguição política, mas, tal como os direitos humanos, deve ser dinamicamente entendido, tendo em vista as novas investidas e ameaças aos direitos humanos, como os casos de tragédias ambientais ou naturais, principalmente se tais eventos são potencializados pelo caos social e político da região, como é o caso específico do Haiti, que viveu esse caos durante décadas antes do grande terremoto de 2010, levando seus cidadãos exatamente à situação de vítimas de graves violações dos direitos humanos.</p> <p>A obrigação do Brasil de atender e acolher aos haitianos, segundo o texto da ação, consiste também em atender à própria Constituição Federal que expressamente sujeita o Brasil à “prevalência dos direitos humanos” (art. 4º, II, CRFB), bem como obriga a guiar-se pela solidariedade humana em relação aos povos da América Latina, de acordo com o art. 4º, parágrafo único, da Constituição da República (“A República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações”).</p> | <p>Sem autor- ASCOM - MPF -Procuradoria da República no Acre - 26/01/12</p> |
| <p>“MPF aciona</p> | <p>O Ministério Público Federal no Acre (MPF-AC) entrou com ação civil</p> | <p>Altino Machado -</p> |

| | | |
|--|---|--|
| <p>governo brasileiro por violar direitos humanos de imigrantes haitianos”</p> | <p>pública contra a União para que sejam garantidos direitos humanos dos imigrantes haitianos que vêm ao Brasil em busca de trabalho e condições dignas de sobrevivência, após o terremoto devastou o Haiti há pouco mais de um ano.</p> <p>- O Brasil vem atentando duplamente contra os direitos humanos dessas pessoas ao deixar de prestar-lhes assistência humanitária devida e ao dificultar o ingresso em território brasileiro - afirma o procurador da República Anselmo Henrique Cordeiro Lopes.</p> <p>A ação pede que a Justiça Federal determine o reconhecimento da condição jurídica de refugiado de todos os haitianos que estão ou que venham para o Brasil, cessando todo e qualquer impedimento injustificado para o ingresso deles em território brasileiro.</p> <p>No entendimento do MPF-AC, a falta do reconhecimento de refúgio aos haitianos consistirá em nova violação de seus direitos e os colocará em situação de vulnerabilidade ainda maior, expondo-os a crimes típicos de exploração humana, como a prostituição e trabalho escravo.</p> <p>O procurador da República reforça o pedido de garantia de assistência humanitária básica aos haitianos que já se encontram no Brasil, provendo-lhes comida, água, moradia provisória e serviços básicos de saúde até que consigam vínculo empregatício e possam manter-se por meios próprios.</p> <p>No final do ano passado, o MPF recomendou ao Governo Federal que prestasse assistência humanitária, porém o poder público preferiu ignorar e sequer respondeu aos ofícios enviados pelo procurador.</p> <p>Fundamentos</p> <p>Segundo a ação, os direitos humanos, conforme descrito na Carta Internacional de Direitos Humanos e acolhidos pelos Estados democráticos como parte de seus sistemas internos, são universais, sobrepondo-se ao direito convencional e servem, inclusive, como limite à soberania dos países, conforme reconhecido atualmente pela doutrina internacional.</p> <p>O procurador assinala que o instituto do refúgio não está isolado no Direito Internacional e deve ser compreendido como instrumento de garantia do exercício pleno dos direitos humanos.</p> <p>O MPF argumenta que mesmo a legislação brasileira se atualizou e ampliou a possibilidade de concessão de refúgio ao incluir na Lei 9474/97 a condição de refugiado a todo aquele que “devido a grave e generalizada violação dos direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade e buscar refúgio em outro país”.</p> <p>A ação argumenta, ainda, que o direito ao refúgio não pode ficar estaticamente ligado ao fundamento da perseguição política, mas, tal como os direitos humanos, deve ser dinamicamente entendido, tendo em vista as novas investidas e ameaças aos direitos humanos.</p> <p>O MPF cita os casos de tragédias ambientais ou naturais, principalmente se tais eventos são potencializados pelo caos social e político da região, como é o caso específico do Haiti, que viveu esse caos durante décadas antes do grande terremoto de 2010, levando seus cidadãos exatamente à situação de vítimas de graves violações dos direitos humanos.</p> <p>A obrigação do Brasil de atender e acolher aos haitianos, segundo o texto da ação, consiste também em atender à própria Constituição Federal que expressamente sujeita o Brasil à “prevalência dos direitos humanos”.</p> <p>O MPF afirma que é obrigado a guiar-se pela solidariedade humana em relação aos povos da América Latina, de acordo com o art. 4º, parágrafo único, da Constituição da República (“A República Federativa do Brasil buscará a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações”).</p> <p>Disponível em: http://blogdaamazonia.blog.terra.com.br/2012/01/26/mpf-aciona-governo-brasileiro-por-violar-direitos-humanos-de-imigrantes-haitianos/</p> | <p><i>Blog da Amazônia - Terra Magazine</i> -26/01/12</p> |
|--|---|--|

| | | |
|--|---|--|
| | <i>Acesso em: 02/02/12</i> | |
| “MPF quer que governo reconheça condição de refugiados a haitianos que chegam ao Brasil” | <p>O Ministério Público Federal (MPF) no Acre entrou com ação civil pública na Justiça Federal para que a União garanta os direitos humanos dos haitianos que chegam ao Brasil em busca de trabalho e condições dignas de sobrevivência. Para o autor da ação, procurador Anselmo Lopes, o país deve reconhecer a condição de refugiado a todos os haitianos que estão e venham a entrar em território brasileiro.</p> <p>Os cerca de 4 mil haitianos que entraram no Brasil fugindo da situação econômica do país estão tendo a sua situação regularizada. O governo decidiu, no entanto, que os que pretendem vir não poderão entrar no país na condição de refugiados políticos. O Conselho Nacional para os Refugiados (Conare) negou os pedidos de entrada no país nessa condição por considerar que o caso dos haitianos não é refúgio político, mas de vulnerabilidade econômica.</p> <p>Na ação, o MPF entende que o Brasil vem atentando duplamente contra os direitos humanos dessas pessoas ao deixar de prestar-lhes assistência humanitária devida e ao dificultar o ingresso em território brasileiro. Para o procurador, a falta do reconhecimento de refúgio aos haitianos consistirá em nova violação de seus direitos e os colocará em situação de vulnerabilidade ainda maior, expondo-os a crimes típicos de exploração humana, como a prostituição, trabalho escravo e outros.</p> <p>Lopes argumenta, ainda, que o direito ao refúgio não pode ficar estaticamente ligado ao fundamento da perseguição política. O procurador acredita que é necessário conceder refúgio em casos de tragédias ambientais ou naturais, principalmente se tais eventos são potencializados pelo caos social e político da região, como é o caso do Haiti.</p> <p>“Ocorre que o Haiti, mesmo antes de tal tragédia natural [o terremoto de 2010], vivia uma catástrofe social, fruto de sua recente trajetória política, delineada entre mudanças drásticas e violentas de governos, que levaram o Haiti ao empobrecimento”, diz o texto.</p> <p>Além do fim das restrições para o ingresso dos haitianos no Brasil, o MPF pediu à Justiça o fim da ameaça de deportação dos haitianos que estão no país em busca de refúgio e a prestação imediata de auxílio humanitário aos imigrantes.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-01-26/mpf-quer-que-governo-reconheca-condicao-de-refugiados-haitianos-que-chegam-ao-brasil</p> <p><i>Acesso em: 26/01/12</i></p> | <i>Daniella Jinkings - Agência Brasil EBC - 26/01/12</i> |
| “Servidores do IFAC fazem ação em prol dos haitianos” | <p>Um grupo voluntário de servidores do Instituto Federal do Acre da Reitoria e do Campus Rio Branco esteve neste fim de semana nos municípios de Brasiléia e Assis Brasil numa ação em prol dos haitianos.</p> <p>O objetivo das atividades foi realizar um levantamento sobre as condições dos estrangeiros que estão em processo de imigração para o Brasil pelas fronteiras acreanas para elaboração de um programa de atendimento aos mesmos. Foram aplicados 298 formulários em Brasiléia, visando identificar por que escolheram o Brasil entrando pelo Acre, se possuem agravamento de saúde, qual a formação profissional, escolaridade e quantos membros da família possuem, entre outros.</p> <p>Foram observados, por exemplo, que 39,93% dos haitianos que ainda estão em Brasiléia falam pelo menos três idiomas (espanhol, francês e crioulo), mais da metade (54,36%) possuem o ensino médio completo e apenas 1% é analfabeto. Os homens são maioria (80%), sendo que mais de 90% tem entre 20 e 39 anos, sendo 60% solteiros. Entre as áreas profissionais que atuavam em seu de origem estão habilidades em gestão e construção civil. Todos vieram ao Brasil a procura de trabalho e visam chegar em São Paulo (35,57%), Manaus (9,73%), Porto Velho (8,72%), Brasília (8,72%) e outros.</p> <p>Cidadania</p> <p>Com a tabulação dos formulários será delineado um projeto pensando</p> | <i>Sem autor - O Rio Branco - 26/01/12</i> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>em auxiliar os haitianos no exercício da Cidadania Brasileira, como noções de direitos fundamentais, saúde e certificação de saberes. A proposta foi uma idéia do próprio reitor do IFAC, Prof. Marcelo Minghelli, prontamente abraçada por um grupo de servidores. “Esperamos que o projeto seja bem aceito em Brasília e que possamos captar recursos para executá-lo o mais breve possível”, reforçou o Prof. Breno Silveira, Diretor Geral do Campus Rio Branco e comandante da ação junto com a Profª Juliana Dantas, Pró-reitora de Extensão.</p> <p>Com eles participaram na atividade no sábado, dia 21, os colaboradores Antônio Rege Lopes dos Santos, Erlande Nascimento, Gardênia Sales, Dulcione Nascimento, Adma Costa, Amilca Matos de Sousa, Elisângela Terres, Helson Ferreira, Regiane Silva, Marcio Santiago, Josina Maria Pontes Ribeiro de Alcantara, Cleilton Farias, Esmaily Peixoto, João Artur Leão, Charles Roweder e Fabio Oliveira.</p> <p>Solidariedade</p> <p>Na oportunidade da aplicação dos questionários junto aos haitianos que estão na fronteira do Brasil no Estado do Acre, uma equipe de servidores viajou também para Assis Brasil, a 343 quilômetros da Capital, para entregar ao Prefeito em exercício, senhor Antonio Ribeiro Cavalcante, 35 sacolões fornecidos pela Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos como uma doação das igrejas evangélicas. “Nesse caso, nossa missão foi intermediar uma atitude do secretário Nilson Mourão com a Prefeitura do município fronteiriço para que estes façam chegar alimentos aos haitianos que estão vivendo na praça do município peruano de Iñapari” explicou a pró-reitora.</p> <p>Refúgio</p> <p>Há dois anos, em janeiro de 2010, o Haiti foi arrasado por um terremoto que matou mais de 200 mil pessoas e deixou cerca de 3 milhões de desabrigados. A pobreza extrema forçou a saída de muitos haitianos em busca de emprego.</p> <p>O Brasil foi um dos países que melhor recebeu os haitianos, sendo as rotas amazônicas, via os Estados do Amazonas e do Acre, a de custo menor para eles. Mais de 80% chegou ao Acre passando pela República Dominicana, Panamá, Chile, Equador, Peru e Bolívia.</p> <p>Desde que o Haiti foi destruído, estima-se que mais de 4 mil haitianos entraram gradativamente no Brasil pelo Acre, porém no último mês a solicitação de entrada foi maior e coletiva o que alertou o Governo Brasileiro para tomar medidas de restrição (pedido de visto) e a urgente formulação de políticas para atendê-los. “Hoje, a maioria dos imigrantes está morando em hotéis e pousadas e, segundo os mesmos o dinheiro para o aluguel está acabando, o que pode resultar em uma elevada quantidade de pessoas residindo nas ruas e praças de Brasília ou se deslocando para outras cidades do Acre e dos demais Estados brasileiros”, analisa Prof. Breno Silveira.</p> <p>Disponível em: http://www.oriobranco.net/acre/22364-servidores-do-ifac-fazem-acao-em-prol-dos-haitianos.html</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | |
| <p>“Morre o primeiro haitiano em Manaus”</p> | <p>Manaus registrou a primeira morte de haitiano na noite da última segunda-feira (23) decorrente de AIDS. Outros dois imigrantes estão internados na Fundação de Medicina Tropical (FMT), localizado no Dom Pedro, Zona Centro Oeste de Manaus, com sinais da mesma doença.</p> <p>As informações foram confirmadas na noite desta quinta-feira (26) pela diretora-presidente do FMT, Graça Alecrim. Segundo a médica, até o momento o hospital possui apenas três registros de internação relacionados aos haitianos: “Tivemos este primeiro óbito na segunda à noite e temos mais uma moça internada na UTI e outro rapaz também internado”, afirma.</p> <p>A responsável pelo hospital afirma que nenhum dos três pacientes apresentou sintomas de dengue e outras doenças tropicais: “Os três</p> | <p>Mariana Lima - A Crítica.com - 26/01/12</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>entraram com sintomas de insuficiência imunológica adquirida (AIDS). Apenas o rapaz, que permanece internado, possui também leishmaniose”, completa Graça.</p> <p>Esse é o segundo óbito de haitianos registrado no Amazonas. Carmelith Jean Baptiste, 33, morreu no último domingo em Tabatinga (a 1.105 quilômetros de Manaus) vítima de dengue.</p> <p>Os nomes dos pacientes não foram revelados.</p> <p>Disponível em: http://acritica.uol.com.br/manaus/Amazonia-Amazonas-Morre-haitiano-Manaus_0_634736595.html</p> <p>Acesso em: 27/01/12</p> | |
| <p>“Ministério Público do Acre entra com ação a favor dos haitianos”</p> | <p>Ministério Público Federal no Acre entrou com ação civil pública junto à Justiça Federal para que a União garanta os direitos humanos dos haitianos que chegam ao país. No início do mês, o governo decidiu restringir a entrada dos haitianos que buscam trabalho e condições dignas de sobrevivência. Na ação, o MPF argumenta que o Brasil age contra os direitos dessas pessoas ao deixar de prestar-lhes assistência humanitária e dificultar o ingresso em território brasileiro.</p> <p>A ação pede que a Justiça Federal determine o reconhecimento da condição jurídica de refugiado a todos os haitianos que estão ou que venham para o Brasil. Devido a grande leva de haitianos, o governo brasileiro decidiu conceder apenas 100 vistos mensais pela embaixada brasileira em Porto Príncipe, capital do Haiti. Também há exigência para que tenham um contrato prévio de trabalho no Brasil ou qualquer qualificação profissional. Quem já está no país tem um prazo de cinco anos para se regularizar definitivamente com emprego e residência.</p> <p>Segundo a ação, assinada pelo procurador da República Anselmo Henrique Cordeiro Lopes, a falta do reconhecimento de refúgio aos haitianos consiste em nova violação de seus direitos e os coloca em situação de vulnerabilidade ainda maior, expondo-os a crimes típicos de exploração humana, como a prostituição, trabalho escravo e outros.</p> <p>Além disso, foi reforçado o pedido de garantia de assistência humanitária básica aos haitianos que já se encontram no Brasil, provendo-lhes comida, água, moradia provisória e serviços básicos de saúde até que estes consigam vínculo empregatício e possam manter-se por meios próprios.</p> <p>Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/ministerio-publico-do-acre-entra-com-acao-favor-dos-haitianos-3772929</p> <p>Acesso em: 29/02/12</p> | <p>Sem autor - O Globo - 26/01/12</p> |
| <p>“Imigrantes haitianos resistem às tentações do mundo do narcotráfico existente no interior do Amazonas”</p> | <p>“Aqui, os dois maiores empregadores são a prefeitura e o tráfico. Até quando os haitianos vão se manter longe disso?”, indaga, em tom de franqueza, o delegado da Polícia Federal de Tabatinga (a 1.105 quilômetros de Manaus), Gustavo Henrique. Retidos em uma cidade que não lhes oferece opções de emprego e agora sem perspectivas de chegar legalmente às grandes cidades brasileiras, centenas de haitianos estão tendo de enfrentar o assédio dos narcotraficantes. Mais de um ano depois do início da diáspora rumo ao Brasil, nenhum deles foi preso portando drogas, mas, a dúvida das autoridades locais é: até quando?</p> <p>Tabatinga é uma das cidades mais perigosas do Amazonas. Cartéis brasileiros, colombianos e peruanos disputam a tiras o lucrativo negócio da cocaína. Encravada em uma das regiões mais pobres do Brasil, a cidade tem oferecido “mão-de-obra” em abundância para abastecer as quadrilhas que traficam a droga produzida na Colômbia e Peru. A chegada dos haitianos acrescentou mais um ingrediente a esse “barril de pólvora”.</p> <p>O temor de que os novos imigrantes sejam utilizados pelo tráfico é latente em Tabatinga, mas, por medo, poucas pessoas falam sobre o assunto. Diante da carência de recursos financeiros e da falta de esperança de chegar aos seus destinos finais (Manaus, Rio de Janeiro e São Paulo), quem os vê caminhando, aparentemente sem rumo pela cidade, rapidamente imagina que, eles possam se tornar alvos fáceis para os cartéis locais.</p> <p>“Um homem quando passa necessidade, mesmo tendo boa índole, pode</p> | <p>Leandro Prazeres - A Crítica.com - 27/01/12</p> |

| | | |
|---------------|--|-------------|
| | <p>acabar indo para o lado do mal”, diz o prefeito de Tabatinga, Saul Nunes, que teme tanto o poder dos narcotraficantes que só sai de casa na companhia de dois seguranças armados cedidos pela Polícia Militar.</p> <p>Imunes?</p> <p>Curiosamente, apesar do temor de que os haitianos possam sucumbir ao assédio dos traficantes, os indicadores mostram que, pelo menos até agora, eles têm resistido. “Nunca prendemos nenhum haitiano transportando drogas. Nem nas fiscalizações no porto e nem nas bases que temos ao longo do rio Solimões”, diz o delegado Gustavo Henrique.</p> <p>O perigo que ronda os haitianos não é de todo desconhecido. Nas palestras ministradas por integrantes da Igreja Católica e pelos líderes do Comitê dos Haitianos em Tabatinga, o tráfico é um tema recorrente. “Nós sabemos que Tabatinga é um ponto vermelho por causa do tráfico de drogas. Nós orientamos os nossos compatriotas a se manter longe de quem quer que os ofereça algum dinheiro para levar coisas para Manaus”, diz o presidente do Comitê, Ernest Cassius, 33.</p> <p>Jean Simond Fleurisna, 35, é um rapaz baixo e atarracado que, religioso, carrega um crucifixo de prata no pescoço para onde quer que vá. Ele passou quase uma década morando e trabalhando na República Dominicana como pedreiro. No terremoto de 12 de janeiro de 2010, ele perdeu três sobrinhos. Jean é o filho mais novo de uma imensa família que ficou no Haiti enquanto ele veio para o Brasil em busca de emprego. Eles venderam tudo o que tinham para conseguir os US\$ 4 mil necessários para pagar a viagem entre o Haiti e Tabatinga. O dinheiro se foi, mas Jean diz que para ele e muitos outros compatriotas, o crime não é uma opção. “Não viemos aqui para cometer crimes. Estamos aqui para construir uma vida nova e não queremos problemas com a polícia. Tem muita gente dependendo de mim no Haiti e eu não posso correr esse risco”, diz.</p> <p>Mudança na lei preocupa</p> <p>Alguns fatores somados têm ajudado a manter os haitianos longe do narcotráfico. Entre eles a barreira linguística (a maioria deles só fala o creóle, idioma ininteligível à maioria dos moradores da região) e o fato de eles se apresentarem como uma comunidade muito fechada. Em uma situação de incertezas, eles se unem para evitar os perigos da região de fronteira.</p> <p>Mas a mudança na legislação brasileira que limita em 1,2 mil anuais o número de vistos humanitários concedidos aos haitianos pode acabar “empurrando-os” para o tráfico de drogas. Isso porque todos os que chegaram ao Brasil depois do dia 13 de janeiro que não tiverem o visto humanitário concedido pela embaixada brasileira em Porto Príncipe, capital do Haiti, ou os documentos que comprovem que estão viajando a turismo ou a negócios, serão considerados ilegais.</p> <p>“Tem muita gente que chegou e está ilegal. Essas pessoas vão ficar por aqui, mas não têm dinheiro para voltar para o Haiti e também não vão poder seguir viagem. Elas ficarão sem esperança e precisam pagar os empréstimos que fizeram para virem ao Brasil. Assim, essa situação vai acabar se deteriorando e o homem, quando perde a esperança... é difícil de controlar”, analisa o presidente do Comitê dos Haitianos em Tabatinga, Ernest Cassius.</p> <p>O delegado da PF em Tabatinga, Gustavo Henrique, enfatiza que não há nenhum indício de que os haitianos estejam envolvidos com o narcotráfico, mas ele teme que o agravamento da situação desses imigrantes, sobretudo os ilegais, acabe levando-os ao crime. “A gente teme que, sem ter condições de se manter aqui, eles acabem enveredando para o lado do crime. Temos esperança de que isso não vá acontecer”, afirma o delegado.</p> <p>Disponível em: http://acritica.uol.com.br/amazonia/Imigrantes-tentacoes-narcotrafico-existente-Azonas_0_635336477.html</p> <p>Acesso em: 27/01/12</p> | |
| “Universidade | A reitora da Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Márcia Perales, | Sem autor - |

| | | |
|--|--|---|
| <p>Federal do Amazonas lançará edital para apoiar haitianos”</p> | <p>anunciou, nesta semana, que a instituição lançará um edital de apoio humanitário aos haitianos refugiados no Amazonas. O edital deve ser apresentado à comunidade universitária até o dia 3 de fevereiro.</p> <p>De acordo com Márcia, é objetivo é desenvolver ações de extensão que possam atender às necessidades dos haitianos alocados em Manaus. A reitora afirmou que o edital será lançado por meio Programa Atividade Curricular de Extensão (PACE) via Atividade Curricular de Extensão (ACE), da Pró-reitoria de Extensão e Interiorização (PROEXTI).</p> <p>Os novos projetos, segundo informou a Ufam, terão atividades específicas, e vão destacar o envolvimento de alunos de graduação das licenciaturas em línguas estrangeiras que darão apoio, principalmente, no que diz respeito ao ensino da língua portuguesa, considerado pelos haitianos como o principal obstáculo para colocação no mercado de trabalho.</p> <p>Para a assessora de Relações Internacionais e Interinstitucionais (ARII), professora Regina Marinho, o projeto ajudará a inserir os haitianos na sociedade amazonense. A professora destacou que estudantes africanos participantes dos programas de mobilidade estrangeira tiveram experiências positivas. "Essa ação pode contribuir no desenvolvimento de atividades com os haitianos, possibilitando o processo de aprendizado mais fácil".</p> <p>“Antes de absorvê-los nos cursos de graduações da Ufam, deverão ser criados mecanismos para que obtenham a proficiência em Língua Portuguesa e assim possam acompanhar as aulas”, afirma.</p> <p>A Universidade irá promover, no próximo sábado (28), às 16h, reunião com imigrantes haitianos com o objetivo de ouvir as necessidades e demandas dos imigrantes. As informações ajudarão a elaborar o edital que atenda a esse grupo. O encontro será realizado na Paróquia de São Geraldo.</p> <p>De acordo com o padre Gelmino Costa, da paróquia do bairro São Geraldo, responsável pelo acolhimento dos haitianos em Manaus, cerca de 3,5 mil haitianos estão morando na capital do Amazonas. Nesta sexta e sábado (28), está prevista a chegada de mais de 200 haitianos vindos de Tabatinga, a 1.105 Km de Manaus. Nesta terça-feira (24), 216 já haviam chegado na capital.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://g1.globo.com/amazonas/noticia/2012/01/universidade-federal-do-amazonas-lancara-edital-para-apoiar-haitianos.html <i>Acesso em: 03/02/12</i></p> | <p>G1 - 27/01/12</p> |
| <p>“Brasil no logra controlar la migración haitiana”</p> | <p>El gobierno de Brasil no logró controlar la migración haitiana, aún de un conjunto de medidas legales y políticas destinadas a "ordenar" la creciente inmigración haitiana, así como regularizar la situación migratoria de más de 4 mil haitianas y haitianos que ingresaron de manera irregular en su territorio.</p> <p>La nueva política de Brasil ante la migración haitiana oscila entre las promesas de regularización y las amenazas de deportación. Esta política que se define como humanitaria tiene una limitada probabilidad de éxito por adolecer de una visión regional y de un enfoque de protección de los derechos humanos de los migrantes.</p> <p>Las autoridades brasileñas prometieron frenar la "ola" de haitianos hacia sus fronteras a través de amenazas de deportación contra todos los haitianos que ingresen de manera irregular al país.</p> <p>La nueva normativa migratoria</p> <p>El Consejo Nacional de la Inmigración (CNI), organismo dependiente del Ministerio brasileño del Trabajo y del Empleo, publicó el 13 de enero de 2012 en la página 59 del Diario Oficial de la Nación brasileña (Diário Oficial da União) la Resolución normativa número 97 sobre los migrantes haitianos. Dicha Resolución, firmada por el director del CNI, el señor Paulo Sérgio de Almeida, consta de 5 artículos.</p> <p>El primer artículo estipula que todo nacional haitiano podrá recibir, por razones humanitarias (a raíz de la agravación de las condiciones de vida de la población haitiana luego del terremoto del 12 de enero de 2010), una visa</p> | <p>Sem autor - Desdelsur - 27/01/12</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>con duración de 5 años y una cédula de extranjería.</p> <p>El segundo artículo establece que esta visa "humanitaria" será otorgada por el Ministerio de Relaciones Exteriores (o la Cancillería) de Brasil a través de la Embajada brasileña acreditada en Puerto Príncipe. Un total de 1.200 visas será concedido a los haitianos cada año, con un promedio de 100 visas mensuales.</p> <p>El tercer artículo advierte que el ciudadano haitiano que se haya beneficiado de la visa humanitaria deberá, poco antes de la fecha de vencimiento de dicha visa, comprobar su situación laboral para poder permanecer en Brasil y renovar su cédula de extranjería.</p> <p>Los dos últimos artículos definen la vigencia de la Resolución desde la fecha de su publicación (el 13 de enero de 2012) hasta un periodo de dos años, con la posibilidad de ser prorrogada eventualmente.</p> <p>Las medidas políticas</p> <p>En una conferencia de prensa realizada el 12 de enero de 2012, el ministro brasileño de la justicia, el señor José Eduardo Cardozo, explicó que esta nueva modalidad de visa humanitaria para los haitianos es diferente de los otros tipos de visa de estudio, turismo o trabajo, ya que el solicitante de esta nueva visa no está obligado a responder a todos los criterios y exigencias requeridos por Brasil.</p> <p>Con esta medida migratoria "flexible" y "humanitaria", cuyo plan de acción concreto para su operativización aún no ha sido precisado por la administración brasileña, la Resolución trata de "abrir un canal formal y legal para la inmigración haitiana", al tiempo que se propone luchar contra las redes de trata y tráfico ilegal de migrantes.</p> <p>El ministro de justicia, aseguró que todos los haitianos que se encuentran en Brasil antes del 12 de enero de 2012 serán regularizados y recibirán la visa humanitaria, prometió. Sin embargo, los que lleguen de manera irregular después de esta fecha serán invitados a dejar el país y, en caso de su negativa a salir del territorio, serán deportados, concluyó en un tono firme.</p> <p>Muchos cabos sueltos</p> <p>La nueva política migratoria de Brasil puso fin a dos años de ambigüedad del gobierno de Dilma Rousseff respecto a la situación de los migrantes haitianos que se encuentran en su territorio luego del terremoto del 12 de enero de 2012.</p> <p>De manera oficial, el gobierno brasileño decide otorgar visas humanitarias con una duración de 5 años a los haitianos que llegaron al país suramericano hasta el 12 de enero de 2012. Sin embargo, ni la Resolución normativa ni las medidas políticas anunciadas se pronuncian formalmente sobre el tema de la reunificación familiar de los migrantes haitianos que beneficiarán de la visa humanitaria.</p> <p>La migración haitiana funciona a través de amplias redes sociales y migratorias tejidas desde su país de origen y en múltiples países de tránsito. Cada vez más los migrantes haitianos optan por viajar junto con sus familiares principalmente nucleares o, en la mayoría de los casos, deciden traerlos a su país de llegada con la "ayuda" de traficantes. De ahí la importancia de crear también un canal legal bien definido para los procesos de reunificación familiar.</p> <p>Otro gran ausente de la nueva política migratoria de Brasil es el tema de la protección de los migrantes haitianos durante su periplo hacia el territorio brasileño y en la frontera común con Perú y Bolivia.</p> <p>Al cerrar su frontera con Perú a nivel del río Acre y al militarizarla, el gobierno brasileño espera frenar la migración haitiana hacia la ciudad de Brasiléa ubicada en el Departamento del Acre; lo que parece más bien una ilusión. Lo único que se logra con este endurecimiento es provocar una dramática situación humanitaria contra los migrantes haitianos que se quedan varados en el lado peruano de la frontera.</p> | |
|--|---|--|

| | | |
|--|--|---|
| | <p>Del mismo modo, ocasiona la perpetración de abusos y violaciones contra los derechos humanos de los haitianos que intentan buscar nuevas rutas por el lado boliviano de la misma triple frontera Brasil-Bolivia-Perú para poder llegar a Brasiléia.</p> <p>Por ejemplo, más de 250 haitianos se encuentran actualmente varados en la pequeña localidad peruana de Iñapari en la región fronteriza de Madre de Dios. Los policías federales brasileños les han impedido cruzar hacia Brasil, mientras que, según Celso Curi, el alcalde de la localidad peruana habitada por 2.500 personas, los servicios han comenzado a colapsar.</p> <p>De la misma manera, los haitianos que pasaron por la frontera de Bolivia, al sur de la ciudad de Brasiléia, para poder ingresar al territorio brasileño, señalaron haber sido víctimas de robo de su dinero y otras pertenencias suyas; en especial, las mujeres haitianas declararon haber sido tocadas y manoseadas por agentes policiales bolivianos, según los testimonios recogidos el 19 de diciembre del año pasado en Iñapari por organizaciones de derechos humanos de Brasil, Bolivia y Perú.</p> <p>Para poder gestionar de manera eficaz la migración haitiana, el gobierno de Brasil debe llegar a un acuerdo multilateral con sus homólogos de los vecinos países, Perú y Bolivia, e incluso con otros países suramericanos implicados en el flujo haitiano tales como Ecuador, Chile y Argentina. Se debe de adoptar una visión regional para ordenar la migración haitiana hacia Sur América.</p> <p>Además, sería contraproducente que la nueva política migratoria de Brasil, por más humanitaria que fuera, siguiera contribuyendo a generar más violaciones y abusos contra los derechos humanos y la dignidad de los migrantes haitianos. Brasil, así como los demás países de la región, firmaron y suscribieron una serie de instrumentos de derechos humanos a nivel internacional y regional que les obligan a proteger los derechos de la persona humana, más allá de la nacionalidad y el estatus migratorio que tenga.</p> <p>Es lamentable que los principales organismos regionales encargados de velar por el respeto irrestricto de los derechos humanos en la región, tales como la Unión de Naciones Suramericanas (UNASUR) y la Organización de Estados Americanos (OEA), aún no se hayan pronunciado públicamente sobre la necesidad de defender los derechos de los migrantes haitianos que se encuentran en una situación de vulnerabilidad y con necesidad de protección internacional.</p> <p>Finalmente, la nueva política migratoria no menciona las medidas y las estrategias que el gobierno brasileño planea adoptar para integrar a la población haitiana en la sociedad nacional. Esperamos que las autoridades brasileñas contemplen un plan de integración digna y respetuosa de los derechos humanos de los migrantes haitianos en Brasil.</p> <p>Lo humanitario no puede sustituir, en ningún caso, la protección de los derechos humanos.</p> <p>Disponível em: http://www.desdelsur.bo/Desdelsur/articulo.php?tipo=Politicasy20Gestion&d=753&id=1</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | |
| <p>“Governador do AM propõe que haitianos vão viver em Brasília”</p> | <p>O governador do Amazonas, Omar Aziz (PSD), sugeriu anteontem que o governo federal abrigue em "apartamentos de deputados federais", em Brasília, os imigrantes haitianos que entraram ilegalmente no país pela fronteira amazônica.</p> <p>A declaração, que provocou risos dele mesmo, ocorreu durante entrevista a um grupo de jornalistas.</p> <p>Aziz disse que os haitianos são "muito bem-vindos", mas que o Estado não tem condições de fornecer emprego, moradia e alimentação para os imigrantes "ad eternum".</p> <p>"Isso não vai acontecer, nem aqui nem em lugar nenhum. Ou, se não, pede para o governo federal (...) levar tudo para Brasília. É, tem muitos apartamentos de deputados federais, bota os caras para morar lá", afirmou.</p> <p>Paulista, Aziz é filho de um imigrante palestino. A família se mudou para</p> | <p>Kátia Brasil - Folha de São Paulo - 27/01/12</p> |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>Manaus em 1968. Ele tem sido pressionado por representantes locais da Igreja Católica por supostamente não oferecer ajuda humanitária necessária aos imigrantes que chegam ao Estado.</p> <p>Desde 2010, mais de 3.000 haitianos entraram no Brasil por Tabatinga, na fronteira do Amazonas com o Peru e com a Colômbia. Ao menos 2.000 já regularizaram a situação e hoje vivem em Manaus. A Igreja, que tem oferecido comida e moradia, anunciou que não tem mais onde abrigar os haitianos.</p> <p>"[A Igreja] quer que eu pegue as casas que são para o povo amazonense viver [e entregar aos imigrantes], isso não pode. A Igreja Católica que me desculpe", afirmou o governador durante a entrevista.</p> <p>À Folha o governo do Amazonas disse, por meio de nota, que já ofereceu vagas de emprego, cursos de línguas e doações de colchões, beliches e cestas básicas aos imigrantes haitianos.</p> <p>Acesso em: 28/01/12</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/22360-governador-do-am-propoe-que-haitianos-vaio-viver-em-brasil.shtml</p> | |
| "Procuradoria quer abrir as fronteiras para Haitianos" | <p>Ação da Procuradoria da República no Acre, pede que a União abra a fronteira para receber o haitianos como refugiados, e preste ajuda humanitária até que eles consigam um emprego e um local para residir. Na mesma ação há um impedimento para deportação dos haitianos que entraram irregulares no país. Para o Procurador da República Anselmo Henrique Cordeiro, o Governo do Acre está fazendo um serviço que é do Governo Federal. Desde a chegada dos haitianos ao Estado, via fronteira com o Peru, o Acre vem prestando ajuda humanitária com alimentos, moradia e medicamentos. No dia 13 de janeiro, a presidência da república fechou a fronteira para os haitianos aumentando ainda mais o martírio dos imigrantes. Atualmente quase 200 estão em grave situação de risco na fronteira sem poder entrar no Brasil.</p> <p>Pela fronteira, em Assis Brasil, podem ter passado quatro mil haitianos, todos foram recebidos como refugiados. O mesmo problema vive o Estado do Amazonas, no município de Tabatinga, na fronteira com a Colômbia.</p> <p>Disponível em: http://oaltoacre.com/index.php/acre/11628-procuradoria-quer-abrir-as-fronteiras-para-haitianos.html</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | Alexandre Lima - O Alto Acre - 27/01/12 |
| "Mutirão emite mais de cem Carteiras de Trabalhos a haitianos no AM" | <p>O mutirão para expedição de Carteiras de Trabalho, realizado neste sábado (28) pela Superintendência Regional do Trabalho e Emprego no Amazonas (SRTE/AM), recebeu cerca de 130 haitianos que estão refugiados em Manaus. O evento direcionado aos estrangeiros ofereceu, antecipadamente, cem senhas. Cerca de 50 haitianos receberam o documento no mesmo dia.</p> <p>De acordo o SRTE/AM, este foi o último mutirão do mês de janeiro. Ao todo, foram realizados quatro mutirões, com a emissão de 1.046 Carteiras. Ainda segundo SRTE/AM, os documentos solicitados durante o evento deste sábado serão entregues na quinta-feira (19).</p> <p>Segundo o superintendente do Trabalho, Dermilson Chagas, as carteiras profissionais emitidas para os haitianos são diferentes das carteiras de brasileiros: elas são verdes e possuem data de vencimento. A validade da Carteira é relacionada ao protocolo liberado pela Polícia Federal. Chagas afirmou ainda que os haitianos que forem contratados têm os mesmos direitos, deveres e benefícios de todos os trabalhadores brasileiros.</p> <p>A SRTE/AM informou que fará novos atendimentos na Paróquia São Geraldo, na Avenida Constantino Nery, Centro de Manaus, sempre às quartas e sextas-feiras, das 13h às 16h30.</p> <p>Os refugiados interessados em obter o documento deverão comparecer ao local de atendimento munidos dos seguintes documentos: Certidão de Pessoa Física (CPF), Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), comprovante de residência e protocolo da Polícia Federal.</p> <p>De acordo com o padre Gelmino Costa, da paróquia do bairro São</p> | Sem autor - G1 - 28/01/12 |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>Geraldo, responsável pelo acolhimento dos haitianos em Manaus, cerca de 3,5 mil haitianos estão morando na capital do Amazonas. Nesta sexta e sábado (28), está prevista a chegada de mais de 200 haitianos vindos de Tabatinga, a 1.105 Km de Manaus. Nesta terça-feira (24), 216 já haviam chegado na capital.</p> <p>Disponível em: http://g1.globo.com/amazonas/noticia/2012/01/mutirao-emite-mais-de-cem-carteiras-de-trabalhos-haitianos-no-am.html</p> <p>Acesso em: 05/02/12</p> | |
| “Imigrante haitiano é assassinado em Manaus” | <p>Um imigrante haitiano foi assassinado com um tiro na sexta-feira (27) na zona leste de Manaus, segundo a Polícia Civil do Amazonas. A suspeita é de crime passionai.</p> <p>De acordo com a Delegacia Especializada em Homicídios, o haitiano Inolus Pierrellys, 34, estava sentado na porta de casa, no bairro Cidade de Deus, quando dois homens jovens, brasileiros, se aproximaram dele. Um dos jovens disparou contra o haitiano à queima-roupa, no peito.</p> <p>O bairro Cidade de Deus tem altos índices de homicídios, tráfico de drogas e roubos.</p> <p>O crime --o primeiro homicídio envolvendo imigrantes haitianos-- aconteceu por volta das 18h30 (20h30 em Brasília). Pierrellys foi encaminhando ao hospital Platão Araújo, mas não resistiu. O corpo está no IML (Instituto Médico Legal) e será enterrado em Manaus.</p> <p>Casado, Inolus Pierrellys chegou na capital amazonense em abril de 2011. Ele morava em uma casa cedida pela Igreja Católica, com mais cinco imigrantes, e trabalhava em uma fábrica de reciclagem de papel.</p> <p>Um amigo dele, Nicolas Jean, 30, disse que estava dentro de casa quando ouviu o tiro. "Ele tinha acabado de chegar do trabalho, não conhecia muitas pessoas aqui. Acho que foi uma maldade que fizeram com ele", afirmou Jean.</p> <p>Desde 2010, mais de 3.000 haitianos entraram no Brasil por Tabatinga, na fronteira do Amazonas com o Peru e com a Colômbia. Ao menos 2.000 já regularizaram a situação e hoje vivem em Manaus. Cerca de 70% estão empregados em fábricas, na construção civil, restaurantes e serviços.</p> <p>Neste sábado, mais 160 haitianos chegaram da fronteira para morar em Manaus. Eles vivem com apoio de doações da Igreja Católica. Ontem, o governo do Amazonas anunciou que destinará R\$ 400 mil para ajuda humanitária aos haitianos.</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1040781-imigrante-haitiano-e-assassinado-em-manaus.shtml</p> <p>Acesso em: 29/01/12</p> | <p>Kátia Brasil - Folha de São Paulo - 28/01/12</p> |
| “Fronteira social e fronteira de serviço” | <p>O governo brasileiro celebrou o segundo aniversário do devastador terremoto haitiano com o anúncio de medidas ainda mais severas para coibir a já difícil entrada de haitianos no País. Criando um perverso precedente, é a primeira vez, desde a 2ª Guerra, que se impede a uma nacionalidade específica solicitar a proteção do refúgio. Canais oficiais e semioficiais de divulgação foram mobilizados para reempacotar medidas que vinham sendo preparadas para reforçar a seletividade migratória no Brasil como se fossem uma resposta imediata à vexatória cobertura da imprensa internacional sobre a situação calamitosa dos haitianos impedidos de deixar a região fronteiriça. Dentro ou fora do País, poucos acreditaram na narrativa oficial que apresentava restrições arbitrárias como se de concessões generosas se tratasse.</p> <p>O tumulto pela entrada de pouco mais que 3.500 haitianos no País ao longo dos últimos dois anos é, no mínimo, caricatural, tendo em vista não somente o volume dezenas de vezes maior de imigrantes europeus no mesmo período, mas também a dimensão centenas de vezes mais ampla da diáspora haitiana em outros países da América Latina. O Brasil nunca foi e segue não sendo destino preferencial de uma migração cuja dinâmica o Itamaraty e outros ministérios insistem em ignorar. Há por volta de 3 milhões e meio de haitianos espalhados por dezenas de países em três continentes, todos abrigando comunidades consideravelmente maiores e infinitamente</p> | <p>Omar Ribeiro Thomaz e Sebastião Nascimento - O Estado de São Paulo - 28/01/12</p> |

| | | |
|---|--|---|
| | <p>mais bem acolhidas que no Brasil.</p> <p>Logo após o terremoto, apoiando-se numa opinião pública francamente solidária, o governo brasileiro havia anunciado projetos ambiciosos de intercâmbio e formação de quadros haitianos em áreas estratégicas como a saúde e a educação, para os quais dotações orçamentárias foram rapidamente aprovadas, mas cuja execução nunca aconteceu.</p> <p>Em fevereiro de 2010, com grande fanfarra se anunciou que o Brasil ofereceria pelo menos 500 bolsas a estudantes da rede universitária haitiana, atingida de modo particularmente devastador pelo terremoto. Por todo o Brasil, universidades se ofereceram para recebê-los. Era crucial que viessem rapidamente, pois suas faculdades estavam em ruínas, seus estudos paralisados e a continuidade de sua formação seria decisiva para a reconstrução. Numa irônica coincidência, foram também cerca de 3.500 os estudantes que se candidataram, no que teria sido o maior programa de intercâmbio internacional da história da educação brasileira. Somente mais de um ano e meio após a tragédia é que, a duras penas, foi possível trazer, dos 500 anunciados, não mais que 80 estudantes, alguns dos quais já tiveram sua bolsa cancelada ou limitada, sem que o Ministério da Educação tenha sido capaz de oferecer quaisquer garantias de continuidade do programa.</p> <p>Também na área da saúde, havia sido anunciada a construção de dez Unidades de Pronto Atendimento em Porto Príncipe, dotadas de anexos para a formação de agentes comunitários. Deveriam entrar em funcionamento ainda em 2010. Nenhuma sequer foi construída e apenas uma equipe haitiana formada por um médico e duas enfermeiras esforça-se por atuar sem sede definida.</p> <p>Iniciativas como essas se viram transformadas - não no Haiti, mas em Brasília - em esquálidos arremedos dos projetos iniciais, que não obstante serviram para dar imensa visibilidade ao governo brasileiro. Sempre que se questionam as razões desse fracasso, a saída invariável dos responsáveis é culpar os próprios haitianos.</p> <p>Nas fronteiras brasileiras não é diferente: nas vítimas de assaltos e estupros se veem potenciais criminosos e, nos que sucumbem a endemias amazônicas, possíveis vetores de "doenças haitianas". A missão sanitária enviada há pouco à fronteira chegou com dois anos de atraso, tarde demais para Carmelite Baptiste, de 30 anos, que morreu de dengue, doença inexistente no Haiti.</p> <p>Aqui, o governo tenta repetir o que tem sido sua estratégia de maior sucesso no Haiti: blindar a opinião pública brasileira de informações fiáveis e negar aos haitianos a possibilidade de falarem por si. Se não tivessem sido impedidos de deixar o isolamento nas fronteiras amazônicas, já poderiam ter demonstrado como possuem sólida formação educacional, com curso secundário, técnico ou mesmo superior, dispostos a dar o melhor de si para enviar recursos a suas famílias no Haiti. Porém, acabaram por se transformar em personagens involuntários da farsesca tradição brasileira no trato dos estrangeiros: instituições e profissionais despreparados que recorrem à mitologia de um povo supostamente simpático e gentil aos que vêm de fora.</p> <p>Ora, a antropofagia pode ser agradável para quem devora, mas não para quem deve pagar o preço da assimilação. Assim, o universo institucional revive uma tradição nacional tão vetusta quanto infame: a do favorecimento da imigração, sim, mas com alta seletividade, ao longo de uma história em que aos negros estrangeiros só se abriam as portas enquanto chegassem pelos porões do cativeiro.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,fronteira-social-e-fronteira-de-servico,828430,0.htm <i>Acesso em: 03/02/12</i></p> | |
| <p>"Casi 300 haitianos varados son una carga insostenible</p> | <p>Lejos de casa, sin saber por qué no puede cruzar la frontera hacia Brasil, Rony Calixte suelta una frase irónica: "Oh, el fútbol, claro que me gusta. Soy hincha de Brasil, de esa gente que no me deja entrar a su país". Rony, de 22</p> | <p>Ralph Zapata - El Comercio Peru - 28/01/12</p> |

| | | |
|----------------------------------|--|------------------------------|
| para Iñapari” | <p>años, permanece varado en Iñapari, en Madre de Dios, sin poder llegar a la tierra prometida, al igual que 283 de sus compatriotas, dos de ellos menores de edad. Hace unas semanas, el gobierno de Dilma Rousseff les cerró el paso para frenar la ola de inmigrantes caribeños que se desató luego del terremoto de enero del 2010.</p> <p>Ya son más de quince días de incertidumbre y la preocupación se nota en la cara de las autoridades de Iñapari. La policía teme que los inmigrantes puedan ser captados por las mafias del narcotráfico que pululan por la zona. “Tememos que los narcos los empiecen a usar como mochileros, como pasantes de droga. Esta es zona de ‘mochileo’ hacia Brasil y Bolivia”, cuenta un agente.</p> <p>Iñapari es un pueblito fronterizo ubicado a cuatro horas de Puerto Maldonado. Tiene 2.800 habitantes que por estos días parecen estar escondidos. Su Plaza de Armas, sus calles y sus tiendas han sido invadidas por los haitianos que preguntan insistentemente: “¿Tú crees que nos dejen pasar a Brasil?”.</p> <p>Los pocos haitianos que hablan español preguntan si el dólar realmente está a dos soles, porque a ese precio se los cambian. Las cosas cuestan muy caro, protestan. Por usar el baño en los hoteles nos cobran dos soles, aseguran.</p> <p>El embajador Marco Núñez Melgar, director de Protección y Asistencia al Nacional de la cancillería peruana, asegura que el Poder Ejecutivo está coordinando con el Gobierno Regional de Madre de Dios y con la Alcaldía Distrital de Iñapari para garantizar que a los inmigrantes no les falte comida, ropa ni techo. Sin embargo, el alcalde de Iñapari, Celso Curi, está preocupado porque se han acabado las provisiones y pronto colapsarán también los sistemas de agua y desagüe.</p> <p>Tampoco tienen dónde dormir los haitianos, dice. La mayoría duerme a la intemperie, y por eso han sufrido picaduras, infecciones en la piel y dolores estomacales. El párroco René Salízar advierte que esta zona es proclive al dengue. Y las lluvias incrementan el riesgo de una epidemia. “Puede surgir una emergencia ambiental y olvídate. La posta de este lugar no tiene cama para tanta gente ni medicamentos idóneos”, subraya.</p> <p>Algunos lugareños se empiezan a incomodar por la presencia de los inmigrantes haitianos. Campean también el hambre y la desesperación. El embajador Núñez asegura que los haitianos no serán expulsados de territorio peruano. “Vamos a respetar sus derechos, estamos buscando la forma de lograr una inserción social, de ver en qué pueden trabajar estas personas”, indica.</p> <p>Aún no hay respuestas claras.</p> <p>¿POR QUÉ VIENEN AL PERÚ?</p> <p>Marco Núñez Melgar, director de Protección y Asistencia al Nacional de la cancillería peruana, asegura que desde el terremoto del 2010 al menos unos 5 mil haitianos han utilizado el Perú como zona de paso para llegar a Brasil.</p> <p>“Hay mafias que los enganchan con supuestas oportunidades de trabajo en Brasil, les cobran 5 mil dólares y los hacen ingresar al Perú, porque no necesitan visa, pero luego los abandonan a su suerte o los explotan sexualmente”, asegura.</p> <p>Núñez agrega que el Perú ya coordina con los gobiernos de Haití y Brasil, e incluso de Santo Domingo, Colombia y Ecuador, para enfrentar el origen del problema. “También coordinamos con la Interpol para dismantelar estas bandas”, agrega.</p> <p>Disponível em: http://elcomercio.pe/peru/1366787/noticia-casi-300-haitianos-varados-son-carga-insostenible-inapari_1</p> <p>Acesso em: 06/02/12</p> | |
| “SP: ONG acusa PF de racismo por | A ONG Visão Mundial fez ontem um protesto formal ao governo brasileiro contra o que qualifica de política "imperialista", preconceito e | Sem autor - Notícias Terra - |

| | | |
|-------------------------------------|---|---|
| deportação de haitianos em Cumbica” | <p>discriminação contra os haitianos Claude Rinvil e Jean-Wilbert Baptichon que foram barrados pela imigração do Aeroporto de Guarulhos, no dia 23 de janeiro, quando tentavam desembarcar em São Paulo. Os deportados eram convidados de um treinamento sobre políticas públicas. Os haitianos, que tiveram documentos e bagagens apreendidas pela imigração brasileira, tinham visto de entrada emitido pela Embaixada do Brasil em Porto Príncipe. De acordo com a ONG, eles estavam com a documentação em dia. As informações são do jornal O Estado de S. Paulo.</p> <p>"Eles (os policiais) reproduziram a mesma atitude imperialista que os americanos sempre praticam com brasileiros e latinos", criticou Wellington Pereira, dirigente da entidade. De acordo com a PF, os haitianos estavam com o visto errado - de turista, em vez de estudante -, não tinham dinheiro para bancar a estada e deram informações contraditórias na entrevista para justificar a viagem. A PF informou também que não se trata de deportação - medida prevista para estrangeiros indesejáveis - mas de "inadmissão de pessoa que não cumpre os requisitos legais para entrar no País". A ONG não reconhece as causas alegadas pela PF para barrar os haitianos e cobra das autoridades "uma resposta para o incidente".</p> <p>Disponível em: http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI5582073-EI306,00-SP+ONG+acusa+PF+de+racismo+por+deportacao+de+haitianos+em+Cumbica.html</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | 28/01/12 |
| “Dois haitianos mortos no Brasil” | <p>Dois imigrantes haitianos morreram em Manaus nos últimos dias. Um foi assassinado na noite de sexta-feira. Outro era portador do vírus HIV e, na quarta, não resistiu a complicações decorrentes da Aids. Os dois casos são as primeiras fatalidades registradas desde o aumento da imigração de pessoas do país caribenho que deixaram a ilha após o devastador terremoto de janeiro de 2010, que deixou mais de 300 mil mortos.</p> <p>De acordo com a Polícia Civil do Amazonas, o haitiano Inolus Pierrellys, 34 anos, encontrava-se do lado de fora de sua residência, por volta das 18h30 (20h30 no horário de Brasília), no bairro Cidade de Deus, quando dois jovens brasileiros se aproximaram. Um deles sacou um revólver e disparou contra Pierrellys, que morreu após ser alvejado no peito. Segundo os investigadores, a suspeita é de crime passionai. Inolus Pierrellys vivia em Manaus, onde trabalhava em uma fábrica de reciclagem de papel, desde abril do ano passado. Ele morava com outros cinco haitianos em uma casa cedida pela Igreja Católica.</p> <p>O haitiano que morreu na quarta-feira vítima da Aids não teve a identidade divulgada — ele estava internado na Fundação de Medicina Tropical do Amazonas, para onde outros dois imigrantes foram levados com a mesma doença. A situação começa a preocupar as autoridades do estado, que temem não ter capacidade de atender casos semelhantes — segundo fontes da Polícia Federal, há pelo menos 1,4 mil imigrantes que entraram pela cidade de Tabatinga (AM), na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru.</p> <p>No Acre, onde há grande concentração de haitianos, segundo o Ministério Público Federal, existem diversos imigrantes acometidos por enfermidades como Aids, hepatite e doenças sexualmente transmissíveis.</p> <p>Na quinta-feira, o procurador da República no Acre, Anselmo Henrique Cordeiro Lopes, fez um alerta às autoridades federais sobre a situação dos haitianos no estado. Ele entrou com ação civil pública na Justiça Federal exigindo a interferência da União na questão dos imigrantes, depois que integrantes do Ministério Público fizeram uma inspeção e constataram a precariedade dos locais onde eles estão alojados nas cidades de Brasileia e Epitaciolândia, no sul do estado.</p> <p>Disponível em: http://clippingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2012/1/29/dois-haitianos-mortos-no-brasil</p> | Edson Luiz - Correio Braziliense - 29/01/12 |

| | | |
|-------------------|--|--|
| | Acesso em: 29/01/12 | |
| "Ai de ti, Haiti" | <p>Eles fizeram uma longa fila e foram embarcando, um a um, no navio chamado "Sagrado Coração de Jesus", que zarpou de Tabatinga (AM) para Manaus neste sábado, 21 de janeiro. Os passageiros, na realidade, não sabiam direito de quem era aquele coração: de Jesus ou de Maria? Desconfiavam que era de Maria. Com todo o respeito ao calvário do filho, só um coração sangrado de mãe - onde sempre cabe mais um - pode abrigar mais de 400 haitianos com tantos sonhos, sofrimentos, dor, medo.</p> <p>O medo dentro do barco-corção que descia o rio Solimões era "o medo da fatalidade que sempre acompanhou o Haiti". Quem diz isso é um amigo chileno, Fred Spinoza, professor de espanhol em Tabatinga, que testemunhou a passagem dramática dos haitianos pelo Alto Solimões, ameaçados de se tornarem um boat people – refugiados que ninguém quer receber e que, sem chão onde pisar, transformam o barco em sua nova pátria e ficam, à deriva, vivendo na terceira margem do rio.</p> <p>Fred, poeta como qualquer chileno - todo chileno verseja – me enviou trechos do Navio Negreiro de Castro Alves para ilustrar o cenário daqueles haitianos amontoados em redes armadas umas sobre as outras. No domingo passado, ele me cantou o roteiro do motor da linha: "O Sagrado Coração, que saiu ontem daqui, deve passar hoje por Fonte Boa, amanhã por Coari e chegar no Roadway, em Manaus, na terça, dia 24". Manifestou preocupação quanto à recepção aos hermanos haitianos em Manaus.</p> <p>Sangrado coração</p> <p>Manaus, nascida de um parto sangrento, é filha de um crime e de um roubo, cometidos em 1669 por militares portugueses. Tropas armadas invadiram e saquearam a aldeia dos Manaú, mataram muitos índios, escravizaram outros e usurparam suas terras. Seu comandante, Francisco da Mota Falcão, construiu ali, bem em cima do cemitério indígena, o Forte de São José do Rio Negro, usando a mão de obra de índios escravizados e, como matéria prima, o barro das urnas funerárias quebradas e violadas. Portanto, foi a pilhagem colonial que pariu Manaus.</p> <p>Por isso, talvez, Manaus sabe ser impiedosa, cruel. Mas sabe também ser generosa, como mostra o outro lado de sua história. Muitas vítimas do terremoto de Lisboa, de 1755, foram acolhidas pela cidade já mestiça, que lhes deu teto, trabalho, comida. Na época da borracha, entre 1877 e 1914, mais de 500 mil nordestinos, fugindo da seca, migraram para a Amazônia, muitos deles armaram suas redes aqui. Com eles chegaram sírios, libaneses, espanhóis, judeus, árabes, palestinos, japoneses, espanhóis e nova leva pacífica de portugueses. Recentemente, a Zona Franca trouxe os sulistas.</p> <p>Dessa forma, a cidade foi se construindo sobre os alicerces da diversidade, com trabalho, sangue e suor dos estrangeiros que souberam muito bem se integrar à sociedade de base índia. Era tudo gente de paz. Como o portuga José Ventura - o Comandante Ventura - que em 1961 morreu para nos salvar. Manaus não tinha como combater incêndios. Ele criou em 1952 o Corpo de Bombeiros Voluntários. Faleceu quando combatia um incêndio que consumia vorazmente a periferia da cidade, como nos lembra pesquisa histórica realizada por Roberto Mendonça.</p> <p>Outro portuga que ama a cidade e ajudou a construí-la é o dono do bar da Bica, o Armando, o mais caboco de todos os portugas, que está nesse momento, aos 75 anos, numa UTI de um hospital manauara com uma infecção pulmonar. Armando e o comandante Ventura fizeram mais por Manaus do que o belicoso Francisco da Mota Falcão, Pedro Teixeira e todo o exército colonial. Jornais lusos editados nessa época no Amazonas, estudados pelo historiador Geraldo Sá Peixoto Pinheiro, estão nos revelando muito sobre essa migração.</p> <p>Água no feijão</p> <p>Os haitianos que chegaram agora vieram também em missão de paz, de</p> | <p>José Ribamar Bessa Freire - Blog da Amazônia - Terra Magazine - 29/01/12</p> |

trabalho, mas foram recebidos à bala com um grito de “nós não queremos vocês aqui”. O governador do Amazonas, Omar Aziz (PSD), filho de um imigrante palestino que se mudou para Manaus em 1968, debochou, sugerindo que o governo federal os abrigasse em Brasília, “em apartamentos de deputados federais”, conforme matéria publicada pela Folha de São Paulo assinada pela correspondente Kátia Brasil.

Pra puxar o saco do governador, a colunista social Mazé Mourão atacou os haitianos, chamando-os de “abusados”. Num texto boçal, reclamou que eles estão tomando conta dos empregos nas fábricas do Distrito Industrial e “como não sabem falar a nossa língua, trabalham caladinhos e até passam da hora sem cobrar nada”. Preocupada exclusivamente com o quintal de sua casa, sugere: “Por que os haitianos não ficam em Tabatinga ou vão povoar outros municípios do Amazonas?”. Conclui: “Sorry, sorry e sorry, o Haiti definitivamente não é aqui”.

Que me perdoem os ouvidos pudibundos, mas esse é o lado escroto de Manaus, o lado “farinha pouca meu pirão primeiro”. A colunista social alega que “se nós não conseguimos resolver os nossos problemas, que dirá de quem chega e toma de assalto esta Manaus de Mil Contrastes”. É como se ela dissesse, em 1919, ao Comandante Ventura e às centenas de portuguesas que com ele vieram: “Não podemos receber vocês, porque temos muitos problemas, não temos sequer um Corpo de Bombeiros Municipais” ...E olha que nesse momento naufragava a economia da borracha, com centenas de mendigos espalhados pelas ruas da capital.

Felizmente, o outro lado, generoso e solidário, o lado “água no feijão que chegou mais um” se manifestou imediatamente. Dezenas de leitores ocuparam as redes sociais apoiando artigos que se solidarizaram com os haitianos e lhes deram as boas-vindas. Três deles merecem destaque.

Allan Gomes, com base no processo histórico da Amazônia, sustentou que “a imigração haitiana não deve ser vista como um problema, mas como parte da solução”. Da mesma forma que Manaus não podia apagar um incêndio porque carecia de bombeiros e foi salva pela migração lusa, assim também os haitianos podem contribuir para melhorar a cidade, se formos capazes de organizar e planejar a estadia deles aqui.

Alberto Jorge, coordenador geral da CARMA – Coordenação Amazônica da Religião de Matriz Africana e Ameríndia – confessa que teve ânsias de vomitar quando leu o texto de Mazé “que destila ódio e desprezo, é preconceituoso, asqueroso em todos os sentidos”. E Ismael Benigno considerou que a reação dela mais parece “um chilique da socialite Narcisa Tamborindéguy contra os pobres do que uma tentativa de entender o problema que ainda vamos ter”.

De qualquer forma, se o artigo tem algum mérito é o de desencadear um debate, permitindo revelar a xenofobia e a intolerância que trazemos dentro de todos nós, mas também a solidariedade com os refugiados. Quem sofreu o exílio, por razões políticas, econômicas ou sociais, sabe a importância dessa acolhida. É evidente que a questão é complexa, é claro que precisamos organizar uma intervenção de forma mais planejada, mas sem preconceitos, como o de um leitor de Mazé Mourão, que se referiu depreciativamente à religião dos haitianos e à magia negra.

Se a colunista social não pedir desculpas, publicamente, nós, os que ficamos chocados com seu texto - sorry, sorry, sorry - acamparemos com os haitianos no quintal da casa dela. Faremos um trabalho de magia negra para transformá-la em um ser inteligente, sensível e solidário. Se bem que suspeito não existir magia capaz de dar jeito nisso. Mas a gente tenta.

P.S.: O poeta haitiano René Depestre escreveu, entre outros, um belo livro – “Aleluia para uma Mulher-Jardim”, editado em português em 1988. Não tive acesso à edição brasileira, mas à edição francesa, de 1981, de onde traduzi a frase, diz: “Si le monde est une vallée de larmes, Haiti est le coin le mieux arrosé de la vallée” (pg. 40).

Disponível em: <http://blogdaamazonia.blog.terra.com.br/2012/01/29/ai->

| | | |
|---|---|---|
| | de-ti-haiti/ Acesso em: 02/02/12 | |
| “Empresas localizadas em regiões centrais e sul do Brasil continuam empregando haitianos” | <p>Durante o final de semana e início desta, muitos empresários de vários estados do Brasil, principalmente de regiões do centro e sul, viajaram até a cidade de Brasiléia, na fronteira do Acre com a Bolívia, para tentar ajudar de alguma forma, os haitianos que aqui buscaram refúgio e trabalho.</p> <p>Alguns pequenos empresários que puderam levar de 9 a 13 (e bem que queriam levar mais), se juntaram a outras empresas de médio e grande porte que selecionaram de 20 a 60 de uma só vez.</p> <p>Desde o início do ano onde se tinha registrado cerca de 1.250 na cidade de Brasiléia, superlotando um pequeno hotel com capacidade de 100, se amontoando cerca de 800 e o restante, se ajudavam espalhados em outros lugares.</p> <p>Com agilidade nos trâmites no setor de imigração, em menos de 30 dias, restou menos de 300 que estão sendo selecionados para iniciar uma nova vida. Na maioria, estão sendo levados para trabalhar em empresas na área da construção civil, cultivos de flores e redes de supermercado.</p> <p>Representando o grupo de supermercados do estado do Mato Grosso, Big Master Supermercado, com lojas em cinco cidades, o senhor Osvaldo Rodrigues, selecionou entre homens e mulheres, 41 haitianos já contratados com passagens, além de ajuda com alojamento e alimentação.</p> <p>Segundo seu Rodrigues, o grupo Big Máster, através dos irmãos Gilberto e Djalma dos Santos, presidentes do grupo, gostaria de poder ajudar levando mais, “Se esses trabalharem como se espera, poderão crescer dentro da empresa e caso seja necessário, poderemos vir buscar mais”, disse ele.</p> <p>Disponível em: http://oaltoacre.com/index.php/acre/11646-empresas-localizadas-em-regioes-centrais-e-sul-do-brasil-continuam-empregando-haitianos.html</p> Acesso em: 03/02/12 | Alexandre Lima - O Alto Acre - 30/01/12 |
| “‘O Haiti não vai invadir o Brasil’, diz Celso Amorim durante visita ao AM” | <p>O Ministro da Defesa, Celso Amorim, visitou nesta segunda-feira (30) o Comando Militar da Amazônia (CMA), na Zona Oeste de Manaus. A visita faz parte de uma parada técnica na viagem do Ministro ao Haiti, onde o Brasil mantém missão de paz.</p> <p>Pela manhã, o político foi recebido no Quartel-General do CMA. No local, ele assistiu à palestra do comandante Militar da Amazônia, o General de Exército Eduardo Villas Bôas e do 2º Grupamento de Engenharia, onde foram apresentadas obras de engenharia militar, incluindo lanchas para patrulhamento nas fronteiras.</p> <p>O Ministro afirmou que a imigração em grande número de haitianos para o Brasil não é um problema de Defesa. “Essa não é uma tarefa para a Defesa, afinal, o Haiti não vai invadir o Brasil. Pode ser que tenhamos um problema humanitário de haitianos que precisem ficar aqui, mas aí temos que saber lidar com a situação. Devemos ter atenção para implementar os direitos humanos sem esquecer das nossas capacidades”, disse Amorim.</p> <p>Amorim também destacou a importância do Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteiras (Sisfron) para o trabalho nessas regiões do país. “É um programa que vai permitir agregar meios tecnológicos à defesa e dar substância à nossa presença nas fronteiras. Existem ameaças que estão se adensando, não de outros países, mas do crime internacional e até de brasileiros que usam as fronteiras para cometer atos ilícitos”, explicou o Ministro.</p> <p>Para ele a distância dificulta o trabalho de fiscalização. “Me impressionei com a enormidade do problema, e um deles é justamente a distância entre um pelotão de fronteira e outro. Temos em Roraima um pelotão que é distante mil quilômetro de outro. Com isso, percebemos que é cada vez mais fundamental um apoio logístico e tecnológico para o cumprimento das tarefas”.</p> <p>Sisfron</p> | Marcos Dantas - G1 - 30/01/12 |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>O Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteiras é um projeto do Exército brasileiro orçado em R\$ 10 bilhões que será implantado em três etapas, com conclusão prevista para 2019. O programa abrange as fronteiras brasileiras, desde a cidade de Oiapoque, no Amapá, até Uruguaiana, no Rio Grande do Sul e inclui a modernização dos equipamentos eletrônicos, ampliação da frota terrestre e dos Pelotões Especiais de Fronteira (PEF) que passarão de 21 para 49, e servirão como base operacional para o projeto.</p> <p>Agenda do Ministro</p> <p>Nesta terça-feira (31), o ministro visitará o Centro de Instrução de Guerra na Selva (CIGS), na Zona Oeste de Manaus, antes de embarcar rumo ao Haiti onde encontrará a Presidente Dilma Rousseff para visita às tropas do Exército Brasileiro que atuam na Força de Paz.</p> <p>Disponível em: http://g1.globo.com/amazonas/noticia/2012/01/o-haiti-nao-vai-invadir-o-brasil-diz-celso-amorim-durante-visita-ao-am.html</p> <p>Acesso em: 05/02/12</p> | |
| <p>“Imigrantes que fugiram do Haiti ajudam a ampliar hospital no Paraná”</p> | <p>Quarenta e quatro haitianos que ficaram no Acre por dois meses terão a chance de recomeçar a vida em Cascavel, no oeste do Paraná. Eles vão trabalhar na ampliação do Hospital São Lucas, que pertence à Faculdade Assis Gurgacz (FAG). O acordo entre a faculdade e cada um dos imigrantes foi firmado nesta segunda-feira (30). Os haitianos foram contratados conforme a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT).</p> <p>“Nós estamos felizes. Aqui é muito bom, a cidade é muito grande e se paga bem” disse Saint Vil Jean, de 26 anos. Ele conta que no período em que ficaram no Acre, o governo brasileiro os ajudou pagando estadia em um hotel de Rio Branco e três refeições diárias.</p> <p>“Nós chegamos ilegalmente, mas agora está tudo certo temos CPF e Carteira de Trabalho”, contou entusiasmo o jovem haitiano. Saint disse que ele não tem parentes no Haiti, mas que muitos amigos possuem e, se tudo der certo no Paraná, pretendem buscá-los.</p> <p>Dois anos depois do terremoto, que matou 250 mil pessoas, o Haiti entrou em uma crise humanitária e os problemas econômicos pioraram. A solução encontrada por muitos moradores foi abandonar o país e vir para Brasil em busca de emprego e melhor condição de vida.</p> <p>“A situação é muito difícil. Depois do terremoto, o país está destruído e não tem trabalho”, explicou Saint Vil Jean. Ele contou que perdeu uma tia e dois primos na tragédia.</p> <p>Homens, mulheres e crianças deixaram o Haiti pela República Dominicana, passando por Equador, Panamá e Peru. Em terras brasileiras, eles costumam entrar pelo Acre. Estima-se que quatro mil refugiados haitianos estejam no país.</p> <p>No primeiro mês, a FAG se comprometeu a arcar com as despesas dos imigrantes com moradia e alimentação. Eles também vão passar por curso de capacitação profissional. Até sexta-feira (3) eles vão ficar alojados no ginásio esportivo da faculdade e depois serão acomodados em apartamentos.</p> <p>Em entrevista ao G1, o diretor presidente da FAG, Assis Gurgacz, afirmou que a falta de mão-de-obra em Cascavel motivou a contratação dos haitianos, mas também destacou que esta poderia ser uma chance da faculdade ajudar os imigrantes.</p> <p>“Tem um cunho social. Nós vamos, além de prepará-los para o trabalho da área civil e também em outras áreas, nós vamos fazer esta adaptação cultural, como a familiarização com a Língua Portuguesa”, afirmou Gurgacz.</p> <p>A princípio os cursos serão voltados para construção civil, mas existe o projeto de ampliar as opções, já que outras áreas da faculdade, segundo o siretor-presidente, estão carentes de profissioanis.</p> <p>A falta de mão de obra é tão significativa que se esta primeira experiência com os haitianos for bem sucedida, a faculdade cogita contratar mais 40 imigrantes. De acordo com Gurgacz, o déficit na área de construção civil para as obras da instituição chega a 160 profissionais.</p> | <p><i>Bibiana Dionísio - G1 - 30/01/12</i></p> |

| | | |
|---|--|---|
| | <p>Disponível em: http://g1.globo.com/parana/noticia/2012/01/imigrantes-que-fugiram-do-haiti-ajudam-ampliar-hospital-no-parana.html</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | |
| <p>“Odebrecht contrata haitianos para obras de Santo Antônio e Teles Pires”</p> | <p>Desde a segunda-feira passada, cerca de 40 haitianos que estavam refugiados em Brasília, no Acre, passaram a fazer parte dos quadros de funcionários da construtora Norberto Odebrecht. Apesar da dificuldade da língua, esses haitianos serão aproveitados na construção da hidrelétrica de Teles Pires, que está sendo erguida no Mato Grosso. A empreiteira é a única grande construtora que está contratando os imigrantes em suas obras de energia. Outros 50 haitianos já estão em fase de contratação para trabalharem na usina de Santo Antônio, em Porto Velho.</p> <p>O diretor da Odebrecht Energia, Enio Silva, diz que essa ainda é uma fase de testes para perceber a adaptação desses funcionários, principalmente em termos de segurança em função da dificuldade de comunicação. A empresa estuda até mesmo a mudança das placas de sinalização. Os haitianos falam o crêole, ou crioulo haitiano, e não entendem nada de português. Por isso mesmo, eles passarão por uma fase de treinamento para identificar palavras de segurança em português. A construtora identificou entre os próprios imigrantes um tradutor que fala francês, crêole, português e espanhol.</p> <p>A meta, segundo Silva, é contratar até 300 imigrantes haitianos. Esse número não chega a 2% de todo o efetivo hoje nas obras de energia da construtora. Além disso, outras empresas do grupo, com a ETH e a Odebrecht Infraestrutura, também estão contratando haitianos para suas obras.</p> <p>A forte imigração que já trouxe ao país cerca de cinco mil haitianos, segundo dados extra-oficiais, e fez o governo brasileiro, neste início de ano, restringir a concessão de vistos. Desde 2010, cerca de 1.600 vistos foram concedidos e outros 2.400 estão em análise. Mas para entrar no Brasil, os haitianos terão agora que obter o visto antecipadamente e ficou restringido ao número de cem os vistos concedidos por mês. A imigração tem sido motivada pelo grande número de obras no Brasil e pelas dificuldades que os haitianos enfrentam desde o terremoto que devastou o país em 2010.</p> <p>A questão tem sido delicada, apesar do forte crescimento do emprego no país, principalmente em função do elevado número de obras civis e de infraestrutura no Brasil. E há quem defenda que esses empregos devem ser ocupados sempre por mão de obra local. A Odebrecht, entretanto, não viu problemas em contratar esses imigrantes. Para as obras de Santo Antônio, a empresa está recrutando haitianos que já estão na cidade. Segundo Enio Silva, as igrejas e organizações que estão acolhendo essas pessoas em Porto Velho, estimam que cerca de 500 haitianos moram hoje na cidade.</p> <p>As obras de Santo Antônio empregam hoje mais de 14 mil funcionários e em Teles Pires o efetivo chega a 1.700.</p> <p>Disponível em: http://www2.valoronline.com.br/empresas/2509420/odebrecht-contrata-haitianos-para-obras-de-santo-antonio-e-teles-pires</p> <p>Acesso em: 29/02/12</p> | <p>Josette Goulart - Valor Online - 30/01/12</p> |
| <p>“Ajuda pontual aos haitianos”</p> | <p>O governo federal liberou, por meio do Ministério do Desenvolvimento Social, R\$ 900 mil para ajudar os estados do Acre e do Amazonas a garantir as condições necessárias para a permanência dos haitianos que vieram ao Brasil em busca de emprego. Serão R\$ 360 mil para o Acre e R\$ 540 mil para o Amazonas, destinados principalmente à alimentação e ao abrigo dos imigrantes. Desde o terremoto que atingiu o Haiti em 2010, 4 mil haitianos vieram ao Brasil em busca de condições melhores de vida.</p> <p>O recurso será enviado em parcela única por meio do Fundo Nacional de Assistência Social diretamente para os fundos de assistência social estaduais. Caberá aos conselhos acompanhar e fiscalizar a implementação do dinheiro e os resultados. "Pode ser que tenhamos um problema humanitário de haitianos que precisem ficar aqui, mas aí temos que saber lidar com a situação. Devemos ter atenção para implementar os direitos humanos sem esquecer das nossas capacidades", disse o ministro da Defesa, Celso Amorim,</p> | <p>Juliana Braga - Correio Braziliense - 31/01/12</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>ontem em Manaus.</p> <p>Para o procurador do Ministério Público Federal do Acre Anselmo Lopes, os recursos não são suficientes para garantir a integridade dos imigrantes. "O que a gente pede é que eles sejam reconhecidos como refugiados. Reconhecemos que existe uma crise humanitária no país e eles não devem ser impedidos de entrar", avalia. Segundo o procurador, a lei brasileira garante refúgio, não somente a perseguidos políticos, como também a quem tenha sofrido violação dos direitos humanos, como, na avaliação dele, os haitianos.</p> <p>Desde o início do mês, o governo proibiu a entrada de imigrantes haitianos sem visto. A partir de agora, os vistos serão concedidos pela embaixada no Haiti e serão limitados a 200 por mês. Ainda assim, alguns imigrantes continuam tentando entrar no país. No município peruano de Iñapari, cerca de 220 aguardam para cruzar a fronteira. Lá eles estão abrigados na igreja do município e em um prédio cedido pelo Ministério da Agricultura do país. "Muitos não têm colchão nem cobertores. Estamos providenciando para garantir um mínimo de conforto", afirmou Edmilson Júnior, secretário de Planejamento de Assis Brasil (AC).</p> <p>O secretário de Direitos Humanos do Acre, Nilson Mourão, explica que a situação está melhor do que no início do ano. A maioria já foi recrutada para trabalhar em outros estados. "Já enviamos mais de mil desde janeiro, todos devidamente documentados e habilitados ao trabalho", conta.</p> <p><i>Disponível em:</i> https://conteudoclipppingmp.planejamento.gov.br/cadastros/noticias/2012/1/31/ajuda-pontual-aos-haitianos <i>Acesso em: 31/01/12</i></p> | |
| <p>"Conectas questiona Governo sobre medidas migratórias para haitianos"</p> | <p>A política migratória do governo brasileiro para os milhares de haitianos que buscam acolhimento no Brasil deve ser objeto de pronunciamento público da presidente Dilma Rousseff amanhã (01/02), em sua visita oficial ao Haiti. Nesta ocasião, Conectas Direitos Humanos torna pública a carta enviada hoje ao governo brasileiro, na qual pede que sejam esclarecidos 6 pontos relativos ao tema.</p> <p>"Estamos preocupados com o funcionamento efetivo do 'visto humanitário' e também com a situação daqueles que têm sua entrada negada no Brasil. Há relatos de famílias desabrigadas em zonas de fronteira, confrontadas pela Polícia Federal e sem ter como nem para onde regressar. Isso não é condizente com uma política que se autodenomina humanitária", disse Juana Kweitel, diretora da Conectas.</p> <p>"Esta é uma questão extremamente importante para nós aqui no Haiti. Estamos trabalhando em conjunto com a Conectas, no Brasil, e fizemos consultas à embaixada brasileira para aclarar o assunto e saber de que forma trabalhar melhor em favor destas pessoas", disse Urbens Wilbert Dieuveuill, diretor da ONG parceira da Conectas Ação Cidadã para a Abolição da Tortura, do Haiti.</p> <p>A carta é endereçada aos ministérios das Relações Exteriores, Justiça, Trabalho e Direitos Humanos, além da Secretaria Geral da Presidência da República.</p> <p>Entre os pontos de preocupação da organização estão também os critérios para a concessão dos chamados vistos humanitários, a forma de difusão da informação aos haitianos sobre a disponibilidade deste serviço de concessão, na Embaixada do Brasil em Porto Príncipe; a garantia necessária de análise criteriosa dos pedidos formais de "refúgio" que cheguem ao governo brasileiro e a participação da sociedade civil na adoção de medidas no âmbito migratório.</p> <p>Íntegra da carta:</p> <p>Excelentíssimo Senhor Ministro Antonio de Aguiar Patriota - Ministério de Relações Exteriores</p> | <p><i>Conectas Direitos Humanos - 31/01/12</i></p> |

Excelentíssimo Senhor Ministro José Eduardo Cardozo - Ministério da Justiça

Excelentíssima Senhora Ministra Maria do Rosário Nunes - Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República

Excelentíssimo Senhor Ministro Gilberto Carvalho - Secretaria Geral da Presidência da República

Excelentíssimo Senhor Ministro Paulo Roberto dos Santos Pinto - Ministério do Trabalho e Emprego

Ref.- Requerimento de informações sobre aplicação da nova medida migratória do governo brasileiro para os haitianos

Excelentíssimos Senhores Ministros e Senhora Ministra,

À luz da visita oficial da Presidente Dilma Rousseff ao Haiti no dia 1º de fevereiro, Conectas Direitos Humanos vem, por meio desta, requerer informações sobre a nova política migratória para cidadãos haitianos adotada pelo governo brasileiro através da Resolução Normativa Nro. 97 do Conselho Nacional de Imigração do dia 12 de janeiro de 2012.

De acordo com Nota de Imprensa No. 20 do Ministério de Relações Exteriores de hoje (31 de janeiro), a questão migratória deverá ser objeto de tratamento durante a visita a Porto Príncipe. A medida anunciada no dia 12 suscitou grande debate no Brasil, alcançando repercussão internacional. A ausência de discussão prévia sobre a medida, bem como a falta de clareza sobre os critérios utilizados para sua concepção e aplicação geraram apreensão sobre os impactos da medida à proteção dos direitos humanos.

A regularização dos haitianos que já estão em território brasileiro é bem-vinda e é um passo na direção de um acolhimento com respeito aos direitos humanos. No entanto, acreditamos ser necessários esclarecimentos sobre a concessão de 1,2 mil vistos permanentes - ou "vistos humanitários"- por ano e o anúncio de que haitianos que chegarem ilegalmente ao Brasil após a medida deverão deixar o país.

No intuito de compreender a política brasileira tanto de uma perspectiva humanitária e de direitos humanos, quanto sobre sua viabilidade e efetividade, Conectas respeitosamente solicita informações sobre:

1. De que forma a existência da nova modalidade de visto tem sido levada a conhecimento da população no Haiti, uma vez que uma das motivações alegadas pelo governo brasileiro é frear a exploração dos haitianos pelos chamados "atravessadores"?

2. Quais critérios vêm sendo aplicados pela embaixada brasileira em Porto Príncipe para a definição de quem deve receber o visto permanente de caráter humanitário, uma vez que há limitação numérica? Quais são as formalidades exigidas, incluindo documentos que precisam ser apresentados?

3. Quais têm sido as gestões diplomáticas do Brasil para que outros países adotem medidas de acolhimento humanitário aos haitianos?

4. Com relação aos haitianos que entrarem no país sem visto, qual tratamento será dado a eles? Havendo, entre esses, haitianos que possam ser considerados refugiados, quais salvaguardas tiveram ou terão para que possam exercer o direito de pedir refúgio e terem seus casos analisados individualmente e conforme o devido processo existente no Brasil?

5. Tendo presente que a Lei N. 9.474 sobre Estatuto do Refugiado contempla no seu Art. 1º, II, a possibilidade de que seja reconhecido esse direito a todo indivíduo que, "devido à grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país", como o governo brasileiro vê a possibilidade de revisão do entendimento do CONARE em casos como dos haitianos em busca de acolhimento após desastre natural que assolou o país e ainda se encontra em profunda crise de direitos econômicos, sociais e ambientais?

| | | |
|---|---|--|
| | <p>6. Em que estágio se encontram os encaminhamentos para estabelecimento de uma política migratória brasileira em consonância aos direitos humanos, incluindo a pronta ratificação da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos dos Trabalhadores Migrantes e suas Famílias, que hoje se encontra no Congresso Nacional?</p> <p>Acreditamos que, ao elucidar os pontos acima, o governo brasileiro contribuirá para o entendimento por parte da sociedade sobre a viabilidade, efetividade e, acima de tudo, sobre o caráter humanitário e de direitos humanos dos diferentes aspectos relacionados à medida anunciada.</p> <p>Cremos também que políticas públicas em geral, e de migração em particular, devem ser debatidas e construídas com a sociedade, com o devido tempo de maturação e utilização dos instrumentos democráticos de diálogo necessários. Esperamos que os processos de avaliação da medida em questão e, caso necessária, sua eventual revisão sejam conduzidos com observância desses requisitos e nos colocamos à disposição para colaborar nesses esforços.</p> <p>Atenciosamente,</p> <p>Lucia Nader - Diretora Executiva - Conectas Direitos Humanos Juana Kweitel - Diretora de Programas - Conectas Direitos Humanos</p> <p>Disponível em: http://www.conectas.org/institucional/conectas-questiona-governo-sobre-medidas-migratorias-para-haitianos Acesso em: 05/02/12</p> | |
| <p>“Cascavel se torna a casa de 44 haitianos”</p> | <p>O Paraná recebeu nos últimos dias dezenas de haitianos que se arriscaram na imigração para o Brasil em busca de oportunidades. Os estrangeiros, que entraram ilegais no país, tiveram a documentação legalizada pelo governo e vão trabalhar em empresas que enfrentam carência de mão de obra e se sensibilizaram com a situação deles.</p> <p>Ontem, 44 haitianos desembarcaram em Cascavel, onde vão trabalhar nas obras do Hospital São Lucas, que pertence à Faculdade Assis Gurgacz (FAG). Eles também vão construir um novo bloco na faculdade. “Há seis meses nós procuramos mão de obra e não conseguimos suprir toda a necessidade. Mas o que pesou muito também foi a questão social”, explica o engenheiro responsável pelas obras, Carlos Oya. O contato com os estrangeiros foi intermediado pela Secretaria de Justiça e Segurança Pública do Acre. O estado é a principal porta de entrada dos haitianos no Brasil.</p> <p>Além de contratá-los conforme a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), a FAG vai prepará-los para o trabalho na construção civil e ajudá-los com a adaptação cultural. Por enquanto, o grupo fica hospedado em um alojamento no ginásio da faculdade, até que sejam organizados os apartamentos onde vão morar. A previsão é de que eles permaneçam na cidade por pelo menos quatro ou cinco anos, tempo que as obras devem levar para serem concluídas. “Se esta primeira experiência for bem sucedida, é possível que outros haitianos sejam contratados porque precisamos de um número três vezes maior de operários”, conta Oya.</p> <p>Esses não são os primeiros refugiados a se instalarem no Paraná. Na última sexta-feira, o município de Ibiporã, na região Norte, recebeu outros 24 imigrantes, que vão trabalhar na carga e descarga de mercadorias em empresas da cidade. Eles vêm amparados por um acordo entre o consulado do Haiti no Brasil e o Sindicato dos Trabalhadores na Movimentação de Mercadorias em Geral de Ibiporã. “Nossa cidade tem escassez de mão de obra em áreas que exigem força física. Há quatro anos a gente vem enfrentando dificuldades em contratar”, conta o presidente do sindicato, Márcio Rodrigues dos Santos.</p> <p>Segundo ele, os haitianos estão sendo tratados da mesma forma que os funcionários brasileiros e com os mesmos direitos, além de receber moradia e alimentação subsidiada pelo sindicato. “Eles vão exercer trabalho avulso,</p> | <p>Juliana Gonçalves - Gazeta do Povo - 31/01/12</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>com direito a 13.º, FGTS e férias”, garante Santos. Os trabalhadores avulsos prestam serviços a diversas empresas, sem vínculo de emprego, e são contratados pelo sindicato.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=1218501&tit=Cascavel-se-torna-a-casa-de-44-haitianos <i>Acesso em: 07/03/12</i></p> | |
| <p>“Dilma: Brasil está aberto a haitianos; combate é contra coiotes”</p> | <p>Após a entrada ilegal de milhares de haitianos no Brasil, a presidente Dilma Rousseff disse nesta quarta-feira, em Porto Príncipe, que o país está aberto a receber cidadãos da nação caribenha, e que o combate à migração irregular deve focar os grupos que agenciam o transporte entre os dois países, conhecidos como coiotes.</p> <p>O Haiti, país mais pobre das Américas, ainda se recupera dos efeitos do devastador terremoto de janeiro de 2010, que destruiu a capital Porto Príncipe e paralisou a economia local, elevando o desemprego e a pobreza, fator principal para a saída de haitianos.</p> <p>"Reiterei que continuaremos cooperando para criar para os haitianos condições de vida melhores no próprio Haiti. Deixei claro, no entanto, que como é da natureza dos brasileiros, estamos abertos a receber cidadãos haitianos que optem por buscar oportunidades no Brasil", disse Dilma em um comunicado após reunião com o presidente haitiano, Michel Martelly.</p> <p>Entre o final de 2011 e início deste ano, cerca de 4 mil haitianos entraram ilegalmente no norte do Brasil. O governo brasileiro concedeu visto a todos eles.</p> <p>Para coibir a imigração ilegal, a embaixada brasileira passou a emitir 100 vistos condicionados por mês a haitianos interessados em residir no Brasil.</p> <p>"Iremos combater as redes criminosas de intermediários, os chamados coiotes, que se aproveitam da vulnerabilidade de trabalhadores e suas famílias, submetendo no trajeto do Haiti ao Brasil a situações degradantes e desumanas, além de explorá-los cobrando taxas escorchantes", disse a presidente.</p> <p>Dilma disse ainda que a reconstrução do Haiti, após o terremoto que matou cerca de 250 mil pessoas, não pode ser interrompida, e destacou a importância de investimento privado brasileiro no país caribenho.</p> <p>"Conversamos ainda sobre a importância da participação do Brasil na reconstrução e do desenvolvimento do Haiti. Isso se expressa também... no esforço para presença, para garantir a presença no Haiti de investimentos privados brasileiros", disse.</p> <p>"Na atual crise econômica mundial, países mais vulneráveis necessitam atenção redobrada sob pena de serem ainda mais injustamente castigados... Não podemos, portanto, permitir que seja interrompida a trajetória de recuperação do Haiti".</p> <p>O Brasil lidera a força de paz da Organização das Nações Unidas (ONU) no país desde 2004, com mais de 2.100 homens. Dilma disse que a participação brasileira será reduzida a 1.900, mas não citou prazos.</p> <p>O efetivo total da missão, de cerca de 11,6 mil integrantes, começará a ser reduzido neste ano para níveis pré-terremoto, mas um prazo para a retirada total não foi anunciado pela ONU.</p> <p>A visita ao Haiti encerra uma viagem de três dias de Dilma ao Caribe, que incluiu uma parada em Cuba.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://br.reuters.com/article/topNews/idBRSPF8100AW20120201 <i>Acesso em: 03/02/12</i></p> | <p><i>Hugo Bachega - Reuteurs Brasil - 01/02/12</i></p> |
| <p>“Dilma anuncia redução da tropa brasileira no Haiti”</p> | <p>Em visita ao Haiti, a presidenta Dilma Rousseff anunciou hoje (1) a redução do contingente de militares brasileiros no país de 2,2 mil para 1,9 mil homens. O Brasil comanda a Missão da Organização das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti, conhecida como Minustah, criada em 2004.</p> <p>A tropa brasileira foi reforçada após o terremoto que devastou o Haiti em janeiro de 2010. Com a redução, o contingente voltará a ter o número de</p> | <p><i>Luana Lourenço - Agência Brasil EBC - 01/02/12</i></p> |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>militares que tinha antes da tragédia.</p> <p>A mudança, segundo Dilma, faz parte de uma nova estratégia de segurança para o Haiti, que inclui a redução gradual da presença militar no país. “Temos que pensar a longo prazo e, por isso, uma comissão vai ser instalada para avaliar a segurança na medida que haja sistemática redução das tropas da Minustah”, disse a presidenta em declaração à imprensa no Palácio Presidencial haitiano, em Porto Príncipe.</p> <p>Dilma também falou sobre a imigração de haitianos para o Brasil, condenou a ação de "coiotes" (pessoas que atravessam os imigrantes ilegalmente pelas fronteiras, cobrando por isso) e reforçou as medidas adotadas recentemente pelo governo brasileiro para concessão de vistos e repressão ao tráfico de pessoas vindas do Haiti.</p> <p>A presidenta disse que o Brasil está aberto para receber o povo haitiano, mas que é preciso combater os coiotes que agem no recrutamento e no transporte ilegal de imigrantes para o Brasil. “Devemos combater esses criminosos, que se aproveitam das vulnerabilidades das famílias, expondo-as a situações desumanas durante a travessia, além de explorá-las, cobrando taxas escorchantes”.</p> <p>A presidenta lembrou a mudança de regras na concessão de vistos brasileiros para haitianos, que entraram em vigor recentemente, e disse que as medidas foram tomadas em reconhecimento às dificuldades sociais e econômicas do povo haitiano.</p> <p>Em janeiro, o governo brasileiro decidiu regularizar cerca de 4 mil haitianos que já estão no Brasil e criou um visto especial de permanência, que não exige a comprovação de vínculo empregatício no Brasil antes da vinda para o país. As novas regras poderão beneficiar 1,2 mil haitianos por ano.</p> <p>“Reafirmo o duplo propósito das políticas de visto: garantir o acesso em condições de segurança e de dignidade e, ao mesmo tempo, combater o tráfico de pessoas, o que temos feito em cooperação com países vizinhos”, disse a presidenta.</p> <p>Além das questões militares e da situação dos imigrantes, durante a visita ao Haiti, Dilma também está discutindo medidas de apoio ao desenvolvimento econômico e reconstrução do país. A agenda da presidenta no país inclui um encontro com organizações não governamentais brasileiras que trabalham com ajuda humanitária no Haiti e uma visita ao batalhão brasileiro na Minustah.</p> <p>Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-02-01/dilma-anuncia-reducao-da-tropa-brasileira-no-haiti</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | |
| <p>“Há muito o que fazer no Haiti, diz embaixador do país em Brasília”</p> | <p>O embaixador do Haiti no Brasil, Idalbert Jean-Pierre, disse à Agência Brasil que a visita da presidenta Dilma Rousseff hoje (1º) ao país é aguardada com “grande expectativa”. O diplomata acrescentou que, apesar das dificuldades existentes na região, o Haiti avançou nos últimos dois anos após o terremoto de 12 de janeiro de 2010. “Houve progressos, mas ainda há muito o que fazer. E, o Brasil é um grande parceiro”, disse ele.</p> <p>Um dos destaques da viagem de Dilma a Porto Príncipe será a visita ao batalhão brasileiro da Missão das Nações Unidas de Estabilização do Haiti (Minustah). Durante a visita, Dilma pretende elogiar a atuação dos brasileiros no Haiti. O Brasil lidera a missão desde a sua criação em 2004, além de ser o maior contribuinte de tropas – são 2.193 brasileiros em um total de 11,6 mil militares.</p> <p>Com 9,7 milhões de habitantes, o Haiti é o país mais pobre das Américas e ocupa a 158ª posição no universo de 187 países, de acordo com o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Os desafios de ordem estrutural se somam às necessidades humanitárias e materiais agravadas pelo terremoto de 2010.</p> <p>Na tentativa de ajudar os haitianos, o governo brasileiro resolveu atuar em três frentes - a participação no processo de reconstrução, a cooperação bilateral - técnica, de assistência humanitária e cooperação nas áreas de</p> | <p>Renata Giraldi - Agência Brasil EBC - 01/02/12</p> |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>saúde e educação- e o apoio aos trabalhos da Minustah.</p> <p>Pelos dados do Escritório do Enviado Especial do Secretário-Geral das Nações Unidas para o Haiti, entre 2010 e 2011 foram doados ao país cerca de US\$ 2,38 bilhões. Mas ainda há US\$ 2,1 bilhões para serem transferidos. Apenas o Brasil repassou US\$ 114 milhões ao Haiti. O governo brasileiro integra o comitê diretor do Fundo de Reconstrução do Haiti (FRH), gerido pelo Banco Mundial, cuja atribuição é direcionar os recursos para projetos específicos.</p> <p>O governo brasileiro também integra a Comissão Interina para Reconstrução do Haiti (CIRH), criada em abril de 2010 com o objetivo de elaborar o planejamento estratégico e a coordenação da ajuda internacional ao país. A comissão é copresidida pelo primeiro-ministro do Haiti e por Bill Clinton, ex-presidente norte-americano que é o enviado especial das Nações Unidas para o país.</p> <p>Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-02-01/ha-muito-que-fazer-no-haiti-diz-embaixador-do-pais-em-brasil</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | |
| <p>“Imigrantes serão tema das principais reuniões de Dilma no Haiti”</p> | <p>A angústia de milhares de haitianos que migram para o Brasil será um dos principais temas da conversa da presidenta Dilma Rousseff com o presidente do Haiti, Michel Martelly, hoje (1º), em Porto Príncipe. Para o governo haitiano, o assunto é considerado de relevância máxima. Emocionado, o embaixador do Haiti no Brasil, Idalbert Jean-Pierre, disse à Agência Brasil que considera uma vitória a decisão brasileira de conceder 1.200 vistos a imigrantes haitianos, sem exigência de vínculo empregatício.</p> <p>“Sabemos que o Brasil também tem seus problemas, gostaríamos que a cota fosse maior, mas entendemos e consideramos uma vitória [a fixação de 100 vistos por mês]”, disse o embaixador. “No Haiti, a situação se agravou ainda mais depois do terremoto [de 12 de janeiro de 2012], as pessoas estão sem perspectiva de emprego e andam desoladas sem saber o que fazer.”</p> <p>Nos últimos meses, milhares de haitianos entraram no Brasil para fugir das dificuldades no país – o mais pobre das Américas, registrando elevados índices de mortalidade infantil, criminalidade e fome. Os imigrantes entram, em sua maioria, por Tabatinga, no Amazonas, e Brasileia, no Acre. Mas também ingressam no país por Rondônia.</p> <p>Pela decisão do governo brasileiro, cada visto permitirá ao cidadão haitiano trazer a mulher, o marido ou companheiro, o pai e a mãe, além dos filhos com menos de 24 anos - desde que sejam solteiros, estudantes e dependentes financeiramente. O estrangeiro que entra no Brasil sem visto corre o risco de ser deportado.</p> <p>O embaixador disse, porém, que está preocupado com o futuro dos haitianos que chegam ao Brasil. Segundo ele, em média cada imigrante gasta de US\$ 3 mil a US\$ 4 mil, dinheiro que ele “levará toda uma vida” para pagar. De acordo com o diplomata, a maioria consegue fazer a viagem do Haiti para o Brasil com a ajuda de “coiotes” - pessoas que atravessam os imigrantes ilegalmente pelas fronteiras, cobrando por isso.</p> <p>“Esses imigrantes vão receber quanto [de salário] no Brasil? [Essas pessoas] vão receber salários, terão muitas dificuldades. Mesmo assim resolvem enfrentar todas as dificuldades”, disse o embaixador, que foi ao Acre e ao Amazonas para conversar com os imigrantes. “É impossível se colocar no lugar dessas pessoas. Só sabe o que sente e o drama de um imigrante outro igual a ele.”</p> <p>Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-02-01/imigrantes-serao-tema-das-principais-reunioes-de-dilma-no-haiti</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | <p>Renata Giraldi - Agência Brasil EBC - 01/02/12</p> |
| <p>“Dilma diz que haitianos são bem-vindos no Brasil, mas condena ação de coiotes”</p> | <p>A presidente Dilma Rousseff disse no Haiti que os brasileiros estão de braços abertos para receber haitianos que optem por viver no país, mas que ambas as nações precisam impedir a atuação de grupos criminosos que agenciam ilegalmente o deslocamento de pessoas entre o país caribenho e o Brasil.</p> | <p>João Fellet - BBC Brasil - 01/02/12</p> |

| | | |
|---|--|---|
| | <p>"Como é da natureza dos brasileiros, estamos abertos a receber cidadãos haitianos que optem por buscar oportunidades no Brasil", disse.</p> <p>"Mas devemos combater essas redes criminosas de intermediários, os chamados coites, que se aproveitam da vulnerabilidade de trabalhadores e suas famílias, os submetendo a situações degradantes e desumanas. Além de explorá-los, cobrando taxas escorchantes."</p> <p>Dilma lembrou que o governo brasileiro recentemente autorizou a emissão de 100 vistos mensais para haitianos que queiram se mudar para o Brasil e cobrou que a iniciativa seja divulgada à população haitiana.</p> <p>Ela também ressaltou o duplo propósito das novas medidas de visto para haitianos adotadas pelo Brasil: "Garantir acessos ao nosso país em condições de segurança e dignidade dos haitianos e, ao mesmo tempo, combater tráfico de pessoas, o que temos feito em coordenação com países vizinhos."</p> <p>Minustah</p> <p>Dilma também comentou o início da retirada das tropas da ONU presentes no Haiti, que são chefiadas pelo Brasil. As tropas deverão ser reduzidas em quase 20% até outubro. Para ela, porém, a saída das tropas deve acontecer de forma responsável.</p> <p>Iremos reduzir nosso contingente para 1900 homens. Assim as tropas da Minustah voltarão aos níveis de antes do terremoto, e isso significa que temos de pensar a longo prazo", afirmou a presidente.</p> <p>"E por isso haverá uma comissão, instalada para avaliar a segurança à medida em que haja a redução de tropas da Minustah."</p> <p>Fome Zero</p> <p>Antes do discurso de Dilma, o presidente haitiano, Michel Martelly, agradeceu pela visita da brasileira e pelos vários programas de cooperação que o Brasil mantém com o Haiti, mas pediu que as empresas brasileiras também voltem os olhos ao país e invistam lá.</p> <p>A presidente voltou a reforçar o compromisso brasileiro com a recuperação haitiana. "Sei que restam muitos desafios, mas conforme disse Martelly, o Brasil se mantém firme ao lado do Haiti nessa caminhada", disse a presidente, citando programas como o de combate à fome, baseado no Fome Zero, à malária e projetos de vacinação.</p> <p>"Na atual crise econômica mundial, países mais vulneráveis necessitam de atenção redobrada, sob pena de serem ainda mais injustiçados."</p> <p>Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/02/120131_haiti_dilma_if.s.html</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | |
| <p>"Dilma é recebida com festa na primeira visita ao Haiti"</p> | <p>A presidente Dilma Rousseff fez nesta quarta-feira, 1º, sua primeira visita ao país mais pobre da América Latina. Recebida no aeroporto pelo presidente Michel Martelly, Dilma teve um encontro e um almoço com seu colega e depois visitou os militares brasileiros que fazem parte do batalhão da Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (Minustah).</p> <p>A chegada da presidente teve ares de festa no aeroporto e na cidade. Na pequena base diplomática do governo haitiano no aeroporto internacional Toussant Louverture, faixas com a foto da presidente e os dizeres "Bem vinda, Dilma, essa é sua casa", em português e francês.</p> <p>Ao longo do caminho até o Palácio Nacional -- praticamente destruído no terremoto de 2010 -- as mesmas faixas, além de bandeiras do Brasil e do Haiti, enfeitavam as ruas.</p> <p>A imigração haitiana para o Brasil foi um dos temas centrais da conversa entre os dois presidentes. Apesar das críticas no Brasil, a medida que estabeleceu uma cota de vistos foi bem recebida no Haiti, que a viu como uma possibilidade de diminuir a rede ilegal de transporte para o Brasil via Equador e Peru.</p> <p>Direitos Humanos. A afirmação da presidente de que "todos os países</p> | <p><i>Lisandra Paraguassu e Tânia Monteiro - O Estado de São Paulo - 01/02/12</i></p> |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>têm telhado de vidro" na questão de direitos humanos foi recebida com entusiasmo tanto no Palácio do Planalto como no Itamaraty. Auxiliares de Dilma avaliaram que ela "fez muito bem" ao criticar, durante sua visita a Cuba, a prisão de Guantánamo, mantida pelos Estados Unidos. Disseram até mesmo que, ao abordar a falta de direitos humanos em Havana, ela deveria ter mencionado a violência policial na ação de reintegração de posse no bairro Pinheirinho, em São José dos Campos.</p> <p>Na semana passada, a presidente disse que a operação apoiada pelo governador Geraldo Alckmin (PSDB) foi uma "barbárie". Agora, a oito meses das eleições municipais, petistas avaliam que Dilma deve aproveitar o episódio para alvejar os tucanos em todos os fóruns, mesmo fora do País.</p> <p>Na prática, a presidente foi treinada para responder perguntas referentes à ditadura comandada pelos irmãos Castro e à blogueira Yoani Sánchez, que gostaria de ser recebida por ela. Em conversas reservadas, diplomatas disseram ao Estado que ela não teve a intenção de pôr todas as nações no mesmo nível de desrespeito aos direitos humanos. Apenas quis mostrar que esse tipo de problema não se resolve com acusações entre países, mas com diálogo e construção de soluções, pois sempre os acusados são os mais frágeis e os acusadores, os desenvolvidos.</p> <p>Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,dilma-e-recebida-com-festa-na-primeira-visita-ao-haiti,830137,0.htm</p> <p>Acesso em: 05/02/12</p> | |
| <p>"Presidente Dilma Rousseff chega ao Haiti após breve visita à ilha de Cuba"</p> | <p>A presidente Dilma Rousseff chegou nesta quarta-feira (1º) ao Haiti para conversar sobre questões econômicas e de imigração, após uma visita a Cuba, onde assinou acordos comerciais e conheceu o ícone revolucionário Fidel Castro.</p> <p>Dilma foi recebida em Porto Príncipe pelo presidente haitiano, Michel Martelly, e pelo primeiro-ministro, Garry Conille.</p> <p>Uma grande faixa no aeroporto dizia "Bem-vinda à nossa casa".</p> <p>Os líderes se dirigiram imediatamente ao palácio presidencial para iniciar as negociações, que devem se focar nos esforços do Brasil para lidar com os refugiados haitianos que chegam ao país desde janeiro de 2010, quando um terremoto devastador atingiu o Haiti.</p> <p>Na segunda-feira, o Brasil anunciou que alocou mais de 500 mil dólares para ajudar os mais de 4 mil imigrantes haitianos que estão recebendo o visto de residência permanente.</p> <p>Os estados do Acre e do Amazonas, que fazem fronteira com o Peru, viram chegar ao país um grande número de haitianos ilegais desde o terremoto, que deixou 15% de toda a população do Haiti - de quase 10 milhões de pessoas - desabrigada ou morta.</p> <p>O Brasil também lidera a MINUSTAH, a missão militar da ONU no Haiti.</p> <p>Em Cuba, Dilma, que lidera a maior economia da América Latina, se reuniu com o presidente cubano Raúl Castro e também conversou com seu irmão e antecessor, Fidel Castro, de 85 anos.</p> <p>A presidente brasileira assinou acordos para criar um banco de dados geológicos, reforçar o Centro de Tecnologia e Qualidade do ministério da Indústria Siderúrgica e criar uma rede de bancos de leite materno.</p> <p>No âmbito dos acordos, o Brasil enviará especialistas para supervisionar a implementação dos projetos e para treinar especialistas cubanos no Brasil.</p> <p>Dilma também visitou o porto de Mariel, 50 km a oeste de Havana, onde o Brasil destinou 450 milhões de dólares para financiar a expansão das instalações portuárias.</p> <p>O comércio bilateral atingiu um recorde de 642 milhões de dólares em 2011, fazendo do Brasil o segundo maior parceiro comercial de Cuba na América Latina, atrás da Venezuela.</p> <p>Mas as exportações brasileiras para Cuba atingem 550 milhões de dólares, deixando este intercâmbio comercial em claro desequilíbrio, que ambos os lados querem corrigir.</p> <p>Na terça-feira, Dilma recusou-se a criticar a posição de Cuba em relação</p> | <p>Sem autor - France Presse - 01/02/12</p> |

| | | |
|---|--|--|
| | <p>aos direitos humanos, dizendo que o problema não deve ser utilizado como uma arma de combate político-ideológico.</p> <p>"Que atire a primeira pedra quem não tiver telhado de vidro. Nós temos no Brasil. Sendo assim, concordo em falar de direitos humanos de uma perspectiva multilateral", disse Dilma à imprensa no Palácio da Revolução.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2012/02/01/inter_na_mundo,288468/presidente-dilma-rousseff-chega-ao-haiti-apos-breve-visita-a-ilha-de-cuba.shtml <i>Acesso em: 05/02/12</i></p> | |
| "Dilma discutirá com presidente do Haiti imigração para o Brasil" | <p>A presidente da República, Dilma Rousseff, chega nesta quarta-feira (1) ao Haiti, onde faz sua primeira visita oficial desde que assumiu a Presidência. Na última segunda e terça, ela esteve em Cuba, onde manteve encontros com o ex-mandatário Fidel Castro e o irmão dele, o presidente Raúl Castro.</p> <p>No país caribenho, Dilma deve conversar com o presidente do Haiti, Michel Martelly, sobre as medidas tomadas pelo governo brasileiro em relação aos imigrantes haitianos que chegam ao país.</p> <p>No início de janeiro, o Conselho Nacional de Imigração, órgão ligado ao Ministério do Trabalho, aprovou a concessão de 1,2 mil vistos por ano para haitianos que pretendem migrar para o Brasil. O documento, válido por cinco anos, dá direito ao estrangeiro de trabalhar e trazer a família para o país pelo mesmo período.</p> <p>Segundo o Ministério da Justiça, o visto foi concedido em caráter especial "em função dos problemas econômicos e humanitários decorrentes do terremoto de 2010". O visto aos haitianos é classificado como especial porque permite a eles trabalhar sem precisar comprovar ter um emprego no Brasil.</p> <p>Ao chegar ao Haiti, Dilma será recebida pelo líder haitiano no aeroporto internacional Toussaint Louverture, de onde seguirão para o Palácio Nacional.</p> <p>Além da questão de imigração, a visita de Dilma também terá como foco o desenvolvimento econômico e o processo de reconstrução do Haiti. O Haiti ainda sofre com as consequências de um forte terremoto que atingiu o país em janeiro de 2010.</p> <p>Exército</p> <p>A presidente também se reunirá com representantes de outros setores envolvidos na cooperação entre Haiti e Brasil. Dilma fará uma visita ao batalhão brasileiro da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (Minustah). O Brasil comanda o contingente militar da Minustah desde sua criação, em 2004.</p> <p>A diminuição do contingente brasileiro será também um assunto que Dilma e Martelly abordarão durante o encontro, segundo assinalou na última semana o chanceler brasileiro, Antonio Patriota.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/02/dilma-discutira-com-presidente-do-haiti-imigracao-para-o-brasil.html <i>Acesso em: 05/02/12</i></p> | <i>Sem autor - G1 - EFE - 01/02/12</i> |
| "Dilma chega ao Haiti e é recebida com festa" | <p>A presidente Dilma Rousseff chegou ao Haiti nesta manhã para sua primeira visita ao país mais pobre da América Latina. Recebida no aeroporto pelo presidente Michel Martelly, Dilma terá um encontro e um almoço com seu colega e depois visitará os militares brasileiros que fazem parte do batalhão da Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti (Minustah). Dilma também se reunirá com empresários e diretores de organizações não-governamentais que atuam no país, como o ator americano Sean Penn.</p> <p>A chegada da presidente teve ares de festa no aeroporto e na cidade. Na pequena base diplomática do governo haitiano no aeroporto internacional Toussaint Louverture, faixas com a foto da presidente e os dizeres "Bem vinda Dilma, essa é sua casa", em português e francês. Ao longo do caminho até o Palácio Nacional - praticamente destruído no terremoto de 2010 - as mesmas faixas, além de bandeiras do Brasil e do Haiti, enfeitavam as ruas.</p> | <i>Sem autor - Agência Estado - 01/02/12</i> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>A imigração haitiana para o Brasil será um dos temas centrais da conversa entre os dois presidentes. Apesar das críticas no Brasil, a medida foi bem recebida no Haiti, que a viu como uma possibilidade de diminuir a rede ilegal de transporte para o Brasil via Equador e Peru.</p> <p>Outros temas que deverão entrar na pauta são a cooperação em saúde - o Brasil financia a maior parte da reestruturação da área no país e levou médicos brasileiros para trabalhar com os cubanos nas medidas de implantação de um sistema comunitário de atendimento. O Brasil também ofereceu aos haitianos 100 vagas para treinamento de policiais pela Polícia Federal. A intenção é preparar a polícia haitiana para a gradual retirada das tropas da Minustah, que começa em março.</p> <p>A presidente volta ao Brasil ainda hoje, onde deve chegar na madrugada de quinta-feira.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2012/02/01/interna_politica.275571/dilma-chega-ao-haiti-e-e-recebida-com-festa.shtml <i>Acesso em: 02/02/12</i></p> | |
| <p>“Cerca de mil haitianos já deixaram o Acre em busca de oportunidades em outros estados”</p> | <p>Pouco mais de mil haitianos já deixaram o Acre e migraram para outros estados. A informação é do governador do estado, Tião Viana, que esteve reunido no Ministério do Planejamento com o secretário do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), Maurício Muniz.</p> <p>“O governo da presidenta Dilma [Rousseff] tem sido muito solidário, tem transferido apoio. Temos buscado oportunidades de trabalho digno para essas pessoas. Eles têm migrado [para outros estados] e têm achado oportunidades”, disse.</p> <p>Ele disse ainda que entre os assuntos tratados com o secretário do PAC, está a construção de 13 mil casas nos municípios do estado e na capital. Além disso, eles conversaram sobre o andamento das obras do PAC no Acre.</p> <p>No início deste ano, o governo brasileiro limitou a entrada de cidadãos haitianos no país depois de o excesso de imigrantes ter causado problemas nas cidades de Brasileia (AC) e Tabatinga (AM) por elas não terem condições de atender ao aumento repentino da população.</p> <p>O governo brasileiro vai conceder anualmente 1,2 mil vistos a imigrantes haitianos, sem exigência de vínculo empregatício. Cada visto permite ao cidadão haitiano trazer a mulher, marido ou companheiro, pai e mãe, além dos filhos com menos de 24 anos, desde que sejam solteiros, estudantes e dependentes financeiramente. O estrangeiro que entrar no Brasil sem visto corre o risco de ser deportado.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-02-01/cerca-de-mil-haitianos-ja-deixaram-acre-em-busca-de-oportunidades-em-outros-estados <i>Acesso em: 05/02/12</i></p> | <p>Roberta Lopes - Agência Brasil EBC - 01/02/12</p> |
| <p>“Empresas gastam até R\$ 1 mil para importar mão de obra haitiana do Acre”</p> | <p>Formado em administração, o jovem empresário catarinense Alexandre Dias sabe da importância de fazer contas. Ainda assim, no início deste ano, se dispôs a pagar quase R\$ 17 mil para contratar e trazer do Acre um grupo de 17 imigrantes haitianos. Foi a solução que encontrou, após quase três anos de buscas frustradas por mão de obra local, para manter o cronograma de entrega dos prédios que constrói. “Precisava de 20 funcionários, encontrava dez. Se fossem necessários 30, apareciam 22. As placas de admissão estavam sempre expostas”, conta o empresário.</p> <p>É o enredo de uma história cada vez mais comum na região Sul, onde empresários de diversas cidades reclamam de dificuldade para encontrar trabalhadores e o pleno emprego, em alguns casos, virou realidade. Depois de ler notícias sobre a importação de mão de obra, Dias entrou em contato com o governo do Acre por telefone – quem cuida do assunto é a Secretaria de Direitos Humanos do estado –, conversou com o dono da Fibrtec, fabricante catarinense de piscinas pioneira na contratação de haitianos, e enviou a mulher Porto Velho para fazer a seleção de pessoal.</p> <p>Todo o trâmite, entre a concessão de CPF, carteira de trabalho e</p> | <p>Dubes Sônego - Portal iG - 01/02/12</p> |

| | | |
|--|---|---|
| | <p>passaporte com visto de trabalho no país, levou cerca de duas semanas, conta o empresário. A viagem, de quatro dias em ônibus, custou quase R\$ 1 mil por pessoa, entre as passagens e alimentação. Pela casa de dez cômodos onde os haitianos estão hospedados, paga aluguel de R\$ 1,8 mil por mês, o que dá pouco mais de R\$ 100 por pessoa. E oferece ainda quatro refeições ao dia, roupas, roupas de cama, mesa e banho, diz Dias.</p> <p>“Aqui em Navegantes, os nativos se dedicam à pesca e à indústria naval. Mão de obra para construção vem de fora. Mas com a chegada de novas empresas à região, tem sido difícil preencher as vagas”, afirma Dias.</p> <p>Outra empresa que fez as contas e recebeu na semana passada uma leva de 14 haitianos é a gaúcha Romena, de Gravataí, que produz massas frescas na região metropolitana de Porto Alegre. “O custo de contratá-los é um pouco mais alto. Mas, no médio prazo, pode compensar, caso caia a rotatividade”, diz André Rosa, diretor administrativo da empresa. Segundo ele, além de limitar a expansão da produção, o entra e sai de funcionários dificulta o aumento da produtividade e pode prejudicar a qualidade.</p> <p>A Romena pagou cerca de R\$ 700 por cada passagem aérea e está seguindo um modelo de integração parecido com o da Imbrasul. Entre os 14 haitianos que contratou, há um professor de idiomas, para ajudar na comunicação, e um casal. Todos moram juntos, em uma casa de quatro quartos, próxima à fábrica, que terá o aluguel pago pela empresa nos primeiros meses, até que possam alugar as suas. Entre os benefícios, serão oferecidas cestas-básicas. O salário inicial é de R\$ 814, o mesmo dos brasileiros. “Se der certo, podemos até trazer mais”, afirma o executivo.</p> <p>É o que já está fazendo a Fibratex, que fabrica piscinas de fibra de vidro em Chapecó, no Oeste catarinense, e foi uma das pioneiras a trazer imigrantes haitianos do Acre. Da primeira leva de 38, sete meses atrás, permanecem empregados na empresa 14, conta o sócio-diretor Erico Tormem. Dos demais, três foram para empresas de perfuração de poços artesanais; dois – um casal – para um hotel; cinco para uma empresa de materiais de construção e três para outra de importação. Todas na região. Com alguns, perdeu contato; escutou que foram para o Rio de Janeiro.</p> <p>Agora, está trazendo mais 14, que receberão salário de R\$ 850, mais adicional de insalubridade de 20%, engordando em cerca de 10% o quadro de funcionários. “Tem sido uma experiência positiva, de qualquer forma. Alguma coisa a gente sempre acaba aprendendo”, diz o empresário.</p> <p>Tormem conta que os custos da primeira importação de mão de obra bateram os R\$ 1,5 mil por pessoa, em passagens e alimentação, além da montagem de casas para hospedar a todos – foram montadas três casas de três e quatro quartos, cada uma a um custo entre R\$ 400 e R\$ 500 mensais. A expectativa de gastos, dessa vez, é mais baixa: R\$ 850 por pessoa, uma vez que, de três casas, duas ficaram montadas.</p> <p>O custo pode parecer alto. Mas a julgar pelo interesse despertado em outras empresas, talvez não seja. Dias, da Imbrasul, afirma que as contratações repercutiram e chamaram a atenção da imprensa. Teve que tirar quase um dia inteiro de trabalho para atender ligações de repórteres e responder perguntas em frente às câmeras. Nos dias seguintes, recebeu ao menos seis ligações de empresas interessadas em saber o caminho das pedras para importar haitianos. Um serviço que Tormem, da Fibratex, o primeiro a fazer as contas, tem prestado a seus pares há alguns meses.</p> <p>Disponível em: http://economia.ig.com.br/empresas/importacao-de-mao-de-obra-haitiana-do-acre-custa-ate-r-1-mil-a-e/n1597608298016.html Acesso em: 29/02/12</p> | |
| <p>“Dilma reduz tropas brasileiras no Haiti e fala sobre imigrantes”</p> | <p>Em visita ao Haiti, a presidenta Dilma Rousseff anunciou, na quarta-feira 1º, a redução do contingente de militares brasileiros no país de 2,2 mil para 1,9 mil homens. No mesmo dia, ela justificou a política de vistos para haitianos, alvo de polêmica no País (Leia mais AQUI) como uma “ferramenta de combate ao tráfico de pessoas”.</p> <p>Desde 2004, o Brasil comanda a Missão da ONU para a Estabilização do</p> | <p>Sem autor - Carta Capital - 02/02/12</p> |

| | | |
|---|--|--|
| | <p>Haiti, conhecida como Minustah, na tentativa de ajudar o país caribenho nas questões de segurança e infraestrutura. Após o terremoto que devastou a ilha em janeiro de 2010, o governo brasileiro reforçou o contingente militar da Minustah. Agora, dois anos após a tragédia, o contingente voltará a ter o número de militares que tinha antes em 2009.</p> <p>A mudança, segundo Dilma, faz parte de uma nova estratégia de segurança para o Haiti, que inclui a redução gradual da presença militar no país. “Temos que pensar a longo prazo e, por isso, uma comissão vai ser instalada para avaliar a segurança na medida que haja sistemática redução das tropas da Minustah”, disse a presidenta em declaração à imprensa no Palácio Presidencial haitiano, em Porto Príncipe.</p> <p>Tráfico de pessoas</p> <p>Dilma também falou sobre a imigração de haitianos para o Brasil e reforçou que as medidas adotadas recentemente pelo governo brasileiro para concessão de vistos visam a repressão do tráfico de pessoas vindas do Haiti.</p> <p>A presidenta disse que o Brasil está aberto para receber o povo haitiano, mas que é preciso combater os coiotes que agem no recrutamento e no transporte ilegal de imigrantes, cobrando por isso. “Devemos combater esses criminosos, que se aproveitam das vulnerabilidades das famílias, expondo-as a situações desumanas durante a travessia, além de explorá-las, cobrando taxas escorchantes”.</p> <p>A presidenta lembrou a mudança de regras na concessão de vistos brasileiros para haitianos, que entraram em vigor recentemente, e disse que as medidas foram tomadas em reconhecimento às dificuldades sociais e econômicas do povo haitiano.</p> <p>Em janeiro, o governo brasileiro decidiu regularizar cerca de 4 mil haitianos que já estão no Brasil e criou um visto especial de permanência, que não exige a comprovação de vínculo empregatício no Brasil antes da vinda para o país. As novas regras poderão beneficiar 1,2 mil haitianos por ano.</p> <p>“Reafirmo o duplo propósito das políticas de visto: garantir o acesso em condições de segurança e de dignidade e, ao mesmo tempo, combater o tráfico de pessoas, o que temos feito em cooperação com países vizinhos”, disse a presidenta.</p> <p>Além das questões militares e da situação dos imigrantes, durante a visita ao Haiti, Dilma também discutiu medidas de apoio ao desenvolvimento econômico e reconstrução do país.</p> <p>A agenda da presidenta no país incluiu um encontro com organizações não governamentais brasileiras que trabalham com ajuda humanitária no Haiti e uma visita ao batalhão brasileiro na Minustah.</p> <p>Disponível em: http://www.cartacapital.com.br/politica/dilma-reduz-tropas-brasileiras-no-haiti-e-fala-sobre-imigrantes/</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | |
| <p>“Brasil e Haiti fecham acordo para deter imigração ilegal”</p> | <p>Em reunião nesta quarta-feira, a presidente Dilma Rousseff fechou um acordo com o presidente do Haiti, Michel Martelly, para deter a imigração em massa de haitianos para o Brasil. Em discurso após o encontro, Martelly afirmou: "A presidente do Brasil nos prometeu que serão assinados 1.200 vistos aos haitianos. Esses vistos, que não serão permissões de trabalho, permitirão aos haitianos ir ao Brasil sem passar por redes de atravessadores".</p> <p>Dilma ainda prometeu reforçar a cooperação do Brasil com o país mais pobre do continente americano. O Brasil se comprometeu a construir alojamentos sociais para os afetados pelo terremoto e incentivar os investimentos privados brasileiros no Haiti.</p> <p>Antes de deixar a ilha, Dilma visitou a base dos capacetes azuis mobilizados desde 2004 em meio à Missão da ONU para a Estabilização do Haiti (Minustah). Dilma prestou homenagem aos soldados brasileiros, lembrou que o Brasil reduzirá gradualmente sua presença militar no Haiti,</p> | <p>Sem autor - Veja - Agência France Presse - 02/02/12</p> |

| | | |
|---|---|---|
| | <p>enquanto trabalhará em uma comissão mista com o governo haitiano que quer colocar em andamento uma força de segurança que substitua a Minustah.</p> <p>A presidente chegou nesta quarta-feira a Porto Príncipe, onde foi recebida por Martelly, e pelo primeiro-ministro, Garry Conile. Uma grande faixa no aeroporto dizia "Bem-vinda à nossa casa". Os líderes se dirigiram imediatamente ao palácio presidencial para iniciar as negociações.</p> <p>Na segunda-feira, o Brasil anunciou que alocou mais de 500.000 dólares para ajudar os mais de 4.000 imigrantes haitianos que estão recebendo o visto de residência permanente. Os estados do Acre e do Amazonas, que fazem fronteira com o Peru, viram chegar ao país um grande número de haitianos ilegais desde o terremoto, que deixou 15% de toda a população do Haiti - de quase 10 milhões de pessoas - desabrigada ou morta.</p> <p>Disponível em: http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/brasil-e-haiti-fecham-acordo-para-deter-imigracao-ilegal</p> <p>Acesso em: 05/02/12</p> | |
| <p>"Haitianos no Brasil poderiam ser considerados refugiados, diz especialista"</p> | <p>A condição dos imigrantes haitianos no norte do Brasil preocupa entidades de direitos humanos, mesmo com a aprovação de 1.200 vistos humanitários anuais e a regularização da situação daqueles que já estão no País. Ainda falta, segundo a ONG Conectas, acolher aqueles que continuam a chegar sem os vistos. O assunto é o principal tema do encontro de Dilma Rousseff com o presidente do Haiti, Michel Martelly, na visita da presidenta ao país, nesta quarta-feira 1ª. Dilma conversará com Martelly um dia depois de ressaltar, em Cuba, que todos os países têm telhado de vidro quando se trata de direitos humanos.</p> <p>Além da questão da imigração, Dilma deve reforçar a cooperação na reconstrução do país, que sofre até hoje as consequências de um terremoto há dois anos, quando morreram mais de 220 mil pessoas, e de epidemia de cólera que ocorreu na sequência. O Brasil deve colaborar na área de saúde e agricultura, além de auxiliar na construção da usina hidrelétrica no Rio Artibonite, no Sul do país, a 60 quilômetros da capital Porto Príncipe.</p> <p>"Várias questões [sobre regularização e vistos para haitianos] ainda não estão claras. A decisão foi tomada sem discussão de um dia para outro", diz Juana Kweitel, diretora da Conectas. Para ela, o visto humanitário foi uma medida interessante, mas a grande preocupação é com as pessoas que ainda estão sendo barradas ou deportadas ao chegarem aqui sem esse documento. "Ao não ter esse visto, elas ficam sujeitas a abusos", diz. Cerca de mil haitianos já deixaram o Acre a procura de oportunidade em outros estados.</p> <p>Falta também esclarecer pontos como as formalidades necessárias para a concessão do visto em Porto Príncipe. Segundo ela, a exigência de um atestado de antecedentes criminais seria o suficiente para tornar o processo quase impossível para um haitiano que requisitasse o documento, devido às carências da estrutura burocrática do país caribenho. A ONG também questiona os critérios para que somente cem vistos sejam concedidos por mês.</p> <p>A responsabilidade do Brasil na questão é grande, lembra Kweitel. Afinal, o país coordena a Minustah, missão de paz da ONU que está no Haiti desde 2004, além de ser o vizinho latino mais rico. Lá, as medidas brasileiras para a imigração haitiana foram vistas como uma vitória, apesar de desejar uma cota maior do que os atuais 1200. "Sabemos que o Brasil também tem seus problemas", disse o embaixador do Haiti no Brasil, Idalbert Jean-Pierre.</p> <p>O Comitê Nacional de Refugiados (Conare) negou o status de refugiado a esses imigrantes. Segundo eles, não é um caso de refúgio político, mas de vulnerabilidade econômica. Assim, o Ministério da Justiça concede apenas um protocolo de ajuda humanitária com validade por 90 dias, e que pode ser renovado. Na Constituição brasileira, esse direito deve ser concedido ao cidadão que, devido à grave e generalizada violação de direitos humanos, é obrigado a deixar seu país e buscar o refúgio em outro. Para a Conectas, esse é o caso da maioria dos haitianos, ao deixar um local que, mesmo antes do</p> | <p>Clara Roman - Carta Capital - 02/02/12</p> |

| | | |
|---|---|---|
| | <p>terremoto, já passava por crise humanitária. “É necessário que se analise caso a caso, coisa que o governo não fez. Mas por estarem vindo do Haiti, poderiam ser considerados refugiados”, diz Kweitel.</p> <p>Como mostrou reportagem de CartaCapital, muitos haitianos não conseguem se estabelecer. Sem emprego, acabam vivendo em condições precárias, dependentes de ações voluntárias de entidades ou da Igreja Católica. Em condições ilegais, essa situação tende a piorar. Kweitel alerta que, sem documentação regularizada a vulnerabilidade dessas pessoas aumenta. “Quando voce chega ao Brasil, o empregador pode se aproveitar de você, porque você não pode fazer uma denúncia”, diz ela. Ou seja, a situação irregular faz com que a pessoa não possa recorrer ao estado para pedir proteção.</p> <p>Com o boom econômico, o Brasil se tornou uma rota interessante para pessoas que encontram dificuldades em seu país natal. Falta, no entanto, que o debate sobre o assunto se amplie. “É necessário lembrar que o Brasil é um país de imigrantes, fazer essa discussão, mostrar a vida dos imigrantes brasileiros lá fora”, diz Kweitel. Em 1940, 3% da população vinham de fora. Hoje, são apenas 0,2%.</p> <p>“Pela situação particular do país [Haiti] e pela nossa responsabilidade, é preciso de um comprometimento maior do governo para facilitar a acolhida dessas pessoas que chegam”, diz ela. Uma das possibilidades é oferecer orientação profissional para que eles possam se desenvolver com rapidez. A ONG enviou uma carta com os principais questionamentos a postura do governo em relação a questão.</p> <p>Disponível em: http://www.cartacapital.com.br/politica/haitianos-no-brasil-poderiam-ser-considerados-refugiados-diz-especialista/</p> <p>Acesso em: 05/02/12</p> | |
| <p>“Dilma fecha acordo no Haiti para lutar contra imigração ilegal”</p> | <p>A presidente Dilma Rousseff, em visita oficial ao Haiti, e o presidente da nação caribenha, Michel Martelly, fecharam nesta quarta-feira um acordo para deter a imigração ilegal dos haitianos que se instalam no país desde o início do ano. Dilma prometeu a assinatura de um acordo que prevê a concessão de 1.200 vistos aos haitianos, sem permissão de trabalho.</p> <p>A presidente disse que o país está aberto a receber cidadãos da nação caribenha, e que o combate à imigração clandestina visa os grupos que agenciam o transporte entre os dois países, conhecidos como coiotes. A decisão do governo brasileiro de limitar a entrada dos haitianos no Brasil, em janeiro, gerou polêmica, apesar de as autoridades brasileiras, em contrapartida, terem regularizado a situação de 4 mil haitianos no Acre que conseguiram atravessar a fronteira. Na época, em entrevista à RFI, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores, Tovar da Silva Nunes, reiterou que o objetivo era dar boas condições de adaptação aos haitianos que chegavam ao Brasil.</p> <p>O Haiti, país mais pobre das Américas, ainda se recupera dos efeitos do devastador terremoto de janeiro de 2010, que destruiu a capital Porto Príncipe, principal razão para a saída de haitianos. Antes de deixar a ilha, a petista visitou a base da Missão da ONU para a Estabilização do Haiti, a Minustah, e prestou homenagem aos soldados brasileiros.</p> <p>Depois de sete anos, o Brasil reduzirá gradualmente sua presença militar no país a partir de março. Cerca de 200 militares devem voltar para casa. Atualmente, 2.200 soldados brasileiros integram a missão. O governo brasileiro defende que a ONU continue no país, mas para ajudar no desenvolvimento do Haiti, e não mais na manutenção da segurança, que seria transferida, paulatinamente, para as autoridades. De acordo com Dilma, o Brasil vai formar uma comissão mista com o Haiti para a implantação definitiva de uma força local. Antes de deixar o país, a presidente visitou a base onde vivem os soldados brasileiros.</p> <p>Disponível em: http://www.portugues.rfi.fr/brasil/20120202-dilma-fecha-acordo-no-haiti-para-lutar-contra-imigracao-ilegal</p> <p>Acesso em: 05/02/12</p> | <p>Sem autor - RFI - 02/02/12</p> |

| | | |
|---|--|---|
| <p>“Visto combate 'rede criminosa', diz Dilma no Haiti”</p> | <p>Em sua primeira visita oficial ao país mais pobre das Américas, a presidente Dilma Rousseff preocupou-se em dar explicações públicas sobre o funcionamento do novo mecanismo de concessão de vistos do Brasil a haitianos e justificou a medida como uma política para coibir a ação de "coiotes" que cobram para levar imigrantes ilegais ao País.</p> <p>"Deixei claro que estamos abertos a receber os cidadãos haitianos que quiserem procurar uma oportunidade no Brasil. Devemos combater a rede criminosa de intermediários que se aproveitam dos trabalhadores e de suas famílias", disse Dilma.</p> <p>A decisão do Brasil de conceder cem vistos mensais de trabalho a haitianos, mesmo sem vínculos de contrato, foi bem recebida pelo governo local.</p> <p>Desde a decisão de emitir vistos de trabalho especiais para os haitianos o governo brasileiro calculava como iria divulgar a medida para evitar que os imigrantes continuassem usando a chamada "rede de coiotes". Ao mesmo tempo, a avaliação era de que seria necessário muito cuidado para que não parecesse que o Brasil estava chamando os haitianos para imigrar. A declaração de Dilma mirou especialmente a imprensa do país, que deve repercutir a decisão de conceder os vistos especiais.</p> <p>Celebridade</p> <p>Recebida com festa pelos haitianos, Dilma visitou o Batalhão Brasileiro (Brabatt) no Haiti, tirou fotos e conversou com os soldados e terminou sua viagem em um encontro com representantes de ONGs que atuam no país. Entre eles, o ator americano Sean Penn, que dirige um campo de desalojados pelo terremoto e um projeto de água potável.</p> <p>Na visita ao Brabatt, Dilma foi acompanhada pelo presidente haitiano, Michel Martelly, que também foi recebido com festa por seus conterrâneos.</p> <p>Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,visto-combate-rede-criminosa-diz-dilma-no-haiti-,830201,0.htm</p> <p>Acesso em: 05/02/12</p> | <p>Lisandra Paraguassu - O Estado de São Paulo - 02/02/12</p> |
| <p>“Haití y Brasil acuerdan detener la migración irregular”</p> | <p>Los gobiernos de Brasil y Haití acordaron adoptar medidas para detener la migración irregular de haitianos que desde el año pasado han partido masivamente hacia el territorio brasileño.</p> <p>Al término de su visita oficial en Haití, la presidenta de Brasil, Dilma Rousseff, , y el presidente de la nación caribeña, Michel Martelly, anunciaron los acuerdos y adelantaron que todas las acciones serán tomadas en el marco del respeto a los derechos humanos de los migrantes.</p> <p>"La presidenta de Brasil nos prometió que serán asignados 1.200 visados a los haitianos. Esos visados, que no serán permisos de trabajo, permitirán a los haitianos ir a Brasil sin pasar por redes de estafadores" dijo Martelly en un discurso junto a Rousseff desde el Palacio Nacional de Haití.</p> <p>La presidenta prometió reforzar la cooperación de Brasil con el país más pobre del continente americano para ayudar a mejorar las condiciones de vida de los haitianos, golpeados por un terremoto que dejó millones de afectados en 2010.</p> <p>La mandataria se comprometió a construir alojamientos sociales para los desplazados tras el terremoto e incentivar las inversiones privadas brasileñas en Haití.</p> <p>Brasilia anunció el lunes su decisión de destinar 500.000 dólares para ayudar a unos 4.000 inmigrantes haitianos irregulares que llegaron a Brasil en los últimos meses y que recibieron recientemente el estatus de residentes permanentes.</p> <p>Desde el terremoto de 2010 que asoló el país, muchos haitianos han emigrado a Brasil en busca de trabajo. La migración irregular de haitianos experimentó un aumento en los últimos meses, no sólo hacia países latinoamericanos – especialmente Brasil – sino también hacia Estados Unidos.</p> <p>Antes de abandonar la isla, Rousseff visitó la base de los cascos azules desplegados desde 2004 en el marco de la Misión de la ONU para la</p> | <p>Sem autor - Desdelsur - 03/02/12</p> |

| | | |
|---|---|---|
| | <p>Estabilización de Haití (MINUSTAH), en un país afectado por crisis políticas recurrentes.</p> <p>Disponível em: http://www.desdelsur.bo/Desdelsur/articulo.php?pag=1&id=1&tipo=Sociedad</p> <p>Acesso em: 03/02/12</p> | |
| <p>“Mais de 200 haitianos desembarcam em Manaus, nesta sexta (3)”</p> | <p>Ao longo desta sexta-feira (3) em torno de 240 haitianos devem desembarcar em Manaus, oriundos do município de Tabatinga – localizado a 1.105 quilômetros da capital -, uma das entradas dos refugiados em território brasileiro.</p> <p>Até às 10h30, ao menos 150 já haviam chegado na cidade e se encontravam na Paróquia de São Geraldo, no bairro São Geraldo, Zona Centro-Sul de Manaus, onde fica a base da Pastoral do Migrante.</p> <p>Nesta sexta-feira (3) uma missão integrada por representantes dos Ministérios da Saúde e do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) seguiu para Tabatinga, para entre outras coisas avaliar a situação dos mais de 800 haitianos que se encontram na cidade, e pretendem seguir para Manaus.</p> <p>A referida missão visitou nessa quinta-feira (2) os abrigos em que se encontram os grupos de haitianos, e que são mantidos pela Pastoral do Migrante e o projeto Ama Haiti.</p> <p>Conforme o padre Gelmino Costa, da Pastoral do Migrante, a previsão é de que neste sábado (4), mais 400 haitianos desembarquem em Manaus, vindos do município da tríple fronteira.</p> <p>Disponível em: http://acritica.uol.com.br/manaus/Amazonas-Amazonia-haitianos-desembarcam-Manaus_0_639536063.html#.TywpYskrZjs.facebook</p> <p>Acesso em: 29/02/12</p> | <p>Síntia Maciel - A Crítica - 03/02/12</p> |
| <p>“Declaração de Dilma no Haiti faz procura por vistos aumentar”</p> | <p>Quando a TV local exibiu, na manhã da última quinta-feira, reportagem com a presidente Dilma Rousseff falando que os haitianos que quisessem viajar ao Brasil poderiam tentar um visto de residência permanente na embaixada brasileira em Porto Príncipe, o carpinteiro e estudante de Teologia Joel Dorlean, de 38 anos, viu ali uma oportunidade. Imediatamente, telefonou para o amigo Joel Louissaint, de 34, técnico em aduana, e o convidou para, no dia seguinte, procurarem mais informações. Mesmo sem um planejamento de quando, onde e como, os amigos só têm uma certeza: querem emigrar para o Brasil. E não querem se submeter às ações predatórias dos coiotes que, além de explorarem as vítimas, ainda as expõem à falta de segurança. Por isso soou tão tentadora a declaração de Dilma como garota-propaganda de um eldorado só conhecido pelos haitianos por causa do futebol e da ação das tropas brasileiras na manutenção da paz e na reconstrução do país.</p> <p>Dorlean tem quatro filhos, mas, por enquanto não pensa em levá-los. Vai deixá-los com sua mãe. Seu plano é ir para algum estado brasileiro e procurar emprego, além de estudar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Eu não tinha informações sobre como ir ao Brasil, mas, quando a presidente falou que tem possibilidade de ir sem precisar de atravessadores, fiquei entusiasmado. <p>Louissaint não tem filhos, mas tem uma noiva. Seus planos são ir para o Brasil, empregar-se e voltar para casar com a amada. Depois, levá-la. A única referência que ele tem é o futebol:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Meu sonho era ver a seleção jogar. <p>A procura por vistos de residente permanente tem aumentado na embaixada. O embaixador Igor Kipman, há quatro anos no país, declarou que, antes do anúncio da concessão, os únicos pedidos que aconteciam eram de turismo e de negócios, além de para estudos. De janeiro para cá, desde que o Brasil decidiu conceder 100 vistos mensais, os haitianos vão ao escritório brasileiro para obter informações. Até agora, 11 foram concedidos.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pode parecer pouco, mas para quem não havia concedido nada, é expressivo - disse o embaixador. <p>O setor consular atende uma média de 100 pessoas ao dia. Cerca de 60% interessados na migração legalizada.</p> | <p>Chico de Góis - O Globo - 04/02/12</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>É o caso da farmacêutica Kaline D. B, de 38 anos. Kaline já foi quatro vezes ao Brasil. Na sexta-feira, ela foi entregar os documentos necessários para o visto de residente: atestados de residência, de antecedentes criminais, passaporte e o pagamento de US\$ 200. Kaline ainda não decidiu para onde irá, mas prefere Rio ou São Paulo:</p> <p>- Já tenho visto dos Estados Unidos, mas não estou interessada. No Brasil, há mais oportunidades.</p> <p>Incentivado por um vizinho que estuda engenharia industrial em São Paulo, Conseillant Joseph, de 20 anos, procurou a embaixada. Ele quer ser engenheiro eletrônico. Há dois anos terminou o ensino médio, mas a família não tem condições de pagar uma faculdade - no Haiti, a educação é paga. O amigo chegou ao Brasil em outubro de 2011.</p> <p>Conseillant ficou um pouco triste ao saber que só a partir de maio a embaixada começará a receber os documentos dos interessados em bolsas de estudo. Porém, orgulhoso, fez questão de apresentar o passaporte - um requisito que, para a maioria, é impossível cumprir, uma vez que o dinheiro mal dá para a alimentação.</p> <p>O embaixador Kipman avalia que os haitianos interessados em emigrar têm perfil variado. Há desde arrumadeiras, que pensam em ganhar a vida em hotéis, sobretudo com as possibilidades por conta da Copa de 2014 e das Olimpíadas de 2016, até sapateiros, que têm amigos no polo de Franca, em São Paulo. Muitos são classe média.</p> <p>Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/declaracao-de-dilma-no-haiti-faz-procura-por-vistos-aumentar-3882620</p> <p>Acesso em: 05/02/12</p> | |
| <p>"Haitianos encontram trabalho em SC e sonham ficar no Brasil"</p> | <p>Um grupo de 17 refugiados foi contratado por uma construtora de Navegantes (SC). Com a contratação, eles sonham agora poder ficar no Brasil. O relato dos haitianos feito à DW Brasil revela o duro caminho que fizeram para deixar para trás um país destruído pelo terremoto e tentar uma vida nova em outro lugar.</p> <p>No sorriso de Josias Mirvil está a certeza de que a vida dos 17 haitianos que conseguiram emprego em Santa Catarina está melhor. Josias era carpinteiro no Haiti, até que, em 12 de janeiro de 2010, viu o terremoto destruir o cotidiano já sofrido da população do país caribenho, considerado um dos mais pobres do mundo.</p> <p>"Com o terremoto, não havia mais como sustentar minha família, meus filhos", relata Josias. "Já se passaram dois anos da tragédia e nada foi feito. Não há casas para morar. Todos querem sair do Haiti porque não há segurança, não há como estudar. Só quem tem muito dinheiro tem acesso a essas coisas", diz. Hoje ele trabalha como operário da construção civil em Navegantes, no litoral de Santa Catarina, ao lado de 16 conterrâneos.</p> <p>Para chegar ao Brasil, os haitianos enfrentaram diversos perigos, conta Josias, numa mistura de português e espanhol que inclui palavras do francês, uma das línguas oficiais do Haiti. Josias conta que seu primeiro destino foi o Equador, mas também lá encontrou dificuldades porque não tinha documentos. "Então saímos do Equador, cruzamos o Peru e a Bolívia até chegar ao Brasil", relembra.</p> <p>"Coiotes" e violência na Bolívia</p> <p>Um colega de Josias, o haitiano Maxcedoine Morigène, dá mais detalhes da viagem feita por ele e outros refugiados. Com a situação insustentável por causa do terremoto, ele partiu em novembro de 2010 para a República Dominicana, indo depois para o Panamá e de lá para Lima, no Peru, até chegar a Cobija, na Bolívia, em uma viagem que durou dois dias. A cidade fica ao lado de Brasileia, no Acre, onde se concentra a maior parte dos imigrantes haitianos no Brasil.</p> <p>Em Cobija, Maxcedoine conta ter pago pelos serviços de um "coiote" para atravessar a fronteira com o Brasil. Doze horas depois de chegar a Cobija, já estava em território brasileiro. Ele diz que teve sorte e nada sofreu,</p> | <p>Sem autor - Terra - DW - 04/02/12</p> |

mas conta que ficou horrorizado com o que viu na Bolívia. Segundo ele, as malas de dois haitianos que conhecia chegaram até o Brasil, mas eles nunca chegaram. Outros refugiados que cruzaram a fronteira relataram a ele ter visto corpos pelo caminho.

Os "coiotes" cobravam de 150 a 300 dólares para levar os haitianos ao Brasil, diz Maxcedoine. A viagem era feita sempre à noite, de carro, e os refugiados chegavam de madrugada em Brasileia. O haitiano conta que a Bolívia foi a pior experiência para ele, vendo pessoas conhecidas, da mesma cidade que ele, sofrerem com a violência e os assaltos.

Os companheiros de Maxcedoine na empreitada de chegar ao Brasil dizem que também fizeram o mesmo trajeto até chegar a Cobija. Eles também tiveram que pagar aos "coiotes" para chegar a Brasileia. Madsen Augustin, Guibert Carrier e Siméon Jorel lembram com profunda tristeza de um assalto a haitianos.

Em Cobija, relatam, homens com uniforme militar entraram num alojamento onde estavam 19 homens e cinco mulheres. Os invasores amarraram os homens, levando roupas, dinheiro e pertences do grupo. O haitiano Sehtamia Mikekson diz que foi uma das vítimas. "Armados e em uniformes que pareciam da polícia, eles levaram nossos pertences. Não pudemos fazer nada."

Vida nova no Brasil

Apesar das dificuldades serem menores em Brasileia, o Brasil ainda estava longe de ser o paraíso sonhado pelos haitianos. Muitos deles chegaram a ficar um ano na cidade, à espera de uma oportunidade. Josias conta que dividiu um quarto com mais 15 pessoas, até ser escolhido para trabalhar na construtora de Santa Catarina ao lado de mais 16 haitianos. "Aqui temos casa, nós dormimos e comemos bem", relata. Mesmo com um português ainda precário, Josias é o tradutor do grupo. É ele quem consegue se comunicar entre a empresa e os demais refugiados.

A casa onde vivem os haitianos foi cedida pela construtora. É uma casa ampla, de dois pavimentos, próxima à praia, com cozinha, sala e varanda. Os quartos são individuais. Josias e a esposa Thelemaque Genica finalmente conseguem dormir num quarto confortável.

Agarrada à foto dos três filhos que ficaram no Haiti com os avós, Thelemaque diz que sofre com a falta das crianças e tem esperança de também trazê-las para o Brasil. Ela está grávida e trabalha como cozinheira no alojamento.

Falando uma mistura de francês com crioulo, Thelemaque é traduzida pelo marido. "Ela diz que se sente bem aqui porque é diferente, mas o que necessita para viver melhor é fazer com que os três filhos venham para cá. Assim ela vai viver toda a vida no Brasil. Ela pede que o governo brasileiro facilite a vinda dos filhos para o Brasil."

Desde que o governo brasileiro liberou o visto de trabalho para os haitianos, o sonho de muitos que estão no Brasil é trazer os parentes. A principal barreira é o preço da passagem de avião. Segundo eles, perto de 3 mil dólares.

Empresários

O grupo de 17 haitianos foi contratado pelo casal de catarinenses Alexandre e Karen Dias, donos de uma construtora na cidade de Navegantes, no litoral de Santa Catarina. Quando o casal soube pela imprensa das péssimas condições de vida que os refugiados enfrentavam em Brasileia, decidiu fazer algo para ajudar. Logo surgiu a ideia de contratar alguns dos refugiados para trabalhar nas obras da construtora.

Com o grande volume de prédios em construção no litoral de Santa Catarina, sobram empregos no setor. Coube a Karen a tarefa de voar até Rio Branco e de lá seguir mais três horas e meia horas de carro até Brasileia.

Ela diz que nunca vai esquecer o que viu. Centenas de haitianos nas ruas,

| | | |
|--|---|--|
| | <p>à espera de uma chance para recomeçar a vida no Brasil. Longas filas de refugiados esperando pela comida, que às vezes faltava. "Uma das cenas que me marcaram em Brasileia foi quando a fila para a refeição ainda era grande e faltou comida. Em vez de reclamar, eles saíram da fila em silêncio e foram rezar, sem reclamar", relembra Karen.</p> <p>Nas entrevistas de emprego com os haitianos, Karen diz ter encontrado advogados, engenheiros e um professor universitário que falava seis idiomas. A incerteza de que pessoas com essa qualificação fossem se adaptar ao trabalho braçal da construção civil levou a empresária a escolher um grupo de 16 homens já acostumados com a dureza do serviço.</p> <p>O grupo aumentou em uma pessoa quando aconteceu outra cena marcante para a empresária. "Um casal se ajoelhou pedindo que eu também levasse a mulher, que estava grávida." Eram Josias e Thelemaque, que agora estão em Navegantes.</p> <p>Mais haitianos em SC e no RS</p> <p>No oeste de Santa Catarina, outro grupo de haitianos também ganhou emprego. Uma fábrica de piscina e caixas d'água da cidade de Chapecó foi a primeira a trazer refugiados para trabalhar no estado. Ao todo são 32 pessoas, que estavam na mesma situação dos outros em Brasileia, aguardando por uma chance para trabalhar no Brasil.</p> <p>Outros 14 começaram a trabalhar numa fábrica em Gravataí, na região metropolitana de Porto Alegre. A falta da mão de obra motiva as empresas do sul a contratar os refugiados.</p> <p>Para Alexandre Dias, dono da construtora de Navegantes que recrutou os 17 imigrantes haitianos, é preciso conscientização de mais empresários para dar oportunidade a essas pessoas. "Outros empresários também poderiam contratar essa mão de obra e dar uma oportunidade para essas pessoas terem uma vida melhor."</p> <p>Disponível em: http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,OI5594404-EI8139,00-Haitianos+encontram+trabalho+em+SC+e+sonham+ficar+no+Brasil.html</p> <p>Acesso em: 07/03/12</p> | |
| <p>"São Paulo já tem seu reduto haitiano e consulado vira 'agência de empregos'"</p> | <p>Até dezembro último, Gislene Silva era mais uma dessas secretárias da avenida Paulista, cuidando da agenda, atendendo contatos e marcando reuniões para seu chefe. Agora ela é um dos elos para os imigrantes haitianos em São Paulo conseguirem entrar na sociedade e economia brasileiras.</p> <p>Gislene recebe e organiza todas as empresas e as pessoas atrás da mão de obra que está vindo do Caribe via Peru e Acre. "É muita gente ligando. São postos que muitos brasileiros se negam a ocupar. Peço sempre para os empregadores potenciais mandarem um e-mail com todos os detalhes do trabalhador que estão procurando", conta a secretária na sede consular.</p> <p>Outro elo é Brunel Cadet, um haitiano com seis meses de Brasil que arrumou função dentro do consulado após varios encontros e reivindicações com George Antoine, o cônsul do país mais pobre do continente na cidade mais rica da América Latina.</p> <p>Há algum tempo, Brunel estava dividido entre aceitar um emprego como ajudante de cadeirante ou a possibilidade de ter um posto no próprio consulado. A segunda posição foi o que aconteceu. Agora ele é a ponte entre os cerca de 1.600 haitianos na cidade e a economia formal do Brasil.</p> <p>A maioria deles está concentrada nas ruas da Baixada do Glicério, um região degradada do centro paulistano com forte presença de moradores de rua (muitos vivem da reciclagem de lixo) e dos usuários de drogas expulsos da vizinha cracolândia recentemente. Os haitianos estão alojados na Casa do Migrante e em pensões da rua dos Estudantes, formando por lá uma "Little Haiti", como é conhecido o reduto haitiano de Miami (antes do Brasil, os EUA e o Canadá eram o principal destino dos haitianos). Na igreja Nossa Senhora da Paz, localizada na rua do Glicério, já teve até missa em créole (língua local) para os recém-chegados.</p> | <p>Rodrigo Bertolotto - UOL - 05/02/12</p> |

| | | |
|--|--|---|
| | <p>"Meus patrícios preferem vir para São Paulo porque aqui o salário é mais alto que no Acre ou no Amazonas. Lá se consegue uma média de R\$ 900 por mês. Aqui dá para ganhar o dobro ou mais", conta o rapaz de 32 anos que deixou mulher e dois filhos em Porto Príncipe, a capital caribenha devastada por um terremoto em janeiro de 2010, fato que serviu de estopim para a nova diáspora haitiana.</p> <p>Ele analisa as ofertas de emprego que aparecem no consulado. Depois, com seu português apenas funcional, faz uma primeira visita ao empregador, e ao final conversa com seus conterrâneos sobre as condições e lista os interessados.</p> <p>"O pessoal prefere mais construção civil, porque pode aprender um metier, além da estabilidade das grandes obras e o dinheiro das horas-extras. Quanto mais serviço, melhor, assim mandam mais dinheiro para o Haiti", revela Brunel, que está organizando uma associação dos haitianos na cidade.</p> <p>Dezenas deles estão trabalhando na reforma do Complexo Esportivo Constâncio Vaz Guimarães, no Ibirapuera. A empresa responsável pela obra, a Recoma, afirma que eles são de empresas terceirizadas que atuam na obra. Por outro lado, a Recoma não quer que TVs e jornais entrevistem os trabalhadores para evitar qualquer tipo de notícia negativa na obra pública, mesmo estando em situação regular no país.</p> <p>Já para as mulheres (menos de 20% da leva migratória), há muita vaga de empregada doméstica que durma no serviço. Para os casais, há gente querendo caseiros para sítios, além de auxiliares de garçom ou cozinheiro para restaurantes.</p> <p>Um grupo de 24 haitianos partiu de ônibus fretado para a cidade paranaense de Ibioporã, cidade vizinha a Londrina, para trabalhar em empresas de logística por lá. "É um trabalho braçal de carga e descarga, mas é para a gente melhorar de vida", resume Sadrac Darcelin, que trabalhava como contador em Porto Príncipe até o terremoto de 2010 arrassar a empresa em que trabalhava e, conseqüentemente, sua carreira.</p> <p>"Quero aprender bem o português e ter uma profissão boa aqui no Brasil para depois chamar minha família para cá", diz Darcelin na porta do minibus que o levará por mais uma estrada rumo ao sonhado emprego. Um caminho que começou pelo aeroporto de Santo Domingo (na vizinha República Dominicana), passou por Panamá, Equador, Peru, Acre e, finalmente, São Paulo.</p> <p>"A orientação do governo haitiano é que ajudemos os compatriotas que chegam para que isso sirva de exemplo para quem busca uma vida melhor em nosso país", conta o consul George Antoine, que está no posto em São Paulo há 30 anos. "Nunca imaginei que o consulado fosse virar uma agência de emprego, mas a força das circunstâncias nos levou a isso. Estamos tentando cadastrar todos. A limitação que o governo brasileiro estabeleceu em janeiro está até nos ajudando a conseguir organizar as coisas", completa o diplomata.</p> <p>Disponível em: http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/02/05/com-migracao-recente-consulado-do-haiti-em-sao-paulo-vira-agencia-de-empregos.htm</p> <p>Acesso em: 06/02/12</p> | |
| <p>"Influx of Haitians Into the Amazon Prompts Immigration Debate in Brazil"</p> | <p>Faced with an influx of thousands of Haitians into its Amazonian frontier, Brazil has reacted by cracking down, offering a view into its growing pains as it wields greater regional influence and emerges as an immigration magnet.</p> <p>Brazil restricted Haitian immigration in January after about 4,000 Haitians made their way across the Americas to remote outposts in the Amazon, including hundreds who arrived around the end of 2011. Their arrival set off a debate over Brazil's commitments to Haiti, the hemisphere's poorest country, and what kind of immigrants Brazil should attract.</p> <p>The authorities waded in, declaring that just 100 temporary work visas a month would be given to Haitians, at Brazil's Embassy in Port-au-Prince, Haiti's capital. Any new arrivals would risk deportation. The measures</p> | <p>Simon Romero e Andrea Zarate - The New York Times - 07/02/12</p> |

adopted in January would also make about 2,400 humanitarian visas available to Haitians who had recently arrived, allowing them to remain indefinitely and work in Brazil, in addition to about 1,600 visas already granted to Haitians who made their way to Brazil after the 2010 earthquake in Haiti.

The move effectively curbed the influx. But it also shifted pressure across the border to Peru, where hundreds of Haitians have become stranded. And the measures opened Brazil to claims that its immigration policies were tilting the scales in favor of skilled professionals from rich countries, instead of poor foreign laborers, at a time of historically low unemployment, when many Brazilian companies are struggling to hire workers.

The authorities in Brazil say that the new rules are needed to prevent Haitians from falling victim to human traffickers and thieves during the long journeys that many have endured. They often flew from the Dominican Republic to Panama, then to Ecuador or Peru, before traveling by bus or on foot to Brazilian border outposts.

"We identified that there is a migratory route that was dangerous, that involved passing through many countries," said Paulo Sérgio de Almeida, the director of the National Immigration Council of Brazil. He said the new measures would still allow some Haitians, and potentially their families, to come "calmly" to Brazil.

For other immigration specialists, however, the measures offer an example of shifting priorities. Senior officials in Brasília, the capital, recently signaled that they were planning to retool immigration policies to lure more skilled professionals, even as the government limits the entrance of Haitians.

Sebastião Nascimento, a sociologist at the University of Campinas in Brazil, said the new policies resembled efforts in the late 19th century and early decades of the 20th century, when Brazil emphasized European immigration as a way of "whitening" the country after the abolition of slavery in 1888.

"What exists now," Mr. Nascimento said, "is an attempt to revive this infamous historical tradition of selective immigration."

The authorities in the state of Acre, a place of entry for the Haitians in the Brazilian Amazon, have also differed with federal authorities on the issue. Acre's attorney general sued in January to block the federal measures, arguing that Haitians making their way to Brazil should be granted the status of refugees, easing their entrance into the country.

The Haitian influx has become an important test for Brazil as it flexes its regional influence. Its robust economy attracts more immigrants from a range of countries, including poor neighbors like Paraguay and Bolivia, as well as Haiti. Brazil has stationed a peacekeeping force in Haiti since 2004, which it is now reducing. And President Dilma Rousseff addressed the immigration issue on a visit to Haiti last week, saying that Brazil remained open to Haitians, but that the new rules were needed to keep Haitians from falling victim to traffickers.

The federal government also recently sent more than \$500,000 in aid to Acre and Amazonas, the two states where most of the Haitians have arrived, in an effort to lessen pressure there on services.

But some still want greater Haitian immigration, including manufacturers who find it difficult to hire workers.

"Brazil needs the labor," said Érico Tormem, a director of Fibratex, which makes swimming pools and sewage treatment units in the southern state of Santa Catarina. Unable to fill positions requiring manual labor, Mr. Tormem has already hired more than 35 Haitians.

"We buy from China, from Iran, Iraq, Japan, United States, Canada," he said, referring to Brazil's diverse trade ties. "Why not get workers from somewhere else? Labor should be globalized, just as business is globalized."

Even so, some Brazilians publicly express skepticism about accepting the Haitians, reflecting feelings of isolationism not normally associated with Brazil. One commentator, André Forastieri, said that Brazil owed Haitians

| | | |
|--|---|--|
| | <p>nothing, contending that European nations and the United States had contributed to Haiti's problems.</p> <p>"We have enough poor people manufactured right here," Mr. Forastieri wrote in a column on the R7 news Web site. "Brazil doesn't need Haitian immigrants, and Haiti doesn't need Brazil."</p> <p>In the meantime, hundreds of Haitians in Peru find themselves in limbo. About 300 are in Iñapari, a town of 2,800 people on Peru's border with Brazil, where they are sleeping on the floor of a church and camping nearby.</p> <p>"They are piling up here, and they are still arriving," said Celso Curi, Iñapari's mayor, by telephone. "Our basic services are scarce and our municipal budget is austere. This has become a huge problem."</p> <p>Barred from legally finding work in Brazil, some Haitians have ended up working the illegal gold mines of the Peruvian Amazon, said Ricardo Valdés, director of CHS Alternativo, a Peruvian human rights group. Some Haitians working the mines have reported being robbed of their money and passports. "They're easy prey for the bands of human traffickers," Mr. Valdés said.</p> <p>Peru also issued a decree in January requiring Haitians to have a visa to enter. Still, human rights groups said it was not clear whether that would keep them out or simply shift the crisis to Ecuador, a country with historically relaxed immigration policies, where many Haitians have landed before finding their way to Brazil.</p> <p>Facius Étienne, a Haitian construction worker stranded in Iñapari, said he had spent more than \$3,000 on the odyssey from Haiti to the remote Peruvian town, finding himself sleeping on the floor of Iñapari's church after Brazil's new immigration measures went into effect. "We need help from Peru and Brazil, because we can't turn back," Mr. Étienne said by telephone.</p> <p>Many of the Haitians already in Brazil have jobs, even if the salaries are sometimes disappointing. In one example, a pasta manufacturer in the southern state of Rio Grande do Sul hired a group of 14 Haitians, paying them the equivalent of \$400 a month and covering housing costs.</p> <p>Other Haitians in Brazil have been less fortunate. One Haitian in Manaus, the biggest city in the Brazilian Amazon, was fatally shot there in January. In Tabatinga, a town in the Brazilian Amazon where about 1,200 Haitians are still awaiting the processing of their work visas, a Haitian woman died in late January of dengue fever.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.nytimes.com/2012/02/08/world/americas/brazil-limits-haitian-immigration.html?_r=2&emc=eta1 <i>Acesso em: 29/02/12</i></p> | |
| <p>"Fronteira deve ter postos contra tráfico de pessoas"</p> | <p>O governo federal prepara um pacote de medidas para conter o tráfico de pessoas, o terceiro crime mais rentável do mundo. O Segundo Plano de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas, elaborado por 20 ministérios, será levado à presidente Dilma Rousseff pelo ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo. Aprovado, será publicado como decreto.</p> <p>Ao contrário do primeiro plano, o projeto deverá focar o combate ao tráfico interno. Uma das propostas é instalar dez postos humanizados nas cidades gêmeas (separadas pela fronteira do Brasil com algum país vizinho), seguindo o modelo dos aeroportos, como o de Guarulhos. Além de recepcionar brasileiros, a ação quer reprimir a atuação de coiotes que atravessam fronteiras secas com bolivianos, paraguaios, haitianos, entre outros.</p> <p>Seis Estados vão inaugurar neste ano Núcleos de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas. Mato Grosso e Rio Grande do Norte deverão ser os primeiros. Cidades-sede da Copa serão prioritárias - segundo a diretora do Departamento de Justiça, Fernanda dos Anjos, porque terão maior fluxo de estrangeiros.</p> <p>O plano prevê mobilização da base de sustentação do governo dentro do Congresso para aprovação de projetos de lei para tipificar crimes como tráfico de pessoas. A legislação só considera o tráfico para fins de exploração</p> | <p><i>Alana Rizzo - O Estado de São Paulo - 07/02/12</i></p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>sexual. O governo quer incluir trabalho escravo, casamento servil e tráfico de órgãos.</p> <p>Também serão propostas modificações nos currículos das academias de polícia e ações de fortalecimento de cooperação internacional, especialmente com Mercosul e América Latina. "Queremos estratégia comum para ter um mapa melhor e mais claro das vítimas", diz Fernanda.</p> <p>O crime é de difícil identificação e até de materialização. "É um fenômeno em que a vítima está tolhida de sua dignidade. Queremos que ela tenha clareza de que é um caso de tráfico de pessoas. Muitas vezes, ela não se percebe como vítima. Além de cercear o direito de ir e vir, é um crime que usa violência psicológica e física," diz Fernanda.</p> <p>Ainda no Congresso, a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) do Tráfico de Pessoas deve apresentar relatório no Senado no dia 29. O texto pede investimentos. "Com iníquo R\$ 1 milhão para 2012, dificilmente se vai a algum lugar", cobram os senadores.</p> <p>Rota. O Brasil é hoje país de origem, trânsito e destino de vítimas. Os principais destinos são Europa, Estados Unidos, Japão, China e países da América do Sul. O Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crimes identificou 241 rotas envolvendo brasileiros - 110 de tráfico interno e 131, internacional.</p> <p>Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,fronteira-deve-ter-postos-contra-trafico-de-pessoas-,832339,0.htm</p> <p>Acesso em: 07/03/12</p> | |
| <p>"Haitianos chegam ao interior do Paraná para suprir falta de mão de obra"</p> | <p>Sensibilizado com a situação de diversos haitianos que chegaram ao Brasil para fugir da miséria e do caos da terra natal, arrasada por um terremoto em 2010, um empresário de Rolândia resolveu empregar 35 deles em sua empresa que produz fraldas infantis e geriátricas. Cinco deles chegam à cidade na manhã desta quarta-feira (8), pelo Aeroporto Governador José Richa, de Londrina.</p> <p>A dificuldade em encontrar mão de obra local também foi um dos fatores que motivaram o empresário Adilson Oliveira, dono da Eurofral, a trazer os trabalhadores estrangeiros. Segundo ele, os haitianos terão casa, comida e emprego e vão receber treinamento e capacitação. Os estrangeiros vão atuar nas áreas de operação de máquinas, empacotamento e logística da empresa.</p> <p>Oliveira informou que todos eles estão com a situação regularizada no Brasil. A previsão é que os cinco primeiros a chegarem à cidade já comecem o trabalho na próxima segunda. Os estrangeiros também terão aulas de português e vão contar com intérpretes na fábrica. O objetivo da Eurofral é empregar 70 haitianos até o final de março.</p> <p>No final de janeiro, 24 haitianos chegaram em Ibiporã amparados por um acordo realizado entre o cônsul geral do Haiti no Brasil, George Antoine, e representantes do Sindicato dos Trabalhadores na Movimentação de Mercadorias em Geral de Ibiporã. Os estrangeiros seriam contratados para trabalhar na movimentação de mercadorias para cerca de dez empresas da cidade.</p> <p>Disponível em: http://www.jornaldelondrina.com.br/economia/conteudo.phtml?id=1221574</p> <p>Acesso em: 07/03/12</p> | <p>Amanda de Santa - Jornal de Londrina - 08/02/12</p> |
| <p>"Haitianos que buscam o Brasil definham na Amazônia peruana"</p> | <p>Quase 300 haitianos que fugiram da pobreza de sua terra natal devastada por um terremoto estão presos há um mês na Amazônia peruana, onde uma porta para o que viam como uma vida melhor no Brasil foi fechada abruptamente.</p> <p>Em sua maioria educados e na faixa dos 20 anos, eles se refugiaram em uma igreja na cidade peruana de Inapari, depois que o Brasil colocou policiais federais ao longo da fronteira no começo de janeiro para conter uma onda de imigração ilegal.</p> <p>Os 273 haitianos em Inapari venderam tudo o que tinham e pagaram altas somas a agentes de viagem inescrupulosos para viajar de avião ao Peru, passando pelo Panamá ou pelo Equador. Eles planejavam entrar por terra no</p> | <p>Caroline Stauffer - Reuters Brasil - 08/02/12</p> |

Brasil, onde a economia em expansão já atraiu 4,5 mil haitianos depois do terremoto ocorrido há dois anos. Mas, ao chegar, descobriram a fronteira fechada.

"Não temos dinheiro e estamos muito longe do Haiti...pedimos apenas que o Brasil nos deixe entrar", disse Joniel Clervil, de 22 anos, falando no inglês que aprendeu na universidade antes de a tragédia de janeiro de 2010 colocar fim aos seus estudos.

Sem dinheiro, o grupo depende das doações de arroz e feijão provenientes da cidade brasileira do outro lado da fronteira, Assis Brasil. Não está claro se eles poderão ficar no Brasil ou no Peru ou se serão deportados.

Na tentativa de controlar a entrada e desestimular os "coiotes" que se aproveitam dos imigrantes, a presidente Dilma Rousseff disse durante uma visita ao Haiti no dia 1o de fevereiro que o Brasil emitirá 100 vistos humanitários por mês em Porto Príncipe nos próximos cinco anos, ao mesmo tempo em que reforçará a segurança na fronteira.

O Brasil também disse que concederá vistos humanitários a todos os haitianos que já estão no país, mas que os futuros imigrantes serão barrados na fronteira a menos que obtenham vistos apropriados antes de deixar o Haiti.

Visto exigido pelo Peru

O presidente peruano, Ollanta Humala, tentou ajudar a fechar o que o governo considera uma rota de tráfico humano ao assinar um decreto no mês passado exigindo que os haitianos obtenham visto de turista antes de entrar no Peru.

Os haitianos retidos no Peru saíram de seu país antes de as mudanças entrarem em vigor e agora se encontram no limbo burocrático. Os governos afirmam que terão uma reunião na semana que vem na qual decidirão o futuro dos haitianos.

O Brasil tem a maior economia da América Latina e, em razão do crescimento econômico dos últimos cinco anos e uma política externa mais assertiva, agora enfrenta um problema típico do primeiro mundo como local que atrai imigrantes em busca de trabalho. Cada vez mais, ele é visto como uma alternativa aos Estados Unidos, que aumentaram as deportações de imigrantes sem documentação durante a pior recessão econômica desde a Segunda Guerra Mundial.

"O Brasil passa por essa mudança. Apenas recentemente se tornou atraente para a imigração e isso pode ser um motor para iniciar uma política de migração planejada", disse Eleanor Sohnen, do Migration Policy Institute, com sede em Washington.

O padre peruano Rene Salizar disse que a restrição do Brasil era inevitável. Ele afirmou que tem havido uma corrente constante de haitianos na fronteira depois que o terremoto de 7 graus de magnitude matou 300 mil pessoas e deixou 1,5 milhão de desabrigados no Haiti há dois anos.

"Eu vi isso começar há mais de um ano. Grupos de entre cinco e 20 chegavam diariamente", afirmou Salizar, que providenciou para que os haitianos ficassem na igreja da cidade, que também é sua casa.

Os laços do Brasil com o país mais pobre das Américas cresceram depois que ele liderou uma missão de paz da Organização das Nações Unidas (ONU) no Haiti em 2004, como parte de uma iniciativa mais ampla para se posicionar como líder global.

Compromisso brasileiro

"O Brasil tem o compromisso de ajudar o povo haitiano e o seu país...isso inclui os haitianos que querem trabalhar no Brasil - desde que seja dentro de um limite que possa ser absorvido pelo mercado de trabalho", disse Carlos Alfredo Lazary Teixeira, embaixador do Brasil no Peru.

"O que não vamos parar de fazer é combater os coiotes. Muitos cidadãos brasileiros foram vítimas dos coiotes na fronteira do México com os Estados

| | | |
|--|---|--|
| | <p>Unidos."</p> <p>Nos anos 1980 e 1990, centenas de milhares de brasileiros mudaram-se para o exterior para fugir do caos econômico interno. Na última década, porém, muitos brasileiros começaram a voltar para casa, junto com uma onda crescente de imigrantes de outros países.</p> <p>Luiz Bassegio, que dirige uma instituição de caridade para imigrantes no Brasil, estima que o número de imigrantes ilegais no país subiu cerca de 25 por cento nos últimos dois anos, para 800 mil - embora não haja dados oficiais disponíveis.</p> <p>Histórias sobre a abundância de empregos - especialmente na construção civil, enquanto o Brasil se prepara para sediar a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016 - levaram haitianos a agências de viagens clandestinas que lhes prometiam a entrada no Brasil por 3 mil dólares.</p> <p>"Meu pai vendeu a nossa casa para me mandar trabalhar no Brasil. Meu irmão está dormindo na rua", disse Charlemond Angelet, de 21 anos, espantando os mosquitos que infestam Inapari na temporada das chuvas na Amazônia. Os primos dele já estão no Brasil.</p> <p>Muitos haitianos afirmaram que perderam centenas de dólares e foram pressionados a pagar por "informação" sobre a viagem de ônibus de três dias de Lima até a cidade brasileira na fronteira.</p> <p>Para passar o tempo, os haitianos ficam no único cyber café de Inapari, que tem apenas 1,2 mil habitantes, ou jogam futebol com adolescentes brasileiros.</p> <p>"Minha mãe vendeu tudo que tinha para pagar essa viagem", disse Esther Pierre, de 26 anos, no idioma crioulo. "Se eu voltar agora, como vou ajudar minha família?"</p> <p>Disponível em: http://br.reuters.com/article/worldNews/idBRSPE81708D20120208?pageNumber=1&virtualBrandChannel=0 Acesso em: 07/03/12</p> | |
| <p>"Homem confessa ter matado haitiano em Manaus, diz polícia"</p> | <p>Um jovem de 19 anos assumiu ter assassinado um imigrante haitiano em Manaus no fim de janeiro, segundo a Polícia Civil do Amazonas. O suspeito foi indiciado sob suspeita de homicídio, mas vai responder em liberdade.</p> <p>O crime aconteceu dia 27, na zona leste de Manaus, e é o primeiro homicídio envolvendo imigrantes haitianos.</p> <p>Inolus Pierrellys, 34, estava sentado na porta de casa, no bairro Cidade de Deus, quando dois homens jovens brasileiros se aproximaram dele. Um deles disparou contra o haitiano no peito, à queima-roupa.</p> <p>Em depoimento na Delegacia Especializada de Homicídios e Seqüestros, Rafael de Oliveira Lopes disse que a motivação do crime foi ciúmes de uma namorada, que mantinha relação com o haitiano.</p> <p>A polícia já investigava a hipótese de crime passionai. Segundo a delegada Cristina Portugal, uma adolescente de 17 anos, namorada de Lopes, prestou depoimento anteontem e confirmou seu envolvimento com a vítima.</p> <p>Casado, Inolus Pierrellys chegou na capital amazonense em abril de 2011. Ele morava em uma casa cedida pela Igreja Católica com mais cinco imigrantes. O haitiano trabalhava em uma fábrica de reciclagem de papel.</p> <p>Na ocasião, Nicolas Jean, 30, amigo de Pierrellys, disse que o haitiano não conhecia muitas pessoas em Manaus. Hoje, a reportagem não conseguiu localizar os amigos da vítima.</p> <p>Desde 2010, haitianos estão migrando para o Brasil em busca de trabalho. A cidade de Tabatinga (AM), na fronteira com Peru e Colômbia, é uma das principais portas de entrada. De lá, eles partem para Manaus, onde há mais de 4.000 pessoas já regularizadas.</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1046654-homem-confessa-ter-matado-haitiano-em-manaus-diz-policia.shtml Acesso em: 07/03/12</p> | <p>Kátia Brasil - Folha de São Paulo - 09/02/12</p> |
| <p>"Paraná acolhe grupo de</p> | <p>"Minha mãe ficou com fome no Haiti e me deu dinheiro para vir para o Brasil." Em uma frase, o haitiano Arnold Delus, de 27 anos, resume os</p> | <p>Bruna Maestri Walter -</p> |

| | | |
|--|--|--|
| refugiados do Haiti” | <p>sacrifícios que o levaram a deixar seu país e exprime toda a carga de esperança de construir uma vida melhor no Brasil. Após pedidos de ajuda, venda de bens para pagar as passagens e pelo menos uma semana de viagem, milhares de haitianos chegaram à Região Norte do Brasil e agora buscam oportunidades de emprego em várias partes do país. Nesta semana, 15 deles chegaram a São José dos Pinhais, na Região Metropolitana de Curitiba, e se somam aos 70 que vieram recentemente ao Paraná.</p> <p>Sete ficaram na cidade e trabalham nos ramos de panificação e engenharia civil, enquanto os outros oito encontraram oportunidades em São Paulo. Todos gostam de trabalho pesado, aprendem rápido e são humildes e afetuosos, garante a professora Nila Regina Cabral Bonin, que foi buscá-los em Porto Velho, Rondônia.</p> <p>Nila e a família se sensibilizaram com a história dos haitianos, principalmente quando viram pela televisão imagens de alguns deles vivendo em um banheiro no Acre. Ela conversou com empresários paranaenses que manifestaram interesse em contratá-los e foi a Santa Catarina conhecer o trabalho de alguns refugiados que já estavam no país. Gostou do que viu e decidiu ir até o Norte do país buscar alguns deles. “Foi bem triste ver uma necessidade muito grande de ser ajudado”, lembra.</p> <p>Os patrões pagaram as despesas da viagem dos futuros empregados, muitos com ensino fundamental e idades que variam de 19 a 44 anos. Três deles trabalham na Panificadora Nogueira, como padeiros, confeitadores e atendentes, e outros três ingressaram ontem na empresa Grochka Engenharia, como auxiliares de pedreiro. A sétima pessoa do grupo é Kerande Amede, 41 anos, a única mulher, que por enquanto está ajudando Nila, dona de uma pousada.</p> <p>Assim como Kerlande, a maioria deixou a família no Haiti e espera trazer os parentes haitianos para morar no Brasil. “Em 50 anos, o Haiti não melhora”, diz o cozinheiro Richard Seraphin, 34 anos, que faz parte do grupo. Richard explica que o governo haitiano não ajuda a população e muitos passam fome. O Haiti, que já era o país mais pobre das Américas, teve sua situação agravada pelo terremoto que vitimou mais de 200 mil pessoas em janeiro de 2010. Assim como muitos, o cozinheiro perdeu familiares na tragédia e sobreviveu porque estava na República Dominicana, país de língua espanhola que faz fronteira com o Haiti.</p> <p>A proximidade com a República Dominicana, inclusive, faz com que alguns deles entendam e falem um pouco de espanhol, idioma que usam para se comunicar aqui. Também cada vez mais buscam falar português. “Em dois meses estou falando português”, garante Richard. Os idiomas do Haiti são o crioulo e o francês.</p> <p>A preocupação maior, no entanto, é juntar dinheiro para enviar para a família e futuramente trazê-la para o Brasil. Nos empregos atuais, os sete haitianos irão receber de R\$ 700 a R\$ 1 mil por mês. Além do salário, os empregadores se comprometeram a oferecer alojamento e alimentação. O ganho é bem superior ao que recebiam no Haiti – para alguns deles o salário girava em torno de R\$ 27, o que dá esperanças a Arnold de retribuir a ajuda da mãe para que ele viesse ao Brasil. Ele espera cumprir o pedido feito pela mãe, de retornar o dinheiro emprestado, e evitar que ela passe fome novamente.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=1222062&tit=Parana-acolhe-grupo-de-refugiados-do-Haiti <i>Acesso em: 07/03/12</i></p> | Gazeta do Povo - 10/02/12 |
| “Secretário executivo do Ministério da Justiça explica para senadores concessão de | <p>O secretário executivo do Ministério da Justiça, Luiz Paulo Barreto, foi hoje (13) ao Senado dar explicações sobre a concessão de vistos de permanência a haitianos que migraram para o Brasil nos últimos meses. Segundo Barreto, o governo brasileiro tomou a decisão de conceder os vistos para residência e trabalho a fim de evitar que eles se envolvam com “atividades ilícitas” e que a medida não representa uma abertura na política</p> | Mariana Jungmann - Agência Brasil EBC - 13/02/12 |

| | | |
|---|---|--|
| vistos a haitianos” | <p>de imigração. “Essa é uma medida exclusiva ao Haiti, que não temos com outros países”, explicou o secretário executivo, que participou de audiência pública na Comissão de Relações Exteriores.</p> <p>Na opinião de Barreto, essa é a melhor medida para ajudar os imigrantes que saíram de um país devastado por um terremoto e atingido por uma série de doenças. Apesar de garantir que o governo brasileiro não está interessado em estimular uma “diáspora” do Haiti, o secretário esclareceu que o Brasil também não tem tradição de promover deportações em massa. “O estabelecimento de um canal de imigração, junto com a regularização desses imigrantes, sempre pareceu ao governo brasileiro a melhor solução”, disse.</p> <p>Os senadores do Amazonas, para onde a maior parte dos haitianos tem ido após entrar no Brasil, cobraram de Barreto que o governo federal ajude o estado a receber os imigrantes. O senador Eduardo Braga (PMDB-AM) lembrou que os haitianos pagam caro aos “mafiosos” que os trazem, e ficam devendo a essas pessoas. Com isso, os parentes que ficaram no Haiti acabam reféns dessas dívidas e aguardam também uma oportunidade de vir para o Brasil. “Cada visto que é concedido para um haitiano que entra no Brasil está sendo concedido para a família desse haitiano também”, disse o senador. Braga lembrou que os estados por onde os imigrantes têm entrado são os mais pobres e não podem ficar responsáveis por eles.</p> <p>A senadora Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM) também cobrou que o governo federal ajude o governo amazonense a dar assistência social para a população de cerca de 4 mil haitianos que vivem no estado. “Não precisa o governo do Amazonas pedir amparo. A questão não é de um governo de um estado e sim do Estado brasileiro, que deveria se antecipar para ajudar essas pessoas”, declarou.</p> <p>Ela também demonstrou preocupação com a chegada de novos imigrantes ao seu estado, o que poderia piorar as condições sociais deles. “Será que não chegarão outros? E como vamos atender a outros? Precisamos de uma comissão interministerial que dê amparo a essas pessoas e os coloque no mercado de trabalho”, cobrou a senadora.</p> <p>Também presente à audiência pública, o senador Cristovam Buarque (PDT-DF) lembrou que o Brasil já passou por dificuldades econômicas que levaram 3 milhões de brasileiros a procurar emprego no exterior. Segundo Cristovam, é hora dos brasileiros ajudarem os “refugiados sociais”. “Se fosse um golpe militar nós abriríamos as portas com o argumento de que eles seriam presos ou mortos. Mas eles estão presos na pobreza e morrendo pelas dificuldades”, disse.</p> <p>Luiz Paulo Barreto explicou que os haitianos não podem receber vistos como refugiados porque existem delimitações claras no direito internacional sobre essa condição. Segundo o secretário executivo do Ministério da Justiça, eles precisariam ser perseguidos em seu país ou estar fugindo de um conflito armado, o que não é o caso.</p> <p>Uma reunião entre os membros da Comissão de Relações Exteriores do Senado e representantes do governo federal ficou marcada para amanhã (14) a fim de continuar o debate sobre o assunto. Barreto assumiu o compromisso de receber os senadores e convidar representantes de outros ministérios ligados ao assunto para a reunião. Diplomatas brasileiros também irão em missão ao Peru, por onde os haitianos fazem rota para chegar ao Brasil, a fim de tratar de ações conjuntas para mitigar o problema.</p> | |
| <p>“Além de haitianos, fronteira recebe fluxo de imigrantes asiáticos</p> | <p>Um trabalho de inteligência do Ministério da Justiça identificou que além de haitianos há um fluxo migratório pela fronteira do Acre e do Amazonas de pessoas do Afeganistão, do Paquistão, de Bangladesh e da China.</p> <p>Em audiência pública na noite desta segunda-feira na Comissão de Relações Exteriores do Senado, o secretário-executivo do ministério Luiz Paulo Barreto afirmou que há uma máfia de “coiotes” que estão “se aproveitando de facilidades migratórias do “sistema sul-americano de integração”. O ministério recebeu pelo menos 40 pedidos de visto dessas nacionalidades.</p> | <p>Márcio Falcão - Folha de São Paulo - 13/02/12</p> |

| | | |
|---|---|--|
| | <p>Segundo Barreto, desde 2010, o ministério verificou um movimento na fronteira do Acre dessas nacionalidades e começou a avaliar o cenário.</p> <p>"Até num fluxo migratório é estranho uma pessoa do Afeganistão entrando por uma fronteira do Acre, quando esse fluxo não existia. A resposta também foi uma motivação de uma máfia organizada que facilitava o trâmite", disse.</p> <p>Foi descartado o envolvimento dessas pessoas em questões de segurança e que esse fluxo foi "estancado".</p> <p>De acordo com a investigação, os "coiotes" usavam preferencialmente uma rota a partir de um voo deixando Porto Príncipe, passando pela República Dominicana e chegando ao Equador, que tem uma política de cidadania global, exigindo vistos para poucas nacionalidades.</p> <p>Para o governo brasileiro, esses grupos são atraídos pelas promessas de emprego na construção da usina de Belo Monte, na região Norte.</p> <p>Após a entrada ilegal de ao menos 4.000 haitianos no Brasil desde 2010, o governo decidiu, em janeiro, reforçar as fronteiras no Norte do país e instituiu uma categoria de visto permanente especialmente para haitianos.</p> <p>A concessão de vistos - cem por mês - não exige vínculo empregatício no Brasil e é feita só na embaixada em Porto Príncipe, na tentativa de desestimular o esquema de "coiotes" que trasladam ilegalmente os haitianos. Em fevereiro, foram 20 pedidos de visto.</p> <p>Limbo</p> <p>O debate na comissão foi tenso. Os senadores cobraram uma posição clara do governo brasileiro. O senador Eduardo Braga (PMDB-AM) disse que é preciso definir o que fazer com os 343 haitianos que estão no "limbo" na cidade de Tabatinga (AM), na fronteira com Peru e Colômbia, considera uma das principais portas de entrada.</p> <p>"Tem que ter uma solução. Vamos conceder visto ou pegar um avião da FAB e devolvê-los?", questionou.</p> <p>Barreto afirmou que o governo ainda está tomando uma decisão, mas que não haverá o retorno deles para o Haiti, tendo em vista que eles estavam em trânsito quando as novas regras passaram a valer.</p> <p>Os congressistas cobraram políticas públicas para os imigrantes, mas destacaram que a população brasileira da região é carente e ainda enfrenta problemas sociais.</p> <p>Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1048311-alem-de-haitianos-fronteira-recebe-fluxo-de-imigrantes-asiaticos.shtml</p> <p>Acesso em: 07/03/12</p> | |
| <p>"MJ explica no Senado concessão de vistos a haitianos"</p> | <p>A Comissão de Relações Exteriores do Senado e representantes do governo federal se reúnem nesta terça-feira para debater a concessão de vistos de permanência a haitianos que migraram para o Brasil nos últimos meses. O secretário executivo do Ministério da Justiça, Luiz Paulo Barreto, assumiu o compromisso de receber os senadores e convidar representantes de outros ministérios ligados ao assunto para a reunião. Diplomatas brasileiros também irão em missão ao Peru, por onde os haitianos fazem rota para chegar ao Brasil, a fim de tratar de ações conjuntas para mitigar o problema. No início do ano, reportagem do GLOBO mostrou que o estado do Acre virou uma grande porta de entrada de imigrantes do Haiti em território brasileiro.</p> <p>Na segunda-feira, Barreto foi ao Senado dar explicações sobre o tema. Segundo o secretário, o governo brasileiro tomou a decisão de conceder os vistos para residência e trabalho a fim de evitar que eles se envolvam com "atividades ilícitas" e que a medida não representa uma abertura na política de imigração.</p> <p>- Essa é uma medida exclusiva ao Haiti, que não temos com outros países</p> <p>- explicou o secretário executivo, que participou de audiência pública na Comissão de Relações Exteriores.</p> <p>Na opinião de Barreto, essa é a melhor medida para ajudar os imigrantes</p> | <p>Sem autor - O Globo - Agência Brasil - 14/02/12</p> |

| | | |
|--|---|--|
| | <p>que saíram de um país devastado por um terremoto e atingido por uma série de doenças. Apesar de garantir que o governo brasileiro não está interessado em estimular uma "diáspora" do Haiti, o secretário esclareceu que o Brasil também não tem tradição de promover deportações em massa.</p> <p>O estabelecimento de um canal de imigração, junto com a regularização desses imigrantes, sempre pareceu ao governo brasileiro a melhor solução - disse.</p> <p>Os senadores do Amazonas, para onde a maior parte dos haitianos tem ido após entrar no Brasil, cobraram de Barreto que o governo federal ajude o estado a receber os imigrantes. O senador Eduardo Braga (PMDB-AM) lembrou que os haitianos pagam caro aos "mafiosos" que os trazem, e ficam devendo a essas pessoas. Com isso, os parentes que ficaram no Haiti acabam reféns dessas dívidas e aguardam também uma oportunidade de vir para o Brasil.</p> <p>- Cada visto que é concedido para um haitiano que entra no Brasil está sendo concedido para a família desse haitiano também - disse o senador. Braga lembrou que os estados por onde os imigrantes têm entrado são os mais pobres e não podem ficar responsáveis por eles.</p> <p>A senadora Vanessa Grazziotin (PCdoB-AM) também cobrou que o governo federal ajude o governo amazonense a dar assistência social para a população de cerca de 4 mil haitianos que vivem no estado.</p> <p>- Não precisa o governo do Amazonas pedir amparo. A questão não é de um governo de um estado e sim do Estado brasileiro, que deveria se antecipar para ajudar essas pessoas - declarou.</p> <p>Ela também demonstrou preocupação com a chegada de novos imigrantes ao seu estado, o que poderia piorar as condições sociais deles.</p> <p>- Será que não chegarão outros? E como vamos atender a outros? Precisamos de uma comissão interministerial que dê amparo a essas pessoas e os coloque no mercado de trabalho - cobrou a senadora.</p> <p>Também presente à audiência pública, o senador Cristovam Buarque (PDT-DF) lembrou que o Brasil já passou por dificuldades econômicas que levaram 3 milhões de brasileiros a procurar emprego no exterior. Segundo Cristovam, é hora dos brasileiros ajudarem os "refugiados sociais".</p> <p>- Se fosse um golpe militar nós abriríamos as portas com o argumento de que eles seriam presos ou mortos. Mas eles estão presos na pobreza e morrendo pelas dificuldades - disse.</p> <p>Luiz Paulo Barreto explicou que os haitianos não podem receber vistos como refugiados porque existem delimitações claras no direito internacional sobre essa condição. Segundo o secretário executivo do Ministério da Justiça, eles precisariam ser perseguidos em seu país ou estar fugindo de um conflito armado, o que não é o caso.</p> <p>Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/mj-explica-no-senado-concessao-de-vistos-haitianos-3967292</p> <p>Acesso em: 07/03/12</p> | |
| <p>"Brasil estuda regularizar situação de 343 haitianos no país"</p> | <p>O governo estuda regularizar a situação de 343 haitianos que chegaram ao Brasil logo após a decisão do Conselho Nacional de Imigração de impor um limite ao ingresso de trabalhadores daquele país. Todos estão em situação ilegal, já que vieram sem visto, descumprindo assim resolução do conselho publicada em 13 de janeiro. A resolução tornou obrigatória a exigência de visto de trabalho, permitindo a entrada anual de até 1,2 mil haitianos - além de seus familiares.</p> <p>O grupo já foi notificado pela Polícia Federal para que deixe o país. Mas o governo discute uma saída legal para que os 343 haitianos possam ficar no Brasil. O argumento a favor disso é que esses imigrantes já tinham iniciado a viagem rumo ao Acre e Amazonas, quando a nova norma foi adotada. O assunto permanece em debate, mas no governo fala-se que a tendência é dar ao grupo a opção de ficar.</p> <p>A vinda de haitianos para o Brasil, via Acre e Amazonas, foi discutida na segunda-feira à noite, em audiência pública na Comissão de Relações</p> | <p>Demétrio Weber - O Globo - 15/02/12</p> |

| | | |
|---|---|--|
| | <p>Exteriores e Defesa Nacional do Senado. O secretário-executivo do Ministério da Justiça, Luiz Paulo Barreto, disse que há 5.122 haitianos no Brasil. O fluxo migratório começou em 2010, após o terremoto que matou mais de 200 mil pessoas no país caribenho.</p> <p>A chegada de haitianos cresceu no fim de 2011, na esteira do anúncio de empregos em hidrelétricas brasileiras, notadamente na de Belo Monte. O assunto ganhou, então, repercussão nacional. Os municípios de Brasileia, no Acre, e Tabatinga, no Amazonas, pediram ajuda estadual e federal para alimentar, hospedar e conseguir empregos em outras cidades para os haitianos que não paravam de chegar.</p> <p>A nova resolução do conselho estancou o fluxo, conforme o depoimento de autoridades federais, do Acre e do Amazonas ouvidas na audiência pública:</p> <p>— Deu certo. A situação começou a se resolver — disse Barreto.</p> <p>O senador Eduardo Braga (PMDB-AM), que é ex-governador do Amazonas, afirmou que o problema permanece, ainda que nenhum estrangeiro tenha chegado nos últimos dez dias. O motivo, segundo ele, é que muitos dos haitianos que entraram no país anteriormente estão agora em Manaus, pedindo dinheiro em semáforos. Sem falar na falta de estrutura de Tabatinga para abrigar os que estão naquela cidade fronteiriça.</p> <p>— Gente desocupada no meio da rua e passando fome vai encontrar o que não deveria — disse Braga.</p> <p>O senador cobrou também apoio federal para dar assistência aos estrangeiros. Para ele, o governo precisa tomar logo uma decisão quanto aos 343 haitianos sem visto de trabalho, que estão em Tabatinga à espera de uma definição do governo brasileiro. Braga disse que esse grupo se encontra atualmente num "limbo" legal.</p> <p>Barreto, por sua vez, disse que o tema vem sendo debatido em diferentes ministérios e que o governo deve chegar a um consenso em breve. Segundo ele, o objetivo de disciplinar a concessão de vistos foi combater os chamados coiotes, isto é, pessoas que cobram dinheiro de trabalhadores haitianos para levá-los do Haiti até o Acre e o Amazonas.</p> <p>O senador Cristovam Buarque (PDT-DF) criticou o limite à entrada de haitianos no Brasil.</p> <p>— É uma falta de solidariedade tremenda. Se tivesse havido um golpe militar (no Haiti), a gente abria as portas para quantos quisessem vir. Quando tem tragédia política, todo mundo recebe. Na tragédia social, a gente hesita. É preciso um programa para abrigar os haitianos — disse Cristovam.</p> <p>Disponível em: http://oglobo.globo.com/pais/brasil-estuda-regularizar-situacao-de-343-haitianos-no-pais-3976916</p> <p>Acesso em: 29/02/12</p> | |
| <p>“Processo sobre haitianos corre em segredo de justiça”</p> | <p>A situação dos haitianos que estão imigrando para o Brasil em busca de melhores condições de vida virou segredo de Justiça. Em janeiro, o Ministério Público Federal no Acre (MPF/AC) entrou com uma ação cobrando o reconhecimento da condição de refugiados a esses imigrantes e o fim de barreiras para que eles possam transitar livremente pelo país. Ao decidir o caso liminarmente na última semana, a Justiça colocou o processo sob sigilo para prevenir perturbações internacionais.</p> <p>O MPF também pediu na Justiça o fim da ameaça de deportação dos haitianos e solicitou imediato auxílio humanitário aos imigrantes que já se encontram no país, como fornecimento de água, alimentação, moradia provisória e serviços básicos de saúde até que eles tenham condição de se manter. O MPF já disse que não irá recorrer da decisão liminar. O caso agora está na Advocacia-Geral da União (AGU), que até agora não se manifestou sobre o assunto.</p> <p>O MPF argumenta que a condição de refugiado deve ser concedida porque a legislação brasileira permite essa classificação àqueles que sofreram violação de direitos humanos em seu país de origem. “Assim, considerando que os haitianos não estão migrando para o Brasil por outro motivo que não</p> | <p><i>Débora Zampier - Agência Brasil EBC - 18/02/12</i></p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>a extrema necessidade de buscar uma vida mais digna, de fugir de uma situação de absoluta privação dos direitos humanos mais básicos (...), não é possível deixar de reconhecer a condição de refugiados desses migrantes”, diz o documento.</p> <p>Desde o terremoto que devastou o Haiti em janeiro de 2010, centenas de pessoas têm procurado o Brasil em busca de emprego e melhores condições de vida. O movimento migratório ganhou destaque no final de 2011, quando o governo do Acre começou a denunciar a precária situação dos haitianos retidos nas cidades de Assis Brasil e Brasileia. Segundo as autoridades locais, a União não estava dando assistência humanitária e nem colaborando com a emissão de documentos para que eles pudessem procurar trabalho no país.</p> <p>O MPF estava acompanhando de perto a situação dos imigrantes por meio de um inquérito aberto no final do ano passado. Após ouvir as autoridades locais e os próprios haitianos, emitiu recomendações para que o governo federal aumentasse a ajuda, reconhecendo o refúgio e liberando os imigrantes para procurar trabalho em outras partes do país. De acordo com a ação civil pública do MPF, os pedidos não foram atendidos e não houve qualquer resposta.</p> <p>Em janeiro, o governo decidiu regularizar a situação de 4 mil haitianos no país e emitir cerca de 1200 vistos humanitários por ano. No entanto, restringiu a entrada de imigrantes ilegais por meio de apresentação de visto e negou a condição de refugiados. Segundo relata o MPF, também houve uma recomendação para que as secretarias de direitos humanos não oferecessem apoio humanitário aos imigrantes ilegais e comunicassem os casos às autoridades policiais.</p> <p>O MPF destaca que, desde então, dezenas de haitianos estão retidos na fronteira entre o Peru e o Brasil, impedidos de voltar ao país de origem por falta de recursos e sem condições de continuar onde estão por falta de oportunidades.</p> <p>Disponível em: http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-02-18/processo-sobre-haitianos-no-brasil-corre-em-segredo-de-justica Acesso em: 29/02/12</p> | |
| <p>“Justiça libera entrada de haitianos e processo corre em segredo para evitar perturbação internacional”</p> | <p>O juiz Guilherme Michelazzo Bueno, da 1ª Vara Federal de Rio Branco (AC), deferiu integralmente uma ação civil pública do Ministério Público Federal no Acre (MPF-AC) contra a União para que sejam garantidos direitos humanos dos imigrantes haitianos que vêm ao Brasil em busca de trabalho e condições dignas de sobrevivência, após o terremoto que devastou o Haiti há pouco mais de um ano.</p> <p>Ao decidir o caso liminarmente, na segunda-feira (13), o juiz federal colocou o processo sob sigilo para evitar perturbações internacionais. A Polícia Federal foi intimada a cumprir a parte da decisão que lhe cabe, que é não barrar mais os haitianos na fronteira.</p> <p>Uma fonte da Polícia Federal consultada pelo Blog da Amazônia neste sábado (18) afirmou que a Advocacia Geral da União (AGU) recorreu e que a decisão do magistrado foi reformada na noite de sexta-feira (17), em Brasília, pelo Tribunal Regional Federal (TRF) da 1ª Região. Porém, no sistema de consulta processual do TRF, consta apenas que a AGU pegou, às 10h51, o processo para recorrer da decisão.</p> <p>Em janeiro, o MPF entrou com uma ação cobrando o reconhecimento da condição de refugiados dos imigrantes haitianos e o fim de barreiras para que eles possam transitar livremente pelo país.</p> <p>O MPF pediu que a Justiça Federal fizesse cessar todo e qualquer impedimento para o ingresso no território nacional de imigrantes de nacionalidade haitiana.</p> <p>Também pediu o fim de toda e qualquer ameaça de deportação dos haitianos que se encontram no Brasil em busca de refúgio e que seja oferecido auxílio humanitário, até que obtenham vínculos empregatícios e possam custear a própria subsistência e de suas famílias.</p> <p>Mais de 300 haitianos estão em Inãpari, no Peru, esperando autorização</p> | <p>Altino Machado - Blog da Amazônia - Terra Magazine - 18/02/12</p> |

| | | |
|-----------------------------------|---|--|
| | <p>do governo brasileiro para atravessar a fronteira. Iñapari é separada do município de Assis Brasil (AC) pelo Rio Acre.</p> <p>Os imigrantes saíram do Haiti antes do dia 12 de janeiro, quando o governo brasileiro decidiu pela emissão limitada de vistos de trabalho para haitianos e determinou reforço policial para impedi-los de ingressarem a partir das fronteiras com a Bolívia, Colômbia e Peru.</p> <p>Na verdade os haitianos já não estão em Iñapari, cuja população teve que ser evacuada por causa da enchente do Rio Acre, que já desabrigou mais de 3,8 pessoas apenas em Rio Branco, a capital. Os haitianos foram levados para Ibéria, a cidade mais próxima de Iñapari.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://blogdaamazonia.blog.terra.com.br/2012/02/18/justica-libera-entrada-de-haitianos-e-processo-corre-em-segredo-para-evitar-perturbacao-internacional/ <i>Acesso em: 29/02/12</i></p> | |
| “Em busca de algo mais no Brasil” | <p>A maioria não se conhecia no Haiti. De perfis diferentes, muitos trabalhavam como pedreiros e carpinteiros para sustentar os filhos, outros na indústria e tinha quem enfrentasse o calor do forno assando pizzas. Os mais novos estudavam, seja o ensino regular, um outro idioma ou a faculdade para se tornar um diplomata. De uma maneira ou de outra, os 43 haitianos tinham as rédeas da vida e sobreviviam no país mais pobre das Américas. Mas quis o destino – no caso, um terremoto no início de 2010 – que eles mudassem seus planos e viessem a se encontrar na cidade de Cascavel, no Oeste do Paraná, para reconstruir suas vidas.</p> <p>Michel Marckend, de 25 anos, é um deles. Assim que botou os pés no Brasil, ele logo se lembrou do pai. “Se meu pai estivesse vivo, eu estaria bem.” Michel perdeu o pai no terremoto que vitimou pelo menos 200 mil pessoas há dois anos. O pai tinha ido trabalhar e, por volta das 17 horas, a empresa foi destruída pelo tremor. Os irmãos, que até então tinham uma vida confortável, tiveram de se adaptar à nova realidade e ajudar a mãe, que tem paralisia.</p> <p>Depois de cinco dias de viagem, Michel chegou em 8 de novembro do ano passado à cidade de Brasileia, no Acre. Encontrou vários conterrâneos em busca de emprego e que, assim como ele, não tiveram oportunidades na cidade. Depois de quase três meses, recebeu uma proposta do engenheiro Carlos Oya, que foi ao Acre em busca de trabalhadores para as obras na Faculdade Assis Gurgacz, em Cascavel. Michel e mais 43 haitianos (uma mulher acabou indo, posteriormente, para São Paulo) foram escolhidos e depois de 58 horas de viagem de ônibus chegaram a Cascavel no dia 30 de janeiro.</p> <p>Com o Cadastro de Pessoas Físicas (CPF) e a carteira de trabalho brasileiros, eles devem trabalhar por pelo menos três anos na construção das novas unidades da faculdade. O salário inicial para ajudante de pedreiro é de R\$ 1,1 mil, com possibilidade de aumento tão logo sejam enquadrados em funções mais qualificadas. A empresa paga aluguel de seis apartamentos, todos no mesmo prédio, além de água e luz.</p> <p>No trabalho</p> <p>E é entre blocos de cimento, marteladas e limpeza do terreno que os haitianos vão aos poucos erguendo as obras e reformando suas vidas, sem se esquecer dos sonhos. Michel, por exemplo, sonha em ter uma pizzeria. Oferecer talvez uma pizza parecida com a haitiana, com maionese e catchup sobre a massa. Enquanto não monta seu negócio, quer aproveitar a experiência adquirida como pizzaiolo no Haiti para encontrar um emprego para trabalhar à noite – o português ele já fala quase fluentemente. Quer juntar mais dinheiro para enviar à família, especialmente aos dois filhos, que, no futuro, pretende trazer ao Brasil.</p> <p>Ajudar a família é o principal objetivo dos trabalhadores, que aguardam ansiosamente o primeiro salário no atual emprego. Saint Vilt Jean, de 26</p> | <p><i>Bruna Maestri Walter - Gazeta do Povo - 19/02/12</i></p> |

anos, pretende ajudar e trazer os familiares ao Brasil, além de arrumar uma namorada brasileira e um dia se tornar médico. Planos que ele está ajudando a construir, já que futuramente deve trabalhar nas obras do novo hospital da faculdade. “Um dia quero ajudar muito a minha família”, diz em bom português. Antes do terremoto, Saint, ou Santos, como foi apelidado por aqui, trabalhava na construção civil.

Já Martin Wikendy, de 27 anos, teve de se adaptar totalmente. De estudante do terceiro ano do curso de Ciência Política e professor de Francês e de Matemática, ele passou para servente de pedreiro no Brasil. “Ser diplomata é meu sonho. A vida não acabou porque eu tenho um sonho”, diz ele, de cabeça erguida. A meta é um dia retornar ao Haiti e terminar seu curso, apesar de a universidade ter sido destruída pelo terremoto. “Tenho que seguir meu sonho”, diz o futuro diplomata, esperançoso na reconstrução do seu país e grato pela acolhida brasileira – possivelmente temporária, garante.

Inserção

Quase tudo agrada. Menos a farofa

Pergunte a um haitiano do que ele não gosta no Brasil. Uma das possíveis respostas será farofa. Pelo menos esse é um dos itens mais citados entre o grupo dos 43 haitianos que vivem em Cascavel. Eles dizem ter se adaptado ao clima, gostado do idioma, adorado a acolhida dos brasileiros, não terem sentido nenhum tipo de preconceito, mas a farofa não teve jeito. Verduras e carne de porco também não atraem muitos adeptos.

Apesar desse pequeno detalhe, os haitianos são praticamente só elogios ao Brasil. Um dos fatores que os aproximam dos brasileiros é o futebol. Eles idolatram Ronaldo Fenômeno, Ronaldinho Gaúcho e Neymar, tanto que adotaram Flamengo, Corinthians e Santos como times do coração. Outro aspecto considerado é a presença brasileira na Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (Minustah), com 2,2 mil integrantes.

Na outra ponta, os vizinhos cascavelenses demonstram curiosidade com os recém-chegados. Comerciantes que atuam próximos a casa dos haitianos, no Centro da cidade, dizem ter vontade de conhecer e saber a história de vida dos novos moradores. “Se me derem oportunidade, gostaria de saber da cultura deles, o que aconteceu quando ocorreu o terremoto”, diz Luci Maria Barbosa, proprietária de uma lanchonete e que serviu café da manhã a oito deles. Já a vendedora Denirce Aparecida de Meira gostou da educação dos clientes e forneceu um desconto na hora da compra. “Fiquei feliz de ter dado desconto porque são pessoas que merecem.” Já o comerciante Elton Silva aponta que o ideal seria que o Brasil fosse um destino provisório, com a possibilidade de retorno ao Haiti tão logo a situação se normalize por lá.

Análise

Para saber como está a receptividade por aqui, a Pastoral do Migrante em Curitiba pretende fazer um mapeamento da situação dos haitianos no Paraná. Uma das percepções positivas é o interesse das empresas em contratar esses trabalhadores. “A gente está tendo acolhida dos empresários. No segundo momento vamos perceber como age a população em si”, afirma a assistente social Elizete Sant’ Anna de Oliveira. Segundo ela, talvez a dificuldade inicial seja o idioma. As línguas oficiais no Haiti são o francês e o crioulo.

Especialista em migração internacional, a professora da Universidade Federal do Paraná Gislene Santos aponta a necessidade de formas de inserção dos haitianos na sociedade brasileira, bem como dos estrangeiros que têm vindo morar no Brasil, com oferta de empregos, ensino da língua, vagas em universidades e cursos. “Temos que verificar quais são as demandas deles, entender esse fluxo. Precisamos olhar com atenção, sem preconceito e buscar possibilidades para ter uma convivência boa”, afirma a professora.

Disponível em:

| | | |
|---|--|---------------------------------------|
| | http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1225026 Acesso em: 07/03/12 | |
| "Haitianos agradecidos veem São Paulo como terra prometida" | <p>São Paulo, uma megacidade formada por sucessivas ondas de imigrantes, está abrindo as portas para os haitianos que fogem da economia arruinada na nação devastada pelo terremoto.</p> <p>Não há dados oficiais sobre o número de haitianos morando na região metropolitana de 20 milhões de pessoas, mas sabe-se que pelo menos 4.000 chegaram ao Brasil pela fronteira norte desde o terremoto de janeiro de 2010 que devastou o país deles.</p> <p>Em entrevistas à AFP, alguns haitianos exultantes por obter vistos de permanência depois da odisseia pela América do Sul, louvaram excessivamente o governo brasileiro e descreveram São Paulo como a "terra prometida."</p> <p>"Eles fizeram muito por nós enquanto outros países como Peru, Bolívia, Equador, até os Estados Unidos, viraram as costas", disse Luckner Doucette, que chegou recentemente, depois de oito meses na região norte.</p> <p>Doucette, de 31 anos, que deixou sua esposa de 27 anos na cidade de Manaus, disse que não recebeu ajuda alguma das autoridades e que não quer isso.</p> <p>"Eles já fizeram o suficiente por nós. Eu falo português, estou na casa de amigos e estou muito confiante de que vou conseguir um emprego em breve na área da construção," disse à AFP.</p> <p>O Brasil se tornou a escolha dos imigrantes haitianos atraídos pelo grande crescimento da área de construção e pela infraestrutura de massa ligados à Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016.</p> <p>Os haitianos sabem que São Paulo é a capital econômica do Brasil e acredita que podem encontrar empregos facilmente aqui, disse Doucette.</p> <p>Para os recém-chegados, a primeira parada em São Paulo é com frequência a Casa do Migrante, um abrigo dirigido por missionários no bairro de Glicério.</p> <p>A paróquia local assistiu os imigrantes italianos na década de 40, depois os migrantes brasileiros e agora, exilados de todo o mundo.</p> <p>Carla Aparecida Silva Aguilar, uma assistente social que administra a Casa do Migrante, disse que o abrigo tem atualmente 43 haitianos entre 112 estrangeiros de 20 nações.</p> <p>Um complexo como um mosteiro localizado próximo ao bairro japonês da Liberdade, um abrigo oferece acomodação, comida, ajuda psicológica, aulas de português e ajuda com questões de emprego e saúde.</p> <p>Os moradores não têm dinheiro e toda manhã, depois do café, eles têm que deixar o local para procurar emprego e podem voltar apenas às 16h30.</p> <p>Não há limite de quanto tempo eles podem ficar. "É caso a caso. Alguns ficam duas semanas outros muitos meses," de acordo com Silva Aguilar.</p> <p>No mês passado, o abrigo suspendeu temporariamente as visitas de repórteres depois de o jornal O Globo descrever em uma manchete o fluxo de imigrantes como "invasão".</p> <p>Suzanne Legrady, porta-voz da Missão Scalabriniana Nossa Senhora da Paz que fiscaliza a Casa do Migrante, insiste que os haitianos não tiram o trabalho dos brasileiros.</p> <p>"Falta trabalhadores em São Paulo, particularmente na construção e nos trabalhos domésticos," explicou. Estes são trabalhos que os brasileiros evitam com frequência.</p> <p>O artigo do jornal O Globo se seguiu à decisão de Brasília no mês passado de restringir a entrada de haitianos enquanto oferece vistos humanitários para os 4.000 que já estão no país.</p> <p>Depois que a matéria foi publicada, a Casa do Migrante foi inundada de e-mails de empresas locais e pessoas oferecendo trabalho a eles como trabalhadores ou empregados domésticos, disse Silva Aguilar.</p> <p>Muitos haitianos que vivem no abrigo são bem instruídos, fluentes em</p> | Sem autor - R7 - AFP - 21/02/12 |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>francês, espanhol ou inglês e considerados de classe média no país deles.</p> <p>Eles dizem que deixaram a terra natal usando as próprias economias ou dinheiro oferecido por parentes, por causa da falta de oportunidades.</p> <p>Micheline Charlton, uma haitiana de 32 anos, chegou aqui no final de dezembro depois de uma jornada tortuosa pela Bolívia e o Peru que a trouxe para a cidade fronteiriça de Tabatinga em junho.</p> <p>Ela ainda tem que conseguir um emprego, destacando que não vai aceitar trabalhos domésticos porque "eu tinha empregadas no Haiti."</p> <p>"Estou procurando trabalho em escritórios, mas eu não falo português e normalmente é difícil para nós mulheres encontrar empregos," disse à AFP.</p> <p>Charlton, que deixou para trás o marido e três filhos, disse que ela não está desencorajada. "Eu amo esse país, eu quero ficar aqui e trazer minha família", disse ela.</p> <p>Além dos 4.000 haitianos que estão recebendo visto humanitário de permanência, há mais 1.100 haitianos morando legalmente no Brasil, de acordo com o ministério da justiça.</p> <p>Disponível em: http://noticias.r7.com/brasil/noticias/haitianos-agradecidos-veem-sao-paulo-como-terra-prometida-20120221.html</p> <p>Acesso em: 07/03/12</p> | |
| <p>"Haitianos pedem deportação ou autorização para atravessar a fronteira Brasil-Peru"</p> | <p>"Nada é tão ruim que não possa piorar." Estas palavras, ditas por um especialista em Defesa Civil falando a respeito dos impactos de mudanças climáticas no Acre, podem servir para o caso de cerca de 300 haitianos refugiados em Iñapari, um pequeno vilarejo peruano na fronteira com o Estado do Acre, na Amazônia brasileira.</p> <p>A maior parte dos haitianos viajou do Haiti e da República Dominicana ao Peru sem saber que a porta de entrada para o Brasil iria fechar no dia 12 de janeiro. Foi antes também do governo peruano ter exigido um visto específico deles.</p> <p>As agências de viagem e os haitianos que chegaram antes relataram que eles poderiam encontrar trabalho no Brasil com a demanda de mão-de-obra criada pelo boom econômico brasileiro e a grande oferta de empregos nas construções para a Copa do Mundo de 2014.</p> <p>Boom que os brasileiros conhecem melhor através da imprensa internacional do que em suas realidades cotidianas. Após o dia 12 de janeiro, aqueles que chegaram à fronteira, em Iñapari, para entrar no Brasil, encontraram a porta fechada, permitindo que esta situação remontasse à tragédia da enchente que assola a tríplice fronteira do Brasil, Peru e Bolívia.</p> <p>Durante os dias subsequentes aglomeraram-se haitianos em Iñapari esperando uma decisão do governo brasileiro sobre o seu presente e futuro. Grande parte dos haitianos gastou a sua poupança pagando comida e hospedagem, ficando finalmente sem recursos e parados na fronteira.</p> <p>A Igreja Católica, através do padre René Salizar, abriu suas portas e muitos dormiram no templo situado na praça central de Iñapari. A comida fornecida veio em parte da Secretaria Estadual de Justiça e Direitos Humanos do Acre, através da colaboração com o município fronteiriço de Assis Brasil e o Comitê Binacional Peru-Brasil.</p> <p>Como a maioria dos haitianos tinha exaurido os seus recursos, não havia outra opção além de esperar. A primeira esperança foi a visita da presidenta Dilma Rousseff ao Haiti, no início de fevereiro.</p> <p>Infelizmente, não houve uma proposta para o caso deles. Somente disseram que o Brasil iria emitir 100 vistos por mês, 1,2 mil por ano e não iria exigir uma indicação de emprego, mas somente emitiriam os vistos no Haiti.</p> <p>Qualitativamente é uma proposta interessante, apesar de que os imigrantes teriam que voltar ao Haiti para pedir um visto, logo agora estão sem dinheiro. Quantitativamente parece pouco quando comparado aos padrões já estabelecidos.</p> <p>Por exemplo: três milhões de brasileiros são imigrantes em outros países, enquanto os haitianos esperam por uma decisão, em Iñapari, de 100 vistos por mês. Um milésimo deste número de brasileiros no exterior seria três mil</p> | <p>Foster Brown e Miguel Xavier - Blog da Amazônia - Terra Magazine - 28/02/12</p> |

peessoas, dez vezes mais do que os haitianos que aguardam no limbo.

Apesar de ser um número pequeno, quando comparado a outras situações calamitosas, são 300 seres humanos, incluindo crianças e gestantes, que estão vivendo em condições difíceis, muitos dormindo no chão da igreja. Sem proteção contra insetos, a maioria tem picadas sobre picadas, com algumas virando úlceras na pele, seja nos braços ou nas pernas.

E neste limbo caiu água, muita água. No dia 16 de fevereiro, Iñapari teve a pior inundação de sua história recente, não constando na memória dos mais velhos da cidade, com água cobrindo quase a cidade inteira.

Os residentes de Iñapari tiveram que buscar refúgio. No caso dos haitianos, o refúgio foi uma pequena escola, seca quando não chovia. Daí aumentou o sofrimento: comida, talvez uma vez por dia e água turva para beber. E este foi um sofrimento compartilhado por peruanos de Iñapari.

Os haitianos fazem apelos para as autoridades solucionar a situação, seja com a permissão para trabalhar no Brasil ou a deportação ao Haiti, o que parece uma alternativa mais digna a eles.

Manifesto

Na sexta-feira passada (25), os imigrantes haitianos retidos na pequena Iñapari assinaram um manifesto à opinião pública brasileira e peruana. Eis a íntegra do manifesto:

“Reunidos, todos os cidadãos haitianos, no templo paroquial da Igreja Católica da cidade de Iñapari, no dia 25 de Janeiro de 2012, às quatro horas da tarde, tendo conhecimento da chegada de jornalistas da cidade de Lima, capital do Perú; depois de uma longa assembléia, onde se manifestaram vários de nossos compatriotas, homens e mulheres, alguns com lágrimas nos olhos, expressamos o seguinte à opinião pública:

1. Que neste momento nos encontramos 280 cidadãos haitianos retidos, nesta cidade fronteiriça de Iñapari, sem poder passar ao Brasil, desde o dia 12 de janeiro. Muitos de nós já não temos recursos económicos para pagar hotel, alimentação e para gastos pessoais. Por este motivo, caridosamente, o Pároco de Ibéria nos forneceu o local do templo para lá nos instalarmos. Somos mais de cem pessoas dormindo e guardando nossas malas no dito templo.

2. Nós não tínhamos conhecimento da decisão humanitária que havia tomado o governo do Brasil, de outorgar vistos de trabalho para cidadãos haitianos em sua embaixada no Haiti; neste momento já estávamos no caminho viajando para o Brasil. Uma vez que na cidade de Santo Domingo, capital da República Dominicana, nos ofertam passagens de avião, dizendo que há trabalho no Brasil, a passagem pela fronteira é livre, etc., e aqui nos damos conta de que tudo foi pura mentira.

3. Solicitamos encarecidamente ao governo do Brasil que nos permita ingressar a seu país, por um Ato Humanitário, para oferecer nosso trabalho, sobretudo, como mão de obra em suas grandes construções e mega-projetos; porque nós somos gente de trabalho e não temos a nenhum tipo de trabalho.

4. Ao estar fechada a fronteira do Brasil e não podermos passar, somos conscientes que estamos expostos ao tráfico de pessoas, porque sabemos que já houve vários haitianos vítimas, afetados em seus direitos fundamentais como imigrantes na fronteira do Peru com o Brasil, de roubos, abusos e maus tratos, violação de mulheres e até assassinatos. Portanto, gostaríamos de pedir ao governo do Brasil que nos permita ingressar por sua fronteira de Assis-Brasil, para evitar o tráfico e ação de coíotes.

6. Solicitamos ao governo do Perú que conceda anistia para vários de nossos concidadãos que já tenham vencidas as permissões de estadia no Perú, para que assim não soframos a prisão por parte da polícia nacional peruana; porque nosso país de destino não era o Perú, mas sim o Brasil.

7. Expressamos nosso profundo agradecimento ao Padre René Salizar, pároco de Ibéria, que desde mais de um ano está solidário com nossa causa,

| | | |
|---|--|--|
| | <p>também ao senhor prefeito de Iñapari e à Prefeitura Municipal de Assis-Brasil, pelo apoio humanitário que nos está fornecendo.</p> <p>Esperando que através do presente documento nosso grito de auxílio seja escutado pela opinião pública do Perú, Brasil e Haiti, abaixo assinados.</p> <p>Disponível em: http://blogdaamazonia.blog.terra.com.br/2012/02/28/haitianos-pedem-deportacao-ou-autorizacao-para-atravesar-a-fronteira-brasil-peru/ Acesso em: 29/02/12</p> | |
| <p>“Haitianos contam história de vida em escola rural”</p> | <p>Estudantes de uma escola estadual em São José dos Pinhais participaram nesta terça-feira (28) de uma atividade diferente na escola. Durante duas horas, alunos de ensino fundamental e médio ouviram os depoimentos de cinco haitianos refugiados que chegaram ao Paraná no início de fevereiro, Richard, Amós, Walner, Serafim e Florestapo. A palestra foi realizada no Colégio Estadual Eunice Borges da Rocha, localizado na área rural da cidade.</p> <p>“A maior parte dos assistentes nunca tinha conhecido estrangeiros”, conta o professor Wellington Luiz do Couto que, com o diretor da escola Wanderley Antonio Lopes Barbon, organizou a atividade. “A boa disposição dos haitianos e a história de vida de cada um cativou a todos”, acrescentou.</p> <p>Os depoimentos dos haitianos foram traduzidos do francês para o português por Sebastião Nascimento, pesquisador da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) que acompanha o grupo. Entre os assuntos tratados, as peripécias da viagem do Haiti para o Brasil, suas antigas profissões – muito diferentes das atuais – e as saudades da família. “Queremos repetir a experiência, muito rica, tanto para os alunos quanto para os próprios refugiados”, comemorou Wellington.</p> <p>Disponível em: http://www.gazetadopovo.com.br/ensino/conteudo.phtml?id=1228626 Acesso em: 07/03/12</p> | <p>Denise Drechsel - Gazeta do Povo - 29/02/12</p> |
| <p>“Barrada na fronteira, haitiana agora quer entrar no Brasil com visto”</p> | <p>Ao pegar um avião em Porto Príncipe, capital haitiana, rumo à República Dominicana, iniciou uma viagem que ainda a levaria a outros quatro países, mas que seria interrompida a poucos metros de chegar ao quinto e último do roteiro, o Brasil.</p> <p>Em Santo Domingo, capital da República Dominicana, Linia entrou em outro avião rumo ao Panamá, de onde decolou em seguida para Quito.</p> <p>Na capital equatoriana, na companhia de outros oito haitianos que desconhecia, partiu para uma longa e extenuante viagem por terra, de ônibus: primeiro rumo à Colômbia, depois até o Peru. Após dois dias, finalmente alcançou a cidade peruana de Iñapari, na fronteira com o Acre.</p> <p>"A viagem foi muito cansativa, meus ossos doíam", ela conta à BBC Brasil.</p> <p>No momento em que o grupo foi atravessar a pé a divisa, porém, policiais brasileiros o barraram. Ela diz que eles lhe explicaram que, por não portarem passaporte, não conseguiriam entrar em hipótese alguma.</p> <p>'Tão perto'</p> <p>O grupo então se dividiu: enquanto alguns resolveram permanecer em Iñapari para tentar ingressar no dia seguinte, Linia iniciou com outros dois a longa viagem de volta até Quito, de onde pegou o avião para Porto Príncipe.</p> <p>"Fiquei triste, estava tão perto do Brasil, mas o que poderia fazer? Sabíamos que existiam riscos."</p> <p>Felizmente, ela tinha como pagar o deslocamento: carregava alguns milhares de dólares na bolsa, resultado de vários anos de economia e que planejava usar para se instalar em São Paulo, seu destino final, onde pretendia trabalhar como cabeleireira.</p> <p>Em todo o percurso, de ida e volta, diz ter gasto cerca de US\$ 3 mil, dos quais quase dois terços em passagens aéreas.</p> <p>O restante bancou as passagens de ônibus, hospedagem e alimentação.</p> | <p>João Fellet - BBC Brasil - 29/02/12</p> |

| | | |
|---|---|--|
| | <p>Linia afirma que viajou por conta própria e que não teve de recorrer a "coiotes", indivíduos que cobram para levar imigrantes sem vistos até a fronteira brasileira.</p> <p>De volta a Porto Príncipe, não desistiu de seu objetivo: em fevereiro, visitou a embaixada brasileira para se informar sobre como entrar no Brasil legalmente.</p> <p>Documentação</p> <p>Informada pela atendente sobre a possibilidade de obter um visto permanente, graças a resolução recente do Conselho Nacional de Imigração (CNIg) que autorizou a concessão de cem permissões mensais a haitianos que queiram morar no Brasil, se animou.</p> <p>Agora diz que correrá atrás da documentação necessária para obter o visto: passaporte, comprovante de residência no Haiti e atestado de bons antecedentes.</p> <p>Só com o visto em mãos avaliará como regressar ao Brasil: se a combinação avião-ônibus se provar mais barata que ingressar no país de avião, diz que repetirá o trajeto.</p> <p>Mas por que migrar para o Brasil e não para outros países que acolhem haitianos há mais tempo, como os Estados Unidos ou a República Dominicana?</p> <p>"Sempre gostei do Brasil e ouvi dizer que lá está melhor para trabalhar. Mas se não der certo, vou para outro país."</p> <p>Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/02/120228_haitiana_visto_jf.shtml</p> <p>Acesso em: 07/03/12</p> | |
| <p>"Após nova regra, Brasil só concede 30% da cota de vistos a haitianos"</p> | <p>A resolução nº 97/2012 passou a vigorar em 18 de janeiro. Até a última quinta-feira (23), segundo a missão brasileira no Haiti, haviam sido emitidos 30 vistos permanentes. A embaixada diz que alguns dos contemplados levarão parentes consigo, mas estes não entram no cálculo, já que cada visto vale para uma família.</p> <p>Segundo o embaixador do Brasil no Haiti, Igor Kipman, tem havido grande procura de haitianos interessados em obter o visto, mas exigências burocráticas barram uma maior concessão de permissões.</p> <p>Para se candidatar ao visto, o postulante deve ter passaporte em dia, ser residente no Haiti (o que deve ser comprovado por atestado de residência) e apresentar atestado de bons antecedentes. Com todos os documentos em mãos, deve ainda pagar US\$ 200 para a emissão do visto.</p> <p>No entanto, poucos dispõem de todos os documentos, cuja produção leva cerca de um mês, segundo estimativa de Kipman.</p> <p>Documentação</p> <p>No início de fevereiro, a BBC Brasil visitou a embaixada brasileira em Porto Príncipe. Durante as duas horas em que lá permaneceu, cerca de dez haitianos pediram informações sobre a concessão do visto permanente. A ampla maioria não tinha a documentação necessária, mas expressou a intenção de obtê-la.</p> <p>Indagado se os critérios para a emissão do visto não estariam peneirando as candidaturas, dificultando a concessão de permissões aos haitianos mais pobres, o embaixador afirmou: "Sem dúvida, mas aí não há muito o que fazer."</p> <p>Segundo ele, porém, ao cumprir as exigências para obter o visto permanente, o postulante se livra das despesas que teria com os "coiotes", indivíduos que cobram para levar imigrantes sem vistos até a fronteira brasileira. Alguns haitianos relataram ter gasto até US\$ 4 mil com o serviço.</p> <p>"Ao conceder cem vistos, damos margem para absorver os que estão sendo submetidos a maus-tratos pelos coiotes, para a travessia pela floresta, com risco de saúde e morte. Abre-se porta para que essa cota que entrava</p> | <p>João Fellet - BBC Brasil - 29/02/12</p> |

| | | |
|--|--|--|
| | <p>ilegalmente entre de cabeça erguida em Guarulhos, Brasília, Manaus, pelos aeroportos", diz o embaixador.</p> <p>Desinformação</p> <p>Além das dificuldades burocráticas, o desconhecimento sobre a resolução brasileira, que permite a emissão de 1,2 mil vistos permanentes por ano a haitianos, é um entrave à maior concessão de permissões. Em visita ao Haiti em fevereiro, a presidente Dilma Rousseff cobrou que a medida seja mais divulgada aos haitianos.</p> <p>No entanto, nem mesmo o site da embaixada brasileira em Porto Príncipe (www.brasil-ht.org) faz qualquer menção à resolução.</p> <p>Segundo o Ministério da Justiça, há cerca de 4 mil imigrantes haitianos no Brasil, dos quais 1,6 mil já receberam vistos de trabalho. A maioria está nos Estados do Acre e Amazonas.</p> <p>Ao publicar a resolução, o governo disse se nortear por razões humanitárias, em virtude "do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto" de 2010.</p> <p>Paralelamente, o governo reforçou o controle das fronteiras amazônicas e passou a impedir a entrada de haitianos sem visto. Desde então, centenas de haitianos foram barrados na divisa do Brasil com o Peru ao tentar entrar no país.</p> <p><i>Disponível em:</i> http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/02/120228_haitianos_visto_jf.shtml <i>Acesso em: 07/03/12</i></p> | |
|--|--|--|

Imigração haitiana na mídia brasileira: entre fatos e representações

Jenny Télémaque

Monografia para conclusão de Curso submetida à banca examinadora da Escola de Comunicação da UFRJ como parte dos requisitos necessários à obtenção de diploma de graduação bacharel em Comunicação Social, habilitação de Publicidade e Propaganda.



Prof. Dr. Mohammed ElHajji – Orientador



Prof. Dr. Luiz Solon Gonçalves Gallotti – ECO/UFRJ



Profa. Dra. Liv Sovik – ECO/UFRJ

Nota: 10,00 (Dez)

Rio de Janeiro, 09 de Julho de 2012.